UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FABIO SAPRAGONAS ANDRIONI

Quando a história também é futuro: as concepções de tempo passado, de futuro e do Brasil em Herman Kahn e no Hudson Institute (1947-1979)

São Paulo
2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FABIO SAPRAGONAS ANDRIONI

Quando a história também é futuro: as concepções de tempo passado, de futuro e do Brasil em Herman Kahn e no Hudson Institute (1947-1979)

Tese apresentada para a obtenção do grau de Doutor pela Universidade de São Paulo, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, no Programa de História Social do Departamento de História, sob a orientação do Prof. Dr. Fredric Michael Litto.

São Paulo
2014

FOLHA DE APROVAÇÃO

Fabio Sapragnas Andrioni

Um tanque de ideias para o futuro: as concepções de futuro de Herman Kahn e o Hudson Institute e a falha no Brasil (1947-1979)

Tese apresentada para a obtenção do grau de Doutor pela Universidade de São Paulo, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, no Programa de História Social do Departamento de História, sob a orientação do Prof. Dr. Fredric Michael Litto.

Aprovado em: São Paulo, de de 2014

Resultado:

Prof. Dr. Sara Albieri – USP

Prof. Dr. Estevão Chaves de Rezende Martins – UNB

Prof. Dr. Francisco Carlos Teixeira da Silva – UFRJ

Prof. Dr. Francisco de Assis Queiroz – USP

Prof. Dr. Fredric Michael Litto (orientador) – USP

Agradecimentos

Tudo que produzi nessa vida é graças aos meus pais: Marcos A. Andrioni e Magda Sapragnas, que nunca mediram esforços para ajudar na minha formação. Assim, grande parte desse trabalho não é só dedicado a eles, mas também é obra deles, principalmente as melhores partes. No âmbito familiar, são inegáveis também as contribuições de Gracinda Andrioni, Gumercindo Andrioni, Antonio Sapragnas, Edith Sapragnas (*in memorium*), Vânia D’Almeida, Mara Sapragnas e Camila Sapragnas.

Agradeço o Departamento de História, a FFLCH, as bibliotecas da FFLCH, FEA, FAU e ECA, e a USP pelas condições de trabalho. Agradeço a CAPES por ter financiado um primeiro momento de pesquisa e a FAPESP por ter financiado grande parte da pesquisa e o período de pesquisa nos EUA, a qual foi determinante para a concretização do trabalho. Também devo agradecer os professores que acompanharam essa pesquisa desde o mestrado, a professora Sara Albieri, que foi minha orientadora durante o mestrado e, agora, é uma importante e valiosa interlocutora. Agradeço ao professor Estevão Martins que motivou e incentivou a pesquisa desde minha primeira apresentação, na ANPUH nacional em São Leopoldo/RS, em 2007. Por fim, agradeço o Prof. Fredric Michael Litto, que, no mestrado, foi um dos arguidores e, agora, foi meu orientador, sempre muito paciente, encorajador e preocupado com a orientação além da pesquisa. Ao longo dessa trajetória acadêmica, também é inegável a contribuição dos professores Francisco Murari Pires, Pedro Leão da Costa, Geraldo Pieroni, Sergio Feldman, Norman Gall, Cecília Azevedo, Erivan Karvat, Claudio Denipoti, e Clóvis Gruner. Também agradeço, pelas contribuições na banca de doutorado, aos professores Francisco Queiroz e Francisco Carlos Teixeira da Silva. Agradeço também o professor Miguel Palmeira, pelo semestre que passamos juntos no PAE, no qual aprendi bastante.

Não posso esquecer também as pessoas da University of Pennsylvania, que ajudaram, primeiramente, no âmbito acadêmico. A professora Susan Lindee por me aceitar e confiar no meu trabalho, possibilitando que eu frequentasse, por sete meses, a UPenn e o Department of History and Sociology of Science. O sucesso dessa empreitada também deve ser atribuído a Patricia Johnson, secretária do Department. Por fim, agradeço os amigos que fiz lá e que ajudaram, tanto no âmbito acadêmico, quanto de adaptação à Philadelphia: Roberto Seba, Rhiannon Mary, Melissa Johnson, Detrick Dorsey e, especialmente, Rosanna Dent e Tabea Cornel. Também devo agradecer todas as pessoas que me ajudaram a conseguir o acesso à Biblioteca da National Defense University (NDU), após quatro meses de espera: o professor

da NDU, Luis Bitencourt, o adido militar do Brasil em Washington, o Brigadeiro Rogério Luiz Veríssimo, a bibliotecária responsável, Susan Lemke e todos que, de alguma forma, mobilizaram-se para me ajudar no acesso, do Itamaraty, do Departamento de Defesa do Brasil e das Embaixadas e Consulados brasileiros nos EUA. Por fim, também agradeço Wendy E. Chmielewski, responsável pela Peace Collection da biblioteca do Swarthmore College.

Também não posso esquecer dos diversos amigos que ajudaram de diferentes maneiras, indireta e diretamente, na elaboração desse trabalho: Tiago Santos Almeida, Francine Iegelski, Carla Berto, Mariana Moreno Castilho, Pablo Spindola, Rodrigo de la Torre Oliveira, Vitor Henriques, Roger Colacios, Edson Guenzo Hosokawa, Daniel Borusch, Luiz Eduardo Silva e Silva, Richard Mathias Orciuch, Júlio Carvalho de Mello, Rodrigo Bontorin, Laís Sanchez, Renan Critelli, Rafael Ferreira da Silva, Kleber Amancio e Ozias Neves.

Finalmente, agradeço uma pessoa que entrou recentemente, mas que inundou toda a minha vida e ocupou cada reentrância dela, alterando inclusive o que acreditava ser. Ela foi paciente, companheira, corretora, revisora, *player* 1 e 2, professora e meu grande amor, obrigado Marina Carla Teixeira.

Suspirou fundo e, em sinal de solidariedade, a lenha, já sem chama, também lançou um suspiro. Nesse preciso instante, os olhos de Okonkwo se abriram e ele compreendeu tudo com absoluta clareza. O fogo ardente procria a cinza fria e sem força.
(Chinua Achebe, *O mundo se despedaça*, 1958)

Pensar que as coisas desta vida hão de sempre durar sem mudança é pensar no escusado; antes parece que ela anda toda a rodo, digo, à roda: à primavera segue-se o verão; ao verão, o estio; ao estio, o outono; ao outono, o inverno, e ao inverno, a primavera; e assim torna a andar o tempo nesta roda contínua. Só a vida humana, corre para seu fim, mais ligeira que o vento, sem esperar renovar-se senão na outra vida, que não tem termos que a limitem.
(Michel de Cervantes, *Dom Quixote*, 1605-1615)

Seja como for, nos últimos trinta ou quarenta anos o desempenho dos adivinhos, fossem quais fossem suas qualificações profissionais como profetas, mostrou-se tão espetacularmente ruim que só governos e institutos de pesquisa econômica ainda têm, ou dizem ter, maior confiança neles.
(Eric Hobsbawm, *Era dos Extremos*, 1994)

Resumo

O objeto desta dissertação é uma ideia de futuro, ou seja, como o futuro foi compreendido dentro de um dado momento histórico e de acordo com certas condições. A ideia de futuro aqui analisada centra-se em torno de Herman Kahn, físico, estrategista militar e futurista. A constituição dessa ideia de futuro, contudo, não ocorreu afastada de uma compreensão de história. Para entendermos como ocorreu esse diálogo entre passado, presente e futuro, baseamo-nos nos conceitos propostos por Koselleck de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”, assim como em alguns pontos do que o autor propõe como história dos conceitos. O início da formulação da ideia de futuro aqui analisada se deu no famoso *think tank* estadunidense que prestava consultoria à Força Aérea dos EUA, a RAND Corporation. Nesse período, o futuro é interpretado no curto prazo e pensado, no máximo, quinze anos à frente, e a história usada é recente, remetendo às I e II Guerras. Portanto, são questões restritas à segurança nacional e à defesa dos EUA e às relações com a Ásia e a Europa. Porém, ao lançar o seu primeiro e polêmico livro, *On thermonuclear war*, em 1960, no qual analisava, com detalhes, as possibilidades de uma guerra nuclear e como o país poderia se reerguer após ela, Kahn saiu da RAND e fundou seu próprio *think tank*, o Hudson Institute, em 1961. Acompanhando uma mudança de orientação de governo dos EUA e passando por dificuldades financeiras ao longo da década de 60 e 70, o Hudson Institute e Herman Kahn ampliaram, pouco a pouco, o tempo futuro analisado, chegando, em 1976, no livro *The next 200 years*, a prever duzentos anos à frente. Correspondendo a isso, havia também um recuo para o passado, alcançando o ano de 8000 a.C. Nesse momento, o Hudson Institute não mais trabalhava somente com as questões estadunidenses, mas também tinha uma atuação em âmbito mundial, visando influenciar empresas multinacionais e governos de outros países. Entre os governos pretendidos, estava o brasileiro. Porém, com projetos polêmicos e dados incertos e cambiantes, Kahn e o HI sofreram uma crítica impiedosa, sarcástica e agressiva no Brasil, o que nos permite verificar as falhas do método futuroológico de Kahn e a política do governo brasileiro por trás das críticas. Por fim, toda essa exposição dos estudos futuros elaborados por Kahn desde 1947 até 1979 também nos permite refletir sobre a história e suas relações com o presente e o futuro e propor que para uma formulação sobre o futuro ou sobre o passado há, embutida, outra formulação sobre o tempo oposto.

Palavras-chaves: história contemporânea, história internacional, teoria e filosofia da história

Abstract

The object of this dissertation is an idea of future or, more specifically, how the future was comprehended in a given historical moment and under certain conditions. This idea of future in our analysis is centered on Herman Kahn, a physicist, military strategist and futurist. The constitution of this idea of future was not separated from a comprehension of history and it established a link between among past, present and future. To build it we based on Koselleck's concepts of "space of experience" and "horizon of expectation" and we used some ideas from Koselleck's conceptual history. Kahn's idea of future started at RAND Corporation, the famous American think tank that advised the US Air Force. At that period, the future was only short term, it was thought at most fifteen years ahead and historical references were also recent, going back only until I and II Wars. Thus, the questions were restricted to the national security, the US defense and the relations with Asia and Europe. After his first book, *On thermonuclear war*, in 1960, Herman Kahn abandoned RAND. The book was very polemical. Kahn analyzed and accounted in details how a nuclear war could happen and how the country could rise after it. Out of RAND, Kahn established his own think tank, the Hudson Institute, in 1961. Hudson Institute and Herman Kahn widened the time analyzed, reaching two hundred years to the future and ten thousand year to the past in the book *The next 200 years*, in 1976. This broadened future accompanied a change of US government orientation and some financial difficulties faced by Hudson Institute that stretched for the sixties and the seventies. Beyond that, Hudson Institute was operating not only with American issues, but it was also working with world issues intending to influence multinational corporations and other countries. One of these countries was Brazil. However, in Brazil, Kahn and Hudson Institute suffered ruthless, sarcastic and aggressive critics due to polemical plans and changing and uncertain data. So the Brazilian critics were based on some mistakes of Kahn future study method, but they were based in an emphatic Brazilian government policy. We believe this exposition and analysis of Herman Kahn's future studies since 1947 to 1979 provide us a deep reflection about history and the relations among past, present and future, so it is possible to state that some future or past formulation has embedded an implicit formulation about the opposite time.

Keywords: Contemporary History, International History, Theory and Philosophy of History

Siglas e abreviações

AAAS – American Academy of Arts and Sciences

ABM – Anti-Ballistic Missile

ACDA – Arms Control and Disarmament Agency

AEC – US Atomic Energy Commission

AL – América Latina

AMC – Applications of Monte Carlo

CE – The Corporate Environment Study ou The Corporate Environment Program

CIAP – Comitê Inter-Americano da Aliança para o Progresso

DC – Defesa civil

DDR&E – Department of Defense Research and Engineering

DoD – Departamento de Defesa

ESG – Escola Superior de Guerra

FA – Força Aérea dos EUA

FC – Ficção científica

FF – Ford Foundation

GAO – General Accounting Office dos EUA

HI – Hudson Institute

IDB – Inter-American Development Bank

IESC – International Executive Service Corps

MH – Metáfora heurística

MIT – Massachusetts Institute of Technology

OCD – Office of Civil Defense

OE – On escalation

OEA – Organização dos Estados Americanos

OR – Operations Research

OSD – Office of Secretary of Defense

OSRD – Office of Scientific Research and Development

OTW – On thermonuclear war

PNB – Produto nacional bruto

PR – Policy research

R&D – Research and Development

SA – Systems Analysis

SRI – Stanford Research Institute

TATU – Think about the unthinkable

TM – Tendência múltipla

TN200Y – The next 200 years

TSA – Techniques of Systems Analysis

TT – Think tank

TTC – Things to come

TY2000 – The year 2000

USAID – Agency of International Development

WED – World economic development

SUMÁRIO

Introdução: a abertura para o futuro	13
I. O futuro desinformado: aprendendo a lutar guerras inexistentes	30
I.1. Lições das guerras para a guerra: a ciência civil e o mundo militar	32
I.1.a. O passado que forma e informa: o caminho percorrido e as lições das guerras	33
I.1.b. <i>Operations Research</i> : a racionalização da guerra	38
I.1.c. RAND Corporation: a escola da guerra futura	44
I.2. O futuro incerto: um horizonte obscurecido pelas bombas e o inimigo	51
I.2.a Jogando com os átomos: os jogos e o elemento probabilístico	53
I.2.a.1. Vencendo as incertezas estatísticas: a roleta das possibilidades	53
I.2.a.2. Dinamites no porão: a Guerra Fria como um jogo	58
I.2.b. <i>Systems Analysis</i> : a guerra como um sistema	62
I.2.c. Passado e futuro: explicação e planejamento	75
II. O futuro impensável: imaginando o futuro deformado	79
II.1. O futuro deformado: sobre a polêmica da guerra atômica	81
II.1.a. O problema presente I: a revisão da defesa dos EUA	84
II.1.b. O problema presente II: A defesa civil como a defesa do futuro	90
II.2. Racionalidade e imaginação: as ferramentas para pensar um futuro impensável	97
II.2.a. Lições do passado sobre a guerra futura	103
II.2.b. A construção para evitar o deformado futuro	112
II.2.c. Entre a imaginação do futuro e a ação presente	115
II.3. A construção do futuro de Kahn após a “Guerra Termonuclear”	122
III. O futuro em expansão: a fábrica do impensável	130
III.1. A criação da fábrica do impensável	130
III.1.a. Idealizando e construindo um <i>think tank</i>	131

III.1.b. O início da ampliação: os primeiros anos do HI	139
III.2. As formas de pensar o futuro: cenários e metáforas	149
III.2.a. Cenários: pensando o que será	150
III.2.b. Cenários e metáforas: imaginando o que foi e como será.....	156
III.3. Rumo ao futuro: os próximos passos do HI e a mudança de análise.....	163
III.3.a. O Instituto sem Defesa: a necessidade financeira e os estudos futuros.....	172
 IV. O futuro expandido: uma visão macro-histórica.....	182
IV.1. Incertezas e alternativas: as ferramentas metodológicas dos estudos futuros	183
IV.1.a. O modelo para o futuro: a tendência-múltipla e o mundo padrão.....	184
IV.1.b. Os futuros variados: cenários e metáforas-heurísticas.....	188
IV.2. O próximo passo da humanidade: a grande transição e uma nova sociedade	191
IV.2.a. Rumo para o novo século: a visão macro-histórica e a grande transição.....	192
IV.2.b. Sociedade pós-industrial: o próximo passo da humanidade	202
IV.2.c. A defesa do crescimento: cenários do futuro	211
IV.2.c.1. Entre o mundo finito e o crescimento: contrariedades ao cenário do Clube de Roma	211
IV.2.c.2. Um exemplo de Metáfora-Heurística: a primeira e a segunda <i>belle époque</i>	216
IV.3. Nova atuação, novos rendimentos: o HI e sua sobrevivência	219
IV.3.a. Rumo para o novo século: a comissão para o ano 2000 e o TY2000	219
IV.3.b. Os negócios do futuro: vendendo um mundo futuro	223
IV.4. <i>Policy research</i> : a ação presente, o dilema faustico e a ideologia do futuro..	230
 V. O desenvolvimento futuro: lagos e desenvolvimento da América do Sul ...	239
V.1. A entrada na América do Sul: quando o Hudson correu para a América Latina	240
V.1.a. O Hudson aflui para o Amazonas: O novo enfoque sobre a Amazônia.....	248
V.1.b. O Hudson atravessa o continente: o canal na Colômbia	258
V.2. Os sons da correnteza do Hudson chegam ao Brasil	267
V.2.a. A revolta dos nativos: as críticas e a resistência aos projetos do HI	271
V.2.b. O homem trazido pelo Hudson: Herman Kahn e o Brasil.....	279

Conclusão: o futuro alienado	295
------------------------------------	-----

Referências	303
-------------------	-----

Fontes Primárias	303
------------------------	-----

Herman Kahn	303
-------------------	-----

Hudson Institute Archives, National Defense University, Fort McNair	304
---	-----

A.J. Muste Papers, Peace Collection, Swarthmore College, Swarthmore, PA – EUA...	313
--	-----

Imprensa dos EUA e resenhas sobre livros de Kahn	313
--	-----

Fontes brasileiras	317
--------------------------	-----

Outros	324
--------------	-----

Bibliografia	325
--------------------	-----

Filmes	334
--------------	-----

ANEXO A – Primeiro logotipo do Hudson Institute, que indica o trabalho voltado à associação de segurança nacional dos EUA com a ordem internacional	335
---	-----

Anexo B – A famosa foto de Kahn saindo da piscina, que rendeu o Prêmio Esso para o fotógrafo	336
--	-----

Anexo C – Mapa de como ficaria a América do Sul após a construção de cinco dos lagos propostos pelo HI.	337
--	-----

Anexo D – Uma das muitas abordagens irônicas, que relacionavam a forma física de Kahn e sua futurologia.....	338
--	-----

Anexo E – Mais uma das muitas abordagens irônicas, relacionando a forma física de Kahn e os lagos, segundo Henfil.	339
---	-----

Introdução: a abertura para o futuro

Time present and time past
Are both perhaps present in time future
And time future contained in time past.
If all time is eternally present
All time is unredeemable
(T.S. Elliot, 1943)

“Enquanto nos EUA o homem só trabalhará três dias por semana, dedicando-se ao lazer e à educação contínua, foguetes (...) levarão turistas para (...) Lua (...) e o Brasil estará entre as penúltimas nações do mundo, insuficientemente industrializadas (...)”. É assim que a revista *Veja e Leia* apresentou, em dezembro de 1968, o livro lançado naquele ano chamado “O ano 2000: uma estrutura para especulação sobre os próximos trinta e três anos”, o qual foi apontado pela revista como “inquietante e que fascina da primeira à última previsão”¹. Lançada em 1967, nos Estados Unidos, a obra, escrita pelo físico estadunidense Herman Kahn e pelo advogado e cientista político Anthony Wiener, apresentava possibilidades para o mundo no ano 2000 nos campos tecnológico, econômico, político, social e de relações internacionais. Além disso, o livro também propunha as bases para uma forma de prever o futuro.

A reportagem da revista brasileira mostrava o resultado de três vetores que analisaremos aqui: um homem, uma tradição de influência sobre as decisões e o futuro. O futuro é o principal objeto desta dissertação. Mais especificamente, o futuro histórico, ou seja, uma forma de compreender o futuro que é histórica em duas dimensões: por estar localizado em um tempo específico, e por construir uma interpretação sobre as ações humanas no tempo. Portanto, não há uma compreensão de futuro que seja produzida fora do tempo. Inclusive, a própria compreensão de um tempo a vir é histórica. Justamente por ser histórica, é preciso localizá-la no tempo e analisá-la conforme os agentes que a produziram.

A visão de futuro que analisaremos aqui está ligada a um homem, Herman Kahn, e uma tradição de institutos que participavam indiretamente das decisões governamentais dos EUA, os *think tanks* (TTs). Conforme Dickson, TTs são um fenômeno essencialmente estadunidense, apesar de existir em outros países, como Canadá, Austrália, Inglaterra, Alemanha e França, e tornaram-se elementos permanentes no processo de formação de

¹ DA FICÇÃO à ciência, ótimos livros no natal. **Veja e Leia**. São Paulo: Abril, n.15, 18 dez. 1968, p.64.

políticas, sendo que, em 1971, havia em torno de mil e duzentos TTs nos EUA, onde eram muito influentes em questões de políticas públicas e nos campos político, econômico, social e tecnológico.²

Abelson afirma que, com a fundação de universidades nos EUA, com Harvard, em 1636, Yale, em 1701, e Columbia, em 1754, os oficiais do governo começaram a usar o conhecimento dos acadêmicos como conselho. Contudo, foram os TTs que institucionalizaram esse processo e diferentes autores percebem o papel dessas instituições influenciando os governos dos EUA desde o século XIX, com a criação de uma ciência “social”, que era tanto um método de investigação acadêmico, quanto uma ferramenta prática de melhoria social, por meio da influência política. Havia, nesse sentido, um esforço contínuo de colocar o conhecimento especializado e as técnicas de análise, por meio de uma variedade de mecanismos institucionais, à disposição das pessoas responsáveis pelas decisões. Assim, formaram-se os TTs, ou seja, instituições de planejamento e aconselhamento, que eram, basicamente, grupos de pesquisa sem fins lucrativos que operavam à margem dos processos políticos formais da nação. Essas consultorias tiveram um início formal em 1832, ainda restritas ao aspecto técnico, quando o *Secretary of Treasury*, confrontado pela explosão constante de caldeiras nos barcos a vapor, contratou o *Franklin Institute of Philadelphia* para estudar o problema.³

Porém, segundo Abelson e Smith, quando cem pessoas, entre elas escritores, jornalistas, educadores, cientistas e oficiais do governo, reuniram-se no *Massachusetts State House*, em Boston, em 1865, para discutir as formas de melhorar o bem-estar social e econômico dos estados que se recuperavam da guerra, reconheceu-se os benefícios que poderiam advir do conhecimento multidisciplinar para a escolha de políticas. E essa concepção foi, então, espalhando-se, com o surgimento de instituições para esse fim em diferentes cidades. O grande impacto dos TTs sobre a política dos EUA ocorreu nas duas primeiras décadas do século XX, com o surgimento principalmente da *Russel Sage Foundation* e da *Hoover Institution*. Esses institutos tinham o propósito de fornecer um ambiente no qual os acadêmicos fossem encorajados a investigar questões sociais, econômicas e políticas. O papel dessas, conforme Abelson, não era interferir diretamente no

² DICKSON, Paul. **Think tanks**. New York: Atheneum, 1971, p. 5; ABELSON, Donald E. **American think-tanks and their role in US foreign policy**. New York: St. Martin's Press, 1996, p. 2.

³ DICKSON, P. 1971, p. 9; ABELSON, D.E., 1996, p. 23; SMITH, James Allen. **The ideas brokers: think tanks and the rise of the new policy elite**. New York: The Free Press, 1991, p. xiii.

processo de tomada de decisão, mas fornecer uma fonte importante de conhecimento para elaborar as políticas, mais voltados, portanto, à pesquisa de políticas.⁴

Conforme Smith, o que estava por trás da formação desse ímpeto de pesquisa sobre políticas era uma busca por criar uma ciência empírica da sociedade e da política, fruto de processos que vinham desde a metade do XIX e tentavam entender as mudanças resultantes da industrialização, da imigração massiva e do crescimento urbano. O que pautou a influência dos especialistas a partir de então foi a crença nas possibilidades do uso público do conhecimento científico. Apesar de, como Smith explica, ser um conhecimento científico inseguro, uma vez que era baseado nas ciências sociais, as quais eram inseguras sobre seu cientificismo, a pesquisa social voltada à consultoria sobre políticas se deu por metáforas com as ciências duras, as quais moldaram os métodos de investigação e sustentaram as promessas dos benefícios desse tipo de pesquisa. A confiança nessas práticas também se sustentava sobre uma concepção pragmática, calcada no caráter próprio da política, assim como em um sistema filosófico, que, resumidamente, partia da concepção de conhecimento como aquilo que era derivado empiricamente do mundo material.⁵

Essas instituições continuaram a aconselhar nos anos após a I e a II Guerras, sendo que o termo *think tank*, que também era uma gíria inglesa para cérebro, derivou do jargão militar criado na I Guerra e bastante usado na II Guerra, quando o termo designava uma sala de segurança onde os planos e as estratégias eram discutidos. No final dos anos 40, uma nova geração de TTs surgiu e o governo dos EUA se tornou o grande financiador deles, por meio de contratos, principalmente pelo reconhecimento da contribuição dos cientistas durante a Guerra, o que fez com que o governo estadunidense reconhecesse os enormes benefícios que poderiam advir do financiamento de centros de desenvolvimento e pesquisa privados e universitários. Nesse contexto, o termo TT foi usado pela primeira vez, nos anos 50, para designar as organizações de pesquisa por contrato. Todavia, o uso mais amplo desse termo e de seus sinônimos, como *brain bank* e *think factory*, ocorreu ao longo dos anos 60, com o aumento da importância dessas instituições nos governos de Kennedy e Johnson. A proliferação desse tipo de organizações de pesquisa nos anos 60 e 70 fez o termo ser ainda mais usado tanto nos EUA quanto fora. Portanto, com o conhecimento especializado de engenheiros, físicos, biólogos, estatísticos e cientistas sociais, os oficiais do governo esperavam poder lidar com os desafios que surgiriam para os EUA no contexto pós-II Guerra. Com isso, houve um crescimento no investimento em pesquisa e desenvolvimento de

⁴ ABELSON, D.E., 1996, p. 24-46; SMITH, J.A., 1991, p. xv, 1-6.

⁵ SMITH, J.A., 1991, p. 14-15.

tecnologia e estratégias, principalmente de aplicação militar e de defesa, no fim dos anos 40, saindo de duzentos e cinquenta milhões de gastos federais nessa área, em 1940 para dezesseis bilhões em 1971. Essa situação gerou uma dependência, no governo, desse tipo de conhecimento e de especialista, principalmente no Department of Defense (DoD).⁶

O fim da II Guerra também marcou uma postura internacional dos EUA mais ativa, demandando mais pesquisa e análise técnica. Pouco a pouco, a atividade de planejamento político, com as técnicas e adaptações metodológicas desenvolvidas na consultoria militar, científica e tecnológica, e a ideia de especialistas auxiliando o processo de decisão governamental, começou a ganhar espaço e aparecer nos programas de bem-estar social, de combate à pobreza e de administração da economia. Tudo isso sofisticou a linguagem política e fortaleceu os TTs, dando uma ideia de que era possível planejar e delinear a realidade.⁷

Conforme Smith, os anos 60 foram o período de TTs ainda mais pragmáticos, principalmente por causa de uma desconfiança dos sistemas ideológicos como o fascismo e o comunismo. Por isso, principalmente a partir de Kennedy, a prioridade era por análises racionais e técnicas para lidar com os problemas sociais, estratégicos, militares e econômicos. A política estrangeira também foi caracterizada por esse enfoque, com o estudo de programas de assistência estrangeira, especialmente para a América Latina (AL), como o Alliance for Progress, por exemplo. Assim, segundo Smith, a necessidade de conhecimentos técnicos e aparentemente científicos e seguros, presidentes receptivos a esse tipo de consultoria e um período de prosperidade nos EUA fizeram com que grandes somas fossem destinadas aos TTs.⁸

Apesar da intenção e do aparente pragmatismo, a principal produção tangível desses TTs eram papéis com ideias, o que fez surgir o termo “paper alchemy”. Esses papéis eram, na maioria das vezes, relatórios escritos ou estudos de políticas alternativas, avaliações, desenhos, teorias, sugestões, avisos, planos em longo prazo, estatísticas, previsões, descrições de técnicas, testes, análises ou simplesmente ideias. O que não era posto em papel, era apresentado oralmente em palestras, *briefings* ou conversas informais. Se uma dessas ideias era aprovada, não seriam os TTs que a realizaria ou executaria.⁹

⁶ DICKSON, P. 1971, p. 9, 26-27; ABELSON, D.E., 1996, p. 47-49; SMITH, J.A., 1991, p. xii-xv, 12-13, 113-114, 130-131; RICH, Andrew. **Think tanks, public policy and the politics of expertise**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 13.

⁷ DICKSON, P. 1971, p. 11; ABELSON, D.E., 1996, p. 5; SMITH, J.A., 1991, p. xv, 17-18; RICH, A. 2004, p. 42-45.

⁸ SMITH, J.A., 1991, p. 130-131, 134, 137-138, 140.

⁹ DICKSON, P. 1971, p. 26.

Contudo, após 1960, a crença nessa enorme capacidade dos TTs passou por questionamentos, tanto por situações fora dos EUA, como a Guerra do Vietnã, quanto por situações internas, como as questões sobre direitos civis e para negros. Esses questionamentos atingiram inclusive o caráter científico e pragmático das consultorias políticas, fruto também de uma crescente disparidade entre o tempo necessário à pesquisa, que era mais lento, e as necessidades cada vez mais rápidas de respostas para as decisões. A partir de então, o governo começou a buscar outro tipo de relacionamento com essas instituições, o que caracterizou essas instituições na década de 70 e 80. A partir de então, surgiram vários TTs, com orçamentos e *staff* menores, voltados à propaganda e ao ativismo políticos.¹⁰

Frente a esses contextos que mudavam, um TT, em 1971, era, conforme Dickson, algo de difícil definição. Eles podiam ser lucrativos ou não, apoiados inteiramente, parcialmente ou sem apoio do governo. Poderiam estar ligados a universidades ou empresas. Porém, em comum, eram entidades permanentes dedicadas a estabelecer uma ponte entre conhecimento e poder e entre ciência/tecnologia e decisões políticas. Realizavam, portanto, *policy research* (PR), ou pesquisas que produziam ideias e análises, normalmente de forma multidisciplinar, para aqueles que tomavam as decisões, contrastando com a ciência tradicional, produtora de conhecimento científico entre os pares. Por isso, estabeleciam relações fortes tanto com comunidades científicas e técnicas, quanto com governo, indústria e esfera pública. Conforme um exemplo dado por Dickson, um TT raramente seria contratado por militares para desenvolver radares, mas sim para pensar a tecnologia militar para a próxima década e oferecer ideias, incluindo algumas sobre novos desenvolvimentos possíveis em tecnologia de radar ou para determinar a necessidade de um novo tipo de radar, onde as instalações de radares deveriam ser localizadas, como operar o radar para eficiência máxima, como usar radares no processo de decisão e como treinar homens para usá-lo. Assim, um TT estaria mais interessado em “radar policy” do que no equipamento existente.¹¹

Em 1971, cerca de setenta e cinco TTs possuíam contratos com o governo federal, por meio de agências do governo. Entre eles estava o *Hudson Institute* (HI), que, conforme Dickson, era dirigido pelo homem provavelmente mais famoso no campo dos TT em 71, Herman Kahn.¹²

Herman Kahn é o outro vetor que nos permite entender a elaboração da compreensão de futuro que pretendemos mostrar aqui. Herman Kahn nasceu em 1922, em Bayonne, em

¹⁰ SMITH, J.A., 1991, p xv-xvi, 18, 140-149; RICH, A. 2004, p. 45.

¹¹ DICKSON, P. 1971, p. 27-29; RICH, A. 2004, p. 11; MCGANN, James G. **Think tanks and policy advice in the US: academics, advisors and advocates**. New York: Routledge, 2007, p. 11.

¹² DICKSON, P. 1971, p. 26.

New Jersey. Ainda na infância, devido ao divórcio dos pais, mudou-se com os irmãos e a mãe para Los Angeles. Kahn, já na vida adulta, apareceu com destaque ao analisar a guerra nuclear no livro que o tornaria uma celebridade nos EUA, o *On Thermonuclear War* (OTW), de 1960. O destaque se deu de forma dúbia, por um lado, por elogios ao tratar um tema tão importante no período de forma direta e com análises pormenorizadas, por outro, por críticas pelos mesmos motivos. Contudo, ao longo dos anos 60 e 70, Kahn fundou seu próprio *think tank*, o HI, e realizou estudos macro-históricos e do futuro, tornando-o, então, uma referência também no campo da futurologia. Kahn se destacava pela ironia e pelas piadas em suas palestras, pela maneira objetiva que tratava sobre as mortes que poderiam decorrer de uma guerra atômica, e por sua rapidez de pensamento, que desconcertava vários interlocutores. Além disso, tinha uma aparência poreminente, com quase um metro e oitenta e cinco centímetros de altura e em torno cento e trinta e sete quilos.¹³

Para explorarmos esses dois vetores de forma mais pormenorizada ao longo desta dissertação, apoiamo-nos em uma vasta bibliografia, ainda que desequilibrada. Sobre os TTs e a consultoria sobre políticas, há uma extensa bibliografia, da qual, aqui, usamos parte, justamente a que se refere aos institutos aqui abordados e a Herman Kahn. Já sobre a Kahn, a bibliografia é mais restrita. Há uma antologia que reúne textos de sua autoria, chamada “*Herman Kahn: in defense of thinking*”, de 2009, editada por Kenneth R. Weinstein e Paul Dragos Aligica. Não usamos essa antologia aqui, pois preferimos nos limitar aos livros de Kahn e aos relatórios produzidos pelo HI, mantendo uma coerência hermenêutica que muitas vezes se perde quando analisamos textos de antologias, que às vezes são enxertos de outros textos, normalmente descontextualizados. Aligica também tem outro livro, “*Prophecies of doom and scenarios of progress: Herman Kahn, Julian Simon and the Prospective Imagination*”, no qual aborda os trabalhos de Kahn, porém, mais interessado no período após meados dos anos 70. Também não nos referimos a essa obra por ela funcionar mais como uma reafirmação das visões de Kahn do que propriamente como uma análise sobre elas, uma vez que Aligica também é, desde 2001, um dos *fellow* do Hudson Institute, o TT criado por Kahn.

Há duas obras que são mais analíticas e críticas ao trabalho de Kahn. Em 2000, foi publicado o livro “*Supergenius: the mega-worlds of Herman Kahn*”, uma biografia que busca apreender a totalidade da produção de Kahn. O livro foi escrito por B. Bruce-Briggs, um historiador, planejador de cidades e analista político que se dedicou a estudos do futuro. Ele fora colega e colaborador de Herman Kahn no Instituto Hudson e, juntos, lançaram o livro

¹³ GHAMARI-TABRIZI, S. **The worlds of Herman Kahn**: the intuitive science of thermonuclear war. Cambridge: Harvard University, 2005, p. 11, 14, 35-43.

“*Things to come: thinking about the seventies and eighties*”, em 1972. O outro livro é “*The worlds of Herman Kahn: the intuitive science of thermonuclear war*”, de 2005, de Sharon Ghamari-Tabrizi, historiadora e pesquisadora. O livro se concentra principalmente no período de Kahn a RAND e de elaboração e lançamento de *On thermonuclear war*, ou seja, os anos 40, 50 e começo dos 60. Ambas as obras são, portanto, referências obrigatórias para esse trabalho e elucidam muito sobre os diferentes momentos de produção de Kahn. Contudo, o destaque principal delas são os estudos nucleares e militares de Kahn, inclusive a biografia de Bruce-Briggs, dando pouco destaque, ou praticamente nenhum, no caso de Ghamari-Tabrizi, aos estudos futuros, ou a alguns desdobramentos deles. Essa dissertação visa também preencher esse hiato.

Para preenchermos esse “vazio” sobre o trabalho de Kahn e do seu instituto precisamos, então, entender o terceiro vetor: a compreensão de futuro. Contudo, antes é preciso justificar a relevância dessa análise. Primeiramente, há uma análise consolidada dos escritos de Kahn sobre as guerras termonucleares, nem tanto pelo viés da vida de Kahn ou apenas por sua produção, mas principalmente pela análise histórica da questão tecnológica e estratégica do fim dos anos 50 a início dos 60. Nesse sentido, Kahn e o OTW são praticamente imprescindíveis. Contudo, o período posterior aos escritos nucleares de Kahn, ou seja, a partir de meados da década 60, é praticamente negligenciado. É difícil determinar o porquê disso. Primeiramente, acreditamos que é pela falta de impacto e relevância das obras posteriores de Kahn se comparadas ao OTW, não representando o marco e a polêmica que o primeiro livro representou. Além disso, se a questão nuclear era algo que tinha um impacto maior no cotidiano dos EUA, os estudos futuros de Kahn, assim como outros desenvolvidos pelo HI, como os relacionados ao desenvolvimento, eram mais restritos. Tanto que o pouco destaque que os trabalhos de Kahn e do HI tiveram após os escritos sobre a guerra nuclear são os relativos à Guerra do Vietnã e aos problemas sociais internos dos EUA.

Todavia, há duas coisas que merecem destaque nesses escritos posteriores e que justificam esta dissertação. Primeiramente, é que as análises e propostas de políticas desenvolvidas por Kahn não ficaram restritas aos EUA. Kahn e sua equipe pensaram propostas e planos para o futuro de diversos países, inclusive o Brasil. No Brasil, as propostas do HI foram bastante polêmicas e enfrentaram uma forte oposição da imprensa, do governo militar e da esquerda, fazendo de Kahn praticamente uma unanimidade negativa entre 1968 e 1970. Portanto, entender esses escritos posteriores de Kahn e do HI serve como um parâmetro prático de como funcionava e atuava os TTs do período, como um teste dos métodos e da técnica de estudos futuros elaborados pelo HI e Kahn quando propostas sobre uma realidade,

e como uma forma de adicionarmos um elemento a mais na compreensão da história do Brasil do período, assim como da relação do país com os EUA.

O segundo destaque, e que é o cerne desta dissertação, permeia todo o conjunto de trabalho de Kahn, desde os escritos nucleares até os posteriores a eles, que é o futuro. Esta dissertação é a história de uma ideia de futuro que mostra que não é possível construir, criar e elaborar uma compreensão de futuro sem, todavia, possuir uma compreensão do passado, não só como continuidade processual no tempo, mas também como formas e métodos de conhecimento do que foi e de como será. A nossa proposta é, portanto compreender os estudos futuro de Kahn a partir de duas dimensões: a histórica e a epistemológica. A intenção é aliar essas duas dimensões, buscando como as relações históricas influenciaram a elaboração de uma compreensão do futuro e como essa compreensão refletiu e compreendeu o período, o passado e o futuro. Veremos, portanto, os processos de constituição dos estudos do futuro propostos por Kahn e pelo HI e como eles carregavam algo como uma epistemologia do futuro, a qual estava intimamente ligada com uma compreensão da história.

Para Bas, existe uma relação direta entre incerteza e estudo do futuro, na qual, se a primeira aumenta, a segunda ganha interesse. Bas percebeu esse processo desde a industrialização e do advento do sistema capitalista, com algum destaque nos anos 20, decorrente da depressão, levando analistas econômicos a desenvolver modelo econométricos para prevenir problemas semelhantes. Contudo, o período após a II Guerra foi decisivo para a consolidação de tais estudos e de reflexões sobre o futuro, os quais assumiram formas mais pretensamente racionais ou técnicas ou formas pseudocientíficas e ficcionais. Nesse último grupo temos, por exemplo, já nos anos 50, os primeiros volumes da série *The foundation*, de Isaac Asimov e, nos anos 60, um conjunto de obras que faziam uma ligação inovadora e imaginativa entre passado e futuro, por um viés místico, fantástico ou esotérico, repleto de questões do imaginário da época, como armas de destruição em massa e viagens espaciais. Uma das ideias excêntricas desse período foi a defendida principalmente por Erich von Däniken e Robert Charroux, que acreditavam que a cultura e, possivelmente, a raça humanas surgiram de uma interação entre seres de outros planetas com seres primitivos da Terra. Devido a isso, seria um desígnio cósmico atávico e pedra fundamental da cultura humana a conquista do espaço pelo homem e, logo, a perpetuação de sua raça e cultura, tal como acontecera em seu passado, como legado de uma civilização de outro planeta. Algo

semelhante a essa concepção foi romanceado no livro e no filme *2001: uma odisseia no espaço*.¹⁴

Em paralelo a essa concepção de futuro esotérica, pseudo-científica e ficcional, uma concepção mais racional, sistemática e metodológica também era formulada, estendendo-se inclusive para as décadas de 70 e 80, com nomes como Bertrand de Jouvel, Robert Jungk, Alvin Toffler, Dennis Gabor e Herman Kahn. Longe de querermos colocar esses autores em um mesmo contexto de produção de estudos futuros, estamos querendo enfatizar que os anos pós-guerras e principalmente os anos 60 e 70 marcaram um período de reflexão sobre os caminhos da humanidade. Para Bas, as décadas de 40 e 50 foram o ponto de partida dos estudos do futuro como campo de investigação moderno, iniciado, ainda em 1937, com o informe *Technological Trends and National Policy*, feito por Williams Ogburn para o Departamento de Interior dos EUA e voltado para prever os avanços tecnológicos. Este informe, para Bas, pode ser considerado o primeiro estudo prospectivo que se conhece. Porém, para ele, foi somente em 1947, com Theodore Vankarman, por solicitação do General da Força Aérea dos EUA (FA), Henry Arnold (que posteriormente aparecerá novamente na história que contamos aqui), que o primeiro estudo do futuro foi feito, com o título *Towards New Horizons*, vislumbrando a possibilidade de usar mísseis por controle remoto.¹⁵

Aqui, mais especificamente, estamos analisando uma concepção de futuro que, conforme Dickson, em 1971, era uma forma nova de pesquisa de políticas e baseava-se na premissa de que o futuro era muito importante para ser deixado ao acaso. Portanto, é uma forma de análise do futuro, mas que não acredita em um futuro previsível, já que ele está repleto de incertezas e não é algo dado fora da ação humana. Por isso mesmo, ele também se torna previsível em algum grau, já que é criado a partir da ação pensada e dirigida, fugindo do contingencial. Foi pensando nessa linha que, em 1966, formou-se, em Washington D.C., a World Futures Society, congregando grupos associados do Japão, Dinamarca, França, Itália, Alemanha e Suécia. Além disso, duas grandes conferências sobre a pesquisa do futuro ocorreram em Oslo, em 1967 e em Kyoto, em 1970. Periódicos sobre o tema também foram lançados no período, como os *The Futurist*, *Technological Forecasting* e *Futures*. Além disso, governos, comissões e universidades também realizavam estudos futuros, com mais de oitenta faculdades e universidades estadunidenses oferecendo cursos sobre a pesquisa do futuro. Por fim, segundo Dickson, havia varias companhias e escolas especializando-se em ensinar previsão para pessoas na indústria e no governo. Dickson não conseguia desassociar o avanço

¹⁴ BAS, Enric. **Prospectiva**: como usar el pensamiento sobre el futuro. Barcelona: Ariel, 2002, p. 16.

¹⁵ BAS, E. 2002, p. 16-17.

dos estudos futuros da popularidades de certos TTs e homens ligados a eles, como Herman Kahn. Com essa proliferação, surgiram também diferentes formas, técnicas e métodos de analisar o futuro.¹⁶

Este trabalho da análise da compreensão de futuro elabora por Kahn foi iniciado na dissertação de mestrado, no qual o objeto de pesquisa foi o livro *The year 2000*, de Herman Kahn e Anthony J. Wiener, de 1967, que teve tradução brasileira em 1968. Foi nessa obra que Kahn forneceu as bases de seus estudos futuros e dos que marcariam o HI. Essas bases seriam tanto as previsões e a visão acerca do futuro da humanidade, quanto os alicerces teóricos e metodológicos que permitiram elaborar uma forma de conhecimento do futuro. O resultado daquela análise foi a dissertação intitulada: “*A arquitetura do destino: a ciência do futuro e a teoria da história em O ano 2000 (1967), de Herman Kahn e Anthony Wiener*”, defendida em 2010.

Apesar de atender ao que foi proposto no escopo da dissertação de mestrado, o problema da elaboração de uma teoria de conhecimento do futuro não estava totalmente resolvido. Isso aconteceu, pois o contexto de elaboração da compreensão do futuro de Herman Kahn não se resumia ao livro *The year 2000*, mesmo que este fosse a manifestação mais significativa do fenômeno – pelo menos no Brasil. Se aquela dissertação forneceu os indícios elementares da teoria e da epistemologia do futuro de Kahn e de sua compreensão de história, esta pretende desenvolver e aprofundar as condições e o contexto de formulação daquela compreensão, o que também ajudará a esclarecer ainda mais os fundamentos componentes do conhecimento de Kahn do passado e do futuro, e, por fim, analisar os desdobramentos práticos dessa compreensão.

Há, portanto, no trabalho de Kahn, uma compreensão temporal que articula três momentos temporais há muitos consagrados, que são usados na linguagem corrente e os quais utilizaremos aqui: passado, presente e futuro. Afirmamos, de forma generalizadora, que não se compreende o passado sem uma compreensão do futuro e do presente, nem o presente sem uma compreensão do passado e do futuro, e assim por diante. Visando confirmar a hipótese formulada de que não é possível a formulação de um conhecimento, de uma compreensão e de uma visão de futuro sem ter uma contraparte semelhante sobre o passado e, também, uma compreensão histórica, os conceitos de Koselleck de espaço de experiência e de horizonte de expectativa nos fornecem o fundamento para entendermos melhor essa relação temporal.

¹⁶ DICKSON, P. 1971, p. 310-313.

Koselleck reconhece que os conceitos de experiência e expectativa são polissêmicos e possuem um uso comum e cotidiano, portanto, não pertencem a uma categoria histórica determinada. Já que não são conceitos oriundos do contexto analisado, são, uma vez propostos pelo autor, categorias formais, atuais e científicas do conhecimento histórico, logo, precisam ser aplicáveis amplamente e, para isso, Koselleck reivindica uma “determinação meta-histórica” aos dois conceitos, evitando, com isso, a historicidade de ambos¹⁷.

Como *experiência*, Koselleck entende o “passado atual”, no qual “acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados”. Nela estão amalgamadas a “elaboração racional” e as “formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento”¹⁸. A *expectativa* também se realiza no presente, é o futuro presente, que se volta para o que ainda não é, para o que não foi experienciado, para o que só pode ser previsto¹⁹.

Destarte, a experiência e a expectativa são produtos do atual e do presente, é o passado que está presente enquanto experiência e o futuro, enquanto expectativa. Contudo, experiência e expectativa “não são conceitos simétricos complementares, que coordenem passado e futuro como se fossem imagens especulares recíprocas. Pelo contrário, experiência e expectativa possuem formas de ser diferente”²⁰. É a manifestação dessa relação, posta como diferente por Koselleck, que estamos procurando em Kahn, para compreender a historicidade de sua proposta.

A experiência é, destarte, referente ao passado, o qual se aglomera para constituir um todo no qual muitos estratos de tempos anteriores estão presentes ao mesmo tempo, sem existir referência a um antes e um depois, já que “a cada momento ela é composta de tudo o que se pode recordar da própria vida ou da vida de outros”²¹. Por elaborar acontecimentos passados e por torná-los presentes, a experiência está repleta de realidade e inclui em seu comportamento as possibilidades concretizadas e as que deram errado, por isso Koselleck prefere denominá-la como um espaço, cunhando o conceito de espaço de experiência²².

À expectativa, Koselleck associa a ideia de horizonte, que significa a “linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser

¹⁷ KOSELLECK, 2006, p. 305-308.

¹⁸ Ibid., p. 308.

¹⁹ Ibid., p. 310.

²⁰ Ibid., p. 310.

²¹ Ibid., p. 311.

²² Ibid., p. 311-312.

contemplado”. A possibilidade de descobrir o futuro tem um limite absoluto: ela não pode ser experienciada²³.

O vir a ser, o acontecimento posterior, o horizonte de expectativa, o futuro, é um ponto de reflexão e ação recorrente ao pensamento e ao esforço humanos. No campo do pensamento, há as tradições religiosas que defendem formas de presente eterno, compreendendo o futuro e o passado como ilusões fontes de aflição e sofrimento; há as visões de mundo que acreditavam que o vir a ser poderia ser entendido conforme a compreensão do que já fora; há a compreensão do futuro como um tempo de salvação e redenção religiosa, ou ainda como do trabalho racional humano em busca do melhor, sempre inovador e revolucionário, e, por isso, autônomo do passado.

Nossa chave para a compreensão da ciência do futuro de Kahn se assentará na forma que foi estabelecida a relação entre as temporalidades. Logo, defendemos que a elaboração da compreensão do futuro por Herman Kahn, entre 1947 e 1979, repensou a história e instrumentalizou-a para que servisse ao planejamento e à previsão do futuro e esse processo de reinterpretação da história é ele próprio histórico. Kahn, portanto, não se ateve somente às definições correntes sobre a ciência histórica, elaborando, com isso, outra compreensão do passado, a qual estava ligada a sua compreensão do futuro.

Para compreender como se dá essa articulação do tempo, trabalharemos conceitualmente. Os conceitos que utilizaremos para nortear nossa análise serão os cunhados pelo autor, assim como os de passado, presente e futuro e os que associam as temporalidades, como planejamento e previsão. Portanto, são conceitos que extrapolam o universo de futuro proposto por Kahn, os quais, ao serem submetidos à modalidade de história dos conceitos, poderão fornecer a dimensão temporal da proposta. O universo conceitual associa-se aos diferentes autores e pessoas com quem Kahn teve contato e com quem rivalizou. Também se refere às mudanças ocorridas no cenário político, social e cultural estadunidense e mundial, as quais, por sua vez, determinavam como e que assuntos eram estudados.

Intentamos, destarte, uma análise mista: internalista ao buscar a constituição do pensamento sobre o passado e o futuro em Kahn, e externalista ao procurar compreender as articulações de tal reflexão com o seu tempo, não como a construção de um conjunto contextual *a priori*, mas como uma relação complementar de influência mútua.

Com essa leitura, é possível perceber a conexão do passado, do presente e do futuro dentro da obra de Kahn, todos entendidos como conceitos que dependem de contextos

²³ Ibid., p. 311.

históricos e também os determinam. Constitui-se, assim, um pensar histórico que não está restrito a um único contexto e que considera que há, também, adaptações que são feitas de um contexto para o outro. É o caso do objeto aqui estudado, que se iniciou em um ambiente militar e, pouco a pouco, expandiu-se para outros âmbitos, acompanhado, então, de readaptações de conceitos, transformando alguns em históricos. Todavia, essa não é a única apropriação, pois outros conceitos históricos, formulados por outros autores, foram utilizados por Kahn em outros contextos. A teorização de Koselleck sobre os conceitos pode nos ajudar a entender tais transformações.

Koselleck entende a história dos conceitos como uma exegese textual, que parte do texto e retorna a ele. É isso que pretendemos fazer aqui. Partindo do texto de Kahn, identificar os conceitos e o que eles significavam e, então, perceber como esses significados foram adaptados em outros contextos de planejamento, resultando, assim, em outros nomes, mas com conteúdos pouco distintos. Evidencia-se, com isso, a mudança do ambiente no qual o planejamento se inseria, fazendo necessária uma adaptação do conceito aos novos contextos. Isso, por outro lado, indica como os conceitos adquirem legitimidade e passam a ser considerados como categorias descritivas da realidade social-política na qual estão inseridos e definem²⁴.

Isso resulta, ainda, em embates conceituais²⁵. Por exemplo, o debate entre a ideia de futuro de Kahn e a do Clube de Roma, que abordamos no quarto capítulo, no qual dois conceitos de futuro se impõem e opõem. Essa oposição acaba, por outro lado, resultando e definindo duas visões contrárias sobre o que vem a ser o futuro da humanidade, às quais correspondem, por sua vez, a um dado contexto social, político e histórico. Tudo isso se reflete em diferentes metodologias de trabalho com o futuro e em diferentes critérios de possibilidade e validade de especulação sobre o futuro. Destarte, não é possível entender esses conceitos sobre o futuro distintos de uma noção de passado e, portanto, de história, pois a forma de ver o futuro aparece articulada com o desenvolvimento passado e presente.

Dessa forma, conceito é mais que uma palavra, pois ele suporta uma variedade de significados. O conceito é a palavra que agregou a si todas as circunstâncias políticas, sociais e empíricas para as quais e nas quais era usada. É essa variedade de sentidos do conceito que permite a sua compreensão histórica, pois essa polissemia é adquirida ao longo do tempo²⁶.

²⁴ KOSELLECK, R., 2006, p. 97-101.

²⁵ Ibid., p. 102-103.

²⁶ Ibid., p. 110.

Compreendemos a proposta de compreensão do futuro de Herman Kahn dentro dessa chave interpretativa partindo de dois aspectos: sua constituição histórica e sua constituição epistemológica. Portanto, para alcançarmos o proposto, estudamos como se deu a constituição histórica da compreensão do futuro de Herman Kahn entre os anos de 1947 e 1979, a qual representou uma passagem do planejamento militar e de segurança nacional para estudos do futuro mundial. Essa mudança também representou uma mudança da relação entre experiência e expectativa, na qual o espaço de experiência e as formas de compreendê-lo, no caso a história e a memória, são manipulados, visando também uma manipulação do futuro e de extensão ou de encurtamento do horizonte de expectativa. A isso corresponde uma mudança conceitual e de significados, partindo da necessidade de reorganizar o mundo pós-guerra até se desenvolver uma proposta de melhoramento futuro e uma relação dúbia com o passado, com o qual se rompe, mas ainda é referência.

Tínhamos várias opções de escrita para a tese. Uma delas seria partir da compreensão de futuro basilar de Herman Kahn. Para isso seria necessário eleger um recorte estático de um momento dessa compreensão e nomeá-la como a visão de futuro de Kahn. Uma opção seria, por exemplo, o livro *The year 2000*. Porém, ao fazer isso, determinaríamos um momento como o momento de entendimento da compreensão de futuro de Kahn. Essa seria uma opção de análise sincrônica, a qual é válida para determinados enfoques e que, inegavelmente, traria importantes contribuições para o tema pesquisado. Todavia, não é isso que queremos aqui.

Priorizamos uma análise diacrônica, buscando, com isso, não entender essa compreensão de futuro como algo fixamente datado, ou finalizado em um momento, mas sim como construção histórica, como um desdobramento no tempo. Assim, fugimos de uma análise prioritariamente de Herman Kahn e de sua proposta, para entender sua compreensão dentro dos contextos e articulado com algo maior, com uma temporalidade mais ampla. Para realizar isso, assentamo-nos nas já citadas análises conceituais, as quais servem como referência para traçar e compreender o desdobramento temporal do estudado.

Pretendemos com essa análise também evitar cair no problema de determinar as origens da ciência do futuro. Já alertados por Bloch, evitaremos uma origem que funcione como um começo que seja suficiente para explicar o desdobramento temporal do fenômeno, fugindo, com isso, da confusão entre filiação e explicação²⁷. Logo, seguindo o conselho de Bloch de que “nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo de seu

²⁷ BLOCH, Marc. **Apologia da história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 57-58.

momento”²⁸, aplicaremos a análise conceitual e estudaremos o futuro em Kahn em seus diversos momentos de elaboração.

O trabalho empírico confirma esse cuidado, principalmente se a opção for por um trabalho conceitual. É muito difícil mapear as origens de conceitos e seus significados, uma vez que ambos se moldam na relação e no conflito das temporalidades, da tradição com a inovação. Contudo, o trabalho conceitual também é um caminho para buscarmos e entendermos a compreensão de tempo presente em alguma ideia sobre o futuro e, então, como ela instrumentaliza a história. Em suma, é perceber como os conceitos de futuro e passado estão relacionados entre si e com os contextos de forma mais ampla.

As diferentes maneiras de compreender o futuro têm, assim, um aspecto que já podemos perceber e outro ainda não abordado diretamente. O primeiro, que discutimos até aqui, é que a compreensão do futuro estabelece alguma relação com o passado. Portanto, é possível afirmar que uma primeira característica sobre as visões de tempo é a dissociação da definição de passado, presente e futuro. Cada uma das temporalidades é definida em função da definição das outras. O outro aspecto é que há resultados pragmáticos e visíveis diretos dessas relações, as quais se estabelecem, justificam, suportam e são sustentadas por práticas e ações. Algumas dessas práticas se voltam para o passado, como, por exemplo, a história e a memória. Outras, para o futuro, como a astrologia ou a ficção científica. Em comum, elas partem e são produzidas no presente e não são elaboradas indistintamente das outras temporalidades.

Essa tensão entre futuro e passado poder gerar, no presente, além da reflexão, uma ação. A compreensão de futuro de Kahn tem esse aspecto de ação no presente. Não só a interpretação do futuro de Kahn, mas as interpretações que contrariaram a dele. Herman Kahn, ao delinear uma possibilidade de conhecimento do futuro, acabou delineando uma teoria do desenvolvimento, a qual, por ser feita dentro de contextos políticos, visava uma finalidade prática. Disso, surgiram diversas propostas concretas de intervenção. Algumas delas foram destinadas a países, como o Brasil. Para analisarmos esse aspecto pragmático da compreensão de futuro de Kahn, usaremos como enfoque o Brasil. Analisaremos como os conceitos desenvolvidos operavam de forma a buscar resultados que confirmassem a teoria do desenvolvimento e a concretização do futuro planejado. A análise dos resultados práticos também nos dará a dimensão do embate travado com outras visões e formas de conhecimento do futuro que contrariaram ou coexistiram com a de Kahn.

²⁸ Ibid., p. 60.

O processo histórico que mostraremos aqui se inicia no primeiro capítulo, mostrando que a constituição da compreensão de futuro de Kahn se deu, inicialmente, pelo desenvolvimento de recursos metodológicos de trabalho com o planejamento militar. As principais ferramentas metodológicas foram retiradas de um produto do planejamento militar direto da II Guerra, a *operations research*, e de outro, derivado do planejamento desenvolvido após a guerra, a *system analysis*, a qual foi concretizada e executada na RAND Corporation. Discutiremos ainda como se deu a constituição de cada uma dessas modalidades do planejamento militar, o relacionamento que Kahn estabeleceu com elas e como elas convergiram na sua compreensão do futuro. Essas ferramentas metodológicas já fornecem indícios da compreensão temporal que subjazem as formulações de Kahn. As fontes para esse capítulo são os documentos de Kahn ainda na RAND Corporation, todos disponíveis na internet.

No capítulo dois, veremos a concretização de toda a polêmica militar de Kahn em seus três primeiros livros, resultando e resultado da criação de seu próprio instituto de pesquisa, o *Hudson Institute*. Nesse conjunto de livros dedicados às questões de relações internacionais, de segurança, de defesa nacional dos EUA e de proliferação nuclear, Kahn forneceu os primeiros indícios da sistemática de compreensão de futuro, apresentando alguns recursos para seu planejamento e previsão, porém, ainda restrito a um planejamento que não considerava muitos anos à frente. Este capítulo se refere, essencialmente, ao período correspondente ao pensamento estratégico de Kahn sobre a guerra nuclear. Esse tema foi abordado como central em seus três primeiros livros, *On thermonuclear war* (OTW) (1960), *Think about the unthinkable* (TATU) (1962) e *On escalation* (1965) (OE), os quais usaremos aqui para entender parte do pensamento sobre o futuro de Kahn, assim como fontes encontradas nos arquivos do Hudson Institute, presente na National Defense University, no Fort McNair, em Washington D.C e nos papéis de A.J. Muste, na Peace Collection da Swarthmore College, em Swarthmore, Pennsylvania.

No capítulo três, narraremos a fundação do *Hudson Institute*, em 1961, e todo o processo de manutenção do Instituto na década de 60, abordando como eram firmados os contratos e a dinâmica do Instituto. Esse período também foi de ampliação da atuação e de uma respectiva ampliação das formas de trabalho, já que o Instituto começou a vender seu planejamento para outros órgãos governamentais e para empresas privadas. Essa ampliação teve um efeito concomitante de mudança e de adaptação conceitual. A base desse capítulo também foram os documentos obtidos na National Defense University.

No capítulo quatro, exporemos e analisaremos a compreensão macro-histórica elaborada por Kahn e o HI, a qual também acompanhou uma necessidade de ampliação dos métodos e das formas de trabalho utilizados no planejamento. São planejamentos e previsões de âmbito mundial. O futuro, agora, abarcava também questões culturais, sociais e econômicas. Já se delineava um projeto para o futuro, resultado de uma proposta de política de desenvolvimento. Além das fontes do Hudson Institute, usamos quatro livros de autoria de Kahn, o *The year 2000* (1967), *Things to come* (1972), *The next 200 years* (1976) e *World economic development* (1979).

No quinto e último capítulo, mostraremos a controvérsia entre o projeto de desenvolvimento de Kahn e do HI para o Brasil e a recepção desses projetos no Brasil, constituindo uma campanha nacionalista, crítica e agressiva contra Kahn e o HI. Para construir esse capítulo, usamos mais fontes obtidas em Washington D.C., assim como reportagens produzidas aqui no Brasil no período, a partir de acervos disponíveis na internet ou em bibliotecas, como da *Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo*, *Correio da Manhã*, *Veja* e *Manchete*.

Uma vez aberta as portas, adentremos em direção a uma história do futuro, das possibilidades de um presente passado e de algumas coisas que poderiam acontecer, outras que eram desejadas e outras que nunca aconteceram.

I. O futuro desinformado: aprendendo a lutar guerras inexistentes

“We are the first generation since Genesis with the
Power to virtually destroy God’s creation”
(Roman Catholic Bishops of the US, 1983)

Em 1970, quando Herman Kahn era uma celebridade no Japão¹, em uma entrevista a uma TV daquele país, afirmou que se sentira abatido pela utilização das bombas atômicas, em 1945, e acreditava que o melhor era tê-las evitado. Contudo, afirmou também que seus estudos como estrategista o fizeram compreender aquela tomada de decisão, a qual, segundo ele, não fora aleatória, mas pensada e trabalhada².

A II Guerra não se restringiu às questões bélicas, mas também foi um momento importante para a formação do pensamento estratégico com o qual Kahn se identificava. Esse pensamento resultou das várias questões que se impuseram com o fim da Guerra para as pessoas e para as nações. Aqui, analisaremos um tipo de resposta dada à questão que abrangia desde entender como os eventos da II Guerra aconteceram até como continuar a partir dali, ou seja, como lidar com seus resultados, com ideologias consideradas bizarras e com potencialidades de destruição em massa. Portanto, não é somente uma análise que pensa as soluções, mas também as questões que foram formuladas. Herman Kahn foi partícipe da formulação de parte de um grupo dessas questões e das respostas a elas.

Um primeiro elemento que podemos identificar na compreensão de Kahn do mundo pós-guerra é o racional. Esse elemento racional é o primeiro de três que constituem o pensamento de Kahn nessa primeira fase. Vinte e cinco anos depois de findada a II Guerra, apesar do suposto abatimento – e desconsiderando o elemento diplomático por trás da afirmação de abatimento com o ato estadunidense contra os japoneses – o que nos chama a atenção é a compreensão e a justificação da utilização das duas bombas atômicas como uma ação planejada e racional. A definição de racional em Kahn será mais bem esclarecida ao longo da exposição, contudo, ela não está dissociada do que embasa o uso das bombas atômicas na II Guerra, e pode ser exposta no argumento de Kahn de que, após cinco ou dez anos do fim de uma suposta guerra nuclear, o país não poderia olhar para trás e encarar a

¹ Esse *status* foi adquirido por Kahn nos anos 60 e 70, quando se dedicou a estudar o Japão, impressionado com o crescimento e as possibilidades futuras do país, fazendo previsões bastante otimistas. Cf. BRUCE-BRIGGS, B. **Supergenius**: the mega-worlds of Herman Kahn. Nova York: [s.n.], 2000, p.300-304.

² GHAMARI-TABRIZI, S. 2005, p. 63; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 9-12.

guerra como um erro. É, em suma, o elemento racional que capacita como saber iniciar, lutar e findar uma guerra.³

Partindo dessa justificativa para a utilização das bombas em 1970, podemos recuar para outro momento do pensamento de Kahn, agora em 1965, quando ele busca raízes mais antigas para a aproximação desse elemento racional com a arte da guerra ao afirmar, no seu livro *On Escalation*, certa empatia e identidade entre os bizantinos medievos e a análise militar contemporânea. Kahn esclarece o que encara de positivo nos bizantinos, ao citar a obra de Charles Oman, historiador militar inglês do início do século XX, *The art of war in the Middle Ages*, na qual Oman argumenta que os bizantinos, em comparação aos francos, preferiam estratégias, como criar intrigas entre os inimigos e emboscadas combinadas com retiradas simuladas, aproveitando-se de um suposto ímpeto guerreiro e belicoso desmedidos dos francos⁴.

Essa defesa da racionalidade na análise da guerra que caracterizou o pensamento de Kahn após a II Guerra possuía também um elemento futuro, uma vez que guardava uma parte de planejamento. Um dos desafios nessa empreitada de Kahn e de parte do ambiente militar do período foi encontrar um elemento racional para trabalhar a respeito do que aconteceria. Essa dificuldade é reconhecida por Kahn em seu primeiro livro, de 1960, *On thermonuclear war* (OTW). No livro, em certo momento, Kahn escreve que “é impossível nesse momento prever o que virá”.⁵

Há, nessas construções textuais de Kahn, três elementos que estão presentes ao longo de todo seu pensamento analisado aqui e os quais parecem relacionados nesse mesmo percurso. O primeiro elemento, como já vimos, é o racional, o qual aparece na justificativa da utilização das bombas atômicas em 1945 e encontra exemplo, referência e legitimidade, para Kahn, no comportamento militar bizantino, por exemplo. Além do elemento racional, outro elemento que aparece nesses dois exemplos é o passado, que é revisitado tanto para busca de autoridade, legitimidade e ensinamentos, quanto para justificativas racionais. O último elemento nos é apresentado pela afirmação feita no OTW, que é um aparente desespero em relação ao futuro, mais especificamente, à capacidade de antevê-lo.

Portanto, de um lado, há um passado recente, das bombas, que é triste, mas compreendido, e um passado longínquo, dos bizantinos, que serve como autoridade, exemplo

³ KAHN, H. *On thermonuclear war*. New York: Free Press, 1969, p. 641.

⁴ KAHN, Herman. *A escalada: metáforas e cenários*. Rio de Janeiro: Bloch, 1969, p. 47-49; KAHN, Herman. *On escalation: metaphors and scenarios*. Baltimore: Penguin, 1968, p.20-22.

⁵ MCWHIRTER, W.A., I am of the 10 most famous obscure Americans, In: *Life*, 06 dez. 1968, p. 112-113; KAHN, H., 1969, p. 466. “it is impossible at this moment to foretell what will come” (Tradução nossa).

e parâmetro. Esses dois passados possuem o elemento racional, ora como justificativa, ora como lição. De outro lado, um futuro desconhecido, aberto e preocupante. É um futuro incerto e amedrontador, no qual existem bombas de grande poder de destruição e a possibilidade constante de utilização delas. Essa contradição e ansiedade resultam de dois pontos cruciais que marcaram o processo de elaboração do planejamento militar e de defesa dos EUA nos anos pós-guerra: as dificuldades de prever e a necessidade de planejar. A compreensão que buscava resolver este paradoxo engendrou uma forma de lidar com o futuro.⁶

Devemos, agora, recuperar o contexto da afirmação de Kahn no OTW sobre a impossibilidade de prever, que aparece ligado à racionalidade que justificou, para Kahn, os ataques à Hiroshima e à Nagasaki. Esse processo é, primeiramente, usar métodos probabilísticos para trabalhar com incertezas estatísticas sobre o futuro. Além disso, passa por transpor a racionalidade que pode ser aprendida do passado e que no passado justificou o uso das bombas para o planejamento de um futuro aberto e incerto. E, por fim, é realizar exercícios imaginativos. Por enquanto, focar-nos-emos nos dois primeiros processos.

No OTW, apenas uma página depois de afirmar a dificuldade em antever o que aconteceria, Kahn apresenta o elemento concreto sobre o qual, para ele, podia se afiançar um planejamento militar essencialmente quantitativo e científico, já que “o ataque por míssil é um problema de engenharia e de física de uma maneira que não fora nenhuma outra ação militar”.⁷

I.1. Lições das guerras para a guerra: a ciência civil e o mundo militar

A I e a II Guerras ensinaram para alguns, inclusive Kahn, que o futuro da guerra seria diferente do passado. Cabe, então, entendermos como se formou essa concepção da diferença e como lidar com essa nova forma de guerra, que, era basicamente, inexistente, apesar de presente. Uma das formas usadas por Kahn e muito de seus contemporâneos para se instruir sobre a natureza da guerra foram exemplos e lições do século XX, palco de duas guerras que representaram mudanças profundas em diferentes campos, inclusive o militar.

⁶ KAHN, H., **On thermonuclear war**. 1969, p. 466-467.

⁷ Ibid., p. 467. “the missile attack is a problem in engineering and physics in way that no other military action has ever been.” (Tradução nossa).

I.1.a. O passado que forma e informa: o caminho percorrido e as lições das guerras

A análise do passado feita por Kahn tem duas dimensões básicas. Primeiramente, ela é histórica no sentido da constituição de um processo no tempo que explica o presente. É, portanto, explicação. Em outro, ela é um repertório de exemplos para pensar e planejar. É, destarte, metáforas. Antes de entrarmos nesse segundo aspecto, focaremos no primeiro, alertando para que a história desenvolvida por Kahn nesse momento possui dois temas básicos: um, o político-militar e, outro, o desenvolvimento tecnológico. Ambos estão relacionados na construção histórica de Kahn.

Conforme diferentes intérpretes, o século XX apresentou uma nova forma de conflito para a humanidade. Kahn concordava com isso, já que interpretava as duas guerras mundiais como um rompimento com as formas e doutrinas das guerras anteriores. Para ele, o modelo de guerras mundiais anteriores às do século XX foi a série de guerras que seguiram a Revolução Francesa, em 1789, culminando nas guerras napoleônicas, que duraram até 1815. Ele identifica ainda a Guerra Franco-Prussiana como a última guerra longa na Europa, a qual terminara em 1871. Após isso, houve um período de quarente e três anos de paz, entre 1871 e 1914, no qual, conforme Kahn, a ocorrência de pequenas guerras só contribuiu para a sensação da irreabilidade da ideia de guerra. Nesse sentido, os exércitos eram meros joguetes diplomáticos que nenhum governante parecia querer utilizar realmente. Havia, portanto, uma política de dissuasão forte e firme, que usava ameaças como garantia de paz.⁸

Outra dimensão dessas guerras era o aspecto técnico e tecnológico. Segundo Kahn e um colaborador seu, Irwin Mann, as guerras lutadas no século XVIII e XIX apresentaram poucas inovações de uma para outra, modificando pouco as condições fundamentais da arte da guerra. Assim, durante as Guerras Napoleônicas, os soldados e generais contavam com sua experiência, assim como com a dos outros. Essa era a forma da ciência militar.⁹

A I Guerra foi um choque de experiências e de compreensão militares para Kahn e isso pôde ser percebido a partir da expectativa dos especialistas militares que, conforme a guerra acontecia, não acreditavam que aquele conflito se tornaria o modelo para as guerras que viriam. Segundo Kahn, permanecia entre os especialistas a crença que o modelo futuro de guerra seria o das anteriores: com duração curta, como a entre Áustria e Prússia, que durou

⁸ KEEGAN, John. **Uma história da guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 38-39; VIZENTINI, Paulo Fagundes. **História do século XX**. Porto Alegre: Novo Século, 2000, p.34-48; HOBSBAWM, Eric. **A Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.30-31, 35-38; KAHN, H., **On thermonuclear war**. 1969, p. 350, 357-358.

⁹ KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**. Santa Monica: RAND Corporation, 1957, p. 2-4.

sete semanas, ou a guerra Franco-prussiana, que durou cinco semanas, e com objetivos limitados, visando, por exemplo, uma melhora de posição, que seria buscada de forma conservadora e com riscos limitados. A dinâmica desse tipo de guerra era que, tão logo um lado fosse derrotado em uma batalha importante, estava declarada a derrota. O vitorioso, então, faria uma oferta de paz, que contribuiria para que o outro lado aceitasse a derrota. Segundo Kahn, outro suporte para essa crença dos especialistas era o volume e a importância do comércio internacional, fazendo crer que uma guerra atrapalharia de forma vital a interdependência econômica das nações. Portanto, argumenta que quase todo mundo esperava que a guerra iniciada em 1914 seria curta.¹⁰

Todavia, a realidade, para Kahn, se mostrou diversa da expectativa. Como Kahn argumenta, além de a guerra ser longa, ela também foi inovadora em seus aspectos técnicos, com a metralhadora, o arame farpado, as trincheiras, o gás venenoso, o submarino, o tanque e os aviões, que, aliados à resiliência dos soldados e dos civis e às necessidades econômicas e políticas, produziram uma ferida na experiência das pessoas que viveram a guerra.¹¹

Parte por esse trauma, parte pela crença de que aquilo não voltaria acontecer, para Kahn, ao fim da I Guerra, os vencedores – Inglaterra, França e EUA – deixaram de lado as novas ideias, tecnologias e técnicas que surgiram. Assim, segundo Kahn, “... como sempre, foi o derrotado quem melhor aprendeu as lições da guerra”¹². Kahn confirma essa impressão acrescentando como, então, houve um despreparo com as possibilidades das mudanças tecnológicas, táticas e estratégicas citando o exemplo da Linha Maginot. Para a França, ela seria a solução de todos os problemas militares, fazendo com que os especialistas militares franceses parassem de analisar outras ideias e de ponderar os riscos de pôr uma grande ênfase em uma só ideia.¹³

Já no ambiente entre guerras, segundo Kahn, apesar de muitas das restrições do Tratado de Versalhes parecerem severas para alguns contemporâneos, os alemães encontraram uma forma de violar o tratado, tanto no espírito, quanto na letra da lei, como, por exemplo, ao colocar homens em serviço militar por meio de exércitos privados clandestinos. Kahn argumenta que havia, já em 1919, uma desilusão parcial com o Tratado, acompanhada

¹⁰ KAHN, H., *On thermonuclear war* 1969, p. 350.

¹¹ KAHN, H., *On thermonuclear war* 1969, p. 351-356; BENJAMIN, W. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. v.1. p. 115; KEEGAN, J., 1995, p. 321, 372, 375; HOBSBAWM, E., 1995, p. 32-34; VIZENTINI, P. F., 2000, p. 36, 38, 47.

¹² KAHN, H., *On thermonuclear war*. 1969, p. 353. “...as always, it was the defeated who learned best the lessons of war” (Tradução nossa).

¹³ KAHN, H., *On thermonuclear war*. 1969, p. 409.

de uma defesa mais ampla pelo desarmamento, que, em alguns casos, continuou até 1934, após a ascensão de Hitler. Isso, para Kahn, ocorreu por um sentimento contrário à guerra.¹⁴

Kahn considera esse suposto espírito de desarmamento dos anos 20 e 30 como desastroso e ingênuo. Ele explica esse juízo com a construção histórica que fornece. Argumenta que logo após Hitler ascender ao poder, em 1933, a Alemanha iniciou seu rearmamento. Apesar de gerar alguma tensão, a crise só ficou aguda quando a Alemanha retirou-se de uma conferência sobre desarmamento da Liga das Nações, em 14 de Outubro de 1933. Essa atitude fortaleceu Hitler, já que mostrou para ele e para seus contendores que ele poderia desafiar a opinião pública e os clamores morais. Além disso, para Kahn, a postura de Hitler demonstrou que as reclamações estrangeiras e públicas não tinham efeito dissuasivo, principalmente se Hitler possuísse um discurso dentro da Alemanha de necessidade histórica para seus atos.¹⁵

Após isso, conforme Kahn, ansiosos para aliviar as ansiedades, alguns tratados foram feitos, como um naval entre Inglaterra e Alemanha, em Maio de 1935, que serviram para aliviar a tensão, porém, também geraram desatenção com os eventos que viriam. Finalmente, em Novembro de 1937, Hitler se reuniu com seus conselheiros militares e explicou o futuro da política militar do Reich. Hitler, acreditando que seu armamento era superior ou igual aos outros da Europa, resolveu que era hora de explorar essa superioridade. Isso tudo, cinco anos após Hitler assumir o poder de uma Alemanha em desvantagem. Portanto, para Kahn, mesmo nos pequenos sucessos nas campanhas diplomáticas que antecederam a guerra, as forças Aliadas estavam assustadas com o quão perto estavam de uma nova guerra mundial. Nesse clima, Hitler aproveitou seguidamente a alternância entre ameaças maníacas e apelos racionais.¹⁶

Conforme Kahn, estava claro que o povo alemão não queria a guerra e o exército alemão também não, enquanto que Hitler, sim, estava inclinado à guerra. Dessa forma, para Kahn, os Aliados deveriam ter percebido que, conforme a política de dissuasão não tinha mais efeito, deveria haver uma propensão à guerra. Contudo, para Kahn, as democracias eram incapazes disso e, Hitler, ao usar crises e manobras repetidamente, forçou-as a terem que pensar que a guerra deveria ser lutada e não dissuadida. Cada vez que Hitler apresentava a opção de guerra ou paz, as democracias eram desmoralizadas. Kahn conclui que Hitler, portanto, nunca ameaçou iniciar uma guerra contra França e Inglaterra, ele simplesmente

¹⁴ KAHN, H., **On thermonuclear war**, 1969, p. 388-390.

¹⁵ Ibid., p. 391-393.

¹⁶ Ibid., p. 393, 395-396, 400-401.

ameaçou retaliar caso fosse atacado. Para Kahn, a história entre 1933-1939 foi o exemplo claro de falha da dissuasão, que decorreu do fato de nem a Inglaterra, nem a França, resolverem usar seu poder militar ou seus recursos superiores para frear a Alemanha antes que os eventos tomassem o rumo que tomaram.¹⁷

Pensando a II Guerra no Pacífico, Kahn argumenta que a operação singular mais interessante foi o ataque japonês a Pearl Harbor, pelas considerações que influenciaram a decisão, pela maneira competente que foi feito o planejamento e pela forma que o ataque foi executado. A preocupação japonesa era em realizar um ataque surpresa e, para isso, instituíram um programa de pesquisa e desenvolvimento. Não havia nesse esforço, conforme Kahn, um plano futuro. Era apenas uma alternativa contra a frota estadunidense que ficava em Pearl Harbor, que se baseava em um conhecimento japonês superior ao dos EUA sobre localização e número de tropas na base. Por fim, para Kahn, o Japão atacou os EUA, primeiramente, devido à necessidade expansionista, pois, caso não o fizesse, teriam que retardar ou mesmo parar suas conquistas na Ásia, e, o principal, porque eles conquistariam uma posição vantajosa. Então, apesar da análise que fizeram de 50% de chance de o ataque surpresa dar certo, que era, ainda, uma probabilidade maior do que um ataque surpresa nas Filipinas, os japoneses optaram por um ataque a Pearl Harbor.¹⁸

No aspecto técnico e tecnológico, Kahn defende uma tendência que percorreu as duas guerras. Na I Guerra, os militares se deparam com invenções, tecnologias e, portanto, uma nova situação para qual, só durante a II Guerra, encontrou-se solução. Tanto a utilização dos tanques, quanto a de outros artefatos tecnológicos que marcaram a I Guerra, era mais efetiva quando seguia orientações dadas por aqueles que os desenvolveram do que as dadas pelos seus operadores. Um exemplo disso foi que, somente no último ano da I Guerra, os ingleses chegaram a uma estratégia ideal para o uso de tanques e aviões.¹⁹

Já a II Guerra, conforme Kahn, presenciou o envolvimento inédito de engenheiros, cientistas e tecnólogos nos meios militares, pois, segundo ele, há, entre os meios militares das democracias, uma boa recepção à tecnologia, inclusive, em alguns casos, a tecnologias ainda prematuras. Dessa forma, para ele, o atraso do Eixo para usar os recursos científicos e técnicos disponíveis teve um papel importante na derrota. A ênfase das democracias no desenvolvimento tecnológico esteve praticamente ausente no período entre guerras, como já

¹⁷ KAHN, H., **On thermonuclear war**, 1969, p. 401-403, 378.

¹⁸ Ibid, p. 411-415.

¹⁹ Ibid, p. 351-352.

comentamos. Kahn comprova isso citando Vannevar Bush²⁰, que afirmou que os dispositivos usados na II Guerra foram, exceto a energia atômica, construídos e desenvolvidos em 1918. Nos EUA, isso ocorreu, segundo Bush, devido ao isolacionismo e a crença de que grandes guerras não aconteceriam mais. Portanto “a Segunda Guerra começou onde a primeira acabou”²¹. Assim, o transcorrer da II Guerra apresentou um conjunto novo de equipamentos com os quais os militares não tinham familiaridade e experiência. Essa falta de experiência também existia em relação à guerra que utilizava tais equipamentos. Além disso, Kahn e Mann argumentam que, como as operações militares do período estavam relacionadas com física aplicada – tal como a disposição de radares ou a bomba atômica – uma abordagem teórica e analítica era mais proveitosa, o que justificava o envolvimento de civis ligados à tecnologia, à engenharia e a ciências.²²

Kahn reconhecia que seu livro *OTW* era um resultado indireto desse pensamento sobre a guerra que surgira durante a II Guerra. Essa ascendência se delineara anteriormente e foi exposta em um relatório de 1957 com o título *Techniques of Systems Analysis* (TSA), ainda quando Kahn era um analista de uma das principais instituições de consultoria da Força Aérea estadunidense no período pós-guerra, a RAND Corporation. O relatório faria parte de um livro que Kahn lançaria junto com um parceiro, Irwin Mann, nunca editado que se chamaria *Military Planning in an Uncertain World*. O principal objetivo do livro era abordar algumas contribuições que as análises técnica, científica, sistemática e operacional poderiam dar ao planejamento militar. O livro teria três partes. A primeira se chamaria *Techniques of Systems Analysis*. Ela foi finalizada e publicada integralmente, formando o relatório homônimo. Em linhas gerais, apresentava a *Systems Analysis* (SA), que era o planejamento da defesa dos EUA de forma sistemática e integrada com outros fatores que não somente aqueles próprios da esfera militar. A uma última parte do livro, cujo título seria *Philosophical and methodological comments*, abordaria questões metodológicas e filosóficas do planejamento militar, no sentido de dar dicas e identificar problemas do planejamento. Dentre os três capítulos planejados para essa parte, apenas o *Ten common pitfalls* foi lançado. Por fim, a segunda parte teria o título *Techniques of Operations Research*. Ela conteria os relatórios *Game Theory*, *War Gaming* e *Monte Carlo*, entre outros não lançados, que tratariam de economia básica, estatística e probabilidade. Esse capítulo tratava do pensamento

²⁰ Voltaremos a ele mais à frente, mas foi um dos engenheiros e cientistas responsáveis pela aproximação dos cientistas do setor militar durante a II Guerra.

²¹ Essa citação é de Vannevar Bush, que Kahn retira das páginas 15-16 do livro *Modern Arms and Free Men*, de 1949. KAHN, H., *On thermonuclear war*, 1969, p. 380. “the Second World War began where the first one ended” (tradução nossa).

²² KAHN, H., 1957, p. 2-4; KAHN, H., *On thermonuclear war*, 1969, p. 379.

probabilístico e das formas de simular as políticas de defesa e, então, realizar o planejamento. Todas essas partes foram lançadas como relatórios da Corporação RAND.²³

A *Systems Analysis* (SA), conforme aparece no TSA, era um produto mais recente e que derivava diretamente da *Operations Research* (OR), que é exposta parcialmente, por Kahn e Mann, nos relatórios *Game Theory*, *War Gaming* e *Monte Carlo*. A OR era, no contexto da guerra, o estudo das operações militares. Esse estudo remetia diretamente ao tipo de atividade desenvolvida por cientistas, engenheiros e tecnólogos durante a II Guerra e remontava o tipo de pensamento racional e de estudo de operação militar que, conforme Kahn e Mann expõem no TSA, ou mesmo Kahn expõe no OE ao citar os bizantinos, era mais antiga, mas, com a OR, recebera um novo ímpeto²⁴.

I.1.b. *Operations Research*: a racionalização da guerra

Em 1943, Kahn estava cursando Física na UCLA, onde ingressara em 1940, após se transferir da University of Southern California, onde cursava Engenharia Química, quando foi pré-convocado pelas forças armadas, junto com um amigo de faculdade, Sam Cohen. Como parte do processo de admissão, Kahn fez um teste de aptidão mental. Ele, além de ter sido o primeiro aspirante, na história, a conseguir entregar o teste finalizado, foi também quem obteve a maior pontuação desde que o teste era aplicado. Assim, Kahn ingressou na Força Aérea do Exército. Kahn fora chamado dentro de uma política de convocação que teve início após 7 de Dezembro de 1941, data do ataque japonês a Pearl Harbor.²⁵

Além da influência na vida de Kahn e de outros estadunidenses, o ataque influenciou o trabalho dos elaboradores de políticas dos EUA, que passaram a dedicar mais atenção à defesa do país e suas fragilidades. Pensando na continuidade da guerra e como evitar episódios semelhantes, os responsáveis pelo planejamento militar dos EUA recorreram a *Operations Research*.²⁶

²³ KAHN, H., **On thermonuclear war**, 1969, p. 119-122; KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**. Santa Monica: RAND Corporation, 1957; KAHN, H. e MANN, I. **Game theory**. Santa Monica: RAND Corporation, 1957.; KAHN, H. e MANN, I. **Ten common pitfalls**. Santa Monica: RAND Corporation, 1957; KAHN, H. e MANN, I. **War Gaming**. Santa Monica: RAND Corporation, 1957; KAHN, H. e MANN, I. **Monte Carlo**. Santa Monica: RAND Corporation, 1957.

²⁴ KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**. 1957, p. 1.

²⁵ GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 61-63; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 4, 9-13. A Força Aérea só se tornou uma força armada independente do exército em 1947.

²⁶ SHRADER, Charles. R. **History of Operations Research in the United States Army**. Volume I: 1942-62. Washington D.C.: United States Army, 2006, p. 43.

A OR originara-se na Inglaterra, entre 1934 e 1935, com a preocupação em defender o país contra ataques aéreos, o que se tornava urgente frente à militarização da Alemanha sob o governo de Hitler. O desenvolvimento da defesa aérea inglesa estava, nesse momento, intimamente ligado ao desenvolvimento do radar. Foi pelo contato entre Inglaterra e EUA, decorrente da II Guerra, que a técnica foi introduzida no país americano. O *Office of Scientific Research and Development* (OSRD), criado pelos EUA, em 1941, foi uma porta de entrada para a OR no país. Os contatos iniciados e o interesse dos EUA pela aplicação da OR na organização militar ficaram mais intensos após o ataque a Pearl Harbor.²⁷

A OR era, de forma geral, um grupo de civis ligados a um braço operacional de alguma força armada que, em um primeiro momento, coletava evidências quantitativas, essencialmente dados operacionais, sobre os armamentos, os equipamentos, as táticas e outros elementos de operação de campo. Os pesquisadores analisavam, avaliavam, redefiniam e submetiam esses dados à análise científica e à matemática buscando um melhor desempenho e resultados que pudessem ajudar os responsáveis pelas decisões. Destarte, os pesquisadores de operações abordavam basicamente duas frentes que estavam interligadas: operações específicas e alocações de recursos.²⁸

Ao se propor a analisar operações, a OR cobria uma gama ampla de questões que incluía tópicos referentes à melhor altitude de voo, à melhor forma de distribuir a carga, aos melhores métodos de ataque, à distribuição geográfica, às características de mira usadas, etc. A forma que encontraram para responder essas questões era o trabalho com diferentes possibilidades e a mensuração dos níveis de probabilidade de efetivação das diferentes propostas de uso dos recursos. As bases desse trabalho probabilístico e de caráter quantitativo sobre a realidade concreta e material militar eram aliadas aos raciocínios dedutivos e indutivos, sendo que a dedução era quantitativa e a indução, projeções estatísticas. Ao realizar a análise, a OR também conseguia melhorar a efetividade das operações, o que refletia diretamente na utilização dos recursos, já que as melhorias táticas obtinham resultados melhores e mais rápidos, simples e baratos do que o investimento direto em armas. Isso, portanto, incentivava mais investimentos nos grupos de OR.²⁹

²⁷ FORTUN, M. and SCHWEBER, S. S. Scientists and the Legacy of World War II: The Case of Operations Research (OR). *Social Studies of Science*, Vol. 23, No. 4 (Nov., 1993), p. 600-604; SHRADER, 2006, p. 9, 14-17; MCMAHON, Robert J. *The cold war: a very short introduction*. New York: Oxford University Press, 2003, p.6, 18-23; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 47. Alguns defensores dessa prática traçam-na já com Arquimedes, no século II a.C. SHRADER, C., 2006, p. 3.

²⁸ FORTUN, M. and SCHWEBER, S. S., 1993, p. 600-601, 628-629; SHRADER, C. 2006, p. 6, 17.

²⁹ FORTUN, M. and SCHWEBER, S. S., 1993, p. 604-605, 610; KAHN, H. e MANN, I. *Techniques of systems analysis*, 1957, p. 2.

Além de ser aplicada em operações específicas e na alocação de recursos, a OR também foi utilizada no auxílio da organização e da operação de pessoas e máquinas que compunham os diversos setores das forças armadas, no planejamento de campanhas maiores, abarcando estratégia, logística, preparação e administração das pessoas e na relação de custo e eficácia das armas. Portanto, a OR teve sua utilização ampliada durante a II Guerra, visando melhorar a utilização das forças militares e das armas disponíveis por meio do estudo de processos em andamento e propondo mudanças que poderiam ser implementadas prontamente, com resultados no curto prazo.³⁰

Essas ampliações ocorreram em paralelo ao aumento do número de civis que trabalhavam com OR. Os grupos estadunidenses tiveram papel significativo nesse processo, uma vez que abordaram outras aplicações que as usadas na Inglaterra, desenvolvendo novos métodos e alianças técnicas e teóricas e acrescentando novas ferramentas às técnicas matemáticas já usadas. Um exemplo foi um grupo naval, o primeiro a usar OR nos EUA, em Janeiro de 1942, que se debruçou sobre a questão das minas no Japão. Portanto, a OR não foi a mesma nos EUA e na Inglaterra, nem entre os diferentes setores das forças armadas. As forças naval e aérea estadunidenses, assim como a Inglaterra, preferiram o trabalho dos profissionais das ciências exatas, enquanto o exército dos EUA também tinha, entre os seus, advogados e economistas. A OR inglesa, por estar totalmente envolvida com a guerra, tendo, por isso, finalidades mais imediatas e recursos delimitados pelo armamento disponível, era dominada por uma aplicação bem determinada, compreendendo os sistemas e as armas como fixos e imutáveis. Era uma tentativa de usar o que se tinha em mãos da melhor maneira possível dentro de um ambiente bem definido. Já os EUA buscavam uma melhor integração das técnicas com as tecnologias que surgiam, uma vez que sua força militar crescia e se desenvolvia durante a guerra³¹.

A ampliação da OR para outras finalidades que não somente resolver os problemas do momento e otimizar a relação equipamento, tecnologia e aplicação, revelou outra característica latente dos planejamentos que se delineavam: o caráter preditivo. Uma vez que os conselhos eram cursos de ação que conduziriam a determinados resultados, as análises e as pesquisas forneceriam previsões que funcionariam como guias para o desenvolvimento de estratégias, táticas e armas. Havia, portanto, uma dimensão política, já que as sugestões dos cientistas civis, uma vez escolhidas como políticas de guerra, influenciavam o orçamento e a

³⁰ FORTUN, M. and SCHWEBER, S. S., 1993, p 602; SHRADER, C., 2006, p. 43.

³¹ FORTUN, M. and SCHWEBER, S. S., 1993, p. 602-604, 607; SHRADER, C., 2006, p. 14-17, 41.

política durante a guerra. O que dava peso e credibilidade a essas sugestões era o caráter técnico, racional e científico que possuíam.³²

Apesar de ter cientistas de diferentes campos, o elemento científico da OR foi dado essencialmente pelas ciências duras, principalmente pelos físicos, contribuindo e afirmando a II Guerra como reflexo da visão racional e estruturando-a como um trabalho científico sistemático. Os físicos trouxeram a objetividade, uma pretensa neutralidade e a metodologia científica para o planejamento militar. A preponderância dos físicos na pesquisa e no planejamento militar se deu devido ao domínio de determinados recursos matemáticos e à experiência com modelagem probabilística. A geração dos formados nos anos 30 teve amplo contato com técnicas de análise numérica, de probabilidade e de estatística, principalmente por causa dos estudos de mecânica quântica. Outro importante motivo para o sucesso dos físicos foi o vínculo que possuíam com o desenvolvimento de tecnologias. Como eram os físicos os principais desenvolvedores da tecnologia militar e também os responsáveis por implementá-las com efetividade na logística da guerra, eles conseguiram ocupar muitos cargos nos grupos de OR, o que permitiu que a comunidade científica reunisse bastante recursos para seu desenvolvimento.³³

Essa confiança nos cientistas era algo intrínseco às características essenciais da OR. A OR assumia a existência de uma realidade física exterior concreta, passível de ser sistematizada e na qual os fatos deveriam estar relacionados com a teoria. Os cientistas eram os únicos capazes de lidar com essa configuração e interpretá-la, já que estavam treinados a observar a realidade e realizar experimentos que permitiam alinhar fatos e teoria. Os problemas eram examinados como parte de um todo, buscando diversos caminhos, os resultados possíveis e suas relações com o objetivo da operação. Para realizar suas tarefas, os cientistas de OR buscavam acesso a toda informação e possuíam a liberdade para investigar o que lhes parecesse necessário. Em suma, os cientistas possuíam um método (o científico), que se mostrava efetivo e indicado para lidar com o planejamento militar. A OR, por isso, ganhou uma imagem de poder e eficácia.³⁴

O sucesso definitivo da OR e, no caso dos EUA, da OSRD, deu-se com o que foi considerada a vitória na II Guerra. Muito dessa vitória foi atribuída aos físicos, devido, por exemplo, ao radar, aos mísseis e à bomba atômica. Após 1945, consolidou-se a visão, tanto para físicos, quanto para os *policy makers*, de que a segurança nacional estadunidense

³² FORTUN, M. and SCHWEBER, S. S., 1993, p. 600-602; SHRADER, C., 2006, p. 42.

³³ FORTUN, M. and SCHWEBER, S. S., 1993, p. 611-613, 625-627; SHRADER, C., 2006, p. 43.

³⁴ FORTUN, M. and SCHWEBER, S. S., 1993, p. 611-613.

dependia da superioridade tecnológica, o que poderia equilibrar a presença do exército soviético na Europa. A partir de então, as técnicas da OR extrapolaram sua função anterior. Enquanto a OR se tornou essencial para as doutrinas táticas e para o planejamento estratégico, algumas de suas técnicas e ideias se tornaram parte do planejamento da política internacional e da defesa do país.³⁵

Isso criou uma sobreposição entre ciência e tecnologia militar, estendendo o papel dos físicos durante e após a guerra e abrindo novos nichos de trabalho para eles. Outro resultado dessa interação foi a transposição das formas de trabalho, aliando a ciência ao planejamento militar de forma impactante. A Marinha e a Força Aérea acreditaram que a segurança da nação e a ampliação de seu domínio como força mundial dependiam da capacidade de criação da comunidade científica, do desenvolvimento tecnológico e da força das instituições responsáveis pela educação superior. Por isso, investiu maciçamente na manutenção e expansão desses setores. Um dos grupos de OR durante a II Guerra procedeu do MIT e tinha como um dos membros John von Neumann, um físico e matemático húngaro-estadunidense, que foi um dos formuladores de métodos probabilísticos usados no planejamento e que aproximou a *game theory* da OR. von Neumann foi um cientista muito admirado pela sua inteligência matemática, inclusive por Kahn. Esse grupo do MIT, posteriormente, expandiu-se para o grupo de pesquisa e desenvolvimento ligado à Marinha. No início da década de 50, a maior parte dos que trabalhavam com OR estavam empregados nas forças armadas. Também após a guerra, devido ao sucesso no meio militar, a OR se disseminou entre empresas, formou sociedades profissionais, com publicações e eventos, e alcançou esferas acadêmicas nos EUA e na Inglaterra.³⁶

Kahn não foi um utilizador, nem propagandista da OR durante a guerra. Contudo, Kahn viveu esse meio. Após alistado e convocado, Kahn foi designado pelo Exército dos EUA para estudar engenharia elétrica na *University of West Virginia*. Porém, rapidamente foi transferido para o treinamento como engenheiro de transmissão. Durante a Guerra, Sam Cohen, o colega que entrara junto com Kahn no exército, por já estar formado, foi enviado para o Projeto Manhattan. Cohen tentou integrar Kahn na equipe em que trabalhava em Los Alamos, porém, quando conseguiu, Kahn já tinha sido transferido para Burma (atual Mianmar) e estava impedido de ser transferido novamente. Em Burma, Kahn trabalhou em

³⁵ KEVLES, Dan. Cold War and Hot Physics: Science, Security, and the American State, 1945-56. **Historical Studies in the Physical and Biological Sciences**, Vol. 20, No. 2 (1990), pp. 239-264, p. 239; MCMAHON, Robert J., 2003, p. 6; SHRADER, C., 2006, p. 43.

³⁶ FORTUN, M. and SCHWEBER, S. S., 1993, p. 595-598, 603-604, 607, 610-612, 628-629; SHRADER, C., 2006, p. 43; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 25; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 133.

uma base de operações como receptor e transmissor de uma linha de telefone entre Burma e Chunking, na China. Kahn ficou envolvido nessa atividade até 17 de Agosto de 1945. Portanto, Kahn estava na Ásia quando ocorreram os dois ataques atômicos, em 6 e 9 de Agosto de 1945.³⁷

A proximidade de Kahn com o lançamento das bombas não foi somente física, mas foi também com a possibilidade de uma guerra atômica, que, no período posterior à guerra, engendrou novas formas de encarar a defesa dos EUA. Tanto os técnicos e tecnólogos, quanto os consultores políticos, adquiriram um papel cada vez mais central nas decisões administrativas do meio militar e foi a OR que fez os militares e os administradores confiarem na capacidade dos cientistas em relação à administração e à avaliação de riscos no planejamento militar.³⁸

Apesar de a OR ser o ponto de partida para a constituição do planejamento militar pós-guerra, ele não se resumiu à OR. O trabalho amplo e interdisciplinar de Kahn já era um indicativo disso. Alguns instrumentos, conceitos, métodos e técnicas utilizados por Kahn para lidar com o futuro vieram da OR. Pela preocupação praticamente imediata, não havia na OR uma formulação elaborada sobre o futuro além da previsão necessária ao planejamento. Era, essencialmente, planejamento militar. Por outro lado, a OR apresentava características de uma análise sistêmica, uma vez que considerava diversos fatores interagindo, formando um sistema. A decisão sobre a melhor estratégia para bombardear um alvo, por exemplo, não consideraria somente a relação do número de bombas para alcançar uma destruição mais efetiva sem grandes gastos, mas levaria em conta também as possibilidades meteorológicas, as quais poderiam ser decisivas em determinada estratégia, assim como as questões geográficas. Esse tipo de trabalho de elaboração de planejamentos militares que enfocavam, simultaneamente, diferentes fatores também propiciou o trabalho em um ambiente multidisciplinar.

Portanto, Kahn não foi o gênio criador de uma nova forma de planejar. O contato definitivo que Kahn estabeleceu com a OR e com o que apareceria decorrente dela ocorreu na RAND Corporation. Lá, ele não só aprendeu as técnicas e as teorias sobre o planejamento, mas também aprendeu como se construía uma fábrica de ideias, um *think tank*. A partir desse ponto, Kahn se tornava agente e intérprete da história que contava.

³⁷ BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 9-12; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 63.

³⁸ FORTUN, M. and SCHWEBER, S. S., 1993, p. 598-599; KAHN, H. e MANN, I., **Techniques of systems analysis**, 1957,, p. 1.

I.1.c. RAND Corporation: a escola da guerra futura

Os institutos estadunidenses de consultoria, os *think tanks*, foram um instrumento importante para o planejamento militar nos anos pós-guerra. O fato de serem financiados pelas forças armadas comprova esse papel. Relações contratuais entre pesquisadores e órgãos militares eram rotina para a OSRD durante a guerra e vários elos foram estabelecidos com laboratórios de universidades, inclusive com a finalidade de usar a OR. Os resultados dessas contribuições impressionaram o alto comando da Força Aérea dos EUA.³⁹

Um dos generais da Força Aérea, Henry Harley Arnold, acreditava, ao fim da II Guerra, que uma próxima guerra seria decidida pelos cientistas, pois em um mundo já consideravelmente encolhido pela tecnologia, a escala de guerra no final do século XX seria possivelmente global, na velocidade supersônica e com um poder destrutivo mil vezes maior do que antes. Para isso, ele buscou uma maneira para que o financiamento da pesquisa militar não se perdesse, o que levaria os cientistas de volta às universidades e à indústria privada. Em paralelo a isso, alguns cientistas ligados à OR e à pesquisa e desenvolvimento durante a guerra também tinham interesse em manter a parceria com os militares.⁴⁰

Em um encontro na Califórnia, em outubro de 1945, membros da Força Aérea e líderes de indústrias idealizaram uma organização que forneceria análises científicas independentes, principalmente em áreas comuns ao planejamento, à política e à tecnologia militar. A maneira encontrada para melhor alocar os cientistas dentro desse enfoque foi ligar o projeto a uma empresa fora de Washington D.C., afastando-os assim dos órgãos existentes de serviço civil. Também foi necessário arranjar outro nicho que não o universitário, que na avaliação dos participantes da reunião, não se interessaria por essa aliança entre ciência e interesses privados e militares. A empresa escolhida – e que aceitou a incumbência – foi a Douglas Aircraft Company. Teve início, assim, em 02 de Março de 1946, o projeto RAND (acrônimo para Research and Development) com um contrato exclusivo de dez milhões de dólares com a Força Aérea para estudar questões técnicas sobre mísseis e outros dispositivos de alcance intercontinental.⁴¹

³⁹ SMITH, J.A., 1991, p. 115; FORTUN, M. and SCHWEBER, S. S., 1993, p. 610-611

⁴⁰ SMITH, J.A., 1991, p. 114.

⁴¹ SHRADER, C., 2006, p. 69; SMITH, J.A., 1991, p. 117; DICKSON, Paul. **Think tanks**. New York: Atheneum, 1971, p. 24; RICH, Andrew. **Think tanks, public policy and the politics of expertise**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p.42; STEVENSON, Jonathan. **Thinking beyond the unthinkable: harnessing doom from the Cold War to the War on Terror**. New York: Viking Penguin, 2008, p. 35-36.

Em 1947, o projeto RAND ganhou sede própria, com escritórios em Santa Monica, Califórnia e, nos anos iniciais de 1948, o *staff* do projeto já superava duzentas pessoas. Em Maio de 1948, o RAND se tornou uma corporação independente e sem fins lucrativos. Isso ocorreu, primeiramente, devido a conflitos de interesse, já que concorrentes da Douglas Company viam como uma vantagem o contrato exclusivo que ela tinha, via projeto RAND, com a Força Aérea. Por outro lado, esse contrato também parecia nocivo à Douglas, pois impedia que ela firmasse contrato com outros órgãos governamentais.⁴²

Já como uma corporação, em julho de 1948, a RAND obteve um empréstimo de um milhão de dólares da Ford Foundation e, em Novembro, dispunha de um quadro de cerca de trezentos empregados. A RAND manteve o contrato com a Força Aérea, o qual ainda estava influenciado pela mentalidade da OR, uma vez que pretendia que estudos e pesquisas científicas deveriam ser realizados abordando amplamente a guerra aérea e visando recomendar melhores métodos, técnicas e instrumentalidades.⁴³

A RAND e sua forma de trabalho tinham uma abordagem científica que incomodara alguns cientistas já durante a guerra. A questão levantada por essas consultorias militares, iniciada pelos grupos de OR durante guerra, era acerca do estatuto de ciência e sua prática após a guerra. Além das lições aprendidas com a OR, os cientistas e *policy makers* estadunidenses aprenderam com a OSRD e com o Projeto Manhattan que a defesa nacional dependia de ciência pura, assim como de pesquisas voltadas à tecnologia de segurança nacional, ou seja, de ciência aplicada. Nesse sentido, e seguindo o modelo da OSRD, houve a intenção tanto de continuar com a pesquisa em laboratórios de governo, quanto em laboratórios civis, ou seja, de universidades e indústrias.⁴⁴

Alguns cientistas da OSRD defendiam também que suas pesquisas deveriam continuar independentes do controle militar. Em favor disso, Vannevar Bush, o líder da OSRD, tinha como argumento que os planejadores militares só saberiam como explorar as novas armas se os cientistas que prestavam serviço a eles estivessem familiarizados com o que ocorria nos laboratórios. Por outro lado, esses cientistas precisavam entender também que tipo de armas precisavam ser desenvolvidas, o que passava por ter acesso às necessidades estratégicas dos militares. Essa tentativa de Bush de se manter o máximo possível afastado dos programas de OR – apesar de ela ter chegado às forças armadas estadunidenses por meio da OSRD e de

⁴² SHRADER, C., 2006, p. 59-60; SMITH, J.A., 1991, p. 115.

⁴³ MCGANN, J.G., 1992., p. 735; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005. p. 51-52; SHRADER, C., 2006, p. 60; DICKSON, P., 1971, p. 24.

⁴⁴ KEVLES, D., 1990, p. 239-240.

Bush – estava assentada em um ideal puro de ciência que defendia que os cientistas mantivessem ou recuperassem, ao fim da guerra, os seus trabalhos no setor civil.⁴⁵

Todavia, alguns cientistas tinham desenvolvido uma predileção e uma necessidade pelos grandes projetos científicos e não viam problema no financiamento governamental. Porém, o fim da OSRD findara o intermediário civil entre ciência acadêmica e setor militar. Conforme Farnerud, isso engendrou dois tipos gerais de trabalhos que os físicos e cientistas prestavam para a defesa: de dispositivos e de estratégia. O primeiro era produzido em laboratórios e tratava de equipamentos e dispositivos militares, e, o segundo, era o conjunto de produtos da RAND Corporation, por exemplo.⁴⁶

A RAND foi uma continuidade da OSRD ao trabalhar com *research and development* (ou R and D). R&D não era um termo genérico, mas tinha um significado próprio, dado pela *National Science Foundation*. Conforme essa definição, ela congregaria três atividades. Primeiramente, seria a pesquisa básica, ou a pesquisa não dirigida. Era a busca pelo conhecimento sem objetivos exteriores. Era o que alguns cientistas, como Bush e outros⁴⁷, por exemplo, defendiam como a prática científica ideal. Outra atividade dentro da alcunha de R&D era a pesquisa aplicada, ou seja, a pesquisa voltada para um fim declarado. Por exemplo, a cura de uma doença ou um tipo de bomba mais adequada para destruir concreto. A última atividade era a de desenvolvimento. Ela consistia no uso sistemático das duas formas anteriores de pesquisa para criar e produzir dispositivos concretos. Era o desenvolvimento e a experimentação de um produto ou um processo, apesar de não ser sua produção. Portanto, a RAND Corporation era designada para atender esses três setores ao prestar serviço para as forças armadas.⁴⁸

Para atender a essas finalidades, a RAND seguiu a tendência de empregar cientistas, os quais ganharam o papel de delineadores das bases para a decisão, por meio da OR. A RAND, em seus primeiros anos, desenvolveu trabalhos sobre motores para foguetes, sobre propulsão nuclear, sobre teoria dos jogos aplicada à guerra, sobre fadiga de materiais, entre outros. Foi devido a um dos primeiros estudos da RAND que a Força Aérea adotou o

⁴⁵ AASERUD, Finn. Sputnik and the “Princeton Three”: The National Security Laboratory. **Historical Studies in the Physical and Biological Sciences**, Vol. 25, No. 2 (1995), pp 185-239, p. 186; SHRADER, C., 2006, p. 16-18; KEVLES, D., 1990, p. 240.

⁴⁶ AASERUD, F., 1995, p. 186-187.

⁴⁷ Outro exemplo dessa questão das diferentes visões de ciência no pós-guerra e as disputas de espaços institucionais é a biografia de Merle Tuve. Cf. WANG, Jessica. Physics, Emotion and Scientific Self: Merle Tuve’s Cold War. **Historical Studies in the Natural Sciences**. Vol. 42, N.5 (November 2012), pp. 341-388.

⁴⁸ DICKSON, P., 1971, p. 8.

reabastecimento em voo para aviões militares. Ela também incentivou a criação de uma nova indústria metalúrgica, ao demonstrar a utilidade do titânio para voos espaciais.⁴⁹

Um elemento que foi potencializado pela RAND, e que estava relacionado à tentativa de realizar a análise científica ampla das questões da Força Aérea, foi contratar economistas, cientistas políticos, psicólogos e cientistas sociais para trabalharem junto aos cientistas das ciências duras, principalmente físicos teóricos. Prognosticar a guerra aérea futura e os sistemas de armas alternativos passou a ter uma perspectiva mais teórica, política, sociológica e econômica. A RAND também atraiu pesquisadores jovens devido a uma série de fatores: primeiramente, pela liberdade que a RAND dava ao modo de trabalho; a RAND também oferecia recursos, bons pagamentos e benefícios, os quais poderiam ser complementados com aulas e consultorias; sua sede era próxima ao mar e muitos pesquisadores aproveitavam para descansar ou relaxar nas areias da Califórnia; emulava uma instituição acadêmica, porém, sem estudantes e sem encontros de professores; e disponibilizava o trabalho com equipes interdisciplinares e em diferentes níveis da pesquisa. Todavia, a pesquisa era delimitada pelas necessidades da Força Aérea e, por isso, havia uma grande pressão sobre os pesquisadores. Isso a tornava também atraente para a Força Aérea, uma vez que era mais conveniente e administrável em relação às informações sigilosas e de segurança do que um centro em uma universidade.⁵⁰

Arriscamos, aqui, cogitar que essa diferença conflituosa de enfoque sobre a ciência que cercava a RAND significou um conflito de gerações. De um lado, a visão de cientistas como Bush, e contemporâneos a ele, que tiveram sua formação completa nos anos 10, 20 ou 30 do século XX, ou seja, ainda sob uma influência vitoriana e de concepção de uma ciência “pura”. De outro lado, a visão de cientistas jovens, formados durante ou após a II Guerra, de uma ciência mais utilitarista e voltada a finalidades práticas. Essa questão pode ser posta também nos termos de uma visão de antes e uma de após a guerra, de gerações nascidas em épocas diferentes. Não é de estranhar que a maioria dos cientistas contratados pela RAND não eram experts consolidados, sendo que a média de idade do *staff*, por exemplo, era, nos primeiros dez anos do projeto-corporação, de vinte e sete anos.⁵¹

Um dos jovens cientistas empregados pelo projeto RAND na Douglas Company era Sam Cohen – o amigo que ingressara no Exército junto com Kahn. Foi Cohen que indicou Kahn para a RAND. Kahn foi contratado, em 1947 – mesmo ano em que obteve o mestrado

⁴⁹ DICKSON, P., 1971, p. 24; FORTUN, M. and SCHWEBER, S. S., 1993, p. 628-629.

⁵⁰ DICKSON, P., 1971, p. 24-25; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 15-16; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 51-52, 54; SHRADER, C., 2006, p. 60; STEVENSON, J., 2008, p. 38 e Cf. Capítulo 2.

⁵¹ STEVENSON, J., 2008, p. 38.

em Física pelo *California Institute of Technology* (CALTECH) – como um *computer*, ou seja, alguém que fazia os cálculos. Kahn, nesse período, publicou relatórios bastante técnicos e específicos, como, por exemplo, sobre atividades de partículas elementares e sobre a penetração de raios gamas em barreiras de proteção. Decorrente disso, dedicou-se ao método probabilístico chamado Monte Carlo. A grande contribuição de Kahn com o Monte Carlo foi desenvolver atalhos para os cálculos, principalmente ao usar um computador. Kahn participou de conferências e seminários sobre o tema. Isso, aliado com outros fatores – como o afastamento de outros grandes cientistas do tema – fizeram com que ele se tornasse uma autoridade no método. Kahn se dedicou ao método até 1952, quando deixou de ser seu principal interesse.⁵²

Devido aos seus trabalhos sobre o Monte Carlo, Kahn participou dos projetos de elaboração de um motor nuclear para aviões, que foi superado pelo reabastecimento durante o voo. Kahn também esteve envolvido nos projetos da bomba-H. Por conta desses trabalhos com física, Kahn tentou o Ph.D. na área, porém, não obteve sucesso, principalmente por sua pesquisa ser financiada comercialmente e por ter dificuldades em se organizar para escrever textos. Após isso, também encontrou forte concorrência dentro da área de energia atômica da RAND e, então, afastou-se desse tema, em 1954, quando tinha trinta e dois anos. Kahn, ao deixar as questões de física de lado, aproximou-se do setor de estudos de economia da RAND, onde foi bem recebido e reconhecido.⁵³

Kahn nesse período também se tornou consultor dos estudos de Albert Wohlstetter. Wohlstetter, nascido em 1913 – ou seja, nove anos mais velho que Kahn – era estudante de filosofia, com formação em lógica matemática. Ingressara na RAND nos anos iniciais do projeto e foi um dos pioneiros no uso da *game theory* na estratégia nuclear e na política de defesa. O sucesso de Wohlstetter na corporação veio com seus estudos sobre a defesa do país, nos quais propunha a ênfase na defesa dos elementos utilizados em bombardeio e o uso de bases em outros países – principalmente europeus – para reabastecimento de aviões. O sucesso das análises de Wohlstetter se deu, basicamente, por duas razões.⁵⁴

Primeiramente, sua proposta acompanhava um projeto maior da política estadunidense, que envolvia as relações internacionais, a defesa e, destarte, uma concepção mais ampla de segurança nacional. A defesa e o bem estar dos cidadãos do país estavam ligadas ao planejamento militar amplo e não se restringia mais ao território dos EUA, mas

⁵² BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 13, 16-18; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 63, 132-133.

⁵³ BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 18-33; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 65-66.

⁵⁴ SMITH, J.A., 1991, p. 119-121; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 34-35; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 67-68.

abarcava uma rede mundial composta de bases navais e aéreas. Uma meta para a segurança nacional era, agora, evitar o controle preponderante de outros Estados ou povos hostis sobre recursos, territórios e populações. Essa foi uma lição aprendida pela a segurança nacional dos EUA com a II Guerra: a importância da manutenção de um equilíbrio de poder favorável, principalmente na Eurásia. Nesse sentido, se o monopólio da bomba atômica foi uma das prioridades nos governos Roosevelt e Truman, estavam juntos dela a manutenção das forças naval e a área, a presença militar no Pacífico, o domínio sobre o ocidente e a atuação nos países derrotados. Estudos com temáticas internacionais envolvendo política, economia e questões militares ganharam destaque na RAND e eram abrangidos pelos *Articles of Incorporation* da corporação, que apresentava como os objetivos da corporação, além dos científicos, os educacionais e voltados ao bem-estar social e à política. Nesse sentido, a RAND produziu estudos sobre o potencial militar e econômico da URSS e sobre o sudeste da Ásia, por exemplo.⁵⁵

Outro fator decisivo para o sucesso da proposta de Wohlstetter nos meios militares foi o modo que o estudo foi desenvolvido: uma análise profunda e detalhista, que parecia ter abarcado todos os pontos da questão. Nesse sentido, ele ajudou a revelar algumas fraquezas que poderiam surgir na defesa americana, urgindo ainda mais a questão frente aos testes nucleares russos em 1949. O estudo focava na questão dos ataques surpresa, constantemente comparado a Pearl Harbor. Pearl Harbor aparece como uma referência corrente, não só em Wohlstetter, como também em Kahn, não apenas pela lição histórica, mas também pelo conhecimento próximo, tanto no tempo, quanto no espaço: a esposa de Wohlstetter, Roberta, lançaria, em 1962, uma das obras de história militar que seria referência sobre o assunto, *Pearl Harbor: warning and decision*.⁵⁶

O impacto do trabalho da equipe de Wohlstetter foi imenso. A RAND adotou as recomendações do estudo que mudaram a forma de pensar a estratégia de defesa dos EUA. Antes, os EUA buscavam ter a capacidade do primeiro ataque e, com isso, deter o inimigo por conta do medo desse assalto inicial. O estudo de Wohlstetter, em contrapartida, propôs o conceito de capacidade do segundo ataque, ou seja, sobreviver a um primeiro ataque do inimigo de forma que se consiga puni-lo, em seguida, pelo primeiro assalto. O que importava,

⁵⁵ MCGANN, J.G., 1992, p. 735; MCMAHON, Robert J., 2003, p. 7-8; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 50-51; BAS, E. 2002, p. 17-19; DICKSON, P., 1971, p. 66-69; RICH, A., 2004, p. 42; FORTUN, M. and SCHWEBER, S. S., 1993, p. 610-612, 628-629.

⁵⁶ STEVENSON, J., 2008, p. 56; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 35-38.

agora, era a força que se teria após ser atacado. Essa ideia se tornou o *motif* da *deterrence* e da defesa dos EUA e representou uma revisão da postura militar dos EUA.⁵⁷

Essa revisão, conforme explicada por Kahn e Mann, estava associada com os institutos de consultoria e de pesquisa e desenvolvimento como a RAND. Isso fica claro com uma analogia desenvolvida por Kahn e Mann no relatório *Games Theory*. Conforme eles: há sua casa e sua família. Na casa, há um porão bem protegido, feito de concreto, onde um membro de sua família fica. Ele está lá porque tem a função de apertar um botão que explodirá a casa do vizinho caso isso seja necessário. Seu vizinho também está na mesma situação. Não se sabe se o porão tem a capacidade de proteger toda a família. Mesmo que ele tenha, não se pode garantir ou obrigar que as pessoas vivam nele o dia inteiro, todos os dias. Portanto, é preciso existir algum tipo de aviso para alertar e salvar a família. Frente às incertezas se a casa e o porão resistirão à explosão, ou se a explosão de fato ocorrerá, você e o vizinho tentarão aumentar a força de suas dinamites e fortalecer seus porões. Isso levaria, então, à necessidade de pesquisa e desenvolvimento, que buscaria melhorar as dinamites e a defesa do porão. Essa possibilidade de melhoramento das bombas e da defesa criaria, por fim, a necessidade de pesquisa sobre as possibilidades do que se alcançar e sobre a natureza dos processos de decisão.⁵⁸

As instituições como a RAND teriam esse papel de desenvolver pesquisas e promover e incentivar desenvolvimentos, de forma a aconselhar os *policy makers*. É possível entender isso conforme a defesa que Kahn fez, no OTW, da importância de controlar o destino, que consistia em seguir os eventos com inteligência e cuidado. Essa prudência era justificada por ele, pois, uma vez que há várias armas poderosas (como as dinamites da analogia), os problemas e as escolhas reais possivelmente envolveriam acidentes, erros de cálculo, chantagem, uso indevido de armas. Portanto, para Kahn, todos esses problemas deveriam ser analisados. O papel dos EUA, nesse contexto, era proposto, inicialmente, pela opção de um curso de ação – entre vários possíveis – resoluto e com esperança, preparando-se para a possibilidade de se fazer a escolha errada ou de que eventos pudessem se desdobrar em um caminho inexorável, apesar das escolhas.⁵⁹

⁵⁷ DICKSON, P., 1971, p. 56-57; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 40-41. Grande parte da análise que Kahn faz sobre Pearl Harbor fala é a partir do livro da Roberta Wohlstetter, como o próprio Kahn assume. Cf. KAHN, H., 1969, p. 411.

⁵⁸ KAHN, H. e MANN, I. **Game theory**, 1957, p. 58-5963-64.

⁵⁹ KAHN, H., **On thermonuclear war**, 1969, p. 252; KAHN, H. **On thermonuclear war**. New Brunswick/London: Transactions, 2007, p. xv. Essa e as três próximas notas se referem ao prefácio de 1960 do OTW.

Para Kahn, escolher um curso de ação e uma postura de defesa era um problema doloroso, pois a escolha era feita sem se conhecer o resultado final. É, portanto, um problema de incerteza sobre o futuro, já que uma escolha benevolente, pensada e inteligente poderia ter resultados desastrosos. Sendo assim, a RAND e seus funcionários tinham que pensar como lidar com esse futuro incerto. Kahn foi um dos que lidou com essa questão.⁶⁰

I.2. O futuro incerto: um horizonte obscurecido pelas bombas e o inimigo

Um primeiro fator referente às vicissitudes das escolhas era que alguns problemas existiam e, na opinião de Kahn, deveriam ser enfrentados antes que se alcançasse um estágio de crise. Nesse sentido, o OTW tinha uma preocupação com o futuro, já que, nas palavras do autor, “esse livro é dedicado ao objetivo de antecipar, evitar e aliviar crises”⁶¹. Era uma preocupação com o futuro que buscava fomentar o entendimento dos problemas militares e estratégicos do mundo. Era urgente a discussão sobre essa questão, caso contrário, para Kahn, não se alcançaria o ano 2000, nem talvez o ano de 1965. Há, portanto, uma preocupação clara com o futuro, mas no sentido de diminuir a probabilidade da catástrofe e aliviar as consequências da guerra termonuclear.⁶²

As armas nucleares são um dos elementos que compõe a transposição da analogia dos porões e das dinamites à situação real. Kahn inicia o OTW afirmando que, mesmo após dezesseis anos – em 1960 – de convívio com a tecnologia nuclear, havia ainda muito a aprender para evitar um desastre futuro, uma vez que essa tecnologia estava cada vez mais disponível, perigosa e, logo, cada vez menos utilizável. A tecnologia atômica representava, para Kahn, uma mudança secular contínua na estrutura fundamental da situação internacional, fazendo necessária a revisão das políticas estrangeira e de defesa formuladas no início da era atômica.⁶³

A tecnologia atômica era uma faceta da corrida do progresso tecnológico, o qual aumentava as incertezas e os riscos do futuro. Há, em Kahn, uma relação ambígua com o avanço tecnológico. Se, por um lado, ele é a base para que se tenha uma situação desejável na política exterior dos EUA, por outro, ele aparece, em muitos momentos, como um grande e

⁶⁰ KAHN, H. 2007, p. xv.

⁶¹ “this book is dedicated to the goal of anticipating, avoiding, and alleviating crises”, KAHN, H. 2007, p. xviii. Grifos do autor, tradução nossa.

⁶² KAHN, H. 2007, p. xviii.

⁶³ KAHN, H., *On thermonuclear war*, 1969, p. 3.

difícil problema. Conforme Kahn, o progresso tecnológico é tão rápido, os problemas que surgem disso são de tal forma sem precedentes e o tempo para assimilação cultural das mudanças é tão longo que tudo isso gera um campo amplo de incertezas no âmbito das relações internacionais e da utilização das armas disponíveis, podendo gerar, por exemplo, um desequilíbrio de poder com a introdução de um novo invento.⁶⁴

O cerne do problema engendrado pelo avanço tecnológico é o seu ritmo de mudança. Conforme Kahn, o tempo para surgir um novo sistema de armas, desde que se inicia a pesquisa e o desenvolvimento, é algo entre dez e quinze anos e, após isso, ele tem uma vida útil de cinco a dez anos. Além disso, o sistema desenvolvido hoje será usado em um ambiente que passou por duas a quatro revoluções tecnológicas. Uma vez que é impossível projetar tantas revoluções tecnológicas à frente, muito da preparação acaba sendo feita no escuro. Contra isso, Kahn defendia o trabalho com a cogitação de diferentes possibilidades.⁶⁵

A cogitação de diferentes possibilidades era um meio de se antecipar aos avanços e isso era importante, pois, segundo Kahn, havia uma ligação entre a liderança mundial e os “gaps” da posição dos EUA e da URSS. A liderança poderia ser obtida por meio da R&D, visando preencher esses intervalos ou através do conhecimento e da obtenção de sistemas de armas, que era um dos problemas essenciais do avanço tecnológico, ou por meio da reação adequada a uma mudança na situação.⁶⁶

Assim, o problema essencial era, para Kahn, o da escolha, uma vez que, de frente a essa sorte de incertezas, “escolhas devem ser feitas; dados devem ser lançados”⁶⁷. Essa afirmação, além de tocar na questão da necessidade das escolhas, introduz-nos ao uso de analogias com jogos, o qual aparece com destaque nos relatórios de 1957. O uso dos jogos trazia em seu bojo a cogitação de diversas possibilidades e o elemento probabilístico, que visavam vencer as incertezas. Esse problema em relação às incertezas aparece no OTW⁶⁸ de forma semelhante a que fora abordado nos relatórios de 1957, onde era um dos problemas centrais. Isso é indicado pelo título do suposto livro que não fora lançado por Kahn e Mann: *Military Planning in an Uncertain World*. Kahn e Mann identificam três formas de incerteza:

⁶⁴ Ibid, p. 357, 387.

⁶⁵ Ibid, p. 316.

⁶⁶ Ibid, p. 324-325.

⁶⁷ KAHN, H., 2007, p. xv. “choices must be made; dies must be cast” (tradução nossa).

⁶⁸ Cf. O apêndice IV (A proposed civil defense program), no qual Kahn expõe de forma pormenorizada o programa de defesa civil que defende. Esses elementos da SA aparecem de forma muito próxima a do relatório de 1957 na parte que aborda o planejamento e o estudo de sistemas. KAHN, H., 1969, p.626-640.

a estatística, a de ação e reação do inimigo e as incertezas reais e analisam formas de trabalhá-las e superá-las.⁶⁹

I.2.a Jogando com os átomos: os jogos e o elemento probabilístico

A incerteza estatística e a forma que Kahn e Mann abordam a incerteza de ação e reação do inimigo derivam diretamente das atividades executadas sob a alcunha de OR. Isso aparece indicado na suposta organização que o intentado livro sobre o planejamento militar em um mundo incerto teria, já que esses dois temas estariam em um capítulo dedicado às técnicas de *Operations Research*.

I.2.a.1. Vencendo as incertezas estatísticas: a roleta das possibilidades

Para lidar com as incertezas estatísticas, Kahn e Mann as relacionam, no *TSA*, com as considerações probabilísticas. Kahn conceitualiza probabilidade a partir de um exemplo: a possibilidade de 50% de uma moeda não viciada tirar cara quando jogada pra cima. Isso significa, conforme a definição de um matemático, que “probabilidade é a formalização do estudo da incerteza”⁷⁰. Essa definição esclarece que as considerações probabilísticas pareciam adequadas para medir e dar dimensões às incertezas estatísticas, uma vez que essas incertezas pertenciam ao fenômeno de flutuação e de variáveis aleatórias. É a incerteza associada, por exemplo, aos elementos de jogos “honestos” e justos, que não tenham elementos “viciados” ou desbalanceados. Para os autores, não havia, portanto, grandes dificuldades conceituais ao abordá-la, sendo a maior dificuldade, algumas vezes, realizar os cálculos dos problemas.⁷¹

Uma primeira forma que os autores propõem para lidar com as incertezas estatísticas são os valores esperados. Kahn já trabalhara com o conceito de “valores esperados” em um relatório anterior, de 1954, chamado *Applications of Monte Carlo* (AMC). Todavia, nesse relatório, ele não apresentou uma definição precisa do termo. Em outro relatório, de 1955,

⁶⁹ KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 38. Essas três formas de incerteza aparecem no *TSA* e cada uma é relacionada, pelos autores, a um capítulo daquele relatório. A incerteza estatística ao capítulo de considerações probabilísticas, a incerteza real, ao capítulo do planejamento da defesa e a incerteza de ação e reação do inimigo ao capítulo de guerra de dois lados. Contudo, aqui tomamos a liberdade de sobrepor as partes dos outros relatórios conforme essas incertezas, uma vez que os temas estão relacionados.

⁷⁰ KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 38, 158; HAIGH, John. **Probability**: a very short introduction. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 1. “probability is the formalization of the study of the notion of uncertainty” (tradução nossa).

⁷¹ KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 158.

chamado *Use of different Monte Carlo sampling techniques*, Kahn ajuda a entender que os valores esperados são. É, por exemplo, em um jogo com dois dados em que se tenta obter a soma “3”, a ausência de necessidade de se rolar o segundo dado, uma vez que ao rolar o primeiro já se sabe a chance de obter 3 na soma dos dois. Um trabalho com as probabilidades desse tipo de jogo seriam uma estimativa de valores esperados.⁷²

No *TSA*, Kahn e Mann definem “valores esperados” de uma forma mais relacionada aos assuntos em que o aplicam. Primeiramente, pensam-no dentro dos modelos, que eram as hipóteses de estudo sobre os sistemas de defesas analisados. Assim, um modelo de valores esperados era um conjunto de hipóteses que abordava uma série de orçamentos de acordo com o gasto dos recursos financeiros distribuídos entre os elementos do sistema, que poderiam ser, por exemplo, aviões e bombas, ou abrigos e materiais para a construção deles. Portanto, um estudo feito com base no valor esperado consistia em escolher uma alocação dos recursos que maximizasse a quantidade de dano que a força adquirida poderia causar ao inimigo com o mínimo de recursos. Conforme os autores, esse tipo de estudo, de forma geral, ignora a maioria dos efeitos da incerteza, assumindo que o que ocorre na média é o que ocorreria. Todavia, para os autores, aceitar a média não significava ignorar que eventos aleatórios existiriam e que seria praticamente impossível asseverar o que ocorreria em um conjunto particular de circunstâncias. Esse seria o ponto fraco dos valores esperados.⁷³

Retomando o exemplo do jogo de dois dados. O valor esperado seria bastante simples de ser determinado em um jogo em que se tenta tirar 3 na soma dos dados, como já mencionamos. Contudo, se retirada essa regra, o jogo por valores esperado se tornaria problemático. Ao rolar os dois dados é possível obter algum resultando entre 2 e 12. A média dos resultados, em um grande número de jogos, é 7. Todavia, assumir que esse resultado médio ocorrerá todas às vezes seria, em um cassino, por exemplo, um suicídio financeiro. Para Kahn e Mann, a única maneira de analisar esse jogo seria calcular as probabilidades de cada tipo de evento separadamente e, a partir delas, avaliar o jogo. Uma das falhas do modelo de valores esperados no jogo de dados, para os autores, é que quando o lançamento dá perto de 7, no caso, 6 ou 8, os ganhos do jogador podem ser bastante diferentes do que se o resultado fosse 7. Quando trata de objetivos realistas, até mesmo se calculado com alguma precisão, os valores esperados poderiam enganar. Portanto, para conseguir contornar essa situação, a alternativa seria calcular detalhadamente as probabilidades de todos os resultados

⁷² KAHN, Herman. *Use of different Monte Carlo sampling techniques*. Santa Monica: RAND Corporation, 1955, p. 5-6; KAHN, H., 1969, p. 635; KAHN, H. e MANN, I. *Techniques of systems analysis*, 1957, p. 27.

⁷³ KAHN, H. e MANN, I. *Techniques of systems analysis*, 1957, p. 11, 13, 27.

possíveis. Ao lidar com um número maior de variantes e possibilidades, os autores propõem, entre outros métodos – como computadores ou simplesmente jogar – usar teorias estatísticas. É no âmbito da realização desses cálculos que entra o método Monte Carlo.⁷⁴

Os relatórios de 1954 (*AMC*) e o de 1957 (*Monte Carlo*) são muito próximos em suas propostas e definições dos conceitos. Em 1954, no *AMC*, Kahn defendia a utilização do Monte Carlo como uma forma de reduzir a quantidade de trabalho envolvida no planejamento, e complementou, em 1957, que também era uma boa técnica para lidar com problemas que pareciam insolúveis. Kahn afirmava que “o resultado esperado de um jogador em qualquer jogo honesto, no entanto, complicado, de chances, pode, a princípio, ser estimado pela média dos resultados de um grande número de jogadas do jogo”⁷⁵. Pelo Monte Carlo se obteria as amostragens, que eram compostas de resultados esperados de um jogo, para se estimar respostas para os problemas. Kahn argumentava que o método poderia oferecer uma estimativa mais eficiente e com uma menor variação, já que erraria menos. Além disso, poderia ser mais barato e estava mais bem adaptado ao computador eletrônico.⁷⁶

Para Kahn e Mann, o Monte Carlo abrangeria três tópicos: 1) escolher o processo de probabilidade ou, em outras palavras, qual seria o jogo de azar; 2) jogar o jogo, o que significa gerar as amostras ou resultados; e 3) modificar o jogo para ser mais eficiente ou desenhar e usar técnicas para reduzir a variação de amostras ou resultados.⁷⁷

Pensando no modelo de valores esperados, o Monte Carlo era considerado por Kahn como bastante adequado, já que sua função essencial era obter cálculos de médias aritméticas normais. Nesse sentido, ele era usado para substituir a obtenção a partir de uma única amostra ou resultado por uma série infinita de amostras ou resultados. Cada amostra geraria um processo para calcular uma série infinita, termo por termo, e seria a soma dessas séries que daria a estimativa final, pela média. Para Kahn, um método possível para lidar com essas séries infinitas seria a Roleta Russa⁷⁸, a qual poderia indicar um valor dentro da série que, se

⁷⁴ KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 27-28, 48-50.

⁷⁵ Kahn, H. 1954. **Applications of Monte Carlo**. Santa Monica: RAND Corporation. p. iii. “the expected score of a player in any reasonable game of chance, however complicated, can in principle be estimated by averaging the results of a large number of plays of the game, tradução nossa.

⁷⁶ KAHN, H., 1954, p. iii-iv; KAHN, H. e MANN, I. **Monte Carlo**, 1957, p. 3-5.

⁷⁷ KAHN, H. e MANN, I. **Monte Carlo**, 1957, p. 4-5.

⁷⁸ Essa prática da roleta remetia às primeiras utilizações do método, na segunda metade da década de 40, frente ao interesse em processos aleatórios, principalmente ao problema de determinar o comportamento dos nêutrons em contato com elementos radioativos. Com um número dado de possibilidades e com suas probabilidades definidas conforme as condições, a maneira encontrada para determinar o comportamento da partícula foi usar um método de definir aleatoriamente as possibilidades, como uma roleta, por exemplo. Daí, também, o seu nome Monte Carlo, que remetia aos cassinos da cidade. Cf. BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 17-27; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 133; KAHN, H. e MANN, I. **Monte Carlo**, 1957, p. 3; METROPOLIS, N. The beginning of the Monte Carlo method. **Los Alamos Science**. Special Issue, 1987, p

não fosse relevante para alteração da média, autorizaria o trabalho probabilístico, caso contrário, tentar-se-iam outros valores, até que se chegasse a não alteração da média. Isso daria a finitude necessária para se seguir com o trabalho. A roleta para indicar valores aleatórios também servia para simular valores e resultados para testar os problemas e suas respostas. Por exemplo, em um problema que trabalharia com o número de aviões abatidos em relação às defesas inimigas, a roleta poderia ser usada para indicar um número aleatório para simular algum fator envolvido, como por exemplo, o número de mísseis lançados pelo inimigo – que era um elemento incerto. Dessa forma, era possível realizar a simulação diversas vezes, conforme as diferentes condições.⁷⁹

Uma das utilizações possíveis do Monte Carlo defendida por Kahn e Mann era o método de correlação, que consistia em resolver dois ou mais problemas, que estão relacionados, simultaneamente. Um ou mais deles teria a resposta conhecida e os outros, desconhecidas. Partia-se do problema que tinha a resposta conhecida e, a partir de estimativas das diferenças das respostas conhecidas, calculava as respostas desconhecidas. A resposta conhecida funcionava, assim, como uma solução idealizada do problema não resolvido. Com isso, Kahn defendia que, com a obtenção de amostragem por correlação, era possível estimar as diferenças com mais precisão do que se as amostragens fossem obtidas independentemente. Essa prática também era defendida por tomar menos tempo e ser mais barata. Ainda nessa linha de sobrepor problemas, Kahn sugeria também as paráfrases de problemas, como, primeiramente, uma forma de clarificar as ideias e ajudar a criar uma intuição matemática, por isso, ele apresenta, no *AMC*, um grande número de casos e técnicas. Há, na defesa da correlação e da paráfrase, a seguinte relação: para resolver um problema cuja resposta é desconhecida, parte-se de outro, relacionado com o primeiro, cuja resposta já é conhecida e, a partir dela, estima-se uma resposta para o primeiro. Estabelece-se, com isso, uma correlação e uma paráfrase entre problemas.⁸⁰

Kahn, tanto sozinho, quanto com Mann, pensava o Monte Carlo aplicado a uma finalidade muito precisa, que era o planejamento militar. Trabalhando, por exemplo, sobre uma estratégia de bombardeio, os autores defendem que alguns elementos aleatórios deveriam ser considerados, como o número de aviões, número de aviões derrubados pela área de defesa, número de aviões à deriva por erros de navegação, número de aviões abatidos pela defesa local, condições do clima sobre o alvo, locais onde as bombas atingiriam, dano causado, etc.

126-127; e KAHN, H., 1954.

⁷⁹ KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 6-8, 50 171.

⁸⁰ KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 124; KAHN, H., 1954, p. 95, 112.

Ao tratar desses tipos de questões, os autores apontam que não era indicado trabalhar com valores absolutos, uma vez que eles seriam idealizações. O recomendado era que se obtivesse o cálculo de diferentes performances, que indicariam também diferenças qualitativas, que pudessem ser usadas em comparações das diferentes estratégias de bombardeio para que os responsáveis pelas decisões militares pudessem optar por uma ou pesar suas decisões⁸¹.

Assim, o Monte Carlo agia em duas frentes. Ele auxiliava e sobrepunha os modelos de valores esperados. Portanto, os métodos probabilísticos, como o Monte Carlo, apesar de serem mais trabalhosos, davam uma medida, uma mensuração probabilística das possibilidades, diferente do modelo de valores esperados, que fornecia um valor geral e menos detalhado. Por outro lado, os dois se complementavam, pois, enquanto os modelos de valores esperados determinavam a melhor forma de uso do orçamento, ou para que tipo de operação dado orçamento era mais indicado, os métodos probabilísticos, além de serem mais precisos e detalhados, davam a reação do sistema tanto ao azar, quanto à boa sorte, além de dar uma medida probabilística dos objetivos.⁸²

O trabalho com probabilidades visava vencer a incerteza estatística, a incerteza referente aos números de bomba que acertariam os alvos, ao número de aviões que seriam necessários para cumprir determinado objetivo, etc. Com uma ponderação probabilística sobre as possibilidades, a incerteza estatística poderia ser contornada, alcançando um conjunto de opções válidas, ou seja, planejamentos que dariam as diretrizes operacionais aos responsáveis militares para escolher como alocar o orçamento e os recursos. Além disso, visaria eliminar erros e armadilhas que poderiam aparecer a partir de uma sensação de muita ou de pouca confiança que poderia resultar desses mesmos trabalhos probabilísticos.⁸³

Foi possível perceber que esse trabalho com probabilidades também está repleto de analogias com jogos. Isso ocorre, primeiramente, porque o pensamento sobre probabilidades aparece, com frequência, associado a jogos. Porém, havia outros motivos para pensar e teorizar sobre os jogos e que já nos aproxima de outra forma de incerteza que precisava ser vencida, a da ação e reação do inimigo.⁸⁴

⁸¹ KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 20-21; KAHN, H., 1954, p. 227-230.

⁸² KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 60-61, 72-73.

⁸³ KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 72; KAHN, H. e MANN, I. **Ten common pitfalls**, 1957, p. 115-117.

⁸⁴ HAIGH, John. 2012, p. 2.

I.2.a.2. Dinamites no porão: a Guerra Fria como um jogo

Outra fonte de incertezas que o Kahn e Mann apresentam era acerca da ação e reação do inimigo. Ela seria uma mistura de incertezas estatísticas – as quais já vimos – com incertezas reais – as quais ainda veremos. Pensando o contexto de uma guerra com dois participantes, o inimigo considerado é sempre a URSS. O que causava esse tipo de incerteza eram as assimetrias entre ataque e defesa ou entre as nações, o que alteraria os critérios de constituição da defesa e do ataque. Por exemplo, os autores acreditavam que os EUA estavam cinco anos à frente da URSS na questão de perícia tecnológica, contudo, não se devia confiar que essa superioridade existia em todos os campos. Todavia, onde ela existisse, deveria ser aproveitada. E isso valeria no sentido contrário também, ou seja, os adversários também poderiam se aproveitar de uma vantagem. Outros fatores que poderiam causar essa assimetria seriam a habilidade militar, a postura dos aliados, a geografia, os recursos e a inteligência.⁸⁵

Uma questão fulcral para o planejamento em relação à incerteza sobre o inimigo, conforme Kahn e Mann, passava pela diferenciação das funções dentro do planejamento. De um lado estava o *policy maker*, do outro, o planejador. O *policy maker* desejaria construir sua defesa sob a crença de que o inimigo não é qualificado. Já o planejador faria planos de longo prazo e não contaria com o inimigo despreparado ou néscio. Assim, cabia ao planejador dar a dimensão das possibilidades do inimigo para os *policy maker*. Uma das formas encontradas para lidar com essa incerteza, para pensar as reações possíveis do inimigo e expor isso aos responsáveis pelas decisões e pelas políticas era analisar o conflito como jogos.⁸⁶

São dois os relatórios que tratam dos jogos, o *Game Theory* e o *War Gaming*⁸⁷. Mann e Kahn atribuem importância à teoria dos jogos na análise do planejamento militar dos EUA não somente pelos resultados numéricos que poderiam ser obtidos, mas por essa análise funcionar como “uma abstração altamente idealizada da vida real”⁸⁸. Essa compreensão significava também uma maneira de obter exemplos e analisá-los, por um lado, para esclarecer sobre a natureza das situações de conflito e, por outro, se não aplicado diretamente, acabariam servindo como um guia para a intuição. Portanto, é uma utilização parafrásica dos

⁸⁵ KAHN, H., *On thermonuclear war*, 1969, p. 636; KAHN, H. e MANN, I. *Techniques of systems analysis*, 1957, p. 115-117.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 116.

⁸⁷ Aqui, abordaremos os dois em conjunto. Isso pode significar a perda da especificidade de cada um, porém, dar-nos-á uma visão mais ampla da proposta dos autores, o que cabe melhor na nossa análise.

⁸⁸ KAHN, H. e MANN, I. *Game theory*, 1957, p.1 “a highly idealized abstraction of real life” (tradução nossa, grifo dos autores).

jogos, que serve para recolher exemplos e pensar relações e comparações, tal como com os resultados obtidos pelo Monte Carlo.⁸⁹

Para além dessa obtenção de paráfrases para a vida real, o elemento de abstração da teoria dos jogos serviria ainda para Kahn e Mann interpretarem a situação de um conflito, tal como a Guerra Fria, como um jogo. Nesse sentido que eles criaram a analogia das casas, dos porões e das dinamites e chamaram-na de jogo, no caso, *deterrence game*. Essa transformação de conflitos reais em jogos ocorria também porque, para os autores, a teoria dos jogos não trata somente do estudo de jogos, mas do estudo de qualquer situação de conflito, ou qualquer situação em que dois ou mais participantes possuem objetivos distintos. Com isso, jogo pode ser definido como qualquer disputa que se origina do conflito de interesses entre os participantes, que nasce da preferência de cada um por um dos resultados possíveis do jogo. O jogo também se caracteriza pela existência de regras, as quais dão a sua dimensão e permite que cada jogador tenha algum controle sobre o resultado do jogo, uma vez que as regras determinam as alternativas de cada participante. A teoria dos jogos delinearía os princípios que norteariam a ação inteligente nessas situações de conflito. Em resumo, portanto, o problema central da teoria dos jogos é encontrar a melhor estratégia para se vencer uma disputa.⁹⁰

O jogo consiste nas escolhas dos jogadores por estratégias. Cada escolha dessas é uma jogada. A Guerra Fria como o jogo de *deterrence* pode ser entendida, seguindo os critérios de definição de jogos propostos pelos autores, como um jogo com dois participantes que têm algum conhecimento sobre o que já aconteceu e o que está envolvido, apesar de não ser total – há incertezas sobre o inimigo e suas capacidades. Apesar de parecer infinito em suas possibilidades de jogada, há uma tentativa de lhe dar alguma finitude em relação às opções em cada jogada. Sua duração não é, provavelmente, infinita, porém, desconhece-se sua finitude. As jogadas podem ou não ser simultâneas – os dois poderiam apertar o botão ao mesmo tempo, dependendo das provocações. É um jogo de estratégia mista, já que cabe a ponderação de probabilidades a cada uma das possibilidades em cada jogada. Os objetivos atingidos a cada fim de jogada não necessariamente serão iguais, ou seja, o que um ganhou não é necessariamente o que outro perdeu.⁹¹

Essa transformação do conflito da Guerra Fria em um jogo tem, em partes, influência de uma das quatro formas de jogos de guerra que os autores apresentam no relatório *War*

⁸⁹ Ibid, p. 1-2.

⁹⁰ Ibid, p. 1, 21, 24-25.

⁹¹ KAHN, H. e MANN, I. **Game theory**, 1957, p. 22-24; KAHN, H. 1969, p. 636.

Gaming. No jogo chamado de *Rule Game*, o analista tenta deduzir do mundo real um conjunto de regras que são expostas de forma que qualquer um possa jogar. Esse jogo, muitas vezes, tem a finalidade de ensinar princípios que normalmente são difíceis de serem expostos. Com isso, criar-se-ia uma pseudo-experiência que substituiria a exposição e teria um caráter didático. Uma vez que os jogadores estão inclinados a aceitar as suposições que estão nas regras, eles com frequência são forçados a aceitar as conclusões fruto delas. Os autores não viam, por isso, o *Rule Game* bem adaptado à pesquisa empírica. Raramente esse jogo traria conclusões válidas para o mundo real, pois os resultados eram sempre condicionados pelas regras. Dessa forma, uma vez que as regras estão definidas, há pouco a se fazer, já que jogar acrescentaria pouca informação. Nesse sentido, esses jogos são mais ferramentas pedagógicas do que uma ferramenta de pesquisa. Esse é um dos sentidos em transformar a Guerra Fria em uma metáfora de jogo: esclarecer suas regras e mostrar seus resultados conforme as decisões de jogadas. Em suma, tornar o conflito jogável e vencível, pois esse era um jogo em que as perdas de um não necessariamente seriam compensadas pelo ganho do outro. Poderia ser um jogo no qual os dois perderiam e não alcançariam seus objetivos, ou que a derrota – ou a vitória – de um seria menor que a do outro.⁹²

A característica de várias possibilidades de jogadas que o jogo de dissuasão possuiria dificultaria previsões acerca do comportamento dos jogadores. Contra isso, os autores defendem que seria importante conhecer a personalidade e a história de cada um dos participantes, o que demandava princípios de economia, política, sociologia, psicologia e história. Um recurso retirado do *War Gaming*, chamado *Informal Game*, também ajudaria a pensar como o inimigo poderia reagir. Ele consiste na tentativa de considerar as reações inimigas a partir de cogitações simples, sem muito cuidado técnico ou teórico, que poderiam ser feitas individualmente ou em grupo. É basicamente pensar o que o inimigo poderia estar pensando.⁹³

Outro elemento de dificuldade para mensurar as jogadas é que a satisfação com os resultados não seria somente numérica. De forma geral, só se chegaria a uma solução ou por negociação, pela qual os jogadores saíssem satisfeitos, ou se houvesse alguma forma de intermediar a relação deles, dando limites e direitos, e que fornecesse alguma noção mensurável. Todavia, essas considerações sobre o inimigo só seriam possíveis se fosse

⁹² KAHN, H. e MANN, I. *War Gaming*, 1957, p. 4-6; KAHN, H. e MANN, I. *Techniques of systems analysis*, 1957, p. 159.

⁹³ KAHN, H. e MANN, I. *Game theory*, 1957, p. 37; KAHN, H. e MANN, I. *War Gaming*, 1957, p. 3-4.

cumprido um princípio elementar da teoria dos jogos, a saber, jogar contra participantes racionais, uma vez que os irracionais poderiam ter atitudes desmedidas e imensuráveis.⁹⁴

O contexto do jogo de *deterrence* poderia ficar ainda mais complicado se houvesse outros “vizinhos” ou participantes envolvidos. No caso, os dois vizinhos mais fortes, com os porões protegidos e com acesso a dinamites, poderiam explodir qualquer um dos outros vizinhos, enquanto que os vizinhos neutros não teriam botões, nem dinamites. Nesse contexto, um porão bem protegido permitiria dar ultimatos – ou pelo menos dar força a eles, já que o porão daria credibilidade à possibilidade de a família estar protegida. Isso dissuadiria certos tipos de comportamentos provocativos tanto dos neutros, quanto das potências. O que seria evitado com esse tipo de bravata, conforme os autores, era uma ação ofensiva contra a paz na vizinhança, a qual poderia resultar em uma resposta irracional: alguém apertar o botão. Os autores também pensam a possibilidade de alianças entre os jogadores. Por exemplo, dois mais fracos – que têm menos chance de alcançar seus objetivos – se unirem para eliminar o mais forte, o que poderia ser possível dependendo da ordem das jogadas.⁹⁵

Com tal situação delineada, outros fatores ganhariam importância. A ação educada com o vizinho, por exemplo, reduziria a necessidade de um porão forte. Contudo, uma relação conturbada necessitaria que o porão fosse mais bem defendido. Outro fator essencial era que as ações menores não deveriam ser alvo de ameaça de explosão, tal como um filho ou amigo dele roubando maçãs na árvore do vizinho ou o cachorro latindo. Ou seja, sabe-se tanto que o garoto, quanto o cachorro, terão atitudes que parecerão provocação, logo, essas atitudes deveriam ser retiradas do conjunto das ações que poderiam levar ao acionamento das dinamites.⁹⁶

Chegamos, portanto, primeiramente, à elaboração de Kahn e Mann sobre como trabalhar com as incertezas estatísticas e de ação e reação do inimigo. Por outro lado, a construção das formas para lidar com essas incertezas também funciona com uma finalidade didática de exposição sobre a Guerra Fria, que serve para justificar e mostrar onde se encaixa a atividade de RnD. A situação das dinamites ameaçando o porão levaria a uma condição de pesquisa e de desenvolvimento da defesa e do ataque e de como a capacidade de ataque se tornava elemento de defesa. O trabalho probabilístico e com jogos era, assim, parte dessa prática de pesquisa e desenvolvimento feito para a defesa militar dos EUA. Os métodos probabilísticos ajudariam a vencer as incertezas estatísticas, aquelas frutos de questões sobre

⁹⁴ KAHN, H. e MANN, I. **Game theory**, 1957, p. 37-38, 52-58.

⁹⁵ Ibid., p. 47-52, 61-63.

⁹⁶ Ibid., p. 59-60.

qual a melhor distribuição dos recursos para se atingir determinados objetivos. Já os jogos, esclareceriam o entendimento e a explicação do conflito que os EUA participavam. Os dois, em conjunto, davam a dimensão pretensamente racional de compreensão e ação dentro desse contexto, vencendo, parcialmente, o desafio do futuro incerto.

Contudo, havia uma diferença contextual entre a OR da II Guerra e a atividade de pesquisa e desenvolvimento após a II Guerra. O principal elemento dessa diferença foi a *Systems Analysis*, uma forma de trabalho que continuou e superou a OR no planejamento dos anos iniciais da Guerra Fria. Para Kahn, no período da Guerra Fria, a batalha tecnológica estava sendo lutada mais intensamente do que fora durante a II Guerra. A diferença era, agora, que não havia batalhas. Um dos efeitos disso era não ter experiência com os artefatos que eram criados. O trabalho dos institutos e cientistas tentava suprir essa ausência de experiência com estudos hipotéticos e testes, os quais, no entanto, conforme Kahn, podiam possuir um descompasso com a realidade.⁹⁷

Nesse sentido, a OR não era tão útil, já que, durante a guerra, ela foi empregada para decidir como usar um equipamento, concreto e presente, da melhor maneira possível e dentro de um ambiente precisamente definido. A amplidão maior, tanto de espaço, quanto de tempo, fruto de um horizonte aberto e indefinido militar e politicamente, criou a necessidade de um método ou técnica mais adequada a atender os EUA em seu projeto de uma nação voltada para o mundo. Portanto, estavam presentes as incertezas decorrentes de um futuro aberto, incerto e sem um objetivo urgente, típico de uma guerra real. Contra isso, foi delineada uma técnica que possuía semelhanças com a OR, como, por exemplo, o trabalho comparativo e a avaliação dos equipamentos e do meio em que eles se inserem. As inovações estavam na abordagem de forma mais ampla e no fornecimento de mais detalhes, já que tinha que lidar com um horizonte aberto, sem um objetivo e um contexto fixos. Ela trabalharia, ainda, com um campo mais amplo de incertezas, uma vez que analisava períodos mais longos, tentando delinear um sistema capaz de encontrar contingências que surgiriam entre cinco e, no máximo, quinze anos no futuro. Essa nova técnica foi chamada de *Systems Analysis*.⁹⁸

I.2.b. *Systems Analysis*: a guerra como um sistema

Foram os trabalhos inovadores de Wohlstetter que forneceram a base do que foi chamado de *Systems Analysis* (SA), definindo parte o âmbito institucional da RAND. Kahn,

⁹⁷ KAHN, H., 1969, p. 386.

⁹⁸ KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 1-2, 4.

afastado das outras temáticas a que tinha se dedicado e próximo ao grupo de Wohlstetter, também passou a se dedicar a SA. Desde fevereiro de 1955, palestras eram dadas, pela RAND à Força Aérea, sobre *Systems Analysis* com o título *An appreciation of System Analysis*. Conforme Bruce-Briggs, o que os homens da RAND apresentavam para a Força Aérea não eram exatamente palestras, mas *briefings*. Eles consistiam em apresentações diretas, feitas sem leitura, e com a utilização de algum recurso visual, como projeções com transparência, que fornecesse as linhas gerais e os tópicos relevantes do que era dito. Kahn era um dos palestrantes desse seminário e suas “palestras” rapidamente se tornaram populares por causa do uso de piadas, anedotas, causos e apartes para expor a técnica e seus efeitos. Por exemplo, uma vez, questionado por um oficial sobre suas credenciais para falar sobre uma guerra termonuclear, ele respondeu: “Coronel, quantas guerras termonucleares você lutou? Nossa pesquisa mostra que você precisa lutar uma dúzia ou mais para ter alguma ideia sobre ela”⁹⁹. Com seu sucesso como *briefier* de SA, Kahn se aproximou de Albert Wohlstetter¹⁰⁰, além de rapidamente ser alçado à condição de autoridade no tema.¹⁰¹

Uma tendência que aparece tanto nos relatórios de 1957, quanto no OTW – e que persiste ao longo das outras obras de Kahn – é a apresentação textual influenciada pela estrutura dos *briefings*. São duas as características principais que qualificam essa influência. Primeiramente, o uso de tabelas, gráficos e ilustrações, que nos *briefings* tinham um caráter didático e organizacional. Nos escritos de Kahn, as tabelas aparecem elencando pontos, os quais são desenvolvidos na parte textual. É praticamente um sumário de assuntos.¹⁰²

Por outro lado, esse caráter de palestra colabora para certa desorganização dos livros. Ideias complementares aparecem em capítulos diferentes, conceitos e ideias usadas em uma parte são explicadas ou esclarecidas posteriormente, em outro momento. Isso, contudo, não era devido somente ao uso da estrutura dos *briefings* e das palestras, mas também pelos livros decorrerem de relatórios, principalmente nos livros posteriores ao OTW.

⁹⁹ Essa é uma história que é recorrente sobre a figura de Kahn. daquelas que ninguém sabe quando aconteceu. BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 51. “Colonel, how many termonuclear war have you fought? Our research shows that you need to fight a dozen or so to begin to get a feel for it” (Tradução nossa).

¹⁰⁰ Um fato curioso levantado por Bruce-Briggs era que Kahn, até aquele momento, não tinha feito nenhum trabalho utilizando SA, mas somente sobre o estado da arte e reflexões acerca da técnica.

¹⁰¹ BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 33, 39-45, 49-51; SMITH, J.A., 1991, p. xx, 120; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 40, 46-47, 50-51, 68; KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. vii; FORTUN, M. and SCHWEBER, S. S., 1993, p. 603, 605-606; DICKSON, P., 1971, p. 64-65.

¹⁰² Um exemplo do uso de ilustrações com fins didáticos aparece no relatório *Ten common pitfalls*, quando Kahn e Mann usavam figuras engraçadas e, em alguma medida, cartunescas para ilustrar tais armadilhas. Sharon Ghamari-Tabrizi demonstra o uso dessas mesmas ilustrações nos *briefings* de Kahn, cf. GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 13.

O sucesso das palestras aumentou a demanda de trabalho de Kahn, o que o levou a contratar um auxiliar. Seu primeiro ajudante foi Irwin Mann, um jovem matemático da Califórnia. Mann fora contratado por Kahn para ajuda-lo na elaboração de um livro sobre o Monte Carlo. Todavia, o projeto não fora concluído, devido às idiossincrasias de Kahn. Ele não era organizado em seus estudos e não costumava finalizar o que havia começado. Mann também atuava em outras funções para Kahn: motorista, office-boy, colega, copista, editor, teste de audiência, etc. No fim de 1955, Kahn e Mann concluíram que já possuíam material para um livro sobre SA. A escrita do livro foi feita a partir da transcrição de fitas de *briefings* e falas de Kahn e a transformação delas em texto. Mann que basicamente escreveu os relatórios, tendo liberdade para reescrever e reorganizar as falas – sem, todavia, alterar as ideias. O livro inicialmente se chamaria “A layman guide to system analysis” (algo como, um guia de SA para leigos). Porém, os autores mudaram e optaram por *Military Planning in an Uncertain World*.¹⁰³

No início do *Techniques of Systems Analysis*, Kahn e Mann remetem às palestras, *briefings* e cursos nos quais apresentaram a técnica, afirmando que objetivo principal delas era formar consumidores melhores e mais críticos. O relatório também seguia nesse sentido, ou seja, buscava mais ilustrar as técnicas do que aprofundar sobre os princípios fundamentais dela. Essa necessidade de formar um grupo que consumisse SA e, portanto, de um relatório menos hermético, era diagnosticada pelos autores a partir do público das palestras: leigos, físicos, cientistas sociais, militares e profissionais da área. Esse era também o público esperado para o livro. Para atingir esse público, os autores evocam novamente – como já fora feito com o Monte Carlo e os jogos – o aspecto didático da exposição, que não deveria cogitar só sobre os problemas, as políticas e o mundo reais, mas também sobre os erros reais. Portanto, seria uma ferramenta voltada à cogitação e à suposição, com fins educacionais, e não como uma busca incessante pelo real. Com isso, os autores acreditavam atingir melhor o delineamento e o desenvolvimento das estratégias da Força Aérea, assim como aumentar a influência sobre os responsáveis pelas decisões. Para atingir isso tudo, Kahn e Mann intencionavam definir o ataque e a defesa, mostrar como usar considerações probabilísticas e avaliar as reações e ações inimigas.¹⁰⁴

¹⁰³ BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 51-53; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 78-79; KAHN, H. e MANN, I. *Techniques of systems analysis*, 1957, p. vii.

¹⁰⁴ KAHN, H. e MANN, I. *Techniques of systems analysis*, 1957, p. viii-x, 1.

O ponto central da SA era abordar a defesa dos EUA como um sistema e, conforme Kahn e Mann, então, “sistemas exigem análises como sistemas”¹⁰⁵. Há, portanto, dois elementos que nomeiam e compõem a técnica: sistema e análise.

A compreensão de sistema parte da noção de que um item de um equipamento não pode ser analisado isoladamente. Ao contrário, deve ser considerada sua interação com o ambiente todo, inclusive com outros equipamentos. No OTW, Kahn pontua que o pior erro feito no planejamento da defesa civil era a ênfase demasiada em uma só contingência ou suposição, ou em um conjunto delas. Por essa característica interacional, os sistemas também são usados para descrever, avaliar, melhorar e comparar outros sistemas.¹⁰⁶

Já a parte de análise consistia em realizar a avaliação, o desenvolvimento e a comparação dos sistemas. Para Kahn, a abordagem analítica também era adequada para pensar uma situação internacional tensa, problemática e incerta. Focando-se principalmente nos problemas da defesa, para Kahn, a análise partiria da identificação de quais eram as questões corretas a serem resolvidas. Isso, para ele, seria mais importante do que as técnicas e a metodologia para se obter as respostas. As outras etapas da análise tratavam de como obter as respostas e se elas eram críveis. No âmbito dessas duas etapas, para Kahn, o enfoque analítico da guerra entre os últimos cinco a dez anos foram possivelmente mais confiáveis do que os feitos nas décadas anteriores. Kahn atribuíu isso às novas técnicas e ferramentas disponíveis e ao fato de que os problemas que surgiam no campo da guerra nuclear eram de física ou engenharia.¹⁰⁷

Uma porção inicial do ensinamento de como obter as respostas e dar credibilidade a elas veio com a II Guerra, quando se consolidou uma consciência de que os avanços técnicos e tecnológicos tinham superado a experiência dos militares. Essa era uma opinião compartilhada dentro da RAND. Para lidar com esse problema dos avanços tecnológicos constantes, que geravam incertezas, uma abordagem teórica e analítica – principalmente quantitativa, uma vez que a maioria dos problemas era de física aplicada – se impôs por meio da OR.¹⁰⁸

A revolução definitiva, para Kahn, dessas novas técnicas veio com a SA. Segundo Kahn, por volta de 1953 e 1954 – ou seja, entre sete e oito anos antes do OTW – ocorreu um

¹⁰⁵ KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 157. “systems demand analysis as systems”, tradução nossa.

¹⁰⁶ Ibid., p. 141-142, 157; KAHN, H., **On thermonuclear war**. 1969, p. 635.

¹⁰⁷ KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 141-142, 157; KAHN, H., **On thermonuclear war**. 1969, p. 326-327, 330-331.

¹⁰⁸ KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 4; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 127-128.

“avanço tecnológico” no campo do planejamento, dentro da RAND Corporation. Anteriormente, o trabalho de análise, ainda fortemente influenciado pela OR, comparava milhares de sistemas diferentes, todos delineados em condições idealizadas. Essa prática, para Kahn, era uma busca pelo ótimo, conforme uma comparação estreita, já que feita dentro de um contexto definido. Era, portanto, uma análise ainda influenciada pelo trabalho de OR, já que no planejamento durante a guerra, conforme Kahn, haveria uma concordância acerca dos objetivos e das circunstâncias, resultado da própria situação imediata da guerra, conforme um futuro curto. Todavia, para o autor, isso não ocorria em tempos de paz e, principalmente no mundo na época do OTW, com o futuro aberto e incerto. É uma ampliação do horizonte ao lidar com os problemas imediatos e constituir algum controle da direção a se tomar. Kahn entendia, nesse sentido, que mais difícil do que definir o objetivo, era encontrar o caminho para ele, e era essa segunda tarefa que ele tentava executar: encontrar um caminho.¹⁰⁹

Eram, portanto, questões novas, que surgiam e tratavam de equipamentos e tecnologias novas, as quais não bastavam somente ser delineadas como sistemas, era preciso também decidir sob quais condições os sistemas seriam usados e o que se queria com eles. Como Fortun e Schweber percebem, essa ampliação era resultado de um campo maior de incerteza e de liberdade, já que lidava com um futuro mais distante e, portanto, aberto a diferentes possibilidades de sistemas para serem escolhidos. Houve, com isso, uma mudança de foco, valorizando mais em decidir “o que deve ser feito” ao invés do “como deve ser feito”. Isso também ocasionou revisões e críticas às práticas anteriores. Por exemplo, Kahn e Mann, no trabalho com SA, são muito mais avessos, primeiramente, ao uso excessivo de matemática e de computadores de alta velocidade, já que essa prática poderia dar a aparência de que o planejamento se reduzia ao tipo correto de cálculo, uso de computador e uso exagerado de modelos matemáticos. Além disso, também refutam o uso dos valores esperados, pois eles, combinados ao excesso de computação, produziriam médias aritméticas, idealizações, otimizações e simplificações que, para Kahn e Mann, ignoravam o papel central das incertezas. Portanto, as recomendações passaram a se assentar principalmente em pesquisa e desenvolvimento e, raramente, em operações.¹¹⁰

Essa recusa às técnicas da OR que aparecem tanto no TSA quanto no OTW visavam fugir, primeiramente, de uma armadilha que Kahn e Mann chamaram de “modelismo”. Ela ocorreria quando o modelo, ou seja, as hipóteses e suposições do estudo, fosse considerado ao

¹⁰⁹ KAHN, H., 1969, p. 7, 119, 122.

¹¹⁰ FORTUN, M. and SCHWEBER, S. S., 1993, p. 606-607; KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 4, 157; KAHN, H. e MANN, I. **Ten common pitfalls**, 1957, p. 1-2.

extremo, tornando-se mais importante que o mundo real. Os efeitos do “modelismo” seriam ou a supervalorização do problema ou de partes dele, ou tornar o estudo incompleto e inteligível. É, de forma geral, uma crítica aos modelos de valores esperados que se desdobra, também, em uma crítica a toda forma de trabalho com as incertezas estatísticas. Nesse sentido, Kahn contraria uma crença geral de que SA estava atrelada a cálculos e uso de computadores, uma vez que a simples otimização do cálculo ignora o papel central da incerteza. Essa rejeição de Kahn por um trabalho rigoroso no concernente aos cálculos já aparecia na análise sobre os valores esperados e, de forma mais geral, é um dos indicativos de como a SA, dentro da construção de Kahn, ao trabalhar com a ideia de sistemas, afasta-se parcialmente das técnicas constituintes da OR. Isso é reflexo de um trabalho com objetivos diferentes.¹¹¹

A crítica ao “modelismo” também tem outro viés: querer construir um modelo geral de algo que é específico. Conforme os autores, a SA não tinha a característica científica de um acúmulo de conhecimento. Se os resultados da SA não fossem aplicáveis diretamente e imediatamente, dificilmente teriam um interesse posterior. Ou seja, a SA tinha uma finalidade política e prática imediata e, portanto, a ênfase em ferramentas técnicas não seria muito profícua. Essa noção é sustentada pela distinção que os autores fazem entre *research* (pesquisa), *development* (desenvolvimento), *operation* (operação) e *procurement*.¹¹²

Pesquisa seria o trabalho básico com técnicas ou modelos. Ela não é dirigida, dando ao profissional a liberdade para fazer o que está interessado e o que pensa ser importante. Desenvolvimento seria transformar as técnicas ou modelos obtidos pela pesquisa em elementos aplicáveis. Ele era mais caro que a pesquisa. Operação seria, basicamente, a OR, ou seja, estaria mais interessada em detalhes e restrita ao que está disponível. Logo, para os autores, ele não conseguia abarcar um número suficiente de alternativas. Por fim, *procurement* seria o trabalho que visa influenciar diretamente a política, não havendo destaque para as técnicas e modelos ou pela busca para avançar o estado da arte da SA. Seria,

¹¹¹ KAHN, H., **On thermonuclear war**. 1969, p. 635; KAHN, H. e MANN, I. **Ten common pitfalls**, 1957, p. 1-2.

¹¹² KAHN, H. e MANN, I. **Ten common pitfalls**, 1957, p. 3-5; KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 134. Ao defenderem essa visão de SA, os autores apontam que a nomenclatura mais propícia à técnica seria *System Design*. Com isso, eles seguem a proposta de nome já sugerida por Wohlstetter anteriormente. A essência da mudança é que era mais importante delinear sistemas, tornando-os autoexplicativos – o que facilitaria a análise – do que analisar sistemas. Nesse sentido, os autores pontuam da seguinte maneira: alguém analisando um sistema de bombardeamento contra civis, deveria se preocupar onde abrigar os civis. Por outro lado, alguém desenhando um bom sistema de programas de abrigos tornaria implícito que seria nos abrigos que os civis se protegeriam. Dessa forma, caberia ao SA não somente analisar um sistema, mas desenhar um que atinja satisfatoriamente certos objetivos. KAHN, H. e MANN, I. **Ten common pitfalls**, 1957, p. 6; KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 139-140.

essencialmente, as suposições e as ideias em pontos importantes e cruciais para o *policy maker*, operando normalmente sobre contextos já definidos e presentes. Ao reconhecer isso, Kahn e Mann reconhecem, então, o campo de ação real da SA. Ela planejava um sistema para o futuro visando uma ação presente. Nesse sentido, a análise entraria para embasar e evitar que houvesse ou descaso por causa da doutrina sobre a qual se baseia a política, que poderia acabar desconsiderando algumas escolhas ou propostas, ou pela incompatibilidade das recomendações com o processo político.¹¹³

Conforme Kahn e Mann, a relação entre passado, presente e futuro estabelecida pela SA poderia ser fonte de erros quando pensada a construção da relação dos conhecimentos e dos materiais do passado e os planos para o futuro, que os autores definem como *phasing*. O cerne do problema era que “há áreas grandes e importantes onde ninguém tem ‘experiência’”¹¹⁴. Em outras palavras: ninguém tinha lutado uma guerra termonuclear. Os cuidados defendidos por Kahn e Mann nessa relação eram, primeiramente, considerar certos equipamentos, bens e organizações herdadas do passado ao pensar um sistema de defesa ao invés de querer sempre adquirir coisas novas. Em paralelo, deveria existir uma preocupação com o futuro e com o desempenho dos sistemas nele. Essa análise acerca do futuro deveria contar as mudanças na tecnologia e suas implicações nas operações, táticas e estratégias, o que deveria ser acompanhado de uma revisão constante das crenças. Logo, os sistemas não deviam ser totalmente baseados no que já existia, na medida em que havia grande chance de aquilo já estar superado. Nesse sentido, entraria o analista, diferenciando a atualidade e a novidade dos fatos. Contudo, para os autores, o analista deveria ter noção da continuidade dos sistemas no tempo, da ligação que eles possuíam. Logo, a função essencial da SA seria reduzir os atrasos das soluções para as fraquezas que emergiam a cada mudança ocorrida.¹¹⁵

A necessidade de planejar o futuro, que era, na SA, mais amplo e sem um objetivo definido, gerou uma categoria de incerteza chamada por Kahn e Mann de incertezas reais. Elas não eram somente incertezas em relação a algo desconhecido e novo, mas também se referiam a circunstâncias que mudam, às diferentes preferências, gostos, suposições, valores, importâncias. Por sua natureza, dificilmente essas incertezas seriam inteiramente resolvidas

¹¹³ KAHN, H., 1969, **On thermonuclear war**. p. 332-336; KAHN, H. e MANN, I. **Ten common pitfalls**, 1957, p. 4-5; KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 134-137.

¹¹⁴ KAHN, H. e MANN, I. **Ten common pitfalls**, 1957, p. 2, “there are large and important areas where nobody has ‘experience’”, tradução nossa.

¹¹⁵ KAHN, H. e MANN, I. **Ten common pitfalls**, 1957, p. 29-32; KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 140-141.

por meio estatístico ou probabilístico. Sua solução se daria muitas vezes por consenso. Ela cobre, portanto, os diferentes objetivos, assim como as diferentes suposições.¹¹⁶

Uma primeira manifestação dessas incertezas seria em relação aos objetivos. Essa incerteza seria mais problemática em uma guerra limitada do que em uma guerra em larga escala, pois trataria do uso ou não de arma atômica, por exemplo. O uso de tal dispositivo poderia também estar ligado à questão da decisão racional dentro uma guerra limitada, que envolveria ações pequenas, pontuais e, provavelmente, fora de um contexto de guerra ampla e total. Ou seja, essas ações pontuais, mas incisivas, como onde soltar uma bomba atômica, teriam implicações políticas e sobre a defesa do país que não seriam alcançáveis logicamente, logo, dificultando a definição do objetivo.¹¹⁷

Outra fonte de incertezas seriam os custos. Os custos, conforme Kahn e Mann, estão relacionados com os objetivos. Cabia aos analistas delinear sistemas que atingissem os objetivos com o menor custo ou, em outras palavras, maximizar as capacidades conforme um custo determinado. O problema das incertezas que cercam essa questão é que a construção de um sistema militar é gradual e se dá ao longo do tempo, com a intenção de continuidade. Porém, as próprias incertezas sobre o objetivo e outras que veremos a seguir afetavam o desenvolvimento de sistemas, já que eles eram sempre acompanhados de uma falta de conhecimento e de experiência dos custos. As políticas de gastos do governo americano também criavam incertezas sobre os orçamentos disponíveis.¹¹⁸

Outra incerteza é sobre o contexto. Esse, para os autores, era o tipo crucial de incerteza, já que consistia em predizer o meio no qual o sistema estaria inserido. O problema crucial, aqui, conforme os autores, é que “há várias maneiras pelas quais eventos improváveis podem ocorrer que alguns com certeza acontecerão. Nada é mais improvável que a ausência de eventos improváveis”¹¹⁹. Esse é o elemento mais significativo de incerteza referente ao futuro que aparece, pela primeira vez, nos trabalhos de Kahn. Para vencê-lo, Kahn e Mann defendem que os sistemas sejam delineados para funcionar bem sob uma grande variedade circunstâncias. A isso dão o nome de *Contingency Planning*.¹²⁰

¹¹⁶ KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 75, 85, 158-159; KAHN, H., **On thermonuclear war**, 1969, p. 635-636.

¹¹⁷ KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 85.

¹¹⁸ Ibid., p. 85-86.

¹¹⁹ KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 87. “there are so many ways in which improbable events can occur that some are sure to happen. Nothing is more improbable than the absence of improbable events” (tradução nossa).

¹²⁰ KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 87.

No caso do planejamento da defesa, os autores cogitam seis tipos diferentes de contingências. As quatro primeiras parecem relacionadas aos problemas da OR e poderiam ser contornáveis pelos modos já vistos: 1) a magnitude e o tipo de ataque que o inimigo possuiria; 2) a deterioração da performance, que poderia advir tanto da realidade do sistema em comparação ao modelos de valores esperados em cima do qual ele foi baseado, quanto de falhas que surgissem nos sistemas já existentes de defesa; 3) a variação da performance do inimigo; 4) fatores de chance, ou seja, a oportunidade do inimigo em explorar um ponto fraco.¹²¹

Os outros dois planejamentos de contingência tratariam de problemas que estariam além do tratamento probabilístico ou dos jogos: 5) mudanças políticas e estratégicas, as quais resultariam das próprias condições não perenes da dinâmica da política mundial, por um lado, e dos acordos e leis de guerra, por outro; 6) o progresso tecnológico, que, para os autores, era o mais incômodo devido a taxa cada vez mais alta de progresso tecnológico que levava a situações de, por exemplo, ninguém no DoD ter experiência prática com os novos dispositivos tecnológicos militares.¹²²

Frente à cornucópia de possibilidades, caberia ao analista e delineador de sistemas tornar as escolhas menos difíceis e dolorosas. Para melhor definir sobre que bases a SA trabalharia ao lidar com as incertezas e planejar o futuro da defesa dos EUA, Kahn e Mann partem da distinção de três tipos de conclusões que sustentam a análise: o julgamento intuitivo, a opinião embasada e o “fato” técnico ou científico.¹²³

O julgamento intuitivo está assentado na experiência e no contexto pessoais, formando a base das decisões cotidianas dos executivos, dos homens de negócios e de quase todas as pessoas. Ele pode ser informado, porém os mecanismos para se chegar à conclusão não são explícitos e, portanto, o juízo sobre ela é aquele de quem a decidiu, resultando em probabilidades subjetivas, as quais, para os autores, poderiam se tornar uma armadilha. Contra isso, os autores propõem modos e métodos, como fazer mais análise e menos suposição, tentar se assentar em informações e dados confiáveis e não afirmar nada em definitivo enquanto pairarem muitas incertezas.¹²⁴

A opinião embasada revela, quase sempre de forma quantitativa, a lógica por trás da análise. Consiste em um exame parcial e razoável dos fatos conhecidos, deixando claro que

¹²¹ KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 88-92.

¹²² Ibid., p. 92-99.

¹²³ “intuitive judgment”, “considered opinion” e “technical or scientific ‘fact’”.

¹²⁴ KAHN, H. e MANN, I. **Ten common pitfalls**, 1957, p. 14-15; KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 5, 101.

existem incertezas operando dentro e fora da conclusão. O valor da opinião ainda depende de quem a formulou, porém, como o mecanismo conclusivo é demonstrado, a plateia e os leitores podem formular sua própria opinião a partir do apresentado. Já o fato científico ou técnico é objetivo e normalmente está separado dos critérios individuais. Na medida em que está baseado em experimentos, lógica ou cálculos, outras pessoas podem repetir os passos e obter as mesmas respostas, caso contrário os resultados não serão críveis.¹²⁵

Um exemplo dos tipos de conclusão dado pelos autores é a possibilidade de um general perguntar a um analista como fazer para aumentar o número de bombas lançadas sobre um inimigo durante os próximos trinta dias. Para Kahn e Mann, primeiro, o analista deveria descobrir e reunir os fatos técnicos, como: a habilidade dos pilotos e navegadores, o desempenho dos aviões nas diferentes altitudes, o desempenho da defesa inimiga, entre outros. Essas informações seriam reunidas e estudadas pensando a proposição de diversas táticas. Com essa etapa finalizada, ter-se-ia uma opinião embasada, que demonstraria a opinião do analista, assim como as táticas recomendadas. No relatório, o analista poderia usar termos incertos como “razoável” e “vários” em afirmações como “nós podemos alocar um número razoável a mais de bombas sobre o alvo se estamos inclinados a perder vários aviões”¹²⁶, transmitindo a dimensão de algumas incertezas que teria. O general, em posse do relatório do analista, ponderá-lo-ia, refletiria, baseado em critérios pessoais, e decidiria, em cima de um julgamento intuitivo.¹²⁷

Na visão de Kahn e Mann, portanto, SA era uma combinação de fatos científicos e técnicos com o esforço de formulação de uma opinião embasada. Assim, sendo bem feita, não resultaria em julgamentos intuitivos. O contrário disso seriam conclusões não assentadas em análises explícitas e quantitativas, que os autores chamam de conjecturas, as quais tendem a ser desenvolvidas por pessoas com experiência ou por entusiastas.¹²⁸

Em suma, a SA consistia em desenhar e analisar situações militares e guerras futuras como uma sequência hipotética e considerando possibilidades abrangentes, o que permitia delinear táticas e estratégias. Era, portanto, a tentativa de tratar de problemas do planejamento militar como um todo. Diferentemente da OR, os objetivos e os critérios adotados não eram claramente definidos, buscando-se uma variedade ainda maior de soluções. A SA atuou também como uma tentativa de sintetizar as diversas técnicas especializadas de pesquisa que

¹²⁵ KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 5-6.

¹²⁶ Ibid., p. 8. “we can put a fair number more bombs on target if we are willing to lose many planes” (tradução nossa).

¹²⁷ Ibid., p. 7-8.

¹²⁸ KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 9.

estavam presentes em uma análise. Isso aumentou a demanda pela heterogeneização de profissionais, estando presentes agora físicos, químicos, engenheiros elétricos, gerais, almirantes, economistas e administradores em instituições também heterogêneas, como universidades, empresas de produção, fundações privadas e *think tanks*.¹²⁹

A SA possuía uma dualidade inerente a suas pretensões, conforme Kahn e Mann. Ela congregava e necessitava tanto do conhecimento dos cientistas das áreas de humanas, quanto dos cientistas das exatas. Essa frente dupla abarcava diferentes experiências. Por um lado, os autores viam que entre matemáticos e físicos teóricos, os melhores trabalhos apareciam antes dos trinta anos, isso provavelmente porque os trabalhos dependiam de ousadia, imaginação e originalidade. Já entre economistas e sociólogos, ocorria depois dos quarenta anos, uma vez que dependiam de uma mistura de julgamento e experiência. Portanto, na SA, os físicos e matemáticos, alavancados pelo sucesso da OR, estavam lado a lado com economistas, advogados e cientistas de outras áreas. Essa integração fornecia os conhecimentos e recursos mais adequados para lidar com as questões em voga, como a alocação de recursos em sistemas de armas caros e competitivos, a avaliação dos custos e das consequências políticas, a negociação entre competidores, etc. A organização das equipes de SA era, assim, reflexo do próprio trabalho, já que funcionava de forma semelhante à interação de componentes essenciais em um sistema.¹³⁰

A SA, surgida da OR, suplantou-a dentro das necessidades do período pós-guerra. Os *policy makers* dos EUA tinham que lidar, naquele momento, com questões mais complexas e abertas da estratégia nuclear, do crescimento econômico e da política de segurança nacional. Como Smith aponta, os pesquisadores da RAND adquiriram, por meio da SA, um estilo de análise racional que marcou uma era da política americana, adotando uma linguagem e métodos próprios, independente de suas áreas de origem e fornecendo, com isso, resultados que trouxeram prestígio e confiança. Ainda segundo Smith, a SA parecia, devido a sua maleabilidade, mais uma postura, uma atitude, do que uma metodologia consolidada. Para Kahn e Mann, essa força da RAND e das instituições de consultoria poderia gerar, nos analistas, a armadilha do fanatismo. Seu principal problema seria criar a situação de aceitar determinadas situações, conceitos e práticas por imposição do meio institucional. Contra isso,

¹²⁹ BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 35-75; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 46-47, 137-138; FORTUN, M. and SCHWEBER, S. S., 1993, p. 603, 605-607; DICKSON, P., 1971, p. 75.

¹³⁰ FORTUN, M. and SCHWEBER, S. S., 1993, p. 607, 627-628, 630-631; KAHN, H. e MANN, I. *Ten common pitfalls*, 1957, p. 38-39.

os autores defendem um grupo amplo, de gente competente e incentivada a pensar, com alguma autonomia e independência e, que aceite e busque críticas e avaliações externas.¹³¹

O trabalho de SA deveria evitar uma contraparte do fanatismo: o hermetismo. Para evitá-la, os autores dão a receita em quatro passos. Primeiro, o analista deveria ter bons critérios e ambientes propícios para estudos auxiliares. Segundo, ele deveria fornecer informações para que estudos de contexto maiores fossem realizados. Terceiro, as suposições deviam ser de tal forma que os *policy makers* entendessem-nas e conseguissem adotá-las ou refutá-las. Por fim, o analista deveria apresentar suas conclusões de uma forma educacional e persuasiva. Ou seja, os autores valorizam e defendem que o analista deveria fazer um trabalho de venda, buscar o *procurement* correto. Isso consistiria em ver onde o estudo se encaixaria e adequar-se-ia e quais as objeções que as pessoas teriam a ele, sempre buscando os pontos fracos de seu estudo.¹³²

A RAND, por ser pioneira nesse tipo de prestação de serviço, tornou-se modelo tanto para outras corporações, quanto para os órgãos governamentais, inaugurando uma nova era de *think tanks*. Essa influência se estendeu até o fim dos anos 50 e começo dos anos 60, quando se formou uma imensa oferta de *expertise* financiada pelo governo. Havia um mercado de ideias, de pesquisas, de relatórios e de estudos, assim como um conjunto de métodos e habilidades disponíveis. A SA e a RAND, além de um tipo de instituição e de análise das questões de segurança dos EUA, moldaram também um tipo de profissional.¹³³

Kahn e Mann argumentam que um bom analista e delineador de sistemas deveria, além da competência e da honestidade, apresentar sofisticação. Isso seria alcançado, primeiramente, se o analista tivesse claro o que deseja recomendar e que gerasse a informação que faria a recomendação convincente. Além disso, o analista deveria fazer uma revisão e uma avaliação cuidadosas dos resultados para evitar erros aritméticos, de noções técnicas ou acerca dos fatos. Os autores também recomendam que o analista se torne um leigo *expert* em todos os campos importantes para seu trabalho. Com isso, acreditavam que o analista atingiria a sofisticação da técnica, defendida e necessária ao indivíduo-analista, pois “Systems Analysis é ainda uma arte e boa arte é geralmente produzida por indivíduos, não comitês”.¹³⁴

¹³¹ SMITH, J.A., 1991, p. 117-118, 121; KAHN, H. e MANN, I. **Ten common pitfalls**, 1957, p. 41-43; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 47

¹³² KAHN, H. e MANN, I. **Ten common pitfalls**, 1957, p. 45-46, 49-51.

¹³³ SMITH, J.A., 1991, p. 116.

¹³⁴ KAHN, H. e MANN, I. **Ten common pitfalls**, 1957, p. 51. “Systems Analysis is still an art and good art is generally produced by individual, not comitess”; KAHN, H. e MANN, I. **Ten common pitfalls**, 1957, p. 49-51; KAHN, H. e MANN, I. **Techniques of systems analysis**, 1957, p. 5, 148.

O OTW seria, portanto, a obra-prima de Kahn nesse contexto. O livro foi tanto uma continuidade dos trabalhos de SA, quanto uma extrapolação e uma inovação, ainda que pequenas, em relação à utilização da técnica e ao pensamento sobre o planejamento. Nesse sentido, a revisão e a análise das posturas militares eram importantes. Portanto, o livro não abandona o enfoque militarista que existia desde as práticas de OR e SA. Por isso, os métodos que Kahn assume utilizar para realizar as análises do livro eram os da SA e da OR. De início, indica a manutenção da abordagem e da exposição quantitativas da SA e OR. No caso da SA, ressalta que o uso da análise quantitativa é feito, demarcando os seus limites. Kahn afirma que nas partes em que os cálculos foram omitidos – ou por não se ter os dados disponíveis, ou por eles serem sigilosos, ou para facilitar a compreensão dos leigos – ele tenta expressá-los por palavras. Todavia, palavras como, por exemplo, intolerável e catastrófico, não dão uma noção de grau das diferentes possibilidades de acontecimentos. Para contornar isso, ele usa quantificações – algo que também é trazido da SA – para passar uma noção intuitiva, que não poderia, no entanto, ser tomada como certeza. A continuidade com a OR existe nas técnicas usadas e na filosofia por trás delas, ou seja, é o planejamento que visa otimizar o desempenho de uma operação. Por fim, Kahn afirma manter também a comparação e a implicação das alternativas prováveis e possíveis.¹³⁵

A SA se constituiu como a arte do planejamento militar nos anos 50 e permitiu que Kahn produzisse um livro como o OTW. A SA era uma arte, por um lado, que se pretendia racional e científica, mas, por outro, era uma técnica de convencimento, da influência política que usava uma maquiagem científica composta de números, probabilidades e linguagem técnica.

A OR deixou a herança racional para que a SA exercesse função equivalente no planejamento militar do mundo pós-guerra. A OR, conforme a proposta da SA, precisava ser superada, uma vez que estava limitada por uma forma de presente estático. O futuro da guerra, dentro do planejamento baseado em OR, era um futuro abstrato, não datado, não sistemático e não processual. Era o futuro como um espaço vazio, de extrapolação simples e aceitação de uma semelhança com o presente, já que era um futuro próximo ou praticamente atemporal, não localizado no tempo, frouxo de reflexões das condições temporais distintas. Era o futuro da próxima batalha e dos alvos para se vencer definitivamente o inimigo. Havia uma guerra ocorrendo e era ela que precisava ser terminada. O futuro não estava aberto a possibilidades que não as geradas pelo próprio conflito. Paradoxalmente, contudo, foi a

¹³⁵ KAHN, H., **On thermonuclear war**, 1969, p. 55, 119; KAHN, H., 2007, p. xvi-xvii. Prefácio de 1960; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 56.

bomba atômica, o artefato nascido da guerra e que a findou, que trouxe a maior reflexão sobre o futuro. Foi na relação do passado recente com um futuro aberto, amplo e não muito distante que se estabeleceu tenuamente uma forma de relação de história com o futuro na obra de Kahn.

I.2.c. Passado e futuro: explicação e planejamento

Com o fim da guerra, uma lição parecia óbvia: um conflito como aquele deveria ser evitado, tanto concernente às suas causas, quanto aos seus efeitos. A questão era como alcançar isso frente ao cenário duvidoso e incerto que despontava. Um mundo com velhos poderes destruídos, com duas ideologias antagônicas e com armas e técnicas de destruição em massa.

Pelo lado dos Estados Unidos, uma das maneiras pretendidas para se atingir e manter uma paz duradoura foi justamente pensar sobre a guerra. Não somente pensar sobre a guerra, mas tentar racionalizá-la e trazê-la novamente para o domínio humano, torná-la, de novo, frente ao novo contexto, uma arte. Só pelo controle da guerra, de suas causas e de seus efeitos, que ela podia ser evitada. Seria a própria ideia e concepção dela os instrumentos necessários para evitá-la. A racionalização da guerra seria atingida, no mundo pós-guerras, a partir de dois sentidos, que podemos dissociar com uma finalidade didática, ainda que não totalmente precisa: um passado e um presente. Em outras palavras – ainda didáticas – uma preocupação com o que já se conhecia e uma preocupação com algo novo que se apresentava. Havia, portanto, uma preocupação em evitar que um conflito mundial, tal quais os anteriores, acontecesse novamente. Reconhecia-se, por outro lado, que os protagonistas e as condições eram diferentes. Além disso, conhecia-se a capacidade das mudanças técnicas e tecnológicas que poderiam mudar e agravar toda a situação de receio e de ansiedade da destruição que poderia ocorrer. Destarte, o futuro se reafirmava como elemento de incerteza.

Kahn usa a I e a II Guerras como parte da constituição de suas opiniões embasadas acerca do futuro da guerra. Com isso, primeiramente, ele pretendia suprir a ausência de experiência que ele próprio apontava acerca das guerras termonucleares, não de forma objetiva, mas de maneira parafrásica, como fora aprendido nos métodos probabilísticos e aplicado ao longo do trabalho com SA. Portanto, a relação estabelecida com o método de correlação entre problemas lá do Monte Carlo é transposta na relação passado-futuro da guerra. Como vimos, um problema com resposta conhecida (aqui, no caso, o passado, as guerras do século XX) era usado para estimar respostas para um problema com resposta

desconhecida (o futuro, a incerteza sobre a guerra termonuclear). Essa utilização da comparação por paráfrase de “problemas” temporais ainda é tênue e é uma das “técnicas” que aparece com mais ênfase no OTW do que nos relatórios de 1957. Todavia, em um exercício de “engenharia reversa” nos escritos de Kahn, é possível perceber a transposição de ferramentas, conceitos e ideias da OR e da SA nessa construção.

Para Kahn, as duas guerras mundiais eram lições do passado não por poderem se repetir – ele não acreditava que Krushev seria um novo Hitler, por exemplo – mas por acreditar que as questões com as quais as potências europeias lidaram poderiam surgir novamente, ainda que modificadas. Elas teriam chances maiores de ressurgir se não houvesse um preparativo para que não eclodissem.¹³⁶

Conforme Kahn, quanto mais os historiadores estudavam sobre a I Guerra, mais ficava claro que a guerra não era algo que os governos responsáveis queriam. Ela foi uma guerra que ocorreu por circunstâncias triviais e que, uma vez em movimento, não podia ser parada. Essa, portanto, para Kahn, foi uma guerra por acidente ou erro de cálculo e que possuía muitos pontos análogos com as crises que poderiam surgir entre 1960 e 1975. Alguns deles eram: a necessidade de uma vitória ou impasse rápidos, para prevenir uma situação que representasse perda para os envolvidos; a rigidez dos planos de guerra; a postura *blasé* dos governos ao testemunhar tantos alarmes e crises falsas; a ignorância, por parte dos governos, dos detalhes técnicos da guerra; e a oportunidade que as pequenas nações e aliados tinham de manipular as grandes potências. Kahn reconhecia que havia diferenças, sendo as principais delas o equilíbrio do terror pelo fator termonuclear, o medo da instabilidade futura decorrente de uma corrida armamentista não bem controlada e possibilidade de ataque sem nenhum sinal. Ou seja, todos os pontos relacionados ao aumento do risco decorrente da tecnologia.¹³⁷

Ao estabelecer essa relação de não repetição, mas de paráfrase e comparação entre passado e futuro, é possível pensar a proposta de Kahn nas bases oferecidas por Carl G. Hempel para explicação e previsão em história.

Em seu texto, *A função das leis gerais*, de 1942, Hempel argumenta, entre outras coisas, como seria possível uma previsão científica em história. O filósofo alemão inicia contrariando a ideia corrente de que as leis gerais não são importantes à história. O autor define lei geral como: “uma afirmação de forma condicional e universal capaz de ser confirmada ou infirmada por meio de adequadas descobertas empíricas”¹³⁸. Porém, afasta-se

¹³⁶ KAHN, H., 1969, **On thermonuclear war**, p. 416.

¹³⁷ KAHN, H., 1969, **On thermonuclear war**, p. 368-370, 375.

¹³⁸ HEMPEL, Carl G. A função das leis gerais. In.: GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. Lisboa:

da ideia de lei, por ela guardar uma aparência de que a afirmação é bem confirmada. Frente a isso, prefere o conceito de hipótese universal, a qual se baseia na seguinte regularidade: “em todos os casos em que um evento do tipo C ocorra em determinado lugar e tempo, um outro evento do tipo E ocorrerá num lugar e num tempo de modo típico relacionados com o lugar e o tempo da ocorrência do primeiro evento”¹³⁹.

A partir do conhecimento das condições de manifestação de um evento é possível, então, realizar, dentro da ciência empírica, a previsão científica, que consiste “em deduzir uma afirmação acerca de um certo evento futuro de afirmações que descrevam certas condições já conhecidas (...)”¹⁴⁰. Dessa forma, a previsão científica segue a mesma estrutura que a explicação científica, baseando-se, portanto, em hipóteses universais. Porém, enquanto na explicação conhece-se o evento final e buscam-se suas causas, na previsão, conhecem-se as causas e busca-se o evento. Todavia, para Hempel, na história – assim como nas ciências naturais – a explicação de qualquer evento pela sua individualidade única não tem como ocorrer, pois descrevê-lo assim exigiria o relato de todas as características manifestadas pelos aspectos que cercam o objeto em análise. Destarte, não há como dar conta de todos os “Cs” da hipótese universal, ou seja, de todas as causas que condicionaram o evento.¹⁴¹

Esse problema da explicação, aplicado também à história, condiz com um problema da previsão, a saber, a questão da impossibilidade de prever o que adviria. Hempel argumenta que há uma dificuldade à explicação histórica recorrer a leis gerais já que não consegue reunir todas as causas necessárias para a explicação do fenômeno. Assim, ao invés de leis gerais, a história poderia recorrer a hipóteses probabilísticas. Se pensarmos na questão da previsão aliada à possibilidade de hipóteses probabilísticas, temos uma previsão probabilística e científica, que não fornece, de fato, um evento final, mas probabilidades de eventos. Isso se assemelha, em certa forma, ao que Kahn propõe ao trabalhar o futuro da guerra e da defesa dos EUA desde o Monte Carlo, passando pelos jogos, até a análise de sistemas: a cogitação de diversas possibilidades.¹⁴²

Hempel entende, relacionada à explicação, a interpretação dos fenômenos históricos, os quais, na forma científica, estão inseridos em uma explicação ou esboço de explicação¹⁴³. Sendo assim, a descrição de algum evento não é a descrição de tudo que ocorreu até ele, mas a descrição dos eventos mais relevantes, que não resultam, conforme o filósofo alemão, de

Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. p. 422.

¹³⁹ HEMPEL, C.G., 1995, p. 421-422.

¹⁴⁰ Ibid., p. 425.

¹⁴¹ Ibid., p. 423-428.

¹⁴² Ibid., p. 428-429.

¹⁴³ Ibid., p. 433.

juízo de valor, mas sim de uma análise causal baseada em hipóteses universais. Esse conjunto de esboço, fenômenos históricos e descrição baseada nas hipóteses universais nos permitiria pensar, então, a continuidade histórica.¹⁴⁴

A exposição de Kahn sobre a I e II Guerras seria o esboço que permite a compreensão dos fenômenos históricos sobre a natureza da Guerra no século XX. Kahn realiza isso e, então, constrói sua história – como participante e narrador – do rompimento com a situação anterior da guerra. O passo que Kahn não dá no pretendido livro que reuniria os relatórios de 1957 é como usar esse conhecimento para, a partir de algo próximo das hipóteses probabilísticas propostas por Hempel, pensar o desenvolvimento futuro. Kahn não pensa, historicamente, o papel específico dos EUA se o conflito termonuclear eclodisse.

Kahn só abordou tais questões no que foi seu principal trabalho com a arte de SA, o OTW. No livro, Kahn fornece os mecanismos de defesa que, para ele, precisavam ser pensados e constituídos para evitar o ataque inimigo. Além disso, desenvolve o planejamento da defesa que tentava evitar os erros cometidos que geraram e movimentaram a I e II Guerras. Com isso, constrói o planejamento dos EUA com a base no passado assustador da II Guerra que ainda assombrava, mas ensinava. O livro tem também uma base sobre o presente: a necessidade de lidar com um novo mundo, tanto político, quanto tecnológico. Tudo isso gerava, em contraparte, um pensamento sobre o futuro, ainda germinativo, mas que marcaria e se expandiria nos trabalhos de Kahn. Foi também esse pensamento e o conjunto de conceitos e ideias que o acompanharam que permitiram que uma visão mais ampla de futuro fosse pensada, incluindo diversos aspectos da política, da economia e das relações internacionais dos EUA, inclusive as propostas pensadas por Kahn em escritos posteriores, dando uma nova dimensão ao uso da história para pensar o futuro e trazendo novos elementos para essa tarefa, que encontrou sua base em uma análise de sistemas que foi ampliada para além do enfoque e objetivo militares.

¹⁴⁴ HEMPEL, C.G., 1995, p. 433-434.

II. O futuro impensável: imaginando o futuro deformado

“... todas as artes que se ordenam em uma cidade tendo em vista o bem comum, (...) isso tudo seria em vão se suas defesas não fossem preparadas ...”
(Maquiavel, 1519-1520)

Em 26 de Fevereiro de 1961, o Washington Post adiantava uma resenha de James Newman, matemático com trânsito nas comissões governamentais pós-guerra, que sairia na edição de Março da *Scientific American*. O título do texto era “A Moral Tract on Mass Murder” e iniciava com a seguinte questão: “Existe realmente um Herman Kahn? É difícil de acreditar”.¹ A descrença de Newman com a existência de Kahn era uma ironia misturada com um estarecimento acerca da publicação de uma vertente do pensamento sobre o planejamento militar americano, em 1960, no livro *On Thermonuclear War* (OTW). Em contraposição, já no final de 1961, o mesmo Washington Post publicou uma crítica mais positiva ao OTW, na qual o sociólogo americano-israelense Amitai Etzioni colocava como um dos méritos de Kahn fazer “para as armas nucleares o que os defensores do amor livre fizeram para o sexo: ele fala com candura de atos que os outros cochicham atrás de portas fechadas”.²

Entre a figura que levanta dúvidas sobre sua existência e o “sexólogo” das bombas, há o OTW. O livro foi passível de muitas interpretações, principalmente por sua abordagem ampla, “prolixa, repetitiva e gigantesca”³ – a edição de 1969 tem 668 páginas. Mas o livro tinha seus méritos, uma vez que compôs, em 1961, a lista de quarenta e seis livros notáveis de 1960 pelo *New York Times*. Diferentes análises do livro concordam que o seu objetivo era discutir a situação mundial frente à tecnologia atômica. Para alguns, Kahn atingia essa questão a partir da revisão e da crítica à postura de defesa dos EUA. Já, para outros, a grande contribuição de Kahn foi mostrar que a guerra termonuclear não significava aniquilação. Essas duas interpretações sobre o OTW são complementares e mostram que a centralidade de análise de Kahn é bastante difusa, podendo ser sintetizada de forma bastante ampla pelo título do livro. Ou seja, é um livro sobre a guerra termonuclear, a qual é compreendida por Kahn

¹ “Is there really a Herman Kahn? It is hard to believe” (Tradução nossa). NEWMAN, James R. A Moral Tract on Mass Murder. *The Washington Post*. ProQuest Historical Newspapers, Feb 26, 1961; p. e7.

² “for nuclear arms what free-love advocates did for sex: he speak candidly of acts about which others whisper behind closed doors” (tradução nossa). GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 10, 207; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 123. “for nuclear arms what free-love advocates did for sex: he speak candidly of acts about which others whisper behind closed doors” (tradução nossa).

³ “prolix, repetitive, gargantuan” (tradução nossa). GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 209.

como problema pelo viés estadunidense. Essa temática também marcaria as duas obras seguintes de Kahn.⁴

Tanto o OTW, quanto os dois livros subsequentes, *Thinking about the unthinkable* (TATU), de 1962, e o *On escalation: metaphors and scenarios* (OE), de 1965, são a sedimentação do futuro como um problema a ser vencido pelo trabalho humano. É o fortalecimento do esforço racional para controlar o futuro. A preocupação com o futuro nesse momento está relacionada ao que é o elemento comum nesses três primeiros livros: o problema da tecnologia nuclear e bélica e as crises internacionais que poderiam surgir disso. Contudo, essa visão do futuro ainda está imbuída da finalidade prática sobre o presente. Nesse sentido, a obra de Kahn foi polêmica e contraditória: ao enfrentar os problemas de um presente, no qual ele acreditava existir falhas – no caso, a defesa dos EUA – ele delineou situações futuras que decorreriam dessas falhas. Ou seja, por um lado, foi elogiado pelas suas críticas e análises da defesa dos EUA, por outro, foi criticado por expor seus resultados.⁵

Esse período da produção de Kahn é permeado por algumas características, sendo as que nos mais interessam aqui a de um gradual aumento da área de defesa dos EUA, que no OTW ainda estava muito centrada no país, e, nos outros dois livros, foi ganhando contornos de defesa do Ocidente. Há, também, um afastamento paulatino das exigências técnicas e mais “duras” da OR e da SA. Por outro lado, mantêm-se e é acentuado o aspecto interdisciplinar e a cogitação e a consideração de diversas possibilidades para enfrentar o crescente desenvolvimento tecnológico que poderia ser empregado na guerra e o efeito disso nas relações internacionais. Tudo isso foi acompanhado e está relacionado com a trajetória de Kahn. O OTW foi um livro que resultou do descontentamento de Kahn com a RAND e que culminou na sua saída da corporação. Após isso, ele fundou sua própria corporação de pesquisa, o *Hudson Institute* (HI). No novo instituto, o TATU e o OE foram os dois primeiros livros de Kahn produzidos, acompanhando os tipos de contratos buscados e assinados pelo HI.

⁴ 46 Notable books of 1960 selected: list drawn up by librarians puts stronger emphasis special to The New York Times. **New York Times**. ProQuest Historical Newspapers, Mar 5, 1961, pg. 123; NORRIS, John G. Military affairs reporter for The Washington Post. **The Washington Post**. ProQuest Historical Newspapers, Dec 18, 1960, p. e6; LASCH, Christopher. Herman Kahn on Thermonuclear War: What Price Survival? **Massachusetts Review**, Vol. 2, No. 3 (Spring, 1961), pp. 574-580, p. 575; MICHAEL, Donald N. On Thermonuclear War by Herman Kahn. **Science, New Series**, Vol. 133, No. 3453 (Mar. 3, 1961), p. 635.

⁵ KAHN, H., 1969, p. 3; KAHN, Herman. **Thinking about the unthinkable**. New York: Horizon Press, 1962, p. 13; KAHN, Herman. **Pensando no impensável**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1971, p. 11; KAHN, Herman. **A escalada: metáforas e cenários**. Rio de Janeiro: Bloch, 1969, p. 26-27; KAHN, Herman. **On escalation: metaphors and scenarios**. Baltimore: Penguin, 1968, p. 6-7.

Nesse capítulo, portanto, veremos mais uma etapa da constituição de um pensamento sobre o futuro, que reunia, agora, as características expostas no parágrafo anterior e partia da crítica de Kahn à postura de defesa dos EUA, crítica, esta, produzida conforme uma configuração institucional da RAND. Além disso, analisaremos as técnicas empregadas nesse trabalho para a interpretação do passado, do presente e do futuro, pensando, então, como os EUA deveriam se portar frente a um mundo ameaçado por armas de destruição em massa.

II.1. O futuro deformado: sobre a polêmica da guerra atômica

A produção das duas bombas atômicas ocorreu, por um lado, conforme a crença de seus inventores, de que ela seria um meio para findar a guerra. Por outro lado, havia também a consciência de seu poder inédito. Essa consciência se mostrou menor do que a realidade quando, nos testes, foi percebido o perigo enorme da nova arma, o que se confirmou com seu uso sobre Hiroshima e Nagasaki. Esse potencial de destruição aumentou com o advento da bomba de hidrogênio, em 1952, inaugurando uma nova arma absoluta. O desenvolvimento dessas armas criou problemas sérios para planejar a defesa dos EUA. O OTW foi o início de uma abordagem polêmica adotada por Kahn, ainda na RAND Corporation, para expor seu ponto de vista sobre a defesa dos EUA frente à possibilidade das novas armas. O TATU e o OE continuaram essa abordagem, fornecendo novos elementos para ela, respondendo algumas críticas e definindo e cravando alguns métodos e técnicas.⁶

A bomba H⁷ tinha um poder destrutivo muito forte, indo além do da bomba atômica. Ela superava a destruição física, pois também deformava o futuro. Um primeiro sentido dessa deformação era a própria guerra. Para Kahn, a guerra termonuclear retomaria a brevidade da guerra, porém, de forma inédita, uma vez que as guerras durariam entre algumas horas a até, no máximo, dois meses. Outra alteração seria em relação aos alvos, que não seriam mais civis ou bases industriais, já que exércitos, pessoas e produção industrial não fariam diferença estratégica ou tática em uma guerra como essa – não seriam necessários mais exércitos, ou mais tanques uma vez realizado o primeiro ataque.⁸

O advento dessas bombas também implicou em uma deformação na concepção de tática e de estratégia. A consideração dessas armas como armas absolutas, como Kahn percebera, já no advento da bomba atômica, levou muitos a decretarem o fim de ambas as

⁶ STEVENSON, J., 2008, p. 9-10,12.

⁷ Em 1952, Kahn estava envolvido com a pesquisa da Bomba H, GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 64-65.

⁸ KAHN, H. *A escalada*, 1969, p. 265; KAHN, H., 1968, 168-169.

artes militares, uma vez que a destruição de nações não era objeto nem de tática, nem de estratégia. Isso, para Kahn, fez com que muitos considerassem a guerra atômica como inconcebível, sem pensar nos detalhes dela. Outros tentaram pensar tal guerra, porém, com conceitos obsoletos da II Guerra. Quem pensou e propôs estratégias e táticas para lutar tais guerras foram os *think tanks* como, no caso da Força Aérea, a RAND Corporation, por exemplo.⁹

Portanto, os problemas enfrentados por Kahn ainda são os da tecnologia atômica e do futuro incerto que ela criava, uma vez que, segundo ele, “a simples existência da tecnologia moderna constitui um risco para a civilização, o qual não se poderia imaginar há vinte e cinco anos”¹⁰ e, mais além, decreta: “... a manutenção da atual ordem internacional é incompatível com as prováveis conquistas tecnológicas”.¹¹ O ponto de partida para compreendermos a proposta de Kahn é a manutenção daquilo que já era realizado pela SA e a OR.¹²

Kahn mantinha a defesa do trabalho de antecipação, de prevenção e de preparação para as crises e os problemas, pois o que estava em jogo, para ele, não era a simples opção entre o risco ou a certeza do desastre, entre o bem e o mal. Buscava, portanto, um guia frente a um futuro escuro e ameaçador e um paliativo contra as incertezas. A resposta para isso, proposta por Kahn, foi delinear meios para orientar o processo de escolha, os quais ponderariam os diferentes resultados conforme seus riscos. Além disso, o processo de escolha teria que se basear em informação e conjecturas que resultariam na opção por um curso de ação, entre vários possíveis delineados e imaginados, que estivesse preparado para a possibilidade de se fazer a escolha errada ou para eventos que pudessem se desdobrar em um caminho inexorável, apesar das escolhas. Ou seja, as ferramentas, conforme Kahn, para o homem ter o controle do seu destino e não ficar largado ao acaso ou às atitudes irracionais já estavam disponíveis. A partir dali, era uma questão de vontade e prática, já que, como Kahn decreta: “a sobrevivência da nossa civilização pode depender de nossos esforços”.¹³

O OTW e as análises de Kahn caíram sobre a sociedade americana como uma bomba de alguns megatons, uma vez que abordava de forma fria, crua e objetiva a questão da guerra

⁹ KAHN, H. **A escalada**, 1969, p. 307-309; KAHN, H., 1968, p. 197-198.

¹⁰ KAHN, H., 1971, p. 20 “the mere existence of modern technology involves a risk to civilization that would have been unthinkable twenty-five years ago” KAHN, H., 1962, p. 23.

¹¹ KAHN, H., 1971, p. 237, “(...) a continuation of the present international order is incompatible with probable technological developments”. KAHN, H., 1962, p. 209.

¹² Ainda que haja uma restrição cada vez maior ao uso de computadores e dos métodos do MC. KAHN, H., 1971, p. 11; KAHN, H., 1962, p. 13.

¹³ “the survival of our civilization may depend on our making this effort” (tradução nossa), KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p. 576, 119, 233, 576, xv; KAHN, H., 1962, p. 13, 22-23, 26; KAHN, H., 1971, p. 11, 19-20, 24.

atômica e seus resultados. O OTW, o TATU e o OE eram propostas de aplicação prática e que alcançaram o grande público, em oposição aos relatórios de 1957, que eram discussões do estado da arte da SA e que ficaram restritos à RAND e aos setores mais ligados a ela. Há, também – como Kahn reconhece no prefácio à segunda edição do OTW – uma preocupação internacional mais ampla que aquela exposta nos escritos de SA. Nesse mesmo prefácio, Kahn aumenta o alarme sobre a questão atômica, defendendo que esse problema era maior do que o da pobreza e o do provimento de necessidades básicas, os quais existiam em algumas regiões da Europa e dos EUA. A questão das armas nucleares era mais imediata aos EUA – uma vez que, para Kahn, em menos ou mais tempo, a pobreza seria resolvida – por causa da preocupação da tecnologia nuclear ou cair na mão de países imprevisíveis ou servir ao expansionismo das nações comunistas, podendo, com isso, representar uma ameaça aos EUA e ao Ocidente. Posteriormente, Kahn acrescentou que até por finalidades pacíficas, era possível esse poder nuclear aumentar.¹⁴

Portanto, o que estava em questão, para Kahn, era mais do que a segurança dos EUA – e, em alguma instância, do Ocidente – era o triunfo do progresso material e da segurança humana. Nesse sentido, a revisão e a análise das posturas militares dos EUA, ponderando riscos e benefícios, eram defendidas como importantes, já que os EUA dispunham de um estabelecimento defensivo letal e caro. Dessa forma, os livros não abandonam totalmente o enfoque militarista defendendo e realizando a ponderação de resultados prováveis e improváveis de uma guerra, abrangendo desde guerra acidentais até comportamentos não autorizados. Com isso, Kahn entrava em um tema que contribuiu muito para o aspecto polêmico de suas análises: o pensamento e a exposição detalhistas sobre a guerra nuclear.¹⁵

Kahn diagnosticava um pensamento que considerava a guerra nuclear inconcebível e, por isso, impossível, o que fazia com que quem pensasse sobre ela fosse considerado um imoral. Com isso, a guerra era pensada como o fim da humanidade, sem maiores detalhes e distinções. Kahn achava simplista e contraproducente pensar a guerra nuclear como uma aniquilação automática. Para ele, a guerra teria diferentes níveis de dano. Destarte, a defesa de Kahn por um trabalho analítico da guerra se assenta na refutação da máxima “antes não pensar do que pensar mal”, que guardava inferências como: se um homem estuda guerra é por que deve gostar de guerra. Esse tipo de pensamento indicava um envolvimento emocional que, para Kahn, o analista não deveria possuir. Kahn defendia uma empatia disciplinada, ou

¹⁴ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p. xv, xvi-xvii; KAHN, H., 1971, p. 19-20; KAHN, H., 1962, p. 22-23; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 56.

¹⁵ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p. xv; KAHN, H., 1962, p. 23; KAHN, H., 1971, p. 20-21.

seja, esvaziar a mente das tragédias associadas aos problemas que são estudados. Portanto, Kahn defende uma abordagem mais colorida, desapaixonada e factual, com uma linguagem simples, transmitindo, com isso, todo o sentimento de choque que a situação possui. A prática do estudo de guerra também ajudaria desmistificar seu estudo, quebrando, assim, o tabu de sua impossibilidade. Tudo isso, para Kahn, era em prol da sobrevivência do Ocidente. A defesa de Kahn por esse enfoque trouxe o reconhecimento público para ele, tanto positivo quanto negativo e representou uma guinada significativa em sua trajetória profissional.¹⁶

II.1.a. O problema presente I: a revisão da defesa dos EUA

O OTW, o TATU e o OE têm diversas linhas de argumentos, grande parte delas dando suporte a uma grande revisão na defesa dos EUA, principalmente no campo de defesa civil (DC). A DC nasceu do medo das bombas, que mostraram como cidades poderiam ser destruídas sem o menor aviso; elas ensinaram que as cidades precisavam de proteção. Com isso, esforços nesse sentido iniciaram, nos EUA, ao longo dos anos 50, também com o advento de outras tecnologias, como a bomba termonuclear e os mísseis intercontinentais, principalmente os soviéticos. A defesa civil, para Kahn, fazia parte da postura de defesa dos EUA, funcionando como uma alternativa à falha da dissuasão.¹⁷

Para Kahn, as forças militares tinham como principal objetivo evitar que guerras nucleares acontecessem, garantindo a estabilidade militar, algo essencial para a segurança nacional. Kahn entendia que essa estabilidade consistia em não alterar o *status quo* pelo uso ou pela ameaça de uso do poder militar. Caso isso falhasse, era possível que o inimigo atacasse em três frentes: alvos militares, população ou potencial de recuperação. Conforme Kahn, os trabalhos da RAND focavam os dois primeiros pontos.¹⁸

Com a SA, Kahn trabalhou, aprendeu e expôs exemplos da proteção e de defesa de alvos militares atrelado aos efeitos de ataques atômicos e da radiação. Ao trabalhar com as

¹⁶ KAHN, H., 1971, p. 21; “better no thought than evil thought” KAHN, H., 1962, p. 23; KAHN, H., 1971, p. 21-22; KAHN, H., 1962, p. 23-24; KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p. 523; KAHN, H. **A escalada**, 1969, p. 313-314, 305-306; KAHN, H., 1968, p. 167-168, 202; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 219-220.

¹⁷ GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p.49, 185. Não entraremos em detalhes em cada uma das posturas, Cf KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p. 4-39. SPINGARN, Jerome. Picking Up The Pieces. **New York Times**. ProQuest Historical Newspapers: Jan 1, 1961, p. br3; LASCH, C., 1961; GELLNER, John. On Thermonuclear War by Herman Kahn Review. **International Journal**, Vol. 16, No. 4 (Autumn, 1961), pp. 420-421; GREENE, F. (1961). Beyond the Balance of Terror. **New Republic**, 144(9), 16-18; GRAEBNER, Norman A. On Thermonuclear War by Herman Kahn Review. **Annals of the American Academy of Political and Social Science**, Vol. 337, Meeting Health Needs by Social Action (Sep., 1961), pp. 161-162.

¹⁸ KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p. 96, 531, 88; KAHN, H. **A escalada**, 1969, p. 256-257; KAHN, H., 1968, p. 162-163.

questões concernentes ao ataque de alvos militares pelo viés da análise de sistemas, Kahn se aproximou da segunda forma possível de ataque, ou seja, seus trabalhos também se direcionaram para a temática da proteção da população, que era a defesa civil. Em 1956, já bem estabelecido na RAND, casado e com uma filha pequena, Kahn foi indicado para liderar uma equipe de estudos sobre o tema e em 1957 realizou seu primeiro *briefing* sobre o assunto. A preocupação com a defesa civil nos EUA já se iniciara durante a II Guerra, a partir do contato com o sistema inglês, que era descentralizado e formado por cidadãos. Ela tornou-se objeto de atenção especial, nos EUA, desde o governo Truman.¹⁹

Porém, antes de entrar na defesa civil, cabe comentar a interpretação de Kahn sobre a defesa dos EUA. Ele define a postura dos EUA entre a Dissuasão Finita (*Finite Deterrence*) e uma Força Contrária como Segurança (*Counterforce as Insurance*). A Dissuasão Finita era a política que buscava uma retaliação como punição a uma provocação soviética e não apresentava pretensões estratégicas além dessa. A Dissuasão Finita acreditava que essa situação deveria ser conquistada, construída como política de dissuasão. Uma vez alcançada a habilidade de dano capaz de deter o inimigo, estaria constituída a força suficiente. A Dissuasão Finita se assentava, assim, na crença no homicídio mútuo.²⁰

A crença no homicídio mútuo fora explicada por Kahn em uma entrevista em 1961, ao dizer que seus defensores pensavam que os estadunidenses, ao usar as armas, “são como abelhas. Uma vez que ferroam, morrem”²¹. Essa mentalidade se iniciou quando a URSS desenvolveu também suas armas atômicas. Surgiu, então, nos EUA, a ideia de um equilíbrio de terror automático, simétrico e confiável, que constituiu a ideia de homicídio mútuo, ou seja, a crença na qual o uso das armas atômicas levaria a uma aniquilação recíproca e, por isso, existiria a dissuasão do uso delas.²²

O problema, para Kahn, da crença no homicídio mútuo e na Dissuasão Finita era considerar os efeitos nocivos da guerra como fator que a impediria, sem encarar, no entanto, os efeitos da guerra caso ela acontecesse e como se preparar contra eles. No caso particular da Dissuasão Finita, Kahn acreditava que ela também poderia ou levar a uma degradação das capacidades militares do Ocidente, não criando um sistema de armas com capacidade de dano suficiente, ou concretizar um sistema de armas que fosse demasiadamente agressivo e destrutivo, podendo acabar com o inimigo em uma retaliação. Como Ghamari-Tabrizi expôs,

¹⁹ BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 53-56; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 194; GROSSMAN, Andrew.

Neither dead nor red. New York: Routledge, 2001, p. 1-3

²⁰ KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p.39, 13, 15.

²¹ “we are like bees. Once they sting, they die” (tradução nossa). RINGS of Bomb Shelters Urged by Physicist. **Los Angeles Times**. ProQuest Historical Newspapers, Feb 8, 1961, p.25.

²² KAHN, H., 1971, p.114-116, KAHN, H., 1962, p. 104-105.

a defesa de Kahn pela dissuasão passava pela ideia de que “para *parecer* disposto a lutar uma guerra nuclear, você deve *estar* disposto a lutar uma guerra nuclear”.²³

Para alcançar esses objetivos, Kahn defendia a necessidade de pensar a guerra detalhadamente, realisticamente e, inclusive, como um meio de negociação. A análise da guerra e a sua exposição, em si, já eram um elemento de dissuasão, uma vez que, conforme Kahn, poderia ser fatal para o mundo livre permitir que a URSS confiasse em sua força de dissuasão, evitando, com isso, qualquer ameaça dos EUA contra eles, independentemente do que eles fizessem. Portanto, pensar a guerra e expor isso era uma forma de alertar a URSS que os EUA estavam preparados.²⁴

Kahn identificava no governo dos EUA também aqueles que acreditavam que só a garantia do homicídio mútuo não era suficiente, já que uma guerra nuclear poderia acontecer, mesmo que por engano. Nesse sentido, uma Força Contrária como Segurança era importante. Kahn a entende como tudo aquilo que age contra a efetividade ou o uso da força inimiga. Por exemplo: contra um míssil invisível, um abrigo; contra a destruição de cidades, ameaças de retaliação.²⁵

Para Kahn, era preciso ir além e criar uma Capacidade de Primeiro Ataque Crível (*Credible First Strike Capability*). Essa capacidade serviria para induzir a incerteza no inimigo de que, se ele provocasse, ou atacasse, em resposta, haveria um ataque devastador e sem chances de tréplica. Essa capacidade evitaria que os EUA enfrentassem questões como: “Se 180 milhões de mortes é um preço muito alto a se pagar para punir os soviéticos por uma agressão deles, qual preço nós estaríamos dispostos a pagar?”²⁶. Mais do que uma capacidade real, a intenção por trás dessa força era também dissuasiva.²⁷

O primeiro ataque, uma possível retaliação contra um primeiro ataque inimigo e a segurança contra a retaliação do inimigo se assentaria sobre uma Base de Mobilização Pré-ataque. Essa base de mobilização decorreria da própria atividade e investimento em R&D e seria ou a capacidade já organizada e pronta antes de um suposto conflito ou a capacidade a ser mobilizada após uma declaração de guerra, como, por exemplo, aumentar rapidamente o

²³ “Kahn insisted that in order to *look* willing to fight a nuclear war, you had to *be* willing to fight a nuclear war” (tradução nossa). GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 217-218; KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p. 63, 225.

²⁴ KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p.97; KAHN, H., 1962, p. 15-16, 21-23, 35-36, 106-108; KAHN, H., 1971, p. 19-21, 23-24, 35-36, 117-199. É interessante percebermos que parte substancial da defesa por pensar a guerra é feita no TATU, ou seja, o livro posterior ao OTW. Essa defesa é uma resposta às críticas sofridas por Kahn no lançamento do primeiro livro, justamente por apresentar a guerra com detalhes.

²⁵ KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p.16-19.

²⁶ “If 180 million dead is too high a price to pay for punishing the soviet for their aggression, what price would we be willing to pay?” (tradução nossa) KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p.29.

²⁷ KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p.39, 28-36.

efetivo para lutar – ou ameaçar lutar – tanto uma guerra limitada quanto uma guerra total. Ela possuía, portanto, um aspecto dissuasivo, já que seria uma capacidade de retaliação contra um primeiro ataque do inimigo. Ela também foi defendida por Kahn para desempenhar a função de limitadora dos danos sofridos. Portanto, essa capacidade era a fase final do jogo de dissuasão, quando surgiriam esforços para pensar como fortalecer o abrigo e melhorar as dinamites.²⁸

Para Kahn, a Guerra da Coreia fora um fator positivo para mostrar a capacidade da mobilização dos EUA. Ao longo do mês de Junho de 1950, portanto, antes da Guerra da Coreia, Kahn expõe que ocorreu um grande debate sobre se o orçamento de defesa dos EUA deveria ser de quatorze, quinze ou dezesseis bilhões de dólares. Contudo, com a eclosão da guerra, em 25 de Junho, o Congresso aprovou um orçamento de sessenta bilhões. Isso, para Kahn, representou uma enorme derrota militar da URSS, independente dos sucessos comunistas, uma vez que demonstrou a capacidade dos EUA em aumentar sua força rapidamente.²⁹

Portanto, para Kahn, essa era uma característica dos EUA, ou seja, conseguir mobilizar muito dinheiro rapidamente, principalmente por ser um país rico e bem-educado. Essas condições, para Kahn, dificultariam, no caso de um ataque, que o país voltasse a uma condição econômica igual a anterior à I Guerra ou à II Guerra. Um exemplo dessa mobilização rápida, para ele, resultara da própria pressão do ataque sobre a Coreia, que foi motivada, segundo Kahn, por uma crença disseminada nos círculos governamentais de que a III Guerra estava a caminho. Tão logo a guerra contra a Coreia acabou e, junto dela, o medo de uma guerra total, a pressão para reduzir orçamento aumentou. Contra essa situação, Kahn defendia uma disposição dos EUA aos investimentos em defesa e no campo militar conforme um planejamento econômico ajustado às necessidades militares, principalmente de prevenção. Nesse sentido, defendia estudos que decidissem quais setores deveriam ser encorajados e que compromissos deveriam ser feitos para tornar a economia militarmente forte.³⁰

A Guerra da Coreia, conforme Kahn, também mostrou que uma guerra podia ser lutada de forma limitada e racional, mesmo com a existência de armas nucleares. Nesse sentido, Kahn estabelecia uma importante diferenciação estratégica. Historicamente, ele aponta que as guerras, em grande parte das vezes, possuíam um objetivo definido e limitado,

²⁸ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p.39, 25; KAHN, H. *A escalada*, 1969, p. 248, 243; KAHN, H., 1968, p.156-157, 153; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 214.

²⁹ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p. 219, 536; KAHN, H., 1962, p. 206, KAHN, H., 1971, p.233-234; KAHN, H. *A escalada*, 1969, p. 142, 260-261, KAHN, H., 1968, p.83-84, 165-166.

³⁰ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p.221, 536, 91; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 27, 536, 547-548, 564, 566-568.

como a conquista de um determinado território, por exemplo, e um emprego comedido dos recursos. Contudo, a tecnologia recente permitiu que as nações lutassem guerras inéditas em seu descontrole e falta de objetivos limitados. Um exemplo disso foram as duas Guerras Mundiais, cujo único objetivo, para Kahn, parecia ser a destruição total da capacidade bélica do inimigo para, então, alcançar a paz. Essa ausência de objetivos limitados, somada a uma mobilização de todos os recursos e aliada com a morte indiscriminada de civis indicaria a guerra total. Para Kahn, a guerra da Coreia foi limitada e racional, ou seja, aquela na qual a força é usada de forma racional para se atingir fins ou objetivos específicos. Por isso, Kahn defende insistentemente importância de pensamento e da análise da guerra de forma detalhada e sistêmica, permitindo que guerras nucleares sejam lutadas limitada e racionalmente.³¹

Com o conjunto de medidas e posturas proposto, Kahn intentava constituir a estabilidade. O sistema de segurança, de acordo com essa visão, deveria ou reduzir as possibilidades de guerra por erro, de alarme falso, de conduta imprópria ou não autorizada, entre outras, ou reduzir a chance que tais eventos levassem à guerra. Era a criação de mecanismos para atenuar os latidos do cachorro ou as crianças roubando frutas na árvore. Um dos meios para isso era dar tempo para a decisão, tirando a celeridade da necessidade delas, principalmente em contextos ambíguos, uma vez que “são as decisões, e não os incidentes, que causam as guerras”³². Isso passava também por torná-las mais centralizadas.³³

Outro paliativo para as crises era, para Kahn, a aparência dos EUA frente aos inimigos. Para ele, o país não poderia parecer ameaçador, nem passível de falhas, caso contrário poderia criar uma sensação de insegurança e ansiedades, as quais poderiam culminar em reações drásticas. Em contrapartida, o inimigo também não poderia se sentir seguro. Assim, as ameaças deveriam ter um papel de “morde-e-assopra”, ou seja, deveriam existir, mas sem serem excessivas ou desnecessárias. Era uma mistura de Capacidade de Primeiro Ataque Crível e Força Contrária como Segurança, ou seja, a resposta ao ataque era importante, evitando, assim, o primeiro ataque, pois, caso o inimigo tivesse a iniciativa, arrepender-se-ia, mesmo se vencesse a guerra. Essa postura também poderia evitar a ameaça do ataque que, como resposta, poderia gerar um ataque de fato. É inegável o elemento

³¹ KAHN, H., 1971, p.77-80; KAHN, H., 1962, p. 72-74; KAHN, H. **A escalada**, 1969, p.280-281, 455-458; KAHN, H., 1968, p. 179, 298-299; KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p. 418.

³² KAHN, H., 1971, p.133, “it is decisions, not incidentes, that cause war” KAHN, H., 1962, p. 120.

³³ KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p. 26; KAHN, H., 1971, p.133; KAHN, H., 1962, p. 120. Essa medida de centralização visava evitar episódios como o do filme Dr. Fantástico, quando um oficial perturbado do exército realizou o ataque contra a URSS. Enredo, esse, retirado do livro Red Alert. Inclusive, Kahn foi consultado por Kubrick enquanto elaborava o filme e, segundo alguns, o personagem do cientista que desenvolveu a bomba fora inspirado parcialmente em Kahn. STEVENSON, J. 2008, p. 88-90; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 275-278, BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 183-185.

dissuasivo nessa proposta, uma vez que mostrava aos adversários e aos EUA e seus aliados que eles não seriam destruídos. Todavia, para Kahn, a opção dos EUA pela coexistência, por mais que representasse algumas perdas competitivas pequenas, em contrapartida, representava um aumento da estabilidade e evitava perdas futuras gigantescas, que poderiam advir da corrida armamentista, que desenvolvia cada vez mais armas que eram, por sua vez, cada vez mais perigosas.³⁴

Outro fator da preparação da dissuasão, segundo Kahn, era considerar seriamente as consequências do crescimento do poder soviético. Devido ao desconhecimento sobre os soviéticos, existiam diversas desconfianças sobre seu poder e sua capacidade. Kahn, por exemplo, cogitava a possibilidade da URSS estar desenvolvendo políticas de defesa civil, principalmente a respeito de abrigos. Portanto, grande parte do planejamento da defesa dos EUA levava em conta esse elemento do desconhecido sobre o inimigo. Era, inclusive, uma tática: aumentar o inimigo para justificar e moldar um aumento próprio. Isso fora percebido em Kahn também por Spingarn, que afirma que essa foi uma característica própria da Guerra Fria.³⁵

No caso do relacionamento com pequenas potências inimigas, uma forma de dissuasão e punição cogitada por Kahn seria o uso de sanções militares e econômicas. Mas, algumas vezes, seria necessário o uso da força, pois, para Kahn, era difícil supor alcançar um mundo estável por meio de um acordo de controle de armas sem estar disposto a usar a violência para fazer cumprir tais acordos. Nesse sentido, cogitava o uso de violência ou de ameaça para que o acordo fosse aceito. Isso era, segundo ele, o oposto da posição pacifista. Portanto, era o uso de guerra menores para evitar a ocorrência de maiores, ainda mais em um mundo futuro delineado por Kahn, onde era possível que, no ano 2000, um número em torno de cinquenta nações tivessem sistemas de armas nucleares.³⁶

É perceptível, na postura em relação às pequenas potências inimigas, uma relação com o exemplo real de Cuba. Todavia, na época do OTW, a crise dos mísseis não tinha ocorrido ainda e nem, portanto, o embargo. É possível cogitar que já existia, então, previamente, uma espécie de procedimento caso coisas assim acontecessem, uma vez que Kahn já antecipara essa possibilidade no OTW. No OE, um dos temas centrais – que retomaremos no próximo capítulo – é a escalada que, de forma geral, trataria do estudo e do controle das crises, a qual Kahn reconhece que foi motivada pelos acontecimentos na ilha, desde a revolução, até a crise

³⁴ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p.157-159, 243.

³⁵ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p.568-569, 99, 131; Cf GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 1-9; SPINGARN, J. 1961.

³⁶ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p.250; KAHN, H., 1971, p.238-240; KAHN, H., 1962, p. 209-211.

dos mísseis. Com isso, Kahn acreditava ser possível usar as crises como catalizadoras para mudar governos e posturas, como meios manipuláveis para atingir certos interesses nacionais e mundiais.³⁷

Kahn também reconhecia a importância do aspecto psicológico na guerra e, principalmente, na dissuasão. Para Kahn, a ênfase no aspecto psicológico era algo próprio dos tempos de paz, que ele sintetiza na frase “nós estamos trabalhando sobre sua mente, assim como sobre seu corpo”³⁸, na qual, “seu” (corpo ou mente) é o inimigo, mas poderia ser todo o contexto internacional. Por isso, para ele, era importante distinguir os diferentes tipos de *deterrence*, que passava por reconhecer as próprias alternativas em comparação com as alternativas do adversário. Para Kahn, alcançar uma dissuasão confiável era muito mais difícil do que se supunha no passado e a qualidade da dissuasão poderia fazer grande diferença na posição e na política. Nesse sentido, Kahn questiona se a *deterrence* dos EUA era tão poderosa a ponto de resistir a todos os estresses, tensões e mudanças repentinas e inesperadas da Guerra Fria. Para Kahn, a dissuasão americana deveria fazer os soviéticos crerem que um ataque representaria um grande risco de destruição da sociedade civil soviética e de suas forças militares. A base para essa crença seria a Capacidade de Mobilização Pré-Ataque.³⁹

Parte da defesa da dissuasão de Kahn passava pela mobilização dos cidadãos durante o período de paz. Esse seria o ponto de partida para a mobilização pré-ataque e para a reconstrução do país. Por isso, parte de seu trabalho e análise é dedicada à defesa civil.

II.1.b. O problema presente II: A defesa civil como a defesa do futuro

Um dos componentes principais da defesa dos EUA, para Kahn, era a defesa civil, ou seja, a defesa da população, que era uma das frentes possíveis de ataque do inimigo e sobre a qual a RAND desenvolvia análises. Assim como a área da estratégia, a concretização da defesa civil passava pela – e acentuava ainda mais a – diferenciação entre os tipos de experiência militar e a dos cientistas e tecnólogos. Essa distinção também resultava em uma cisão dentro da tarefa do planejamento da defesa do país.

A compreensão de Kahn de defesa civil estava na linha da concepção inglesa, constituindo a defesa não militar dos EUA, que cuidaria da proteção das pessoas e da

³⁷ KAHN, H. **A escalada**, 1969, p. 368-369, 393 395; KAHN, H., 1968, p. 259, 240-241, 258.

³⁸ KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p.164, “we are working on his mind as well as his body” (tradução nossa).

³⁹ KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p.126; KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p.557; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 210.

propriedade. Essa concepção foi formada dentro de uma interpretação que o bombardeio a áreas populacionais era justificado de forma estratégica como um ataque a uma capacidade de mobilização do inimigo e ao seu potencial industrial.⁴⁰

Conforme Kahn, nos EUA, até meados da década de 50, a defesa dos alvos estratégicos e dos alvos civis estavam integradas. Porém, após essa data, tornaram-se duas áreas distintas, resultado direto do fim do monopólio dos EUA sobre a bomba atômica, no início dos anos 50, seguido pela disseminação de tais artefatos a partir daquela década e pelo desenvolvimento dos mísseis intercontinentais soviéticos. O conjunto desses fatos, para Kahn, abalou a sensação de inatingíveis dos estadunidenses, a qual se assentava na crença de uma capacidade militar exagerada, no mal-estar das bombas de Hiroshima e Nagasaki, fazendo parecer que elas nunca seriam usadas novamente, e em não perceber que a dissuasão era um fator psicológico.⁴¹

A partir de então, conforme Kahn, a DC não era mais eficaz em relação aos objetivos militares tradicionais. Devido à potencialidade e à surpresa de um ataque nuclear, a proteção civil era mais difícil. Por outro lado, a população civil não era mais o alvo principal, pelos fatores já vistos e por sua destruição estar dentro de uma destruição mais ampla, que seria rápida, impedindo a organização de uma base de mobilização após o ataque. Com isso, a DC adquiriu, para Kahn, outro estatuto, que relaciona o projeto de defesa civil dos EUA com questões que estavam além dos limites internos do país, tornando-se também um assunto do governo. Primeiramente, Kahn aponta que a DC era uma função do DoD, o que já demonstra a defesa civil por um viés de projeto governamental. Por fim, Kahn concorda com os argumentos que apontam que uma guerra atômica poderia representar o fim da democracia. Portanto, a preparação da defesa civil para a recuperação pós-guerra passava também por manter os valores e as instituições da democracia. Se um governo democrático conseguisse se preparar e manter uma nação viva e recuperada após uma guerra aniquiladora, seria uma vitória dos valores da democracia e do Ocidente para o futuro.⁴²

Frente a essa constatação, Kahn diagnostica uma situação de praticamente negligência com a DC, em prol do fortalecimento da dissuasão pela corrida armamentista e de preparativos para limitar e findar a guerra. Kahn acreditava que era preciso mais: um programa de abrigos civis e planos referentes às áreas médica, econômica, social e política em

⁴⁰ KAHN, Herman. Some specific suggestions for achieving early non-military defense capabilities and initiating long-range programs (RM-2206-RC), Santa Monica: RAND Corporation, 1958, iii; KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p. 275.

⁴¹ KAHN, H., 1971, p. 113-114; KAHN, H., 1962, p. 103-104; KAHN, H., 1962, p. 81; KAHN, H., 1971, p.87.

⁴² KAHN, H., 1971, p. 87-88, 90-91, 100; KAHN, H., 1962, p. 81-82, 98-99, 109; KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p.275.

um mundo pós-guerra. O alvo da DC deveria ser, portanto, a capacidade de resistir a um ataque soviético. Era a proteção do povo como um fim necessário ao reerguimento do país no caso de um conflito nuclear. Assim, se os preparativos fossem bem feitos, a recuperação poderia ocorrer em cinco anos ao invés de vinte. Dessa forma, acresceu-se às duas atividades principais de defesa, uma terceira, que é a proteção da capacidade de recuperação, o que corresponde à resposta às três possibilidades de ataque do inimigo pontuadas anteriormente. Era um projeto de futuro que englobava, portanto, a proteção dos alvos militares, a proteção civil e a de potencial de recuperação e que, para Kahn, não podia estar restrito somente aos militares.⁴³

Kahn reforça e ressalta a necessidade da participação civil no planejamento militar – ou do que, até ali, costumava ser essencialmente militar – a partir da análise sistemática e de abordagens que pensassem as diversas alternativas. Havia, portanto, uma reinterpretação do papel militar e das forças armadas. Kahn defendia que os planejadores eram obrigados a pensar a guerra como experiência, sobrevivência e reconstrução e não como um fim da história. Isso, para ele, propiciaria a preparação psicológica adequada, a qual conduziria à constituição de uma defesa civil e aérea que evitaria ficar a mercê do inimigo e fugiria da máxima que Kahn considerava falaciosa de que não havia alternativa para a paz. A defesa era, destarte, evitar que o inimigo transformasse os cidadãos em reféns, o que, também, representaria um entrave às estratégias inimigas. Isso seria alcançado por uma análise ampla que planejaría uma defesa que conhecesse todas suas fraquezas, uma vez que bastaria para o atacante encontrar apenas uma para obter sucesso.⁴⁴

Com isso, Kahn tentava abrir uma porta para a entrada do planejamento civil que já era feito por ele. Além da porta, ele também tentava abrir janelas e porões, pois via poucas organizações aptas a desenvolver um programa de estudo da defesa civil, estando a maioria ligada ao DoD, seguindo um viés militar, o qual, para Kahn, deveria ser superado na análise e no planejamento da defesa civil. Kahn não acreditava na autoridade militar acima da autoridade de físicos, acadêmicos e civis, pois, a guerra nuclear precisaria de todos os tipos de especialistas, fardados ou não, já que sua prevenção envolvia diferentes aspectos da sociedade. Portanto, para ele e seus colegas, “a paz é demasiado importante para ser confiada a generais”.⁴⁵

⁴³ KAHN, H., 1971, p. 89, 107-108; KAHN, H., 1962, p. 82-83, 99.

⁴⁴ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p.160, 173,230,535; KAHN, H. *A escalada*, 1969, p.345; KAHN, H., 1968, p.224.

⁴⁵ KAHN, H., 1971, p.30. Conforme Kahn, essa frase foi uma paráfrase feita por Wohlstetter sobre uma frase de Clemanceau, Primeiro Ministro francês durante a I Guerra, que afirmava “a guerra é por demais importante

Visando a realização desses intentos, a equipe de estudo de DC de Kahn na RAND foi formada por dezesseis pessoas e, entre elas, havia um engenheiro civil, um médico, um físico especialista em *fallout*⁴⁶, um bielorrusso especialista em defesa civil soviética e um suíço com doutorado sobre o impacto social de bombardeios pesados. A equipe contava ainda com ajudas esporádicas de outros membros da RAND. O grupo de Kahn trabalhou nos moldes da SA e da OR, desenhando e analisando algumas possibilidades de ataques e defesa e calculando seus custos e benefícios, pontuando situações futuras e como alcançá-las e otimizando o orçamento para alcançar os fins postulados. Kahn também trabalhou com temas polêmicos, cogitando a possibilidade de ataques maiores, com bombas na casa dos megatons. Assim, vários aspectos após um ataque foram abordados, como os de habitação, de alimentos, de cuidados médicos e de recuperação econômica. Pelos resultados da pesquisa, Kahn e sua equipe ganharam destaque.⁴⁷

Conforme Kahn, até o estudo de defesa civil da RAND, em 1957, não havia nenhum estudo sério sobre quão demorado seria para se recuperar dos efeitos da guerra termonuclear. Para Kahn, apesar dos gastos, os sistemas militares em tempos de paz tinham defeitos sérios e que poderiam ser fatais em caso de uma guerra. Ele atribuía a existência dessas falhas à dificuldade psicológica que as pessoas tinham ao lidar com o conceito de guerra termonuclear como um desastre que poderia ser vivido e superado e por planejadores considerarem difícil avaliar com seriedade o desempenho dos sistemas em tempos de guerra, por acreditarem que tais sistemas nunca seriam usados, pois, se fossem, o resultado seria destrutivo. Tudo isso, para ele, era agravado pela falta de entusiasmo, no Ocidente, em jogar jogos militares e por muitos se assentarem na crença daquilo que Kahn chamou de profecias autorrealizáveis⁴⁸. Para Kahn, as pessoas acreditavam no poder mágico das palavras ou das ações, que poderiam atrair a coisa dita ou feita – por exemplo, a construção dos abrigos causar o seu uso. Contra isso, Kahn argumentava que, ao se falar sobre abrigos, a ideia era ter uma forma de limitar a quantidade de dano que poderia ser causado na guerra e aumentar a capacidade dos EUA resistir às provocações e chantagens. Dessa forma, estabelecer o programa não significava esperar usá-lo de fato, apesar de sua construção já carregar um aspecto dissuasivo.⁴⁹

para ser confiada a generais” (“war is too importante to be left to generals”) KAHN, H., 1962, p. 30-32; KAHN, H., 1971, p.30-32; KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p.160, 550.

⁴⁶ É, de forma geral, o ambiente após um ataque atômico, que lançaria várias partículas radioativas na atmosfera.

⁴⁷ BRUCE-BRIGGS, B., 2000, P., 56-58.

⁴⁸ Em inglês, *self-fulfilling prophecy*, que Kahn explica assim: se há suspeita ou hostilidade com uma pessoa, tende-se a agir conforme isso. A pessoa, então, percebe isso e age conosco de forma hostil e suspeita. O que confirma nossa suposição. KAHN, H., 1962, p. 28-29; KAHN, H., 1971, p.26-27.

⁴⁹ KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p.225, 518, 535, 552-553; KAHN, H., 1962, p. 28-29, 92-93; KAHN, H., 1971, p. 26-27, 100-10; U.S. SPURS Study of Disarmament. Special to The New York Times.

Se, por um lado, havia a defesa do pensamento sobre abrigos com base na não garantia total do funcionamento da dissuasão, por outro, uma política de construção de abrigos funcionava ela mesma como uma dissuasão, já que daria a sensação de capacidade de redução do número de fatalidades, de limitação de dano e de aumento da capacidade de recuperação, tudo para demonstrar que haveria alguma forma de triunfo que não fosse a vitória. Com isso, Kahn intentava inculcar confiança nos estadunidenses e nos aliados a partir de uma imagem de segurança e de defesa. Os EUA não deveriam parecer perigosos para os aliados, assumindo, pelo contrário, a aparência de uma política de dissuasão que desencorajasse o inimigo, de uma posição firme frente a crises, ou mesmo de saber conduzir as guerras e sobreviver a elas, se necessário. Em troca, com isso, os EUA conquistariam importantes elementos estratégicos, como disposição de bases e dispositivos bélicos em outros territórios. Essa imagem de segurança e controle deveria também ser passada para os países neutros.⁵⁰

No relatório de 1958, questões sobre abrigos e defesa já apareciam dentro de uma argumentação que requisitava a atenção do governo à defesa civil, o que significava, também, investimentos em R&D nessa área. Os resultados obtidos pela equipe de Kahn concluíram que os gastos e as obras para uma defesa efetiva, mas não totalmente segura, eram caros e grandiosos, girando em torno de 200 a 500 milhões de dólares, confirmando o custo alto de tais projetos. Por trás dessa argumentação desenvolvida no relatório de 1958, havia também uma crítica à postura de defesa dos EUA e a necessidade de sua revisão, que foi apresentada nos três livros posteriores. Kahn distingue as posturas militares e as estratégias correspondentes, realizando um trabalho pretensiosamente técnico de análise dos sistemas de defesa dos EUA. De forma geral, em um primeiro momento, a intenção de Kahn é formular a política de dissuasão ideal. Isso passaria por algumas questões básicas: pela análise da política de defesa americana, tanto no âmbito nacional quanto internacional, e pelas propostas e possibilidades da defesa, incluindo sua ausência ou falha.⁵¹

A análise de defesa civil do grupo de Kahn, apresentada pelo relatório de 1958, era grandiosa, uma análise sistemática de como constituir a defesa do país, considerando diversos fatores – como o uso de minas para construir os abrigos subterrâneos em Nova Iorque – as questões de reconstrução, as plantas industriais subterrâneas, a descontaminação, a produção,

New York Times. ProQuest Historical Newspapers, Feb 5, 1961, p. 42.

⁵⁰ KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p.24, 155-156. É importante ressaltar que Kahn fala, aqui, pensando essencialmente em parte da Ásia e na Europa. A América Latina ainda não era um problema até a data de lançamento do TATU e só se torna realmente um objeto para Kahn, em meados dos anos 60, frente a problemas dentro de seu Instituto, o que veremos nos próximos capítulos.

⁵¹ RINGS, 1961; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p., 183-184, 194-201; cf. KAHN, H., 1958; KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p.3.

o processamento, a estocagem e a distribuição de comida, as doenças e o incentivo aos setores privados. Foi justamente a exposição dessa análise integrada que mais impressionou o governo, já que oferecia uma visão do mundo pós-ataque e a preparação necessária e gigantesca para evitá-lo. A grande polêmica gerada por Kahn foi tentar suprir essa carência de análise da defesa civil que ele acreditava existir. A análise fria dos resultados da guerra e de um ambiente após uma guerra nuclear chocou muita gente quando veio a público.⁵²

Afora as análises polêmicas de Kahn, a DC por si só já enfrentava bastante resistência. Primeiramente, porque ela possuía um viés político: a DC era uma postura da esquerda, que Kahn apontava como já praticada inclusive na URSS. Essa característica política também estava presente na crítica de Kahn à postura de defesa do país, quando aponta que a postura dissuasiva própria da visão do homicídio mútuo era defendida por aqueles que não viam razão em proteger pessoas e propriedades, pois acreditavam que, após um ataque nuclear, não haveria sobreviventes. Essa era uma posição da direita Republicana dos EUA, principalmente de Eisenhower, a qual era acompanhada, ainda, por uma ideia de ameaça de retaliação massiva contra os soviéticos em caso de agressão, porém, de forma barata, ou seja, sem todos os preparativos de abrigos e outras coisas, como Kahn defendia. Além disso, Kahn costumava enfatizar que o dever de proteger as pessoas não era individual, mas do governo.⁵³

Em um primeiro momento após a reeleição de Eisenhower, em 1956, Kahn encontrou, um ambiente favorável e convidativo às suas ideias sobre a defesa civil. Primeiramente, o grupo de aconselhamento sobre o tema do presidente estadunidense era liderado pelo presidente da Ford Foundation e que também fazia parte do conselho que dirigia a RAND Corporation, H. Rowan Gaither. Kahn foi convidado para fazer parte dessa comissão como consultor informal, o que o levou a participar com frequência das reuniões do grupo, chegando a apresentar *briefings* para alguns conselheiros do presidente. Outro fator foi a influência do trabalho de Wohlstetter e o surgimento da RAND no ambiente público, principalmente com uma reportagem na revista Fortune, em 1955. Até esse período, a RAND era praticamente desconhecida fora dos círculos em que atuava.⁵⁴

Contudo, o ambiente político em torno do presidente Eisenhower, e ele próprio, se mostraram céticos em relação à defesa civil. Além disso, por não acreditar na sobrevivência

⁵² GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 183, 197-200; cf KAHN, H., 1958).

⁵³ KAHN SAYS NATION Needs Billion Dollar Federal Program. **Los Angeles Times**. ProQuest Historical Newspapers. Oct 29, 1961, p. B2; KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p.17, 99; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 55, 58-59, 83, 152-153; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 186-187, 207-208; DICKSON, P., 1971. p. 110-111; U.S. SPURS 1961.

⁵⁴ BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 58-60, 81, 84; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 55, 186-188; RICH, A., 2004, p. 7-9.

no caso de um ataque, o governo não via vantagens em investir em abrigos e sistemas de defesa civil e de reconstrução após um ataque desse tipo. Havia, ainda, a questão orçamentária, uma vez que as propostas dos projetos de defesa civil eram onerosas, o que levantava dúvidas se os gastos nesse setor se refletiriam em eficácia. Para piorar ainda mais a situação da DC, alguém na comissão de aconselhamento ao presidente vazou algumas das recomendações ao *Washington Post*. Isso irritou profundamente Eisenhower e barrou o acesso da RAND e de outras instituições civis contratadas à CIA. Por fim, Eisenhower agradeceu a comissão, mas dispensou seus conselhos, já que mantinha sua visão sobre o aspecto aniquilador de uma guerra nuclear.⁵⁵

Havia também oposição à DC dentro da RAND e na sua contratante, a Força Aérea. O DoD foi um grande financiador de estudos de defesa civil em indústria e universidades, todavia, os estudos de defesa civil feitos por Kahn na RAND – que depois ganhariam a atenção do DoD – estavam inseridos na revisão da postura de defesa dos EUA feita pela Corporação sob contrato com a Força Aérea⁵⁶. O programa de defesa civil era encarado, dentro da RAND, como um setor que sugava muitos recursos da Força Aérea, por isso, passou por uma revisão e programas mais baratos foram buscados⁵⁷ e em 1958, sob o pedido da Força Aérea, o grupo de defesa civil da RAND foi desfeito. Apesar disso, Kahn fez o relatório produzido pelo seu grupo de defesa civil circular entre colegas, jornais e até na Inglaterra, dando destaque midiático a Kahn. A defesa civil não deixou de ser abordada na RAND, apesar da ausência de uma divisão própria para isso. Kahn, por exemplo, realizou palestras e *briefings* sobre defesa civil para os militares.⁵⁸

Frente a essas barreiras, Kahn fez contatos com um dos pesquisadores do *Center for International Studies* da Universidade de Princeton, Klaus Knorr, um economista e cientista político alemão que se dedicava às questões políticas e econômicas em um mundo nuclear. O interesse por Princeton existiu, pois ela era a principal universidade de pesquisa e publicação de assuntos políticos-militares. Em Fevereiro de 1959, Kahn foi para Princeton. Lá, J.

⁵⁵ BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 60, 83; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 189-192; KAHN, H., 1971, p. 102-103; KAHN, H., 1962, p. 94-95.

⁵⁶ DoD foi, nos anos pós-guerra, um grande investidor em R&D. O ápice foi no final dos anos 50 e início dos 60, quando os gastos do departamento nessa área chegaram a ser quatro vezes maior do que os gastos durante a II Guerra, KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p., 314. O DoD era um tradicional investidor em R&D, através de universidades e indústria, Cf. KEVLES, D., 1990, p 241-247, 251, 262; Cf. AASERUD, F., 1995, p. 187-188, 20.

⁵⁷ A posição de defesa também representava diferentes enfoques nas diferentes forças armadas. Por exemplo, a dissuasão finita era uma postura da Marinha e de alguns líderes civis, enquanto a Força Aérea tendia à estratégia de Força Contrária, NORRIS, J. G., 1960.

⁵⁸ GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 187; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 62-67; UNNA, Warren. U.S. Could Rebuild After Suffering Heavy A-Blow, Defense Planner Says. *The Washington Post and Times Herald*. ProQuest Historical Newspapers, Sep 21, 1958, p. B11.

Oppenheimer apresentou Kahn a Einstein e Kahn participou de uma conferência da OTAN. Kahn deu palestras – e não *briefings* – no Centro. Eram três palestras que duravam em torno de quatro horas. As palestras de Kahn foram requisitadas por outras instituições e tinham bastante público, principalmente pela atualidade dos assuntos tratados. Kahn teve que adaptar suas palestras para durações menores e, por isso, em alguns momentos, recuperou os *briefings*. Essa atuação de Kahn nas palestras também resultou em críticas pontuais, ora, sendo acusado de neo-nazista e propagandista da corrida armamentista, ora, criticado por jornais comunistas, que eram contrários à defesa civil estadunidense.⁵⁹

No mesmo período, em Princeton, suas palestras foram transcritas e os manuscritos circularam entre colegas da RAND e amigos, que ajudaram na revisão do texto e no processo editorial. O manuscrito resultou no OTW, ao qual foram somados os trabalhos sobre a questão nuclear e de defesa, contando com a influência de outros membros da RAND, mas não de toda a RAND. Nesse sentido, o OTW está estruturado como três palestras que, conforme o autor, buscam apresentar aspectos da guerra termonuclear centrais entre EUA e URSS e da dissuasão.⁶⁰

II.2. Racionalidade e imaginação: as ferramentas para pensar um futuro impensável

Kahn, como bem percebeu Hans Morgenthau ao analisar o TATU, via a guerra nuclear como um fenômeno empírico e possível, sem desconsiderá-la como algo terrível. Já Stanton Coblentz reconhecia o esforço de Kahn em imaginar a guerra futura e seu desdobramento. As duas análises tocam em dois pontos semelhantes do trabalho de Kahn nesse período, que era analisar a guerra futura. O que chama atenção são elas vir, por um lado, de um especialista em relação e direito internacionais e, de outro, de um poeta e escritor de ficção científica, e os dois apontarem a mesma característica, mas com qualidades distintas. Morgenthau elogia a qualidade de possibilidade e de realidade que Kahn imprimiu à guerra termonuclear, enquanto que Coblentz ressalta o aspecto imaginativo. As duas críticas nos dão a dimensão que analisaremos agora, a saber, como o trabalho de Kahn abrangia e congregava a intenção

⁵⁹ GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 206; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 84-90; KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p. xxix-xxx.

⁶⁰ GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p.206-209; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 95-96, 98-99; KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p. xvi.

racional na análise do passado, presente e futuro, com o uso da história e da imaginação, tanto sobre o futuro, quanto sobre o passado.⁶¹

As polêmicas de Kahn com os seus livros não se restringiram a apontar o que ele considerava errado na postura de defesa e na política de dissuasão dos EUA. O que chocou seus contemporâneos foi os cenários construídos por Kahn para ilustrar como começaria, como seria lutada, como acabaria e como se daria a recuperação após uma guerra nuclear. Kahn, com isso, buscava derrubar a visão do homicídio mútuo, mostrando que era possível a vida em um ambiente pós-guerra. Era, portanto, uma disputa sobre futuros: um que considerava a guerra nuclear como um fim e outro que defendia que ela poderia ser superada. Ambas, por sua vez, também buscavam, com isso, a defesa de uma política de dissuasão presente.

Para construir essas visões de futuro sobre a guerra nuclear e realizar um planejamento considerado adequado, Kahn pretende fazer aquilo que dava título ao seu segundo livro: pensar no impensável. Pensar no impensável não era, para ele, somente uma opção de análise, era a única análise possível, uma vez que, como nunca houvera uma guerra nuclear, não existia experiência sobre ela, nem recente, nem histórica. Por isso, muito dos conceitos e doutrinas deveriam ser abstratas e analíticas. O impensável não era, para ele, somente a guerra nuclear, mas as crises que levariam a escolhas difíceis, os resultados no longo prazo da corrida armamentista e as relações internacionais nesse contexto.⁶²

Ele se baseia em duas ferramentas principais: a análise teórica e a extrapolação. Essas duas ferramentas estão associadas a dois vetores, que são a história e o futuro. Kahn afirma que tenta relacionar as teorias formuladas sobre a dissuasão e a DC com os fatos e as lições do passado. Portanto, é uma aliança entre a extrapolação, que imagina o futuro, e a história, como análise do passado. Todavia, nem sempre história e imaginação aparecem em Kahn em polos opostos – história como passado e imaginação como futuro – mas elas são pensadas misturadas. Ou seja, a história imaginada para o futuro, ou o passado imaginado a-histórico. A apropriação do passado como elemento para imaginar o futuro e a imaginação do passado para o mesmo fim eram compreendidos por Kahn, ainda, como um componente racional, o qual seria necessário na análise da guerra futura.⁶³

⁶¹ MORGENTHAU, Hans J. Thoughts on the Big Bomb. **Chicago Daily Tribune**. Aug 5, 1962, In: ProQuest Historical, p. D4; COBLENTZ, Stanton A. World War III: Glimpse at Disaster. **Los Angeles Times**. ProQuest Historical Newspapers, Aug 12, 1962, p. A15.

⁶² KAHN, H., 1971, p.255; KAHN, H., 1962, p. 225; KAHN, H. **A escalada**, 1969, p.215-216; KAHN, H., 1968, p. 134.

⁶³ KAHN, H., 1971, p.106-107, 288; KAHN, H., 1962, p. 97-98, 253.

Persiste, portanto, a defesa pelo trabalho racional na análise sobre a incerteza do futuro, a qual, agora, se dá pela análise fria e detalhista da guerra nuclear, na qual a utilização de uma arma desse tipo não deveria ser encarada somente como um ato irracional. Aceitar que a bomba termonuclear só seria usada irracionalmente era, para Kahn, como dizer que um manicômio funcionando racionalmente é improvável, pois nele estarão pessoas irracionais. Por outra perspectiva, Kahn dizia, com isso, que a análise racional da guerra deveria considerar, abranger e pôr dentro de uma ordem os comportamentos irracionais possíveis. É, portanto, a continuidade da defesa pela análise racional dos problemas nucleares, já trazida da época do Monte Carlo e da SA.⁶⁴

Nesse sentido, Kahn cunhou a ideia e o conceito de racionalidade da irracionalidade (*rationality-of-irrationality*). No OTW, ela seria a situação na qual nenhum dos lados acredita que uma questão é realmente significativa para ir à guerra, mas ambos os lados estão dispostos a usar parte ou toda força para fazer o outro lado recuar. Ela é, portanto, um jogo de barganha, uma batalha na qual os lados podem usar técnicas de comunicação e persuasão junto com ameaças e dispositivos militares. No OE, ela já se torna um conjunto de táticas para negociação que compreende a obtenção de uma vantagem racional a partir de uma conduta – ou expectativa de uma conduta – irracional.⁶⁵

Esse conceito é mais bem sintetizado na metáfora do *chicken game* ou o jogo de maricas⁶⁶. Esse “jogo” é, basicamente, suicida. Consiste em dois carros em uma pista, acelerando, um de encontro ao outro. Quem desviar primeiro perde. Para Kahn, a atitude irracional – além da própria existência do jogo – em busca de um fim racional seria você demonstrar que não estava disposto a desviar. Para atingir isso, Kahn recomendava entrar bêbado e confirmar isso jogando garrafas de uísque pela janela, pôr óculos escuros, não permitindo enxergar direito, e, uma vez com o carro acelerado, arrancar o volante e também jogá-lo pela janela. Caso o rival visse tudo isso, seria muito provável a vitória do bêbado destrambelhado. Caso o rival não visse o comportamento do adversário, ou tivesse na mesma situação, haveria um grande problema. Para Kahn, a estratégia dos EUA em relação a URSS, por exemplo, não deveria ser essa, mas também não deveria ser totalmente sóbria e de total aparência de autocontrole.⁶⁷

⁶⁴ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p.163; KAHN, H., 1971, p. 29; KAHN, H., 1962, p. 30.

⁶⁵ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p.293; KAHN, H. *A escalada*, 1969, p.102-104; KAHN, H., 1968, p.57-58; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 217.

⁶⁶ Na tradução do OE é usado o nome “jogo de galinhada”.

⁶⁷ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p. 291-293; KAHN, H. *A escalada*, 1969, p.32-39; KAHN, H., 1968, p. 9-15; cf KAHN, H., 1971, p. 37, p. 199-235; cf KAHN, H., 1962, p. 177-208.

Frente a um mundo com armas de destruição em massa, as quais são consideradas um elemento perigoso e associado à irracionalidade, a existência do futuro, para Kahn, dependia de saber operar com o elemento irracional de forma racional. Isso compunha a tarefa de análise, a qual, para Kahn, era um dever, pois os que decidiam e os que analisavam as possibilidades de decisão não podiam negar a urgência de tais questões. Isso era um compromisso com as pessoas que esperavam isso deles.⁶⁸

Contudo, para Kahn – e persistindo uma argumentação da época da SA – as análises objetivas e cuidadosas não eram garantias de conduzir a um caminho desejado. Poderia ocorrer uma guerra por erro, por exemplo, se um submarino Polaris disparasse um míssil acidental contra o país, o que geraria uma situação tensa. A URSS saberia que não tinha atacado, porém, não saberia se os EUA sabiam que não foram eles. Nesse sentido, os EUA também estariam em uma encruzilhada, pois, talvez fosse necessário retaliar a URSS pelo suposto ataque antes de descobrirem que fora um erro. A alternativa a isso era os responsáveis pelas decisões terem algum controle sobre os acontecimentos, o que os impediria de ações precipitadas. Conforme Kahn, essa era a única possibilidade para aqueles que não receberam a revelação divina sobre o curso dos acontecimentos. Ou seja, há nessa argumentação, assim como em toda defesa sobre o planejamento da guerra nuclear, uma crítica velada aos partidários das crenças finalistas sobre a guerra, que acreditavam que só havia uma análise possível e certa sobre ela, a aniquilação mútua.⁶⁹

Uma das ferramentas pensadas, usadas e que, por isso, permeia o trabalho de Kahn de análise racional da guerra nuclear é a consideração de diferentes possibilidades. Esse trabalho, no contexto do planejamento da defesa dos EUA visando a dissuasão, abarcaria questões que poderiam decidir entre dois ou cem milhões de mortes, pautando toda a responsabilidade de uma decisão tomada.⁷⁰

A enumeração de diversas possibilidades que aparece nos três livros aqui analisados guarda uma influência dos trabalhos com o Monte Carlo e foi reconhecida, por exemplo, no prefácio de Raymon Aron no TATU como o método da “enumeração exaustiva de hipóteses”⁷¹ e por Max Lerner, um educador e jornalista russo-americano, como um dos elementos presentes no OTW para analisar as possibilidades da guerra nuclear de forma séria.⁷²

⁶⁸ KAHN, H., 1971, p.37; KAHN, H., 1962, p. 37.

⁶⁹ KAHN, H., 1971, p. 30, 56-57; KAHN, H., 1962, p. 31, 53-54.

⁷⁰ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p.169-170.

⁷¹ KAHN, H., 1971, p. 10, “exhaustive enumeration of hypotheses”, KAHN, H., 1962, p.12.

⁷² LERNER, Max. A Look at the Nuclear Horror. *Los Angeles Times*. ProQuest Historical, Dec 18, 1960, p.e5.

Para Kahn, os tipos de situações que precisavam ser antevistas eram possibilidades como, por um lado, se caso uma guerra eclodisse e, conforme seu desenvolvimento, uma das nações acreditasse que a batalha chegou a um nível além do tolerável, ela decretaria o cessar fogo, ou, por outro lado, entre a opção do holocausto e da rendição, alguém pudesse optar pelo primeiro. Para ele, tanto as possibilidades de objetivos, de início, de desenvolvimento e de fim da guerra deveriam ser trabalhadas de forma geral. O valioso nesse exercício, para Kahn, estava nas várias possibilidades de eventos, o que ajudaria na preparação para lidar com as contingências antecipadamente, colaborando para desenvolver doutrinas e aproximações mais adequadas.⁷³

Esse trabalho com as diversas possibilidades dentro da análise da defesa do país era também chamado de planejamento da contingência. Ele possuía ainda algumas características de análise de sistema, já que era feito considerando vários objetivos sob as diversas situações, com uma avaliação da postura militar como um todo, considerando os sistemas de armas, as táticas, as estratégias e as políticas correspondentes. Além disso, acompanhando a transformação da complexidade da guerra, Kahn defendia a justificação pormenorizada da compra de determinados sistemas de armas e da realização de certas pesquisas e desenvolvimentos, que deveriam estar inseridas em um contexto maior. Por exemplo, para explicar a Base de Mobilização Pré-ataque seria preciso compreender que houve uma mudança de doutrina, de objetivos e de tecnologia. Há a necessidade de uma descrição completa de uma guerra. É preciso entender a guerra termonuclear, as variantes e as variedades tecnológicas, a importância do controle de armas, etc. Kahn também defendia um reexame de diferentes assuntos, uma vez que, em uma democracia, a opinião pública tem uma ampla influência, inclusive sobre estudiosos profissionais da guerra, e, frente a isso, alguns assuntos não podem ser negligenciados, como questões de estar apto lutar uma guerra, ou evitá-la; capacidades de guerras longas (de dois a trintas dias); comando e controle confiáveis; conceitos adequados para planejadores militares, entre outros.⁷⁴

⁷³ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p.163-164, 191, 227-231; KAHN, H. *A escalada*, 1969, p.217-218; KAHN, H., 1968, p.135-136

⁷⁴ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p.295-297, 301; É importante ressaltarmos que, como Deats Jr percebeu em sua resenha do OTW, a análise de contingência era uma espécie de SA que considerava diversos fatores, excluindo a mudança política. Isso se alinha como algo que veremos no próximo capítulo, a saber, a defesa de Kahn pela pesquisa imparcial. Ou seja, as questões de DC estariam acima da política, deveriam ser de ordem geral, tratada por uma “aristocracia técnica”, independente do governo. Essa ideia pautará sobremaneira a intenção do papel e da atuação do HI nos primeiros anos, DEATS Jr., Paul. *On Thermonuclear War* by Herman Kahn Review. *Journal of Bible and Religion*, Vol. 30, No. 2 (Apr., 1962), pp. 170-171, p. 171.

A defesa pelo uso da imaginação e a enumeração das possibilidades dentro desse planejamento de contingências, no período dos três livros, estava ligada à dissuasão. Destarte, Kahn define a dissuasão como um prédio, que deveria ser projetado conforme as diferentes adversidades que ele poderia enfrentar, ou seja, deveria ser consideradas vicissitudes inesperadas e implausíveis. Para construir seu prédio – e os porões dele – e para ressaltar sua importância, ferramentas retóricas são usadas, como a defesa de uma visão realista do ambiente pós-guerra antes que ele ocorresse, pois só frente às estimativas dos efeitos desse tipo de guerra que poderiam ser feitas às devidas preparações para lidar com ele e recuperar-se. Para constituir essa visão realista, o primeiro passo seria a investigação do problema, ou seja, dos efeitos e dos desdobramentos de uma guerra nuclear. Portanto, a visão realista seria aquela que cobriria todos os efeitos possíveis de uma guerra termonuclear e que merecessem uma política de preparação prévia.⁷⁵

Essa preparação prévia era entendida como a condição para controlar e influenciar os eventos no caso de uma deterioração das relações internacionais, evitando que a destruição e as mortes ocorressem. Esse trabalho, para Kahn, também deveria incluir controle de armas, capacidade limitada de guerra para evitar conflitos menores e manter as relações internacionais estáveis e as táticas que o inimigo poderia utilizar e preferir. Além da imaginação, outro recurso utilizado e defendido por Kahn era a história, sob a justificativa de que ela era mais rica e engenhosa que a imaginação.⁷⁶

Por fim, as imagens do futuro não eram previsões sobre a guerra e seus detalhes, mas serviam para ilustrar a crítica de Kahn à dissuasão americana do final dos anos 50. A mais conhecida – e também polêmica – foi a máquina do fim do mundo (*doomsday machine*), que seria o suprasumo do homicídio mútuo da Dissuasão Finita⁷⁷. Ela seria um dispositivo que poderia custar em torno de dez bilhões e que teria como função destruir a vida humana. Ela estaria protegida do inimigo e conectada a um computador ligado a diversos sensores que, ao perceberem um ataque contra os EUA, acioná-la-iam. Kahn pensa ainda variações dessa máquina conforme as necessidades da *deterrence*. Apesar do exercício, Kahn não defendia tal máquina, por acreditar que ela não era desejável, por não ser controlável, por dar a uns poucos o poder sobre a vida de todos e por poder, em caso de mau funcionamento, destruir toda a vida humana.⁷⁸

⁷⁵ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p.70, 71, 74, 130,138.

⁷⁶ *Ibid.*, 1969, p.39, 128-129, 137.

⁷⁷ A qual inspirou o dispositivo que causa todo o problema no filme de Stanley Kubrick, “Dr. Strangelove”.

⁷⁸ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p.145-149.

Contudo, para Kahn, a *Doomsday machine* levantava uma questão incômoda: se não é aceitável arriscar a vida de todos os seres humanos (na época, três bilhões) para proteger os EUA, então, quantas vidas seria aceitável arriscar? Outra questão relacionada a tal máquina era a possibilidade de sua construção, em alguns anos, por várias nações, uma vez que o crescimento econômico dos países, aliado ao barateamento dos custos para desenvolver dispositivos bélicos, poderia facilitar a proliferação desse tipo de mecanismo.⁷⁹

A imaginação também deveria cuidar de elaborar justificativas e visões de mundo. Para Kahn, a postura dos EUA deveria parecer segura, não sujeita a acidentes e sem possibilidade de destruição excessiva. Além da preparação prévia, já defendida amplamente por Kahn, que asseguraria essa posição, deveria também ser preparada uma estória (*story*) satisfatória. Ou seja, trabalhar uma imagem da defesa dos EUA que contribuísse com a sensação de segurança. Para Kahn, o campo do controle de armas era também um campo de batalha, que fornecia propaganda e imagens de vitórias e, por fim, vantagens concretas em caso de uma guerra de fato.⁸⁰

Kahn reconhece que grande parte dessa discussão sobre o futuro da guerra é irrealista, assentando-se mais em suposições e desejos do que em análises. Uma forma corrente de se analisar essa situação e fugir do irrealismo era recorrer a exemplos retirados das duas guerras mundiais, o que, para Kahn, poderia ser enganoso. Todavia, Kahn não negava totalmente o uso das suposições ou dos exemplos passados.⁸¹

II.2.a. Lições do passado sobre a guerra futura

Se um elemento para pensar o futuro é a imaginação, para Kahn, a história também seria útil, uma vez que, para ele, ela era mais rica e imaginativa do que a mente de qualquer erudito. Em seus três primeiros livros, a história na qual Kahn se baseia é ainda a do século XX e a das duas Guerras Mundiais. Mais especificamente, para ele, cada guerra representava uma revolução tecnológica à frente da predecessora. Para pensar e entender esse ritmo de mudança, ele analisa as duas primeiras guerras, e pensa duas formas hipotéticas, uma do passado (III e IV Guerras), outra, do futuro (V, VI, VII e VIII Guerras). Uma conclusão fruto dessa “experimentação” era que havia mais progresso tecnológico nos tempos de paz do que houve durante a guerra. A diferença era que, durante a guerra, usava-se a arma em

⁷⁹ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p.149-151.

⁸⁰ *Ibid.*, p.159, 226.

⁸¹ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p. 127; KAHN, H., 1962, p. 109; KAHN, H., 1971, p. 120.

desenvolvimento, aprendendo pela experiência sobre suas limitações e capacidades. Agora, essa aprendizagem é simplesmente hipotética e o resultado disso poderia ser o desacordo entre a doutrina e a realidade.⁸²

A partir da percepção desse ritmo de mudança tecnológica desde a I Guerra, com um pulso de renovação a cada cinco anos, Kahn afirma que o cenário em 1960 era o de um mundo instável. Frente a isso, ele defende que o planejador “tem que estar uma ou duas revoluções à frente se é para ele ter sucesso nos planejamentos”. Para atingir essa antecipação, Kahn defende uma abordagem mais radical, uma vez que não havia ninguém com experiência para lutar uma guerra termonuclear, nem com como conduzir as relações internacionais em “um mundo no qual a força está tão mais disponível e tão menos usável”⁸³. Além disso, complementa que para algumas questões, as noções adquiridas como resultado da experiência da II Guerra poderiam ser irrelevantes ou até propensas ao desastre. Portanto, só o conhecimento histórico não bastaria, sendo necessário também um exercício imaginativo que abordasse os extremos das possibilidades.⁸⁴

A análise de Kahn das duas primeiras guerras mundiais, como já vimos no primeiro capítulo, funciona como a busca por um melhor entendimento dos acontecimentos históricos. Portanto, as duas guerras funcionam como orientações para ações, situações e capacidades que são possíveis ou plausíveis no futuro, ensinam acerca da preparação para a guerra e ilustram como o inesperado predomina. Porém, Kahn também as pensa como exemplos e fontes de reflexão sobre o futuro: a I Guerra mostrou como um sistema de segurança internacional instável pode funcionar por anos, enquanto que a II Guerra, como a dissuasão pode falhar.⁸⁵

Com isso, Kahn estabelece algo próximo daquilo que Hempel propôs, uma vez que esse trabalho sobre o passado não seria uma aprendizagem por repetição, pois “a história não se repetirá servilmente, contudo, ela poderá se parafrasear”⁸⁶. Se, por um lado, para Kahn, havia uma mudança contextual e, portanto, as novas condições do mundo durante a Guerra Fria poderiam fazer do passado um guia equivocado, como, por exemplo, esperar o surgimento de um novo Hitler, por outro lado, era possível aprender que, uma vez que o

⁸² KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p.557, 311-315.

⁸³ Ambas as citações, tradução nossa, KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p.125. “has to be one or two revolutions ahead if he is to do successful planning” (grifos do autor); “a world in which a force is so much more available, and yet so much less usable”.

⁸⁴ KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p.125-126.

⁸⁵ *Ibid.*, 1969, p.312.

⁸⁶ “history will not slavishly repeat; yet it may paraphrase itself”, tradução nossa. KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p.312.

Ocidente está cansado ou com medo da guerra e só pretende ter um comportamento aparentemente racional, é possível que alguém se aproveite da situação para barganhar e conseguir o que deseja, tal como Hitler fizera.⁸⁷

Dessa forma, o conhecimento sobre as duas guerras ajudaria, entre outras coisas, segundo Kahn, a trazer a sobriedade ao pensamento sobre a dissuasão. Por exemplo, para ele, as duas guerras mostraram que foram os ingleses que sentiram a necessidade de declarar a guerra e não os alemães. Essa situação poderia surgir de novo. Nesse sentido, como vimos em toda sua defesa sobre a postura militar, a dissuasão deveria evitar isso, ou seja, evitar que o inimigo pusesse os EUA na posição de escolher entre a guerra e a paz. Outra lição era que, no ataque a Pearl Harbor, os japoneses sabiam mais sobre localização e número de tropas disposta lá do que os próprios EUA. Isso, para Kahn, ensinava que se deve conhecer tanto o inimigo, quanto a si mesmo. Esse autoconhecimento também deveria abranger as próprias vulnerabilidades. A II Guerra também ensinara, para Kahn, sobre a possibilidade da aniquilação mútua. Contudo, conforme Kahn, a lição não fora aprendida, uma vez que a grandeza da ameaça e a dimensão da guerra contribuíram para o pensamento contrário à guerra, em prol de soluções que não eram militares, como governos mundiais e desarmamento. Por fim, para Kahn, a I e a II Guerras mostraram como expectativas podem ser despedaçadas e planejamentos para guerra mal feitos. Um exemplo, para ele, disso foi a Linha Maginot. Para a França, ela seria a solução de todos os problemas militares. Com isso, pararam de analisar outras ideias e de ponderar os riscos de pôr uma grande ênfase em uma só ideia. O erro, para Kahn, aqui, foi confiar em uma solução simples, como seria a da Dissuasão Finita.⁸⁸

Os diferentes enfoques sobre a guerra, conforme Kahn, também passava por uma diferença histórica de gerações distintas. Para ele, a geração que viveu o período de Hitler tinha adquirido um receio em pensar a dissuasão, uma vez que, por considerarem-na desagradável, tinham-na como impossível. Ou seja, evitavam enfrentar, novamente, as auguras da guerra. Já a geração na qual Kahn se incluía era a que não tinha o conhecimento histórico dos processos que eclodiram a II Guerra e, por isso, tinha que estudar para conhecê-los. Essa diferença de experiências prévias, conforme Kahn, explica por que, em 1930, ninguém conjecturou que a Inglaterra, a França e outros enfrentariam as ameaças que enfrentaram. Mesmo se alguém tivesse percebido, dificilmente conseguiria convencer as

⁸⁷ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p.312, 98; KAHN, H., 1962, p. 78-80,178-179; KAHN, H., 1971, p. 84-86, 200-201.

⁸⁸ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p. 558-563, 414, 375, 377, 409.

nações a se prepararem. Contudo, nos anos 50 e 60, a experiência acumulada e a situação geral eram diferentes.⁸⁹

Conforme Kahn, os quinze anos desde o fim da II Guerra presenciaram uma preocupação das relações internacionais com a reconstrução pós-guerra, com o fim de algumas influências do Ocidente em áreas coloniais e com a Guerra Fria. Frente a isso, muitas das complicações foram produtos da rivalidade entre os blocos comunista e da OTAN. Kahn acreditava na continuidade dessa polaridade nas relações internacionais. Segundo Kahn, essa rivalidade não era inédita e, no passado, culminou em “guerras quentes” que acabavam com vitória ou derrota. A diferença, no fim dos anos 50, residia na alta periculosidade da guerra, acompanhada de uma corrida armamentista que poderia não ter limites.⁹⁰

A partir da análise das duas guerras, Kahn projeta desde a III até a VIII Guerras Mundiais. É importante ressaltar que Kahn não pensa essas guerras como conflitos. Elas são mais divisões para pensar os possíveis desenvolvimentos tecnológicos e políticos dentro de determinados períodos. A III e IV guerras se enquadram no que ele chama de passado hipotético. Essa categoria trata de questões não experienciadas, mas historicamente plausíveis que supostas III e IV Guerras mundiais trariam à tona. Para Kahn, por mais que elas pudessem ensinar menos que o passado real, elas poderiam ser mais valiosas que a experiência real das I e II Guerras.⁹¹

A III Guerra, que se iniciaria em 1951 e, por isso, também seria história, uma vez que era uma reflexão sobre um passado real. Ela seria ainda a primeira guerra a presenciar uma revolução tecnológica completa na arte da guerra durante um período de paz. Conforme Kahn, nela os participantes da II Guerra já se recuperaram e, alguns, melhoraram seus níveis de produção em relação a antes da guerra. No campo político, a maior surpresa fora a emergência da União Soviética como a mais importante potência europeia e asiática. Os efeitos disso foram o aparecimento de um império, a China indo para o comunismo e vários diferentes níveis de conflitos na Coreia, Indochina, Grécia e Irã. O mundo também ficou bipolar, sendo que essa característica dominou as relações internacionais. Para Kahn, assim como Roma e Cártago, ou Católicos e Protestantes, muitos pensavam que o conflito terminaria em guerra ou em batalhas que chegariam ao fim após muitas mortes.⁹²

⁸⁹ KAHN, H. **A escalada**, 1969, p. 264-265; KAHN, H., 1968, p. 167-168; KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p.286.

⁹⁰ KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p.223-224.

⁹¹ Ibid., p.416.

⁹² Ibid., p.312, 417.

Kahn também delinear e percebera a inclinação dos EUA para assegurar uma linha de defesa na Ásia e na Europa e dos esforços necessários para influenciar as relações internacionais. Alguns mecanismos dos EUA para isso foram a Doutrina Truman, a formação da OTAN e a ação política na Coreia.⁹³

Esse período também permitiu delinear o ritmo das revoluções tecnológicas, conforme o qual o planejamento de hoje será aplicado em um ambiente duas ou três revoluções tecnológicas à frente. Isso tornava difícil ponderar os efeitos de tais avanços, o que afetava também o campo da estratégia. Os sistemas de controle de armas que seriam escolhidos em 1951 provavelmente se baseariam em erros de entendimento das implicações tecnológicas e de erros de entendimento sobre o futuro. Além disso, os EUA tinham uma fraqueza nesse período: suas bombas atômicas estavam guardadas em um único lugar. Em contrapartida, os russos exibiam algumas capacidades técnicas de destaque, como o teste da bomba atômica em Agosto de 1949. Outro elemento de diferenciação era que a III Guerra não teria que clamar para que o cidadão comum se engajasse nela. Ela seria uma guerra técnica e, provavelmente, distante do meio público ou do apoio popular.⁹⁴

Já a IV Guerra, que se daria no período de 1956, é, conforme Kahn, parcialmente história, porque ela é muito próxima temporalmente, o que a torna difícil de entender, e porque alguns detalhes ainda são confidenciais. O ano de 1956 representou, na dimensão política, para Kahn, um auge. O Ocidente mostrou que o comunismo podia ser contido, a maioria das questões coloniais foram resolvidas de forma amigável, economias vigorosas se desenvolveram, uma capacidade de cooperação e habilidades políticas e militares foram demonstradas na tarefa de contenção da influência comunista na Turquia e na Coreia. Representou, ainda, uma nova fase para a R&D na indústria aeronáutica, já que ela começou a se acostumar com os gastos em torno de um ou dois bilhões de dólares em desenvolvimento e de dois a quatro bilhões em compra para fazer a transição para um novo sistema de armas. Em outras palavras, segundo Kahn, isso fez da R&D a principal atividade dessas indústrias.⁹⁵

Contudo, 1956 também marcou uma nova mudança na guerra, que, desde 1952, com a explosão da primeira bomba de hidrogênio dos EUA, seria termonuclear e não atômica. Se armas atômicas tinham poder baseado em kilotons, ou seja, na possibilidade de ainda mensurar a destruição, as armas termonucleares alcançavam os megatons e poderiam ser comparáveis a forças da natureza, como terremotos e furacões, e permitiam pensar na

⁹³ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p. 417-418.

⁹⁴ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p. 418-419, 425-428; KAHN, H. *A escalada*, 1969, p. 312-313; KAHN, H., 1968, p.201.

⁹⁵ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p.313, 451.

aniquilação das nações e da civilização. Esse tipo de guerra que poderia criar o problema ambiental pós-ataque. O desenvolvimento desse tipo de bomba, para Kahn, era um indicativo do descompasso entre a velocidade mais rápida da taxa de avanço tecnológico em relação à capacidade da absorção cultural, o que, então, dificultava a adaptação das condições a tais avanços, principalmente pela falta de testes com os novos equipamentos. Conforme Kahn, a guerra total aqui seria curta e haveria um conjunto de novas implicações estratégicas. Isso levaria a uma vida perigosa, pois existiria a questão de ter que distinguir entre o que é fachada e o que é uma capacidade real, o que elevaria o aspecto psicológico da *deterrence* também a outro nível. Como decorrência dessa nova situação, também poderia surgir, no futuro, segundo Kahn, um acordo de controle de armas, mesmo que implícito. Isso, para ele, era uma prática tradicional e comum entre povos civilizados, em contraste com as guerras quase irrestritas, que era algo relativamente novo nas contendas entre nações civilizadas. Para encontrar guerras iguais em fúria como foram as duas guerras mundiais, para Kahn, só voltando aos tempos bárbaros ou às guerras religiosas. Nesse sentido, Kahn acreditava que as nações civilizadas baniriam as práticas mais destrutivas, principalmente aquelas que não contribuiriam para vencer guerras.⁹⁶

A V Guerra iniciaria em 1961 e seria marcada pela influência do controle de armas sobre a postura militar dos EUA. Haveria dúvidas sobre as capacidades da URSS e poderia haver uma aplicação da tecnologia nuclear em outras áreas. A vigilância espacial também ganharia importância, principalmente devido aos satélites, como o Sputnik, que teria diversas utilidades. O Sputnik indicava, ainda, a existência de uma tensão constante, a qual justificava alguns desenvolvimentos tecnológicos e alguns planejamentos. Por exemplo, em Agosto de 1957, a URSS anunciou que testariam um míssil balístico continental e, em Outubro do mesmo ano, lançou o Sputnik. Isso pareceu, para muitos, que os soviéticos tinham uma tecnologia de mísseis bastante avançada. Antes do satélite, conforme Kahn, a URSS se sentia como o azarão e, por isso, evitava táticas extremas que envolviam, por exemplo, provocação. Após o Sputnik, esse sentimento mudou, já que não havia mais o peso de uma suposta superioridade militar dos EUA. Kahn acreditava, por isso, que Krushev e seus sucessores poderiam ser mais audaciosos e confiantes do que Stalin. Por mais que isso não acontecesse, Kahn acreditava que era importante antecipar essa possibilidade.⁹⁷

Já na VI Guerra, marcada pela data de 1965, a Dissuasão Finita não teria mais espaço como postura, apesar de ataques surpresas ainda serem um problema. Kahn acreditava que

⁹⁶ Ibid., 1969, p.239-240, 313, 428-447; VIZENTINI, P. F., 2000, p. 230.

⁹⁷ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p.453-457, 193, 348-349.

poderia se consolidar uma tecnologia de mudança e controle do clima, inclusive a partir do uso de explosivos nucleares. Com isso, Kahn indica, ainda que timidamente, uma preocupação com a questão ambiental, que não era inédita. Como ele mesmo pontua, John von Neumann, em um artigo chamado “Can we survive technology”, de 1955, discute a questão ambiental defronte ao desenvolvimento tecnológico⁹⁸. Outras tecnologias bélicas que poderiam ganhar destaque seriam as bacteriológicas e as químicas. Seu uso poderia ser feito por pequenas nações, que não teriam acesso à tecnologia nuclear. A questão espacial estaria ainda restrita somente a satélites.⁹⁹

No campo político, mudanças significativas poderiam ocorrer. Segundo Kahn, os últimos cinco anos – ou seja, desde o fim dos anos 50 – testemunharam a aliança do Japão e da Alemanha com seus inimigos anteriores, a penetração soviética na Oriente Médio, na África e na América do Sul, e a criação da Comunidade Econômica Europeia. Kahn, então, expõe várias possibilidades de continuidade disso, como um acordo de controle de armas, a formação de uma Europa forte e unida, uma união Pan-Árabe, a deserção de um aliado importante para o bloco comunista, a quebra da OTAN, uma cisão entre China e URSS, uma revolução comunista em um estado importante, entre outros. Portanto, é possível ver que muitas dessas possibilidades futuras de Kahn partem de situações recentes, como, por exemplo, a revolução em Cuba pode ter permitido pensar que outros estados pudessem aderir a tais movimentos nacionalistas que, posteriormente, alinharam-se com o socialismo soviético, ou mesmo as desavenças entre o comunismo chinês e o soviético. Kahn considerava todos esses eventos improváveis, mas não achava improvável que um deles acontecesse, ou algo semelhante a um deles.¹⁰⁰

O ano da VII Guerra seria 1969 e a análise de Kahn, aqui, é essencialmente científica e tecnológica. Entre várias possibilidades, cabe destacar a da sofisticação na tecnologia espacial, caso continuasse a disputa nesse campo, que poderia abranger, para Kahn, um pouso tripulado na Lua. Outro aspecto seria a disseminação atômica, que poderia ocorrer e representar tanto o barateamento da energia, quanto uma disseminação ilegal de armas atômicas, que poderiam ir para o poder de guerrilheiros, rebeldes, nacionalistas ou mesmo

⁹⁸ Nela, o autor parece antecipar algumas das questões que depois seriam retomadas pelo Clube de Roma, já que, conforme Kahn expõe, Neumann afirma que, na primeira metade do século XX, a Revolução Industrial se deparou com uma fronteira: os limites do mundo. A consciência disso adveio com a ampliação da área de atuação geográfica para as atividades tecnológicas, combinada com uma integração política do mundo, KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p.485.

⁹⁹ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p. 475, 481-486.

¹⁰⁰ *Ibid.*, p. 486-487.

criminosos. Isso também poderia mudar o comportamento político de países ou para uma postura mais agressiva e provocadora, ou mais cuidadosa.¹⁰¹

Fora do campo bélico, os radares e equipamentos de registro e operação, como computadores, poderiam obter diversas informações e funcionarem como cérebros artificiais, com aplicação em diferentes meios. A comida também poderia se tornar mais barata devido às técnicas de produção, como uso de materiais sintéticos, técnicas de irrigação, etc. Isso contrastava com a situação de má-nutrição de nações subdesenvolvidas. Para Kahn, nesse contexto, o que poderia ser mais agravante eram as altas expectativas. Ou seja, essas nações poderiam se dedicar a ter o que haveria de tecnologia de ponta no campo militar, ao invés de tentar resolver questões mais necessárias. O desenvolvimento do transporte barato e rápido por mar e por ar, junto ao desenvolvimento de comunicação, poderia eliminar ou reduzir os limites geográficos, o que colaboraria com a percepção das expectativas não concretizadas.¹⁰²

Essa questão das expectativas não concretizadas é introduzida aqui e recuperada posteriormente, em outras análises de Kahn. Ela trata da questão mais ampla do Ocidente e está inserida dentro do processo que os EUA precisavam enfrentar para elaborar a estória que justificasse e alicerçasse sua política de defesa. O problema mais grave das expectativas é que, de um lado, o Ocidente diz que, se você trabalhar arduamente, seus netos viverão como nós vivemos. De outro lado, o comunismo diz: você terá o que temos em uma década. Conforme Kahn, os comunistas tentam criar uma imagem de estarem interessados nos problemas dos pobres, sendo mais ternos e simpáticos dos que os capitalistas, duros, insensíveis e inclinados a explorar os oprimidos. Só aderir ao comunismo parecia já fornecer a disciplina e o sacrifício necessários para o desenvolvimento econômico. Para Kahn, o que pesava contra os comunistas era a perda da independência da nação que se alinhasse aos soviéticos.¹⁰³

Portanto, para Kahn, o mundo nos anos 70 manteria sua complexidade, apesar de por razões diferentes. Apesar da bipolaridade, haveria as potências terciárias com mais capacidade estratégica, que poderia tanto ser a Comunidade Econômica Europeia, a China industrializada, a Alemanha unificada, o Japão re-militarizado ou a Índia militarizada. Mesmo nações como Inglaterra, França, Alemanha, Itália, Brasil e Indonésia poderiam ter uma capacidade militar respeitável, contudo, é à China que Kahn dedica uma análise mais pormenorizada.¹⁰⁴

¹⁰¹ KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p.488-492.

¹⁰² Ibid., p.495-498.

¹⁰³ Ibid., p.497-498.

¹⁰⁴ Ibid., p.501-504.

Por fim, a VIII Guerra é balizada em 1973 e Kahn aponta uma dificuldade em falar das possibilidades treze anos à frente do seu livro. Por isso, ao invés de tentar profetizar coisas específicas, Kahn prefere obter um sentimento leve de quanto de mudança poderia ocorrer nos próximos treze anos olhando o que aconteceu nos últimos treze anos.¹⁰⁵

Conforme Kahn, em 1960, acreditava-se que a base industrial da URSS estava crescendo duas vezes mais rápido que a dos EUA. Se essa tendência continuasse, era esperado que a URSS tivesse uma força militar que seria, em dólares, duas ou três vezes maior que a dos EUA. Kahn não acreditava na continuidade dessa tendência nessa taxa, ou porque a URSS relaxaria, ou porque os EUA se esforçariam para evitar isso, ou por alguma combinação desses eventos. Outra incerteza era sobre a difusão das armas nucleares. Em 1947, apenas um país as possuía. Em 1960, quatro. Em 1973, Kahn acreditava que era impossível afirmar quantos países teriam tais armas. Se se mantivesse as tendências atuais, entre cinco e dez teriam. Porém, essas estimativas poderiam variar de dois a vinte países. Sabia-se, no período do livro, que poucas nações tentavam desenvolver tais bombas, porém, se mais nações desenvolvessem, isso poderia ser uma pressão para que outros também o fizessem. Essa incerteza também se projetava para o campo tecnológico.¹⁰⁶

A construção histórica de Kahn e sua continuidade para o futuro é feita, como vimos, de forma linear, pensando os desenvolvimentos conforme o ritmo passado e a partir de inquietações presentes. Ou seja, por um lado, o passado é uma tendência que é percebida como continuidade, é algo próximo de um valor esperado, usando os termos do Monte Carlo, sem muito espaço para imaginação ou para surpresas. É o levantamento de um contexto geral e amplo para o futuro, que parte do passado e do presente. Por outro lado, é uma fonte de episódios para pensar o futuro e o presente, uma paráfrase para comparação de problemas.

É do levantamento de várias possibilidades, tanto imaginadas, como tiradas de exemplos históricos, acompanhado de uma análise sistemática, que usa a história para apontar tendências e extrapolá-las para o futuro, que Kahn pretende enfrentar as inquietações do presente. Um dos resultados disso, que intentava mostrar que era possível um mundo pós-guerra, foi a análise de Kahn do ambiente radioativo após uma guerra nuclear.

¹⁰⁵ KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p. 505.

¹⁰⁶ Ibid., p.509,515.

II.2.b. A construção para evitar o deformado futuro

É, então, pensando o efeito da bomba termonuclear e os efeitos mundiais de uma guerra desse tipo que Kahn traz a questão, de forma detalhada, de como seria a recuperação caso uma guerra como essa acontecesse. Conforme Kahn, a guerra seria curta, durando provavelmente entre um dia e um mês. Nesse sentido, Kahn defendia que o estabelecimento militar deveria, além de sobreviver, garantir sua permanência. Ele deveria resistir para lutar uma guerra longa (o que Kahn entende entre dois e trinta dias) ou uma guerra curta (algo entre quinze minutos e um dia). Contudo, essa visão, para ele, carecia de suporte material concreto, ou seja, os efeitos detalhados de uma guerra como essa, tanto no âmbito das relações internacionais, quanto no âmbito cotidiano, e a experiência de vida decorrente dela, apesar de poderem encontrar algum respaldo na história, eram inéditos.¹⁰⁷

A questão inicial de Kahn ao analisar o mundo pós-guerra nuclear é se os vivos invejariam os mortos frente à hostilidade do ambiente à vida humana. Todos os esforços de Kahn são no sentido de mostrar que não seria assim. Primeiramente, ele argumenta – sem citar qualquer fonte, apenas se fiando em sua autoridade como estudioso da questão – que estudos objetivos indicavam que haveria vida feliz e normal para os sobreviventes e seus descendentes. Essa etapa de sobrevivência e reconstrução começaria logo após a guerra, com uma recuperação no longo prazo, que seria acompanhada de problemas médicos e problemas genéticos. Todavia, segundo ele, o ambiente pós-guerra, não seria tão diferente dos tempos atuais de paz. Para mostrar isso, ele indica, entre outros dados, que as mortes decorrentes de acidentes no mundo chegavam a trinta mil em um ano – o que totalizava mais de um milhão em cinquenta anos. No ambiente pós-guerra, no universo de uma população americana de cento e oitenta milhões, em um ano, ter-se-ia mil e oitocentos mortos e noventa mil em cinquenta anos, ou seja, um índice menor, ainda que em uma população menor. Todavia, pensando-se nas consequências de uma guerra, Kahn não nega a chance de uma catástrofe, mas relativiza seu aspecto aniquilador. Inclusive argumenta que tal guerra poderia ser uma solução válida para, por exemplo, não perder a Europa para a URSS.¹⁰⁸

Pensando no ambiente radioativo, ele argumenta que não seria mais mortal do que já era o ambiente “normal” nos tempos de paz. Além disso, as mortes nesse ambiente não pareciam tão graves frente às mortes pela guerra nuclear. Portanto, para o autor, os sobreviventes de uma guerra atômica estariam dispostos a aceitar os riscos de uma sociedade

¹⁰⁷ KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p.219,278.

¹⁰⁸ Ibid., p.21-23, 40, 41, 46, 51, 53, 168-169.

naquele ambiente assim como estamos em nossa sociedade em tempos de paz. Isso está posto, pois, para Kahn, as sociedades modernas aceitam a existência do altíssimo grau de risco em suas atividades civis úteis e prazerosas – como os automóveis de alta velocidade.¹⁰⁹

A imaginação de Kahn também penetrou em algumas reentrâncias da questão do *fallout*. Uma delas foi a das deformações genéticas, a qual, segundo Kahn, seria encarada normalmente como uma tragédia humana, com crianças nascendo defeituosas – com falta de membros, problemas mentais, cegueira, doenças debilitantes, entre outras deformidades. Para Kahn, isso poderia acontecer, mas diminuiria ao longo das gerações, até alcançar uma taxa estável. Ou seja, não haveria uma grande alteração no padrão de qualidade de vida, sendo que a mudança seria a quantidade de dano genético acumulado durante as gerações, o que, somente somado, poderia criar uma aparência absurda de mortes. Outro problema seria a redução da fertilidade, mortes embrionárias e natimortos, o que, para Kahn, não seria um problema e nem uma tragédia humana – provavelmente pensando em comparação aos problemas demográficos dos anos 50 e 60. E, além disso, segundo Kahn, já existia um alto índice de mortalidade prematura (13% das gravidezes), das quais, uma parte (8%) já era decorrente de problemas genéticos. De qualquer forma, o número de natimortos poderia aumentar em relação ao número nos tempos de paz, porém, Kahn defende que esse problema poderia ser adiado para as gerações futuras.¹¹⁰

Isso, portanto, para ele, não seria o problema mais imediato. O maior problema seria o envelhecimento e à redução da média da expectativa de vida, principalmente por doenças, como a leucemia. Pensando, assim, o ambiente de *fallout*, nas primeiras semanas, seria muito hostil, o que se resolveria após três meses, se realizados os procedimentos devidos de descontaminação e fornecidas as proteções necessárias para a vida e o trabalho. Nesse sentido, então, que Kahn insere a defesa civil e os segmentos dela na mobilização pré-ataque. Algumas medidas para isso seriam pequenos planos prévios, como distribuir medidores de radiação, manuais, treinar alguns procedimentos para descontaminação e alguns para após o ataque como, por exemplo, a diferenciação dos tipos de comida conforme a radiação.¹¹¹

Kahn também defende esses planos, preparativos e procedimentos a partir do efeito psicológico sobre os sobreviventes da tragédia. Ele imagina, por exemplo, que, em um ambiente pós-guerra, as pessoas, acreditando que estavam contaminadas, consumindo comida estranha, sem muito acesso à higiene e em abrigos inadequados, sentir-se-iam mal, nauseadas

¹⁰⁹ Ibid., 1969, p.41-42.

¹¹⁰ Ibid., 1969, p.1969, p.43-46, 49-50, 54.

¹¹¹ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p.59, 62-63, 66-67, 69, 71, 74.

e, quando uma começasse a vomitar, as outras, sequencialmente, também o fariam. Isso tudo levaria a uma diminuição na vontade e no moral necessários para a reconstrução da nação. Porém, a simples distribuição de medidores de radiação, por exemplo, para Kahn, evitaria esse tipo de comportamento coletivo, já que daria um índice concreto de contaminação que “autorizaria” ou não certas reações. O medidor funcionaria como uma espécie de talismã, assim como pílulas e injeções também poderiam ter essa função de sensação de proteção. Frente a isso tudo, Kahn decreta que seria possível viver com os efeitos da radioatividade. Para complementar essa questão, no TATU, Kahn comenta que estudiosos da guerra termonuclear concluíram que os sobreviventes teriam experiências menos traumáticas que muitos tiveram durante a II Guerra – e nenhuma dessas pessoas, para Kahn, preferia estar morta.¹¹²

Além dos preparativos do cotidiano para sobreviver no ambiente pós-guerra nuclear, preparativos econômicos e sociais também seriam necessários segundo Kahn. De forma geral, ele acreditava que as consequências econômicas e sociais de um mundo pós-guerra também poderiam ser atenuadas e não difeririam muito das do mundo atual. Para poder realizar a construção após a guerra, dever-se-ia ter o poder de flexibilizar a economia – característica essa também necessária à mobilização pré-ataque – permitindo rearranjar seus setores. Dessa forma, a preparação para uma guerra e para o ambiente após ela também passava por preparar a parte da nação que não compunha o setor urbano. Para explicar essa dinâmica, Kahn divide os EUA em dois grandes grupos: A, as maiores cidades, e B, áreas rurais e pequenas cidades. Para Kahn, enquanto a porção A precisava da porção B para sobreviver, a porção B poderia sobreviver sem a A e, inclusive, reconstruí-la. Essa crença em B existia pelo potencial e capacidade industrial dela. Além disso, Kahn acreditava que ela forneceria os elementos para as atividades necessárias para o pós-guerra, como construção, suprimentos médicos, máquinas, e outros.¹¹³

As preparações também deveriam se preocupar com os valores. Kahn parte da premissa que não há seres humanos sem sociedades. Dessa forma, uma guerra poderia acabar com os valores que eram os alicerces do mundo burguês – ou, para Kahn, “as boas virtudes ‘burguesas’”¹¹⁴. A ausência deles poderia tornar as pessoas desonestas, sem ambição, irresponsáveis ou preguiçosas, o que causaria problemas para a reconstrução do país, pois, para ele, uma vez destruídos esses valores, sua recuperação talvez nunca mais fosse possível.

¹¹² Ibid., 1969, p.86, 62; KAHN, H., 1971, p. 96-97; KAHN, H., 1962, p.89-90.

¹¹³ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p.54, 77-78, 81.

¹¹⁴ “the good ‘bourgeois’ virtues”, tradução nossa, KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p.89.

Além disso, Kahn defendia que se o governo fizesse uma preparação prévia e se ela fosse bem sucedida, ganharia crédito com os sobreviventes e encontraria, por isso, força para reerguer a nação. Nesse sentido, Kahn enfatiza a importância das pessoas estarem compromissadas com a reconstrução do país, o que passava, portanto, pela manutenção dos valores burgueses e pela confiança no governo. Essa reconstrução também estaria associada à elaboração prévia da imagem dos EUA, e até do Ocidente, como detentores de segurança e força. Essa manutenção não era somente de valores interiores, mas também de valores ligados ao comportamento externo do país quando em conflito.¹¹⁵

A visão supostamente realista da guerra e de seus resultados e o delineamento de seus detalhes estavam inseridos dentro da política de dissuasão proposta por Kahn, baseada na Capacidade de Mobilização Pré-Ataque, que tinha como parte fundamental a DC. Com isso, Kahn delineava uma visão de futuro que acabava servindo à própria finalidade dissuasiva. Ao desenvolver um programa tal como o proposto – ou pelo menos a aparência de que isso era possível – ou seja, um programa de sobrevivência a uma guerra nuclear, com a relativa manutenção das condições prévias e com a capacidade de restaurá-las inteiramente no curto ou médio prazo, estava também constituído um mecanismo que evitaria que a guerra acontecesse. Seria a tarefa máxima da antecipação nesse sentido: não concretizar o mau agouro previsto.

II.2.c. Entre a imaginação do futuro e a ação presente

O uso da imaginação no trabalho de Kahn está intimamente associado ao aspecto especulativo do seu trabalho, sendo o principal objeto o futuro. Ghamari-Tabrizi, como crítica e analista da obra de Kahn do período da RAND até o OTW, está atenta à questão da imaginação e do futuro. Como Ghamari-Tabrizi bem aponta em seu livro *The worlds of Herman Kahn*, a imaginação se tornou importante no planejamento militar após o advento da bomba atômica devido ao futuro incerto que ele criara. Com a autoridade adquirida pelos físicos, eles se tornaram também os que pareciam os mais indicados a imaginar o futuro do mundo frente a tais tecnologias. Assim, por mais que houvesse pretensões científicas sobre o futuro, elas eram hipotéticas. Nesse sentido, Ghamari-Tabrizi argumenta que sua abordagem

¹¹⁵ KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p.89-93; KAHN, H. **A escalada**, 1969, p.40-50, 212-213, 233-234; KAHN, H., 1968, p.15-22, 133, 147.

da análise da guerra futura por Kahn não a entende como ciência, mas como estilo, estado de espírito e estética.¹¹⁶

Para Ghamari-Tabrizi, existia uma continuidade nos trabalhos de Kahn, desde o Monte Carlo até a sua análise mais ampla sobre o futuro no OTW. Ela identifica que, na RAND, coexistiam dois tipos de estudos: a) os compactos e que correlacionavam objetivos de combate limitados com orçamentos fixos, baseado em estudos quantitativos normalmente orientados por “um ideal de gerenciamento de informação onisciente”, ou seja, estudos que derivavam diretamente da OR; e b) grandes análises especulativas que giravam em torno de temas como sociedade, natureza e guerra, tudo como uma ferramenta configuradora holística e intuitiva¹¹⁷, portanto, estudos que poderiam ser postos como SA. Ambos os tipos de estudos, abordados e presentes no pensamento de Kahn, estavam dentro da corrente das ideias futuroológicas da RAND, as quais nasceram com a preocupação com o futuro da guerra dentro da Força Aérea estadunidense, após a II Guerra.¹¹⁸

Algumas características dessa corrente, conforme Ghamari-Tabrizi, eram, primeiramente, o estudo serial e seu caráter aberto, de desenvolvimento gradual e dinâmico e, por isso, incerto e inconcluso. Nesse sentido, as palavras de ordem eram flexibilidade, adaptabilidade e alterabilidade. Outra característica era as alternativas variadas, que eram normalmente expostas por gráficos e colunas. Por ser algo novo, justamente voltado para substituir a experiência militar por uma que só poderia ser hipotética e imaginada, as análises tinham um caráter provisório. Por tudo isso, as simulações tinham uma qualidade fabricada, os modelos podiam ser distorcidos para aumentar os eventos improváveis e tinham a tendência de imaginar as piores situações e as surpresas. Adquiriam, por tudo isso, conforme Ghamari-Tabrizi, um caráter ficcional.¹¹⁹

Essas quatro características já são percebidas por Ghamari-Tabrizi nos trabalhos de Monte Carlo, nos quais também estava presente o elemento imaginativo ao simular, comparar e direcionar os cálculos. Esse uso e as características gerais daquilo que Ghamari-Tabrizi chamou de corrente de ideias futuroológicas da RAND se estenderam e compuseram, posteriormente, à SA. Portanto, a autora conclui que a SA era uma simulação estética, que modelava a guerra futura a partir de intenções e capacidades do inimigo que não eram

¹¹⁶ GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 124-126.

¹¹⁷ Ambas as citações tradução nossa, em GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 128 “an ideal of omniscient information management” e “intuitive holistic gestalt”.

¹¹⁸ GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 132, 135, 128, 126, 49-51.

¹¹⁹ Ibid., 2005, p. 128-131.

conhecidas. A SA permitia rearranjar seus componentes, refletindo o ritmo dinâmico, efêmero e incerto do período nuclear.¹²⁰

Para Ghamari-Tabrizi, as características da estética futuroológica da RAND também permearam a abordagem de Kahn sobre a DC. Ela aparece, para a autora, no desenho das piores possibilidades e na cogitação de várias possibilidades dentro da consideração de um futuro incerto e aberto. Com isso, a análise da DC possuiria uma característica ainda mais especulativa que a SA, já que o planejamento da DC era algo fantasioso, com a cogitação de fuga para cavernas sob Nova Iorque, por exemplo. Kahn reconhecia esse aspecto hipotético dos estudos de DC, ao afirmar que os planos de evacuação estavam baseados nesse tipo de enfoque. Ghamari-Tabrizi também via na DC uma tendência maior para referências às ideias de fim da história e uma substância histórica mais presente.¹²¹

Se os méritos do trabalho de Ghamari-Tabrizi é justamente a percepção do papel do elemento imaginativo e ficcional nos trabalhos de Kahn, esse também acaba sendo um problema em sua análise. Ao enfatizar o aspecto imaginativo, ela acaba deixando de lado a dimensão prática do trabalho, o que a faz também incorrer em outro problema, que é reduzir os estudos do futuro de Kahn a isso que ela chamou de estética da RAND. Com isso, acreditamos existir na análise dela o que Bloch chamou de o ídolo das origens.¹²²

Ghamari-Tabrizi lançou seu livro em 2005, em meio a um controverso governo de George W. Bush. Assim, parte de sua inquietação a respeito de Kahn parece relacionada ao seu testemunho de alguns desmandos e justificativas do governo na época do livro. Porém, ao tentar encontrar uma explicação e um paralelo para isso, ela tende a reduzir toda a produção posterior de Kahn sobre o futuro ao aspecto imaginativo formulado e conhecido por Kahn nos anos da RAND. De fato, esse aspecto permeia toda a obra, mas não pode ser o fator que explica toda a produção posterior de Kahn, principalmente a do HI, quando ele elaborou estudos sobre o Japão, o Brasil, a Colômbia e sobre o mundo. Nem se pode reduzir toda uma visão de futuro apresentada pelo HI, que, apesar de ter em Kahn sua figura central, também tinha outras pessoas e estava em outro contexto institucional, histórico e político, diferente daquele da RAND nos anos 50.¹²³

Acreditamos que esse problema na análise da autora ocorre pelo problema proposto por ela e pelas fontes consultadas. Não estava no seu escopo de análise dos escritos de Kahn

¹²⁰ GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 136-138, 134, 143.

¹²¹ KAHN, H. **A escalada**, 1969, p.251-252; KAHN, H., 1968, p. 159; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p.182-184.

¹²² BLOCH, Marc. **Apologia da história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p.56-60.

¹²³ Cf. GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 1-9, 127.

questões além dos problemas mais urgentes para os EUA. Isso fica claro pela pouca documentação que ela consultou sobre o período do HI. Na nota final do livro, ela comenta, de forma muito breve, os debates de Kahn com o Clube de Roma sobre as questões mundiais, sem reconhecer que há uma longa caminhada desde os escritos da RAND até esse debate. Então, por mais que permaneça o elemento imaginativo e ficcional nos moldes aprendidos e desenvolvidos na RAND, a formulação da compreensão de futuro de Kahn não está datada fixamente, mas é algo que se adapta a algumas condições e necessidades. É esse passo a mais que pretendemos dar aqui.¹²⁴

Se tudo que foi dito sobre o trabalho de Ghamari-Tabrizi até aqui são apenas críticas no sentido das opções e das análises que decorreram delas, há algo que consideramos grave em seu livro. Ao se assentar exageradamente no aspecto imaginativo, Ghamari-Tabrizi pretere a construção histórica existente nos trabalhos de Kahn, do passado como referência para pensar o futuro, o qual, apesar de conter uma parte de imaginação, também continha muita substância para dar credibilidade às “previsões”. O ápice dessa defesa da autora é ela reproduzir a afirmação de Irwin Mann, sobre Kahn, segundo a qual “Nada era estudado. Nada mesmo. Ele não estudava nada”.¹²⁵

Mann acompanhou Kahn somente nos sobre o Monte Carlo. Não é possível aplicar isso como uma verdade a toda a produção de Kahn sem comprovar por outros meios. Além disso, não é possível usar essa afirmação para confirmar a hipótese de que a produção de Kahn foi produto somente de imaginação. Além do mais, se a afirmação for válida, é preciso entender, então, como Kahn formulou, em livros posteriores, afirmações históricas embasadas em dados e em autores. Portanto, é preciso entender como um plano futuro estava, em seus diferentes momentos, articulado com o presente como ação e era devedor de um passado, como justificativa, explicação e fonte de dados e exemplos e como isso foi formulado. Acreditamos que houve transformações ao longo do trabalho de Kahn, tanto dos elementos imaginativos para pensar diferentes formas de interpretar o futuro, quanto dos elementos metodológicos e técnicos que permitiram isso.

Um exemplo desse tipo de transformações que gostaríamos de mostrar é a definição e os conceitos de julgamento intuitivo e opinião embasada, que foram introduzidos nos escritos de SA. Esses dois conceitos não aparecem nos escritos posteriores de Kahn, inclusive no OTW, no TATU e no OE. Contudo, a essência da ideia está lá: a questão da experiência

¹²⁴ GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p.370

¹²⁵ “... Nothing was studied. Not really. He didn’t study anything” (tradução nossa) GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 78-79

adquirida pela vivência e que não é objetivamente transmissível, de um lado, e ,de outro, a opinião formada por estudos a partir de dados e fatos científicos e objetivos e que permite a transmissão e a revisão. Se essa diferenciação fundamentou toda a defesa – que vimos e ainda veremos – da substituição da experiência militar pela simulação e pela especulação do analista civil, ela também aparecia implícita em outros termos nas obras. Por exemplo, no TATU, ao discutir a condição de mudança rápida e desconhecida que cercaria a política de dissuasão, Kahn defendia a maior utilidade dos modelos conceituais para a orientação da política em comparação à intuição indisciplinada. Já no OE, ao discutir o problema do “fog of war”, ou seja, das desorganizações, desorientações e incertezas que surgiriam no caso de uma guerra nuclear, Kahn aborda a questão do “dead reckoning” (ou “cálculo cego”) como uma forma de se orientar. Primeiramente, aponta que o termo nasce da navegação, mais especificamente, do cálculo que permite o capitão do navio afirmar exatamente onde está a partir do conhecimento do seu ponto de partida, do ambiente que está – como, por exemplo, as correntes marinhas e os ventos – e da leitura de indicadores como uma bússola, o consumo de combustível e a velocidade desenvolvida. Esse conceito se aproxima muito do que era defendido como opinião embasada. Essa aproximação fica mais clara quando Kahn opõe-no à intuição, que é também uma espécie de cálculo cego, mas inconsciente e sem ser explícito. O cálculo cego seria, em oposição à intuição – e conforme Kahn – a previsão analítica, que pode ser explicitada.¹²⁶

Uma questão que nos parece negligenciada na obra de Ghamari-Tabrizi, o que parece também ser reflexo da ênfase no elemento imaginativo e ficcional, é o aspecto prático das especulações do futuro de Kahn. Afirmar que as especulações de Kahn são ficcionais e imaginativas não esvazia sua funcionalidade, nem, ao que parece, diminui a eficiência prática da atividade. Parece que no afã de tentar atribuir uma suposta ficcionalização às justificativas do governo Bush para os ataques ao Iraque, por exemplo, a autora desacredita as justificativas que levaram ao ato sem entender que o ato existiu pelas justificativas, independente de quão ficcionais e imaginativas fossem. Portanto, dizer que são ficcionais não alivia o peso, nem tira a parcela de concretude do ato perpetrado por tais justificativas. Não ajuda a entender porque tais justificativas foram tomadas como reais, porque a ficção foi confundida com o real. A própria literatura é um exemplo disso, pois, ainda que ficcional, também influencia ações concretas e reais na sociedade.

¹²⁶ KAHN, H. **A escalada**, 1969, p. 327, 327-329; KAHN, H., 1968, p. 211-212, 211-213; KAHN, H., 1971, p.111; KAHN, H., 1962, p. 101.

As fontes, talvez, contribuam para essa confusão. Kahn, no fim do TATU, afirma que os estadunidenses tinham uma tendência prática e pragmática ao tratar de questões de política e de relações internacionais. Esse pragmatismo, segundo ele, rejeitava mecanismos teóricos complexos e problemas analisados no longo prazo, em prol dos problemas presentes e imediatos. Por tudo isso, o planejamento dos EUA se tornava avesso a elaborar utopias e planos mais longos. Kahn acreditava na necessidade de uma teoria que vislumbrasse um ponto futuro de uma situação desejável e que analisasse as ações passadas, para que pudesse enfrentar os problemas cotidianos e a nova ordem mundial. Essa teoria, portanto, serviria para substituir a experiência dos estadistas, não mais válida para tomar as rédeas do mundo que existia. Para Kahn, isso não era uma tentativa de retrair os rumos da história, mas era a tentativa de “fazer o melhor possível com os instrumentos e capacidades que dispomos”.¹²⁷

Ghamari-Tabrizi percebe essa característica de operar a realidade como volição em Kahn ao discutir a visão de Kahn sobre os hiatos de conhecimento entre a capacidade da URSS e a preparação de defesa dos EUA. Nesse sentido, ela põe a tarefa de Kahn como também utópica, uma vez que almejava a possibilidade de transcender cada limite mundano através do engenho humano e da perícia técnica. Porém, ela reduz isso, e toda a análise de Kahn, a uma, entre tantas outras, representação ficcional e até satírica da situação e a um indicativo de um aspecto social e psicológico de Kahn, afirmando que sua análise, no fim de tudo, representava uma corrente do otimismo estadunidense, ativo, liberal, masculino, despreocupado e tranquilo.¹²⁸

Há imensos méritos na obra da autora, como perceber, por exemplo, que a construção do futuro da guerra nuclear feita por Kahn compartilhava um fundo comum de comédia e tragédia que existia naquele momento na sociedade estadunidense. O problema é entender isso como algo que impere sobre – ou até desacredite – o potencial de ação concreta da obra. Parece que, por conter uma dimensão ficcional e imaginativa, a obra não poderia atuar na realidade. Além disso, é possível também que Ghamari-Tabrizi incorra em anacronismo, um pouco resultado de uma empáfia do atual, que julga o passado a partir do presente.

Ao procurar mostrar que a construção ficcional de Kahn beira o absurdo, uma vez que inserida em um contexto de representação de um período que também é absurdo, ela tenta contrastar isso com o seu momento, no qual, um presidente, quase quarenta anos depois, parecia incorrer nos mesmos absurdos. Todavia, ela não se preocupa em entender o

¹²⁷ KAHN, H., 1971, p.288-289, “We have to do the best we can with the tools and abilities we have” KAHN, H., 1962, p. 253-254; KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p. 521.

¹²⁸ GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p., 233-234, 236-280.

fundamento que justificava aquilo que, para ela, parecia absurdo e equivocado. Não parece reconhecer o potencial prático do absurdo, do irracional e do ilógico. Parece desconsiderar que o plano futuro é uma forma de racionalidade e lógica e que a ficção não necessariamente careça delas ao ser imaginativa. Parece que Ghamari-Tabrizi se deixou levar demasiadamente pelos aspectos ficcionais e imaginativos da obra de Kahn e esqueceu que nada daquilo era inocente ou só absurdo, como parecia tudo que o cercava.

Discordando de Ghamari-Tabrizi – ainda que reconhecendo o aspecto imaginativo das especulações de Kahn – Stevenson mostra que esse elemento do pensamento prático também não estava totalmente dissociado da consideração de diversas possibilidades imaginadas e ficcionais de futuro. Reconhecendo que a grande influência metodológica sobre a RAND foi a OR que, somada a uma ausência de experiência para lutar a guerra nuclear, deu origem a uma prática de SA que tinha como ponto forte a exploração das capacidades tecnológicas de defesa baseadas na suposição de um adversário racional. Essa análise era, no entanto, elaborada em um contexto político e psicológico simplificado e a-histórico. Para Stevenson, havia um elemento pragmático por trás dessa simulação de futuro, o qual ele percebe através do trabalho de Wohlstetter. Segundo o autor, Wohlstetter aceitava a premissa de que a racionalidade é relativa a objetivos, assim, “racional” só tinha sentido quando em relação a determinados objetivos. A partir disso, Wohlstetter estava interessado em como os caminhos para os diferentes objetivos interagiam. Concluiu, então, que a viabilidade dos objetivos dependia da condição deles serem alcançáveis por meio de várias possibilidades e se eram compatíveis com outros objetivos. Segundo Stevenson, o importante para Wohlstetter não era a validade do objetivo final, mas se um objetivo menor poderia ser associado com outros objetivos da mesma categoria. No caso da Guerra Fria, os objetivos eram, entre os planejadores, praticamente intocáveis, ou seja, a dissuasão e a contenção do inimigo.¹²⁹

Portanto, já vimos, até aqui, elementos suficientes para entender que a imaginação e a criação de mundos futuros de Kahn estavam ligadas a esse tipo de interpretação do processo de decisão e de prática no mundo presente. O objetivo futuro era o da dissuasão e, como Kahn já afirmara ao trabalhar com SA, ele não estava preocupado com os objetivos finais, mas com os meios para alcançá-los. Porém, muitas vezes, na avaliação dos meios, era preciso pensar como seriam os resultados finais. Nesse sentido, o aspecto imaginativo, por mais que permeie a obra, não é a finalidade em si. A finalidade é a ação presente. Por mais que a construção imaginativa e ficcional pareça absurda, cabe entender como ela obteve o aspecto de

¹²⁹ STEVENSON, J. 2008, p. 54-55.

verossimilhança e factibilidade. Não cabe somente desconstruí-la quarenta ou cinquenta anos depois, é preciso entender o seu sucesso, tanto passado, quanto presente. Ou seja, a imaginação, a utopia e a elaboração ficcional de um futuro desejado seria uma das ferramentas para se fazer a política presente, tanto do dia-a-dia, quanto das relações internacionais.¹³⁰

Por isso tudo, é possível afirmar que a polêmica do OTW na sociedade americana não foi somente pelo livro parecer absurdo. Foi por expor que a realidade enfrentada, ainda que absurda, tinha algo de racional e real. Que era possível enfrentar uma guerra e vencê-la e que isso não era absurdo. Que a aniquilação, a guerra nuclear, a morte de milhões não era algo improvável, impossível e absurdo, mas era uma realidade que precisava ser enfrentada e usada para o sucesso dos EUA e do Ocidente. Por parecer real – ainda que absurda – a análise de Kahn foi polêmica.

II.3. A construção do futuro de Kahn após a “Guerra Termonuclear”

O OTW foi a primeira obra em que Kahn apresentou grande parte da visão exposta aqui e foi com ela que Kahn atingiu sua maior fama e entrou em grandes polêmicas. Era também um livro pelo qual ele nutria orgulho.¹³¹

O OTW foi lançado em Dezembro de 1960, e, conforme Ghamari-Tabrizi, foi o primeiro livro a descrever as etapas possíveis de uma guerra nuclear. Após o lançamento, Kahn apareceu no rádio, na TV, em revistas e jornais, recebeu diversas cartas de pessoas de diferentes áreas, recebeu convites para professor adjunto, para palestras e eventos e, por fim, foi objeto de diversas críticas e resenhas. Kahn foi considerado por alguns como um cientista corajoso e heroico, um humanista, um patriota. Foi elogiado, ou pelo menos bem recebido, por alguns pacifistas, como Bertrand Russel. Já, outros, questionaram sua saúde mental e sua ética, consideraram o livro um mal e Kahn como o Eichmann dos EUA, um psicopata e um computador humano. A filha de Kahn confidenciou que algumas crianças diziam que ela era filha do “monstro”.¹³²

Algumas críticas foram mais comedidas, centradas e pontuais. Max Lerner, por exemplo, reconheceu em Kahn méritos sobre a análise militar, porém, falhas nas análise

¹³⁰ STEVENSON, J. 2008, p. 96.

¹³¹ BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 111.

¹³² BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 111-129; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 18-20, 36-37, 292-307, 17-21, 237, 241-242; STEVENSON, J. 2008, p. 88.

diplomáticas e de negociação e controle internacionais. Já para o historiador Christopher Lasch, o pensamento de Kahn tinha um viés prático que poderia imprimir realidade a suas previsões e possibilidades, pois pensar as possibilidades de uma guerra poderia não a evitar e, pelo contrário, criar a sensação de iminência dela. O teólogo Deats Jr. criticou o livro em sua metodologia de trabalho, identificando uma ausência de documentação que pudesse ser comprovada e apontou a existência de uma preocupação moral, que era, todavia, nublada pela abordagem matemática e pela preocupação com problemas militares. Para o geógrafo Roy Wolfe, o OTW propunha caminhos perigosos, ainda mais se fossem adotados. Além disso, aponta que Kahn não teve cuidado com limites territoriais, reduzindo o mundo a uma massa amorfa de fronteiras. Acusou Kahn também de uma análise altamente economicista em detrimento da consideração de aspectos culturais que, para Wolfe, seriam os que conectariam passado e futuro.¹³³

Outros, contudo, foram mais apologéticos. O político inglês John Strachey defendeu Kahn, respondendo à questão de Newman – que abre esse capítulo – que, sim, Kahn existia e tornara-se alvo de algumas críticas, pois abordara a questão nuclear por um viés que era o de encontrar uma maneira de evitar uma guerra nuclear geral sem se render às forças comunistas. O jornalista especializado em questões militares, John Norris, seguiu a mesma linha de Strachey e afirmou que o livro deveria interessar a todos que se preocupavam com as questões de segurança, uma vez que trazia ao debate público a questão vital da estratégia nuclear. Para Spingarn, especialista em direito internacional na questão de controle de armas, Kahn foi contra consensos de estrategistas e especialistas de defesa em diversos assuntos, como, por exemplo, pensar na existência e nas possibilidades de formas da guerra nuclear. Bull, um professor australiano de relações internacionais, acreditava que o OTW possuía um aspecto racional importante, pois mostrava que a “política Americana em relação à guerra termonuclear não pode ser a de ‘dissuasão apenas’; ela deve também incluir o poder e a vontade de conduzir tal guerra de uma forma racional”¹³⁴. Outros críticos foram no mesmo sentido de análise, reconhecendo os méritos de Kahn ao encarar de forma objetiva os problemas que poderiam decorrer de uma guerra atômica caso a dissuasão falhasse, não a interpretando como um fim dos EUA e do mundo, mas como um percalço que poderia ser

¹³³ LERNER, M. 1960; LASCH, C., 1961, p. 578; DEATS Jr., P. 1962, p. 171; WOLFE, Roy I. Un geógrafo analiza a Herman Kahn. **Foro Internacional**, Vol. 3, No. 1 (9) (Jul. - Sep., 1962), pp. 145-158), p. 145-146, 148.

¹³⁴ “American policy in relation to thermonuclear war cannot be one of 'deterrence only'; it must also include the power and the will to conduct such a war in a rational way”. Tradução nossa, BULL, Hedley. On Thermonuclear War. by Herman Kahn Review. **International Affairs (Royal Institute of International Affairs)** Vol. 37, No. 4 (Oct., 1961), pp. 491-492, p. 491.

superado. Para Spigarn, o grande problema de Kahn, nesse sentido, foi ser alvo de confusões entre a sua análise e o seu desejo. Além do fato de encarar um problema de forma ampla e direta, outro ponto que merece destaque aqui é o reconhecimento por diferentes críticos da presença de um projeto ocidental, aqui, ainda somente de defesa. Para J.H. Thompson, jornalista e editor de questões militares, e Buchan, especialista em assuntos de defesa, o OTW foi a maior contribuição para o entendimento da nossa época por meio da SA.¹³⁵

Kahn foi elogiado por alguns por essa sua construção histórica pensada para o futuro. Para Strachey, há um trabalho digno de elogio a Kahn na sua exposição histórica, uma vez que fornece os elementos para pensar os surgimentos das guerras de uma forma causal. Pensando a questão da continuidade da história, para Bull, a visão de Kahn, apesar de menos confortável do que aquela que defendia que a possibilidade de guerra nuclear impedia a si mesma, era a que parecia ser mais factível com a história. Segundo Lasch, os exemplos de Kahn sobre o futuro acabam sendo sempre otimistas. Para Wolfe, o OTW queria influenciar os rumos da história, porém essa tentativa de Kahn e da RAND seria em vão, já que é um futuro sem solução, decorrente da própria abreviação do tempo, o que, para ele, então, fazia com que a Defesa Civil fosse um problema insolúvel, já que não teria como planejá-la de forma tão ampla.¹³⁶

Das críticas, a mais polêmica, ou pelo menos a mais conhecida – segundo Bruce-Briggs foi uma das resenhas mais famosas já escritas – foi a de James Newman, na *Scientific American*. James Newman era um jovem advogado que se dedicou a estudar a energia atômica e era tido muitas vezes como matemático pela sua antologia *The World of Mathematics*. Em Maio de 1948, quando Gerard Piel lançou a revista *Scientific American*, contratou Newman para dirigir o departamento de resenhas de livros. Era de praxe a revista ter uma resenha de algum livro sobre as consequências políticas e sociais dos avanços científicos. O livro de Kahn foi um dos livros resenhados. Piel, que já possuía um histórico de polêmicas, quando, por exemplo, falou da bomba H mesmo com a resistência do FBI e do governo Truman, ficou satisfeito com a resenha de Newman.¹³⁷

¹³⁵ NORRIS, J. G., 1960; LERNER, M. 1960; KAHN, H., 1962, p. 9-10; KAHN, H., 1971, p. 7-8; SINGER, J. David. The Strategic Dilemma: Probability versus Disutility. **The Journal of Conflict Resolution**, Vol. 5, No. 2 (Jun., 1961), pp. 197-205, p.200, 201; SPINGARN, J. 1961; STRACHEY, John. The Other Choice Than Surrender. **The Washington Post**, ProQuest Historical Newspapers, Jul 16, 1961; p. e7; GELLNER, J. 1961; BUCHAN, A. Onward and Upward with Herman Kahn. **New Republic**, 1965, 152(23), 19-21, p. 19; THOMPSON, John H. Directions for the Calculated Risk Game. **Chicago Tribune**, ProQuest Historical Newspapers, May 16, 1965, p. O1.

¹³⁶ STRACHEY, 1961; BULL, 1961, p 492; LASCH, C., 1961, p. 577-578; WOLFE, R. I., 1962, p. 145, 155-156.

¹³⁷ BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 113-114; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 237, 284-287.

A resenha de Newman tem vários pontos polêmicos, entre eles, a afirmação de que o livro era deplorável. Newman enfatizava que não podia imaginar como alguém poderia escrever ou pensar daquela forma, chegando a cogitar que tudo aquilo poderia ser uma brincadeira de mau gosto. Especula, ainda, que talvez Kahn de fato não existisse, pois o livro parecia um trabalho de grupo. Caracteriza o livro, entre outras coisas, como pomposo, rude, claramente da Força Aérea, pretensioso, engenhoso, irônico e selvagem. A crítica de Newman ao OTW, portanto, não é pontual ou pormenorizada, mas é um ataque total ao livro como algo deplorável, um tratado que ensina a planejar, executar, abandonar e justificar o assassinato em massa. Decreta que o livro é mal e tenebroso, permeado por uma irracionalidade sanguinolenta que ele nunca lera antes.¹³⁸

Kahn, em resposta, mobilizou seus editores em Princeton, que afirmaram sentir orgulho pela publicação do livro. Além disso, Kahn também pediu direito de resposta no *Washington Post* e obteve-o. Sua resposta também foi publicada em outros jornais. Todavia, a *Scientific American* não deu esse espaço para Kahn. No começo de Março de 1961, Kahn tentou pela primeira vez obter um direito de resposta na revista, ao enviar uma carta para o editor da revista, Dennis Flanagan. O tom era o mesmo da resposta publicada nos jornais: Kahn alegava que Newman não refutara nenhum dos argumentos principais do livro e apenas fazia censuras morais. Para expor as dificuldades e os caminhos técnicos e metodológicos do que analisava, Kahn sugeriu escrever um artigo cujo título seria “thinking about the unthinkable”. A resposta do editor foi negativa e direta. Ele afirmava que pensava conforme o título que Kahn propusera, mas de maneira reversa, ou seja, dedicando-se a prevenir a guerra nuclear, por isso, negava a publicação de Kahn.¹³⁹

Kahn tentou novamente, afirmando que não havia como evitar a guerra nuclear sem pensar nela e ofereceu-se para debater a questão com o editor pessoalmente. Houve uma nova negativa, com a frase do editor afirmando que eles “deveriam simplesmente concordar em discordar”¹⁴⁰. Contudo, Kahn insistiu mais uma vez, sem resultados. Então, o diretor da editora da Universidade de Princeton fez uma solicitação para que Flanagan encontrasse Kahn, baseando-se nos mesmos argumentos de Kahn de que a resenha de Newman tinha sido sobre o autor e não sobre o livro e sobre o pensamento acerca da guerra e não sobre as ideias do OTW. Flanagan aceitou considerar a resposta de Kahn em uma carta para o editor.¹⁴¹

¹³⁸ NEWMAN, J. R. Feb 26, 1961; p. e7.

¹³⁹ GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p.287-288.

¹⁴⁰ “...should simply agree to disagree”, tradução nossa, GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 289.

¹⁴¹ Ibid., GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 288-289.

Nesse mesmo tempo, Kahn, conforme Ghamari-Tabrizi, tomara conhecimento que Piel e Newman sentiam imenso orgulho da resenha e tinham mandado cópias para vários conhecidos. Frente a isso, a nova carta de Kahn para Flanagan comentava o hábito que Newman tinha de discutir Kahn em ambientes semi-públicos ou em encontros privados, mas que fugia de debates públicos. Frente a uma nova negativa, Kahn, então, enumerou o que considerava errado na resenha de Newman, por meio de uma carta. Porém, a carta não foi publicada e Piel justificou alegando que não tinha interesse em publicar coisas de Kahn, pois ele já possuía bastante espaço para propagar suas ideias e alegava que também era ideologicamente oposto às ideias de DC e da RAND ou de qualquer outro lugar. Também declarava se opor ao emprego de cientistas na área de atuação de militares, defendendo um completo desarmamento.¹⁴²

Amigos de Kahn na RAND, assim como outras pessoas, como Etzioni, ficaram a favor de Kahn na contenda e escreveram cartas para a revista. Bernard Brodie, um dos amigos de Kahn na RAND, chegou a cancelar a assinatura que tinha da *Scientific American*. Todavia, outros da RAND foram contra Kahn, como Richard Bellman, da área de matemática aplicada e um dos pioneiros da programação dinâmica, que enviara críticas contra o OTW para jornais e para a editora de Princeton – a qual respondeu, na figura de seu diretor, defendendo a publicação do livro e a abordagem de Kahn – afirmando que a visão defendida no livro não era uma visão compartilhada pela RAND, uma vez que, nas palavras dele, “eu mesmo não tenho essas visões trogloditas e apocalípticas de Kahn”¹⁴³.

Os livros posteriores de Kahn, principalmente o TATU, funcionaram também como resposta indireta a Newman. Há, ainda, uma resposta direta, em uma das edições do TATU, à pergunta inicial de Newman. À questão se Kahn existe, ele responde que sim e ganhou quatro quilos e meio. Além disso, Kahn diz que riu bastante ao ler a resenha, pois não acreditava que era séria. Depois, em uma segunda leitura, afirma ter ficado zangado. Deu para sua esposa ler e afirma que ela também riu. Ao fim, Kahn abordava a questão toda de forma bastante irônica, sem nenhuma resposta substancial, mostrando até certo desprezo com a crítica de Newman,

¹⁴² BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 115-117; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p.289-290, STEVENSON, J. 2008, p. 91.

¹⁴³ “I myself do not have these troglodytic, apocalyptic visions of Kahn”, tradução nossa, BELLMAN. Richard. Letters to the Editor: Design in Dispute. **The Washington Post**. ProQuest Historical Newspapers, Mar 5, 1961, p.E4; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p.208, 290-291; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p.115-116, STEVENSON, J. 2008, p. 91. Conforme Bruce-Biggs, nem Bellman, nem Newman leram o livro inteiro, apesar do primeiro ter ido mais longe que o segundo e os dois se parabenizaram mutuamente pelas críticas contrárias ao livro. Além disso, Bruce-Biggs, citando Kahn, afirma que Bellman nunca participou de discussões da área de guerra estratégica na RAND.

ao afirmar que, após ela, toda a noite, a sua família tinha o mesmo cerimonial: queimar uma página do livro de matemática de Newman.¹⁴⁴

Toda essa polêmica do livro foi pensada e usada pelos editores para divulgar o livro, tornando-o um sucesso. O livro também obteve uma boa vendagem em seus primeiros três meses, passando das quatorze mil cópias, e de vinte e três mil cópias nos primeiros dezoito meses. Apesar de ser o livro pensado para o público militar, ele conseguiu ir além desse círculo. Em 1961, o livro entrou na lista dos 250 livros do ano, na sessão de “Politics and world affairs”, da lista do NY Times e em 1961 foi publicado na Inglaterra pela editora da Universidade de Oxford.¹⁴⁵

Além do meio público, o livro também foi polêmico dentro da RAND. Wohlstetter, por exemplo, era contra a publicação do livro. Ghamari-Tabrizi relata que ele disse a Kahn, após ler um rascunho do OTW, que a única coisa a se fazer com aquilo era queimar. Ghamari-Tabrizi afirma ainda que Wohlstetter ficou estupefato ao ver que Kahn se apropriara¹⁴⁶ de algumas de suas principais ideias em uma linguagem menos refinada. Contudo, conforme Ghamari-Tabrizi, como ele era um homem educado, manteve-se amigo de Kahn. Já segundo Bruce-Briggs, houve um racha entre Wohlstetter e Kahn após o lançamento do OTW, apesar de não ser possível atribuir o problema a isso somente.¹⁴⁷

Kahn nunca reconheceu qualquer apropriação indevida, porém, afirmava que o trabalho na RAND era interdisciplinar e muitas vezes a partir de opiniões contrárias. Assim, muitos dos argumentos presentes eram oriundos do grupo com o qual Kahn se relacionava, como Wohlstetter, Bernard Brodie, um dos estrategistas militares da RAND, e Thomas Schelling, economista e professor de assuntos internacionais. Além disso, o livro era também

¹⁴⁴ GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 45; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 114; Cf. Afterword, KAHN, Herman. **Thinking about the unthinkable**. New York: Avon, 1962.

¹⁴⁵ A SELECTED List of 250 Books of the Year: A Christmas Guide. **New York Times**, ProQuest Historical Newspapers, Dec 3, 1961, p. BR70; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 283-284, 237 291-292, BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 125, 117.

¹⁴⁶ Ghamari-Tabrizi escreve exatamente “Para o espanto de Wohlstetter, Kahn surrupiara aproximadamente cada uma de suas principais ideias” (tradução nossa, “To Wohlstetter’s horror, Kahn had poached nearly every one of his major ideas”, GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 69), que parece dar um ar mais grave do que uma apropriação de ideias. Ela afirma isso por uma entrevista feita por ela com um terceiro, Gustave Shubert, que estava na sala no momento de uma conversa de Wohlstetter e Kahn. Preferi pôr a situação em outros termos, por falta de outras referências ao assunto e pela própria atitude de Wohlstetter de continuar próximo de Kahn. Todavia, não parece nenhum absurdo, como já vimos e veremos, que Kahn tendesse a um trabalho mais coletivo e que isso acabasse sendo sintetizado sobre seu nome, prática que se tornará inclusive uma estratégia editorial no HI, como veremos em outro capítulo. Já Bruce-Biggs afirma que Wohlstetter nunca publicara um livro, assim, não era possível ele se sentir responsável por ideias que eram debatidas em grupo (BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 128). Porém, Bruce-Biggs ao citar outros membros do Instituto que Kahn criaria, um deles disse que “trabalhar com Herman é como ter um cleptomaniaco como colega de quarto” (tradução nossa, “working with Herman is like having a kleptomaniac for a room mate” (BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 267).

¹⁴⁷ GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 69; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p.127-129.

produto de uma temporada em Princeton e de palestras dadas sobre o tema durante dois anos. Após seus primeiros livros, Kahn se tornou o estrategista mais conhecido, acima de seus amigos e colegas.¹⁴⁸

As influências dos amigos não eram somente em relação ao conteúdo, mas nas formas de expô-lo também. Ghamari-Tabrizi mostra como existia entre esses amigos uma ironia, muita vezes por um viés sexual, com os temas da guerra atômica. Todavia, isso ficava entre eles. Foi chocante, então, quando Kahn, em uma palestra para oficiais disse: “você não tem ‘war plans’, você tem ‘war-gasms’¹⁴⁹. Por causa dessa brincadeira em público, Kahn foi repreendido por Brodie. Ou seja, era uma forma de tratar um assunto sério por uma ótica satírica e irônica, que era uma marca dos *briefings* e da personalidade de Kahn: um homem de fala e raciocínio rápidos e embolados, alegre e imenso. Inclusive, segundo Bruce-Briggs e Ghamari-Tabrizi, o filme *Dr. Strangelove* tornou-se comédia após uma conversa de Kahn com Kubrick. E esse aspecto sexual da guerra aparece também no subtítulo do filme “How I Learned to Stop Worrying and Love the Bomb”, assim como na afirmação de Etzioni sobre Kahn.¹⁵⁰

A RAND não considerava o livro como um representante de sua visão e, inclusive, o livro trouxe problemas para Kahn dentro da corporação. Com os manuscritos das palestras de Princeton em mãos, já com as sugestões de amigos, havia a dificuldade de convencer a Força Aérea e a RAND a publicarem-no. O manuscrito passou pelo crivo da Força Aérea, que solicitou que algumas palavras fossem mudadas. Antes de enviar para a revisão final do Office of Security Review do DoD, o vice-presidente da RAND requisitou que Kahn anexasse uma carta alertando que o livro não era da RAND, mas um trabalho individual. Segundo fonte apresentada por Ghamari-Tabrizi, essa posição da RAND era uma forma de não entrar em conflito com a Força Aérea. Assim, qualquer problema que surgisse por causa do livro, seria uma questão para Kahn resolver.¹⁵¹

Além dos problemas com o lançamento do OTW, já no final dos anos 50, Kahn estava infeliz com a burocracia que constrangia a RAND, principalmente pela sua característica de ser uma organização voltada a prestar serviços ao governo, o que estreitava o seu escopo de pesquisas. Além disso, o ambiente parecia pesado, amigos estavam saindo da. Por fim, uma não aprovação de uma proposta de curso que Kahn elaborara também o chateou. A RAND

¹⁴⁸ GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 209; SPINGARN, J. 1961; STEVENSON, J. 2008, p. 81-84.

¹⁴⁹ “... you people don’t have war plans, you’ve got war-gasms”, tradução nossa, GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 238.

¹⁵⁰ GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p.37-43, 274-276; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p.183-185.

¹⁵¹ BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 95-96, 98-99; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p.206-207.

não parecia mais atender seus anseios, como ele deixa transparecer no OTW, ao afirmar que não havia nenhuma organização trabalhando para o governo que poderia fornecer o *staff* adequado para trabalhar sobre os temas abordados no livro.¹⁵²

Porém, a insatisfação não estava só do lado de Kahn. Frank Collbohm, presidente da RAND no período, por sua vez, estava descontente com a administração frouxa de projetos por Kahn e com sua falta de habilidade em cumprir os prazos – hábitos, conforme Smith, que nunca foram abandonados. Kahn, posteriormente, reconheceu a existência dos desentendimentos com Collbohm e, por isso, segundo ele, muitos dos estudos que foram a base do OTW foram realizados sob objeções da RAND e da Força Aérea. Segundo Kahn, o presidente da RAND tinha objeções ideológicas e pessoais à defesa civil, assim como a Força Aérea. Conforme Kahn, várias pessoas na RAND enfrentaram problemas por causa dos estudos da defesa civil devido à animosidade do presidente Collbohm, que impôs algumas restrições ao estudo do tema.¹⁵³

Como Kahn narra, o evento que determinou sua saída foi quando ele era membro de um grupo dedicado ao projeto de estratégia de força aérea, sendo ele responsável pela parte de defesa civil. Quando o presidente recebeu o resultado da pesquisa, ele, segundo Kahn, afirmou que Kahn deveria trabalhar como era esperado e que, então, as coisas ficariam bem. Ou seja, era um pedido velado para que Kahn parasse de propor ideias que contrariassem as defendidas pela Força Aérea. Na época, Kahn era o segundo mais bem pago e, se continuasse na RAND, provavelmente se tornaria o mais bem pago.¹⁵⁴

Com o sucesso do OTW, Kahn, então, tornou-se uma figura emancipada da RAND. Além disso, a controvérsia criada pelo futurista por suas afirmações em OTW era muito intrusiva para a corporação. Dessa forma, os dirigentes da RAND consideraram-no um inconveniente. Além disso, Kahn não estava disposto a continuar trabalhando sob restrições e sentia que não tinha muito mais a aprender na RAND. Tudo isso, resultou em sua saída da RAND, em Julho de 1961, fato que foi noticiado até pelo *Washington Post*. Kahn poderia ter se tornado professor universitário, mas preferiu fundar seu próprio instituto, no qual poderia reinar: o *Hudson Institute*.¹⁵⁵

¹⁵² KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p.586; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 126-127; SMITH, Mark J. *A short history of Hudson Institute 1961-1972*. Croton-on-Hudson: Hudson Institute, 1972 (1 Aug) – HI-1718-P, p. 1.

¹⁵³ SMITH, J.A., 1991, p. 155; DICKSON, P., 1971, p. 110-111.

¹⁵⁴ DICKSON, P., 1971, p. 111; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p.129-130; STEVENSON, J. 2008, p. 78; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p.307-308.

¹⁵⁵ GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 36-37, 187, 308 ; SMITH, J.A., 1991, p. 155; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p.130; DICKSON, P., 1971, p. 111; PHYSICIST IN POST HERE: Kahn Is Leaving Rand to Head Hudson Institute. *New York Times*, ProQuest Historical Newspapers, Jul 12, 1961, p. 28.

III. O futuro em expansão: a fábrica do impensável

“Could there be such a person who looked the Gorgons of nuclear war in the face without becoming petrified?”

(Jack Raymond, 1962)

Nos três próximos capítulos veremos a constituição da visão de futuro de Kahn como uma proposta ainda mais ampla que as anteriores e que fornece um indicativo importante da magnitude da temporalidade que apresentava aquilo que Kahn anteriormente interpretou como os desafios a serem enfrentados. Veremos que, mais do que uma interpretação individual de Kahn, a questão do tempo, como aparece nos livros e documentos que analisaremos, é proposta, entendida e formulada coletivamente, como resposta a problemas particulares e conforme uma inquietação com dimensões nacionais e internacionais.

Essa visão é devedora do que fora pensado no contexto do planejamento militar em um mundo com bombas nucleares, porém, que cada vez mais se deparava com um futuro mais aberto. Essa abertura não foi somente uma questão de opção, mas foi um processo institucional e político, que acompanhou a formulação de uma noção de “policy”. Para entender todo esse processo abordaremos dois pontos: o contexto estadunidense no período e a criação e o desenvolvimento do *Hudson Institute* (HI). Ao compreendermos como esses dois elementos se relacionavam, com uma influência decisiva do primeiro sobre o segundo, teremos os fundamentos para entender as mudanças de análise de Kahn e do seu Instituto e a formulação e a adaptação de suas compreensões de futuro.

III.1. A criação da fábrica do impensável

A década de 60 para o HI foi, essencialmente, de estudos militares e de defesa, principalmente de DC. O que nos interessa aqui, mais do que os detalhes desses estudos, é entender como o HI se constituiu como instituto de pesquisa e elaborou suas ferramentas sobre o futuro. Nesse contexto de pesquisa militar, as ferramentas desenvolvidas pelo HI foram os cenários, as metáforas e os mundos alternativos, todos reconhecidos como ferramentas institucionais. Portanto, as concretizações do que o HI propunha elevava-o a um nível além de uma simples construção burocrática de um instituto de pesquisa. Era também a constituição de uma forma de trabalho que estava assentada sob uma idealização do que deveria ser um *think tank*. Dessa forma, o HI foi construído em um sentido, material, e, em outro, institucional.

III.1.a. Idealizando e construindo um *think tank*

Tanto entre alguns que estudaram o HI, quanto entre alguns que viveram a época, há uma opinião geral de que o HI orbitava em torno de Kahn. A influência dele sobre o HI era gritante a ponto de brincarem com o nome do município onde se localizava o HI: de Harmon-on-Hudson¹ para “Herman-on-Hudson”. Kahn liderava a maioria dos projetos, apesar de não poder se dedicar a todos, e o Instituto refletia algumas de suas características, como a ousadia na escolha dos temas e as abordagens e as análises gerais. Portanto, diferentemente da RAND, o HI era onde Kahn poderia agir, escrever, falar e discordar do contratante sem encontrar resistência.²

Ao sair da RAND, Kahn não só abdicou de um bom salário, mas também das tardes nas praias da Califórnia, uma vez que sua saída representou uma mudança de cidade. Junto com um colaborador, Max Singer, e um advogado nova-iorquino, Oscar Ruebhausen, ele fundou o *Hudson Institute*, entre os dias 20 e 22 de Julho de 1961, próximo à Nova Iorque. O Instituto tinha esse nome por remeter, de alguma forma à cidade, no caso, ao rio Hudson, que a margeia.³

Kahn conhecera Singer por intermédio de Donald Brennan, um matemático do Massachusetts Institute of Technology, quando este estava organizando algumas atividades de um projeto de estudo sobre controle de armas, patrocinado pela *American Academy of Arts and Sciences* (AAAS), no verão de 1960. Para ajudar a organizar e conduzir uma atividade de jogos de guerra para abordar questões da dissuasão e o papel dela no controle de armas, Brennan convidou Kahn, ainda na RAND. Brennan também convidou Max Singer, um jovem advogado, que, entre outras coisas, trabalhara na candidatura de Kennedy – sem, contudo, ter espaço no governo após sua eleição – e que, conforme Smith⁴, mostrara interesse e talento para questões de segurança nacional. Durante os trabalhos, Kahn e Singer se aproximaram e Kahn convenceu Singer a ir para RAND, o que se concretizou no fim daquele ano. Por um tempo, os dois trabalharam juntos – com Singer desempenhando função semelhante à que

¹ Nos primeiros documentos, o nome do município aparece como Harmon-on-Hudson. Posteriormente, muda para Croton-on-Hudson, resultado de uma mudança legal do nome do município.

² DICKSON, P., 1971, p. 91-92; RICH, A., 2004, p. 45; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 175; STEVENSON, J. 2008, p. 79-80; HERZOG, Arthur. Report on a “think factory”. *Times*. New York, 18 de Nov. de 1963, p.32.

³ SMITH, Mark J., 1972, p. 1; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 133; HUDSON Institute, Inc. **Certificate of incorporation and by-laws**, April, 1962, p. 1, 3, in: Swarthmore College Peace Collection, A.J. Muste papers; WILLIAMS, Chester S. **Memo to members of the Institute**. New York: Hudson Institute, 03 de Jul. de 1962, p. 2.

⁴ Mark J. Smith escreveu um relatório do HI contando a história do Instituto. Smith, no *foreword*, afirma que fez o trabalho nos três meses que passou no HI, após interromper sua graduação, SMITH, Mark J., 1972, p. i.

Mann desempenhara anos antes – organizando um seminário-curso que analisaria o ambiente de segurança nacional e internacional, o qual fora rejeitado pela RAND, contribuindo, então a saída de ambos. A saída de Kahn e seus planos para fundar um novo instituto também se tornaram notícia, indicando a fama que Kahn adquirira através do OTW.⁵

Kahn e Singer, no afã de um novo emprego – e Kahn já tendo recusado alguns, por não querer trabalhar nos limites que já encontrara na RAND – e com uma concepção do que deveria ser um *think tank*, viram em Nova Iorque um lugar em potencial, uma vez que não havia nenhuma instituição de pesquisa sobre segurança nacional na cidade. Com esse intuito, aproximaram-se de Oscar M. Ruebhausen. Ruebhausen era um advogado de um escritório de advocacia dos Rockefeller e também um dos conselheiros de Nelson Rockefeller sobre segurança nacional, também trabalhando com assuntos de DC. A mãe de Singer, funcionária da ONU nos EUA, conhecia a esposa de Ruebhausen, que também era funcionária da Organização. Por essa rede de conexões, Kahn também obteve um local, nos subúrbios – como ele desejava – ao norte da cidade, em um condado vizinho ao rio Hudson, para ser o escritório do instituto. O escritório foi cedido por um engenheiro veterano do Projeto Manhattan, que fabricava reatores nucleares e era fã de Kahn. O dinheiro para a empreitada veio de Thomas Watson Jr., o presidente da IBM na época. A empresa possuía negócios com a Força Aérea e Watson Jr. era um entusiasta da DC, que, por saber do envolvimento de Kahn, presenteou o Instituto com cem mil dólares. O nome do Instituto, por fim, apareceu pela primeira vez quando Kahn, pago como consultor pela RAND em um evento, foi identificado como proveniente do *Hudson Institute*. Ruebhausen, por meio do escritório onde trabalhava, cuidou de todo o processo burocrático para que o *Hudson Institute* fosse criado.⁶

Tanto o documento que incorporava o Instituto ao estado de Nova Iorque, quanto um folheto de apresentação do HI determinavam e apresentavam as possibilidades e impossibilidades do HI. Como uma instituição sem fins lucrativos do Estado de Nova Iorque, ela poderia receber contribuições e doações, ter propriedades em outros países, assim como investir e ter negócios, emprestar dinheiro e ter contratos com agências do governo ou com instituições privadas e indivíduos. Os membros do HI eram como acionistas – e deveria ser assim por lei do Estado – e não tinham que pagar qualquer importância ao Instituto. Portanto, os proprietários eram os membros públicos, os *fellow members* e os funcionários. Enquanto

⁵ SMITH, Mark J., 1972, p.1; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 132-133; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 79; PHYSICIST Kahn Quits Rand Post. **The Washington Post, Times Herald (1959-1973)**. Jul 11, 1961. In: ProQuest Historical Newspapers: The Washington Post (1877-1996), p. A2; PHYSICIST in post here: Kahn Is Leaving Rand to Head Hudson Institute. **New York Times (1923-Current file)**. Jul 12, 1961. In: ProQuest Historical Newspapers: The New York Times (1851-2009), p. 28; BUCHAN, A., 1965, p. 19.

⁶ BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 133-134; SMITH, Mark J., 1972, p.2; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 309.

que a relação com os funcionários seria empregatícia, a com os membros seria eletiva e tinha uma duração fixa. Os membros públicos ocupariam o cargo por sete anos e seriam líderes ou pessoas com destaque na comunidade, funcionando como representantes do público geral. Já os *fellow members* teriam cinco anos de prazo e proviriam de comunidades acadêmicas, científicas e profissionais. Funcionariam também como consultores do HI. Os funcionários seriam membros sêniores e continuariam membros enquanto continuassem no *staff* como contratados.⁷

Haveria, ainda, um conselho de diretores (*Board of Trustees*), formado por quinze pessoas, das quais três exerceriam os cargos principais de Diretor, Presidente e Conselheiro. Esse conjunto seria responsável por indicar as pessoas para aprovação do HI como membros e por administrar o HI, cabendo ao presidente a principal tarefa administrativa. Do conselho de diretores também sairia o comitê executivo, que seria o que cuidaria administrativamente do HI quando não tivessem reunidos os diretores. Ao Diretor, por sua vez, caberia, além das tarefas devidas de administração, cuidar dos programas de estudo do Instituto. O Conselheiro, por fim, aconselharia e auxiliaria os outros dois. O conselho de diretores duraria quatro anos e seria eleito pelas três classes de membros. Em 1962, Ruebhausen fazia parte do conselho de diretores, Singer era o Conselheiro, o Presidente era Donald Brennan – o matemático do MIT comentado anteriormente – e o Diretor, Kahn. Segundo Bruce-Briggs, Kahn, como diretor, era quem contratava e demitia, aconselhava em quem votar para o cargo de diretor, uma vez que os membros eram quase todos seus amigos e estavam dispersos e com outras prioridades. O HI era, portanto, controlado por Kahn.⁸

Entre os membros públicos, estavam Raymond Aron, um ex-embaixador dos EUA na Bélgica, políticos e alguns diretores de empresas. Já entre os *fellow*, havia nomes de peso como Milton Friedman, por exemplo, assim como nomes já conhecidos de Kahn, como Klaus Knorr, ou que poderiam abrir portas pelos contatos, como Roger Fisher, um professor de Direito em Harvard, próximo do grupo de Kennedy. Faziam parte também professores de departamentos de Relações Internacionais, Política, Direito ou Economia de diferentes universidades, e presidentes de empresas. Muito dos membros vieram de contatos anteriores ou, aos pares, das mesmas instituições e departamentos. A partir de 1964, Wohlstetter se

⁷ HUDSON Institute. **A non profit policy research organization studying problems of national security & international order**. Harmon-on-Hudson: Hudson Institute, [s/d.], p. 3; HUDSON Institute, April, 1962, p. 1.

⁸ HUDSON Institute, April, 1962, p. 4; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 135; STEVENSON, J. 2008, p. 79-80; SMITH, Mark J., 1972, p. 5-6; HUDSON Institute, [s/d.], p. 3, 5.

tornou um dos *fellow*. A formação do conselho de diretores, no dia 05 de Setembro de 1961, foi notícia de jornal, anunciada junto com os primeiros contratos do Instituto.⁹

A centralidade da figura de Kahn no HI pode ser atribuída, primeiramente, por ele ser um dos fundadores, mas também devido à idealização que ele construiu sobre uma instituição de consultoria e aconselhamento. Essa idealização aparece nos primeiros documentos de apresentação do Instituto, assim como no OTW. O HI visava preencher um hiato de pesquisa realizada e fornecida para os que decidiam. Conforme um folheto de 1962 do HI, nenhuma das instituições tradicionais era capaz de fornecer as pessoas, a organização, a disciplina, a liberdade intelectual e o estímulo que eram precisos para produzir os estudos necessários. Por isso, desde o fim da II Guerra, novas instituições surgiram. Essas organizações combinaram de diferentes maneiras várias características de universidade, de agência de pesquisa governamental e das corporações de negócios. O HI era inserido nessa corrente, porém, já como uma evolução, resultado do ganho de experiência desse tipo de novas organizações.¹⁰

Esse passo além, intentado com o Instituto, realizava-se, todavia, olhando para trás. A intenção de Kahn era recriar parte do que encontrara quando trabalhou na RAND. Além do ambiente, a principal intenção era fazer o HI funcionar tal como a RAND funcionara, segundo Kahn, nos anos 50: um ramo do governo. Ao olhar para frente, o HI refletia as contrariedades que Kahn tinha à RAND, tentando, assim, fugir da dependência de contratos com uma só agência. Dessa forma, a institucionalização da atividade de pesquisa e da consultoria aos que decidiam, além de passar pela liberdade de pesquisa e da própria instituição, também pretendia a formação de uma rede de troca de informações, de estudos e de contatos e a constituição de um léxico próprio à atividade. O HI foi pensado para funcionar como essa instituição, algo que se aproximaria do rei-filósofo de Platão, como Herzog apontou.¹¹

O processo de institucionalização já era defendido por Kahn desde o OTW e tinha um pendor megalômano. A ideia inicial, apresentada no OTW, ainda estava dentro do contexto mais amplo de R&D e da pesquisa como consultoria, tendendo, em alguns momentos, a uma aproximação de um ideal mais puro de ciência. No apêndice I do OTW, ao tratar de como melhorar a formulação política, Kahn cita o livro *Democracy in America* de Alexis de Tocqueville. Dentro de um trecho grande que Kahn cita, o último parágrafo merece atenção, quando Tocqueville afirma que todas as nações que exerceram alguma influência sobre os

⁹ BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 135; HUDSON Institute, INC. **List of Members**. 01 de Mar. de 1962; HUDSON Institute. **Proposed new members**. 10 de Jan. de 1964, p. 2; HUDSON Institute names trustees: Group Headed by Dr. Kahn Doing Military Research. **New York Times (1923-Current file)**, Sep 6, 1961. In: ProQuest Historical Newspapers: The New York Times (1851-2009), p. 11.

¹⁰ HUDSON Institute, [s/d.], p. 7.

¹¹ HERZOG, A., 18 de Nov. de 1963, p. 30; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 263-264.

destinos do mundo, desde os romanos até os ingleses, foram governadas por instituições aristocráticas, a partir do que, posteriormente, ele conclui: “Uma aristocracia é uma corpo firme e esclarecido que nunca morre”¹². Nesse sentido, Tocqueville defende que características aristocráticas deveriam persistir na democracia.¹³

Kahn, partindo dessa afirmação de Tocqueville, defende que, atrelado à instância superior da administração (inclusive ao presidente dos EUA), deveria haver um grupo de planejamento político que se caracterizaria pelo planejamento no longo e no médio prazos sobre a segurança nacional, a qual abrangeria tanto aspectos domésticos, quanto internacionais, e ordenaria os níveis das políticas governamentais. Essa instituição aprimoraria a elaboração de políticas que contemplassem a adaptação ao problema que persistia desde o OTW: a velocidade da mudança tecnológica e a chance de catástrofe que existia no mundo. Portanto, esse grupo de planejamento auxiliaria na implementação de uma política geral e na informação dos superiores sobre custos, performances e viabilidade, formando um grupo competente e bem informado de responsáveis pelas decisões.¹⁴

Kahn defende, ainda, que os membros dessa organização deveriam estar na folha de pagamento permanente do escritório do Presidente. Contudo, para ele, esse *staff* não deveria ser partidário, nem no nível burocrático, nem no político, ou seja, deveria manter a independência, também para funcionar como uma forma de simulação de oposição, que estaria, no entanto, ciente dos problemas do governo, inclusive os confidenciais. A instituição idealizada por Kahn não se concretizou, porém, ele planejou o HI nesses moldes, principalmente no trabalho para DoD e para o Office of Civil Defense (OCD) e o Office of Secretary of Defense (OSD).¹⁵

O cerne da justificativa para a operação de tal organização estava alicerçada em uma diferenciação necessária entre funcionários do governo e consultores e analistas de políticas mais longas, que remetia, também, a uma diferença de análise: políticos estão interessados no porquê de uma afirmação, enquanto que o cientista questiona se é verdade a afirmação. Para Kahn, nas questões de segurança nacional, era mais importante discutir o mérito das questões, fossem elas trazidas por generais, políticos, pesquisadores, acadêmicos, de direita, de

¹² “An aristocracy is a firm and enlightened body that never dies” tradução nossa. KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p. 580.

¹³ GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 69-70; KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p. 579; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 135-136.

¹⁴ KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p. 4, 191, 580-581, 584 595; KAHN, H., 1962, p. 32-34; KAHN, H., 1971, p. 31-33.

¹⁵ KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p. 583; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 69-70; KAHN, H., 1962, p. 32-34; KAHN, H., 1971, p. 31-33.

esquerda, russos, neutros, etc. Com isso, defende que o consultor se comporte como um cientista imparcial, sem envolvimento emocional. Ou seja, para lidar com as questões do avanço tecnológico e seus efeitos sobre a política internacional e a segurança nacional, deveria prevalecer os comprometimentos com as exigências da Guerra Fria e da tecnologia moderna sobre os processos democráticos.¹⁶

Para além do campo da idealização, havia também as propostas práticas e parte delas foi feita a partir de críticas e falhas que Kahn e Singer acreditavam que existiam nos *think tanks* do período, inclusive, e principalmente, a RAND. Para Kahn, o tipo de organização proposto teria que lidar com e superar dois problemas comuns decorrentes do trabalho próximo aos que tomam as decisões: o primeiro, a perda de independência dos analistas e consultores e, o segundo, a perda da informalidade. Contra isso, Kahn defende a liberdade dos analistas sobre a decisão final do que seria considerado objeto de pesquisa e liberdade para cometer erros. Um primeiro ponto, pensado na posição crítica à RAND, tratava da organização da instituição respeitando as liberdades, tanto do próprio Instituto, como dos pesquisadores. Essa postura era um reflexo direto dos problemas que Kahn e os estudos de DC geraram na RAND, por ficar questionando as políticas da Força Aérea, para quem, a RAND só deveria vender as ideias e não questionar as prioridades.¹⁷

A liberdade imaginada por Kahn seria alcançada, primeiramente, pelo domínio dos pesquisadores sobre o Instituto, evitando, com isso, o atravancamento por excesso administrativo, tão comum às grandes corporações, como a RAND. Os pontos de vista dos pesquisadores também seriam respeitados, uma vez que os estudos podiam ser assinados por membros ou grupo deles, cabendo ao HI garantir a qualidade do trabalho e a infraestrutura e a liberdade para os pesquisadores. Nesse sentido, a intenção era buscar apenas contratos que se encaixassem no programa de pesquisa ou que fossem de interesse de membros do staff. Além da liberdade, a intenção, com isso, era fornecer um ambiente e modos de operar que permitiriam o trabalho pleno dos analistas sobre os problemas de segurança nacional e de ordem internacional, seguindo os moldes da autonomia da pesquisa universitária e ajudando a acomodar a natureza do trabalho e do hábito acadêmicos com a necessidade para cooperação disciplinada.¹⁸

¹⁶ KAHN, H., 1962, p. 34-37; KAHN, H., 1971, p. 34-37.

¹⁷ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p. 589; KAHN, H., 1962, p. 32-34, KAHN, H., 1971, p. 31-33; SMITH, Mark J., 1972, p.1; STEVENSON, J. 2008, p. 78; HUDSON Institute, [s/d.], p. 6; HUDSON Institute, April, 1962, p. 1.

¹⁸ HUDSON Institute, [s/d.], p. 2, 5-6; HUDSON Institute, April, 1962, p. 1; SMITH, Mark J., 1972, p.1; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 176.

Toda essa defesa por independência e informalidade se refletia nos funcionários e membros do HI. Eles se vestiam casualmente e eram encorajados a regular suas próprias horas de trabalho e seu *modus operandi* geral. Portanto, essa condição de liberdade e informalidade também deveria existir de dentro para fora, ou seja, tal organização não deveria ser monolítica. Isso significava pesquisadores independentes e responsáveis por suas pesquisas, autonomia financeira – tanto para arrecadação como para movimentação do dinheiro – e acesso a informações importantes e confidenciais.¹⁹

A aliança com os órgãos governamentais, privilegiando a independência e a autonomia da pesquisa e da instituição seriam etapas importantes da institucionalização da R&D como parte do governo. Contudo, outra etapa importante, para Kahn, nesse caminho também aparecia com um dos objetivos do HI e já estava presente desde os relatórios de 1957, como uma prática necessária ao planejamento. O HI e Kahn defendiam e apresentavam a necessidade de criar e estabelecer um vocabulário, um conjunto de conceitos e uma estrutura analítica precisas, abrangentes, simples e aceitas pela comunidade pertinente, fomentando, destarte, a discussão dentro da comunidade sobre os temas de segurança nacional e ordem internacional. Esse vocabulário também serviria como um meio de facilitar o acesso a leigos.²⁰

De fato, o HI desenvolveu um conjunto de termos e conceitos próprios, assim como formas de trabalho, que acabaram caracterizando também o trabalho de Kahn, como, por exemplo, a ideia da máquina do fim do mundo, o bordão de “pensar no impensável”, a análise de diversas alternativas, o método cenário e, principalmente, a condição dos estudos do HI serem, normalmente, heurísticos e propedêuticos, ou, em outras palavras, servirem para descobrir, estimular e aprofundar a investigação e a imaginação e serem uma instrução preliminar, terem um caráter introdutório e transitório, próprio da condição do que era estudado. O TATU e, principalmente, o OE funcionaram como divulgadores desse léxico. Todavia, foram criticados por isso, uma vez que os conceitos e termos foram considerados herméticos e segregacionistas, o que levou Lawrence, do *Texas Technological College*, a tipificá-los como “hudsonês”.²¹

¹⁹ DICKSON, P., 1971. p. 91-92; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 177; KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p. 591.

²⁰ HUDSON Institute, [s/d.], p. 6; HUDSON Institute, April, 1962, p. 1; KAHN, H. **A escalada**, 1969, p. 419-420; KAHN, H., 1968, p. 275; KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p. 5.

²¹ FREMONT-SMITH, Eliot. What if the Balance of Terror Goes Out of Balance? **New York Times (1923-Current file)**. Jun 9, 1965. In: ProQuest Historical Newspapers: The New York Times (1851-2009), p. 45; BUCHAN, A. 1965, p. 20-21; DICKSON, P., 1971. p. 92; KAHN, H. **A escalada**, 1969, p. 17-18; KAHN, H., 1968, p. xvi; LAWRENCE, Robert M. On Escalation: Metaphors and Scenarios. by Herman Kahn Review. **The Journal of Politics**, Vol. 28, No. 2 (May, 1966), pp. 465-467. Published by: Cambridge University Press

O processo de institucionalização também passava por inovar e isso ocorria não por negar algumas características da RAND, mas também por se afastar da OR e da SA. Kahn acreditava na necessidade de superar os grupos de OR que ele conhecia, cujo trabalho levava em torno de dois anos para ser completado e exigia o comprometimento de diversos profissionais. Ele acreditava que tais grupos conseguiram se manter funcionais junto ao desenvolvimento militar, mas não conseguiriam trabalhar com o planejamento detalhado no longo prazo. Todavia, não havia um abandono total das duas práticas, já que elas carregavam autoridade e confiança. Quando o HI enviou ao Pentágono, por meio do representante do Diretor de Pesquisa e Engenharia de Defesa, uma proposta de estudo de diversas situações políticas, estratégicas e táticas, entre 1963 e 1975, nas quais a força poderia ser ou uma ameaça ou usada de fato, os métodos de trabalho propostos eram os de SA e de OR.²²

A ampliação do *staff* também foi uma inovação, ou melhor, uma ampliação de uma tendência que já existia. O HI conseguia seus funcionários por indicação, por currículos enviados, mas também por anúncios em jornais. A maioria dos funcionários era estadunidense com ensino superior, porém, sem uma maioria de físicos, como era na RAND, havendo bastante espaço para profissionais das outras áreas “exatas” e para cientistas sociais. Havia também os excêntricos, como um especialista em sobrevivência na floresta, um judeu ortodoxo australiano, um alemão refugiado do período Hitler que jurava ter sido secretário do escritor Thomas Mann, um ex-oficial do exército indiano, além de algumas pessoas de outros países.²³

Esse ecletismo era uma das características que também marcaria o HI, ou seja, a busca por segregar pontos de vista diferentes, como indica a carta do pastor e pacifista A.J. Muste, afirmando que aceitava participar do HI, apesar de ele, Muste, seguir uma filosofia de não-violência, a qual, inclusive, motivara o HI a procurá-lo. Ele atribuía seu aceite também ao que estava escrito nos Princípios de Funcionamento do HI, no qual o HI não assumia nenhum posicionamento político, nem nenhuma doutrina, mas que estava interessado somente na

on behalf of the Southern Political Science Association. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/2127578>. Accessed: 20/08/2013 08:54, p. 467.

²² Embora já houvesse uma rejeição clara e anunciada a alguns componentes da OR, como teoria dos jogos, jogos de guerra e técnicas matemáticas no trabalho pretendido pelo HI, KAHN, Herman. **To the members of the Institute** (HI-113-C), 27 July 1962.; HUDSON Institute, April, 1962, p. 7; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 212; KAHN, H. **On thermonuclear war**, 1969, p. 588; HUDSON Institute. **Hudson Institute**: a nonprofit policy research center. Março de 1964, p. 4.

²³ BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 136, 177-179; WILLIAMS, Chester S. 03 de Jul. de 1962, p.1-2; DISPLAY Ad 507. No title. **New York Times**. ProQuest Historical Newspapers, Jul 29, 1962, p. 113.

qualidade intelectual e nas questões mundiais e nacionais, a partir da discussão livre e com pontos de vista alternativos.²⁴

Não era somente na diversificação do *staff* que o HI alcançaria uma maior variabilidade de propostas e pontos de vista, mas também a partir da troca de informações com instituições, faculdades e grupos de estudo, o que também se daria pela publicação de seu material. Isso criaria um mercado livre de ideias, de análises, revisões e críticas profissionais, fruto de uma competição entre organizações, das quais, conforme Stevenson, o HI era a menos discreta. O HI também se mostrava aberto à ajuda externa, caso, por exemplo, um especialista fosse necessário sobre algum tema, o Instituto procurava algum para consultar.²⁵

Toda essa construção da estrutura e dos princípios do HI não era somente visando o processo de formação da instituição de forma burocrática, mas também no âmbito da pesquisa. Portanto, a organização defendida visava cumprir três fases da pesquisa apresentadas por Singer. A primeira era se informar, que consistia em falar com pessoas com conhecimento e envolvidas com a questão e ler sobre o assunto. Em seguida, formular pontos de vista de políticas, ou seja, desenvolver ideias, derrubá-las e, portanto, aprender a defendê-las. Por fim, juntaria isso tudo, desenvolveria as alternativas e levaria ao contratante.²⁶

III.1.b. O início da ampliação: os primeiros anos do HI

Apesar de se apresentar como inovador e cheio de propostas, o Instituto tardou um pouco, conforme Bruce-Briggs, a conseguir seus primeiros contratos e, até então, teve que se manter com poupanças de Kahn e Singer e o dinheiro doado. O processo de obtenção de contratos teve início com os contatos que Kahn fizera no Pentágono durante seu processo de saída da RAND. Com isso, o HI conseguiu um contrato de estudo sobre estratégia e política. Esses estudos estiveram presentes ao longo dos anos 60 no Instituto e foram financiados por meio do gabinete do diretor de pesquisa de defesa. O primeiro desses contratos tratava da interação da defesa civil com as crises internacionais.²⁷

É perceptível que vários contratos vieram também por conta dos contatos que membros do HI tinham ou por causa da fama de Kahn. Na primeira metade da década de 60,

²⁴ MUSTE, A.J. para Singer, Max. **Carta**. 12 de Jan. 1962. In: Swarthmore College Peace Collection, A.J. Muste; HUDSON Institute, [s/d.], p. 2.

²⁵ STEVENSON, J. 2008, p. 75-76; KAHN, H., 1962, p. 32-34; KAHN, H., 1971, p. 31-33; HUDSON Institute, [s/d.], p. 2; DICKSON, P., 1971. p. 94.

²⁶ DICKSON, P., 1971. p. 94-95.

²⁷ SMITH, Mark J., 1972, p.2,4; BRENNAN, D.G. **Hudson Institute progress report**. Vol.1 No.1. Abr. de 1964, p. 2; RICH, A., 2004, p. 45; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 144,163; HUDSON Institute, [s/d.], p. 3.

alguns temas estudados foram o controle de armas, sob responsabilidade de Brennan – o matemático que aproximara Kahn e Singer – a partir do contrato com uma nova agência que trataria do controle de armas e de desarmamento, cujo chefe de pesquisa fora colega de um dos funcionários do HI em Harvard.²⁸

Portanto, na primeira metade da década de 60, os temas que dominaram foram os de crises internacionais – com ênfase no controle de armas, defesa civil e a relação desses dois temas – implicações estratégicas e políticas do impacto da tecnologia futura sobre as operações, os sistemas militares e os interesses dos EUA na ordem internacional e o papel do “comando e controle” nas escolhas estratégicas e de políticas básicas. Os estudos sobre controle, comando e comunicações militares e das instâncias de decisão foram desenvolvidos para a MITRE Corporation²⁹, e envolviam também um sistema de computadores, o que levou a contratos com a IBM.³⁰

Na esteira desses estudos, também surgiu um sobre um sistema de defesa contra mísseis balísticos (ABM) frente ao plano e demanda do DoD por um sistema de defesa desse tipo. O HI concluiu que seria muito benéfico aos EUA um tipo de programa limitado de defesa de mísseis. Conforme Smith, os argumentos e recomendações do HI foram bem aceitos no governo, contudo, sem talvez representar grande influência. Em 1964, adicionou-se a esses temas uma preocupação com a questão das forças nucleares futuras.³¹

Outras temáticas, que agora se relacionavam à DC, estavam dispersas ainda em diferentes pesquisas feitas para os contratantes, que foram, nesses primeiros anos, o Department of State dos EUA, pela agência interessada no controle de armas (ACDA), o Executive Office do Presidente, pelo Escritório de Planejamento de Emergência, a Força Aérea, o Exército dos EUA, a US Atomic Energy Commission (AEC), a comissão de DC de Nova Iorque e empresas e companhias privadas, as quais prestavam serviço para órgãos do governo e forças armadas. O HI ainda enviava propostas para os diversos órgãos governamentais, tentando, com isso, obter algum contrato governamental.³²

²⁸ BRENNAN, D.G, Abr. de 1964, p. 1,2,4; SMITH, Mark J., 1972, p.2-3, 6; HUDSON Institute. **Schedule of events:** Hudson Institute members’ meeting. 8-9 de Mai. de 1964, p. 3; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 149, 164.

²⁹ A MITRE consistia em um prolongamento do *Lincoln Laboratories*, ligado ao MIT, para uma corporação sem fins-lucrativos, inspirada na RAND, também prestando serviços para a Força Aérea, principalmente para o setor de sistemas eletrônicos, BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 145-146.

³⁰ HUDSON Institute, [s/d.], p. 3; DISPLAY Ad, Jul 29, 1962, p. 113; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 309; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 144-150.p

³¹ HUDSON Institute. **Hudson Institute:** a nonprofit policy research center. Março de 1964, p. 5; DICKSON, P., 1971. p. 591-592; SMITH, Mark J., 1972, p.8-9; BRENNAN, D.G, Abr. de 1964, p. 1-4.

³² HUDSON Institute, [s/d.], p. 3; HUDSON Institute, Março de 1964, p. 5; HERZOG, A., 18 de Nov. de 1963, p. 31.

Portanto, o HI e Kahn tiveram que se adaptar as demandas externas sobre a defesa civil. No início do governo Kennedy, houve uma tentativa de tapar os buracos na defesa que supostamente tinham sido deixados pela administração anterior. Nesse sentido, McNamara fora convocado para ser o Secretário de Defesa e vários ex-membros e membros da RAND compuseram o departamento, concretizando, na década de 60, toda a discussão perpetrada, na década anterior, sobre a necessidade da substituição da experiência militar pela civil. A defesa do país e a defesa civil eram alguns dos buracos, uma vez que, além do desenvolvimento das bombas nucleares e dos mísseis intercontinentais, o lançamento do Sputnik, em 04 de Outubro de 1957, trouxe uma preocupação a mais, já que o satélite revelava um novo nível de medo, pois parecia que a URSS estava na frente dos EUA na corrida armamentista e tecnológica. Tudo isso levou a mais e maiores investimentos em R&D.³³

Como parte da campanha eleitoral e, depois, como plano de governo, Kennedy se mostrou mais inclinado à DC e, inclusive, buscou as ideias da RAND, sendo o plano geral baseado em algumas ideias do relatório de 1958 do grupo de DC de Kahn na RAND e nas ideias de Wohlstetter. Muito dos conceitos e ideias desenvolvidos pela RAND na década anterior marcaram as bases da DC do governo democrata do período, como, por exemplo, as noções de primeiro e segundo ataque e de força de contra ataque. Nesse contexto, Kahn, conforme levantamento de Bruce-Briggs, foi convocado pelo Assessor de Segurança Nacional e pelo seu substituto, Walt Whitman Rostow, para ser ouvido sobre o que pensava. Em 1961, houve uma grande preocupação pública com a defesa civil, porém, dentro dos círculos governamentais, começou uma campanha contrária à DC, com inclinações para uma campanha pública também, com Kahn pouco participando desse debate. Cansado do tema e das vias tomadas pelo debate público, no fim de 1961, a DC já não era mais um tema ao qual Kahn se dedicava.³⁴

Com a morte de Kennedy, em 1963, e com a presidência do país assumida por Lyndon Johnson, a DC foi, gradualmente, tornando-se um assunto periférico, por opção do novo presidente e de McNamara, sendo substituída por outra postura, a da defesa ativa, que consistia em mísseis que interceptariam os mísseis atacantes que teriam potencial nuclear, conhecido como sistema de mísseis antibalísticos. Algumas questões-chaves permitiram essa nova postura, como a resolução da crise dos mísseis em Cuba, o *Limited Test Ban Treaty*, em 1963, que baniu os testes nucleares que não fossem os subterrâneos, a crença de *detente* e de

³³ DICKSON, P., 1971. p. 11; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 47, 189-190; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 60, 162; MCMAHON, Robert J., 2003, p. 75-76; STEVENSON, J. 2008, p. 102-104

³⁴ BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 68-69, 151-155, 161; STEVENSON, J. 2008, p. 106-107.

coexistência pacífica com a URSS e a prevalência da concepção de destruição mútua assegurada, ideia expressada em 1964, que consistia nos dois lados possuírem poder para destruir o outro, sem necessidade de contra-ataque ou defesa. Nesse sentido, McNamara também se preocupou em desenvolver uma força convencional – i.e., aquela que não empregava armas nucleares – na Europa, que era o principal objetivo soviético, o que alterou a ideia de dissuasão em meados dos anos 60, saindo da esfera do apenas nuclear e integrando uma série de outros fatores, os quais não estavam mais restritos às duas potências, mas também compreendiam os aliados e parceiros.³⁵

Essa mudança de postura sobre a defesa permitiu o governo dos EUA encarar a defesa de uma maneira mais ampla, tanto mundialmente, quanto nas possibilidades de conflito, pensando, agora, além do nuclear. Essa mudança resultou, também, em alterações graduais nos estudos de defesa do HI, complementado pelo afastamento de Kahn desses temas. Por exemplo, o estudo sobre controle de armas possuía uma visão diferente sobre a defesa do que a apresentada no OTW, já que propunha que os EUA explorassem as possibilidades para cooperação ou limitação conjunta da defesa civil com a URSS com a finalidade de usar a DC ou como um meio ou como um objetivo para o controle de armas.

Essa transformação também foi acompanhada pelo HI nas suas necessidades de financiamento. Por isso mesmo, as temáticas de segurança nacional e ordem internacional integradas se tornaram característica do Instituto nesse período, sem representar, contudo, um abandono dos fundos provenientes do DoD e dos estudos de DC para o OCD. Além disso, esses estudos também resultavam em outros contratos, como um de 100 mil dólares com a Martin-Marietta Corporation – uma das muitas empresas que prestavam serviço para a Força Aérea, nesse caso, mais enfaticamente no campo de mísseis – em 1961, que pagou por uma análise do interesse nacional dos EUA na ordem internacional. Por ser uma temática ampla, os membros do HI tiveram liberdade para desenvolver outros tópicos de pesquisa e projetos para o futuro, abordando outros temas que caracterizariam o HI, como o de controle de armas, por exemplo, e alguns temas que nunca tiveram apoio e não foram desenvolvidos, que foi o caso, por exemplo, do estudo do interesse dos EUA em um governo mundial.³⁶

³⁵ STEVENSON, J. 2008, p. 101-102, 107-108, 110, 112-113; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 157-158, 251-158; CIMBALA, Stephen J. **Adaptation and innovation in policy research: the case of Hudson Institute**. S/I, 1970, p. 7; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 251-258; MCMAHON, Robert J., 2003, p. 96-97.

³⁶ SMITH, Mark J., 1972, p.3; CRANE, Brian. On Escalation. Metaphors and Scenarios by Herman Kahn Review. **International Journal**, Vol. 20, No. 4 (Autumn, 1965), pp. 541-542. Published by: Canadian International Council. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/40199684> Accessed: 20/08/2013 08:56, p. 541.

O HI, por meio dos seus temas e contratos, intencionava agir em duas frentes. A primeira frente seria mais ampla e tratava de realizar um trabalho melhor para o contratante. Já a segunda frente, mais específica, trataria dos problemas mais imediatos da segurança nacional, ligados com questões postas sob o conceito de "international order". Essas questões, na visão do Instituto, tinham sido negligenciadas no passado e, agora, deveriam ser tratadas com seriedade, com detalhes e com estudos bem alicerçados. A justificativa para isso era a mesma que Kahn dera para escrever o OTW e que permaneceria em seus dois livros posteriores, ou seja, o grande número de bombas H prontas para o uso e a corrida armamentista.³⁷

Os documentos de fundação e os memorandos que circulavam dentro do Instituto indicam que os primeiros anos de funcionamento estavam imbuídos desses ideais. O *Certificate of Incorporation*, de Dezembro de 1961 e um folheto de 1962, que visava apresentar o HI³⁸, aponta como uma das propostas do Instituto conduzir e apoiar estudos para produzir análises minuciosas, objetivas e esclarecidas de problemas relacionados à ordem internacional e à segurança nacional. É visível a ligação que existe, na concepção do Instituto, entre ordem internacional e segurança nacional – fazendo parte, inclusive, do logotipo do Instituto (Anexo A). Enquanto a ideia de segurança nacional tratava, de forma geral, da proteção da estrutura política, social e material dos EUA contra a ação inimiga e o apoio político-militar aos objetivos políticos internacionais, ordem internacional é entendida como as várias maneiras possíveis de organizar o contexto internacional, cogitando possibilidades futuras que abrangem da anarquia até um governo mundial, atentando às questões de paz e de guerra e a relação disso com os desenvolvimentos econômico, social e político. Portanto, a ordem internacional tem importância uma vez que está imbricada com a segurança do país, que é, agora, entendida não somente pelos aspectos militares, mas também por questões sociais e de desenvolvimento econômico. Além disso, vários dos objetivos de política internacional, com os quais a segurança nacional estava preocupada, estavam intimamente conectados com a realização de formas desejadas da ordem internacional.³⁹

Por trás dessa visão, havia uma compreensão mais concreta de um Ocidente, a qual fora esboçada e iniciada no OTW, também como resposta às necessidades da OTAN e de proteção da Europa Ocidental. Agora, a segurança dos EUA estava conectada à ordem

³⁷ HUDSON Institute, [s/d.], p. 3

³⁸ Sendo inclusive distribuído para os membros ou convidados, como demonstra a sua presença no acervo de A.J. Muste.

³⁹ BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 135; HUDSON Institute, Março de 1964, p. 3; HUDSON Institute, [s/d.], p. 6; HUDSON Institute, April, 1962, p. 1.

internacional, o que é influenciada pela situação política do país, com os diversos episódios de disputas frias com a URSS e a alegada influência comunista pelo mundo. Essa situação é evidenciada pelas linhas de projetos, estudos e relatórios do HI nos primeiros quatro anos, até 1965. Um dos contratos, nesse sentido, foi para o Exército dos EUA, iniciado com Kahn como consultor e se estendendo para um contrato, o qual tratava de pensar uma estratégia para a Europa Ocidental e como os EUA poderiam se beneficiar estratégica e taticamente de programas de ajuda internacional. O contrato também planejava estudar os elementos presentes na criação de um poder nacional, tanto nos EUA, quanto em outros países importantes (entre eles, o Brasil), e as maneiras que esses elementos poderiam interagir e influenciar-se entre 1965 e 1980.⁴⁰

Com esse leque, o Instituto buscava um espectro amplo de agências do governo e fontes privadas. Com esse *status* de não possuir afiliação com um órgão específico, o HI buscava ser diferente da RAND e, com isso, também intentava obter uma renda substancial de diferentes fontes. Havia, ainda, a intenção de seminários com a finalidade de “educar” o público e, com isso, também obter alguma renda. Essas expectativas, contudo não foram prontamente atendidas. Portanto, em 1962, o dinheiro era curto ainda, mesmo com Smith afirmando que o HI fora fundado em uma época propícia, aproveitando-se da notoriedade de Kahn, a qual se alicerçou e ajudou a lançar o HI com a publicação do TATU, em Junho de 1962, o que teria servido como estímulo para obtenção de contratos de pesquisa naqueles anos.⁴¹

O TATU, conforme Bruce-Briggs, tinha um tom mais leve que o OTW, sinalizando que as críticas a este não foram totalmente desconsideradas por Kahn. O livro foi recebido, de forma geral, como uma nova versão do OTW, sendo alvo de elogios e críticas, mas sem a polêmica de antes. Alguns o consideraram uma análise válida e racional das condições da guerra termonuclear, inclusive na sua tentativa de realismo sobre o que poderia acontecer. Contudo, para outros, essa intenção de realismo de Kahn, e o que derivava disso, continuava sendo frio, desumano e não-humanista. Uma edição inglesa saiu em 1963, e, posteriormente,

⁴⁰ Cf. HUDSON Institute. **U.S. National Power and Authority**: proposal to the Department of The Army – Office of Chief of Research & Development. Propostal No. 184. Hudson Institute, 19 de Maio de 1965; Cf. HUDSON Institute. **A proposal for the study of military aspects of alternative world futures**: proposal to the Department of The Army – Office of Chief of Research & Development. Propostal No. 183. Hudson Institute Inc., 19 de Maio de 1965; Cf. HUDSON Institute. **Carta para U.S. Army Research Office**. 19 de Maio de 1965; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 191-192, 210-211.

⁴¹ SMITH, J.A., 1991, p. 155; BOOKS Authors. **New York Times (1923-Current file)**, Jun 11, 1962. In: ProQuest Historical Newspapers: The New York Times (1851-2009), p.. 28; SMITH, Mark J., 1972, p.2; HUDSON Institute, Inc. **Statement of income and expenses**: for the period from July 1, 1962 to June 30, 1963, [s/d]

uma sueca e uma japonesa. Outro papel desempenhado pelo livro foi divulgar o HI ao público.⁴²

O TATU também marcou uma forma própria de elaboração dos livros do HI sob a autoria de Kahn. Como vimos, o título do livro já tinha sido proposto, por Kahn, em um artigo que não fora publicado e também era título de uma de suas palestras. A editora veio de um amigo de infância de Singer, que tinha uma pequena editora e resolvera publicar o livro de Kahn após assistir uma palestra sua em New York. Um rascunho fora feito, porém, não foi considerado bom o suficiente. Kahn, então, reconhecendo sua falta de estilo para escrever, transferiu essa tarefa para o HI e, conforme Bruce-Briggs, ele nunca mais escreveu sozinho. Assim, um grupo de jovens advogados do HI, composto por Singer, Anthony Wiener e John Kaplan, entre outros do HI – que Kahn agradece no livro – deram um sentido e uma coerência geral a um resumo – escrito por eles – do OTW e adicionaram vários ensaios que Kahn escrevera, alguns como respostas às críticas ao OTW, palestras que ele proferiu e parte da pesquisa para a Martin-Marietta Corporation.⁴³

Essa centralidade das publicações em torno de Kahn não era algo que surgira somente por questões pessoais e por condições internas ao HI. Uma carta, em Dezembro de 1967, da editora Macmillan, discutindo a publicação de um livro sobre trabalhos do HI a respeito da política dos EUA e o Vietnã expunha o risco financeiro que seria, para ela, lançar uma obra que reuniria um simpósio do HI, uma vez que livros de simpósio não vendiam bem. Contudo, se o livro fosse identificado como um livro de Kahn, o ganho comercial seria maior, uma vez que a reputação cada vez maior do HI não estava desatrelada da figura dele como líder e como o nome sempre procurado e abordado quando o HI era mencionado.⁴⁴

Como processo de crescimento do HI, em Julho de 1962, o Instituto mudou para uma nova localização, mais próxima do rio Hudson, na intersecção com o rio Croton, resultado do dinheiro que entrava por meio dos contratos. O local encontrado foi um terreno de

⁴² BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 144; ANDREWS, Marshall. Herman Kahn Thinks Again. **The Washington Post, Times Herald (1959-1973)**, Jun 17, 1962. In: ProQuest Historical Newspapers: The Washington Post (1877-1996), p. G8; MORGENTHAU, Hans J. 1962, p. D4; BUCHAN, A. 1965, p. 19-20; MARGOLIS, Howard. The Many-Runged Ladder Leads to Nuclear Oblivion. **The Washington Post, Times Herald (1959-1973)**. May 18, 1965. In: ProQuest Historical Newspapers: The Washington Post (1877-1996), p. A18; FREMONT-SMITH, E. Jun 9, 1965, p. 45; JAKCSON, Hoyt M. On Escalation: Metaphors and Scenarios by Herman Kahn Review. **The Western Political Quarterly**, Vol. 18, No. 4 (Dec., 1965), pp. 931-932. Published by: University of Utah on behalf of the Western Political Science Association Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/445922>. Accessed: 20/08/2013 08:55, p. 931-932; Lusky 683-684; LAWRENCE, Robert M., May, 1966, p., 466; MARSHALL, S.L.A. Global Game Called Risk-Taking: ON ESCALATION: Metaphors and ... **New York Times (1923-Current file)**. May 30, 1965. In: ProQuest Historical Newspapers: The New York Times (1851-2009), p. BR3.

⁴³ BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 139; KAHN, H., 1971, p. 11-12; KAHN, H., 1962, p. 13-14; SMITH, Mark J., 1972, p.3-4.

⁴⁴ WADE, James. **Carta para o HI**. New York: Macmillan Company. 15 de Dezembro de 1967, p.1.

aproximadamente oitenta e quatro mil metros quadrados, composto por sete prédios e onde, anteriormente, fora um sanatório chique, seguido, depois, por uma casa de freiras e pela sede dos laboratórios de pesquisa da IBM. O terreno também estava localizado próximo a uma estação de trem e distante uma hora de carro de Nova Iorque. Conforme o documento do próprio HI, o terreno era alugado com opção de compra e os valores eram considerados bons pelo lugar, que permitiria desenvolver as atividades pretendidas de pesquisa. O prédio principal tinha em torno de sessenta cômodos e um porão grande, os quais poderiam ser usados para salas de jantar, sala de conferência e biblioteca. Os outros seis prédios menores poderiam servir como residência para membros. Os prédios já estavam adaptado às necessidades do Instituto, com seus sessenta funcionários, sendo vinte e cinco pesquisadores. A nova sede do HI foi celebrada não só dentro do HI, mas também fora, com o recebimento de vários telegramas de parabenização.⁴⁵

O fim do ano fiscal de 1963 – que ia de Julho de 1962 a Junho de 1963 – significou um revés para o HI e suas esperanças. As rendas por contrato ficaram niveladas em um milhão por ano e, como Brennan explica em uma carta para os membros no fim de 1963, nenhuma doação privada fora recebida, principalmente porque o HI não conseguiu obter um reconhecimento formal de seu estatuto de organização sem fins lucrativos frente ao *Internal Revenue Service* (IRS). Tal situação fez com que o *staff* do Instituto fosse reduzido em quase 40%, além de redução de salários e algumas licenças temporárias. Com tudo isso, o prestígio do HI também ficou abalado. Em Dezembro de 1963, a IRS regulamentou o HI como uma organização sem fins lucrativos, o que, no entanto, não resultou imediatamente em melhoras financeiras uma vez que as doações privadas não vieram.⁴⁶

Uma forma encontrada para aumentar o arrecadamento foram os seminários sobre segurança nacional e internacional, os quais Kahn já quisera realizar na RAND, sem sucesso. Esses seminários já eram idealizados no HI desde 1962 e fora planejado para durar seis dias, seria anual e buscava uma plateia entre quinhentas e duas mil e quinhentas pessoas oriundas do governo, das indústrias de defesa, de universidades, de organizações de pesquisa, de meios de comunicação e de grupos de questões públicas. O curso teria tanto a versão confidencial, quanto a aberta. O seu principal mote seriam as interações entre política de defesa, política estrangeira, controle de armas, política doméstica e várias alternativas políticas de segurança nacional, ou seja, os mesmos temas e abordagens que orientavam a busca de contratos. O

⁴⁵ BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 173-174; SMITH, Mark J., 1972, p.6; DICKSON, P., 1971. p. 91; WILLIAMS, Chester S. 03 de Jul. de 1962, p.1-2

⁴⁶ SMITH, Mark J., 1972, p.9; BRENNAN, Donald. **To the members**. Harmon-on-Hudson: Hudson Institute, 04 de Dez. de 1963, p.3; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 181, 263; carta 21-23 de Set de 1962.

curso seria a principal atividade do *staff* do Instituto e também visaria atender aquelas diretrizes pensadas por Kahn para um *think tank*: criar a necessidade de um vocabulário compartilhado e uma estrutura orientadora tanto dentro do HI, quanto para as pesquisas sobre o tema. A partir do curso e dessa criação de uma estrutura e um léxico, era intentado um papel de destaque e de influência do Instituto nas questões de segurança nacional e internacional.⁴⁷

No início do segundo semestre de 1963, ocorreu o primeiro desses cursos, acompanhando um balanço financeiro positivo do HI de um pouco mais de sessenta e sete mil dólares⁴⁸. O curso, cujo título era “The Political-Military Context of Strategic War” teve a participação de cerca de cem pessoas – um número abaixo do que o esperado quando o curso foi idealizado – que vinham das áreas esperadas pelo HI. O curso durou uma semana e serviu também para testar as ideias e as hipóteses do HI com o público, além de ser um meio de divulgar o trabalho e o léxico desenvolvidos pelo Instituto e promover uma integração interna, entre os membros. Esse curso foi considerado, no fim de 1963, a principal atividade do HI no ano. Os seminários voltados para temáticas e públicos relacionados às áreas militares e de defesa continuaram ao longo de 1964 e 1965.⁴⁹

Na carta aos membros de 1963, Brennan assume que, apesar da importância das palestras para a vida financeira do Instituto, a principal atividade eram os programas de pesquisa. Nesse sentido, relata um avanço nos estudos das posturas estratégicas dos EUA e da URSS e de suas interações, nos estudos de escalada, nos estudos de defesa civil e de seus aspectos políticos, estratégicos e técnicos. Muitos desses primeiros contratos acabaram em 1963 ou 1964 e os relatórios devidos foram entregues. Grande parte dos temas estava relacionado à defesa civil, à defesa de forma geral e às relações exteriores, abordando controle de armas, a OTAN, os resultados ambientais de guerras atômicas, os cenários de pós-ataque, a estratégia e a defesa da Europa e os interesses americanos.⁵⁰

No começo de 1964, novos temas surgiram, em adição aos anteriores, apesar de manter os mesmos contratantes. Esses novos objetos de estudos eram todos, ainda, essencialmente militares. Um dos campos que ganhou destaque no HI nos anos de 1963 e 1964 foi o da escalada. Sobre esse tema foi elaborado o primeiro livro que era quase que

⁴⁷ HUDSON Institute, [s/d.], p. 4

⁴⁸ Um valor baixo, em comparação, por exemplo, aos gastos e ganhos do Instituto, que giravam em torno de um milhão de dólares cada, sendo que só em salários do *staff* eram gastos em torno de seiscentos e oitenta mil

⁴⁹ BRENNAN, D.G. Abr. de 1964, p. 4; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 181-183; HUDSON Institute, Inc.

Statement of income and expenses: for the period from July 1, 1962 to June 30, 1963, [s/d]; SMITH, Mark J., 1972, p.10-11; BRENNAN, Donald, 04 de Dez. de 1963, p.1-2; HUDSON Institute, Março de 1964, p. 6.

⁵⁰ HUDSON Institute. **Existing and potential backlog.** 01 de Out. de 1963; BRENNAN, D.G., Abr. de 1964, p. 1; BRENNAN, Donald, 04 de Dez. de 1963, p.3

inteiramente fruto de trabalhos do HI, o *On Escalation*. O aspecto coletivo do livro fica evidente nos agradecimentos, no qual Kahn apresenta o OE como parte do resultado dos estudos para Martin-Marietta Corporation, dos relatórios do HI sobre a escalada e sobre o controle de armas, dos outros relatórios do Instituto e das conferências. Com isso, ele também reconhece o trabalho de grupo que caracterizaria os livros a partir de então.⁵¹

A questão da escalada era o tema principal do livro, apoiada no entendimento e na manipulação das crises, questões essas influenciadas diretamente pela crise de Berlim, da Turquia e, principalmente, de Cuba. Havia, por tudo isso também, aspectos da política internacional e um interesse pela postura da URSS. A preocupação a respeito da proliferação nuclear também estava presente, incluindo uma preocupação específica com a China, que, em 1964, testara sua primeira arma nuclear. Por fim, não há o abandono da análise da guerra, pensando a nuclear, tanto de forma total, quanto limitada, e as guerras convencionais. O livro obteve, como sempre, uma crítica bastante variada, sem, todavia, a polêmica do primeiro livro, pois, o OE, assim como o TATU, foram considerados menos impactantes do que o OTW, principalmente porque, como a crítica percebeu, ambos os livros refletiam uma mudança de enfoque, a qual era intrínseca ao HI. Houve, portanto, a redução de ênfase na DC tal como aparecera no OTW. Esse trabalho foi, também, o último de Kahn sobre questões essencialmente estratégicas e da guerra nuclear, apesar de tais temas ainda aparecerem em algumas das palestras que ele proferia.⁵²

Por trás dessa mudança de análise, havia também outra motivação. Em 1963, o contrato de estudo sobre o controle de armas foi cumprido, porém, não renovado. Parte disso decorreu do *Limited Test Ban Treaty*, porém, outra parte foi devido a uma característica interna ao trabalho, a qual não agradou os contratantes. Conforme Smith, o conceito apresentado no relatório para ACDA interessou, de início, os responsáveis pela DC, porém,

⁵¹ BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 200, 206-207; KAHN, H., 1968, p. xiii-xiv, xvii-xix; KAHN, H. A escalada, 1969, p. 13-14, 18-21; CRANE, Brian. 1965, p. 541; JAKCSON, Hoyt M. On Escalation: Metaphors and Scenarios by Herman Kahn Review. **The Western Political Quarterly**, Vol. 18, No. 4 (Dec., 1965), pp. 931-932. Published by: University of Utah on behalf of the Western Political Science Association. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/445922> .Accessed: 20/08/2013 08:55, p. 930; LUSKY, Louis. On Escalation: Metaphors and Scenarios by Herman Kahn Review. **Political Science Quarterly**, Vol. 80, No. 4 (Dec., 1965), pp. 682-684. Published by: The Academy of Political Science. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/2147036> .Accessed: 20/08/2013 08:55, p. 683; SMITH, Mark J., 1972, p.3; HUDSON Institute. **Contracts and primary areas of interest of Hudson Institute**. Abril de 1964, 1-4; BRENNAN, D.G. Abr. de 1964, p. 2-3

⁵² BRENNAN, D.G. Abr. de 1964, p. 3; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 204-205, 207-208, 220, 224; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 314; SMITH, Mark J., 1972, p. 12; STEVENSON, J. 2008, p. 111; RAYMOND, Jack. A Grim Game For Us All: A Grim Game. **New York Times (1923-Current file)**. Jun 17, 1962. In: ProQuest Historical Newspapers: The New York Times (1851-2009), p. 12; FREMONT-SMITH, E. Jun 9, 1965, p. 45; BUCHAN, A. 1965, p. 20.

“como várias das sugestões mais imaginativas do Instituto”⁵³, nunca foi aprofundada pelo governo. Esse problema do excesso de imaginação marcaria o HI e já estivera presente no primeiro relatório para a MITRE, elaborado em Outubro de 1961. Conforme indica Bruce-Briggs, apesar de considerados interessantes, informativos e até divertidos, os relatórios eram pouco úteis aos contratantes, principalmente quando repassado para as agências do governo ou forças armadas.⁵⁴

Esse trabalho imaginativo se assentava em ferramentas novas, que eram propostas desde o início do HI, como o uso de cenários para orientar as escolhas e os desenvolvimentos que poderiam existir na doutrina e nos conceitos. O uso dessas ferramentas já denotava uma preocupação com o futuro, entendido como uma zona de integração tática, política, tecnológica e estratégica, por isso, ampla. Logo, é recorrente, nas propostas do HI, como é exposto em uma carta para o Pentágono, a defesa da necessidade de estudos prévios sobre o tema em foco, tanto como guia de desenvolvimentos no longo prazo, quanto como meio de tornar as pessoas mais aptas a compreender as mudanças conforme elas ocorram. Havia, também, uma urgência afirmando que esses estudos tinham que começar o quanto antes pela abrangência deles e porque, caso contrário, não haveria tempo para se preparar para as decisões. Além dos cenários, outra ferramenta desse período e que foi reconhecida como um elemento dos estudos do HI, era a construção e a análise de um leque de mundos futuros alternativos como contextos hipotéticos para avaliar políticas futuras possíveis.⁵⁵

III.2. As formas de pensar o futuro: cenários e metáforas

Nos trabalhos de consultoria militar e de defesa que o HI desenvolvia, o futuro ganhou destaque progressivamente. Essa era uma característica retroalimentadora dos estudos futuros semelhantes aos de Kahn. Se a preocupação com o futuro surge justamente da ameaça que as armas nucleares representavam para o devir humano, ao imaginar diversas possibilidades futuras e delinear diversos caminhos, ele propõe uma solução para a ameaça que, então, só se torna factível se existir uma previsão para depois da ameaça. Era assim nos estudos de

⁵³ “like many of the Institute’s more imaginative suggestions”, tradução nossa. SMITH, Mark J., 1972, p.7.

⁵⁴ BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 148; SMITH, Mark J., 1972, p.7; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 148, 168-170, 164-173; HUDSON Institute. **Alternative worlds futures for arms controls and nuclear proliferation**. Proposal No. 195. Harmon-on-Hudson: Hudson Institute, 11 de Agosto de 1965.

⁵⁵ BRENNAN, Donald, 04 de Dez. de 1963, p. 3; KAHN, H. **Carta para Marvin Stern, Deputy Director Defense Research and Engineering, The Pentagon, Washington D.C.** 13 de Fev. de 1962. In: Special Collections, Library of National Defense University, Fort McNair, Washington D.C.

estratégia militar, que pensava uma força de contra-ataque no caso de um primeiro ataque. Era assim nos estudos de defesa civil, que imaginava como viver em um ambiente radioativo. E continua sendo assim no HI. Portanto, cada previsão e planejamento acabavam gerando a necessidade de um planejamento mais longo, mais à frente, justamente para depois do problema superado. Essa era a dinâmica constante da ampliação do alcance dos estudos futuros. Essa dinâmica foi também fundamentada, gradualmente, dentro do HI como o problema a ser tratado, nos diferentes projetos, assim como as ferramentas para realizar esse intento.

III.2.a. Cenários: pensando o que será

Um dos problemas apontados por Kahn desde o OTW era o desconhecimento sobre o futuro e, por isso, a falta de experiência para lidar com o devir. Para lidar com esse problema e pensar, ainda dentro da estratégia militar, o futuro, Kahn apontava algumas ferramentas: os modelos abstratos, os jogos de guerra e paz, os cenários, os exemplos históricos e os romances. Todas essas “ferramentas” são postas como não convencionais, em oposição às já consagradas SA e OR. Essa oposição entre técnicas novas e velhas funcionava como uma valorização das “novas” em detrimento das anteriores, o que visava pontuar uma nova forma de trabalho e, com isso, uma característica qualitativa do novo instituto.⁵⁶

Os modelos abstratos propostos, como Kahn apresenta no TATU, são variações dos modelos de valores esperados usados no Monte Carlo. Kahn explica que os modelos abstratos consistiam em remover certas características reais, em prol de outras, quando se realiza as análises. Ou seja, é um modo de trabalho que se aproxima dos valores esperados, já que, em ambos, Kahn reconhece que há um afastamento da realidade analisada, pois estas são mais complexas e incertas do que o modelo poderia supor. A validade do modelo, para Kahn, seria heurística e propedêutica, ou seja, para definição da terminologia, para formação de conceitos e para o desenvolvimento de princípios elementares.⁵⁷

Um exemplo de modelo era o equilíbrio do terror, o qual parte da seguinte configuração: duas nações industrializadas, com populações concentradas em cem cidades do mesmo tamanho, e cada nação com arsenais semelhantes e igualmente protegidas, permitindo a destruição da outra até dez vezes. Frente a isso, ocorreria um equilíbrio de terror e uma dissuasão estável. Esse modelo ressalta ainda mais a semelhança com o modelo de valores

⁵⁶ KAHN, H., 1971, p. 139; KAHN, H., 1962, p. 127.

⁵⁷ KAHN, H., 1971, p. 138-140; KAHN, H., 1962, p. 127-128.

esperados, já que é uma espécie de média que não considera as variações. Logo, como modelo, conforme Kahn, ele se afastaria do mundo real, já que a população de uma nação não está toda em cidades de tamanhos iguais. Os armamentos e as defesas também não são semelhantes. A partir desse modelo, é possível desenvolver, então, variações que considerem elementos como, por exemplo, manipulação do temor da guerra, demonstrações de força, ou guerra limitada. Essas variações, todavia, não retiram do modelo seu caráter de levantamento de questões básicas e de compreensão geral. Contudo, ele falhava justamente ao lidar com os fatores complexos, principalmente quando pensados para o futuro.⁵⁸

Outra forma de trabalhar com o futuro desconhecido, essa mais preparada para lidar com os fatores complexos e específicos, partia de duas premissas, como aponta um documento do HI sem autoria. A primeira são as formas de conhecimento, que é a compreensão de que o estudo da maioria das coisas é feito a partir ou da análise da situação corrente, ou dos exemplos históricos, ou de uma divisão do objeto e, então, do exame das partes que resultaram da divisão, visando, com isso, entender o objeto. Essas seriam as formas de conhecimento. A premissa dois era justamente a dificuldade de aplicar qualquer uma dessas formas sobre o futuro, já que, um, ele não é conhecido, impedindo a sua divisão em partes menores, e, dois, os exemplos passados e a situação corrente não caberiam como explicação para os eventos futuros, devido às disparidades dessas temporalidades, como Kahn já mostrara no OTW e em escritos anteriores.⁵⁹

A solução frente a esse impasse seria o método cenário, que é pensando conforme a primeira premissa, porém, com as ressalvas oriundas da segunda. O cenário pode ser usado, então, para criar uma ordenação ou uma divisão sistemática do futuro, facilitando seu estudo. No HI, o cenário como conceito e ferramenta de análise do futuro foi refinado ao longo dos primeiros anos do Instituto, sendo apresentado como um de seus diferenciais, como um recurso de análise para os contratantes e como um programa de pesquisa. Conceitualmente, ele consistia em uma descrição narrativa hipotética ou imaginária, detalhada ou não, de uma sequência de eventos no futuro, permitindo o trabalho que consideraria diferentes aspectos ao mesmo tempo, assim como os desdobramentos frente às principais escolhas. Os cenários serviriam, dessa forma, para pensar as principais situações de crises e de guerras, analisando tanto os eventos pontuais que poderiam eclodir e finalizá-la, quanto a cadeia de eventos que poderia constituir seu desenvolvimento. A aplicação dos cenários era sobre temas relacionados aos EUA, aos países subdesenvolvidos e aos governos mundiais e sistemas de

⁵⁸ KAHN, H., 1971, p. 140-57; KAHN, H., 1962, p. 128-142.

⁵⁹ HUDSON Institute. **Draft:** The Hudson Institute scenario program. 27 de Set. de 1961, p. 3.

ordem internacional, todas relacionadas ao lema do HI: a segurança nacional e a ordem internacional. Essas construções poderiam ser tanto um rascunho de ideias apresentado em linhas gerais, quanto análises detalhadas, tal como “um romance histórico do futuro”. O cenário funcionaria, destarte, como um auxiliar para a imaginação, fornecendo uma alternativa à falta de experiência de viver as crises e as situações em torno da possibilidade de guerras nucleares.⁶⁰

Uma das vantagens do cenário, conforme Kahn, era “forçar-se a si mesmo e aos demais a mergulhar no mundo atual, desconhecido e em rápida mutação, e no futuro”⁶¹. Portanto, ele possuía um aspecto dramático que poderia servir para ressaltar elementos que o analista considerasse importante. Obrigava, também, a consideração de detalhes e das interações de diferentes fatores. Devido a esse aspecto imaginativo, poderia levantar questões que não surgiriam ou teriam destaque na análise do mundo real. Nesse sentido, permitira considerar e conhecer resultados alternativos para crises reais.⁶²

Kahn responde, no TATU, o que considera duas críticas ao cenário. A primeira delas seria acerca da paranoia, que entende que somente alguém acometido por ela poderia pensar sobre a guerra. Kahn responde que o analista se interessa pela forma que a guerra pode acontecer, mas também pela maneira que ela poderia não acontecer. Portanto, a crítica só seria válida a cenários específicos e não à metodologia como um todo. A outra crítica era à suposta qualidade esquizofrênica dos cenários. Isso significa que os enredos fictícios dos cenários eram inúteis, enganosos e perigosos quando pensados sobre a realidade, justamente por estarem descolados dela. Essa crítica é a mais relevante e que nos permite refletir mais sobre o método e sobre a condição dos estudos futuros.⁶³

Ambas as críticas aos cenários remetem a exercícios imaginativos sobre a guerra nuclear que já apareciam no OTW. Um exemplo extremo e ilustrativo é a situação de guerra que Kahn chama de Armageddon, ou seja, a batalha final entre o bem e o mal, na qual a vida seria aniquilada. Para Kahn, a URSS poderia usar essa situação ao seu favor, ao manipular o medo dos EUA, com, por exemplo, o uso da máquina do fim do mundo. O cenário funcionaria, dessa forma, como a experiência que não existia sobre a luta da guerra termonuclear, ajudando a constituir, com isso, uma opinião embasada. Não seria somente a

⁶⁰ HUDSON Institute. 27 de Set. de 1961, p. 1, 3; KAHN, H. Carta 13 de Fev. de 1962; KAHN, H., 1971, p. 157-158; KAHN, H., 1962, p. 143.

⁶¹ “one way to force oneself and other to plunge into the unfamiliar and rapidly changing world of the present and the future”, KAHN, H., 1962, p. 144; KAHN, H., 1971, p. 159.

⁶² KAHN, H., 1962, p. 144; KAHN, H., 1971, p. 159.

⁶³ KAHN, H., 1971, p. 159-160; KAHN, H., 1962, p. 144-145; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 297; SINGER, J. David. 1961, p. 201.

formação da experiência sobre um fenômeno inédito, mas seria também a oportunidade de formular e “testar” ideias e possibilidades igualmente inéditas, uma vez que, para lidar com um mundo novo, ideias novas seriam necessárias. O cenário também era defendido como uma forma de testar o funcionamento de um sistema em diferentes contextos e também como uma maneira de realizar a própria análise sistemática, forçando questões que poderiam surgir de relações que não pareciam óbvias entre fatores políticos, geográficos, militares e psicológicos. Assim, os diferentes cenários enfatizariam as diferentes características da “história futura”.⁶⁴

Outra ferramenta que Kahn apresenta atrelada aos cenários seriam os jogos de guerra, os quais Kahn reconhece como um dos elementos não convencionais para pensar sobre o futuro. Como já vimos, os jogos de guerra eram um jogo de interpretação, no qual cada jogador assumia o papel de uma nação ou um líder em um exercício de simulação de uma situação de crise ou de guerra e conforme surgissem determinadas situações propostas por um ou mais jogadores. Tanto o cenário, quanto os jogos de guerra não tinham, para Kahn, caráter premonitório. Os dois funcionavam como sugestões e ilustrações, mas não como demonstração ou prova. Há, nos jogos, um caráter de estímulo e uma forma de aumentar o entendimento das situações, fornecendo exemplos das interações possíveis e comunicando uma informação com uso de analogia e referências.⁶⁵

Portanto, os jogos e os cenários estavam permeados de um elemento imaginativo. Ghamari-Tabrizi e Bruce-Briggs reconhecem essa característica nos trabalhos de Kahn e atribuem-na à voracidade de Kahn por ficção científica. Apesar de Ghamari-Tabrizi não fazer uma referência direta, ela afirma que Kahn transitava entre fato e ficção, realidade e não-realidade, porém, também pontua que Kahn, segundo Anthony Wiener, ressaltava que o cenário não deveria ser arbitrário como a ficção científica, mas que deveria se focar na possibilidade do que seria importante se acontecesse.⁶⁶

O HI não delineava cenários na tentativa de prever o curso real dos eventos futuros, também achava ser difícil avaliar os eventos futuros em termos de plausibilidade ou de possibilidade de se tornarem reais. Eles eram dispositivos que ajudariam no trabalho de pesquisa sobre problemas que só existiriam no futuro, a partir da consideração de sequências de eventos. Portanto, os cenários poderiam ser úteis como uma ferramenta educacional para dramatizar ou clarificar ideias particulares, abandonando os requerimentos científicos mais

⁶⁴ HUDSON Institute. 27 de Set. de 1961, p. 2-3; KAHN, H., 1971, p. 157-158; KAHN, H., 1971, p. 143; HERZOG, A., 18 de Nov. de 1963, p. 32; KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p. 523-524; KAHN, H., 13 de Fev. de 1962

⁶⁵ KAHN, H., 1971, p. 173-175, 193; KAHN, H., 1962, p. 155-157, 172.

⁶⁶ GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 75-76; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 8.

rígidos e, por isso, não sendo um método científico. Conforme Ghamari-Tabrizi, os cenários e os jogos tinham um caráter literário, com a construção de enredos que organizavam diferentes fatores simultaneamente. O HI reconhecia que havia no cenário um aspecto imaginativo, inventivo, seletivo e de construção de enredo, o qual era necessário ao trabalho com o levantamento de várias possibilidades, porém, com a consideração realística de diferentes fatores.⁶⁷

Portanto, o que diferencia o cenário de uma esquizofrenia é justamente o reconhecimento do aspecto imaginativo e a ausência da intenção de previsão. Ao se projetar sobre o futuro, o cenário opera sobre algo que é desconhecido e imprevisível. Para Kahn, sendo assim, não há como afirmar que existe uma realidade e que os cenários se afastam dela. O cenário, como uma forma de disciplina da imaginação, serve às coisas úteis, ou seja, ao presente. Conforme Kahn, a plausibilidade de um cenário depende de sua relação racional com o presente, considerando comportamentos coerentes dentro desse contexto – apesar de Kahn defender que comportamentos não plausíveis também deveriam ser considerados.⁶⁸

Um exemplo de cenário seriam as formas de guerras acidentais. Citando autoridades soviéticas, Kahn defendia que uma guerra acidental poderia, por exemplo, começar por uma falha no radar ao confundir um meteoro ou mesmo uma revoada de gansos com um míssil, ou por outras falhas de equipamentos que poderiam também lançar um míssil por engano. Outro exemplo de cenário do HI foi apresentado em 1964, por Raymond D. Gastil, um Ph.D. em ciências sociais em Harvard, para o *Institute for Defense Analysis*, um instituto tal a RAND, que auxiliava o Governo dos EUA, cujo título era “Postattack scenarios”. Nele, Gastil apresenta os cenários de desastre e recuperação em uma pequena cidade no nordeste dos EUA após um ataque nuclear, em um contexto de recuperação bem sucedida do país.⁶⁹

A cidade funcionaria como um microcosmo dos EUA, ou seja, seria um cenário operando como uma metáfora, uma paráfrase do que poderia ocorrer nos EUA na mesma condição. Os dois objetivos para usar o cenário nesse estudo eram: 1) estudar simultaneamente fatores sociais, econômicos e políticos que moldariam um ambiente pós-ataque e 2) descrever o período de recuperação. O estudo é embasado, trabalhando com

⁶⁷ HUDSON Institute. 27 de Set. de 1961, p. 1, 3; CRAWFORD, Elisabeth. Objectives and Methodology – Annex I. **Postattack scenarios**. p.20, 22-24; DICKSON, P., 1971. p. 61-62; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 165-167.

⁶⁸ KAHN, H., 1962, p. 145; KAHN, H., 1971, p. 160.

⁶⁹ GASTIL, Raymond D. **Postattack scenarios**. Hudson Institute: Harmon-on-Hudson, 15 de Jan. de 1964, HI-316-RR. A sigla RR significava que o relatório era um esboço, em oposição aos relatórios finais MITCHELL, Mary. **Inter-office memo**: my vacation. Hudson Institute, 20 de Jul. de 1967; KAHN, H. On thermonuclear war, 1969, p. 205-208; KAHN, H., 1962, p. 145-150; KAHN, H., 1971, p. 160-166; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 136, 138

conceitos das ciências sociais sobre “comunidade”, usando uma bibliografia, a qual aparece indicada, para refletir e determinar as dinâmicas possíveis das sociedades trabalhadas e justificando a escolha da bibliografia. Segundo o apêndice metodológico, houve também visitas às cidades e entrevistas com pessoas da região. Dessa forma, o cenário partia do presente e de dados estatísticos passados e presentes sobre diferentes cidades da região.⁷⁰

Uma das áreas de aplicação do cenário foi também o estudo da escalada, que funcionava tanto como o encadeamento de eventos, quanto para pensá-los pontualmente. A escalada era, de forma geral, um aumento, em etapas, na intensidade do conflito a partir de crises, no qual cada lado poderia pressionar o outro e, em resposta, ser mais pressionado. Essa dinâmica é pensada por Kahn em degraus que conduzem a uma situação cada vez mais violenta. Cada degrau, conforme Kahn, é um arquétipo e uma metáfora, servindo como modelo e contexto para o estudo de um tipo de crise. Dessa forma, os degraus e as variações dentro deles não são teorias, mas um campo de possibilidades para pensar os desenvolvimentos futuros. A escalada também guarda um quê de sistema – que já estava presente nos cenários – uma vez que considera dois elementos relacionados, um, o degrau específico e, outro, a dinâmica do movimento de ascendência ou descendência da escalada.⁷¹

Kahn concebe, no OE, uma escalada de quarenta e quatro degraus, que vão desde gestos diplomáticos e econômicos incômodos e levemente rudes (degrau 2), passando por atos hostis (degraus 7-8), guerras quase nucleares (degrau 15), guerras nucleares locais contra alvos militares (degrau 23), evacuação completa da população (degrau 31) até o momento em que “todos os botões foram apertados e todos os líderes e seus auxiliares vão para casa”⁷² (degrau 44). Os degraus estão conectados entre si por uma relação causal, sendo que cada um só pode ser compreendido dentro das relações com o que precedeu e com o qual o sucederá, apesar de isso não ser necessariamente fixo, já que degraus poderiam ser saltados ou ter a ordem alterada.⁷³

Kahn tinha noção do aspecto de ação no presente de suas propostas, o que se evidencia ao parafrasear uma frase que ele atribui a Marx, de que a guerra é parteira da história. Kahn a transforma em a escalada é a parteira da história, pois a parteira não faz a criança, que se forma por um processo lento de desenvolvimento, mas a parteira é quem faz a diferença para

⁷⁰ GASTIL R.D., 1964, cf. Preface, 2-13

⁷¹ KAHN, H. **A escalada**, 1969, p. 23-24, 74; KAHN, H., 1968, p. 3, 38; KAHN, H., 1971, p. 208; KAHN, H., 1962, p. 185.

⁷² KAHN, H. **A escalada**, 1969, p. 93; “...all the buttons are pressed, and the decision-makers and their staffs go home...”, KAHN, H., 1968, p. 50

⁷³ KAHN, H. **A escalada**, 1969, p. 76-94, 389-390; KAHN, H., 1968, p. 39-51, 255-256; KAHN, H., 1971, p. 209, 229; KAHN, H., 1962, p. 186, 202

o que acontecerá com a criança. A escalada nascera, obviamente, de questões presentes preeminentes, como a crise do Vietnã e o episódio dos mísseis em Cuba. Este último, no OE, tornou-se um cenário, imaginando um rumo diferente dos acontecimentos.⁷⁴

Apesar de já ser um termo empregado nas relações internacionais, a ideia de escalada era relativamente nova, mas já consagrada, para a qual, todavia, segundo o cientista social Howard Margolis, Kahn deu uma nova dimensão, uma vez que só ele poderia pensá-la tal como o caminho para a destruição das nações. No entanto, como o próprio Margolis reconhece, ao desenvolver a escalada rumo à destruição, a intenção de Kahn é conhecer os processos, etapa a etapa, para poder manipulá-los, tanto para o país conseguir se aproveitar de forma benéfica das crises, quanto para evitar que a destruição de fato ocorresse.⁷⁵

Além da escalada, um dos campos que ganhou destaque no HI nos anos de 1963 e 1964 foi o dos futuros hipotéticos, que tratava da ordem mundial e das questões militares. Havia, por exemplo, estudos sobre o Ocidente em torno da OTAN, havendo, por isso, uma preocupação com o futuro da Organização, e estudos sobre a defesa ativa, que consistia, resumidamente, na ABM. Esse tema foi importante dentro do HI, tanto que em 1964 houve um curso no HI sobre o assunto e em 1969, um livro sobre o assunto foi lançado. Os estudos de tecnologia militar e das características ambientais após um ataque também guardavam a característica de um trabalho mais hipotético e prolongado no tempo sobre o futuro.⁷⁶

III.2.b.Cenários e metáforas: imaginando o que foi e como será

Outra ferramenta não convencional defendida por Kahn, e que estava relacionada a uma das formas de conhecimento, era o uso de exemplos históricos. Para Kahn, eles podiam ser úteis para pensar o futuro, apesar de considerar que os sistemas de armas atuais provavelmente seriam diferentes dos do passado, gerando, como contraparte, diferenças entre crises futuras e crises passadas, e criando um impedimento do conhecimento sobre o futuro. Nesse sentido, a história poderia servir como um cenário, assim como o cenário também

⁷⁴ Thompson; JAKCSON, Hoyt M. 1965, p. 931; MARSHALL, S.L.A. 1965, p. BR3; ABSHIRE, David M. On Escalation: Metaphors and Scenarios by Herman Kahn Review. **Annals of the American Academy of Political and Social Science**, Vol. 366, American Civilization: Its Influence on Our Foreign Policy (Jul., 1966), pp. 150-151. Published by: Sage Publications, Inc. in association with the American Academy of Political and Social Science. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/1036176> .Accessed: 20/08/2013 08:54, p. 151; KAHN, H. A escalada, 1969, p. 127-139, 416; KAHN, H., 1968, p. 74-82, 274.

⁷⁵ MARGOLIS, Howard. 1965, p. A18.; CRANE, Brian. 1965, p. 452; Lusky 683; BUCHAN, A. 1965, p. 19; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 199.

⁷⁶ BRENNAN, D.G. Abr 1964, p. 2-3; HUDSON Institute. July 1969, p. 2; SMITH, Mark J., 1972, p. 20; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 185-196, 209-219, 260-262.

poderia servir como história, como exemplo histórico, substituindo o conhecimento do passado como referência.⁷⁷

Conforme Kahn expõe no TATU, a história era um bom exemplo, inclusive, melhor que o cenário, por ser mais complexa e imaginativa, sendo a história recente ainda mais útil. Recente, para Kahn, eram episódios como a Crise de Suez, de 1956, e o desembarque no Líbano (1958), por exemplo. Essas comparações são pensadas de forma bastante superficiais e ilustrativas, visando a enumeração de possibilidades. Por exemplo, uma possibilidade seria olhar o balanço do terror dos anos 50 como uma intensificação do balanço de poder que existia antes da I Guerra. A esse problema Kahn dá o nome de “1871-1914”.⁷⁸

Outro exemplo seria o do incêndio em Reichstag, um “cenário” extraído da Alemanha, em 1934, quando jovens comunistas queimaram o Reichstag – o parlamento da Alemanha imperial. Conforme Kahn, os nazistas usaram esse ato como um motivo para perseguir os comunistas do país, expulsando os deputados comunistas do Parlamento e usando a maioria nazista que sobrou para instituir a ditadura de Hitler. Para Kahn, até as nações mais cruéis acreditam ser vantajoso criar um incidente como esse para justificar uma agressão, ainda mais quando o outro lado cria o incidente que permite e justifica a ação. Assim, a URSS poderia detonar uma arma em um território da OTAN de forma que parecesse acidental, ou fazer algo semelhante em um país satélite, ou mesmo esperar que um incidente como o do Reichstag ocorresse naturalmente, para que surgisse tal justificativa racional.⁷⁹

Assim como a história, os romances também são defendidos por Kahn como fontes de ideias, analogias e parábolas. Nesse sentido, ele cita diversos livros, dentre os quais, “Guerra e Paz” de Tolstoi, “Admirável mundo novo”, de Aldous Huxley e “1984” de George Orwell. Além disso, o HI tinha dois romancistas em seu quadro: Ralph Ellison, que escreveu *The Invisible Man*, e William Gaddis, que também ajudavam na escrita dos textos do Instituto. A defesa pelo uso da literatura é devido à falta de experiência, contra a qual qualquer forma de acréscimo imaginativo seria proveitosa. Portanto, os romances são, também, cenários já consagrados e sem a exigência metodológica. Cabe, para os romances, a mesma ressalva que aos cenários, ou seja, conforme Kahn, “o atual rumo dos acontecimentos é frequentemente mais estranho e inacreditável do que a imaginação mais viva poderia suspeitar”.⁸⁰

⁷⁷ HUDSON Institute. 27 de Set. de 1961, p. 3.

⁷⁸ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p. 368-370, 526-527; KAHN, H., 1971, p. 194; KAHN, H., 1962, p. 173-174.

⁷⁹ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p. 529-530; KAHN, H., 1971, p. 194; KAHN, H., 1962, p. 173.

⁸⁰ KAHN, H., 1971, p. 195, “the actual course of events is often more strange and unbelievable than the most vivid imagination could have suspected”, KAHN, H., 1962, p. 174; HERZOG, A., 18 de Nov. de 1963, p. 31; MENAND, Louis. Fat Man: Herman Kahn and the nuclear age. *The New Yorker*. New York, 27 jun. 2005.

Todos esses recursos, para Kahn, poderiam ainda tornar a análise menos racional e mais vívida, dramática e até irracional, buscando delinear e antecipar, assim, o inesperado e o impensável. Porém, Kahn reconhecia o poder da mudança e afirmava que o aprendido em um momento já será obsoleto no momento seguinte, por isso, a educação sobre o futuro deveria ser contínua. A educação sobre o desconhecido, sobre o futuro, para ser contínua tinha que, constantemente, empregar os métodos imaginativos defendidos por Kahn e propostos pelo seu instituto. O HI seria, portanto, um local dessa educação contínua e, também, fonte disso para os que decidiam.⁸¹

Na confluência dos cenários com os exemplos do passado, surge um recurso acessório a ambos, que é a metáfora. Ao ser um estímulo para imaginação, os cenários sobre o passado também se tornam um campo para a imaginação, mais especificamente, para a construção de eventos que poderiam não ter acontecido no passado. Com isso, poder-se-ia criar exemplos inexistentes a partir de bases concretas, uma vez que as dinâmicas dos eventos futuros se baseiam em novas tecnologias ou outros fatores novos. A função disso é criar um número de possibilidades necessárias para o planejamento, tanto de pontos e caminhos futuros, quanto de exemplos que podiam ser retirados do passado. Portanto, ao criar cenários sobre o passado, Kahn e o HI se aproximam de outra forma sobre apropriação do “passado”, que é a compreensão metafórica dele. Ela se assemelha muito ao uso parafrásico já defendido por Kahn no trabalho do Monte Carlo ao se comparar diferentes problemas. A estrutura é a mesma, ou seja, para resolver um problema cuja resposta é desconhecida, parte-se de outro, relacionado com o primeiro, cuja resposta já é conhecida e, a partir dela, estima-se uma resposta para o primeiro. Agora, essa estrutura é aplicada a diferentes eventos do passado e do futuro. É um uso extremo da máxima apresentada no OTW, segundo a qual a história não se repete, mas se parafraseia.⁸²

Essa estrutura metafórica ao comparar dois eventos estava presente nos textos e nas falas de Kahn. Ghamari-Tabrizi conta que, em uma palestra para militares, querendo ilustrar um ponto, Kahn narrava um episódio da II Guerra, quando um general o interrompeu, afirmando que o episódio não ocorrera daquela maneira. Questionado por Kahn sobre a autoridade da informação, o general respondeu que presenciara *in loco* o episódio narrado. Kahn, após uma pausa, então respondeu que, apesar dessa discrepância incomodá-lo, no fim

Disponível em: <http://www.newyorker.com/archive/2005/06/27/050627crbo_books>. Acesso em: 13 nov. 2008.

⁸¹ KAHN, H., 1968, p. 260; KAHN, H. **A escalada**, 1969, p. 395-396; KAHN, H., 1971, p. 195-196; KAHN, H., 1962, p. 174-175.

⁸² HUDSON Institute. 27 de Set. de 1961, p. 1.

das contas não importava, para os seus propósitos, o que tinha acontecido de fato, mas que, se a coisa tivesse ocorrido tal como ele expusera, o ponto em questão estava ilustrado.⁸³

Essa dimensão da incerteza sobre os dados da comparação aparece em outro exemplo trabalhado por Kahn no OTW. Discutindo sobre o controle e os acordos de guerra, Kahn cita a sociedade Touareg, do deserto do Saara – a qual ele assume ter ouvido de alguém, mas não ter verificado. Segundo Kahn, entre os Touareg, eram permitidas todas as atrocidades em períodos de guerra, como tortura e assassinato dos filhos e dos inimigos e estupro de esposas, porém, envenenar poços de água era injustificável, já que aquela sociedade dependia de um pequeno número de oásis. Então, Kahn conclui: “os Tourags tiveram que aprender isso, caso contrário eles não teriam vivido tanto. (Se a estória não é verdade, deveria ser)”.⁸⁴

Por fim, outro exemplo de metáfora, agora usando história e romance, é a análise de Kahn sobre uma possibilidade de guerra por acidente ou mau entendimento, a qual chama de Camlan, em referência à última batalha do Rei Arthur contra seu filho, Modred. Os dois lados, armados e prontos a se enfrentar, encontraram-se para negociar. Ambos suspeitavam que o outro lado poderia agir de maneira ardil. Tudo transcorria de forma tranquila, até que um guerreiro, picado por uma víbora, sacou sua espada para matá-la. Os outros, então, ao verem o guerreiro sacando a arma, começaram a batalha, a qual, na história, resultou em um massacre. A falta de cuidado em um contexto de forte armamento poderia ter resultados semelhantes ao de Camlan. Um exemplo concreto dessa possibilidade, para Kahn, poderia advir da postura muito confiante da Dissuasão Finita.⁸⁵

Se há, nas metáforas desenvolvidas por Kahn, a manipulação das relações entre passado e futuro, há, portanto, uma manipulação da história que adquire uma conotação, em alguns momentos, de algo que poderia ter acontecido, mas não aconteceu. No OE, querendo mostrar e ilustrar como a posse de armas nucleares não significaria a resolução dos problemas militares de uma nação, Kahn retoma a guerra da Coreia e do Vietnã. Então, desviando o rumo dos acontecimentos, Kahn supõe que, se os EUA tivessem, pelo emprego de armas nucleares, ou vencido a guerra da Coreia, fazendo com que os chineses recuassem, ou evitado a derrota dos franceses no Vietnã, não mudaria a configuração atual do mundo. Acredita nisso, pois, no segundo caso, não via como os franceses continuariam a manter o domínio na região da Indochina, ou, no primeiro caso, uma diferença de latitude na fronteira entre as Coreias não mudaria o equilíbrio de poder mundial. Todavia, por outro lado, Kahn acredita

⁸³ GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 76.

⁸⁴ “the Tourags had to learn this, otherwise they would not have lived very long. (If the story is not true it ought to be)”, tradução nossa. KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p. 240; *ibidem*, p. 239-240.

⁸⁵ KAHN, H. *On thermonuclear war*, 1969, p. 525

que essa postura criaria uma certeza: armas nucleares seriam usadas em guerra. Tal tendência levaria as nações a uma corrida por tais artefatos. Se isso, até 1965, ocorreria entre nações como Suécia, Suíça e Japão, em 1975, várias nações teriam armas nucleares, muitas delas sem constituir democracias estáveis. Essa tendência invadiria os anos 80 e 90, alcançando quase todas as nações do mundo e isso acarretaria uma mudança nas posturas mundiais, desde a proibição de bombas até um abalo na moral e na segurança do Ocidente, alterando, inclusive, os objetivos nacionais.⁸⁶

Essa forma de entendimento da história apresenta aspectos de história contrafactual, ou *what if*. A história contrafactual está relacionada às questões “o que aconteceria se...?” e tem uma validade no ambiente militar. Como Gallagher argumenta, a história contrafactual foi majoritariamente aplicada no campo da história militar, uma vez que a educação militar valoriza os exercícios de pensamento sobre as guerras e como elas poderiam ser diferentes conforme as mudanças de estratégias ou devido às decisões tomadas. A autora argumenta ainda que a segunda metade do século XX foi um período profícuo da história contrafactual, ao que ela atribui ao crescimento das instituições militares e, com isso, o desenvolvimento dos jogos de guerra e, acrescentamos, do pensamento especulativo sobre a guerra. Gallagher também entende que tais trabalhos funcionaram como uma revisão, por parte dos estadunidenses, dos valores que os levaram à guerra e os defendidos após ela.⁸⁷

Kahn considera, tanto nas metáforas sobre o passado, quanto nos cenários, a partir da imaginação, aquilo que é posto como Y para representar um caminho e uma bifurcação. No caso do passado, há um caminho, que é o histórico, o que aconteceu, e um campo de possibilidades do que poderia ter acontecido. Porém, esse campo de possibilidades não seria algo frouxo, mas algo que estaria preso a certos condicionantes, que deveria possuir plausibilidade, a qual é fornecida por uma coerência contextual, que, todavia, não compartilha o elemento de realidade da história, mas também não é uma fantasia total. Assim, as construções de história contrafactual e os cenários do passado, como Staley coloca, parasitam a realidade.⁸⁸

⁸⁶ KAHN, H. A escalada, 1969, p. 207-208; KAHN, H., 1968, p. 129-130

⁸⁷ GALLAGHER, Catherine. War, Counterfactual History and Alternate-History Novels. **Field Day Review**. Vol 3 (2007), pp. 52-65. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/30078840>>, acessado em 17 de Set. de 2013, p. 53-59

⁸⁸ GALLAGHER, Catherine, 2013, p. 56; TETLOCK, Philip E., LEBOW, Richard N., PARKER, Geoffrey (org.). **Unmaking the West**: “what-if?” scenarios that rewrite world history. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2009, p. 29-30, 33-34; FERGUSON, Niall. **Virtual history**: alternatives and counterfactuals. New York: Basic Books, 1995, p. 87; BUNZL, Martin. Counterfactual history: a user’s guide. **The American Historical Review**. Vol. 109, No. 3, Jun. 2004, pp. 845-858, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/10.1086/530560>>, acessado em: 17 de Set. de 2013, p. 845, 852-855, 857-858;

Podemos pensar essa questão a partir de dois exemplos. No primeiro, o que aconteceria se os EUA não tivessem usado as bombas atômicas contra o Japão? Ou seja, não há nada de absurdo nessa cogitação, segundo os defensores da história contrafactual, uma vez que é possível pensar o desdobramento da situação mundial dentro do contexto da guerra, permitindo, com isso, considerar relações de causa e efeito específicas: os desdobramentos da utilização das bombas e sua determinação para os eventos que vieram posteriormente. Poderia funcionar, portanto, como uma ferramenta para se refletir e testar as explicações causais estabelecidas em história, assim como dar uma dimensão histórica do que estava em jogo nos momentos dos acontecimentos e das decisões tomadas.⁸⁹

O outro exemplo é absurdo: o que aconteceria se os EUA tivessem desenvolvido e empregado o Capitão América na guerra no Pacífico e não na Europa? Esse tipo de cogitação também tem uma categoria, a saber, a de história alternativa, ou seja, uma ficção não preocupada com as condições, a lógica e a plausibilidade contextuais, apesar de se iniciar, também, de um ponto no trajeto histórico e querer imprimir, em sua narrativa fantasiosa, um aspecto de realidade. Nesses dois exemplos, a distinção fica clara, porém, em outros exemplos, ela pode enuviar. Kahn é uma fonte desses obscurecimentos: o que aconteceria se, em um ponto do final da década de 50, os EUA ou a URSS tivessem desenvolvido uma máquina do fim do mundo? Esse tipo de pensamento aparece em Kahn e é difícil afirmar ou contestar sua plausibilidade contextual, uma vez que, dentro da lógica desenvolvida por Kahn sobre a interpretação do contexto, ou seja, de avanços tecnológicos cada vez mais rápidos e, em grande parte, imprevisíveis, das necessidades da política internacional e da capacidade presente do desenvolvimento de tal artefato, a existência da máquina parecia uma possibilidade real, o que se comprova com a reprovação e a preocupação que gerou entre seus contemporâneos.⁹⁰

Se há um campo de possibilidades no passado e uma tentativa de discipliná-lo por meio da história contrafactual para pensá-lo especulativamente, mas dentro da lógica histórica, há uma tentativa semelhante com os cenários sobre o futuro. A diferença é que nos cenários há o presente e um campo de possibilidades do que pode acontecer, sem haver já um

STALEY, David J. A history of the future. **History and Theory**. Middletown, v. 41, n. 4, Theme Issue 41: Unconventional History, p.72-89, Dez. 2002. Disponível em: <<http://links.jstor.org/sici?sici=0018-2656%28200212%2941%3A4%3C72%3AAHOTF%3E2.0.CO%3B2-R>>. Acesso em: 10 out. 2007, p. 85-87; STALEY, David J. **History and future**. Lanham: Lexington Books, 2010, p. 115, 116, 118-120, 122.

⁸⁹ TETLOCK, Philip E. (et al.), 2009, p. 17-18, 30-31, 34; FERGUSON, Niall, 1995, p. 87-89; STALEY, David J., 2010, p. 115, 118-119; BUNZL, Martin, 2004, p. 846-848.

⁹⁰ GALLAGHER, Catherine, 2013, p. 53-54, 58; 60-65; FERGUSON, Niall, 1995, p. 18; BUNZL, Martin, 2004, p. 845; STALEY, David J., 2010, p. 118.

caminho definido e consagrado como o acontecido. Assim, o pensamento sobre o que pode acontecer deve partir do que existe de lógico, plausível e contextual no presente. Novamente, dois exemplos partindo da situação presente: o que acontecerá se os pró-Ucrânia conseguirem prevalecer na região de conflito sobre os pró-Rússia? No outro lado: o que acontecerá se, durante o mesmo conflito, uma nave pousar em Moscou, de dentro dela sair um ser e se apresentar como o Camarada X do Planeta Z que veio a Terra para resgatar, compartilhar ou impor os ideais do verdadeiro governo, o Comunismo, agora em sua dimensão universal e interplanetária? Ou seja, sob as mesmas bases da história contrafactual, em contraposição a uma história alternativa, os cenários são defendidos como um exercício de história, só que do futuro, que deveria somente se preocupar com o primeiro exemplo. O segundo seria objeto da ficção científica.⁹¹

As duas defesas, tanto dos cenários e da “história contrafactual” do futuro, quanto dos cenários e da história contrafactual do passado, reconhecem que o passado e o presente tiveram ou têm potencial futuro, uma potência de vir a ser dentro de um campo de possibilidades que existe no presente. Logo, tanto o trabalho contrafactual, quanto os cenários operam nesse campo, ora como o que poderia ter acontecido diferentemente do que aconteceu, ora como o que poderá acontecer, ambos conectados, de alguma forma, com a realidade presente presente ou presente passada e contra a ideia de um fim predeterminado. Apesar de guardar esses elementos de história contrafactual e de história do futuro, as construções de Kahn sobre o passado, e mesmo os cenários, não compartilham da preocupação e da busca de legitimidade entre historiadores, que autores como Staley, Gallagher, Ferguson e outros buscam. Kahn não está preocupado com a legitimidade e com os fundamentos metodológicos que autorizem as construções contrafactuais ou de cenários como exercícios legítimos do ofício do historiador, não realizando distinções que foram buscadas, como a entre história alternativa e história contrafactual.⁹²

Apesar de parecer e ser apontado muitas vezes como extremamente fantasioso e imaginativo, Kahn raramente abre mão da plausibilidade. Inclusive, defende isso em suas construções sobre o futuro. O mérito, segredo ou ardil dele é conseguir construir um sistema lógico que permita os voos mais distantes sobre o futuro e o passado. Porém, o principal para Kahn e o HI não é o elemento metodológico das construções, apesar de ele existir. O principal é o poder de convencimento sobre a ação no presente que tais construções podem oferecer.

⁹¹ BUNZL, Martin, 2004, p. 848; STALEY, David J., 2010, p. 114-115, 122-125.

⁹² STALEY, David J., 2010, p. 63-64, 116-118, 122-125; STALEY, David J., 2002, p. 85-87; FERGUSON, Niall, 1995, p. 68.

Kahn opera mais por meio de categorias de cenários do que propriamente por uma necessidade de fazer suas construções de cenário e contrafactuais parecerem historicamente corretas. Supondo, por exemplo, que ele ou o Instituto precisassem ilustrar uma questão futura que pudesse ser posta como a categoria de “possíveis ressurgimentos de forças com desejos imperiais na Europa”. Essa era uma categoria que poderia ser explicada contextualmente de forma coerente e lógica realizando ligações com a situação da época da URSS, por exemplo, ou, de uma maneira mais divertida, ficcional e que talvez funcionasse bem em um *briefing*, usar o episódio do extraterrestre X do planeta Z⁹³. Outro exemplo é a própria argumentação contra a Dissuasão Finita que Kahn desenvolveu a partir da máquina do fim do mundo. É uma categoria, que podemos pôr como “as falhas da dissuasão finita”, na qual Kahn emprega a máquina do fim do mundo como elemento retórico e bastante imaginativo e ficcional, tanto que virou enredo de filme de comédia alguns anos depois, pelas mãos de Stanley Kubrick. Portanto, a preocupação não é a construção em si, mas o aspecto retórico e de reflexo nas ações no presente.

Esse elemento de ficção sobre o futuro e sobre o passado ganhou uma nova dimensão ao ampliar o ponto futuro do planejamento, acompanhando todas essas ferramentas, que foram desenvolvidas e utilizadas durante os trabalhos de pesquisa militar dos primeiros anos do HI. Elas persistiram também ao longo dos anos seguintes, porém, em um novo contexto, fruto de problemas financeiros do Instituto e da busca de novas áreas de estudo, que culminou, inclusive, na mudança do título da área de atuação do HI e na cunhagem da visão de um ponto futuro e como alcançá-lo.

III.3. Rumo ao futuro: os próximos passos do HI e a mudança de análise

Acompanhando a elaboração e o lançamento do OE, o HI buscava uma fonte de renda mais duradoura e robusta, em complemento às palestras e aos contratos de pesquisa, os quais o Instituto considerava que vinham aos poucos e eram curtos para as suas pretensões. Ao optar por não ter um patrono, tal como a Força Aérea era para a RAND, os contratos do HI eram específicos e destinados ao que os contratantes queriam, criando uma situação de flutuação de rendimento e incerteza sobre quais contratos seriam firmados. O trabalho era feito com o HI se dedicando inteiramente a um contrato, enquanto esperava a confirmação de

⁹³ Inspirado em Iosif Shklovsky, astrofísico e astrônomo nascido na Ucrânia, que especulou inclusive sobre a possibilidade de vida extraterrestre, e sua crença no comunismo universal, no sentido de todo o universo, BARCELOS, Eduardo. **Telegramas para Marte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 111

outros. Quando todos os recursos disponíveis tinham sido gastos em um, então, iniciava-se o outro. Isso permitia um acúmulo pequeno, de dois a três meses, de recursos financeiros, além de problemas com o cansaço da equipe com cumprimento dos prazos e com a divulgação da pesquisa. Para fugir dessa dependência, e buscando um financiamento mais longo para pesquisas, inclusive as que o HI queria desenvolver além das áreas para as quais era contratado, entre 1964-1965, o HI iniciou conversas com a Ford Foundation (FF) sobre uma bolsa de quinhentos mil dólares por ano por um período de cinco anos que seria dedicada para pesquisa sobre tópicos que o HI escolhesse. Todavia, devido a uma mudança na direção da Ford Foundation, assumindo um presidente contrário aos *think tanks* e não tão simpático a Kahn quanto o anterior, o projeto do HI foi recusado e a possibilidade de bolsa perdida.⁹⁴

Os motivos para a contrariedade aos trabalhos do HI existiam e estavam além das antipatias pessoais. Os estudos do HI, principalmente os de Kahn, com frequência atrasavam. Isso corria, primeiramente, pelo excesso de projetos do HI com os quais Kahn estava envolvido, além dos projetos pessoais fora do Instituto. Por causa desse estado de constante ocupação, a função de líder dos projetos acabava cabendo a outro que, porém, não possuía a autoridade sobre a pesquisa. Essa influência onipresente de Kahn era reconhecida e aceita pelos membros do Instituto. Essa situação causava vários atrasos, dentro e fora do HI, refletindo uma falta de planejamento geral. Um exemplo dessa falta de planejamento de Kahn, que causava gastos desnecessários ao HI, era que seus textos eram revisados constantemente, tomando tempo e gastando com cópias e impressões.⁹⁵

Kahn também não se preocupava com prazos, o que gerava transtorno aos contratantes e às editoras associadas a ele e ao HI. Em 27 de Dezembro de 1963, Herman Kahn respondeu a David L. Sills, da International Encyclopedia of The Social Sciences, da editora MacMillan, aceitando um convite para publicação de um artigo sobre a guerra nuclear. Porém, acrescentava que teria dificuldades em trabalhar no artigo nos próximos meses. Pouco mais de um ano depois, em 26 de Janeiro de 1965, Sills escrevia a Kahn, cobrando o artigo – de forma bastante polida – uma vez que a data limite estourara e que isso implicava em problemas na programação da editora. Passado mais de um ano e meio, a assistente administrativa do HI enviou três cópias do artigo de Kahn. O texto era no formato dos relatórios do HI, com capa padrão e folha de rosto, totalizando vinte e sete páginas. Em 25 de Agosto, uma resposta pedia

⁹⁴ SMITH, Mark J., 1972, p.10; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 263; CIMBALA, Stephen J. 1970, p. 6-7; HUDSON Institute. **Report to the Members of the Hudson Institute 1965**. Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc., 1966 [?], p. 3-4; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 265-266; HUDSON Institute. **Proposal to the Ford Foundation**. Harmon-on-Hudson: Hudson Institute, 9 de Dez. de 1964, Annex 1, p. 9-11; *Ibidem*, Annex 7, p. 12-13.

⁹⁵ DICKSON, P., 1971. p. 91; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 263-264; SMITH, J.A., 1991, p. 156-157

que Kahn eliminasse entre dez e quinze livros da bibliografia e acertasse a referência a um trabalho de Raymond Aron. Kahn respondeu em Outubro, pedindo desculpas, pois estivera viajando pela Europa e pelo Oriente Médio. Reconhecia, ainda, que teve dificuldades para cortar a bibliografia, conseguindo eliminar apenas seis itens, porém, acrescentando dois novos. Defendia-se, afirmando que interpretou a questão de dez a quinze itens como uma postura de barganha, ou seja, que ele podia negociar em resposta a isso. Por fim, passou a referência certa de Aron, além de informar que tinha corrigido outros cinco pontos do texto. Apesar dos problemas encontrados, o editor da Enciclopédia, em Maio de 1967, escreveu para Kahn interessado em estabelecer uma parceria editorial com o Instituto. A mesma editora Macmillan, posteriormente parceira de publicação de alguns livros do HI, em carta de 1967, também cobrava, de forma enfática e urgente, o cumprimento dos prazos e respeito ao cronograma da publicação, visando uma melhor divulgação comercial dos livros.⁹⁶

Outro problema, para alguns contratantes, era a falta de utilitarismo latente nas conclusões dos relatórios. Essa característica derivava do próprio estudo futuro que o HI se propunha a fazer. Após 1964, as análises do HI começaram a abordar o futuro cada vez mais à frente, como demonstra a proposta à FF, sob a justificativa de atender os interesses do governo dos EUA, integrando estudos de longo prazo da ordem internacional com o futuro do sistema internacional de acordo com os objetivos da política estrangeira do país. Essa abordagem também não desprezava o uso da imaginação e da criatividade e defendia a interdisciplinaridade e a autonomia dos pesquisadores. Com tudo isso, o HI argumentava que, caso a FF o financiasse, ela teria um reservatório de conhecimento de operações possíveis e de problemas relevantes para o futuro, que poderiam ser de muita utilidade para as agências do governo.⁹⁷

As credenciais que o HI apresentava para a FF era a de ser a organização mais apropriada a realizar essa tarefa, devido à independência de seus pesquisadores, pelo seu quadro diversificado, pela prática das análises no longo prazo dentro dos temas de ordem internacional e segurança nacional e pelo aspecto de propor estudos base, com fundamentos metodológicos, formação de um léxico e de uma estrutura de compreensão dos problemas

⁹⁶ KAHN, H. **Carta para David L. Sills**. 27 de Dezembro de 1963; SILLS, D.L. **Carta para Herman Kahn**. 26 de Janeiro de 1965; MEHNERT, Gwen E. **Carta para Peter G. Bock**. 01 de Agosto de 1966; KAHN, Herman. **Nuclear war** (HI-644-RR). Harmon-on-Hudson: Hudson Institute. 01 de Agosto de 1966; BOCK, Peter G. **Carta para Herman Kahn**. 25 de Agosto de 1966; KAHN, H. **Carta para Peter G. Bock**. 17 de Outubro de 1966; BOCK, P.G. **Carta para Herman Kahn**. 04 de Maio de 1967; WADE, James. **Carta para o HI**. New York: Macmillan Company. 15 de Dezembro de 1967, p.1-2.

⁹⁷ HUDSON Institute., 9 de Dez. de 1964, Annex 1, p. 2-3, 7; SMITH, Mark J., 1972, p.10.

apontados. Todo esse desenvolvimento do estado da arte dos estudos sobre o planejamento fazia parte da proposta de estudo para a FF.⁹⁸

A proposta para a FF é também um primeiro indicativo do momento de mudança de análise e de como ideias, compreensões e conceitos foram adaptados. Nos escritos sobre a guerra termonuclear, Kahn sempre enfatizou o problema dos avanços tecnológicos e como eles esvaziavam a experiência para o futuro. Na proposta de 1964 para a FF, os problemas decorrentes das mudanças tecnológicas rápidas ganharam a companhia de um novo efeito: as agitações sociais e econômicas, fruto do mundo moderno, que é composto, segundo o relatório, pelo crescimento populacional mundial, pelo crescimento continuado da comunicação em massa e pela urbanização, industrialização e modernização.⁹⁹

Essa ampliação do que é analisado e entendido como futuro está atrelada à compreensão de um futuro mais amplo e, por isso, na avaliação do HI, um futuro mais promissor e mais incerto. Com isso, uma amplidão maior de possibilidades precisava ser pensada, assim como mais políticas precisavam ser propostas. Havia, nesse sentido, um programa, dentro do HI, de Estudos Futuros. O Instituto reconhecia que esses estudos mais estendidos no tempo não eram totalmente interessantes para os contratantes, que buscavam resultados mais práticos e em um tempo mais próximo. Por isso, o Instituto tentava, por meio da bolsa da FF, obter financiamento para realizar os Estudos Futuros. Eles consistiam em trabalhos especulativos sobre o futuro, analisando: as políticas atuais do governo e suas influências no longo prazo; as questões gerais de ordem internacional, considerando métodos alternativos de organização mundial e a administração de conflitos e crises; as implicações econômicas, políticas, culturais e sociais da tecnologia futura; e a reflexão, a adequação e a elaboração de conceitos e metodologias. Além disso, o HI também pretendia buscar situações em que pequenas pesquisas poderiam aumentar a utilidade dos seus trabalhos, preparar seminários e cursos que transmitiriam tudo isso e, por fim, publicar o conjunto de trabalhos do HI.¹⁰⁰

A combinação do desafio de analisar o futuro com os modos de realizar isso implicava, agora, não somente na perda de experiência no campo militar e em relação à segurança nacional, mas, de forma mais ampla, também no campo da ordem internacional. Essa falta de experiência ainda se baseava no solapamento daquilo que Kahn chamara anteriormente de julgamentos intuitivos, ou seja, a experiência tradicional para lidar com tais

⁹⁸ HUDSON Institute., 9 de Dez. de 1964, Annex 1, p. 3-5, 8-9.

⁹⁹ HUDSON Institute., 9 de Dez. de 1964, Annex 3, p. 19-20; SMITH, Mark J., 1972, p.10.

¹⁰⁰ HUDSON Institute., 9 de Dez. de 1964, Annex 6, p. 3; HUDSON Institute., 9 de Dez. de 1964, Annex 7 11-12.

questões. Para suprir essa ausência, o HI propunha estudos políticos informativos embasados e sistemáticos, ou seja, a formação da opinião embasada sobre efeitos futuros de questões como crescimento populacional, desenvolvimento econômico, comércio internacional, mudança tecnológica, conquista espacial, sistemas internacionais, URSS e o leste europeu, Europa ocidental, Japão, China e Sudeste Asiático, América Latina e a relevância dos valores político-estratégicos do Ocidente.¹⁰¹

A indicação de que o Instituto passava por mudanças também aparece em Janeiro de 1966, no relatório para os membros, aberto por uma carta de Kahn, como Diretor do HI. O elemento principal para as mudanças expostas era a reserva financeira significativa obtida no ano de 1963, a maior do Instituto até então. A primeira das mudanças possíveis foi uma disposição a divulgar os resultados para um ambiente mais amplo do que as agências de governo. Isso implicava, primeiramente, como aponta o relatório, em uma necessidade de revisão dos termos e dos conceitos, visando reformulá-los para atender esse público mais amplo. Nesse sentido, seminários-palestras foram planejados, para atender um público interessado e com potencial para se tornar cliente, mas que não tinham tempo para os cursos de uma semana.¹⁰²

Esse rompimento com o governo era intencionado como algo maior, visando a manutenção do que era considerado a essência do Instituto desde a criação. Ao estudar as questões envolvidas na segurança nacional e na ordem internacional no longo e no médio prazos, a ideia era que eles equivalessem a estudos políticos entendidos como problemas importantes, mas não urgentes.¹⁰³

Essa essência desejada para o Instituto continuava a manter o afastamento dos problemas técnicos ou operacionais, portanto, da análise de sistema técnica, tal como a da RAND, e da OR. Esse afastamento não era simplesmente técnico, mas também visava concretizar uma forma de trabalho diferente da caracterizada pela RAND. Portanto, a reserva financeira obtida permitiria o HI, além de continuar no tipo de análise defendida, aprofundar ainda mais os temas e conseguir, assim, um equilíbrio melhor sobre a amplitude de temas estudados. Para isso, defendia a importância de cortar a dependência dos contratos com o governo. Isso significava ir além, como Kahn reconhece no relatório de 1965, dos estudos das questões militares e de defesa, os quais caracterizaram a RAND e eram a essência do HI até o momento. O HI pretendia continuar a estudar tais questões, apesar de considerar detalhes

¹⁰¹ HUDSON Institute. 9 de Dez. de 1964, Annex 1, p. 1-2; *Ibidem*, Annex 7, p. 13-14.

¹⁰² Report to the members 1965, p. 1-4.

¹⁰³ Report to the members 1965, p. 4

diferentes e ter outras ênfases, abandonando o enfoque estritamente político-militar em prol de uma perspectiva mais ampla dos temas e da análise deles no tempo, alcançando entre dez e trinta e cinco anos no futuro, ou seja, uma extensão no tempo que chegaria ao ano 2000.¹⁰⁴

Uma das primeiras características que marcou esse período, o qual Kahn chamou da passagem da infância para adolescência do Instituto, na virada de 1965 para 1966, foram, portanto, os estudos de longo prazo. Os estudos de longo prazo acompanhavam a alteração de uma concepção anterior, que sustentava a SA e correspondia a um período cujo principal e praticamente único objetivo dos EUA era a dissuasão, no qual Kahn afirmara que não estava preocupado em definir os objetivos, mas em definir os meios. Agora, parece haver uma abrangência maior, cobrindo tantos os meios, quanto os objetivos, e que refletia uma diferenciação dos tipos de enfoques e de profissionais: de um lado, os que se concentram nas táticas e técnicas, ou seja, nos meios, de outro, os utopistas, que focam nos objetivos. O estudo do longo prazo seria o que trataria dos objetivos, dos destinos e das direções das políticas. Eram os estudos dos utopistas. Este tipo de estudo, conforme o HI, poderia ajudar aqueles interessados no tempo mais curto, ao funcionar como uma estrutura para toda a comunidade acadêmica e de pesquisa e ao funcionar como uma orientação da escolha imediata. Os estudos sobre o longo prazo também abordariam as formas de mudança, ou seja, de como as mudanças poderiam agir tanto no curto quanto no longo prazo.¹⁰⁵

Aqui, focaremos em dois aspectos dos estudos futuros desenvolvidos pelo HI. Um, principal e mais amplo, sobre os mundos futuros, nascido dos estudos militares e estendido, depois, para o ambiente corporativo; e outro dedicado aos estudos desenvolvimentistas, os quais se projetaram sobre a América do Sul.¹⁰⁶

Estudos no longo prazo e sobre o futuro já eram financiados, no HI, pela Advanced Research Projects Agency (ARPA), desde 1962, sobre os temas de tecnologia militar, de guerras contra insurgências e de situações globais futuras, levantando questões sobre os aspectos tecnológicos da comunicação e seu papel nas negociações internacionais e nas guerras. A conclusão do HI foi que a melhor maneira para as potências evitarem erros de interpretação que poderiam levar a crises seria um sistema de comunicação entre os EUA e a URSS. As recomendações da pesquisa foram, de alguma forma, acatadas pelo governo, como,

¹⁰⁴ Report to the members 1965, p. 4-6

¹⁰⁵ HUDSON Institute. **Pilot study for policy research center program:** proposal for research submitted to the U.S. commissioner of education for support through authorization of the Bureau of Research. Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc. 03 de Abril de 1967. p.7-8, 11-12; Report to the members 1965, p. 1, 6.

¹⁰⁶ Report to the members 1965, p. 7.

por exemplo, o fortalecimento e proteção da “hot line”. O HI também conseguiu algum reconhecimento por trazer questões sobre uma crise da comunicação.¹⁰⁷

O Department of Defense Research and Engineering (DDR&E) também cooperou com os estudos futuros do Instituto sob um contrato para estudar a estratégia pós-1975. Por sua vez, o trabalho que analisava o futuro de maneira mais ampla estava atrelado à American Academy of Arts and Sciences (AAAS), que possuía uma comissão para o ano 2000, liderada por Daniel Bell, voltada para especular sobre os aspectos sociais, políticos e tecnológicos do mundo futuro. Todos esses contratos se estendiam para depois de 1966. O trabalho do HI para a Academia era de pequeno rendimento (cinco mil dólares contra, por exemplo, quase duzentos e vinte e cinco mil dólares para o DDR&E), mas justificado por poder oferecer estímulo significativo para avanços maiores nesse campo.¹⁰⁸

Além disso, com o contrato da Martin-Marietta, o HI desenvolvia um estudo que abordava mundos futuros alternativos, ou seja, um conjunto de contextos sobre mundos futuros possíveis voltados para avaliar políticas estrangeiras, militares e econômicas no longo prazo. A partir disso, o HI pretendia desenvolver, ao longo de 1967, um projeto de cooperação internacional. Nesse sentido, o HI já apresentava, no começo de 1966, membros públicos provenientes de outros países, como um universitário italiano e um parlamentar alemão.¹⁰⁹

Na linha sobre os estudos futuro, um dos cursos oferecidos pelo HI em 1965 foi o chamado “The decade ahead”, realizado em um centro de conferências fora do HI e que abordava questões de segurança nacional, mas, também, o estudo do futuro da tecnologia e da cultura, a partir do uso de mundos futuros alternativos, da escalada e dos cenários. O foco de curso estava sobre a relação Ocidente e Oriente e o desenvolvimento da América Latina (AL). Os participantes desse seminário, além das já tradicionais empresas ligadas ao meio militar e de defesa, eram oriundos também de empresas ligadas à engenharia. A mesma tendência aparece entre os participantes provenientes do governo e órgãos oficiais, inclusive de outros países, como o Governo da Argentina, o representante da União Pan-Americana do Comitê da Aliança para o Progresso e do Inter-American Development Bank e um representante da Federação Colombiana de Café. Por fim, havia pessoas provenientes dos centros de pesquisa, das universidades, das organizações sem fins lucrativos, inclusive internacionais, como do

¹⁰⁷ SMITH, Mark J., 1972, p. 5, 13, 15.

¹⁰⁸ Report to the members 1965, p. 2-3, 6.

¹⁰⁹ Report to the members 1965, p. 7-8; Report to the members 1965, Annex, p. 2.

Japão e do Canadá, e da mídia, como jornais e revistas dos EUA, da Inglaterra, da Alemanha e da Colômbia.¹¹⁰

A importância dos estudos futuros no HI não era somente uma tendência inerente aos tipos de estudos feitos, mas era uma tendência construída também como uma tentativa de oferecer aos clientes o que o HI colocava como os problemas, o que era importante na pesquisa e o que ele produzia como método para lidar com os problemas. Nesse sentido, o HI empregava, propagava e difundia suas ferramentas e enfoques a partir dos relatórios e das propostas de estudos. Dessa forma, divulgou os cenários, o emprego dos mundos futuros alternativos e as análises no longo prazo.

Por exemplo, em uma proposta para a FA, em 1966, o HI ressaltava seus estudos de futuros alternativos e contextos futuros hipotéticos. Essa apresentação, primeiramente, invocava uma autoridade sobre os estudos futuros que tinha a finalidade de vender os trabalhos sobre o desenvolvimento de futuros político-militares alternativos projetados para meados dos anos 70. Primeiramente, o HI tentava mostrar que havia problemas que precisavam ser enfrentados. No caso dessa proposta, eram os mesmos problemas presentes na proposta para a FF e que seriam os problemas a ser enfrentados, de forma geral, segundo o HI, nas décadas de 60 e 70, ou seja, as tecnologias militares e civis que mudavam rapidamente, as agitações políticas, sociais e econômicas, o crescimento populacional e os impactos da comunicação em massa, da urbanização, da industrialização e da modernização. Frente a essa gama de problemas, a justificativa para os estudos também eram variações do que já existia. A proposta para a FA, por exemplo, resalta a importância dos estudos para auxiliar o processo de decisão dos responsáveis e como os fatores analisados impactariam na composição militar e nas relações internacionais do mundo. O auxílio aos responsáveis pelas decisões se daria, por fim, através dos métodos desenvolvidos pelo HI. Um dos métodos usados seria o dos cenários, que serviria para discussão e apresentação de critérios envolvidos nas questões, para a análise e exame de questões específicas e para suposições e contextos explícitos, tudo visando discutir objetivos e direções do planejamento. Por mais que os cenários fossem apresentados como uma inovação, subjaziam os elementos da SA e da OR na caracterização desses estudos ao considerar tanto fatores isolados, como em interação e a cogitação de diversos futuros, tanto esperados, quanto surpreendentes. A inovação, portanto,

¹¹⁰ Report to the members 1965, Annex I, p.1-12; HUDSON Institute. **The decade ahead** – schedule. 1 e 2 de Abril de 1965

decorria do problema da abertura ampla do futuro e dos métodos adaptados para enfrentá-la. Nesse sentido, além dos cenários, o HI propôs também o método dos futuros alternativos.¹¹¹

O método de mundos futuros alternativos, também pensado inicialmente para os estudos políticos e militares, funcionava para gerar cenários e, decorrente disso, para estabelecer e discutir critérios, para comparação sistemática de várias políticas alternativas, para a análise e exame de questões bastante específicas, para explicitar suposições e contextos e para exemplificar direções e destinos. Esses futuros também eram intencionados para serem desenhados de forma ampla, incluindo tanto as expectativas principais, quanto outros casos de interesse, considerando tanto os fatores individualmente, quanto em interação. A defesa pelos futuros alternativos também é posta como a formação de um capital intelectual, que poderia retornar à comunidade e que precisaria ser renovado com alguma constância, devido à própria natureza da pesquisa sobre o futuro. Por fim, a defesa dos estudos de mundos alternativos futuros no longo prazo visava também fornecer os propósitos finais do objeto estudado.¹¹²

Os futuros alternativos, para o HI, tal como os cenários, também obedeceriam critérios. Um deles era o da plausibilidade de desenvolvimento desses mundos, que seria obtida a partir da extrapolação das tendências atuais e dos julgamentos dos potenciais para mudança. Outros critérios eram o da importância que tais mundos teriam sobre as questões políticas e de decisão e o das características distintivas do método para explorar questões apropriadas e importantes. Com a união desses critérios, cada mundo alternativo para a FA seria desenvolvido por meio de cenários, conforme aspectos políticos e de relações internacionais, abordando, entre outros aspectos, os sistemas de alianças, sistemas de armas, diplomacia, entre outras questões. Alguns exemplos desses mundos eram o de conflito entre EUA e URSS ou China, ou o de um país menos desenvolvido que procuraria políticas revisionistas ou revolucionárias.¹¹³

A resposta da FA à proposta denotou, de forma geral, uma insatisfação. Ela pedia análises mais amplas do futuro e reclamava que não estava claro como se articularia o enfoque dos mundos futuros com o que a FA gostaria, nem no que consistia e quais eram as características desses mundos futuros, além de mostrar certo receio que o HI pudesse estar “requeitando” pesquisas anteriores, ao invés de produzir algo novo. A resposta a isso, dada

¹¹¹ HUDSON Institute. **Alternative worlds futures for U.S.A.F. policy planning**: proposal to Deputy Director for Advanced Planning Directorate of Plans (Proposal No. 217). Harmon-on-Hudson: Hudson Institute Inc., 17 de Maio de 1966. p. 1-4.

¹¹² HUDSON Institute. **Pilot study for policy research center program**: proposal for research submitted to the U.S. commissioner of education for support through authorization of the Bureau of Research. Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc. 03 de Abril de 1967, p. 7-8, 11-12.

¹¹³ HUDSON Institute, 17 de Maio de 1966. p. 1-2, 4-6.

por Kahn, delineou três contextos básicos, os quais seriam elaborados por diferentes membros do HI. Um primeiro, por Kahn e Singer, abordaria a questão acerca da proliferação nuclear. Outro, elaborado por Stillman¹¹⁴ e Pfaff¹¹⁵, trataria de possibilidades como: o crescimento da multipolaridade, ou seja, o surgimento de outras potências além dos EUA e da URSS, um crescimento da Europa Ocidental e do Japão e o crescimento de políticas do tipo irracional e históricas no terceiro mundo. Por fim, o último contexto seria elaborado por Frank Armbruster¹¹⁶ e enfatizaria alguns aspectos negativos da *detente* da época e as possibilidades de uma nova vitalidade no mundo comunista. Além disso, Kahn justificava a referência a trabalhos anteriores, não só como o aproveitamento do que se tinha, mas também como um trabalho progressivo e acumulativo de análise, no qual o trabalho para a FA representaria uma nova análise a partir do que se tinha. Em resposta, a Força Aérea pedia ainda mais esclarecimentos sobre o contexto do mundo futuro da proliferação nuclear, uma vez que existiam muitos trabalhos sobre o tema. Porém, já mostrava mais interesse na proposta, principalmente nos cenários sobre o terceiro mundo. Como resposta, Max Singer, sob orientação de Kahn, escreveu para a FA esclarecendo o ponto pedido e enviando alguns relatórios, inclusive os que tratavam do futuro mais à frente e de forma mais ampla.¹¹⁷

III.3.a. O Instituto sem Defesa: a necessidade financeira e os estudos futuros

As mudanças metodológicas e de análise dentro do HI estavam acompanhadas de alterações nos temas e nos objetos de análises, nas premissas institucionais e nos contratantes. Essas mudanças dentro do HI são entendidas, aqui, a partir de dois fatores. Primeiramente, uma motivação desde a criação de não ser dependente de contratos governamentais militares, que foi, no fim da década de 60 e ao longo da de 70, concretizado por questões exteriores ao HI, como a contrariedade contra a Guerra do Vietnã e uma investigação do Congresso sobre os contratos do DoD com institutos de consultoria. Somado a isso, houve também uma

¹¹⁴ Analista político e de questões internacionais, com interesse no bloco soviético, na Europa ocidental e nos países subdesenvolvidos, trabalhando, no HI, sobre a estratégia militar, a política soviética, as teorias de escalada e o futuro da OTAN, com experiência de trabalho no Department of State servindo na Bulgária, Iugoslávia e Holanda.

¹¹⁵ Um analista político e escritor do HI com experiência em questões europeias e afro-asiáticas, que abordava operações políticas de guerra e questões de análises do bloco sino-soviético, além de ser articulista de questões estrangeiras.

¹¹⁶ Especialista em operações militares e análise política em questões de relações internacionais.

¹¹⁷ YUDKIN, Richard A. **Carta para Herman Kahn**. Washington D.C.: Department of the Air Force. 18 de Janeiro de 1967; KAHN, Herman. **Carta para Yudkin**. Harmon-on-Hudson: Hudson Institute Inc. 31 de Janeiro de 1967; YUDKIN, Richard A. **Carta para Herman Kahn**. Washington D.C.: Department of the Air Force. 13 de Fevereiro de 1967; SINGER, Max. **Carta para Richard A. Yudkin**. Harmon-on-Hudson: Hudson Institute Inc. 17 de Fevereiro de 1967

mudança de concepção sobre a pesquisa dentro do HI e entre os *think tanks*, havendo também um aumento de instituições desse tipo, aquecendo a concorrência, o que criou uma necessidade de diversificação das áreas estudadas e uma reforma sobre a concepção institucional do HI.

Primeiramente, é preciso entender que o HI, desde sua criação, já trabalhava com DC e, como vimos na proposta para a FA, já não havia muito mais o que se dizer sobre essa questão. Kahn, por exemplo, já não pesquisava sobre o tema desde 1965 e essa falta de interesse sobre o tema só cresceu desde então. Além da falta de interesse do líder do HI, havia as motivações internas ao Instituto: a busca por independência e autonomia. Desde 1965, o HI já buscava clientes de outras áreas que não a militar e tentava relacionar seus estudos com o programa de estudos futuros que desenvolvia. Com isso, em 1968 e 1969, o HI possuía temáticas diferentes e diversas das militares e apresentava-se com um conjunto de métodos, categorias de análises e conceitos para os estudos futuros. Sob esse perfil, o HI conseguiu desenvolver estudos do futuro do desenvolvimento urbano de New York, sobre os problemas de uso de drogas, sobre educação, sobre recursos para o futuro, abordando poluição e a possibilidade de motores elétricos, sobre o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos, sobre o futuro do espaço, em estudos para NASA, sobre o desenvolvimento da região das Cataratas do Niágara, sobre uma enciclopédia que abordaria as questões principais dos próximos dez anos, visando auxiliar o governo dos EUA, sobre as implicações do movimento *hippie* e sobre os problemas de uma nova forma de sociedade que poderia surgir no ocidente. Além disso, desenvolveu conferências com finalidade educacionais fora do HI, em *Colleges* ligados às forças armadas e no Brooklyn Polytechnic Insitute, por exemplo.¹¹⁸

Essa ampliação dos temas estudados apresentou efeitos superficiais e um mais profundo. Primeiramente, houve uma diversificação dos temas das palestras e das conferências oferecidas pelo HI e, com isso, uma diversificação do público e do *staff* do Instituto. O programa de seminários continuava com duas séries: uma consistia em três palestras curtas e a outra, de seminários que duravam três semanas, todos voltados para os

¹¹⁸ SMITH, Mark J., 1972, p. 19-21; NORTHRUP, Bowen. They Think for Pay: Herman Kahn's Experts Mull Nuclear strategy, ... **Wall Street Journal (1923 - Current file)**. Sep 20, 1967. In: ProQuest Historical Newspapers: The Wall Street Journal (1889-1995) p. 1; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 268-274, 334, 372-373; HUDSON Institute. **Report to the Members of the Hudson Institute 1969**. Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc. July 1969, p. 2, 3, 8-12; HUDSON Institute. **Report to the Members of The Hudson Institute 1968**. Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc, July 1968, p. 3, 7-10. Gostaríamos de informar que, a partir daqui, optaremos por citar os “report to the members” do HI da seguinte forma: sempre será posto “Report to the members” e o ano que o relatório aborda, e não o ano de produção. Com isso, queremos deixar claro para o leitor o ano que está sendo tratado, evitando a confusão com o ano que o relatório foi elaborado – normalmente um ano após o ano abordado. Assim, exceto a primeira menção a cada relatório, na qual a referência estará completa, as seguintes serão sempre na forma acima mencionada.

representantes do governo de outros países, à imprensa dos EUA, ao Congresso e aos líderes de negócios. Os seminários tinham a mesma finalidade que antes, ou seja, estimular a integração dos membros e dos funcionários do HI, desenvolver e compartilhar conceitos, suposições e ideias e testar e apresentar os trabalhos do HI. Entre os temas, estavam o trabalho de especulação sobre o ano 2000, questões sobre desenvolvimento, inclusive da América Latina, pesquisas sobre o Vietnã, a escalada e o Japão e sobre elementos de mudança que poderiam afetar as decisões na década seguinte. Havia também seminários oferecidos no Canadá, na Alemanha, para universidades, companhias, bancos, órgãos militares, órgãos ligados à administração pública de New York e um bastante peculiar, para a “International Flavors and Fragrances Company of New York”, sobre o que seria um dos temas que marcavam e marcariam os estudos de Kahn nos anos seguintes: a sociedade pós-industrial.¹¹⁹

Entre 1967 e 1969, o público que acompanhava os seminários do HI também se diversificou, englobando, entre outros, uma delegação do Ceilão para a ONU, um padre jesuíta, estudantes de diferentes universidades e pessoas de diferentes países. Além disso, a aura de celebridade de Kahn e o interesse despertado pelo HI e seus trabalhos internacionais, fizeram com que o rei belga Baudoin visitasse o HI em 19 de Maio de 1969 e, um pouco mais de um ano depois, em 11 de Junho de 1970, seu irmão, o príncipe Albert. O contato foi feito por meio do cônsul belga. Um programa especial foi montado para a visita do príncipe e do rei, com um tour pelo Instituto e um almoço especial, tanto para os membros e funcionários convidados para o almoço, quanto para os não convidados. Houve, também, protocolos de segurança e etiqueta, especialmente em relação ao rei.¹²⁰

Entre 1967 e 1969, o HI não estava livre dos problemas financeiros, uma vez que Singer punha a situação do HI como apertada e com pouco espaço de manobra. A situação era posta dessa maneira principalmente referente ao problema do HI em manter a independência e a estabilidade financeiras, o que era difícil já que os contratos eram vários e separados e a maioria ligado ao DoD. Na década de 1960, as análises militares eram a principal fonte de renda do HI, já que um pouco mais de 88% do faturamento do HI vinha, entre 1964 e 1965,

¹¹⁹ Report to the members 1968, p. 24-25; Report to the members 1969, p. 31-34; SMITH, Mark J., 1972, p. 27-28.

¹²⁰ SINGER, Max. **To the trustees**. May 20, 1970; WILSON, Ray. **Visit of Prince Albert of Belgium**: memo to all staff. Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc. June 10, 1970; SINGER, Max. **Memo to All Staff**. Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc. May 16, 1969; GLICK, Edgar. **Visit of his majesty King Baudoin, King of the Belgians on Monday, May 19th**: Memo to all staff. Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc. May 19, 1969; Report to the members 1969, p. 4, 7 34; Report to the members 1968, p. 6.

desses estudos militares, sendo que em torno de 75% provinha dos estudos de defesa, os quais foram responsáveis por mais de 70% do faturamento do HI ao longo da década de 60.¹²¹

Os anos de 1967 e 1969 indicam os efeitos das mudanças no HI a partir da análise financeira. Singer afirma no relatório para os membros de 1968 que, ali, era o momento de tentar a independência, a qual poderia ser obtida a partir de bolsas de longa duração mais gerais – tal como a tentada anteriormente junto à FF – e visando compor um quinto do faturamento do Instituto. O resto continuaria sendo provido pelos tipos de contratos que já existiam. Esse aumento da renda do HI por meio de bolsas já se mostrava uma tendência desde 1964, aumentando gradualmente e atingindo, em 1968, o triplo de dólares de 1964. Porém, em 1968, essa fonte de renda ainda era mínima, totalizando 370 mil dólares, ou seja, pouco em comparação aos 1 milhão e 360 mil do total do montante obtido pelo HI, dos quais 950 mil era somente de estudos militares de DC. Contudo, o grande impacto ocorreria a partir de 1969, quando haveria uma redução para 20% do faturamento oriundo de contratos com o DoD. Isso significava uma grande perda, já que entre 1968 e 1969, o DoD foi responsável por 75% da renda do HI. Para equilibrar as contas, Singer demonstrava confiança em outros programas, os quais poderiam realizar a transição para novas formas de financiamento.¹²²

Essa redução de contratos com o DoD parece ter também relação com o resultado de um relatório governamental feito pelo General Accounting Office dos EUA (GAO) frente ao montante de 69,5 milhões gastos pelo DoD, durante seis anos, sobre a temática de DC, financiando cento e vinte organizações diferentes, incluindo o HI. A partir de algumas semanas de investigação realizada na contabilidade, nos relatórios e nos procedimentos ligados aos contratos entre o Office of Civil Defense (OCD)¹²³ e o HI e de entrevistas com membros do HI e da OCD, a equipe designada não encontrou nenhuma impropriedade, mas emitiu um relatório crítico para a administração da OCD, sobre três contratos de pesquisa dentre oito que foram firmados com o HI entre 1962 e 1966, os quais resultaram em onze

¹²¹ Report to the members 1968, p. 2-4; Report to the members 1969, p. 4, 7; SMITH, Mark J., 1972, p. 4; HUDSON Institute. **Existing and potential backlog**. 1 de Out. de 1963

¹²² Report to the members 1968, p. 5, 7; Report to the members 1969, p. 7, 4.

¹²³ A OCD foi estabelecida em Agosto de 1961 e era responsável por desenvolver e executar programas para abrigos, proteção contra os resultados de uma guerra química, biológica ou radiológica, por sistemas de comunicação de emergência e pela assistência de emergência para os governos nacional e locais. O programa de pesquisa tinha como objetivo aumentar a economia de materiais e operações, aumentar a efetividade dos sistemas, aumentar a confiança das performances humanas e das máquinas para salvar vidas, lidar com o ambiente pós-ataque, desenvolver o estado de alerta como um sistema de defesa integrado e, por fim, desenvolver as bases para planejar, para decisões sobre programas futuros e para decisões operacionais. Frente a isso, os investimentos em pesquisa, em 1966, atingiram cerca de 58,8 milhões e, em 1967, próximo de 70 milhões, OBSERVATIONS on the administration by the office of civil defence of research study contracts awarded to Hudson Institute;: Report to the Congress [on the] Department of the Army. Washington: Comptroller general of the United States, 1968, p. 3-4.

relatórios. Esse conjunto de relatórios dos três contratos custou ao OCD 600 mil dólares e todo os contratos com o HI entre 1962 e 1966 totalizavam 1 milhão e 721 mil dólares. Os relatórios do HI visavam estudar temas priorizados pelo OCD, como análise estratégica, análise de sistemas, desenvolvimento de modelos de recuperação social-econômica e análise de ambientes de pós-ataque no longo prazo. Para analisar esses assuntos, considerados complexos pelo relatório da GAO, o programa de pesquisa do OCD buscava, por meios de contratos de R&D, obter a base necessária de dados factuais assim como os métodos para o desenvolvimento de planos, operações e equipamentos necessários para os programas de DC atuais e futuros. O critério de qualidade dos relatórios era medido pela capacidade de ou mudar a mente do leitor ou de reforçar seu pensamento. A clareza, a precisão dos objetivos, a sustentação dos resultados eram outras características valorizadas para determinar a qualidade do trabalho.¹²⁴

Sete dos onze contratos do HI analisados foram considerados menos úteis do que era esperado e precisariam de revisão, já que não apresentavam nada de novo sobre o tema ou eram superficiais, reutilizando inclusive ideias anteriores. Desses sete, três tiveram uma circulação entre agências e empresas, enquanto outros três ficaram restritos ao OCD, sem publicação para divulgação mais ampla por não terem qualidade para isso. O sétimo não foi aceito como relatório final, mas apenas como um “working paper”. Outro problema indicado pelo relatório da GAO foi o de falta de clareza nos relatórios parciais do HI, assim como a falta de comprometimento com os prazos, sendo que um dos relatórios atrasou sete meses. Frente a esses diagnósticos, o relatório do GAO era enfático sobre a necessidade, por parte dos organismos governamentais, de refinar e controlar os resultados parciais e finais das pesquisas contratadas, com o monitoramento constante da pesquisa e com as etapas determinadas, além de deixar claro os objetivos e o escopo da pesquisa quando do estabelecimento dos contratos.¹²⁵

O relatório do GAO representou um baque à saúde financeira do HI, sendo considerado, dentro do HI, como injustiça contra o Instituto. Esse sentimento continuou durante os anos vindouros, mesmo após uma profunda mudança no quadro de funcionários. Porém, os contratos continuaram, principalmente com o Office of Secretary of Defense. De 1968 a 1969, o HI teve apenas 50 mil dólares provenientes do OCD, porém, 980 mil do OSD e 110 mil de outro órgãos, todos ligados ao DoD, que era responsável por 74% do rendimento do Instituto. O resto era composto por 20 mil dólares de outros órgãos do governo que não o

¹²⁴ OBSERVATIONS..., 1968, p. i-ii, 1-2, 4-5, 7-8

¹²⁵ OBSERVATIONS..., 1968, p. ii, 7-10, 12-18.

DoD e outros contratantes não governamentais e bolsas. Conforme Cimbala, o DoD financiava o HI com o objetivo de manter Kahn ativo como um pensador heterodoxo sobre a estratégia de defesa e não esperava nenhum resultado particular do HI em contratos específicos.¹²⁶

O relatório do GAO foi interpretado por parte da imprensa e por alguns membros do Congresso como evidências de que os estudos do HI não tinham méritos. Para Smith, essa investigação não considerou a qualidade dos trabalhos, mas sim como a OCD lidava com os contratados. Smith insinua que pode ter havido, então, uma espécie de repreensão ao HI, já que muitas das críticas à DC e, por decorrência, às posturas e às ações assumidas pelo governo, vinha dos estudos do HI. Os estudos do HI também foram criticados por aquilo que era sua proposta básica: estimular a mente. Como Kahn argumentou em uma carta em resposta ao relatório, apesar de reconhecer a necessidade dos pontos postos pelo GAO, Kahn insistia que o objetivo principal do HI era enfatizar os estudos especulativos. Para isso, defendia a necessidade de liberdade sem muitos constrangimentos, pois, para Kahn, nem sempre o sucesso seria obtido, devendo prevalecer uma média de sucesso, já que sucesso sempre, para ele, seria uma falta de imaginação. Contudo, o HI foi defendido por alguns membros do OCD, que valorizavam essa função a que o HI se propunha.¹²⁷

O GAO foi uma grande reação às pesquisas heterodoxas patrocinadas, não só no HI, pelo DoD, como, por exemplo, sobre a vulnerabilidade comunista ao uso da música, estudo, este, confidencial, sobre o temperamento do homem italiano, sobre o sistema nervoso da lula chilena, sobre bruxaria no Congo e, oriunda de um contrato de 600 mil com a University of Mississippi, sobre o papel que os pássaros poderiam desempenhar na guerra. Uma das críticas a essa abundância de estudos seria uma superprodução de papelada desnecessária, dificultando o processo de decisão.¹²⁸

Em seguida ao GAO, em 1969, o Senado dos EUA procurou restringir o papel da pesquisa do Departamento de Defesa. Segundo Black, a seção 203 do *Military Procurement Authorization Act for Fiscal Year 1970* não autorizava a continuidade ou o estabelecimento de projetos de pesquisa ou estudos que não tivessem relacionados a uma função ou a uma operação militar específica. Atendendo a isso, o OSD e o DoD requisitaram que suas várias agências encerrassem qualquer projeto que não cumprisse essa norma. Conforme Black, em

¹²⁶ Report to the members 1969, p. 7; CIMBALA, Stephen J. 1970, p. 7-9, 13; SMITH, J.A., 1991, p. 156.

¹²⁷ SMITH, Mark J., 1972, p.19; DICKSON, P., 1971. p. 106; OBSERVATIONS ..., 1968, p. 39-40.

¹²⁸ DICKSON, P., 1971. p. 41-44

teoria, pouco mudou, uma vez que toda pesquisa financiada pelo DoD era considerada relacionada aos problemas de defesa.¹²⁹

Além das restrições à pesquisa militar, foi também aprovado um *Tax Reform Act*, enrijecendo as restrições sobre as atividades políticas de fundações privadas, historicamente os principais financiadores de TTs, como a FF que, no mesmo período, também enfrentou uma diminuição dos recursos e do interesse em financiar TTs. O principal motivo do Congresso restringir a atuação das fundações era no sentido de diminuir a influência delas nas campanhas políticas ou mesmo na legislação. O poder dos TTs financiados por fundações era tanto que ganharam a alcunha de “a sombra do governo”. O HI era um exemplo desse poder, uma vez que estava isento de impostos, tinha acesso a documentos confidenciais e grande influência nas decisões, sem, contudo, correr o risco de ser demitido, já que não eram funcionários do governo.¹³⁰

Outro fator que também criou situações conturbadoras para o HI foi a contrariedade às questões militares que surgiu nos anos finais da década 60, principalmente em relação ao Vietnã, o qual foi tema de pesquisa no HI entre 1965 e 1969 e uma área sobre a qual os jornais procuravam conhecer a opinião de Kahn. Os estudos sobre o Vietnã eram entendidos como um desvio no programa do HI, que propunha analisar questões importantes, mas não urgentes. O Vietnã contrariava isso, pois lidava com considerações políticas imediatas e com ações de desenvolvimento político que não eram comuns para o HI. Entre os resultados desses estudos estava um livro sobre o Vietnã, em grande parte pago pelo HI, “Can We Win in Vietnam?”, que era um trabalho coletivo que apresentava as contradições de opiniões dentro do HI e envolvia cinco membros do quadro de funcionários do HI, incluindo Kahn. A questão do Vietnã foi financiada pelo DoD até 1969. O resultado foi apresentado para vários componentes da administração federal por meio de *briefings*, consultorias, *papers* e memorandos. Após isso, o HI afirmou que continuava estudando a questão com financiamento próprio. Por realizar estudos militares e sobre o Vietnã, em Setembro de 1969, o HI se tornou alvo de um grupo vigília para a paz, que se reuniu em frente ao Instituto para protestar contra o complexo militar-industrial. Todavia, segundo Smith, nenhuma das organizações de pesquisa tinha muita influência sobre a decisão dos EUA de entrar na guerra

¹²⁹ BLACK, Cyril E. G. Government-Sponsored Research in International Studies. In: **World politics**, vol. 22, n.4 (Jul, 1970), p.582-596: The Johns Hopkins University Press: Baltimore. p. 583; RICH, A., 2004, p. 57, 62.

¹³⁰ RICH, A., 2004, p. 56-62; DICKSON, P., 1971. p. 45-46.

ou sobre quais táticas usar, apesar de Dickson afirmar que o próprio governo Nixon reconheceu que estava considerando alguns aspectos que o HI tinha proposto.¹³¹

Porém, por volta de 1970, apesar dos gastos onerosos com defesa, o Congresso dos EUA, conforme Cimbala, já não estava mais disposto a subsidiar pensamentos militares especulativos e essa resistência também existia em relação aos TT sem fins lucrativos dentro da administração republicana governamental, que tinha, agora, como Presidente Richard Nixon. Conforme Bruce-Briggs, Nixon se interessou em ouvir Kahn em diferentes assuntos, sem, todavia, concretizar nada formalmente. Os dois inclusive se tornaram próximos. Além disso, durante a década de 70, Kahn estava mais próximo do conservadorismo do período e, por isso, de ideais defendidos pelos republicanos naquele momento.¹³²

Entre 1967 e 1969 e, principalmente após esse período, o HI mantinha o mesmo diagnóstico sobre os problemas mundiais que apresentara para a FF e para a FA. Para lidar com isso, o HI passou por mudanças de enfoque e institucionais. As mudanças de objetos de estudo, de ferramentas de análise e de enfoque norteador representaram uma reforma institucional, como Cimbala mostra. Conforme Cimbala, que era professor assistente do departamento de Political Science da State University of New York, as mudanças na estrutura das organizações privadas pequenas de pesquisa sobre políticas foram orientadas por inovações internas e por fatores externos, principalmente os contratos. Já buscando novos contratos e assolado por uma diminuição dos ligados ao DoD, o HI passou por uma “inovação” interna e por uma guinada abrupta de temáticas. Segundo Cimbala, a mudança na característica intelectual do trabalho do HI foi observada nos termos de mudanças nos problemas estudados e nas abordagens usadas para estudar os mesmos problemas. Para ele, essas mudanças eram mais de aparência do que reais e, nesse sentido, a estrutura apresentada nos estudos sobre o futuro do HI representava uma visão geral ampla que permitiria ao HI oferecer as mesmas respostas para problemas distintos e para clientes diferentes. Todavia, a isso, teve que corresponder uma mudança institucional que não era necessariamente

¹³¹ Report to the members 1969, p. 3-5 ; PENTAGON Adviser Sees Error In U.S. Bids for Peace Talks. **The Washington Post, Times Herald (1959-1973)**. Mar 10, 1967. In: ProQuest Historical Newspapers: The Washington Post (1877-1996). p. A 20.; NUCLEAR War Expert to Look at Pacification. **Los Angeles Times (1923-Current File)**; Mar 14, 1968. In: ProQuest Historical Newspapers: Los Angeles Times (1881-1989), p. 15; KAHN Set to Study Pacification Effort. **New York Times (1923-Current file)**. Mar 14, 1968. In: ProQuest Historical Newspapers: The New York Times (1851-2009), p. 60; THINK Tank Criticized By Pentagon for 'Old Ideas. **The Washington Post, Times Herald (1959-1973)**. Mar 28, 1968. In: ProQuest Historical Newspapers: The Washington Post (1877-1996), p. A15; SMITH, Mark J., 1972, p. 15-18; DICKSON, P., 1971. p. 108; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 227-251.

¹³² BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 345-347, 366; CIMBALA, Stephen J. 1970, p. 13.

inovadora, uma vez que se assentava nas decisões centralizadas de um diretor, que era Kahn.¹³³

Se a ideia de segurança nacional ainda estava presente, aparecendo, ora como título de palestra, ora em algum estudo ou área de interesse de alguns membros, o termo ordem internacional praticamente sumira do léxico oficial do HI¹³⁴. Agora, o que aparecia era o conceito de “policy research” (PR). Esse conceito operava sobre os velhos problemas, porém, postos em destaques diferentes. Esses estudos se concentravam nos problemas presentes, agora essencialmente os de desenvolvimento econômico, voltados às políticas doméstica, pública e estrangeiras e ao esforço para melhorar a metodologia desses estudos e programas educacionais e de divulgação da PR. Em contrapartida, houve uma diminuição dos estudos militares. Isso trazia problemas financeiros para o HI, que reconhecia sua dificuldade em conseguir fundos diferentes dos que o sustentara até então. Além disso, atribuía à dependência de contratos o impedimento para se desenvolver como fora idealizado. Para fugir da dependência, Singer afirma, no relatório de 1969, que continuava esperando bolsas e, para isso, seria importante o trabalho educacional para disseminar os benefícios de seus estudos para as instituições que podiam usá-los, como governos de cidades e estados.¹³⁵

Esse aspecto educacional passava pelo desenvolvimento do léxico posto como proposta inicial desde a criação do HI. A preocupação com a linguagem não era somente para atender o profissional, mas também para os que não estavam no meio. Com isso, o HI intentava agir como um “especialista amador”, o que significava desempenhar, junto aos tomadores de decisão, um papel misto de “expert” e de leigo, no sentido de fornecer uma análise bem fundamentada em relação aos temas importantes, sem, necessariamente, ser um profissional da área. Por outro lado, também deveria ter empatia com a posição de leigo do responsável pelas decisões, passando, com isso, para ele, as informações da maneira mais compreensível possível.¹³⁶

Apesar dessa aparente inovação, a pesquisa de políticas proposta pelo HI era devedora e dialogava com as formas anteriores. Por exemplo, uma de suas funções era fazer o desejável mais provável e o indesejável menos provável, algo que se aproximava muito do que Kahn

¹³³ CIMBALA, Stephen J. 1970, p. 1-2, 14.

¹³⁴ Apesar de ainda aparecerem no logo do HI em um folder de um seminário de Novembro de 1968.

¹³⁵ HUDSON Institute. **Preliminary discussion of proposed Hudson Institute institutional development proposal:** a category 4 development program (Proposal No. 356). Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc. September 01, 1970, p.1; Report to the members 1969, p. 6-7.

¹³⁶ A note on Hudson’s role as “expert amateur” 1-5; HUDSON Institute. **Preliminary discussion of proposed Hudson Institute institutional development proposal:** a category 4 development program (Proposal No. 356). Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc. September 01, 1970, p. 1.

pretendia com o OTW. Além disso, a pesquisa política também visava desenvolver a habilidade de explorar ou aprimorar o desejável se ele acontecesse. Para isso, envolvia programas específicos, abrangendo vários anos, planejamentos para resolver os problemas, a criação de linhas de orientação gerais e o entendimento das possibilidades atuais, corrigindo a incapacidade de perceber os problemas e encontrar soluções. Por fim, a *policy research* agiria também como um *lobby* para o futuro e como um sistema de alerta antecipado.¹³⁷

Porém, a principal continuidade e o que fundamentou a PR foram os estudos futuros e as análises de médio e longo prazo de projeções de tendências internacionais e nacionais. Portanto, para entendermos o que era essa “nova” forma de análise do HI é preciso entender a constituição mais pormenorizada dos seus estudos do futuro.

¹³⁷ HUDSON Institute, **1973 Synoptic Context on The Corporate Environment (1975-1985)**: methodological coments (HI-1891/2-CC), Volume 1. Croton-on-Hudson: Hudson Institute, 1973, I – Card 1. Why independent professional policy research?. SIDE A; ABELSON, Donald E. **American think-tanks and their role in US foreign policy**. New York: St. Martin’s Press, 1996, p. 80.

IV. O futuro expandido: uma visão macro-histórica

(...) a escola de Prometeu, isto é, a classe dos homens avisados e previdentes, evita e remove cautelosamente de seu caminho os desastres e infortúnios; mas a esse bem junta-se um mal, pois tais homens se privam de muitos prazeres e alegrias da vida, fraudam seu gênio e, o que é pior, roem-se de cuidados, solitudes e temores.

Pois, estando atados à coluna da necessidade, atormentam-se com infinitos pensamentos (os quais, por sua qualidade alada, são representados pela águia), pensamentos que ferem, bicam e devoram o fígado

(Francis Bacon, 1609)

O final da década de 1960 e, principalmente, a década de 70 foram o período de produção de estudos orientados para o futuro no HI nos quais o futuro não era mais um acessório, mas o objeto principal. O que existia, portanto, era o estudo futuro de algum tema. É possível colocar como o ponto inicial desses estudos o livro *The year 2000: a framework for speculation on the next thirty-three years* (TY2000)¹, pois nele foram divulgadas as principais ferramentas metodológicas e uma forma de compreensão do futuro, marcando, segundo Smith, uma mudança completa de ênfase nos trabalhos do HI. Portanto, o TY2000 inaugurou uma forma de trabalho que se estendeu ao longo de outros três livros que analisaremos aqui: o *Things to come: thinking about the seventies and eighties* (1972) (TTC), o *The next 200 years: a scenario for America and the world* (1976) (TN200) e o *World economic development: 1979 and beyond* (1979) (WED). Esses três livros também concretizaram uma ampliação cada vez maior do futuro em dois aspectos. Um aspecto foi o temporal, significando uma ampliação cada vez maior para o tempo futuro, como os títulos dos livros indicam: parte-se de dez a trinta e três anos, no TTC e no TY2000, para duzentos anos, no TN200. O outro aspecto da ampliação do futuro era sobre as temáticas que o compunham, acompanhando um processo institucional já iniciado na primeira metade da década de 60, como vimos no capítulo anterior, que, a partir do TY2000, foi intensificado.²

Analisaremos os quatro livros a partir da formação de um fundo comum que sintetizamos aqui como a visão macro-histórica³ e sobre o futuro, com a elaboração centrada

¹ Os trechos desse capítulo que remetem ao TY2000 foram retirados da dissertação de mestrado desenvolvida por nós. Muitas das questões aqui indicadas referentes ao livro de 1967, de Kahn e Wiener, são mais bem trabalhadas naquela dissertação. Além disso, na dissertação de mestrado também desenvolvemos com mais vagar e detalhes questões que aqui são abordadas genericamente, como a questão dos padrões históricos. Cf. ANDRIONI, Fabio S. **A arquitetura do destino: a ciência do futuro e a teoria da história em O ano 200** (1967), de Herman Kahn e Anthony J. Wiener (Dissertação de Mestrado). São Paulo: 2010.

² SMITH, Mark J., 1972, p. 13.

³ Kahn define macro-história como os diversos sentidos dados à sucessão dos acontecimentos, portanto, a

em torno de Kahn e que pautou muitos dos trabalhos e propostas dentro do HI. Dos quatro livros, três eram de Kahn com diferentes coautores: *The year 2000*, de 1967, com Anthony Wiener, *Things to come*, de 1972, com B. Bruce-Briggs e *The next 200 years*, de 1976, com William Brown e Leon Martel. Somente o *World economic development* tinha Kahn como autor único. Apesar de termos como base o elemento comum entre os livros, é importante ressaltar que os quatro abrangem doze anos. Por mais que, nesse período, o HI não tenha apresentado nenhuma grande inovação nas ferramentas para especular sobre o futuro, os livros foram resultados de contextos diferentes, indo desde uma situação internacional de coexistência pacífica e substituição da bipolaridade pelos princípios de uma multipolaridade, até uma situação de crise mundial, descrença com o capitalismo e crises econômicas e sociais dentro dos EUA. Portanto, os estudos futuros do HI consistiram em uma grande re-adaptação de ideias e conceitos, alguns mantendo a mesma alcunha, outros, sendo alterados, visando a ação presente por meio da ideia de pesquisa de políticas ou *policy research* (PR).

IV.1. Incertezas e alternativas: as ferramentas metodológicas dos estudos futuros

Os estudos futuros começaram a ganhar destaque dentro do HI em contraposição a diminuição da importância dos estudos militares. A perda de relevância dos estudos militares acompanhou obviamente os fatores relacionados à diminuição de investimento dos órgãos governamentais, que vimos anteriormente. Todavia, os próprios estudos futuros do HI também concluíam, segundo Kahn, que as forças e os assuntos militares não eram uma área prioritária, pois não seriam temas centrais nos anos 80. Kahn apoiava essa interpretação na crença que, no futuro, o mundo seria mais integrado, com o desenvolvimento tecnológico diminuindo as necessidades de conquistas geográficas e apresentaria desgaste das pressões e objetivos religiosos e ideológicos que orientavam o uso da força. Além disso, Kahn também acreditava que agentes internacionais, como os EUA e a ONU, a mentalidade que considerava a guerra total impensável, a coexistência pacífica e a *détente* diminuiriam os atos belicosos e limitariam a violência. Tudo isso, então, tiraria a importância das questões militares em prol de outros assuntos.⁴

visão da história universal, que tenta explicar e entender toda a história humana. KAHN, Herman; BRUCE-BRIGGS, B. **Things to come**: thinking about the seventies and eighties. New York: Macmillan, 1972, p. 7. Também usarei, nas notas de rodapé, siglas para significar cada um dos livros de Kahn trabalhados nesse capítulo, facilitando, assim, a identificação. O *Things to come* terá a mesma sigla que tem no corpo do texto: TTC.

⁴ KAHN, Herman. **The world of 1980** (HI-1221/2-P). Croton-on-Hudson: Hudson Institute, July 1, 1969, p. 3-

Com essa abertura, Kahn e os analistas do HI se dedicaram com mais exclusividade aos estudos futuros, compreendendo o que faziam a partir da diferenciação de três formas de interpretação do devir: o futuro imaginado, o futuro estudado e o futuro predeterminado. O futuro predeterminado era produto, basicamente, das visões do futuro religiosas e providenciais. Os trabalhos do futuro imaginados eram, para o HI, os que possuíam maior incidência no grande público, principalmente os romances distópicos, como os de Huxley e Wells. O HI acreditava se diferenciar dessas duas formas ao desenvolver trabalhos sistemáticos e estudos do futuro, os quais visavam influenciar as políticas em diferentes níveis. Apesar disso, Kahn e seus colegas reconheciam que o trabalho sobre o futuro era uma arte e não uma ciência.⁵

Os estudos futuros do HI lidavam com os mesmos problemas que Kahn identificara desde os trabalhos na RAND, ou seja, a rapidez de mudança que prejudicava a capacidade de decidir, a falta de referências para pensar sobre o futuro desconhecido e, devido a tudo isso, a incerteza sobre o futuro. As respostas consistiram em variações do que já fora apresentado por Kahn e o HI. A primeira justificativa para estudar e pensar sobre o futuro era o conhecimento que o estudo daria sobre o presente. Outra justificativa era que o estudo do futuro permitiria construir um escopo de possibilidades, que abrangeria desde os eventos improváveis, até os mais certos, ajudando, então, as decisões no presente. Para conseguir criar uma situação de conhecimento futuro que pudesse ajudar na compreensão e ação no presente, Kahn e o HI desenvolveram um conjunto de métodos e técnicas.⁶

IV.1.a. O modelo para o futuro: a tendência-múltipla e o mundo padrão

As especulações do futuro do HI partiam da tendência múltipla (TM) (*multifold trend*), que era um conjunto de tendências de longo prazo e que marcavam a cultura ocidental e sua disseminação pelo mundo. Ela cobria cada porção da sociedade, como as artes, os sistemas de verdade, as relações familiares, os governos, a ética, as leis, a economia, as relações cívicas e a educação. Para Kahn, os aspectos mais positivos e desejáveis da TM constituíam a base da ideia de progresso, tão corrente nos últimos duzentos ou trezentos anos, principalmente após o Iluminismo. Contudo, Kahn defendia que as tendências, apesar de formarem uma entidade única, não eram nem fixas, nem fechadas, ou seja, não constituíam

4.
⁵ TTC, p. 1.
⁶ TTC, p. 2.

uma tendência inexorável para um destino final. Destarte, partindo da TM, os futuristas do HI trabalham de duas maneiras: 1) constroem a história, que funciona: a) como o processo que nos trouxe até o presente e b) como uma experiência para retirar exemplos e padrões para a continuidade do século e, a partir disso, 2) pensam o desenvolvimento futuro.⁷

A TM foi depreendida, conforme Kahn e seus colaboradores, de observação empírica, que indicava padrões típicos. Ela é, portanto, baseada em diversas teorias e filosofias da história e visões macro-históricas e de história universal, seguindo a já tradicional forma de trabalho do HI em considerar as inúmeras possibilidades e os diferentes contextos. Por isso, a TM é defendida como independente de qualquer perspectiva macro-histórica particular, sendo uma mistura eclética e sincrética de diferentes tipos delas. Alguns itens são pensados pelos próprios autores, enquanto outros derivam de outros autores, como, por exemplo, Pitirim Sorokin, Arnold Toynbee, Oswald Spengler, Carroll Quigley, Kenneth Boulding, Aristóteles, Marx, Santo Agostinho, entre outros. Com isso, Kahn mistura interpretações progressistas, cíclicas, de decadência ou mesmo sem padrão, tendo como resultado, por exemplo, as tendências irreversíveis que caracterizam os cenários de crescimento e queda da civilização que, para Kahn, poderiam ser ou o cenário de Toynbee-Quigley e ou o de Sorokin-Spengler. Por isso, as tendências são compreendidas, ora agindo como causas, ora como efeitos, e podendo apresentar curvas, mudanças, recuos e avanços.⁸

O primeiro ponto que alicerça essa apropriação de diferentes interpretações históricas é a característica heurística. As diferentes teorias macro-históricas são usadas por Kahn e seus colaboradores para delinear conjecturas, contextos e estruturas que serviriam como possibilidades de continuidade das tendências e para levantar questões e especular sobre o futuro. Todavia, Kahn e seus colaboradores evitam quaisquer comprometimentos ou comprovações teóricas. Assim, a elaboração da tendência múltipla tem uma característica teórica polivalente, que serve para maleabilizar o futuro.⁹

⁷ KAHN, H.; WIENER, A.J. **The year 2000**: a framework for speculation on the next thirty-three years. S/I: Hudson Institute, 1967, p. 5-7, 24-25, 27; KAHN, H.; WIENER, A.J. **O ano 2000**: uma estrutura para especulação sobre os próximos trinta e três anos. São Paulo: Melhoramentos/USP, 1968, p. 32-35, 52-57; KAHN, Herman. **World economic development**: 1979 and beyond. Boulder: Westview, 1979, p. 10, 27-29; KAHN, Herman; BROWN, Willian; MARTEL, Leon. **Os próximos 200 anos**: uma visão otimista do futuro. Rio de Janeiro: Record, 1976, p. 212-219; KAHN, Herman; BROWN, Willian; MARTEL, Leon. **The next 200 years**: a scenario for America and the world. New York: Morrow, 1976, p. 181-187; TTC, p. 7, 9. As siglas desses livros que usaremos ao longo das notas de rodapé são: *The Year 2000* (TY2000), *O ano 2000* (OA2000), *The next 200 years* (TN200), *Os próximos 200 anos* (OP200), *World Economic Development* (WED).

⁸ WED, p. 29; TTC, p. 7.

⁹ TY2000, p. 27-29; OA2000, p. 58; TTC, p. 8.

Ao se apoiar em diferentes interpretações da história, o HI pretende uma discussão que considera mais real, evitando uma boa dose da carga metafísica ou cosmológica que acredita que os defensores das teorias ou filosofias costumam imprimir a elas. A base dessa visão, conforme Kahn e os outros autores, era o elemento místico e carismático da *Weltanschauung*, que fornecia às interpretações universais da história o significado emocional e a atratividade. A recusa dos futuristas a esse aspecto ocorre pela forma que empregam essas interpretações históricas: um levantamento de possibilidades para a continuidade e o desdobramento da TM. As possibilidades visam preencher a necessidade de pensar sobre um futuro imprevisível, que não está pronto, nem determinado, podendo mudar a qualquer instante devido a aspectos tecnológicos, econômicos, políticos, sociais e culturais. Por isso há a negação dos aspectos metafísicos, teleológicos, progressistas e cíclicos, os quais contrariariam todo o esforço do planejamento defendido pelos autores.¹⁰

A tendência múltipla serve, dessa forma, como uma estrutura para o início da especulação, ela é, portanto, para Kahn, hermenêutica, propedêutica e paradigmática. Nesse contexto, o aspecto propedêutico se refere a fornecer as instruções preliminares, sem, todavia, ser uma simplificação exagerada. Heurístico, por sua vez, diz respeito a estimular e descortinar a investigação e o interesse por algum tema. Por fim, a característica paradigmática estava diretamente relacionada à delineação de contextos relacionados a uma quantidade grande de informações sobre áreas especializadas, incluindo tipologias, questões, conjecturas, dados, hipóteses, conceitos e informações empíricas. O paradigma, portanto, funcionaria, nos estudos futuros e na elaboração da TM, como um substituto de uma teoria, que estaria mais adaptado às questões práticas que estavam ligadas aos estudos futuros. A TM é construída tanto como uma categoria de entendimento histórico, quanto como uma categoria que permite delinear a história e os prognósticos, estabelecendo-se os padrões e permitindo a projeção e a especulação do futuro.¹¹

A tendência múltipla é, portanto, a base e a estrutura que elaboram um sentido para a história e para o futuro. A projeção do futuro mais básica a partir da TM seria a projeção livre de surpresas (*surprise-free projections*). Ela é, primeiramente, uma projeção, o que significa, para o HI, uma extrapolação para o futuro, diferenciando-se da previsão (*forecast*), que é quando o analista tenta estabelecer os eventos possíveis e atribuir probabilidades a eles, e da predição (*prediction*), que consiste em estabelecer probabilidades altas e exageradas para

¹⁰ KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 28-29; KAHN, H., WIENER, A. J, 1968, p. 58-59.

¹¹ TY2000, p. 5-7; KAHN, H., WIENER, A. J, 1968, p. 32-35; WED, p. 27; HUDSON Institute, volume 1, 1973, I – Card 1 The Corporate Environment Study: 1975-1985 SIDE B, General foreward to synoptic context 1, I – Commentary Card 1 The Corporate Environment Study: 1975-1985 SIDE B.

eventos específicos. Portanto, a projeção livre de surpresas é uma projeção ingênua, que supõe uma continuidade linear das tendências sem considerar grandes mudanças tecnológicas ou eventos surpreendentes. É, também, uma “média” e uma síntese das diferentes teorias pensadas para delinear a TM. Apesar de razoável, é considerada a projeção mais improvável de acontecer e, por isso, a mais surpreendente. Dessa forma, ela funciona também com um contexto e uma estrutura para pensar. A partir dessa projeção se delineia o mundo padrão (*standard world*), que é usado como diretriz para discussões, suposições, apontamentos sobre o futuro e para consideração de alternativas futuras.¹²

Essa forma de trabalho com o passado como um conjunto de tendências que são projetadas para o futuro como uma projeção livre de surpresas se aproxima muito das formas de trabalho com modelos, que vinha desde o Monte Carlo e os modelos de valores esperados, ou com os modelos abstratos usados no TATU e no OE. Tal como os modelos, a projeção livre de surpresas parte de uma “média”, de uma linearidade das tendências existentes, ou dos “recursos históricos” existentes, e assume essa situação como continuidade para o futuro e delineia um mundo modelo ou padrão.

Partindo do mundo padrão, haveria variações, as quais também podiam resultar da projeção livre de surpresas e do modelo que é o mundo padrão, funcionando assim como uma ponderação conforme os critérios metodológicos, em detrimento dos realistas, visando a comparação entre os mundos possíveis. Poderiam também ser derivações hipotéticas e bastante improváveis. O critério de escolha tanto para o mundo padrão, quanto para as variações é, conforme os autores, arbitrário, mas também probabilisticamente subjetivo.¹³

O mundo padrão e suas variações poderiam compor a envergadura mínima e máxima das possibilidades futuras, tanto a partir de projeções sistemáticas, abrangendo os desenvolvimentos plausíveis em relação às condições existentes, quanto a partir da delineação de eventos que pareciam improváveis. O conjunto de mundos futuros que decorriam diretamente da projeção livre de surpresas, conforme os analistas do HI, era mais vantajoso para analisar períodos curtos, nos quais, para eles, havia um aspecto cíclico que compreendia decênios e no qual não haveriam grandes surpresas. Porém, quando usado em projeções mais longas, essa ausência de surpresas o torna insustentável, mas não inútil, já que pode oferecer casos específicos ou exemplos que podem servir para a elaboração de hipóteses.¹⁴

¹² Usei os temas conforme a tradução brasileira do TY2000. OA2000, p. 35-36, 58-59, 68-69; TY2000, p. 8, 28-29, 37-38; TTC, p. 39-40, 43; TN200, p. 27; OP200, 47.

¹³ KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 6, 9, 37, 249; OA2000, p. 33, 36-37, 68-69, 308.

¹⁴ KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 12-13; OA2000, p. 40-41.

O conjunto formado pela tendência múltipla, a projeção livre de surpresas, o mundo padrão e as variações mínimas da projeção livre de surpresas indicam a primeira compreensão de história: a sequência das realizações humanas que culminaram no presente. É, portanto, uma macro-história, um desenvolvimento longo e estrutural. A partir do desenvolvimento geral das tendências, que explicam historicamente o contexto presente, Kahn pensa as possibilidades para o futuro, estabelece uma articulação das temporalidades como continuidade. Contudo, a projeção livre de surpresas ainda não lida com o elemento da incerteza e do contingente sobre o futuro.

IV.1.b. Os futuros variados: cenários e metáforas-heurísticas

Os cenários continuavam como ferramentas para o planejamento futuro, sendo a projeção livre de surpresas, o mundo padrão e as variações exemplos de cenários. Os cenários também serviam como um método complementar de lidar com as variações além do abarcado pela TM, a projeção livre de surpresas, o mundo padrão e suas variações. Nesse contexto, ele mantém o mesmo significado que já apresentamos anteriormente, ou seja, uma construção de sequências hipotéticas de eventos com o propósito de focar os processos causais e os pontos de decisão de forma que se culmine em uma situação pensada. Sua principal utilização é para abordar dois tipos de questões: como uma situação hipotética poderia ocorrer, passo a passo, e quais alternativas existem, para cada ator, em cada passo, para facilitar, alterar ou prevenir um processo.¹⁵

Ao ser empregado dessa forma, os futuristas do HI acreditavam que o cenário estava adaptado ao tratamento de eventos analisados em conjunto, uma vez que integrava vários elementos com algum grau de simultaneidade, visando obter uma noção dos acontecimentos e dos desenvolvimentos conforme as escolhas. Esses desenvolvimentos poderiam ser utilizados como um contexto para discussão, o que permitiria destacar as possibilidades do futuro desconhecido. Outra vantagem atribuída ao cenário é que ele forçaria o analista a trabalhar certos detalhes e integrações e poderia levantar problemas que poderiam ser negligenciados. Por fim, os cenários serviriam como “anedotas históricas”, que poderiam substituir a falta de exemplos concretos e reais.¹⁶

¹⁵ TY2000, p. 6, 262; OA2000, p. 32-33, 324; HUDSON Institute, volume 1, 1973, I – Card 2 a perspective on futurology Side B.

¹⁶ TY2000, p. 262-263; OA2000, p. 324-325.

O conjunto de cenários e variações pensadas dentro e fora da projeção livre de surpresas levaria a rotas alternativas, que ajudariam a perceber o que pode ser evitado e o que pode ser facilitado, auxiliando, assim, nas decisões a serem tomadas. Portanto, ao elaborar uma série de futuros, os autores esperam não apenas compreender os fatores isolados e suas interações, mas as consequências destes. A construção desses contextos, por fim, para os futuristas do HI, poderia melhorar o entendimento da importância do atual e de como ele poderia ser diferente. No caso de planejamentos e projeções mais longas, para as quais, segundo o HI, havia grandes chances de mudar o contexto, os cenários poderiam perder valor. Contra isso, Kahn argumenta que os cenários não deixam necessariamente de ser realistas, uma vez que são construídos sobre tendências básicas do nosso tempo. Assim, tais imagens do futuro poderiam ainda ser úteis como um contexto para o planejamento no curto prazo. Essa forma de trabalho poderia inclusive revelar os defeitos do cenário elaborado, permitindo aprimorá-lo. Ao utilizar o cenário e as variações de futuros, ou futuros alternativos, os futuristas do HI acreditavam alcançar um espectro amplo de contextos futuros abrangendo as expectativas principais e outros casos de interesse.¹⁷

Outra ferramenta mantida nesse contexto é o uso heurístico dos cenários e da história, o qual agora aparece sob o conceito de metáfora heurística (MH) (*heuristic metaphor*). A metáfora heurística remete a uma prática anterior de Kahn e do HI, que era recorrer a exemplos e cenários do passado – reais ou imaginados – para pensar o futuro. Ela é metáfora, pois retoma um *motto* que já aparecia no OTW: “A História pode não se repetir, mas pode parafrasear-se”. Ela é heurística, pois usa a ilustração, o exemplo e a analogia histórica para estimular o pensamento de possibilidades de desenvolvimentos futuros.¹⁸

A MH no planejamento do futuro muitos anos à frente é aplicada, por Kahn e seus companheiros de HI, em resposta ao reconhecimento da manifestação de mudanças que fogem da vontade ou do gosto do especulador. Afirmam, então, que essa mudança imanente à história já foi objeto de macro-histórias, as quais os futuristas do HI recorrem para elaborar a TM e para delinear padrões de processo histórico. Todavia, a aproximação realizada pelos analistas do HI não significa que a tendência múltipla dependa de alguma visão universal de história. Tais interpretações totais da história funcionam como MH, ou seja, como elemento para elaborar a tendência múltipla e suas possibilidades. Essa fuga de se alinhar ou de defender qualquer macro-história é resultado direto da própria característica da MH e da intenção em usá-la. A MH serve para comparar as diferentes suposições e as conclusões dos

¹⁷ TY2000, p. 6; OA2000, p. 32-33; WED, p. 50-51; TTC, p. 162-163.

¹⁸ TY2000, p. 32 (*History may not repeat itself, but it may paraphrase*); OA2000, p. 64.

diferentes macro-historiadores, obtendo, com isso, sugestões de possíveis padrões para o futuro. Porém, os futuristas do HI ressaltam que se deve rejeitar as defesas autorais de que determinada teoria forneça respostas precisas para as mudanças no longo prazo. Um exemplo desse trabalho com a metáfora-heurística seria a comparação entre os padrões de flutuação das culturas de Sorokin e a descrição do período de declínio de Roma de Gibbon.¹⁹

Além da aplicação para pensar exemplos de padrões históricos e comparar diferentes interpretações macro-históricas, o HI tinha outra utilização para a metáfora heurística. Partindo da premissa que a indeterminação das questões humanas é, ao mesmo tempo, básica e complexa, para os futuristas do HI não existiria uma coleção tão grande de protótipos análogos a serem selecionados na história para se trabalhar por meio de metáforas, uma vez que havia mudanças seculares básicas na estrutura geral na qual os acontecimentos ocorrem. No entanto, e com base no pensamento parafrásico, situações parcialmente semelhantes ou análogas podem, em parte, reproduzir resultados parecidos.²⁰

Os autores do HI reconhecem, contudo, que as analogias devem ser baseadas em uma experiência muito limitada devido a uma situação rapidamente cambiante. O uso de tais analogias é um processo inerentemente incerto e não confiável e, quando aplicado ao futuro, poderia ser enganoso. Além disso, reconhecem que os acontecimentos históricos cruciais normalmente carecem de padrão e são acidentais. Todavia, isso não impede que muitos acontecimentos, ou aspectos de acontecimentos, caiam em padrões, os quais, para os analistas do HI, podiam ser usados, por MH, para levantar temas, questões, conjecturas, hipóteses e para enriquecer e esclarecer as discussões.²¹

Porém, como já vimos, Kahn reconheceu e reconhecia que a analogia histórica poderia ser perigosa, pois, como os historiadores alertavam – e ainda alertam – cada fenômeno histórico é único e distinto e a tentativa de estabelecer paralelos entre dois eventos de diferentes períodos históricos seria equivocada. Por isso que a defesa do uso da história, pelo HI, é por uma forma metafórica e não analítica. Esse uso acompanhava a finalidade dos estudos futuros: ensinar, ilustrar e esclarecer. Destarte, a analogia podia ser empregada, já que não se intencionava provar algo. A história era, pela MH, uma ferramenta para comunicar uma ideia, uma forma de ensinamento do passado, mas burilado pelos interesses e necessidades do presente e por uma retórica do futuro.²²

¹⁹ TY2000, p. 26-27; OA2000, p. 55-57; Cf. ANDRIONI, F.S., 2010.

²⁰ TY2000, p. 32; OA2000, p. 64.

²¹ TY2000, p. 32; OA2000, p. 64.

²² TTC, p. 30-31

Assim, a partir do momento que há a pretensão de constituir uma estrutura para especulação no longo prazo, os autores acreditam que estariam errados tanto em ignorar as visões que poderiam ser recolhidas das macro-histórias, quanto em tratá-las muito seriamente, como teorias rigorosas. Frente a isso, existe a proposta e a defesa do uso heurístico e metafórico nos trabalhos especulativos, principalmente no sentido de fornecer exemplos instrutivos gerais ou específicos e pontuais, funcionando, dessa forma, como cenários do passado.²³

Tem-se, assim, a constituição metodológica básica do planejamento proposto no TY2000 e executado nos livros seguintes. Esse conjunto de comparações e metáforas heurísticas sobre interpretações históricas, assim como toda a metodologia de especulação do futuro, seria uma forma de constituir a opinião embasada sobre o devir incerto e desconhecido. Ao aproximar diferentes reflexões e estudos empíricos e especulativos da história, os autores buscam complementar e autorizar o estabelecimento de alguns padrões para o futuro e constituir alguns pontos nodais que seriam cruciais para a decisão. Ao expô-los, assim como ao expor como chegaram a eles, os autores estabelecem uma pretensa racionalidade de compreensão e utilização do conhecimento sobre o futuro.

A extrapolação da TM e da projeção livre de surpresas resultaria em um cenário padrão, que serviria de base e contexto para a grande parte das especulações e cenários otimistas e pessimistas do HI ao longo dos anos 70: um mundo multipolarizado, parcialmente unificado, otimista, ocidentalizado, com crescimento econômico, controle demográfico e desenvolvimento tecnológico, tudo isso culminando para concretizar a sociedade pós-industrial.²⁴

IV.2. O próximo passo da humanidade: a grande transição e uma nova sociedade

A TM, como processo histórico, era um conjunto de tendências de longo prazo que marcavam a constituição do Ocidente, tendo seu auge de disseminação após a II Guerra. Algumas das tendências que a compunham iniciaram há mais de mil anos, estando ainda presentes na atualidade e aparentavam continuar no futuro, alcançando o ano 2000 e, em alguns casos, superando-o. O conjunto de tendências que formavam a TM levaria a dois

²³ TY2000, p. 27; OA2000, p. 57-58.

²⁴ TTC, p. 40-87

processos interdependentes: uma grande transição em todo o mundo e uma profunda mudança na sociedade, inaugurando a sociedade pós-industrial.²⁵

IV.2.a. Rumo para o novo século: a visão macro-histórica e a grande transição

Kahn e o HI acreditavam na soberania e na universalização da TM para o futuro, constituindo essa característica uma das tendências que compunham a TM. Era, portanto, um aumento da área mundial influenciada pela cultura ocidental, uma vez que a universalidade da TM equivalia ao processo de ocidentalização.²⁶

A tendência inicial da TM foi a do crescimento demográfico. Segundo o HI, ela teve início entre os anos 8500 e 7000 a.C., quando acontecera a Revolução Agrícola, no Crescente Fértil, significando, para Kahn, um primeiro momento chave para a humanidade. A Revolução Agrícola, ao longo de oito mil anos, propiciou a produção de alimentos, a multiplicação dos seres humanos e o aparecimento das civilizações, criando um padrão de vida alto para as elites e garantindo a sobrevivência de várias pessoas, contudo, sem alterar o padrão de vida das massas. Desde então, a população mundial aumentou de dez milhões de pessoas, em 8000 a.C., para três bilhões e trezentos milhões, em 1965 d.C., o que daria uma taxa aproximada de 80% de crescimento por milênio. Todavia, esse crescimento não foi linear, assumindo uma taxa exponencial após 1500 d.C e explodindo na segunda metade do século XX. Os analistas do HI defendiam que essa taxa se estabilizaria entre dez e cinquenta bilhões de pessoas, com uma população de seis bilhões e quatrocentos milhões de pessoas já no ano 2000. O HI acreditava que esse crescimento diminuiria e que continuar prevendo baseado em taxas recentes era assumir a continuidade de tendências curtas em períodos longos.²⁷

Os elementos mais decisivos da TM começaram, conforme o HI, justamente quando o crescimento populacional começou a aumentar. Primeiramente, pela formação de uma cultura que tendia a se tornar empírica, secular, utilitária e manipuladora da natureza, ou, seguindo a

²⁵ O número e a substância de cada uma dessas tendências quem compõem a TM variaram ao longo dos livros. No TY2000, eram apenas treze tendências, no TTC, quinze, no TN200, dezesseis e no WED, quatorze. KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 27; OA2000, p. 57-58; TTC, p. 7; WED, p. 28; TN200, p. 183-184; OP200, p. 213-216.

²⁶ TY2000, p. 64-65; OA2000, p. 99-100; WED, p. 29.

²⁷ Há uma nota na página sete do WED, na qual Kahn explica os critérios para fazer a cotação do dólar. KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 59, 150-152; OA2000, p. 92-93; TTC, p. 22-23, 221-223; TN200, p. 40; OP200, p. 20-21; WED, p. 7-8.

conceitualização de Sorokin, uma cultura Sensorial²⁸, marcando a TM como um processo de mudança de uma religiosidade profunda para o secularismo total. Essa mudança cultural consistia em um aumento da preponderância da ciência e da tecnologia, com uma erosão sistemática do sagrado, por meio de um processo de fluxo e refluxo. Começada pela Renascença, os casos históricos da dinâmica dessa tendência foram a Reforma e a Contra-Reforma e o Iluminismo e a reação romântica. Nos anos 60 e 70, Kahn e seus colaboradores acreditavam em um período Sensorial tardio, com expressões culturais e comportamentos sociais cínicos, niilistas, desiludidos, efêmeros e alienados, os quais poderiam ser restritos ou disseminados na sociedade. Junto dessa tendência cultural estava uma estrutura social e uma forma política que surgiam de outra tendência, a do aumento da dominação da mentalidade econômica burguesa, burocrática, meritocrática, nacionalista e democrática, iniciada com a Reforma.²⁹

Por burguês, os autores entendem a defesa de valores econômicos e ideologias que caracterizaram as novas classes médias, as quais emergiram do colapso da sociedade feudal. Esses valores eram os de conquistas pessoais ou familiares, de prudência financeira, de cálculo econômico, de previsão comercial e de sucesso profissional e nos negócios como um imperativo moral. Porém, decorrente da própria dinamicidade da tendência múltipla, a

²⁸ O conceito de sensorial, ou *sensate*, aparece no *Social and Cultural Dynamics*, de Pitirim Sorokin. Nessa obra, Sorokin argumenta que toda a história do Ocidente – que começa na Grécia Antiga e estende-se até o século XX d.C. – consiste na sucessão de três culturas: a *Sensate*, a *Ideational* e a *Idealistic*, que variam de acordo com um padrão repetido. Começando pela Grécia Antiga, Sorokin identifica a cultura *ideational*, uma cultura marcada pela verdade da fé e da revelação divina. Essa verdade suporta uma forma de racionalismo religioso, no qual as inferências da mente ainda são subordinadas à fé, mas que, pouco a pouco, começa a se centrar cada vez mais na razão humana e na lógica, estabelecendo um conflito entre a verdade da cultura anterior e a que marcaria a próxima. Esse momento de transição e integração seria, portanto, a cultura *idealistic*. Buscando, então, confirmação da dedução mental além da revelação divina, começa a se desenvolver o empirismo e a busca dessa atestação no mundo material. Com isso, inicia-se a cultura *sensate*, assentada na percepção dos sentidos: o que eles percebem é considerado a verdade. Esse processo representa uma passagem da satisfação religiosa da cultura *ideational* para a satisfação material da *sensate*, que acaba, após um tempo, redundando em pensamentos relativistas, céticos, cínicos e niilistas, eliminando toda possibilidade de verdade. Com essa decadência *sensate*, a busca pela verdade volta, reafirmando a cultura *ideational*. Resumidamente, esse seria o processo, iniciado, então, na Grécia Antiga, com uma cultura *ideational*, e culminando em uma decadência *sensate* no Império Romano, quando o Cristianismo surge como uma nova fase *ideational* que, segundo Sorokin, encerrava-se no século XX, com uma nova fase de decadência *sensate*. SOROKIN, Pitirim A. **Social and cultural dynamics: a study of change in major systems of art, truth, ethics, law and social relationships** (abridged by Sorokin, P.A.). Boston: Extending Horizon/Porter Sargent, 1970, p. 27-29, 115, 148, 226-230, 236-238, 249, 257-263, 272, 282-283, 303-306, 315-322, 367, 427-428, 474-482, 697-698; SOROKIN, Pitirim A. **Social and cultural dynamics**. New York/ Cincinnati/ Chicago/ Boston/ Atlanta/ Dallas/ San Francisco: America Book Company, 1937. v.2, p. 5-9, 24-27, 41, 47, 61-679, 76-77, 108, 211-217, 229-239. Para ver isso aplicado à especulação do futuro de Kahn, Cf. ANDRIONI, F.S. 2010.

²⁹ TY2000, p. 64-65; OA2000, p. 99-100; WED, p. 29; TTC, p. 9-11.

prosperidade e os desenvolvimentos, que decorreriam da tendência das elites burguesas, poderiam levar a um colapso dos valores burgueses.³⁰

Associada à burguesia, para o HI, está a ideia de democracia. Para Kahn e seus colegas do HI, a democracia burguesa tende a se assentar sobre o conceito de contrato social entre o povo e o governo. Assim, o povo pode “demitir ou contratar” seus governantes, e nenhum grupo específico possui direitos teocráticos ou aristocráticos sobre o governo. Ou seja, o governo democrático é, para o HI, uma clara expressão da ideologia democrática e da ideia contratual. Significa, assim, uma base política popular, a qual pode ser totalitária ou tirânica, sem ser somente imposta por cima, e provém alguma mobilidade econômica e igualdade relativa no acesso às oportunidades. Essas administrações modernas também se caracterizam por serem meritocráticas, que significa, para o HI, valorizar a habilidade, o talento e o desempenho ao invés do nascimento ou riqueza, e por serem burocráticas, independente se capitalistas ou comunistas, pois o emburguesamento, segundo Kahn, também ocorria entre os membros das classes trabalhadoras, tanto do campo, quanto da indústria, em seu processo de se tornar classe média.³¹

A última característica burguesa seria o nacionalismo, que ascendeu junto à classe média. A ideia nacionalista reconhece que o povo (a nação) possui o direito, por contrato, a um governo de (e por) seu próprio tipo. Para os futuristas do HI, os governos de Stalin, Hitler e Mussolini, por exemplo, encontraram seu apoio nas classes médias e foram expressões nacionalistas. O nacionalismo e a ascensão burguesa, portanto, eram também frutos de outra tendência, a de centralização e concentração do poder político e econômico, a qual, para os autores do HI, poderia ser revertida nas décadas de 70 e 80 e que já estava em decadência, principalmente na área da OTAN. Essa tendência pareceu sofrer uma redução, desde as guerras mundiais, com o fim dos impérios coloniais e a formação de diversas nações. Para os analistas do HI, esse processo de formação de nações estava perto do fim e novas formas de centralização de poder apareceriam em níveis acima dos nacionais, a partir de políticas de blocos, sendo a Comunidade Econômica Europeia (CEE) um exemplo. A centralização também ocorreria no nível econômico com a centralização das atividades econômicas no governo e com a criação de conglomerados de empresas.³²

A tendência de mudança cultural e a tendência de ascensão burguesa deram vazão ainda a uma série de outras tendências como a de acumulação de conhecimento científico e

³⁰ TY2000, p. 48; OA2000, p. 81; TTC, p. 11-13.

³¹ TY2000, p. 48-49; OA2000, p.81-82; TTC, p. 12-13.

³² TY2000, p. 49-50; OA2000, p. 82-83; TTC, p. 13-15.

tecnológico, de institucionalização da mudança através da pesquisa, desenvolvimento, inovação e difusão, de industrialização, de modernização, de aumento das riquezas mundiais e de engenharia social, além de reforçar a de crescimento populacional. Todas essas tendências, conforme Kahn e seus colaboradores, confluíram na Revolução Industrial, outro momento chave para a humanidade. Ela iniciou na Holanda e na Inglaterra por volta de 1776 e, tal como a Revolução Agrícola, espalhou-se pelo mundo, porém, agora, alterando os padrões de qualidade de vida ao permitir o crescimento sustentado em um nível médio de rendimento, o qual atingiu cerca de dois terços da população mundial. Assim, enquanto a Revolução Agrícola deu vazão a um processo que durou cerca de dez mil anos, o processo iniciado com a Revolução Industrial parecia que chegaria ao fim após quatrocentos anos, no final do século XXII. O início do fim da Revolução Industrial, conforme o HI, dataria do século XX e início do XXI, com a emergência da sociedade pós-industrial, seguida por mudanças nas instituições e na cultura, gerando uma sociedade nova e mais apropriada ao seu tempo.³³

Um dos aspectos que concorreria para o surgimento dessa nova sociedade seria o científico e tecnológico a partir das tendências de acumulação do conhecimento científico, de institucionalização da mudança e de industrialização e modernização. As tendências relacionadas à ciência e à mudanças tiveram início na Renascença, por financiamento dos príncipes aos cientistas e inventores. Essas tendências foram formalizadas no século XVII, com a fundação da *Royal Society* e com similares em outros países, promovendo atividades de invenção e de pesquisa. Depois, no começo do século XIX, surgiram os primeiros laboratórios e os ambientes de pesquisa nas universidades, representando uma institucionalização gradual dos cientistas. A tendência de industrialização e de modernização derivou, por sua vez, dos desenvolvimentos da tecnologia agrícola na Alta Idade Média. Porém, seu crescimento se deu justamente a partir da Revolução Industrial, na Europa e nos EUA, e espalhando-se para o resto do mundo, alterando permanentemente a qualidade e as características da vida humana. Essa tendência levaria os países do mundo, nos próximos dois séculos, a alcançar altos níveis dentro da sociedade industrializada. Em paralelo a essas três tendências, prologando-se desde a Renascença, havia, segundo os futuristas do HI, a tendência de engenharia social. Iniciada, entre outros, por Maquiavel, tentava aplicar a razão para moldar o mundo. No século XVII, a estatística, depois, no século XVIII, a antropologia e a sociologia e, no século XIX, o socialismo vieram compor e contribuir para a tarefa de engenharia social. A “Great Society”,

³³ TY2000, p. 65; OA2000, p. 99-100; WED, p. 7, 28; TN200, p. 20-21, 213-216; OP200, p. 40, 182-184; PANERO, Robert. **Some corporate environment perspectives** (HI-1673-D). Croton-on-Hudson: Hudson Institute, 2 August 1972, p. 10.

proposta pelo presidente Lyndon Johnson, segundo Kahn, também estava inserida dentro dessa tendência.³⁴

A continuidade desse conjunto de tendências teria implicações em diferentes campos. No campo tecnológico e político, a TM conduziria a interações entre as ciências e as tecnologias, por meio das tendências de acumulação de conhecimento científico e tecnológico, de institucionalização da mudança tecnológica e de aumento do ritmo de mudança, tudo resultando em soluções ou inovações inesperadas. Todas essas mudanças poderiam colaborar com a engenharia social, alterando significativamente a sociedade nos anos vindouros. Porém, para os autores, esse desenvolvimento não deveria abandonar a orientação de mensurar o benefício adquirido, como ela influenciaria o inimigo, os aliados e a corrida armamentista. Portanto, Kahn e seus colaboradores cogitam que alguns avanços poderiam alterar o eixo de poder mundial, como novos dispositivos bélicos ou novos materiais, e que tecnologias controversas deveriam ser desencorajadas por políticas governamentais, como uso de drogas para alterar o ânimo, por exemplo. Por fim, alguns avanços, como instalações lunares, conferências por TV, luas artificiais, etc, teriam consequências incomuns, enquanto que outras, como crescimento artificial de membros e viagens interestelares teriam consequências radicais e seriam pouco prováveis.³⁵

De forma geral, portanto, a tecnologia traria os problemas da acelerada proliferação nuclear, da perda da privacidade e do poder privado ou governamental excessivo sobre o indivíduo. Tudo isso resultaria, então, em uma centralização excessiva, já que as decisões necessárias se tornariam muito amplas, complexas, importantes e incertas frente às mudanças rápidas enfrentadas, podendo afetar, com isso, o equilíbrio de poder mundial e a sociedade. Na questão da política internacional, as principais consequências decorreriam das tendências já citadas, agravadas pelo ritmo de mudança nas tecnologias militares e pelo aumento e disseminação da capacidade de destruição em massa, que Kahn já percebera no OTW. Os resultados políticos disso influenciariam a *détente* com a URSS e dependeria de fatores como o desenvolvimento da tecnologia militar europeia, o que, por sua vez, estaria ligado à capacidade de a Europa trabalhar em conjunto e à capacidade de defesa dos soviéticos. Kahn acreditava na continuidade de algumas crises, entre elas, as que dividiam países, como, por exemplo, as crises da Coreia, do Vietnã e da Alemanha. Acreditava também na possibilidade de novas crises entre árabes e Israel, crises no Leste Europeu, na China, na África e entre o Paquistão e a Índia. Outras crises possíveis poderiam advir da violência não autorizada, as

³⁴ TTC, p. 16-18, 27-29; WED, p. 11.

³⁵ KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 50-57, 66-67, 82; OA2000, p. 83-90, 101-102, 119.

quais Kahn pensa, a partir da metáfora-heurística, baseado no que ocorreu desde meados do século XIX até 1914, como, por exemplo, uma repetição, em Israel, de um fato como o assassinato do arquiduque. Algumas variações da projeção livre de surpresas, nesse sentido, eram uma situação mundial com países isolacionistas, o que poderia representar ou pouco controle de armas e acordos multinacionais, ou um mundo com alto grau de hostilidade internacional. Por fim, outra possibilidade de mundo era o de aumento da tensão internacional, que poderia decorrer, por exemplo, do mundo anterior. Contudo, a projeção livre de surpresas indicava uma política tecnológica internacional mais prudente, já que, nos últimos anos, nenhuma nação começou programas nucleares que não tivessem fins pacíficos.³⁶

Outra tendência que decorreu das culturas mais mundanas e empíricas e de elites burguesas, e que acompanhou também a de industrialização e a modernização, foi a urbanização. Conforme os autores, as grandes cidades ao longo do mundo teriam alcançado condições similares de modernização e essa tendência continuaria em todo o mundo. Isso seria um fenômeno do século XX que teria virtudes e problemas como: favelas, trabalhadores perdendo espaço para automação, grandes universidades, engenheiros peritos e cientistas, estruturas similares de preço para várias atividades, entre outros. O crescimento urbano tenderia a aumentar no futuro, formando megalópoles nos EUA, Inglaterra e Japão. A urbanização, contudo, somada às tendências de aumento da riqueza e de desenvolvimento científico, poderia gerar uma dicotomia até o ano 2000, quando, nos seis países mais populosos, metade da população mundial estaria parcialmente industrializada. Assim, a partir das diferentes taxas de crescimento dos países e de acordo com os programas internacionais existentes, as disparidades poderiam aumentar, fazendo com que a América do Norte, Oceania, Europa e Japão tivessem um desempenho econômico equivalente ao resto do mundo. As pessoas dos países subdesenvolvidos perceberiam o seu crescimento, porém, o hiato entre eles e os desenvolvidos seria cada vez maior, podendo gerar crises sérias no mundo. Todavia, conforme a projeção isenta de surpresas, até o fim do século XX, a maioria dos habitantes do mundo viveria em áreas urbanas tradicionais, e a maioria da população do mundo desenvolvido, entre 80 e 90%, estaria urbanizada.³⁷

Essas aglomerações urbanas produziriam, conforme os futuristas do HI, uma diminuição da importância dos setores primário e secundário e o aumento da importância dos

³⁶ KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 71-86, 116, 226-228, 242-247; OA2000, p. 106-124, 161-162, 281-283, 301-308; TTC, p. 17, 40-87; KAHN, H. July 1, 1969, p. 15-16, 30-31.

³⁷ KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 58-62, 141; OA2000, p. 91-97, 190; TTC, p. 19, 23-25

setores terciário e quaternário, compondo, assim outra tendência da TM. O setor primário era composto pelas atividades extrativistas, como agricultura, mineração, silvicultura e pesca, marcando uma sociedade que estava em conflito e interação³⁸ direta com a natureza e tinha que se proteger contra invasores. São as típicas sociedades pré-industriais. O setor secundário correspondia à construção e à manufatura, caracterizando sociedades e culturas urbanas típicas dos estados-nações, que interagem e jogam ainda com a natureza, mas também com matérias-primas, marcando a distinção entre cidade e campo. A guerra nessa sociedade é organizada. Kahn e os colaboradores definem o setor terciário como o conjunto de serviços prestados às ocupações primárias, secundárias ou a outras atividades terciárias, englobando transporte, comunicações, seguros, finanças, administração, engenharia, propaganda, educação e várias atividades governamentais. Com esse setor de serviço, a sociedade já tem um controle relativo sobre a natureza e as limitações determinadas pelas matérias-primas são cada vez mais importantes devido ao desenvolvimento tecnológico e à prosperidade. As interações e os jogos, nesse momento social, são com as organizações. Apresenta, por isso, um pluralismo organizacional e profissional e as corporações transnacionais dominam os negócios. O conhecimento tem papel central, acompanhando o crescimento das elites burocráticas e intelectuais. A guerra, aqui, se torna localizada e limitada³⁹.

O setor quaternário, por sua vez, iniciado no começo do século XX, ao representar uma transição parcial para um tipo de economia de serviço diferente, ocorreria nos países de capitalismo avançado, caracterizando o século XXI. Ele abrangeria os setores que prestam serviço ao terciário ou entre si, englobando atividades estéticas, execuções artísticas, turismo, jogos, culinária, atividades na natureza, *hobbies*, recreações e projetos públicos. Existiria, ainda, na opinião dos analistas do HI, uma mudança grande na sociedade por meio do setor quaternário, já que tal setor concentrar-se-ia fortemente em vários níveis e agências governamentais, em grupos profissionais e em grupos privados sem fins lucrativos – ou seja, os TTs tal como o HI. Isso, então, tornaria, junto com outros fatores, a empresa comercial privada a principal fonte de inovação, proeminência e remuneração na sociedade. Portanto, seria um momento da sociedade em que a interação e o jogo seriam entre as pessoas ou as comunidades, com o conceito de jogo perdendo o sentido metafórico e adquirindo um sentido mais literal. A guerra é uma anomalia. Essa diminuição da importância do setor primário seria

³⁸ Em inglês, Kahn usa “play games with and against nature”, ou seja, “jogar jogos com e contra a natureza”. A palavra “game” ou jogo se refere à ideia, trazida lá da teoria dos jogos, de que, como em um jogo, as atividades econômicas são governadas por várias regras e costumes formais e informais e que as estratégias e táticas racionais podem ser importantes para as conquistas dos objetivos desejados, WED, p. 12.

³⁹ TY2000, p. 62-63; OA2000, p. 97-98; TTC, p. 25-26; OP200, p. 41-43; TN200, p. 21-23; WED, p. 12-13.

acompanhada, ainda, por uma diminuição na dependência do acesso a matérias-primas caras ou inconvenientes, o que tornaria a geografia e a localização questões menos cruciais.⁴⁰

O desenvolvimento das tendências vistas até agora engendraria e influenciaria a tendência de alfabetização e educação, a qual iniciara ainda na Idade Média. Os autores, afirmando a interatividade entre os elementos da tendência, argumentam que o aumento da alfabetização e da educação tem uma óbvia relação com todas as outras tendências, especialmente com a de institucionalização da inovação e a de ênfase nas funções quaternárias. O resultado desse processo foi o crescimento dos meios e instituições dedicadas ao conhecimento e à educação, necessárias à burocracia governamental, às indústrias e aos setores terciário e quaternário. A educação também acompanhava o crescimento econômico, aumentando, com isso, a influência dos intelectuais sobre a sociedade, por diversos meios, inclusive os TTs. Como resultado disso, a expectativa de escolaridade da sociedade tenderia a crescer.⁴¹

Todas essas tendências, para o HI, indicavam a continuidade da ocidentalização no que restava do século XX e, portanto, da universalidade da TM, a partir de uma projeção livre de surpresas e do estabelecimento de um mundo padrão que compreendia o mundo com Estados cada vez mais burocratizados, militarizados, educados e econômicos. Os símbolos desse processo seriam tomar Coca-Cola, vestir roupas ocidentais, possuir aparelhos de rádio e andar de bicicleta e automóvel. Ou seja, era o caminho rumo a uma similaridade cultural inédita, com metrópoles americanizadas e com uma cultura globalizada. O mundo, na opinião do HI, estaria, dessa forma, parcialmente unificado a partir da cultura ocidental, que cobriria metade da população do planeta. Porém, seria um mundo multipolarizado, com a perda de poder dos EUA e URSS, crescimento do Japão, recuperação das duas Alemanhas e uma CEE mais forte. A economia nesse mundo ocidentalizado também seria mais competitiva, com um entendimento geral dos processos e técnicas para manter o desenvolvimento econômico, com uma revolução agrícola em marcha e com o crescimento das corporações multinacionais como inovadoras da atividade econômica e estimuladoras do crescimento. Tudo isso propiciaria o crescimento do comércio, das comunicações e das viagens. Novas questões de controle internacional também surgiriam, com novos conflitos na Ásia, Oriente Médio e África, assim como movimentos messiânicos e nativistas. Os revisionismos do capitalismo, do comunismo e da cristandade também seriam uma realidade, assim como movimentos

⁴⁰ TY2000, p. 62-63; OA2000, p. 97-98; TTC, p. 25-26; OP200, p. 41-43; TN200, p. 21-23; WED, p. 13-14.

⁴¹ TY2000, p. 63-64; OA2000, p. 98-99; TTC, p. 26-28.

populistas e conservadores, em resposta aos movimentos, nas sociedades de industrialização avançada, contrários aos ideais burgueses.⁴²

Acompanhando e permeando toda essas tendências, estava a tendência de aumento da riqueza, que era medida pelo HI a partir da relação Produto Nacional Bruto⁴³ (PNB) e população, o que dava o índice de PNB per capita. A tendência de crescimento da riqueza era esperado que continuasse, passando de cerca de dois trilhões de Produto Mundial Bruto, em 1950, para entre quinze e vinte trilhões no ano 2000, constituindo “o meio século de transição rápida e mundial”⁴⁴, o qual seria acompanhado, ainda, pela estabilização da população mundial em uma taxa relativamente fixa. Essas mudanças, aliadas com todas as outras, marcariam, então, uma transição do pobre para o mais rico, do rural para o urbano, do pré-industrial e analfabeto para o industrial e alfabetizado, do mal alimentado, com moradia precária, mal vestido e com baixa expectativa de vida para o bem alimentado, com boa moradia, bem vestido e com alta expectativa de vida. Seria a preparação e consolidação de uma nova sociedade, resultado de uma grande transição da humanidade.⁴⁵

A transição para uma nova sociedade, caracterizada por atividades quaternárias, segundo Kahn e seus colaboradores, marcaria um novo momento da história da humanidade. Conforme Kahn, esse caminho histórico era composto por três estágios e dois períodos curtos e praticamente instantâneos de transição. O primeiro estágio, antes de 8000 a.C., seria o de caça e de coleta de comida, sendo, portanto, pré-agrícola, tribal e primitivo. A primeira transição ocorreria, conforme Kahn, antes de 8000 a.C. e é chamada de Revolução Agrícola. Como já vimos, ela permitiu a produção de alimentos em grande escala, sendo decisiva para a dispersão do homem pelo mundo. Todavia, esse processo, conforme Kahn, levou milhares de anos para se disseminar. Um segundo estágio, após 8000 a.C., seria basicamente agrícola, pré-industrial e civilizado, alcançando até 1800 d.C. Entre 1800 d.C. e 2200 d.C., seria a segunda transição, chamada de modernização ou Grande Transição. Os quatrocentos anos que a compreenderiam marcariam um fim quase instantâneo da era chamada de civilizada e a criação de algo novo. Ela seria composta por dois períodos distintos, com duas transições complementares, um anterior ao ano 2000 e outro, posterior. O período entre 1800 e 2000,

⁴² TTC, p. 19, 40-87.

⁴³ PNB é a relação da estimativa aproximada, em um país, do total de número de horas trabalhadas e do valor médio de bens e serviços que são produzidos KAHN, H., WIENER, A.J, 1967, p. 123, 73; HUDSON Institute. **1973 Synoptic Context on The Corporate Environment (1975-1985)**: prospects for mankind, the role of “futurology” ideologies, and the current Hudson Institute paneqole study (HI-1892/2-CC). Volume 2. Croton-on-Hudson: Hudson Institute, 1973, II – Card 1 A global (post-industrial) perspective on GWP and GWP/CAP and on the economic development of mankind Side B.

⁴⁴ “the half century of rapid and worldwide transition”, tradução nossa, WED, p. 8.

⁴⁵ TTC, p. 21; WED, p. 7-11.

iniciado pela Revolução Industrial, era o dos vários estágios de industrialização, podendo ser chamado também de moderno e/ou tecnológico. O período de 2000 d.C. a 2200 d.C. marcaria o último estágio, o da Grande Transição, atingindo o alto nível de riqueza econômica que caracterizaria a sociedade pós-industrial e alteraria a TM, tornando-a universal, por meio de uma europeização ou ocidentalização do mundo. Todo esse processo, conforme Kahn, seria o da jornada da humanidade de um mundo que era praticamente inóspito para seus poucos habitantes em direção a um mundo totalmente comandado e desfrutado pelas multidões.⁴⁶

A conceitualização e a hipótese da Grande Transição funcionavam, também, como uma resposta consciente à questão que para o HI e Kahn se impunha, e que, segundo eles, já constituía uma dúvida desde a Revolução Industrial: até quando duraria os crescimentos econômicos e populacionais em taxas altas? Para Kahn, as taxas altas de crescimento da Revolução Industrial se referiam a um período de transição da história. Acreditando contrariar a crença de muitos, inclusive de uma elite acadêmica, principalmente, desde 1972, com as teses do limite do crescimento vinculadas ao Clube de Roma, o HI defendia uma visão otimista.⁴⁷

Para Kahn, ao menos que o futuro fosse impedido por uma guerra nuclear, quase toda a humanidade estaria materialmente melhor, pois, “se tudo for bem, os séculos vindouros poderão bem ser quando a verdadeira história da humanidade começar”⁴⁸. Kahn acreditava que a pobreza absoluta, a fome, a peste, a doença, o analfabetismo e o trabalho exaustivo, ou seja, todos os males presentes ao longo da história humana, estariam praticamente vencidos e, talvez, de uma vez por todas. Isso, todavia, geraria o problema de ocupação e de tédio, abrindo oportunidades, tanto para o bem, quanto para o mal. Essa nova fase foi pensada, dentro do HI, centrada nos EUA, primeiro, por se acreditar que ali se concretizaria a nova sociedade, mas também porque essa nova sociedade seria de valores americanos, como direito à educação, ao carro, a emprego, à liberdade, ao consumo e à meritocracia. Portanto, era uma senda à energia nuclear, ao turismo, aos computadores, à comunicação, aos automóveis e a novas facilidades. Em suma, para os futuristas do HI, seria uma era do crescimento e não de seus limites, uma era do aumento das variedades, com mais e mais pessoas e mais e mais escolhas. Os resultados dessa transição e os desdobramentos possíveis dela permeiam toda a construção elaborada por Kahn sobre a sociedade pós-industrial.⁴⁹

⁴⁶ TN200, p. 23-24; OP200, p. 44-45; WED, p. 7-8, 18-20, 27.

⁴⁷ WED, p. 11-12.

⁴⁸ “If all goes well, the centuries to come could well be when humanity’s true history begins”, tradução nossa, WED, p. 16

⁴⁹ WED, p. 15-16; PANERO, Robert, 2 August 1972, p. 2-3.

IV.2.b. Sociedade pós-industrial: o próximo passo da humanidade

Kahn reconhece que a terminologia “pós-industrial” foi retirada do livro *The coming of the post-industrial society*, de Daniel Bell. Também argumenta que a ideia do que seria a sociedade pós-industrial se aproximaria do entendimento de Marx de que, após uma violenta revolução que acabaria com os capitalistas, a humanidade atingiria uma nova fase e uma sociedade melhor, e de J.M. Keynes, que, segundo Kahn, também anteviu uma Grande Transição na direção de uma sociedade quaternária, na qual se descortinaria um mundo melhor, com os valores e as prioridades do sistema capitalista rejeitadas e com a humanidade livre para buscar objetivos mais nobres. Para Kahn, seus cenários da sociedade pós-industrial e da Grande Transição eram, todavia, diferentes dos de Marx e Keynes, pois não antecipavam uma utopia futura. Para Kahn, o futuro poderia estar repleto de desordem ou de ordem imposta, autoritária e com perda de privacidade, aproximando-se, por exemplo, das distopias do *1984* e do *Admirável Mundo Novo*⁵⁰.

A sociedade pós-industrial seria o mundo padrão futuro, o modelo para pensar a sociedade futura e a possibilidade livre de surpresas decorrente da tendência múltipla. Contudo, para explicar e tentar entender as possibilidades de desenvolvimento e as variações para o futuro que acompanhariam o surgimento dessa nova sociedade, Kahn e seus colaboradores e colegas do HI recorrem também às metáforas-heurísticas e aos cenários. Começando pela TM e pela projeção livre de surpresas, Kahn parte da explicação da tendência do aumento da riqueza, a partir da qual os autores do HI categorizam o desenvolvimento das nações em estágios, os quais fornecem, diacronicamente, um sentido histórico, e, sincronicamente, os diferentes níveis de desenvolvimento das nações no mundo.

O estágio inicial seria o pré-industrial, no qual alguns países ainda se encontravam e era considerado, pelo HI, uma condição historicamente normal, já que nos últimos dez milênios, exceto nos últimos dois ou três séculos, nenhuma sociedade humana obteve uma renda per capita anual fora do espectro que caracterizava esse estágio, ou seja, abaixo de cinquenta dólares e acima de duzentos dólares. Por isso, para os autores, a Indonésia era, na época, uma civilização normal: população acima de cem milhões de pessoas e uma renda per capita média de cem dólares. Ou seja, os indonésios viviam em condições semelhantes a dos romanos antigos.⁵¹

⁵⁰ TY2000, p. 346-347; OA2000, p. 425-427; WED, p. 12-14; HUDSON Institute, 1973, volume 2, II – Commentary Card 3 Disillusionment with progress Side A

⁵¹ TY2000, p. 57; OA2000, p. 91.

No entanto, a tendência de industrialização e de modernização, conforme os autores, mudou o parâmetro da sociedade pré-industrial, gerando sociedades parcialmente industrializadas, com renda entre duzentos e seiscentos dólares per capita anual. A continuidade – que não necessariamente ocorreria em todas nações – resultaria em sociedades industrializadas, como os EUA da década de 20, ou a Europa posterior à II Guerra, com rendas que variavam entre mil e quinhentos dólares e quatro mil dólares per capita por ano. O próximo estágio do processo seria a sociedade de consumo em massa, com rendas que variavam entre mil e quinhentos dólares e quatro mil dólares per capita por ano, e que surgira, após a II Guerra, nos EUA. O Japão também estava nessa categoria, apesar de uma renda menor que mil dólares, enquanto que a URSS, não, apesar de possuir uma renda de mil e quinhentos dólares – ou seja, não era um critério somente econômico. Por fim, a sociedade pós-industrial seria alcançada com uma renda per capita anual acima de quatro mil dólares.⁵²

Para Kahn, as condições necessárias para a concretização da sociedade pós-industrial estavam ligadas ao crescimento econômico que acontecera desde 1952, que parecia continuar regularmente até o ano 2000. Conforme Kahn, haveria também fatores temporários que poderiam contribuir com o crescimento, como, por exemplo, o deslocamento da força de trabalho do campo para as cidades e a alocação de trabalhadores desempregados em atividades produtivas. Contudo, a concretização do crescimento populacional previsto para o ano 2000 resultaria em um agravamento das diferenças econômicas, uma vez que os países menos desenvolvidos teriam três quartos da população mundial e 14,5% da produção mundial. Apesar disso, essas nações presenciariam melhoras em seus padrões de vida, já que haveria um aumento do PNB per capita. Os analistas do HI projetam que 40% da população do mundo viveria em sociedades pós-industriais ou industriais, sendo que 90% teriam abandonado a faixa de renda histórica entre cinquenta e duzentos dólares per capita. O HI apostava, portanto, na continuidade do crescimento, porém, com taxas cada vez menores, resultado de uma queda na demanda. Haveria, ainda, um nivelamento, uma estabilização do nível de crescimento, tanto econômico quanto demográfico, representando uma reta em um gráfico, fruto de tendências como as de modernização, de alfabetização, de urbanização, de desenvolvimento científico e tecnológico na saúde e na tecnologia, de controle do crescimento demográfico, de políticas que desenvolveriam novos valores e de serviço quaternário.⁵³

⁵² KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 57-59; OA2000, p. 91-93.

⁵³ KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 59-61, 123, 127-128, 141-143; OA2000, p. 92-95, 169-170, 174-175, 190-192; TN200, p. 7-8, 22-23; OP200, p. 25-26, 42.

Um problema que acompanharia todo esse processo de transição para a nova sociedade seria o do hiato entre os padrões de vida dos países com economia desenvolvida e os subdesenvolvidos, ou seja, em níveis pré-industriais ou parcialmente industriais, pois eles estariam enfrentando os problemas do início da tendência múltipla, ou seja, problemas de industrialização e urbanização, e esperariam o progresso econômico tendo como referência o das nações avançadas. As reações dos países menos desenvolvidos, que poderia ser ou de satisfação pelo progresso geral, ou de ressentimento pelas disparidades entre os países, estaria submetida a fatores econômicos, culturais e políticos. Essas disparidades ficariam ainda mais evidentes com o desenvolvimento da comunicação e dos transportes.⁵⁴

O crescimento econômico propiciado pela industrialização culminaria, ainda, no aumento da produtividade horária, que já vinha aumentando, segundo o HI, desde a II Guerra. O que propiciou essa situação, conforme Kahn e seus colaboradores, foi a automação, que criaria e poderia criar tantos empregos quanto eliminava e eliminaria, contribuindo, então, com o aumento da produtividade e com o crescimento econômico, influenciando ou consolidando sua base em muitas áreas, por exemplo, nos correios, no ambiente doméstico, ou na informação. Em paralelo, a média de horas trabalhadas diminuiu e diminuiria, o que poderia significar um aumento nas horas dedicadas ao lazer. Essa configuração do regime de trabalho também permitiria a aposentadoria precoce. Porém, em contraposição, as pessoas teriam uma vida ativa mais longa – que decorreria de todos os avanços médicos – assim como férias mais duradouras, já que a semana de trabalho seria reduzida para quatro ou cinco dias. Esse contexto permitiria, então, que os valores relacionados ao lazer e à recreação ganhassem nova ênfase, sem, contudo, representar um decréscimo da produtividade, que se manteria igual ou aumentaria através da inclusão da tecnologia por meio da automação, por exemplo.⁵⁵

A sociedade pós-industrial também representaria um momento de transição no campo tecnológico. Se, antes, segundo Kahn, existiram a idade do ferro, da energia elétrica e do automóvel, a nova era que se anunciava seria a da eletrônica, dos computadores, da automação, da cibernética, do processamento de dados e afins. Dentro desse contexto, o computador, para o HI, poderia efetuar uma extensão dramática da força humana sobre o ambiente, além de várias mudanças sociais e econômicas. Todavia, o ritmo de mudança instaurado nublava qualquer previsão mais precisa. Por exemplo, se a capacidade dos computadores continuasse a crescer nas mesmas taxas até o fim do século, os conceitos sobre as suas limitações teriam que ser reconsiderados. Assim, os computadores poderiam chegar a

⁵⁴ KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 59-61, 141-143; OA2000, p. 92-95, 190-192 ; TTC, p. 56-57, 144-145.

⁵⁵ KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 123-127, 194-198; OA2000, p. 169-174, 244-247; TTC, p. 225-226.

igualar, simular ou até mesmo superar algumas das habilidades intelectuais humanas. Outra tecnologia que teria importância era a TV a cabo, que revolucionaria o entretenimento.⁵⁶

Haveria, ainda, para os futuristas do HI, uma grande revolução no quesito de obtenção e processamento de informação, já que novas tecnologias para adquirir, processar, guardar, recuperar e usar informações surgiriam e poderiam ser usadas pelo governo no controle das práticas coletivas e individuais dentro de cidades e países, servindo, inclusive como formas de observar a vida alheia. Há, portanto, no conjunto dos desenvolvimentos tecnológicos, tanto uma possibilidade de incremento das satisfações cognitivas, quanto um perigo de um governo autoritário, ou um dilema de governo, entre um controle e um conhecimento que ajudariam o ato administrativo e uma forma de autoritarismo que obscureceria as individualidades.⁵⁷

Outras questões éticas que derivariam dos avanços tecnológicos estavam ligadas aos desenvolvimentos da bioquímica e da medicina. Esses avanços afetariam não somente a psicologia, o vigor, a saúde e a longevidade, mas também a constituição genética dos seres humanos. Isso ocorreria por meio de avanços médicos como órgãos e membros reimplantados ou artificiais, diminuição da mortalidade em certas faixas etárias, tratamento contra doenças mortais, controle do envelhecimento, técnicas para salvar vidas prematuras, mecanismos de controle de natalidade e o desenvolvimento da farmacologia. Todos esses avanços influenciariam as taxas de mortalidade e as de nascimento e, de forma mais geral, o crescimento demográfico.⁵⁸

O conjunto da TM como uma projeção isenta de surpresas, segundo Kahn e seus colaboradores, resultaria e reforçaria, portanto, um mundo com prosperidade relativamente tranquila, alterada pelas novas tecnologias e com uma mudança na ênfase das atividades, com destaque ao lazer e à redução das pressões do trabalho. Em paralelo, presenciar-se-ia a ausência de desafios internacionais e um crescimento populacional controlado. Além disso, haveria, paradoxalmente, o aumento de disponibilidade de bens e de serviços de transporte e de comunicação e um alto nível de automação que diminuiria o número de trabalhadores necessários para manter a quantidade de itens e produtos. Os negócios, tal como conhecidos, poderiam desaparecer, reforçando, então, os aspectos de uma sociedade quaternária. Ou seja, não existiriam questões econômicas e de segurança nacional decisivas para a sobrevivência das nações.⁵⁹

⁵⁶ TY2000, p. 86-91; OA2000, p. 124-130; TTC, p. 16.

⁵⁷ TY2000, p. 91-98; OA2000, p. 130-138.

⁵⁸ TY2000, p. 105-115; OA2000, p. 147-161.

⁵⁹ TY2000, p. 193-194; OA2000, p. 242-244; WED, p. 16-17.

A TM poderia, como vimos, inaugurar uma sociedade e uma época de realização pessoal, de criatividade e de lazer, contribuindo com a continuidade do crescimento econômico e tornando a maioria das vocações interessantes, intelectualmente necessárias e recompensadas. Porém, a TM também poderia conduzir a problemas sérios, os quais são pensados e elaborados como cenários pessimistas. Um exemplo dessa ambiguidade seriam as questões decorrentes da formação de uma sociedade erudita, fruto da ênfase na educação, atrelada às tendências de desenvolvimento tecnológico, de burocratização, de explosão da informação e, principalmente, de rapidez de mudança, que tornaria necessária uma constante atualização dos conhecimentos. Esse suposto excesso de educação, segundo Kahn, também poderia levar a um intelectualismo desinteressado, especializado e pouco prático, pois, o intelectual, ao se tornar um estudioso voraz e de temas específicos, poderia se tornar um grande conhecedor de teorias, de imagens do mundo transmitidas por livros e mídias, porém, pouco conhecendo a realidade. Esse contexto impediria, para Kahn, a formação de bons líderes, uma vez que esses intelectuais dificilmente conseguiriam identificar problemas e teriam ainda mais dificuldades em achar soluções, redundando no fenômeno chamado pelo HI de incapacidade educada.⁶⁰

O conjunto de mudanças propiciados pela TM também poderia ocasionar aquilo que Daniel Bell chamou de “fim da ideologia”⁶¹, levando a um desencantamento com os ideais e com as expectativas da democracia americana e da empresa livre que, somados ao declínio da religião tradicional e à falta da presença de qualquer ideologia de massa, contribuiria para o desenraizamento espiritual e político. Dessa forma, aos poucos, a cultura foi e continuaria, conforme Kahn, sendo alterada pelas tendências de secularização e de mentalidade burguesa. Haveria, portanto, um esvaecimento da *Weltanschauung* tradicional e mudanças da relação do homem com seu ambiente. Todo esse contexto, para Kahn e seus colaboradores, poderia servir como desculpa para uma vida sem objetivo, ao ressentimento e ao desespero. Esses sentimentos, como já vimos, já existiam, conforme Kahn, desde o fim da II Guerra, principalmente em relação à tecnologia.⁶²

A tendência cultural implicaria, portanto, em uma mudança profunda de valores. Kahn, para explicar essa mudança, remetia-se a dois conceitos filosóficos da antiguidade. Para

⁶⁰ TY2000, p. 186-188, 198-199; OA2000, p. 234-237, 248-249; TTC, p. 13, 28, 80-81.

⁶¹ Bell entendia ideologia como o conjunto de ideias e paixões surgido no século XIX, mais especificamente aqueles ligados ao pensamento de esquerda. Porém, a II Guerra pusera fim a todas as esperanças decorrentes desses pensamentos. Assim, as ideologias, que eram um sistema de crenças que afetavam o modo de vida, encontraram um fim. BELL, Daniel. **O fim da ideologia**. Brasília: UnB, 1980, p.12, 319-329.

⁶² TY2000, p. 211-213; OA2000, p. 263-264; No TTC, Kahn e Bruce-Biggs fornecem um panorama geral do que poderiam ser essas mudanças pensando a partir dos movimentos e contracultura da época, TTC, p. 88-99.

ele, (re)surgiria na sociedade pós-industrial pensamentos e comportamentos estoicos e epicuristas, ou, no caso contemporâneo, o americano responsável e o *hippie*, respectivamente. Eles teriam em comum a recusa à guerra e às ambições e pretensões mais mundanas, alcançando um nível escapista. Além disso, seriam pessimistas em relação ao sentido dos esforços humanos. No concernente às diferenças, o americano responsável ou estoico seria aquela pessoa consciente dos deveres, que trabalha duro, dotada de espírito público e que se sente obrigada a desempenhar bem sua função no governo ou na companhia, sem necessariamente obter muito reconhecimento ou recompensa. O *hippie* ou epicurista moderno seria o defensor da expansão da consciência, do afastamento da sociedade por vontade própria e da cultura da alegria pelo amor. O epicurista moderno poderia ainda variar entre uma valorização ou do hedonismo ou do estético. Por fim, haveria outros dois tipos modernos: o *gentleman* e o humanista. Ambos estariam interessados no autodesenvolvimento, porém, o *gentleman* buscaria adquirir experiências e habilidades reconhecidas e aprovadas pela sociedade, além de possuir um senso de honra com o Estado. Já o humanista, buscaria habilidades e experiências idiossincráticas, além de ser mais comprometido com valores universais.⁶³

Um dos reflexos possíveis e negativos desse conjunto de mudanças próprias dessa sociedade tecnológica, com alta produção e exigindo menos do indivíduo, seria o aumento das agressões contra a sociedade, constituindo a alienação pós-industrial. Kahn e seus colaboradores entendem-na como um resultado direto da riqueza, que, por isso, poderia se manifestar tanto na sociedade capitalista quanto na socialista. Então, independente do sistema econômico, a política e a cultura de abundância poderiam ser tanto uma fonte de satisfação, quanto de cinismo, de distanciamento emocional e de hostilidade, funcionando praticamente como uma expansão e um prolongamento da cultura adolescente, da meritocracia e da especialização excessiva. Com isso, uma vida considerada boa seria aquela nos moldes epicuristas, ou seja, de satisfação dos sentidos e busca do prazer, em detrimento de termos estoicos, portanto, do senso de dever, de trabalho e de serviço público. Dessa forma, a acentuação de valores privados, aliada com o crescente senso de futilidade sobre os valores públicos, poderia representar problemas para o futuro da sociedade, uma vez que representaria a alienação de sua própria cultura e do mundo prático.⁶⁴

Outro efeito considerado negativo dessa nova sociedade seria a geração de personalidades infantis, narcisistas, individualistas, egoístas e com comportamento anti-

⁶³ TY2000, p. 190-191; OA2000, p. 237-238; TTC, p. 88-99.

⁶⁴ TY2000, p. 64, 199-200; OA2000, p. 248-250; TTC, p. 88-99.

sociais. Portanto, para Kahn, a falta do choque com a realidade, por meio do trabalho ou da guerra, poderia ter efeitos nefastos. Frente a isso, defendia o emprego de outras maneiras para causar esse choque, como jogos de guerra, por exemplo, uma vez que a ausência desse choque poderia levar à decadência de valores do trabalho e do serviço à nação, um declínio do interesse pelo governo e pela sociedade como um todo, ou seja, uma queda dos valores burgueses, tal como já acontecia, segundo Kahn, no início dos anos 70, quando as revoltas, dentro da sociedade dos EUA, eram oriundas da juventude das classes médias altas e consideradas, por Kahn, reacionárias, aristocráticas e até “feudais”, ou, em alguns momentos, com aspectos da ideologia fascista.⁶⁵

Essa mudança nos valores também plasmaria a estrutura social e a organização do trabalho. Nesse sentido, o estrato mais baixo da sociedade pós-industrial seria formado por pessoas errantes, as quais poderiam aderir às ideologias referentes à decadência e ao fim do modo de vida pós-industrial. Esse grupo seria urbano e com alguma influência política indireta, principalmente por encontrar respaldo na classe média superior, a qual seria influente política e economicamente. Portanto, não haveria mais pobres nessa sociedade, mas sim aqueles que encarariam o trabalho como um ato detestável, uma vez que conseguiriam se sustentar sem trabalhar. Em contraposição a esses, haveria aqueles que veriam o trabalho como uma missão, encarando-o como um sentido para vida e um meio para o progresso e o desenvolvimento. Entre esses dois extremos, existiriam nuances, como aqueles que encarariam o trabalho como uma forma de obter renda rápida, para satisfazer outras vontades tipicamente hedonistas e de satisfação dos sentidos, ou aqueles que veriam o trabalho como uma fonte de renda duradoura, concebendo uma realização mais ampla e humanista. Esse último grupo, conforme o HI, seria um quinto da população e ele, somado com os outros grupos que trabalhavam por outros motivos, constituiriam a força suficiente e necessária para manter a economia, permitindo que entre 20 e 30% da força de trabalho contribuísse pouco ou nada. Todavia, para Kahn, o homem que encarasse o trabalho como uma missão, como algo acima dos outros valores, seria encarado como um infeliz e até como um neurótico perigoso e destruidor. Portanto, a nova sociedade poderia fornecer solo fértil para novos movimentos radicais, alguns, inclusive, de cunho emocional ou irracional com uma intensa reação contra valores orientados para o trabalho, para o progresso e para a conquista, em prol de novas

⁶⁵ TY2000, p. 198-199; OA2000, p. 98-99, 247-248; TTC, p. 11.

“culturas”, algumas das quais enfatizando valores estéticos e o companheirismo humano e, em alguns casos, em aliança com a busca do prazer e com o alto consumo.⁶⁶

O rompimento possível ocasionado pela sociedade pós-industrial seria, conforme Kahn e seus colegas, reflexo da mudança cultural mais geral. Existiria, conforme os futuristas, uma secularização praticamente completa da cultura e, então, uma polarização: de um lado, a retomada de atitudes e atividades religiosas e/ou éticas e, no outro, o egoísmo, o hedonismo e atitudes e atividades da cultura Sensorial. Isso, para Kahn, conduziu à emoção e à irracionalidade dos *hippies* e de outros movimentos, nos anos 60, e poderia conduzir, no futuro, a uma nova religiosidade, que poderia, por sua vez, interromper ou frear por razões violentas, ou de incompetência ou de irracionalidade ideológica, a tendência de crescimento da riqueza impedindo a concretização da sociedade pós-industrial. Um exemplo possível disso, para Kahn, era a contracultura.⁶⁷

A sociedade marcada pelo serviço quaternário seria, portanto, a verdadeira economia pós-industrial, na qual as atividades primárias, secundárias e terciárias constituiriam apenas uma pequena parte dos empreendimentos humanos. As tarefas estritamente econômicas de atendimento das necessidades materiais e comerciais e os serviços mecânicos precisariam cada vez menos de pessoas, sendo as tarefas correspondentes executadas por equipamentos automatizados e computadores complexos. Todavia, o grupo profissional necessário para operar o equipamento provavelmente não constituiria a elite da sociedade. Outra faceta dessa nova sociedade adviria do incremento da renda média e dos benefícios do bem-estar social, fazendo com que empregos de baixo nível desaparecessem e tornando os empregos de alto-nível ou completamente ou parcialmente voluntários. Os papéis de serviço pessoal de alto nível, segundo o HI, como professores, psiquiatras, doutores, autores, padres e de entretenimento público aumentariam. Tanto consumidores quanto produtores buscariam essas atividades por razões meramente pessoais, que não envolveriam o aspecto econômico. Portanto, a mensuração das finalidades e das motivações das atividades basear-se-iam nas implicações sociais, pessoais e culturais mais amplas ao invés dos cálculos restritos de custo-benefício. Outro critério de julgamento do valor de uma atividade seria pelo tipo de pessoa que ela produz e como ela afeta o indivíduo e a comunidade. Por tudo isso, Kahn acreditava também que a eficiência técnica e econômica perderia destaque em favor de conceitos de bom e belo, conforme critérios pessoais e culturais.⁶⁸

⁶⁶ TY2000, p. 196, 202-209, 341-342; OA2000, p. 246, 252-259, 420-421; TTC, p. 223-225.

⁶⁷ TY2000, p. 343; OA2000, p. 422; TTC, p. 21, 100-102.

⁶⁸ WED, p. 13-14; TTC, p. 223-225.

Nesse contexto, a cultura quaternária possuiria vários aspectos remanescentes das culturas pré-industriais mais ricas e estáveis e simularia antigas ideias e comportamentos aristocráticos do século XIX, o que incluiria várias atividades mundanas, como artes, turismo, jogos, disputas, rituais, exposições, culinária, atividades na natureza, atividades associadas ao avanço da tecnologia, aquisição e maestria de várias outras habilidades e *hobbies*, jardinagem, conservação e decoração de interiores, uso de artesanatos caseiros, conversas, debates, atividades culturais e sociais.⁶⁹

Todas essas tentativas de definir e configurar as possibilidades da sociedade pós-industrial era reflexo de uma imprecisão do significado do que seria precisamente “pós-industrial”, fruto que era de um futuro incerto. Essa incerteza estava refletida na própria nomenclatura, a qual servia para nomear uma situação que viria após uma que era conhecida, logo, pós-industrial. A sociedade pós-industrial, dessa forma, poderia reunir características de uma sociedade pós-civilizada, implicando que as ideias de civilização, que foram em grande parte determinadas pela sociedade tradicional, não mais se sustentariam. Poderia ser também pós-econômica, significando que o comportamento da maioria dos seres humanos na maioria do tempo não seriam determinados pela relação custo e eficiência, pois a renda futura seria tão alta e os custos tão baixos que a maioria dos indivíduos seria indiferente aos preços. Poderia ser faustica, remetendo ao Fausto de *Goethe*, ou seja, há um pacto com o demônio visando poder, riqueza e conhecimento, sendo o pacto o consumo dos recursos e a desumanidade dos processos. Outra possibilidade era ser Prometeica, enfatizando o conhecimento e o progresso, sem, contudo, pactos demoníacos, mas com punições tal como a do personagem que inspira o cenário. Portanto, sem poder determinar uma perspectiva fixa, Kahn e o HI acreditavam que a sociedade pós-industrial seria incrivelmente rica e que a tecnologia que a acompanharia poderia dotar os homens de capacidades individuais ineditamente acima da média.⁷⁰

A sociedade pós-industrial, decorrente da TM seria o resultado da projeção livre de surpresas e do mundo padrão esperado pelo HI, como uma projeção otimista, ainda que abrangendo variações do modelo estabelecido. Porém, esse desdobramento sem surpresas era, como já vimos, ele próprio considerado surpreendente. Por isso, há a consideração das diversas possibilidades. Os analistas do HI cogitam as possibilidades políticas mundiais, que poderiam inclusive impedir a concretização da sociedade pós-industrial, e as possibilidades inerentes à sociedade pós-industrial. Essas possibilidades são tanto cenários elaborados a

⁶⁹ TY2000, p. 342-343; OA2000, p. 421-422; WED, p. 16-17.

⁷⁰ WED, p. 18-19.

partir da análise sistemática do presente, quanto cenários obtidos a partir da MH, todos enfatizando aspectos negativos ou pessimistas, portanto, problemas que precisavam ser antecipados para que, se caso ocorressem, os responsáveis pelas decisões soubessem como lidar com eles.

IV.2.c. A defesa do crescimento: cenários do futuro

Kahn e seus colaboradores usam tanto a imaginação quanto a experiência histórica para desenvolver uma lista de eventos e cenários surpreendentes para o fim do século, os quais poderiam alterar a projeção livre de surpresas sem concretizar a grande transição e a sociedade pós-industrial. Já mencionamos alguns desses cenários, que também funcionam tanto como categorias de eventos, quanto como eventos específicos para o futuro. Alguns deles, por exemplo, seriam invasão e guerra (nuclear inclusive), fome, peste, desastre natural, depressão ou estagnação econômica, disseminação nuclear que alteraria o equilíbrio estratégico, colapso do moral do “mundo livre” ou colapso do moral comunista, nova entidade política importante, como uma comunidade política europeia, ou um governo mundial, a falta de comida em nível mundial, efeitos diversos da guerra do Vietnã, aproximação entre China e URSS, sucesso castrista na América Latina, China economicamente dinâmica, conflitos na Ásia, entre outros. Havia também um conjunto de acontecimentos que, conforme Kahn, poderiam ocasionar problemas graves na política internacional: a existência de pobreza relativa e, talvez, até maiores bolsões de pobreza absoluta. O hiato entre os 10% mais ricos e os 10% mais pobres seria, para Kahn, muito provavelmente maior que hoje, o que podia gerar o ressurgimento do comunismo ou a renovação do fascismo, ou polarizações raciais, entre norte-sul, entre ricos e pobres, entre ocidente e oriente, ou outras formas de rompimento e dicotomização mundial, podendo dar vazão inclusive a novas filosofias religiosas ou outros movimentos de massa. Todavia, todos esses eventos eram considerados como improváveis ou fortuitos por Kahn.⁷¹

IV.2.c.1. Entre o mundo finito e o crescimento: contrariedades ao cenário do Clube de Roma

O HI reconhecia que sua construção da sociedade pós-industrial era um cenário futuro que derivava da ideia de progresso, ao qual associam os pensamentos de Comte, Saint-Simon,

⁷¹ TY2000, p. 23-24; OA2000, p. 52-54; WED, p. 14; KAHN, H. July 1, 1969, p. 22-23, TTC, p. 139-148.

Marx, Spencer, Keynes, que tinham em comum, conforme o HI, a defesa pela capacidade humana de criar, pelo menos no ponto de vista econômico, um tipo de paraíso secular na Terra. O HI também acreditava, a partir de uma crença que percebiam em Keynes, que o mundo se tornaria mais rico e isso resolveria o problema pontual da economia, que não seria um problema permanente da raça humana. Também compartilhava uma crença atribuída a Schumpeter, a saber, que o capitalismo cairia por suas contradições internas.⁷²

A visão mais ampla do futuro somada a uma tendência de criar um ponto futuro marcado por uma profunda mudança social e cultural pode ser vista como alternativa ao processo histórico comunista. Houve, desde antes do OTW, um interesse pelos soviéticos e de criar uma imagem de antagonismo entre os EUA e a URSS. Apesar disso, o principal alvo do HI, após 1972, ao desenvolver a hipótese da sociedade pós-industrial era combater outro cenário sobre o futuro, que não o comunista, mas o do “limits to growth”, defendido pelo grupo do Clube de Roma.

O HI parte da crença de que as questões levantadas pelo Clube de Roma a respeito da fome, da escassez de recursos, da poluição e da pobreza eram fenômenos temporários e localizados, mas não um problema do destino humano. O que de fato preocupava o HI e Kahn na abordagem do Clube de Roma era a possibilidade de suas projeções se tornarem profecias autorrealizáveis, ou seja, que todo o discurso de escassez se tornasse real pela criação de limites ao crescimento.⁷³

O Clube de Roma nasceu da percepção compartilhada de problemas do mundo de um economista e administrador italiano, Aurelio Peccei, e de um químico escocês, Alexander King. Peccei, o grande idealizador do Clube de Roma, fez parte da resistência na Itália e foi preso, durante a II Guerra. Antes dela, fora representante da Fiat na China e, após ela, em 1949, voltou a desempenhar o cargo, mas na América Latina. Em 1957, Peccei criou e dirigiu a Italconsult, uma consultoria que reunia as maiores firmas da Itália, visando analisar e solucionar os problemas do terceiro mundo. Além disso, nessa época, era presidente da Olivetti. Já King, ao longo dos anos 60, trabalhou na Organisation for Economic Co-operation and Development, um órgão internacional voltado a estimular o progresso econômico e o comércio mundial. A aproximação de Peccei e King ocorreu em 1965, após um discurso do primeiro no encontro da ADELA (Atlantic Community Development Group for Latin America), que consistia em um consórcio de banqueiros voltado a fomentar a industrialização

⁷² HUDSON Institute, 1973, volume 2, II – Commentary Card 2 Argumentation on the two basic perspectives Side A.

⁷³ TN200, p. 8; OP200, p. 26.

da AL. O discurso de Peccei chamou a atenção de Dean Rusk, o secretário de Estado do governo Kennedy. Rusk fez manuscritos do discurso de Peccei circularem em Washington D.C. O discurso também chamou a atenção de um representante soviético que, querendo conhecer mais sobre o palestrante, acionou contatos ocidentais que culminaram em King, quem, por sua vez, foi que fez o contato com Peccei. A partir dos encontros com King, Peccei conseguiu um financiamento para um encontro de dois dias com trinta economistas e cientistas em Roma, em Abril de 1968. A partir de então, foram vários meses de reuniões com diferentes autoridades e banqueiros de outros países buscando um modelo para análise do futuro dentro de um projeto, o “Project on the Predicament of Mankind”. Após um pouco mais de dois anos, o Clube de Roma, capitaneado por Peccei, optou pelo modelo do professor Jay Forrester, do MIT. Então, um grupo de dezessete pesquisadores de diferentes áreas e países se reuniu, sob a liderança de Dennis Meadows, do grupo de Systems Dynamics do MIT, para realizar as projeções que seriam a base do livro “Limits to Growth”, lançado em 1972.⁷⁴

O modelo do Clube de Roma consistia em identificar fatores e analisar seu comportamento a partir da relação dos elementos mais importantes que compunham o sistema, que, no caso, era a dinâmica mundial. Os fatores identificados pelo grupo de Meadows foram cinco: população, produção de alimentos, uso de recursos naturais, produção industrial e poluição. O modelo consistia em um conjunto ordenado de suposições sobre o sistema, compreendido como complexo, considerando percepções presentes e experiência passada. O relatório afirma que esses cinco fatores cresciam exponencialmente. Ao relacionar esses cinco fatores e perceber a interação entre eles, a conclusão do trabalho era que, continuando as coisas como estavam, o planeta encontraria os seus limites do crescimento antes do fim do século. Um exemplo dessa análise sistemática era que, por exemplo, o aumento do uso de recursos propiciaria o crescimento de capital, que engendraria, por sua vez, o aumento da produção de alimento e, em virtude disso, o crescimento populacional. Se esse processo, por si só, poderia alcançar o limite do planeta, já que criaria um ciclo de aumento do consumo de recursos naturais conforme aumentasse a população, por outro lado, o uso de recursos e o crescimento do capital produziam, a partir do descarte próprio da produção, a poluição, que também aumentaria conforme aumentasse os outros fatores, e afetaria diretamente a produção e a qualidade da comida e de vida da população. Devido a

⁷⁴ S/a. Beginnings, The Clube takes shape, the search for a methodology, chronology, In: <http://www.mega.nu/ampp/cor.html>, acesso em 17 de Out. De 2014; S/a, The birth of the Club of Rome, In: <http://www.clubofrome.org/?p=375>, 17 de Out. De 2014; MEADOWS, Donella H. **The limits to growth**. London: Pan Books, 1974, p. x.

isso, a conclusão do *Limits to Growth* era a necessidade de substituir a busca pelo crescimento pela do equilíbrio global. Esse estado de equilíbrio global permitiria uma existência sustentável e com realizações pessoais. Se isso fosse buscado, as chances de sucesso até o fim do século seriam grandes.⁷⁵

A posição do Clube de Roma e do limite do crescimento, também chamada de crescimento-zero, pelas razões de defesa da necessidade de parar o crescimento, ganhou a alcunha de neo-malthusiana dentro do HI. O HI entendia a posição neo-malthusiana como derivada da célebre análise de Thomas Malthus, no século XIX, de que a população cresceria a taxas mais rápidas que a produção de alimentos, fadando a humanidade à fome. Essa, para o HI, seria uma posição pessimista. Em contraponto, Kahn propõe a posição tecnologia-e-crescimento (*technology-and-growth*), segundo a qual, em cem anos, as necessidades materiais estariam atendidas, gerando, a partir disso, a sociedade pós-industrial. Essa seria a posição otimista.⁷⁶

Para o HI, a posição neo-malthusiana ou pessimista acreditava ou que os recursos do planeta eram finitos, ou que não se conhecia de fato seus limites, apesar de existirem. Nesse caso, o consumo crescente os faria conhecido, além de agravar cada vez mais a pobreza e a desigualdade, o que poderia ter resultados trágicos. Já o otimista ou entusiasta da tecnologia-e-crescimento acreditava ou que o “bolo” do planeta é sem fim, ou que ele está crescendo, uma vez que o crescimento do rico faz com que o pobre também cresça, ou que o crescimento em uma região estimula outra. Com isso, os partidários da visão otimista acreditavam que a pobreza absoluta seria eliminada, afetando diretamente a qualidade de vida, a qual, em contrapartida, estaria arruinada ou seriamente prejudicada, segundo os neo-malthusianos. Nas questões concernentes à tecnologia e ao capital, a posição pessimista acreditava que ambas contribuíam para a escassez e a saturação do planeta. Já os otimistas viam ambas como elementos necessários para o progresso, servindo à proteção ambiental e à menor depredação dos recursos. Portanto, a discussão também atingia a continuidade ou não da sociedade industrial, que para os otimistas e o HI era um caminho necessário rumo à riqueza, ao progresso, ao crescimento e, inclusive, à sociedade pós-industrial. Visão contra qual se opunha os neo-malthusianos. Os neo-malthusianos, por fim, acreditavam no esgotamento das instituições responsáveis pelas decisões, ressaltando a necessidade de novas formas de decidir

⁷⁵ MEADOWS, Donella H., 1974, p. xi, 33, 26-29, 97.

⁷⁶ OP200, p. 27-28; TN200, p. 9,17; Apesar de Kahn e seus colaboradores colocarem a oposição entre as duas visões como pessimista e otimista, desde o TY2000 existia a argumentação que a defesa pela sociedade pós-industrial não era otimista, mas uma possibilidade concreta do desenvolvimento das tendências presentes, como já vimos anteriormente e Cf. KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 119-123.

sobre as questões de uso dos recursos e administração governamental e corporativa. Já os pós-industriais acreditavam na capacidade das organizações existentes encontrarem as soluções.⁷⁷

Essa argumentação por oposição, desenvolvida por Kahn a partir do TN200 escondia uma argumentação mais ponderada de Kahn. No TY2000, Kahn e Wiener argumentavam que a TM e sua tendência de incremento da mudança, que era praticamente exponencial, podiam, por um lado, concretizar todas as benesses da Grande Transição e da sociedade pós-industrial. Porém, poderiam também, caso as instituições não se adaptassem rapidamente, conduzir a humanidade a uma forma de desumanização ou de degradação política e ecológica. Logo, essa mudança mais radical de Kahn e do HI do TY2000 para o TN200 indicava que algo a mais estava em jogo: a visão de futuro de cada um dos processos. Os neo-malthusianos, segundo Kahn, teriam uma visão desoladora e triste, pois, caso não houvesse mudanças emergenciais, o século XXI testemunharia a maior catástrofe da história do homem. Já os otimistas, que criam na tecnologia e na sociedade pós-industrial, viam um caminho para o sucesso, tal como vimos na visão de história e de futuro do HI.⁷⁸

Conforme o HI, a visão pessimista ganhava influência desde 1972, causando inclusive uma mudança de postura dos estadunidenses, saindo do otimismo para o pessimismo, tornando-se, inclusive, uma moda o ataque contra o crescimento econômico, o capitalismo, a industrialização, a tecnologia, a sociedade de consumo e os valores relacionados a tudo isso. Essa desilusão com o progresso, conforme o HI, acontecia justamente dentro da classe média alta que antes promovia os valores relacionados ao progresso. Para o HI, o que motivava esse pensamento conservador eram, primeiramente, as mudanças rápidas oriundas do progresso, as quais desorientavam os indivíduos acostumados com uma ordem estável e, por isso, geravam um ressentimento com o constante reajustamento necessário para se relacionar com a sociedade. Além disso, para o HI, o contexto social e econômico colaborava com o apoio às teses do Clube de Roma. O HI percebia, nos anos iniciais da década de 70, uma queda na qualidade de vida das classes médias altas, o que normalmente ocorria quando o PNB per capita subia. Isso indicaria, então, uma perda de poder econômico e social das referidas classes, já que, conforme uma regularidade postulada pelo HI, quando o rico vai bem (eles sempre vão bem), a classe média vai bem, e a pobre vai bem, mas a classe média alta não vai bem e esse "não ir bem" seria a razão para a oposição recente ao crescimento econômico. Essa

⁷⁷ OP200, p. 29-37; TN200, p. 10-18.

⁷⁸ KAHN, H.; WIENER, A.J, 1967, p. 116-117; OA2000, p. 161-163; OP200, p. 37; TN200, p. 16.

revolta poderia causar entraves à transformação pós-industrial, uma vez que se voltava aos valores necessários para sua concretização.⁷⁹

Por isso também tanto o TN200, quanto o WED, são muito voltados aos EUA, visando responder aos anseios que a sociedade estadunidense enfrentava naqueles anos, principalmente por um sentimento de culpa que, segundo o HI, assolava o país, decorrente das teses do Clube de Roma. Contra isso, o HI defendia, primeiramente, o fim de tal sentimento e, além disso, uma política voltada ao crescimento e ao desenvolvimento, pois só essa postura poderia auxiliar os pobres. Portanto, para o HI, o problema das propostas dos defensores do limite do crescimento é que elas apontam problemas falsos ou mal formulados, os quais, apesar da gravidade impingida por essas teses, Kahn e o HI acreditavam que eram problemas contornáveis desde que o planejamento fosse bem feito.⁸⁰

IV.2.c.2. Um exemplo de metáfora-heurística: a primeira e a segunda *belle époque*

Para pensar os desdobramentos possíveis para o futuro da sociedade pós-industrial, que poderiam tanto impedi-la, quanto surgir em seu bojo, Kahn e seus colaboradores recorrem à MH e aos cenários. As analogias históricas desenvolvidas pelo HI vinham, em grande parte, dos eventos das últimas quatro décadas, o que abarcava a Depressão, os movimentos nacionalistas e fanáticos do Japão, Alemanha e Itália e os eventos que conduziram à I e à II Guerras e à Guerra Fria. Esse período era considerado pelo HI como um reservatório de exemplos de problemas que poderiam surgir novamente. Outras fontes consideradas valiosas para obtenção de exemplos históricos eram a civilização Helenística-Clássica Greco-Romana, a Roma de Augusto e *La Belle Epoque*.⁸¹

Por exemplo, do mundo Antigo, Kahn obtém metáforas para pensar e projetar os desenvolvimentos futuros possíveis da sociedade pós-industrial. Isso ocorria, pois, para Kahn, o contexto que propiciaria o surgimento da nova sociedade não era totalmente inédito: as condições que poderiam se manifestar até o começo do século XXI nas nações desenvolvidas difeririam das do século XX de maneira semelhante à diferença que o Império Romano representou frente ao mundo pré-clássico. A partir disso, desenvolve possibilidades referentes à sociedade do lazer e tipologias de comportamentos futuros como epicuristas e estoicos em comparação aos *hippies* e ao americano responsável, ou sobre a possibilidade de novas

⁷⁹ HUDSON Institute, 1973, volume 2, II – Commentary Card 3 Disillusionment with progress Side A.

⁸⁰ OP200, p. 29, 38-40; TN200, p. 18-20

⁸¹ TTC, p. 31-32

religiosidades se desenvolverem, aparentando irracionalidade e emotividade e, por isso, sofrerem desdém, tal como o Cristianismo no seu surgimento.⁸²

Outra MH desenvolvida por Kahn e seus colaboradores para entender o momento do final dos anos 60 e início dos 70 foi com a *belle époque*, que contrasta o otimismo e a situação de satisfação dos anos iniciais do século XX com aquela da segunda metade do mesmo século. Para Kahn, o início do século XX foi um momento especial de ações e reações das tendências, quando o processo de ocidentalização e universalidade da TM parecia ter chegado muito próximo do ápice, uma vez que, para Kahn, o mundo era praticamente uma unidade política, cultural e econômica sob o domínio da Europa Ocidental e Central, dos EUA e de duas sociedades não ocidentais ocidentalizadas: Japão e Rússia. Constituíam-se, dessa forma, um império do mundo ocidental, permitindo que todas as partes do mundo estivessem em íntimo contato. As principais características desse bloco eram a industrialização e a modernização, sendo ambas sinal de autonomia e responsáveis pela força do bloco. Nesse contexto, uma industrialização bem sucedida era encarada como questão de independência, de sobrevivência nacional, ou uma combinação de patriotismo e ambição.⁸³

Por essas condições, algumas características próprias do bloco ocidental passaram a ser disseminadas também como exemplares, tal como a religião cristã, a ciência e a democracia, que ganhavam espaço principalmente pelo poderio e carisma do Ocidente. Além disso, a sensação de modernização espalhara entre os ocidentais e ocidentalizados um sentimento de autossatisfação nacional, de otimismo e de fé no futuro. O que suportava esse otimismo, na opinião dos futuristas do HI, era a conjunção da aceitação das teorias de Darwin e de Adam Smith com os valores políticos e as premissas filosóficas do Iluminismo, ou, em outras palavras, a crença no progresso, na evolução e em uma lógica inerente à economia que a faria se desenvolver. Tudo isso fornecia uma base consistente para a organização e a utilização de valores e práticas burguesas e imperialistas, que eram suportadas por um êxito aparentemente real do sistema. A *belle époque* (1900-1914) foi, então, para Kahn, um exemplo disso, uma vez que se caracterizou pelo crescimento e prosperidade da economia em escala praticamente mundial, assim como pelo avanço científico e tecnológico, constituindo um período de progresso material, tecnológico, científico e ético. Esse período, todavia, fora estraçalhado por duas guerras mundiais.⁸⁴

⁸² TY2000, p. 189-191, 230-242; OA2000, p. 237-238, 286-300.

⁸³ TY2000, p. 13-15; OA2000, p. 41-43; TTC, p. 13,19.

⁸⁴ TY2000, p. 15-16, 57; OA2000, p. 43-45, 89-90.

Conforme Kahn e seus colaboradores, o período de 1953, com o fim da Guerra da Coreia, até 1965, com a desilusão do Vietnã, foi um período de relativa paz, prosperidade e crescimento econômico. Esses anos são denominados pelo HI como “La Deuxième Belle Epoque”, pois compartilhara algumas características com a primeira *Belle Epoque*. Em ambas, houve uma grande expansão do comércio, dos investimentos, das viagens e das comunicações mundiais, o movimento relativamente livre de trabalhadores e de bens e capitais pelo mundo e uma tentativa das classes médias altas dos EUA e da Europa para impor a moral burguesa – que, na primeira *belle époque*, compreendia a contrariedade à prostituição, ao jogo, ao álcool, às drogas, e a defesa por reformas políticas, direitos das mulheres, entre outros, e, na segunda *belle époque*, defesa pelo direito das mulheres, pelos direitos civis, pelas reformas políticas, e outras mais – sobre as classes baixas. Ideologias novas surgiam, as quais rompiam com a distinção entre esquerda e direita, como o anarquismo, o sindicalismo, o racismo, o nacionalismo e o imperialismo, e evocavam ideias de fim de século. Entre as classes altas, o hedonismo crescia, assim como uma tolerância a comportamentos não usuais. A corrida armamentista existia, assim como desordens e guerras menores nas nações em desenvolvimento.⁸⁵

Analisando de forma mais pormenorizada, Kahn aponta que a Inglaterra do início do século XX e os EUA dos anos 50 e 60 compartilhavam um paradoxo. De um lado, a luta por segurança através, por exemplo, de demandas por legislações de bem-estar social, de outro lado, um desejo de insegurança, uma necessidade de romper com a sociedade burguesa. Exemplos disso foram a resistência, dentro da Inglaterra, à Guerra dos Bôeres, seguido por um sentimento contrário ao militarismo e ao expansionismo, principalmente entre os mais educados. O país também enfrentava movimentos feministas, desobediência civil, terrorismo e agitações de trabalhadores. Além disso, o comportamento público tradicional também foi rompido. A Europa, em contrapartida, ficava cada vez mais rica e tinha um fundo comum que abarcava a religião, as tradições e a cultura. Contudo, havia, conforme Kahn, uma sensação de fim de século, de que aquela era iria acabar. Para Kahn, algo semelhante ocorria nos EUA, com a Guerra do Vietnã e a violência doméstica do período.⁸⁶

A segunda Belle Epoque, para o HI, diferentemente da primeira, não seria encerrada por uma guerra, mas daria vazão a uma nova situação, que não necessariamente uma nova guerra mundial. Essa nova era ocorreria justamente na esteira da erosão das bases políticas, militares e econômicas atuais, com o surgimento de novas possibilidades de instabilidade.

⁸⁵ TTC, p. 32-33.

⁸⁶ TTC, p. 34-35.

Uma dessas possibilidades decorreria de contradições internas do Ocidente, acompanhadas de mudanças revolucionárias e drásticas. Contudo, forças conservadoras poderiam se opor a esses desejos de mudança. Instaurar-se-ia, então, um conflito entre os valores da contracultura e os contrários a ela, conservadores, tal como foi a Reforma e a Contra-Reforma. Porém, seguindo a projeção livre de surpresas, essa erosão continuaria gradual, abrindo espaço, talvez, para um novo crescimento e estabilidade. Portanto, para o HI, a nova *belle époque* não acabara em 1965, mas continuaria sua marcha lentamente, talvez até os anos 80.⁸⁷

IV.3. Nova atuação, novos rendimentos: o HI e sua sobrevivência

O lançamento do TY2000, em meados dos anos 60, indicava a ampliação e uma mudança de análise dentro do HI, saindo da análise política sobre questões de segurança nacional, para se engajar nos estudos do futuro ou futurologia⁸⁸. Era uma ampliação, portanto, que reconhecidamente acompanhava as necessidades da política dos EUA, não mais restrita ao embate militar e bélico com a URSS, mas dentro do contexto da coexistência pacífica, da *detènte*, de um processo de multipolarização e de multilateralização do mundo. Essa ampliação também acompanhou os interesses de Kahn, que se diversificavam desde o fim dos anos 60, abandonando os estudos somente militares.⁸⁹

IV.3.a. Rumo ao novo século: a comissão para o ano 2000 e o TY2000

Em 1965, ainda no contexto de centralidade de temas de segurança nacional e de ordem internacional, os estudos do futuro ainda estavam relacionados a trabalhos sobre a OTAN, a DC, a defesa ativa, a guerra contra insurgências – com especial destaque para o Vietnã – e questões de dissuasão e de guerra central. No relatório anual para membros de 1966, Max Singer, ainda presidente do HI, reforça e dá destaque à ampliação da área de atuação do HI, ao expor que o HI assumira um trabalho importante fora do campo da segurança nacional, o qual abordava o ano 2000 e estava parcialmente ligado à AAAS e

⁸⁷ KAHN, H.; WIENER, A.J., 1967, p. 127-128; OA2000, p. 174-175; TTC, p. 36-38.

⁸⁸ Conforme o HI, futurologia era um termo europeu, que o HI não gostava de usar, ou por parecer ser uma reivindicação científica que não caberia aos estudos futuros, ou por parecer se aproximar de práticas como a astrologia. Contudo, Kahn e o HI reconheciam que a atividade de estudos futuros acabava, invariavelmente, ligada ao termo, TTC, p. 1; HUDSON Institute, 1973, volume 1, I - Commentary Card 3 A perspective on futurology Side B.

⁸⁹ SMITH, J.A., 1991, p.158; TTC, p. 1, 3.

financiado pela Corning Glass Foundation – o braço filantrópico de empresa com o mesmo nome que fabricava vidro, cerâmicas e afins com a finalidade voltada aplicação científica e industrial – e pelo próprio Instituto, a partir de dinheiro acumulado. A pretensão do Instituto era lançar um primeiro relatório sobre o tema em 1967 e conquistar, a partir dessas pesquisas, a sonhada independência financeira, principalmente após a redução dos investimentos provenientes dos estudos de DC. Com isso, o HI desenvolveu um conjunto de estudos sobre o futuro, os quais funcionavam como fundamentos para outros estudos futuros em outras áreas.⁹⁰

Essa inclinação para pensar o ano 2000 já estava presente no HI em 1962, com um texto de Kahn sobre cenários. Os critérios para delinear esses cenários eram bem próximos da base já apresentada anteriormente, ou seja, tratar basicamente das tendências políticas, táticas e estratégicas presentes no início dos 60 e que pareceriam estar presentes na condução da história nos anos seguintes. Um dos resultados esperados por Kahn nesse exercício era que a história, até o ano 2000, deveria ser de tal forma que as pessoas no início dos anos 60 não entenderiam o que viria, tal como ingleses e franceses não compreenderam Hitler. Nesse sentido, Kahn pensa alguns cenários, como, por exemplo, um mundo em ruínas, ou um em que a China assumiu o controle mundial, mostrando, então, que essa atenção com o futuro decorria dos estudos políticos de temática militar que avaliavam apenas entre cinco e quinze anos à frente. Contudo, a vazão para estudos que tinham o futuro como objeto só ocorreu por meio da Comissão para o Ano 2000, da AAAS.⁹¹

A Comissão teve início com a primeira reunião, em Outubro de 1965, sob uma bolsa da Carnegie Corporation, e reuniu diversos nomes, entre eles, seu idealizador e diretor, o cientista social Daniel Bell, Zbigniew Brzezinski – que era conselheiro de Lyndon Johnson e também seria de Jimmy Carter e Barack Obama – e Herman Kahn. A participação de Kahn também incluía a do HI, porém, como a AAAS não possuía um orçamento robusto para gastar, o trabalho do Instituto foi praticamente voluntário e pago com seus próprios recursos. De forma geral, a intenção da Comissão era delinear as bases e as tendências para o futuro e apresentar as consequências mais importantes que poderiam surgir. As conclusões dos

⁹⁰ SINGER, Max. **Annual report to the members of Hudson Institute Inc:** fiscal year 1966 (July 1, 1965 – June 30, 1966). Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc., 1966, p. 1, 4, 6-7; Report to the members 1965, p. 8; HUDSON Institute., 9 de Dez. de 1964, Annex 1, p. 12; HUDSON Institute., July 1968, p. 1, 3, 6, 7-10; BRUCE-BRIGGS, B., 1972, p. 304.

⁹¹ HUDSON Institute., July 1968, p. 9; SMITH, Mark J., 1972, p. 13-14; KAHN, Herman. **Two year 2000 scenarios.** Hudson Institute, 09 de Jul de 1962, p. 1-3. Esse documento está incompleto, não tendo uma descrição maior do que seria o cenário do mundo em ruínas.

trabalhos seriam publicadas na revista *Daedalus* – uma reconhecida revista científica da área de humanidades – em monografias e em livros.⁹²

Na segunda reunião da comissão, em Fevereiro de 1966, mais de quarenta *papers* foram apresentados, seguindo uma divisão dos participantes em dois grupos: os que tratavam de futuros hipotéticos e ponderações metodológicas e os que abordavam áreas problemáticas para o ano 2000. O primeiro grupo era parcialmente composto por analistas do HI, inclusive Herman Kahn, trabalhando principalmente na produção de tendências combinadas com futuros alternativos. Nessa reunião de Fevereiro, Kahn expôs seus trabalhos para discussão, os quais, conforme Smith, foram bem aceitos. Entre 1966 e 1967, a Comissão já tinha mais participantes do que o esperado e intencionava publicar seis volumes referentes aos trabalhos realizados, que já eram distribuídos para acadêmicos, instituições públicas e privadas e bibliotecas. O segundo volume seria publicado por Herman Kahn e o HI como um volume separado, pela editora Macmillan.⁹³

Esse volume resultou no livro *The year 2000: a framework for the next thirty-three years*, publicado em 1967, que nasceu como um conjunto de relatórios do HI, unidos de forma bagunçada, confusa e repetitiva. O TY2000 está para os estudos futuros mais amplos o que o OTW estava para os da guerra nuclear. O TY2000 também serviu de base para os livros e os estudos que apareceriam ao longo da década de 70 no HI. Conforme Smith, a maior parte da organização do livro foi delegada a Anthony Wiener, um advogado e cientista social que se juntara ao HI em sua primeira semana de existência, em 1961, onde se tornou diretor do Research Management Council. Kahn e Wiener, auxiliados por alguns dos membros do HI, juntaram esse variado material em uma estrutura para o estudo das realidades social, econômica e política do ano 2000.⁹⁴

Bell atribuía essa preocupação com o futuro e, especificamente, com o ano 2000, primeiramente como uma forma de enfrentar os problemas que apareceram desde o fim da II Guerra, principalmente o das promessas de mudanças rápidas, que criaram, para Bell – assim como para Kahn – a necessidade de estudos preditivos e de análises das mudanças

⁹² BELL, Daniel. The Year 2000: The Trajectory of an Idea. *Daedalus*, Vol. 96, No. 3, Toward the Year 2000: Work in Progress (Summer, 1967), p. 639; BRUCE-BRIGGS, B., 1972, p. 287; BELL, Daniel. Commission on the Year 2000. *Bulletin of the American Academy of Arts and Sciences*. Vol. 19, No. 2 (Nov., 1965), p. 7-8; SMITH, Mark J., 1972, p. 14; BELL, Daniel. Report of the Commission on the Year 2000 *Records of the Academy (American Academy of Arts and Sciences)*, No. 1965/1966 (1965 - 1966), p. 25.

⁹³ BELL, Daniel, 1965 - 1966, p. 25; SMITH, Mark J., 1972, p. 14-15; BELL, Daniel. Report of the Commission on the Year 2000. *Records of the Academy (American Academy of Arts and Sciences)*, No. 1966/1967(1966 - 1967), p. 24.

⁹⁴ SMITH, Mark J., 1972, p. 14-15; BRUCE-BRIGGS, B., 2000, p. 288, 295; GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 79-80; BELL, Daniel. Report of the Commission on the Year 2000. *Records of the Academy (American Academy of Arts and Sciences)*, No. 1969/1970(1969 - 1970), p. 38.

institucionais, sociais e estruturais e dos problemas que poderiam ser decisivos até o ano 2000, tanto no âmbito nacional, quanto no internacional. Mais especificamente, a Comissão foi proposta, primeiramente, pela sensação que a administração democrática do período Kennedy e Johnson falhara ao não planejar os problemas que enfrentara nas áreas de renovação urbana, educacionais, médica e de poluição, os quais poderiam ser facilmente antecipados na avaliação da Comissão. Porém, além disso, como Bell percebera, em 1967 havia uma abordagem, na imprensa, bastante atenta ao ano 2000.⁹⁵

Para Daniel Bell, um dos interesses pelo ano 2000 decorria de seu aspecto milenar e, por isso, de sua significação escatológica e quiliástica, que remontava à Grécia Antiga e à ideia de uma condição de vida livre das imperfeições da existência humana, e ao cristianismo e à crença na segunda vinda de Cristo no fim de um período de mil anos, tornando-se um elemento fundamental de formulação cronológica. Assim, o ano 2000 guardava uma ideia de possível fim dentro da tradição cristã, tendo, por isso, uma representação e uma significação para os ocidentais, principalmente pelas ameaças e políticas que se alicerçavam em conceitos e ideias de aniquilação. No OTW, esse elemento bíblico está presente ao tocar na ideia de aniquilação como algo a ser evitado e ao pensar um exemplo de guerra nuclear a partir do termo Armageddon. Portanto, dentro de um trabalho sobre o futuro, em um mundo ameaçado por bombas atômicas e a pouco mais de três décadas do ano 2000, nada mais coerente – e, em algum sentido, oportunista – do que se aproximar dos temores bíblicos e do fascínio com os anos cheios como forma de abordar e expor os estudos do futuro.⁹⁶

O do TY2000 teve ótimas vendas e foi traduzido para outros idiomas, sendo que seis semanas após seu lançamento, já havia uma tradução para o japonês. O livro também fez Kahn ganhar destaque como futurólogo e como autoridade no tema. Um indicativo disso é que, em 8 de Janeiro de 1970, a revista Playboy, por meio de seu diretor de edição, perguntava se Kahn tinha interesse em comentar um cenário futuro elaborado pelo renomado historiador Arthur Schlesinger Jr., o qual abordava justamente os EUA após a guerra do Vietnã. O livro também despertou o interesse do governo Nixon, sendo pensado para auxiliar a definição de objetivos e planejamentos no longo prazo. Alguns assessores do governo desenvolveram um relatório sobre a questão, porém, por ser superficial, o projeto não foi adiante. O livro também encontrou boa aceitação na comunidade de negócios, onde se

⁹⁵ BELL, Daniel, Summer, 1967, p. 639-640; BELL, Daniel, Nov., 1965, p. 6-7; BELL, Daniel, 1965 - 1966, p. 24.

⁹⁶ BELL, D., In: TY2000, p. xxv; BELL, D., In: OA2000, p. 21-22; BELL, Daniel, Summer, 1967, p. 640-641; Apocalipse, 20, 1-6, In: BÍBLIA Sagrada, São Paulo: Ave-Maria, 2001, p. 1574; FRANCO JR., Hilário. **O ano 1000**. São Paulo: Cia das Letras, 1999, p. 36.

acreditou que a perspectiva de longo prazo e a metodologia apresentada no livro seriam úteis para determinar o planejamento no curto prazo. Para Smith, o sucesso do livro também cobria uma lacuna de ausência de estudos de futuro no longo prazo do sistema econômico, fazendo com que Kahn e Wiener, então, fossem chamados para falar para homens de negócios estadunidenses e estrangeiros sobre prospectos econômicos e sociais. A partir dessas palestras, os dois se envolveram em mais pesquisas e reflexões sobre questões dos mundos dos negócios, uma vez que os executivos desejavam informações mais abrangentes e completas sobre o ambiente corporativo no fim dos anos 70 e ao longo dos anos 80, para guiá-los nos processos de decisão. Após dois anos de palestras, Kahn e Wiener juntaram algumas corporações e indivíduos interessados em patrocinar pesquisas sobre o futuro. Com isso, teve início o que seria a maior fonte de renda do Instituto nos anos que viriam.⁹⁷

IV.3.b. Os negócios do futuro: vendendo um mundo futuro

Após 1968, frente à redução de investimentos vindos do DoD, outras áreas precisaram ser buscadas e o HI já possuía um conjunto de estudos sobre o futuro que estavam praticamente adaptados para análises mais amplas. Uma área que interessou muito ao HI nos seus estudos do futuro e que, em resposta, também mostrava bastante interesse no que o HI tinha a dizer era a de negócios. Nesse sentido, uma das linhas de pesquisa era a “The Future of the Corporation (1975-1985)”, que consistia em estudos futuros focando no ambiente das empresas privadas na década compreendida entre 1975 e 1985. Era um projeto que já tinha, em uma fase inicial, quinze meses com garantia de patrocínio fornecido por um grupo de cerca de trinta corporações dos EUA e de fora do país. O grupo de empresas era bastante diversificado, sendo que algumas das empresas dos EUA eram a American Airlines, a Coca-Cola, a Ford Motor, a General Electric, a Mobil Oil, a Time e a Xerox. Entre as estrangeiras, estavam empresas canadenses, italianas, portuguesas, japonesas, inglesas, holandesas, alemãs, venezuelanas, italianas, como a Fiat, e duas brasileiras: a Irmãos Klabin e a Refinaria e Exploração de Petróleo União. Junto desse projeto, também eram pensadas conferências, inclusive internacionais, uma das quais feitas em Paris e com a presença de metade dos patrocinadores, e uma série de estudos derivados dos assuntos de interesse do HI e das empresas.⁹⁸

⁹⁷ SMITH, Mark J., 1972, p. 15, 22-23; SPECTORSKY, A.C. **Carta para Herman Kahn**. January 8, 1970; BRUCE-BRIGGS, B., 1972, p. 293-295.

⁹⁸ HUDSON Institute, July 1968, p. 1-2; BRUCE-BRIGGS, B., 1972, p. 305-306.

Ligado a esse projeto, estava o “The corporate environment study” (CE), que tratava de um trabalho preliminar, já iniciado e planejado para quatro anos, voltados aos principais interesses do mundo dos negócios em relação aos desenvolvimentos sociais, culturais, econômicos e tecnológicos que pareciam possíveis movimentar a sociedade na porção final do século. Ele era pensado de uma forma interativa com os contratantes, por meio de conferências, seminários e estágios, no HI, de pessoas oriundas das corporações. Singer, no relatório anual de 1968, demonstrava confiança no sucesso do CE para realizar a transição para as novas formas de financiamento e para equilibrar as contas, uma vez que o estudo era financiado por empresas nacionais e internacionais, tentando projetar o futuro das políticas domésticas e da sociedade. Conforme Cimbala, o CE era uma aplicação direta do TY2000 para um contexto específico, visando realizar a transição do HI de uma organização de pesquisa voltada a estudos militares e de defesa para uma organização de PR mais ampla.⁹⁹

Segundo Smith, o CE indicou uma mudança no HI para pesquisas orientadas para o futuro, abordando assuntos domésticos não militares e de política internacional. O CE visava oferecer às corporações uma especulação sobre temporalidades mais longas, sob a justificativa que o conhecimento e o planejamento do futuro e de uma estrutura para ele forneceria um poder de reação maior frente ao que viria. Em 1970, o HI iniciou o CE com o apoio de oitenta corporações de diferentes lugares do mundo. A ênfase do trabalho, segundo Smith, era sobre desenvolvimentos possíveis que poderiam mudar algumas das suposições básicas sobre as quais as corporações operavam. Cabia, assim, ao HI refletir sobre os aspectos da mudança, que abarcavam as mudanças culturais, políticas e os crescimentos da riqueza, da educação e da secularização. Também no trabalho do CE, Kahn e o HI deram continuidade e desenvolveram as questões sobre a mudança de valores e os estilos de vida decorrentes da transição de grande parte do mundo de uma sociedade pré-industrial, para a industrial e, então, para a pós-industrial.¹⁰⁰

Para Smith, essas mudanças de enfoque também eram reflexo da mudança de preocupação dos EUA. Se no início dos anos 60, o que afligia os estadunidenses era a disseminação do comunismo, a proteção de interesses estrangeiros vitais e a segurança nacional em uma era nuclear, no final da década de 60 e nos anos 70, as questões agora eram sobre o meio ambiente, cultura, educação e sociedade. O HI tentava responder esses novos interesses em seus estudos mais recentes e nos relatórios produzidos para CE, que resultaram,

⁹⁹ HUDSON Institute., July 1968, p. 2,7; Cimbala 10; DICKSON, P., 1971. p. 96; BRUCE-BRIGGS, B., 1972, p. 305

¹⁰⁰ SMITH, Mark J., 1972, p. 23-25; BRUCE-BRIGGS, B., 1972, p. 305-306.

em 1972, no *Things to come*, lançado em parceria com Bruce-Briggs. O livro abordava esse conjunto de novas questões e seu impacto nos EUA e no resto do mundo, sendo entendido pelos seus autores como uma continuação do *O ano 2000*, porém, com foco nos anos 70 e 80. Os dois livros representam, portanto, uma diferença do foco entre o curto e o médio prazos e o longo prazo, já que, segundo Kahn e Bruce-Briggs, alguns eventos poderiam ser importantes no longo prazo, sem ter grande impacto no curto, enquanto alguns eventos no curto prazo seriam repentinos e significativos, porém, transitórios e sem importância no longo prazo.¹⁰¹

O TTC era um reflexo reconhecido da característica de maleabilidade do HI, uma vez que é assumido como um momento de pausa de reflexão sobre o futuro dentro de um trabalho que nunca é terminado e que fora iniciado com o TY2000. Contudo, o TTC, diferentemente de seu antecessor, estava preocupado com o planejamento mais curto, alcançando no máximo dez a vinte anos do futuro e tinha um caráter mais prático, contrapondo-se ao teórico e metodológico do TY2000. A intenção com o TTC era divulgar os estudos futuros e esclarecer os envolvidos e interessados sobre as questões do futuro, além de oferecer uma introdução das técnicas e suposições de futurologia e da PR. Por fim, era também uma maneira de construir e divulgar um léxico, ou seja, todas as intenções já pretendidas desde a criação do HI.¹⁰²

Apesar do esforço de divulgação da pesquisa do CE por meio do TTC, havia certa falta de cuidado com os clientes por parte do HI. Kahn, em um memorando interno, argumenta que a adaptação das pesquisas do CE às necessidades das corporações era problema das empresas. Para Kahn, o que caberia ao HI era a construção de pontes entre os pontos de vista gerais do HI e os interesses específicos das corporações, sempre valorizando os interesses comuns de grande parte das corporações. Portanto, o foco do CE não eram as corporações, mas o ambiente corporativo.¹⁰³

No mesmo ano de lançamento, do TTC o HI iniciou um novo projeto, o “Prospects for Mankind”. Ele tratava de examinar alguns conceitos fundamentais sobre o futuro que poderiam afetar os programas de governo, os recursos econômicos e o futuro da democracia e da humanidade como um todo. Esse estudo era uma resposta às propostas neo-malthusianas, principalmente as do primeiro relatório do Clube de Roma, o *Limits to growth*. O “Prospects”, tal como o CE, era financiado por uma mistura de fundos do governo, de empresas, de fundações e de indivíduos.¹⁰⁴

¹⁰¹ TTC, p. 3-5; SMITH, Mark J., 1972, p. 29; BRUCE-BRIGGS, B., 1972, p. 307-308; S/a. **Research and development information** (Fiscal year 1971 Preview), s/d, p. 1.

¹⁰² TTC, p. 3-5.

¹⁰³ KAHN, H. **Memo**: ... for the record. July 1, 1970, p. 1

¹⁰⁴ HUDSON Institute. **Report to the members of Hudson Institute Inc**: 1973 (July 1972 – December 1973).

O HI visava se opor à tese do limites do crescimento, analisando as áreas que considerava principais para o futuro da humanidade, envolvendo a participação de diversos líderes governamentais, do mundo dos negócios e da comunidade como um todo. Essas áreas eram: a qualidade de vida e os estilos de vida nas sociedades pós-industriais, a extensão de liberdade e justiça nas relações entre grupos nacionais e étnicos, os níveis e a natureza da guerra e da paz, da violência, da estabilidade e da mediação de conflito, a demografia e seus efeitos sobre os padrões de vida, a comida e a agricultura, a energia e os recursos naturais, a gestão do desperdício e a ecologia, o desenvolvimento tecnológico e organizacional, o produto nacional bruto e a renda per capita, a prosperidade e a pobreza, a moradia, o transporte, a comunicação e os processos econômicos internacionais. Em cada uma das áreas, seriam desenvolvidos relatórios, ensaios, livros, *briefings* e conferências gerais. Era, portanto, um projeto longo e abrangente, sob a direção de Kahn, com financiamento de diversas fontes, que tinha três estudos principais. Um, sob o financiamento da Rockefeller Brothers Fund, sobre os valores que mudavam e as atitudes que afetavam a atividade econômica e o desenvolvimento tecnológico. Outro, sobre valores, atitudes e estilos de vida futuros dos EUA, com financiamento da National Endowment for the Humanities – uma agência federal independente responsável por financiar programas de estudos nas áreas de humanas – que contrastava a situação atual com a passada. E, por fim, a Encyclopedia of the Future, que seria uma edição de cinco volumes, planejada para 1975. Ainda no sentido de estudos futuros, havia o acordo com uma revista de negócios europeia, a “Vision”, de fornecer um artigo por mês sobre um assunto de interesse presente ou futuro, o qual seria escrito por membros do Instituto.¹⁰⁵

As contrariedades do HI e de Kahn ao que enunciava o senso comum e os ecologistas do período, com centralidade na defesa do Clube de Roma, tinha, contudo, um fundo comum. Quando Jay Forrester, muito ligado ao MITRE, desenvolveu seu modelo sobre a dinâmica mundial, ele enviou-o para que Kahn o analisasse. Esse modelo, depois, foi usado pelo grupo de Meadows para gerar as projeções financiadas pelo Clube de Roma e que fundamentaram o *Limits to Growth*. O “Limits” vendeu bem, conforme Bruce-Briggs, chegando a um milhão de

Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc., 1974, p. 7; HUDSON Institute. **Report to the members of Hudson Institute Inc.** 1975 (Januray – December 1975). Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc., 1976, p. 5-6; HUDSON Institute. **Report to the members of Hudson Institute Inc.** 1976. Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc., 1977, p. 1.

¹⁰⁵ HUDSON Institute, 1974, p. 7-9, 11; HUDSON Institute, 1976, p. 3-4.

cópias e foi catapultado pela mídia e aceito no mundo capitalista. Para Bruce-Briggs, suas teses encontravam respaldo na crise energética pela qual o mundo passava.¹⁰⁶

O “Prospects” foi uma tentativa de angariar fundos ao se opor às teses defendidas pelo Clube de Roma, uma vez que também o CE já não era mais um estudo financiado, mas um programa que visava obter contratos, ou seja, já sem empresas contratantes. O afastamento gradual das empresas do CE se deu principalmente por acreditarem que os trabalhos do HI careciam de uma praticidade flagrante. As empresas tinham dificuldade em entender como aplicar o proposto pelo HI. Entre 1972 e 1973, por exemplo, somente corporações oriundas dos EUA, Canadá, México, Europa e Japão ainda continuavam financiando o estudo. Em Outubro de 1973, o CE se tornou um programa do HI, uma vez que, em Janeiro de 1974, o estudo se encerraria e os devidos relatórios seriam entregues. Com a criação do programa, a ideia era manter uma relação de serviço com as empresas interessadas, além de dar continuidade aos trabalhos. Entre 1974 e 1975, as corporações mexicanas tinham saído do programa. Nesse período, o CE abordava questões referentes à produção de alimentos, ao Oriente Médio, às matérias primas, ao trabalho, à energia e às mudança de valores. Conferências sobre esses temas foram feitas em New York, Paris e Tóquio. Dentro do CE como programa, havia um estudo para Coca-Cola, para o First National City Bank, e para a Ford Motor Company, sobre tendências no longo prazo de questões econômicas, sociais e políticas que poderiam afetar o papel social dos negócios conforme a mudança contínua de expectativa da sociedade. O “Prospects” e o CE, como tudo no HI, foi divulgado por meio de palestras, conferências e estudos.¹⁰⁷

O CE, após 1975, começou a lidar com questões contemporâneas e suas implicações no longo prazo, apontando para duas novas áreas: 1) fatores sócio-econômicos que afetariam o crescimento dos EUA e 2) prospectos para o crescimento da economia internacional. *Papers* e conferências tentavam alocar tais questões em um contexto que ajudaria os administradores e os planejadores das empresas. Os estudos desse programa continuaram a abordar os problemas nacionais e globais de energia, assim como o futuro do Canadá, do Japão e da região asiática do Pacífico. Além disso, houve ênfase em questões sobre o Oriente Médio, as relações norte e sul, as forças do sistema econômico e a política de *comodities* internacional e a produção de comida.¹⁰⁸

¹⁰⁶ BRUCE-BRIGGS, B., 1972, p. 322-327.

¹⁰⁷ HUDSON Institute, 1974, p. 9-11; HUDSON Institute, 1976, p. 5; DICKSON, P., 1971. p. 95-96; BRUCE-BRIGGS, B., 1972, p. 330.

¹⁰⁸ HUDSON Institute, 1977, p. 7-8; 76 9-10; SMITH, Mark J., 1972, p. 25; WED, p. 17-18.

Nesse mesmo ano, os estudos do “Prospects” se tornaram o livro *The Next 200 Years*, que mirava duzentos anos no futuro em razão do bicentenário dos EUA. O livro, portanto, analisava o país e o mundo a partir de duzentos anos atrás e projetando duzentos anos à frente. Conforme Kahn, esse período de quatrocentos anos marcaria o período da Grande Transição, que seria alavancada e planejada pelos EUA rumo a uma fase de paz e prosperidade para o mundo. Nesse sentido, para Kahn, os livros e os projetos sobre o futuro delineavam um roteiro para os EUA e para o mundo, no qual todos os problemas apontados pelos limites do crescimento seriam problemas transitórios e solucionáveis no curto e médio prazo. O livro vendeu quarenta mil cópias nos EUA em 1976 e tinha um caráter claramente contrário à aceitação das propostas do Clube de Roma, visando oferecer uma visão diferente e otimista, contribuindo para diminuir o ânimo frente à interpretação que defendia os limites do crescimento. Esse otimismo presente no livro também era defendido como uma postura, pois se refletiria nas decisões e ânimos dos que delineavam as políticas e que eram responsáveis pelas escolhas. O TN200 foi calorosamente recebido por alguns, com cartas elogiosas ao livro chegando para Kahn e o HI, a partir de pessoas que leram versões prévias. Após publicado, o livro teve algumas traduções para outros idiomas, mas pouca repercussão.¹⁰⁹

O debate com o Clube de Roma era uma via de mão dupla. Se, por um lado, o HI atacava, por outro, também obtinha respostas. Por exemplo, em 13 de Outubro de 1977, a assistente administrativa do Clube de Roma enviou para o HI, visando Kahn, uma cópia do texto de dois dos seus membros, Barry Hughes e Mike Mesarovic, com o título “Testing the Hudson Scenarios”, discutidos em uma conferência recente com o título “Alternatives to Growth”. O debate público, conforme Bruce-Briggs, foi perdido pelo HI, principalmente pelas teses do limite do crescimento ganharem destaque público, encontrarem um respaldo nos acontecimentos do período e, por fim, serem aceitas pelo governo Carter.¹¹⁰

A ampliação dos projetos do HI continuou até 1978, acompanhada da ampliação das agências e organizações de financiamento. O CE continuava como a principal atividade do HI, agora financiada por quarenta corporações oriundas dos EUA, Japão, Canadá, Coreia e Austrália. Complementando o CE, havia o programa “Business and Society”. O “Business and Society”, iniciado em Janeiro de 1977, visava identificar as origens, as tendências e as implicações das forças que influenciavam o crescimento do país, tanto no setor privado,

¹⁰⁹ PICKER, Harvey. **Carta para Herman Kahn**. February 10, 1976; ROCKEFELLER, Rodman C. **Carta para Rudy L. Ruggles Jr.** February 9, 1976; BRUCE-BRIGGS, B., 1972, p. 330-333; HUDSON Institute, 1976, p. 6; 76 4, 11; TN200, p. 1, 7-8; OP200, p. 25-27.

¹¹⁰ KOVAN, Linda. **Carta para Maureen Pritchard**. Washington D.C.: U.S. Association for the Club of Rome. October 13, 1977; BRUCE-BRIGGS, B., 1972, p. 333-334.

quanto no público. Isso se daria pela formulação e pelo esclarecimento de questões importantes na relação dos negócios, do governo e da sociedade, no uso da PR sobre as principais questões e tendências públicas e na disseminação de ideias e informações para os diversos públicos. Por isso, a partir desse programa, que se sustentava por uma bolsa da Mobil Corporation, o HI pretendia escrever *papers* originais sobre questões relacionadas ao tema e escrever ensaios ocasionais para assuntos que os membros e os consultores do HI tinham alguma informação ou opinião relevante para ser disseminado na mídia, no mundo dos negócios, no governo e para o público em geral.¹¹¹

Outro tronco de pesquisas sobre o futuro, estas mais acadêmicas, liderado por Kahn, era sobre o futuro do desenvolvimento econômico mundial, que resultaria no *World Economic Development*. As pesquisas presentes no livro foram divulgadas por meio da convenção anual da Chamber of Commerce, em 1978, estimuladas por contatos com a EPCOT (Experimental Prototype Community of Tomorrow), ligada à Walt Disney Enterprises, e financiadas por várias corporações. Esse trabalho explorava a dinâmica que o desenvolvimento econômico possivelmente apresentaria e os resultados futuros disso. A tese central era que os críticos do capitalismo nos países desenvolvidos eram, na maioria, partidários da ideologia do limite do crescimento. O livro, contra isso, tentaria mostrar a vitalidade notável que o capitalismo possuía, o que era indicado pelo crescimento rápido e com sucesso dos países ao longo do globo. O WED, conforme Bruce-Briggs, é a terceira grande síntese, após o OTW e o TY2000, agora reunindo os trabalhos dos anos 70 do HI e uma revisão e o aprimoramento do TN200. Era, portanto, uma tentativa de resposta e solução para os problemas da crise mundial do período, que apresentava inflação, desemprego e aumento do preço das matérias-primas e dos produtos. Bruce-Briggs, apesar da falta de números, acredita que o livro não foi um sucesso.¹¹²

Todo o planejamento longo e os estudos futuros propostos pelo HI não esquecem a contraparte da ação presente. Kahn, no WED, assume que o livro tinha três preocupações imediatas: apresentar imagens dos próximos séculos que refletem tendências correntes e emergentes, analisar o presente e as próximas uma ou duas décadas e oferecer algumas prescrições para o presente.¹¹³

¹¹¹ HUDSON Institute, 1977, p. 1, 9.

¹¹² HUDSON Institute, 1977, p. 5-6; WED, p. xix-xx; BRUCE-BRIGGS, B., 1972, p. 358-360.

¹¹³ WED, p. 11.

IV.4. *Policy research*: a ação presente, o dilema faustico e a ideologia do futuro

A defesa do HI e de Kahn nessa fase dos estudos futuros pode ser sintetizada como a defesa pela concretização das potencialidades da sociedade industrial. Esse seria, de forma geral, o drama faustico. A particularidade da sociedade industrial, e que a diferencia das anteriores, é que possui, segundo o HI, o desenvolvimento econômico e tecnológico e uma racionalidade secular institucionalizada e manipulativa. Ela é, ainda, resultado de eras de luta para subjugar a natureza e torná-la objeto da vontade humana, partindo do uso do fogo e de ferramentas, passando pela domesticação e controle dos animais, da água, dos ventos, e alcançando o engenho de construção e inovação para aumentar a força e a segurança. Para Kahn, o que o século XX e o XXI testemunharam e testemunhariam seria essa força de controle da natureza em prol do desenvolvimento econômico cada vez maior. Dentre os vários problemas que decorreriam da sociedade industrial, o principal, para Kahn, seria o das escolhas amplas, complexas, incertas e importantes que caberiam aos seres humanos, tanto em meios públicos, quanto privados, governamentais ou corporativos. Frente a esse diagnóstico, Kahn colocava que a luta faustiana incessante poderia alterar e recriar as condições naturais dos homens, compreendidas como as ambientais, as sociais e as psico-biológicas, e essa luta, agora, seria uma questão de escolhas, as quais fariam toda a diferença sobre qual futuro existiria.¹¹⁴

Dentro dessa concepção de Kahn, atrelada aos estudos do futuro estava a necessidade de elaborar e expor quais eram as escolhas, o contexto delas e seus resultados possíveis, assim como desenvolver a capacidade para realizá-las. Isso era, de forma geral, a “policy research” (PR). O HI reconhecia que estudos do futuro e PR eram coisas diferentes, mas que se sobrepunham. Os estudos futuros eram estudos ecléticos e sintéticos, que distinguiam as classes de variáveis e os tipos de futuros como ou possíveis, ou divertidos, ou interessantes ou úteis. Ou seja, os estudos futuros, para o HI, geravam percepções que interagiam os diversos elementos e forneciam contextos úteis para tornar práticos os estudos e as pesquisas de políticas para cinco a dez anos. Por fim, os estudos futuros ofereciam para o trabalho de PR do HI uma perspectiva e guias para as políticas em diversas áreas, ao apresentar uma noção futura a partir da qual seria possível orientar ações, principalmente para o fim do século, quando poderia surgir uma nova sociedade, marcando um período histórico importante.¹¹⁵

¹¹⁴ KAHN, Herman; WIENER, Anthony J. **Faustian powers and human choices**: some 21st century technological and economic issues. Croton-on-Hudson: Hudson Institute, 1967. HI-891/2-DP, September 15, p. 1-4.

¹¹⁵ HUDSON Institute, 1973, Volume 1, CE I – Card 3, I – Commentary Card 3 A perspective on futurology Side B, 1973 CE I – Card 2 Some practical methodological observations Side B; DICKSON, P., 1971. p. 310-311.

A PR, iniciada ainda nos anos 60 e atrelada à prevalência dos estudos militares e de política internacional para o DoD e sobre a DC, tinha um caráter prático, visando ajudar todos os que decidiam, não só militares e membros do governo, mas também homens de negócios dos diferentes países. A definição da PR praticada pelo HI era feita, primeiramente, pela diferenciação da pesquisa científica e da pesquisa do futuro. A pesquisa do futuro, como já vimos, não era pesquisa, pois não há um material sobre o que se estudar, já que o futuro não se revelou e não possui fatos. Por isso, é simplesmente previsão e projeções de tendências. O HI entendia a pesquisa científica como a pesquisa que questionava a validade de algo afirmado e que era orientada a um tema e aos pares. Isso se dava pela reunião e ordenação dos dados, formação e teste de hipóteses experimentalmente ou estatisticamente, re-teste dos resultados e elaboração de teorias. Ela teria como objetivo contribuir com um campo específico de estudo, analisando um objeto delimitado e profundamente, de forma disciplinada, unificada e rigorosa. Já a PR estava mais interessada em problemas determinados. Portanto, é uma pesquisa orientada para decisões específicas, na qual o conhecimento valorizado é justamente o que ajuda a solucionar a questão sobre a decisão. Por isso, há uma construção de alternativas e delineação de suas consequências, visando ajudar os responsáveis pela decisão. Ela era ampla e, com frequência, superficial, além de eclética, voltada para um tempo específico, intuitiva, heurística e até indisciplinada. Destarte, era uma análise que se intencionava mais pragmática e prática.¹¹⁶

As ferramentas para a pesquisa política no HI eram, basicamente, as dos estudos futuros. O HI, portanto, ao fazer e propor PR, trabalhava com a construção de futuros alternativos e a avaliação de suas probabilidades, usava modelos analíticos, pesquisa empírica, analogias históricas, metáforas, cenários, jogos, projeções livres de surpresas, tendências, mundo padrão e futuros alternativos, tudo permeado por um tratamento interdisciplinar, com visões de longo prazo e considerando heurística, propedêutica e metaforicamente as diferentes técnicas, perspectivas, análises e teorias. Portanto, a PR e o estudos futuros, em conjunto, entendiam que as políticas sociais, econômicas e científicas atuais determinariam o tipo de vida que seria vivida no futuro. Dessa forma, ambas “pesquisas” buscavam estudar, a partir de especulações, as consequências das ações e das alternativas que produzirão o futuro, fornecendo, com isso, destinos, caminhos e pontos de

¹¹⁶ HUDSON Institute., July 1968, p. 1, 3, 6, 7-10; HUDSON Institute. **Report to the members of Hudson Institute Inc:** 1969. Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc., 1970, p.6-7; HUDSON Institute, 1973, Volume 1, CE I – Card 1 The Corporate Environment Study: 1975-1985 Side B, I – Card 2 Some practical methodological observations Side B; HUDSON Institute. **Alternative future environments for HEW:** 1975-1985 (Proposal No. 392/2). Croton-on-Hudson: Hudson Institute, August 19, 1971, p. 1.

decisão que auxiliariam os tomadores de decisão. A prática de PR acabava reafirmando as ferramentas dos estudos futuros também para os clientes, já que os estudos de PR eram intencionados, pelo HI, para melhorar a habilidade de decidir, ressaltando a importância da imaginação e da criatividade e treinando o uso das alternativas, das analogias, das metáforas e dos cenários.¹¹⁷

As propostas e as metodologias e enfoques do HI também pautaram uma relação diferente com os possíveis clientes. Toda proposta, agora, era pensada como uma relação de duas mãos, na qual o HI oferecia um *know-how* e esperava do potencial contratante um compromisso de sempre buscar o refinamento e a adaptação aos contextos que surgiriam, remetendo-se, com isso, ao HI e aos estudos que o Instituto se mostrava apto e indicado a realizar. Era, em resumo, a tentativa de concretizar uma *expertise* na elaboração e na ajuda dos processos de decisão. O HI, portanto, ofereceria, primeiramente, uma estrutura conceitual e metodológica com características propedêuticas e heurísticas, um campo amplo de possibilidades, tudo pensado no longo e no médio prazos. Outra qualidade que o HI se atribuía era a interdisciplinaridade, uma vez que, conforme tentava mostrar, não era um instituto grande e numeroso, mas composto por cerca de trinta especialistas de diferentes áreas e procedências, o que permitia um trabalho mais dedicado e passível de aprimoramento.¹¹⁸

Os estudos futuros, conjuntamente com a PR, se tornara o principal fundamento de trabalho no HI nos anos 70 e, nas diferentes propostas para os clientes, o HI sempre seguia a tendência de oferecer um serviço para o futuro. Por exemplo, em uma proposta de dois seminários para o Office of Economic Opportunity, o HI propôs abordar suposições e conceitos de PR, advindos do trabalho contínuo do Instituto sobre questões de política nacional, sobre tendências econômicas, políticas, sociais e culturais atuais e futuras e suas influências sobre a sociedade dos EUA e sobre o futuro. Esse conjunto de metodologia visava lidar com os problemas que interessariam ao Office, a saber, os sociais e os de pobreza dentro dos EUA. A partir disso, o HI intentava estabelecer também uma relação duradoura com o potencial contratante, desenvolvendo uma estrutura conceitual geral para formação de uma espécie de reserva para ser usada para decisões e para pesquisas futuras do HI para o Office.¹¹⁹

¹¹⁷ HUDSON Institute, August 19, 1971, p. 2-3; HUDSON Institute, 1973, Volume 1, CE I – Card 1 Why independent professional policy research? SIDE A; HUDSON Institute, 1970, p. 6-7; HUDSON Institute, 1973, Volume 1, CE I – Card 2 Some practical methodological observations Side B.

¹¹⁸ HUDSON Institute, 1970, p. 6-7; HUDSON Institute, January 5, 1970, p. 2, 4-16.

¹¹⁹ HUDSON Institute. **Seminars and memorando on major trends and their significance** (Propostal No. 323).

Por outro lado, nesse processo de oferecimento de seus serviços para um espectro amplo de clientes, o HI também tinha que se desvincular de sua característica essencialmente militar e mostrar que possuía competência na análise de outras áreas, ou mesmo ressaltar que, nos estudos militares, já eram analisados aspectos sociais e econômicos futuros das relações internacionais e de segurança nacional. Nesse sentido, citava seus estudos sobre áreas de desenvolvimento econômico e, de forma bastante ampla, “other non-defense areas”, indicando, por um lado, o estigma que o Instituto carregava de ser essencialmente militar e, por outro, que havia uma grande indistinção de temas periféricos aos militares, o que demonstrava, também, uma ligação visceral com o ambiente militar. O grande sinal dessa mudança foi a alteração do lema do HI, sumindo o “National Security-International Order” e aparecendo o “Policy Research in the Public Interest”. Essa mudança, apesar de ser anterior à redução do investimento do DoD, acentuou-se após isso, acompanhando a busca de novas áreas de atuação pelo HI.¹²⁰

Os temas abordados pelo HI ao longo da década de 70 foram todos de pesquisa de políticas atreladas a uma visão do futuro que cada vez mais se expandia no tempo e diversificava os temas. Com isso, apesar das linhas de pesquisa temáticas, o HI estabeleceu linhas coesas de pesquisa, que percorreram quase que inteiramente a década de 70 e estavam ligadas aos principais programas de pesquisa do HI, como o CE, o “Prospects” e os que compuseram o WED. Um dos temas, por exemplo, foi sobre energia, o qual ganhou destaque dentro do HI desde a segunda metade da década de 60, em estudos para a MITRE Corporation, a primeira corporação a analisar as questões de energia, recursos e ambiente integradas. Outra linha de pesquisa que também estava impregnada de estudos futuros era a de segurança nacional, que aparecia agora com uma ênfase diversa. Ela abordava desde o planejamento de defesa entre dez a quinze anos no futuro até à análise da evolução dos aviões, contribuindo para o debate sobre o futuro do desenvolvimento dos porta-aviões.¹²¹

Outra área de pesquisa do HI nos anos 70 que também reunia estudos futuros e PR era a de políticas domésticas e estudos sociais, centrada nos EUA e que era bastante abrangente, analisando tanto o curto, quanto o longo prazo. Nessa linha, havia trabalhos mais gerais, como os estudos sobre saúde para o Department of Health, Education e Welfare, sobre tendências

Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc., January 5, 1970, p. 1; DICKSON, P., 1971. p. 95-96.

¹²⁰ HUDSON Institute, January 5, 1970, p. 4-5; HUDSON Institute, 1974, p. 13; SMITH, Mark J., 1972, p. 24; DICKSON, P., 1971. p. 91.

¹²¹ HUDSON Institute, 1974, p. 11-12, 15- 18; HUDSON Institute, 1976, p. 2, 11-14; 76, 2-3, 5, 12-15; HUDSON Institute, 1977, p. 9-14; HUDSON Institute. **Preliminary discussion of proposed Hudson Institute institutional development proposal:** a category 4 development program (Proposal No. 356). Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc. September 01, 1970, p.3-4.

de políticas de educação, financiadas pela National Institute of Education, sobre desenvolvimentos espaciais para a NASA, estudos sobre mercado de trabalho para mulheres sob contrato do Bank of America, um trabalho para New York State Gambling Commission sobre a legalização do jogo, para o Department of Justice acerca do sistema de prisão dos EUA, sobre as questões ambientais para o Department of Commerce dos EUA, sobre o crescimento do Arizona para o século XXI, financiado por indivíduos e organizações do estado.¹²²

A tendência da PR direcionada a estudos mais amplos não foi algo exclusivo do HI, mas uma tendência entre os TTs do período. Conforme Abelson, TTs com essa tendência para recomendações específicas que influenciavam diretamente o campo de políticas foi uma característica no fim dos anos 60 e início dos 70. Essa mudança significou uma disseminação da R&D, iniciada no ambiente militar e, agora, atingindo uma variedade ampla de áreas, tanto que, em 1972, Dickson afirmava que a R&D estava em cada canto do aparato Federal, sendo que os que mais gastavam eram o Pentágono, a NASA, a AEC e o Department of Health, Education and Welfare, e não mais o DoD.¹²³

Essa tendência, conforme Abelson, foi acompanhada da formação de um ambiente mais liberal entre os intelectuais, que fez com que acadêmicos mais conservadores se desiludissem com o ambiente acadêmico e achassem refúgio em alguns TTs, um meio mais receptivo aos seus interesses de pesquisa. Conforme Rich, o surgimento de TTs mais conservadores estava acompanhado de desenvolvimentos mais amplos ainda na passagem da década de 60 para a de 70, sendo o mais influente deles, pensando sobre o HI, a mobilização política de corporações e do ambiente de negócios, principalmente com empresas abrindo escritórios de associação de comércio e corporações em Washington D.C. Já em meados dos anos 70, essas corporações se comportavam como antagonistas do governo, com os responsáveis pelas corporações preocupados com o declínio da produtividade, com a alta inflação e o desemprego, em um período no qual a regulação dos negócios pelo governo expandia. Além disso, o processo de conversão política de intelectuais, tornando-se neo-conservadores, era acompanhado pela defesa de ações diretas na política. Essa mudança, conforme Rich, foi reflexo da desilusão com as premissas do socialismo e do liberalismo. As raízes do neo-conservadorismo são postas, por Rich, na transformação de uma classe de

¹²² HUDSON Institute, 1974, p. 12, 14; HUDSON Institute, 1976, p. 7; 76 3-4, 11-13; HUDSON Institute, 1977, p. 1-2, 6-7, 9-11; BRUCE-BRIGGS, B., 1972, p. 268; DICKSON, P., 1971. p. 95-96; HUDSON Institute.

Preliminary discussion of proposed Hudson Institute institutional development proposal: a category 4 development program (Proposal No. 356). Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc. September 01, 1970, p.3-4

¹²³ ABELSON, Donald E., 1996, p. 27, 49, 82; DICKSON, P., 1971. p. 10-11; RICH, A., 2004, p.63.

intelectuais de Nova York. Irving Kristol, um jornalista muito influente no pensamento neo-conservador, e Daniel Bell, por exemplo, foram proeminentes, ainda nos anos 60, dentro de um grupo conhecido como *New York intellectuals*¹²⁴, em que as crenças anti-comunistas, essencialmente anti-stalinistas, tornaram-se um pro-americanismo agressivo que se opunha à suposta desordem e excessos criados pelo governo e pelos protestos sociais e movimentos estudantis. Essa visão foi fortemente veiculada no *The Public Interest*, um periódico fundado em 1965 e que se transformou em um fórum importante pelo qual intelectuais proeminentes podiam fazer pronunciamentos sobre política social e estrangeira e que tinha como leitores atentos alguns dos delineadores de políticas de Washington.¹²⁵

Kahn, como já vimos, era próximo de Bell, de Nixon e compartilhou muito dessas ideias. Inclusive, foi através de Kristol, que o HI conseguiu o contato com a Mobil para desenvolver o programa “Business and Society”. Contudo, a Mobil não ficou satisfeita com os resultados apresentados pelo HI, o que também chateou Kristol, que acabou decepcionado com o funcionamento do Instituto. Além disso, segundo Bruce-Briggs, o caráter eclético do HI também incomodou Kristol. Esse episódio mostra que os problemas do HI se mantiveram, mesmo após as mudanças de análise, inclusive os problemas financeiros.¹²⁶

Desde 1970, os problemas financeiros estavam presentes, como indica um informativo do então presidente do HI, Max Singer sobre a necessidade de redução salarial dos funcionários para conseguir manter as contas controladas. No ano seguinte, o Instituto teve que fazer empréstimo, para conseguir pagar dívidas e manter o aluguel do terreno onde estava. Singer acreditava que dentro de quatro ou cinco meses, o HI conseguiria adquirir renda por meio de financiamento para estudos no longo prazo. O relatório para membros, de 1973, apontava novamente um balanço negativo. Porém, como Wiener, na época presidente do Research Management Council, mostrava, medidas foram tomadas para flexibilizar e descentralizar os processos de decisão dentro HI, o que fortaleceria os líderes de projeto e, portanto, as pesquisas. Nesse sentido, Wiener já via um progresso, uma vez que os últimos seis meses de 1973 foram um período de fortalecimento dos programas de pesquisa do HI, com três milhões entrando na conta por meio de novos projetos. Essa situação decorria de

¹²⁴ Grupo americano que surgiu nos anos 30 propondo um comunismo revolucionário anti-Stalinista. Todavia, nos anos iniciais da Guerra Fria, assim como ao longo da mesma, o grupo pendeu para um posicionamento mais conservador e de direita.

¹²⁵ Report to the members 1965, p. 10; HUDSON Institute, 1974, p., 68; ABELSON, Donald E., 1996, p. 50; RICH, A., 2004, p.49-53; BRUCE-BRIGGS, B., 2000. p. 287; WALD, A.M. *The New York intellectuals: the rise and decline of the anti-stalinist left from the 1930s to the 1980s*. Chapel Hill: The University of North Carolina, 1987. p. 353.

¹²⁶ BRUCE-BRIGGS, B., 1972, p. 348.

projetos propostos e negociados nos anos anteriores que só foram aprovados naquele momento. Outro fator que contribuiu para isso, conforme Wiener, foi a internacionalização dos programas do HI, com a criação de um escritório na Europa e do CE. Tudo isso, para Wiener, poderia dar ao HI sua independência financeira.¹²⁷

Contudo, em 1976, o relatório para membros mostrava que o HI ainda passava por dificuldades. Uma das formas para vencê-las era obter fontes de renda mais fixas, amplas e individuais, ou seja, doações em pequenas quantias, que podiam variar entre dez e cem dólares, para cada ano de existência do Instituto. Pelas diversas políticas financeiras adotadas, entre 1975 e 1977, as contas do HI pareciam mais equilibradas e distribuídas entre diferentes fontes, afastando completamente a preponderância do DoD e dos estudos militares. Dessa forma, nesse período, entre 55% e 60% do faturamento provinha ou do CE ou de estudos para outras agências do governo, tanto por meio de bolsas restritas, quando de contratos, cabendo só entre 15% e 20% ao DoD. Em 1977, o grosso (29,2%) vinha de outros contratos que não os do programa CE (22,1%), nem do governo americano (20,9%). Contudo, a tão almejada independência do HI, que viria por meio de bolsas sem restrições, em 1977, era responsável por somente 4,2% do faturamento do Instituto, representando, no entanto um aumento considerável em relação aos anos anteriores, que girava entre 2% e 3%. Outra coisa que chama a atenção e indicava as dificuldades financeiras do HI era a relação de perdas e ganhos, sempre muito baixa ou no limite.¹²⁸

A pressão, nesses anos, por contrato também era intensa. Em um memorando para o grupo do Prospects for Mankind Project, em 1976, o então presidente Rudy L. Ruggles alertava para uma negativa da National Science Foundation a uma proposta do HI, o que implicava na necessidade de encontrar novas fontes de financiamento. Assim, ele incentivava a continuidade do projeto e pedia aos membros que pensassem e procurassem possíveis novos interessados e interpelassem-nos de forma mais efetiva. Inclusive, ao longo dos anos 70, Kahn também foi bastante ativo na busca por empréstimos e fundos para o HI. Todavia, o HI também enfrentava, internamente, pequenos casos de corrupção e mau uso dos recursos.¹²⁹

Além dos problemas internos, o HI também teve que enfrentar uma concorrência externa. Os TT desse período, de forma geral, tornaram-se mais orientados ao mercado da política dos EUA, além disso, formou-se um ambiente de competição de consultoria para os

¹²⁷ HUDSON Institute, 1974, p. 1, 5-6, 72-74; HUDSON Institute, 1976, p. 75-76, SINGER, Max. **Further cost reduce:** memo to all staff. Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc.. September 14, 1970.

¹²⁸ HUDSON Institute, 1976, p. 77; 76 6, 63-65; HUDSON Institute, 1977, p. 71-73.

¹²⁹ RUGGLES JR. Rudy L. **Memorandum to member of the Prospects for Mankind Project Advisory Board.** January 22, 1976; BRUCE-BRIGGS, B., 1972, p. 340-345.

responsáveis pelas decisões, não só para o governo, mas para empresas também. Portanto, a busca por uma audiência mais ampla também se acirrou. Os clientes, então, começaram a exigir mais. Tudo isso pesou no HI, frente a sua dificuldade em atender os prazos, à administração frouxa e às pesquisas com resultados pouco práticos, fazendo com que os clientes evitassem estabelecer contratos de longo prazo com o HI. Nessa nova fase de TTs, o interesse nas previsões de longo prazo e o pensamento sobre o futuro também se tornaram importantes, gerando, inclusive, TTs voltados para o futuro e uma nova categoria ocupacional, a de futurista. É indissociável, portanto, a preocupação com o futuro e a PR. Como Dickson aponta, essas instituições futuristas, ao trabalharem sobre o futuro, influenciavam-no. Dessa forma, se um TT afirma, para seus patrocinadores, que dadas coisas ocorrerão no futuro, é provável que elas ocorram, uma vez que o planejamento do futuro visa adaptar os objetivos políticos e tecnológicos às predições.¹³⁰

Desde o problema faustico, passando pelo planejamento do futuro e pela PR, a questão é como moldar o futuro a partir do presente. O suprasumo disso no HI foi a elaboração da ideologia do futuro ou do amanhã. Ela é apresentada a partir de uma divisão entre uma perspectiva descritiva ou preditiva e uma normativa do futuro. A descritiva consistiria basicamente em tentar entender como será o futuro visando se adaptar a ele. Já a normativa compreende alterar o futuro de forma desejada, tornando-o melhor ou evitando o pior. Nesse sentido, a previsão normativa são objetivos razoáveis, que influenciam o resultado da previsão, criando profecias autorrealizáveis. A partir desse argumento, Kahn critica indiretamente os argumentos que servem para fundamentar, por exemplo, as teses defendidas pelo Clube de Roma.¹³¹

Para Kahn, foi justamente a compreensão de uma visão normativa do tempo e do futuro que deu abertura aos estudos futuros. Ele compreende essa visão como resultado da sociedade industrial, a qual também afastou a necessidade do passado, uma vez que estava assentada na inovação e na mudança e não na estabilidade e na autoridade. Com isso, poderia estar em processo uma substituição do passado pelo futuro como elemento de consciência histórica e de percepção do lugar temporal. Porém, para Kahn, a visão do futuro não deveria

¹³⁰ RICH, A., 2004, p.57, ABELSON, Donald E., 1996, p. 82, SMITH, J.A., 1991, p.156-157; DICKSON, P., 1971, p. 47; BRUCE-BRIGGS, B., 1972, p. 264-265.

¹³¹ TTC, p. 245-247. Essa referência não é novidade, pois vários autores também recorrem à história de Fausto para ilustrar a questão da modernidade. Spengler, por exemplo, chama a sociedade ocidental de fáustica. Smith demonstra como os cientistas relacionados às descobertas atômicas também se identificavam com a peça: SMITH, P.D., 2008, p. 203. Berman, ao analisar a modernidade, também o faz em comparação à história contada por Goethe. BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 50-108. TY2000, p. 410-411.

ser uma descritiva pessimista, considerando um cenário horrível como o futuro. O esforço do HI, posto por Kahn, era justamente o trabalho normativo sobre o futuro, considerando as diferentes visões descritivas – inclusive as piores – na busca de padrões de modelagem e de alteração do futuro.¹³²

Essa necessidade de operar sobre o futuro e de avanço no tempo a vir era resultado da TM, mais especificamente, do desenvolvimento científico e tecnológico e da industrialização, que criou uma sociedade comprometida com essas tendências. Isso, para Kahn, seria o drama faustico, do homem que atingiu a secularização por um pacto que o impelia constantemente a continuar pela vereda do progresso e do desenvolvimento. Por isso, para Kahn, a tentativa de conter esse ímpeto semearia a catástrofe, necessitando de forte repressão nos diferentes níveis de decisão. A interpretação do HI sobre o crescimento era, portanto, também uma ideologia do crescimento, que auxiliaria o planejamento racional com a fixação de objetivos alcançáveis e evitando conflitos, em prol de um mundo pacífico e rico. Com isso, visava-se uma ideologia do e para o ano 2000, que apontaria programas para alcançar o desenvolvimento, fugindo das interpretações pessimistas e de suas profecias autorrealizáveis. Essa ideologia do ano 2000 era reconhecida pelo próprio HI como capitalista ocidental e que dependeria do entendimento intelectual das questões que parecessem relevantes e de um esforço organizado para fazer as pessoas aceitarem uma nova visão do futuro, que deveria ser transmitida por acadêmicos e líderes de opinião diretamente ao público.¹³³

Veremos, agora, um exemplo de como esse processo faustico, do homem que quer alterar a natureza, que quer alcançar o progresso, ou seja, da PR atrelada a um projeto e uma ideologia para o futuro teve uma contraparte prática nos projetos do HI para o Brasil.

¹³² TTC, p. 249-250.

¹³³ BELL, Daniel, Summer, 1967, p. 412; TN200, p. 164-166; OP200, p. 194-195; WED, p. 242-243; HUDSON Institute, 1973, volume 2, II – Commentary Card 7 A “bourgeois” (industrial) growth (or post-industrial) ideology based on “futurology” Side A.

V. O desenvolvimento futuro: lagos e desenvolvimento da América do Sul

Dêem-me o ano e não se preocupem com a década
(Delfim Neto, 1971)

Os estudos futuros do HI e a formulação de uma ideia de futuro tinham uma contraparte prática, por meio da PR, que teve uma de suas tentativas de ação por políticas com os estudos de desenvolvimento, os quais abarcavam a América Latina (AL). O interesse do HI pela AL se iniciou na segunda metade de 1964, quando organismos de auxílio internacional ligados ao governo dos EUA demonstraram interesse no que o HI tinha a oferecer. O HI já possuía alguns estudos sobre segurança nacional e ordem internacional que abordavam a AL sob a ótica do desenvolvimento da região, a qual era estrategicamente importante para os EUA devido à proximidade territorial, e que, desde o final da década de 60 e início da de 70, parecia ameaçada frente a uma suposta influência comunista na região, acompanhada de sentimentos anti-EUA.

Portanto, o interesse do HI pela AL nasceu dos interesses e das pesquisas militares que marcaram o HI em parte da década de 60, ainda sob o lema de segurança nacional e ordem internacional. Contudo, as mudanças dentro do HI, no sentido de análises mais amplas sobre o futuro, também implicaram em uma mudança de enfoque sobre a AL, abandonando as questões militares na direção de propostas mais amplas e fausticas.

O HI concentrou seus trabalhos sobre a AL, na segunda metade da década de 60 e começo da de 70, essencialmente sobre a América do Sul, começando pela Colômbia e estendendo-se a outros países, dentre os quais, o Brasil. No Brasil, além de apresentar projetos polêmicos, as propostas do HI não foram interpretadas conforme o período de transição pelo qual passava o Instituto. As propostas e os planos do HI para o Brasil foram tomadas, aqui no país, como propostas feitas para o DoD ou para o Department of State e, por isso, associadas aos interesses de defesa e da segurança nacional dos EUA. Contra isso, estabeleceu-se uma campanha agressiva e sarcástica sobre a figura de Kahn e sobre o HI, culminando em uma total ojeriza à futurologia e ao projeto de futuro do HI, em prol de um projeto mais imediato, tanto de pensamento de futuro, quando de interpretação do passado.

V.1. A entrada na América do Sul: quando o Hudson correu para a América Latina

Uma proposta, de oito de Setembro de 1964, para a Agency of International Development¹ (USAID) com o título “A study of the basic issues of foreign aid”, ou proposta 167 A, marcava o início do interesse do HI pela AL. Esse estudo, até pela associação metodológica que tinha com outros quatro projetos, todos associados à análise da segurança nacional em seus aspectos econômicos, sociais, culturais e militares, defendia uma forma de alcançar a segurança nacional, a partir da América Latina. Nesse sentido, a segurança nacional se baseava em conhecer as “implicações e as precondições para os desenvolvimentos econômicos e tecnológicos possíveis” e em realizar o “estudo das relações entre desenvolvimento e ordem internacional”.²

Para realizar o proposto, o HI usava os métodos que já conhecemos. Primeiramente, partia da ideia de estudos interdisciplinares, visando elaborar como as interações internacionais poderiam objetivar o desenvolvimento da AL. Para pensar essas interações, o HI reconhecia que adaptaria as ferramentas de pesquisa usadas nos estudos político-militares para um contexto de análise diferente, que era o proposto para a USAID, considerado pelo HI mais complexo e menos formulado. Assim, essa proposta intentava – e recuperando duas características correntes nos estudos do HI – ser propedêutica e heurística, ou seja, desenvolver um contexto inicial para as análises da USAID, a partir do qual seria possível elaborar outras pesquisas e despertar outros interesses. As linhas de investigação do HI sobre a AL seriam basicamente uma análise ampla das possibilidades de desenvolvimento econômico e tecnológico da região, abarcando aspectos políticos, culturais, sociais e militares. Abarcaria também as relações internacionais, as formas de cooperação e as crises, tudo isso dentro de um futuro que variaria de cinco a trinta e cinco anos, alcançando, então, o ano 2000. Duas ferramentas identificadas para a construção dessa estrutura de análise eram os cenários e os mundos futuros alternativos, defendidos com a finalidade usual: estimular a imaginação, formular e definir questões principais e, especificamente nesse trabalho, pensar sobre os

¹ Uma agência que surgiu, no dia 03 de Novembro de 1961, da junção de várias outras voltadas ao auxílio para o desenvolvimento de outros países, tendo como principal objetivo administrar e promover o desenvolvimento econômico mundial. Ela estava ligada ao Department of State. <http://www.usaid.gov/who-we-are/usaid-history>, consultado em 21 de out. de 2014; HUDSON Institute, 08 Sep 1964, Annex 1, p. 10; FICO, Carlos. O golpe de 1964 e o papel do governo dos EUA, p.53-74. In: FICO, Carlos (org.) [et al.]. **Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2008, p. 61.

² Tradução nossa: “implications of and preconditions for likely economic and technological developments” and to “study of relationships between development and international order”, HUDSON Institute. **A study of the basic issues of foreign aid** (Proposal No. 167A). Harmon-on-Hudson: Hudson Institute, 08 Sep 1964, Annex 1, p. 7-10.

desenvolvimentos e esclarecer quais seriam estratégias e as táticas de ajuda estrangeira mais apropriadas. Além disso, o HI também propunha projetar tendências atuais, assim como suas variações, e, então, estabelecer uma série de situações hipotéticas relativamente detalhadas, para, depois, perguntar como o mundo pareceria se essa situação existisse e que outros desenvolvimentos poderiam advir da situação hipotética e suas implicações. O critério, para isso, seriam mundos futuros interessantes e plausíveis. Ou seja, o HI fazia, conscientemente, um "lobby for the future", chamando a atenção para as tendências no longo prazo e defendendo seu estudo como um grande contribuidor para isso. Essa proposta, por fim, indicava um plano de conferência para Outubro do mesmo ano.³

Em Outubro de 1964, a AL foi tema de uma conferência do HI, que fazia parte do conjunto de conferências sobre o desenvolvimento, as quais, por sua vez, partiam da ampliação de entendimento do futuro dentro do HI, conforme expusemos nos capítulos anteriores. O interesse pela América Latina também aparecia na proposta de bolsa para a FF, no final de 1964, na qual o HI se apresentava inclinado e com potencial para estudar a formação de organizações supranacionais na Europa, como a Comunidade Econômica Europeia, ou a OTAN, e indicava a AL como uma região de importância para os desenvolvimentos futuros desse tipo de organização. Com isso, colocava a necessidade de conhecer essas possibilidades em relação a probabilidade de ocorrerem e se engendrariam desenvolvimentos favoráveis ou desfavoráveis. Ainda em 1964, e em 1965, o HI voltou sua atenção para a AL planejando quatro projetos principais para o desenvolvimento da região, os quais estavam relacionados a recursos hídricos e transportes.⁴

As propostas e o interesse do HI sobre a AL iniciaram justamente três anos após a criação da Aliança para o Progresso, ocorrida no dia 13 de Março de 1961. A Aliança intentava funcionar como um intermediário entre a comunidade financeira mundial e os países da AL, como um analista de planos e políticas para esses países e um estimulador do desenvolvimento, do crescimento e da industrialização da região a partir do aumento e da melhora da produção, da educação, da saúde, do bem-estar e da agricultura. A interpretação do HI sobre a defesa dos EUA acompanhou a política estrangeira do país. Os anos 40 e 50, logo após a II Guerra, foram marcados por relações exteriores dos EUA focadas na Europa e na Ásia, decorrentes das áreas de conflito durante a guerra e à ameaça da Rússia soviética, que possuía território nesses dois continentes. Essa postura dos EUA representou um

³ HUDSON Institute, 8 Sep. 1964, Annex 1, p. 2-3, 7, 10, 12

⁴ HUDSON Institute, 9 Dez. 1964, Annex 3, p. 16; KARLIK, John. **The long range potential of Latin America: a year 2000 ideology**. Croton-on-Hudson: New York, 3 Nov 1967, Foreword

afastamento da AL, o que foi considerado pelas lideranças da região como um descaso. Contudo, no final dos anos 50, os EUA voltaram sua atenção à AL, principalmente devido à conturbada visita de Nixon em Maio de 1958 à América do Sul, à revolução em Cuba, em 1959, e à implementação do regime socialista na ilha, em 1961. Preocupados, então, com a ameaça comunista na AL, uma região geopolítica estratégica, por estar próxima territorialmente e por ser uma aliada tradicional, o governo Kennedy iniciou a Aliança para o Progresso.⁵

A Aliança refletiu uma mentalidade que, como Azevedo mostra, esteve presente desde a formação dos EUA enquanto nação, quando os EUA assumiram uma posição de responsáveis pela redenção da humanidade e de destino manifesto como os realizadores da liberdade no mundo. É possível inferir, então, que essa mentalidade contaminou os organismos de cooperação internacional no mesmo período. Conforme Abelson concorrendo com isso, houve o interesse por política estrangeira de institutos como o HI, na esteira do papel de poder hegemônico que os EUA assumiram após a II Guerra, ao saírem de seu isolacionismo. Para poder operar e desenvolver os programas, tal como os para a AL, o governo teve que se fiar cada vez mais na PR para conselhos e para condução das relações estrangeiras, dando abertura aos TTs com essa característica.⁶

O HI possuía duas vertentes básicas de estudos internacionais que visavam acompanhar as necessidades apresentadas pela política internacional dos EUA em relação ao terceiro mundo. Uma delas abordava o aspecto militar e de intervenção a partir do combate contra levantes e guerrilhas e a outra, programas de auxílio ao desenvolvimento. A vertente de estudos militares sobre o terceiro mundo, ou seja sobre a questão da contrainsurgência, surgira como um problema para os EUA, primeiramente, pela vitória de Fidel Castro em Cuba e com a preocupação da esquerda radical ganhar terreno na AL, e pelas revoltas comunistas na Indochina, sendo a principal questão o Vietnã. Apesar de começar com estudos amplos, gerais e confidenciais sobre as guerrilhas, o Vietnã se tornou, ao longo dos anos 60, a questão central no programa de estudos de contrainsurgência do HI, rendendo um contrato de duzentos e cinquenta e seis mil dólares, em 1965. A outra vertente de estudos internacionais do HI acompanhava a outra forma de intervenção dos EUA no terceiro mundo: os programas de

⁵ SMITH, Joseph. **The United State and Latin America**: a history of American diplomacy, 1776-2000. London/New York: Routledge, 2005, p. 111-118, 123-124; HOLDEN, Robert H.; ZOLOV, Eric. **Latin America and the United States**: a documentary history. New York: Oxford University, 2000, p. 220-222, 232-234; FICO, Carlos, 2008, p. 56-60.

⁶ ABELSON, Donald E., 1996, p. 50; AZEVEDO, Cecilia. Sob o signo da aliança: o projeto de Kennedy e as representações da América. **História Revista**. 2(1): 71-90, jan./jun., 1997, Goiânia: Universidade Federal de Goiás.

desenvolvimento e auxílio aos países. Com isso, o HI realizou estudos desenvolvimentistas, que analisavam e apresentavam propostas sobre e para a América Latina, Ásia e África, liderados por Robert Panero, a partir do Economic Development Studies Group, formado no HI em 1966.⁷

Robert Panero já demonstrava interesse pela AL desde meados dos anos 50, quando trabalhava como engenheiro e consultor internacional na empresa de seu pai, Guy B. Panero, desenvolvendo projetos no Uruguai, Brasil, Venezuela, Colômbia, Peru e Panamá. Além disso, Robert Panero tinha proximidade pessoal com a AL, uma vez que casara com uma colombiana com ascendência mexicana. Por isso tudo, sentia compartilhar problemas, aspirações e limitações da região. Panero foi contratado por Kahn, ainda na RAND, para ajudá-lo a elaborar uma proposta de um centro subterrâneo de controle de defesa aérea, na Cheyenne Mountain, no Colorado. Segundo Mitchell, apesar da FA ter recusado a ideia de Panero, Kahn a aprovou. Por agradar a Kahn, Panero foi consultor e representante do HI, pago *ad hoc*, por dia de trabalho. Foi ele, por esses meios, que iniciou o contato, os estudos e a elaboração de relatórios sobre a Colômbia, o Oriente Médio, o Brasil, o México e Angola e sobre o programa de estudos futuros do HI. Em 10 de Julho de 1966, Panero foi contratado para liderar o grupo de estudos de desenvolvimento econômico do HI, para, inicialmente, a pedido de Kahn, “consertar a América do Sul”⁸. Durante o período que ficou no HI, até 1974, Panero desenvolveu ainda projetos sobre Angola, Congo, México, Argélia, Suécia, Tailândia, Vietnã e algumas regiões dos EUA. Panero também desenvolveu métodos que foram usados em vários desses estudos, como “the flying think tank” (ou o *think tank* voador), que tratava de sobrevoar uma região em pequenos aviões a uma altura baixa, visando obter o máximo de informação sobre a aérea e, às vezes, também fazer pousos para conversar com pessoas do local. Esse método foi empregado nos estudos sobre Angola e sobre a Península de Yucatan, ambos entre 1968 e 1970.⁹

⁷ FICO, Carlos, 2008, p. 56-58, 65-66; Report to the members 1965, p. 2; HUDSON Institute., 9 de Dez. de 1964, Annex 6, p. 3; SMITH, Mark J., 1972, p. 21.

⁸ “fix South America”, tradução nossa, MITCHELL, John G. **The man who would dam the Amazon:** and other accounts from afield. Lincoln: University of Nebraska Press, 1990, p. 8.

⁹ DICKSON, P., 1971. p. 99-100, 103; SMITH, Mark J., 1972, p. 22; PANERO, Robert B. **Latin American Futures.** June 12, 1964, p. 2; Report to the members 1966, p. 11; PANERO, Robert B. **Carta para Herman Kahn.** May 25, 1964; BRUCE-BRIGGS, B., 1972, p. 275, 340-341; MITCHELL, J. G., 1990, p. 9, 16, 25; NORTHROP, Bowen. They Think for Pay: Herman Kahn's Experts Mull Nuclear strategy, ... **Wall Street Journal (1923 - Current file)**, Sep 20, 1967In: ProQuest Historical Newspapers: The Wall Street Journal (1889-1995), p. 1; HUDSON Institute, 9 de Dez. de 1964, Annex 6, p. 3; Report members 1965, p. 7; PANERO, R. **Carta para Herman Kahn.** May 25, 1964; CRAWFORD, Shirley. **Inter-Office Memo to Herman Kahn,** July 22, 1964; KAHN, H. **Carta para Robert Panero** (International Research and Development Associates Inc.) August 10, 1964.

Panero já estava presente, pelo menos parcialmente, na elaboração do relatório para USAID, quando, conforme a transcrição da conversa de Panero, por telefone, com um funcionário do HI identificado como M. Walls, em 22 de Agosto, de 1964, Panero precisou elaborar dez estudos de desenvolvimento para adicionar na proposta, sendo todos os projetos em áreas de interesse do USAID. A confiança de Kahn no conhecimento de Panero sobre a AL existia pelo contato pessoal que ele tinha com a região, o que pautou a suas propostas. Um desses momentos de contato, conforme seu relato, foi, certa vez, provavelmente no começo dos anos 60, ao participar de um encontro com estudantes em um café, na Colômbia, fruto de um convite de um professor de ciências políticas. No encontro, relata que os estudantes contrariavam os modelos estadunidense e soviético, por acreditarem que ambos prometiam muito, mas ofereciam pouco. Frente a isso, sentia que havia uma busca por um modelo e solução próprias para a AL. Panero sentia que os latino-americanos buscavam uma alternativa nova, que unisse o nacionalismo de cada país com uma necessidade de unificação da AL em prol do desenvolvimento e sem permitir que as forças de segregação agissem em suas comunidades.¹⁰

Com esse diagnóstico, Panero percebia uma forma de resistência aos EUA, mas também conhecia uma maneira pela qual, posteriormente, desenvolveria as formas de abordagem de desenvolvimento da AL. Para Panero, o desenvolvimento deveria ser comum a toda região, pois a AL era uma entidade única. Ela era única por possuir uma religião e um fundo histórico comum, que provinham de uma mistura de europeus, índios e negros. Era única também pela situação presente que culminara desse conjunto de processos históricos, ou seja, altas taxas de população, baixo crescimento econômico, muito progresso em infraestrutura, novas indústrias e distribuição de bens de consumo, aumento da pobreza e – para Panero o pior – a consciência cada vez maior do pobre de que ele é pobre. Portanto, por mais que existissem diferenças culturais, sociais e econômicas entre os países, Panero percebia a formação recente de uma consciência acerca dos problemas da região. Dentro desse contexto, previa que as tendências dos últimos dez anos continuariam nos cinco anos vindouros, alterando pouco a região, com melhoras na democracia, com crescimento econômico e modernização e com comércio internacional ativo. Tudo isso, no entanto, não significaria necessariamente desenvolvimento. Ou seja, usando um linguajar e um quadro

¹⁰ PANERO, Robert B., June 12, 1964, p. 1-2; TELEPHONE conversation: **R. Panero to M. Walls** (Washington to Hudson), 22 Aug. 1964, p. 1.

interpretativo muito próximo daquele que era usado e desenvolvido pelo HI, Panero conseguia convencer e atrair a atenção de Kahn.¹¹

Panero também percebia um conjunto de processos na AL que redundariam no que, posteriormente, dentro do HI, seria posto como as bases da sociedade terciária rumo à quaternária. O primeiro indicativo de uma mudança, para Panero, e que poremos aqui em conceitos posteriores de Kahn, seria a superação de uma sociedade secundária ou pré-industrial na AL, indicada pela alteração da figura chave que caracterizaria o latino-americano. Primeiramente, havia a queda do homem oportunista, oligárquico, não preocupado com o individual, concentrado principalmente em manter e proteger o que tem, com uma tendência inerente a fugir dos problemas internos e deixar a região à deriva, que compunha uma elite decadente preocupada em colocar seu dinheiro na Suíça e preparar-se para viver fora do país. Agora, o novo homem da AL era o industrial, o político, o acadêmico e o profissional, os quais criariam uma quantidade cada vez maior de investimentos dentro dos países. Esse novo perfil do latino-americano, ainda segundo Panero, era formado por uma classe nova de engenheiros, advogados e médicos, por novas associações de comércio e de profissionais, os quais constituíam uma nova elite. Essa elite conseguia se disseminar devido ao avanço tecnológico, por meio do rádio, por exemplo. Porém, um dos problemas era o descrédito com a democracia entre essa nova classe, sendo que uma resposta possível buscada por esses latino-americanos era o sistema de partido único, acrescido de alguma forma de socialismo. Poucos acreditavam, conforme a interpretação de Panero, que o comunismo era uma solução prática, tampouco simpatizavam com os EUA, apesar de cogitarem que a associação aos EUA poderia ajudar a resolver os próprios problemas.¹²

Frente a todo esse diagnóstico, Panero concluía que o principal objetivo da AL nos próximos dez anos seria aumentar o desenvolvimento econômico. Para alcançar isso, Panero defende projetos catalíticos, os quais acelerariam o progresso atual, ao mesmo tempo em que minimizariam algumas realidades nocivas da vida na AL. Algumas propostas, nesse sentido, seriam, por exemplo, investimentos dos próprios latinos americanos em projetos de desenvolvimento, assim como a formação de corporações, principalmente agrícolas, que englobariam capitais privados locais, do governo e de estrangeiros, visando a diversificação da produção com custos menores e o envolvimento tanto dos camponeses, quanto dos donos de terra. Essas medidas, colocando em termos posteriores do HI, seriam as necessárias para concretizar e tornar plena a sociedade composta essencialmente do setor primário e

¹¹ PANERO, Robert B., June 12, 1964, p. 3-4, 12.

¹² *Idem Ibid.* p. 4-5, 13.

secundário, ou seja, as sociedades pré-industrial ou parcialmente industrializadas, para que elas conduzissem à próxima etapa. Outras medidas propostas por Panero seria usar a educação por TV ou rádio, estimular a imigração, principalmente de refugiados como, por exemplo, do leste europeu e Israel, estabelecer comércio com outros países da América do Sul, assim como com países africanos e a formação de um mercado comum latino americano.¹³

Porém, e novamente se coadunando com o que seria o mote do HI nos anos seguintes, Panero defendia, indiretamente, planejamentos mais longos e futuros. Indiretamente, pois Panero reconhecia os esforços dos EUA, nos últimos anos, para desenvolver a AL por meio dos programas da USAID, porém, atribuía a falta de sucesso deles ao fato de visarem apenas o curto prazo, com pouco efeito imediato e gerando insatisfação dos locais. Panero acreditava que a AL olhava para os EUA em busca de encorajamento e que EUA deveriam assumir um papel de amigo e parceiro. Com isso, Panero tocava em uma questão crucial. Como Fico nos mostra, a Aliança para o Progresso, nos primeiros anos da década de 60, não mudou a concepção dos latino-americanos sobre os programas de auxílio, não se estabelecendo, com isso, a reciprocidade imaginada. Depois, visando centralizar as operações, a Aliança acabou vinculada a USAID, o que, conforme Fico, por sua estrutura burocratizada e por sua vinculação ideológica de combate ao comunismo, acabou não agradando e atendendo aos anseios dos governantes da AL.¹⁴

Portanto, Panero propunha planejamentos em longo prazo para revitalizar e fazer essa relação EUA-AL se tornar realmente orgânica e viva. O HI comprou essa ideia, uma vez que também já desenvolvia um arcabouço para isso. Para realizar os planejamentos e previsões de longo prazo para a AL, o HI pretendia reunir homens de negócios, especialistas em desenvolvimento, em política e em SA, líderes dos EUA e da AL que conheci- am as realidades analisadas e, por fim, planejadores para pensar o desenvolvimento da AL pelas linhas da economia, da sociologia e da psicologia social, para levantar e esclarecer alguns dos problemas da AL e para refletir sobre a possibilidade de estabelecer um centro de pesquisa e planejamento, na AL, o qual identificaria as questões principais, analisaria as soluções alternativas e delinear- ia os projetos de desenvolvimento específicos para implementar tais soluções.¹⁵

Ao desenvolver essas temáticas sobre a AL, criou-se uma confluência entre o que o HI tinha a oferecer e precisava e o que os organismos de auxílio internacional dos EUA

¹³ PANERO, Robert B., June 12, 1964, p. 13-17.

¹⁴ PANERO, Robert B., June 12, 1964, p. 17-18; FICO, Carlos, 2008, p. 61.

¹⁵ HUDSON Institute, 9 Dez. 1964, Annex 6, p. 3-4; KAUFMANN, Felix. **Carta para Robert B. Panero**. July 10, 1964.

necessitavam e podiam fornecer, como evidencia uma carta, de 20 de Julho de 1964, do Chefe da Unidade de Recursos Naturais, ligada ao Department of Economic Affairs¹⁶ da Organização dos Estados Americanos (OEA)¹⁷ para Felix Kaufmann, então diretor do programa de Estudos Futuros do HI. Na carta, a OEA demonstrava interesse na conferência do HI sobre AL, que seria ministrada em Outubro de 1964, com o título “Development of Latin American Countries – opportunities and limitations”. O interesse no que o HI tinha a apresentar derivava do projeto que Unidade de Recursos Naturais desenvolvia: um inventário de recursos naturais existentes na AL. Com esse inventário, a Unidade visava auxiliar os EUA e as agências internacionais envolvidas em operações de desenvolvimento na AL ao preencher um hiato dos dados básicos referentes aos recursos naturais que eram necessários para a implementação de estudos realizados sob o programa da Aliança para o Progresso. A carta também indicava uma falta de técnicos qualificados na AL e, por isso, um grupo interdisciplinar de técnicos qualificados trabalhava em conjunto com os representantes dos governos da região em projetos de desenvolvimento, tudo isso, visando cumprir as diretrizes determinadas pela carta de Punta del Este¹⁸. Todavia, posteriormente, no final de Setembro, a OEA, por meio de seu diretor do Department of Economic Affairs, Germanico Salgado, avisava Kaufman que não participaria da conferência por falta de tempo. Apesar desse revés, em 1965, o HI já possuía um contrato preliminar com o Comitê Inter-Americano da Aliança para o Progresso¹⁹ (CIAP).²⁰

A USAID e a OEA também pareciam ser uma fonte de recursos financeiros interessantes ao HI, uma vez que agiam junto a bancos, empresas e programas de desenvolvimento, de modernização e de industrialização. O interesse do Instituto pela AL

¹⁶ Criado em Julho de 1962, tinha como finalidade oferecer assistência técnica para os membros latino-americanos da Organização dos Estados Americanos em questões de preparação de planos para avaliação e desenvolvimento de recursos naturais.

¹⁷ Criada em 30 de Abril de 1948, a OEA culminou de um processo, desde o fim da II Guerra, de tratados e pactos entre os países americanos sob a justificativa de segurança nacional, acordando a não intervenção entre os países membros e a igualdade entre eles, conforme regulamentações da ONU. Segundo Smith, a OEA, por um lado, atendeu a vontade da AL, agindo como um patrono forte e vencedor após a II Guerra, por outro lado, serviu aos EUA como uma ferramenta para prevenir a influência da política externa, principalmente soviética, sobre a região, SMITH, J., 2005, p. 115-116.

¹⁸ Em um encontro em Punta del Este, no Uruguai, entre 5 e 17 de Agosto de 1961, foram acordados planos concretos para a Aliança para o Progresso. Um dos compromissos firmados foi o de alcançar, nos países participantes, um crescimento substancial e sustentado de lucros per capita capaz de assegurar o desenvolvimento autossustentável e suficiente da AL, visando diminuir a diferença da região para os países mais industrializados, SMITH, J., 2005, p. 232-233.

¹⁹ Criado em 1963, visava oferecer um perfil multilateral à Aliança, contando com membros vindos dos países da AL, e evitar a burocracia que era característica a USAID, com mecanismos mais rápidos de decisão. Conforme Fico, o problema, contudo, era que ninguém se submetia à autoridade do comitê, FICO, Carlos, 2008, p. 63.

²⁰ Report to the members 1965, p. 2; RODGERS, Kirk P. **Carta para Felix Kaufmann, Director of Hudson Institute Future Program**. Washington D.C.: Pan American Union. July 20, 1964; SALGADO, G. **Carta para Felix Kaufmann**. Washington D.C.: Pan American Union. Sep 24, 1964.

representou também, portanto, uma tentativa de sobrevivência e de busca por independência financeira em relação aos organismos de financiamento exclusivamente estadunidenses e de defesa. Além disso, os países da AL também começaram a se apresentar, para o HI, como potenciais fontes de renda. Nesse sentido, o HI começou a funcionar como intermediário. De um lado, o HI apresentava propostas e planos para bancos, organismos governamentais e companhias nacionais e multinacionais, de outro, apresentava o mesmo conjunto de trabalhos aos representantes, às empresas e aos governos da AL, visando resolver os problemas de desenvolvimento e os problemas seculares a partir do planejamento em longo prazo. Com isso, também agia de acordo com o perfil assumido por esses organismos de auxílio internacional após a morte de Kennedy, no governo Johnson, que era o do CIAP, por exemplo, funcionando mais como um estimulador do desenvolvimento do que como um investidor. Ou seja, trabalhar também no sentido de tornar os programas de auxílios interessantes aos investidores privados.²¹

A Proposta 167 A reunia, nesse sentido, já em 1964, dois elementos que marcariam os trabalhos do HI no final da década de 60 e início da de 70: os estudos futuros e a ação prática presente. A 167 A visava desenvolver estudos contextuais, que seriam as considerações das escolhas políticas tanto no curto, quanto no longo prazos, e os estudos especializados, que seriam o exame de possibilidades de projetos de desenvolvimento concretos e ligados aos estudos contextuais. Portanto, dentro do programa de desenvolvimento do HI, a praticidade da PR não estava restrita a mostrar as escolhas possíveis e desenvolver a capacidade dos que decidiam, mas também pretendia apontar projetos concretos. Esses planos concretos para a AL e a América do Sul começaram pela Colômbia.

V.1.a. O Hudson aflui para o Amazonas: O novo enfoque sobre a Amazônia

No relatório como o título *Latin American Futures*, elaborado por Panero e enviado para o HI, em Junho de 1964 – fazendo com que ele fosse contratado como consultor *ad hoc* – Panero propôs uma divisão por regiões da AL. Haveria quatro regiões de maior influência: 1) Argentina, Uruguai e Paraguai, 2) Brasil, 3) México e 4) Venezuela, Colômbia, Peru, Equador, Bolívia e Chile, além de três menores: 5) América Central, 6) Cuba e 7) Porto Rico. Analisando a região 4, Panero colocava esses países em um conjunto por estarem em montanhas, terem pouca imigração negra, serem basicamente formados por espanhóis e

²¹ FICO, Carlos, 2008, p. 65

indígenas. Além disso, Panero os considerava nacionalistas e com economias baseadas na exploração dos recursos naturais. Eram, portanto, países com industrialização recente e historicamente isolados. Todavia, apresentavam crescimento urbano, com lojas, cinemas e restaurantes, porém, sem crescimento econômico. Possuíam regimes democráticos, mas Panero via uma tendência comunista no Chile, que poderia influenciar os outros países andinos. Justamente por isso, percebia nesses países os grupos anti-comunistas mais efetivos da AL. Por tudo isso, Panero considerava essa região como de avaliação difícil, com os grupos industriais e intelectuais dirigentes divididos sobre qual sistema política escolher, existindo um descrédito com a democracia justamente por essa divisão que ela engendrara. Portanto, esse conjunto de países, conforme a análise de Panero, poderia ser uma região potencial para aplicar os planos de desenvolvimento, propiciando o crescimento econômico e evitando, com isso, a continuação da pobreza e a fertilidade do pensamento comunista.²²

Panero tinha um plano ambicioso e enorme para a América do Sul. Esse plano já era esboçado dentro do HI desde Agosto de 1964, e tinha como mote ocupar o interior da América do Sul, que, conforme Panero, era uma área praticamente desocupada. O elemento principal do plano era a porção central do continente sul-americano, mais especificamente, a Bacia Amazônica. O plano consistia, basicamente, na alteração da geografia da região, por meio de barragens e explosivos – inclusive nucleares – para, em um primeiro momento, inundar a Bacia Amazônica, tendo início pela Colômbia. Para realizar esse intento, ele defendia uma sequência de estudos. O primeiro passo era determinar a viabilidade econômica e técnica de inundar uma área próxima de duzentos e sessenta mil quilômetros quadrados²³ com a finalidade de obter em torno de três milhões e cento e oito mil quilômetros quadrados²⁴ de terra fértil na Bacia Amazônica. Outro estudo era a possibilidade de retirar a água de parte da bacia Amazônica, a partir de um projeto multinacional que envolveria Brasil, Peru, Bolívia, Equador, Colômbia e Venezuela, e, depois, analisar como a área sem água poderia ser usada para implantar fazendas, com o transporte feito por rios.²⁵

Essas hipóteses de estudos sobre a AL refletem o elemento prático e de proposta concreta, o qual marcaria os estudos de desenvolvimento do HI. Essa proposta de controle do interior do continente a partir da construção de barragens gerando inundações também foi pensada e exposta por Panero para outras regiões do continente sul-americano, como na Bacia do Prata, envolvendo Paraguai, Brasil, Argentina, Chile e Bolívia. Essas inundações também

²² PANERO, Robert B., June 12, 1964, p. 5-12.

²³ Cem mil milhas quadradas

²⁴ Um milhão e duzentas mil milhas quadradas

²⁵ TELEPHONE conversation, 22 Aug. 1964, p. 1-2.

gerariam novas terras para agricultura que, em conjunto com as da Amazônia, poderiam gerar a necessidade de corporações agrícolas e uma mudança na finalidade da produção, o que também, para Panero, deveria ser tema de estudo. Outros estudos decorreriam desses planos, como por exemplo, estudos sobre o uso da comunicação eletrônica para aumentar a eficiência e diminuir o custo para a execução da lei e da educação nessas áreas remotas, ou análises sobre a formação de fundos mútuos, metade financiados pelo governo ou organizações como a OEA, metade por fontes privadas. Portanto, o controle do Rio Prata e do Amazonas daria o controle do interior da América do Sul e poderia promover, inclusive, a integração e o desenvolvimento do continente.²⁶

Com os planos elaborados, Panero também fazia a intermediação que mencionamos anteriormente. De um lado, instigava e seguia os interesses dos organismos interessados no desenvolvimento de outros países e, por outro, negociava com as empresas, corporações e laboratórios que poderiam ganhar alguma coisa ao se envolver com os projetos na AL. Em um memorando de 30 de Setembro de 1964, Panero, ainda como consultor *ad hoc* do HI, informava a Kahn que realizara encontros com pessoas da General Electric, da Casa Branca e da USAID para discutir o programa de estudos futuros do HI, principalmente questões acerca da guerra contra a pobreza e as propostas para a USAID. Além disso, também relatava encontros com autoridades e contatos da AL, como com um senhor que estava no Inter-American Development Bank²⁷ (IDB), e que, antes, trabalhara em um banco de crédito agrícola na Colômbia. Panero conversava com esses latino-americanos com o intuito de conhecer as condições da AL.²⁸

Panero também fez contatos com o Stanford Research Institute²⁹ (SRI) sobre projetos de comunicação, uso de tecnologia para prever o clima, e campos de mineração na AL. Conheceu o *Plowshare Project*, que consistia no uso de explosivos nucleares com finalidades de engenharia, ligado ao Lawrence Radiation Labs³⁰. Reuniu-se com Frank Pace, para discutir

²⁶ PANERO, Robert B., June 12, 1964, p. 5-6) (TELEPHONE conversation, 22 Aug. 1964, p. 3-6.

²⁷ Fundado em 1959, com sede em Washington D.C., tinha como finalidade servir de fonte para o financiamento do desenvolvimento da AL e do Caribe, comprometendo-se com a conquista de resultados mensuráveis, íntegros, transparentes e responsáveis. Disponível em: <<http://www.iadb.org/en/about-us/about-the-inter-american-development-bank,5995.html>>. Acesso em: 30 Out. 2014.

²⁸ PANERO, Robert B. **Trip report – Washington, Houston, New York** (Inter-Office Memo to Herman Kahn), 30 Sep. 1964

²⁹ Uma corporação sem fins lucrativos de pesquisa, voltada a servir a indústria e ao governo, fundada pela Stanford University, em 1946, e dedicada a pensar formas de aplicações da ciência e da tecnologia. Disponível em: <<http://www.sri.com/about>>. Acesso em: 30 Out. 2014.

³⁰ Funcionava da mesma forma que o SRI, mas estava ligado a University of Berkeley. Disponível em: <<http://history.lbl.gov/>>. Acesso em: 30 Out. 2014.

o papel da International Executive Service Corps³¹ (IESC) nos projetos sobre a AL, que, conforme o interesse dos países envolvidos, poderia ocorrer tanto no estabelecimento dos passos iniciais, quanto ao fornecer um planejamento continuado e o monitoramento das operações. Os contatos com a IESC foram intensificados, em detrimento dos com a USAID, uma vez que, no fim de 1964, o principal contato de Panero na USAID – que já indicara anteriormente ser simpático a Kahn e suas ideias – informara que sairia da USAID, no começo de 1965, mas que tentaria deixar o projeto do HI encaminhado, e iria para o IESC, onde continuaria dando atenção às propostas do HI.³²

Em paralelo aos contatos com os organismos estadunidenses de ajuda internacional e com empresas, corporações e laboratórios, Panero também fez contatos com os países latino-americanos. Em 11 de Novembro de 1964, Panero foi para Bogotá e conversou com membros da Suprema Corte da Colômbia e com outras pessoas influentes no país, não só para oferecer o que tinha, mas também, para ouvir, informalmente, ou como *briefings*, sobre questões da realidade e da atualidade da Colômbia. Também sondou e encontrou colombianos que eram favoráveis à parceria e à atuação do IESC. O que Panero ouviu e concluiu – e usou para orientar as propostas a serem submetidas ao IESC – era a importância de desenvolver um banco de médio porte, desenvolver a indústria de pesca, fomentar uma companhia de seguros de médio porte e investir em usina siderúrgica e na produção de café. Todavia, a ideia que seria o mote das propostas do HI para a AL, Panero aprendeu conversando com arquitetos locais: construir uma série de canais no sentido norte e sul para conectar todos os rios, de leste a oeste, desde Putumayo (uma região no sudoeste da Colômbia), passando pelo Amazonas e chegando ao Atlântico. Esses contatos com autoridades colombianas resultaram, no dia 16 e 17 de Dezembro do mesmo ano, em visitas ao HI, respectivamente, de um embaixador e um banqueiro colombianos.³³

³¹ Frank Pace fora Secretário do Exército dos EUA no governo Truman e, após isso, executivo de uma grande empresa que possuía contratos com o Exército dos EUA. Na época das conversas com Panero, estava ligado ao IESC, que era uma corporação sem fins lucrativos que enviava consultores e especialistas voluntários para ajudar na administração de empresas privadas, indústrias e governos. Foi criada por David Rockfelles e Sol Linowitz, dois filantropos e empreendedores. Seu lançamento foi feito na Casa Branca pelo presidente Johnson. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1988/01/10/obituaries/frank-pace-jr-former-secretary-of-the-army-and-executive-dies.html>> e <<http://www.iesc.org/who-we-are.aspx>>. Acesso em: 30 Out. 2014.

³² PANERO, Robert **Washington trip – 15 Sept. to 18 Sept.** (Inter-Office Memo to Herman Kahn), 22 Sep. 1964; PANERO, Robert **Meeting with S. Peyser, yesterday December 7, 1964** (Inter-Office Memo to Herman Kahn), 8 Dec. 1964; PANERO, Robert. **San Francisco Trip report**, 06 Nov. 1964; PANERO, Robert **Boston Trip** (Inter-Office Memo to Herman Kahn), 25 Oct. 1964; PANERO, Robert. **Meeting with Frank Pace, November, 9, 1964, at the office of International Executives Service Corps, 720 Fifth Ave., 11th Floor, 3 P.M.** (Memo to Herman Kahn), 10 Nov. 1964; Para mais detalhes de como os laboratórios se relacionavam com a indústria, Cf. LESLIE, Stuart W. **The cold war and American science: the military-industrial-academic complex at MIT and Stanford**. New York: Columbia University Press, 1993

³³ PANERO, Robert B. **International Executive Service Corps projects in Colombia** (Inter-Office Memo to

As sugestões ouvidas na Colômbia não se restringiam aos projetos que deveriam ser desenvolvidos, elas também indicavam com quem falar e como obter favores. Panero conseguiu, por exemplo, por meio de um general, um sobrevoo na região da Amazônia, a oeste de Manaus. Além disso, recomendaram-lhe que o IESC deveria buscar apoio e apoiar Alberto Lleras Camargo, evitando que ele fosse oposição. Lleras Camargo era líder do Partido Liberal da Colômbia, político influente, que fora presidente da Colômbia duas vezes, além de Secretário Geral da OEA, e era, na época, colunista e editor da revista *Vision*. Panero, então, intencionava chamar Lleras Camargo para ser o presidente de um TT que o HI planejava criar na AL. Panero já tentara, por meio de amigos colombianos, falar com Lleras Camargo e conhecer suas ideias sobre o desenvolvimento da AL em Agosto de 1964. Por fim, com essas viagens, Panero também pretendia, com o suposto embasamento adquirido, fortalecer as propostas do HI junto os organismos e obter mais possibilidades de projetos para as diferentes agências e suas divisões.³⁴

O contato com autoridades dos países para os quais os projetos eram propostos e intencionados e a apropriação e defesa de projetos e ideias dessas autoridades também redundava em apoio aos projetos do HI. Um exemplo disso foi o artigo, no início de 1965, do novo embaixador colombiano no Brasil, defendendo a criação de empreendimentos conjuntos de brasileiros e colombianos sobre projetos de integração da Amazônia, por meio de rios, aproximando-se muito das ideias apreendidas por Panero na Colômbia, ou seja, a ligação da Baía de Sanquianga, no Pacífico, com os Rios Caquetá, depois, com o Putumayo e, então, o Amazonas, para, enfim, desembocar no Atlântico. Essas propostas de integração pareciam ser uma forma de ação buscada pela diplomacia colombiana, muito próximas das ideias com que Panero voltou de sua viagem da Colômbia e que, posteriormente, comporiam os planos do HI.³⁵

Com os contatos feitos na Colômbia e com algumas questões sobre apoio e financiamento encaminhadas, então, Panero começou a desenvolver os projetos e as propostas, sendo o principal deles a inundação de parte da Amazônia, que, como vimos, geraria novas terras férteis. Essa inundação poderia ser feita, por exemplo, a partir dos

Herman Kahn), 03 Dec. 1964, p. 1-2, 4; PANERO, Robert. **Memo to all research staff**, 14 Dec. 1964

³⁴ PANERO, Robert B. **International Executive Service Corps projects in Colombia** (Inter-Office Memo to Herman Kahn), 03 Dec. 1964, p. 5-6; PANERO, Robert B. **Letter from Bogota – Wednesday, November, 25, 1964** (Inter-Office Memo to Herman Kahn), 04 Dec. 1964, p. 1; PANERO, Robert B. **Carta para Joser Gomez Pinzon**, 11 Aug. 1964; PANERO, Robert B. **Letter from Bogota – Wednesday, November, 25, 1964** (Inter-Office Memo to Herman Kahn), 04 Dec. 1964, p. 2

³⁵ PANERO, Robert. **Newspaper article dealing with Amazon River project, published in Bogota's El Tiempo, on 1/3/65** (Memo to H. Kahn – M. Singer), 08 Jan. 1965, p. 1

explosivos nucleares propostos pelo Projeto *Plowshare*. Com essa proposta delineada, o HI, por meio de Panero, desenvolveu um pequeno memorando, apresentado no dia 23 de Fevereiro de 1965, para o IESC, abordando os problemas agrícolas da AL e como o IESC poderia participar nesse processo. Além disso, a apresentação do plano também ressaltava as possibilidades, a partir da inundação, da obtenção de energia elétrica e de rota de transporte, já que, segundo Panero, haveria vários bens comercializáveis no Brasil, como automóveis, que eram necessários para os países andinos, assim como bens andinos, como óleos e manufaturas leves, que também poderiam ser comercializáveis no Brasil.³⁶

O projeto de inundação da bacia Amazônica foi apresentado também ao IDB. Em cartas para diferentes membros do banco, Panero informava que já fizera contato com técnicos experientes e que poderiam ajudar no projeto e exigia urgência na resposta, pois pretendia levar alguém do banco para o sobrevoo na região, juntando-se a uma pessoa do SRI e um conselheiro do projeto. O sobrevoo seria sobre os rios Caquetá e Putumayo, na Colômbia Amazônica e era oferecido pela Força Aérea da Colômbia. A principal justificativa para o voo era imaginar como a ideia de retirar a água da região sobrevoada influenciaria nos fluxos dos rios no Brasil. As informações obtidas no sobrevoo seriam repassadas para outras empresas, principalmente para pensar o desenvolvimento de veículos para os rios. Por fim, Panero defendia que o sobrevoo faria parte de objetivos mais amplos e heurísticos e propedêuticos, ou seja, de fornecer uma estrutura no longo prazo para gerar projetos multidisciplinares e multinacionais e ajudar a estimular a integração econômica da América do Sul conforme as diretrizes de projetos declaradas pelo IDB.³⁷

No dia 17 de Fevereiro de 1965, o HI apresentava, para o IDB, o projeto sobre a Amazônia, com mais detalhes, mas ainda centrado na Colômbia, e abordando a Bacia do Amazonas em relação à Bacia do Orinoco-Meta, que compreendia Colômbia e Venezuela, e a Bacia do Paraguai-Paraná. Um primeiro ponto era um conceito que se tornaria recorrente na defesa do desenvolvimento da AL, o "sideways technology". Esse conceito compreende a modificação ou a adaptação da tecnologia desenvolvida nos países avançados para ser empregada especificamente na AL, como, por exemplo, alterações topográficas pelo uso de explosivos nucleares, visando alterar cursos de rios e criar lagos, ou, nesse mesmo sentido, o uso de barragens, que também serviriam para reduzir as inundações da região, ou a adaptação

³⁶ PANERO, Robert B. **Letter from Bogota – Wednesday, November, 25, 1964** (Inter-Office Memo to Herman Kahn), 04 Dec. 1964, p. 1; PANERO, Robert B. **Appraisal of agricultural possibilities for IESC** (Memorandum to Herman Kahn), 23 Feb. 1965, p. 1-5

³⁷ PANERO, Robert B. **Carta para Dr. José Epstein** – Interamerican Development Bank. 15 de Feb. De 1965; PANERO, Robert B. **Carta para Dr. Ignacio Copete** – Financial Manager, Interamerican Development Bank. 15 de Feb. De 1965, p. 1-3.

e o desenvolvimento de veículos próprios para os rios. A comunicação também era uma preocupação central, com a ideia de fazer um centro de *switching* no Amazonas. Outra faceta do projeto era desenvolver uma estrutura de longo prazo visando projetos multinacionais, multidisciplinares, industriais e agrícolas, dentro dos limites geográficos da AL, conforme planejamentos regionais longos, integrados e flexíveis.³⁸

O grupo de investigação delineado nesse projeto sobre a Amazônia seria composto por uma equipe baseada nos contatos estabelecidos anteriormente pelo HI e por Panero, ou seja, com pessoas oriundas da SRI, do HI e do IDB. O grupo contaria ainda com o apoio do Lawrence Radiation Laboratories e da Lockheed Aircraft Corporation, que seria a responsável por desenvolver os barcos para navegação nos rios. Esse grupo também faria conferências no HI, lideradas por Kahn, nas quais apresentariam e revisariam o material obtido pelo grupo de investigação. Por fim, os projetos passados também seriam analisados, visando, com isso, constituir uma enciclopédia das experiências passadas e atuais que permitiria a projeção de futuros possíveis e programas de desenvolvimento alternativos. Apesar de todos os contatos e planos, até 17 de Fevereiro de 1965, o projeto estava associado exclusivamente à Colômbia, pela Universidade de los Andes, em Bogotá, por meio do Centro de Estudios de Desarrollo Económico. Por fim, como parte da divulgação do projeto, o HI organizou uma conferência em Nova Iorque sobre os estudos da Bacia Amazônica.³⁹

Em 01 de Julho de 1965, Kahn e Panero lançaram o relatório que resumia todo esse conjunto de propostas, com o título “New focus on the Amazon”. Portanto, o relatório era uma grande síntese desde quando Panero começou a trabalhar para o HI, em 1964. O “New focus...” partia do problema da desocupação do interior do continente sul-americano, que era composto, em sua maior parte, pela Bacia Amazônica. Frente a isso, a proposta do HI para o desenvolvimento da bacia partia do uso de novas tecnologias e de planos coordenados.⁴⁰

Inicialmente, o relatório desenvolve uma reflexão sobre os caminhos do desenvolvimento, identificando que alguns grupos e instituições financeiras internacionais

³⁸ PANERO, Robert B. **Expansion, modification, and development of Hudson Institute proposal dated 17 December 1964** (Memorandum to Special Committee of Interamerican Development Bank for Proposed Amazon Basin Special Project), 17 Feb. 1965, p. 1-4, 9.

³⁹ PANERO, Robert B., 17 Feb. 1965, p. 5, 7-10; HUDSON Institute. **Amazon Basin Study**: open working session, April 3 & 4, 1965.

⁴⁰ PANERO, Robert; KAHN, Herman. **New focus on the Amazon** (HI-758-P). Harmon-on-Hudson: Hudson Institute, 1 Jul 1965, p. 75; PANERO, Robert; KAHN, Herman. Novo foco sobre a Amazônia, **Folha de S. Paulo**, Suplemento Especial, Série realidade brasileira: Amazônia. São Paulo: Editora Abril, p. 75-79, 05 nov. 1968, p. 1; PANERO, Robert; KAHN, Herman. Novo foco sobre a Amazônia, **Revista Brasileira de Política Internacional**: a Amazônia, Ano XI, No 41-42, Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, p. 51-64, Mar/Jun 1968, p. 51. A partir daqui, até o fim desse subcapítulo, indicaremos esses três textos da seguinte forma, HI, referindo-se ao volume original em inglês, publicado pelo HI, Folha de S. Paulo, à tradução apresentada no referido jornal, e RBPI, referindo-se à publicação no referido periódico.

tentavam, com ajuda financeira e tecnológica dos EUA, aumentar a unidade na região e explorá-la, visando atingir o progresso econômico e social. Porém, os EUA encontravam uma grande resistência, a qual um elemento comum entre os latino-americanos. Conforme Kahn e Panero, para alcançar o estágio industrial moderno pleno seria necessário dinamismo sócio-cultural e uma vontade de sacrificar confortos atuais e práticas tradicionais em prol de satisfação ulterior. Porém, para eles, essas características só estavam presentes em alguns locais da AL. Baseados nisso, acreditavam que setores urbanizados e relativamente modernos de países como Brasil, México, Colômbia e Venezuela cresceriam e prosperariam com velocidade. Contudo, outras áreas também nesses países cresceriam devagar, se crescessem, e testemunhariam o aumento de tensões sociais. Assim, algumas questões críticas que poderiam surgir no futuro, nessas áreas, seriam a desigualdade e a disparidade do desenvolvimento, o impedimento do crescimento econômico devido ao aumento da população, que o HI projetava, para o ano 2000, na AL, em torno de 600 milhões⁴¹. Esses dois fatores poderiam ainda gerar guerra civil, revoluções e violência.⁴²

Outro fator que, conforme Kahn e Panero, complicava o desenvolvimento da AL era a participação histórica dos EUA nas políticas de desenvolvimento na região e os fracassos e os sucessos que ela criou, gerando aquelas impressões dúbias que Panero já comentara anteriormente, além da ideia de que apenas a revolução e os líderes autoritários que conquistam as massas poderiam gerar disciplina e entusiasmo necessários para o progresso rápido. Para Kahn e Panero, essas conclusões eram equivocadas e surgiam de desilusões que, todavia, não refletiam a realidade de progresso na região nos últimos dez anos. Os autores também recuperam a ideia de uso da “sideway technology”, significando o uso da tecnologia moderna nos países em desenvolvimento de uma forma diferente da usada nos países de capitalismo avançado. Essa tarefa de adaptação da tecnologia, segundo o relatório, deveria ficar a cargo de agências oficiais, instituições financeiras e grupos de planejamento, os quais poderiam analisar sistematicamente as oportunidades visando tornar a tecnologia mais apropriada por meio dessa aplicação “lateral”. O HI defendia essa aplicação lateral não restrita à tecnologia, mas também aplicada ao capital e às tarefas, uma vez que a AL não tinha como fomentar, tanto com pessoas qualificadas, quanto com capital, os projetos. Contra isso, o HI defendia intercâmbio entre os técnicos de diferentes países em desenvolvimento ou

⁴¹ Números que se aproximavam dos que seriam apresentados, posteriormente, no TY2000, cf, OA2000, p.201; TY2000, p. 151.

⁴² HI, p. 1-2; Folha de S. Paulo, p. 75-76; RBPI, p. 51-52.

subdesenvolvidos e a formação de cooperativas de capital misto, nacional e internacional, governamental e privado.⁴³

Nesse relatório, Kahn e Panero também recuperam uma ferramenta de explicação que Kahn usara no OTW. No livro de 1960, Kahn dividiu os EUA em áreas A e B para explicar as relações entre as regiões rurais e urbanas caso um ataque nuclear ocorresse. Na análise da AL eles repetem esse expediente. Conforme Kahn e Panero, existiria, primeiramente, uma área A, que seria urbana, apresentando uma civilização do século XX, mas com favelas. Essa região também apresentaria um alto índice de investimento, seria informatizada e com muitos profissionais, com uma classe crescente de técnicos, em detrimento da de políticos, gerando uma disputa entre ambas. Haveria, ainda, uma área B, que seria rural e agrícola, apresentando uma civilização do século XVII, mas modernizada com tratores, aviões de pulverização, obras públicas, mineração moderna, entre outras. Apresentaria baixo índice de investimento e os proprietários de terras disputariam com os camponeses a dominação, com movimentos banditistas, de protestos ou aventureiros. Por fim, haveria a área C, uma região inexplorada, com pouco investimento privado e onde os militares são a classe dominante. Cada indivíduo estaria largado a sua sorte, com uma vida de subsistência, e a vingança seria a forma de justiça.⁴⁴

Apesar da categorização das áreas, elas tinham certa dinâmica. As áreas A e B eram interdependentes. Um exemplo disso, para os autores, seria a reforma agrária. A simples ameaça de reforma agrária, para Kahn e Panero, normalmente reduz a produtividade, já que há a perda de confiança, há políticas restritivas dos proprietários de terras e há a redução dos investimentos oriundos da área A na área B. A reforma agrária também pode ocasionar a escassez de alimentos na área A, o que, por sua vez, pode também reduzir os investimentos da A na B. Se a falta de alimentos se comprovar, pode ocorrer, na A, um aumento da divisão de classes, criando mais instabilidade e desordem social. Essa era uma das dinâmicas possíveis de ocorrer entre essas duas áreas que, conforme Kahn e Panero, ilustraria as dificuldades de desenvolver uma área sem influenciar a outra. Por isso, o relatório defende que o foco de ação de desenvolvimento deveria ser na área C da AL, a qual tinha grande potencial de desenvolvimento.⁴⁵

São vários os outros motivos pelos quais o HI justifica que as políticas e as ações de desenvolvimento deveriam se concentrar na área C. Primeiramente, pelo tamanho da área,

⁴³ HI, p. 2-5; Folha de S. Paulo, p. 76; RBPI, p. 52-56.

⁴⁴ HI, p. 6-7; Folha de S. Paulo, p. 76-77; RBPI, p. 56-57.

⁴⁵ HI, p. 7-8; Folha de S. Paulo, p. 77; RBPI, p. 57-58.

que, segundo o HI, ocuparia quatro quintos do território total da América do Sul, contrastando com a ausência de infraestrutura e de população. As tentativas de desenvolvimento nessa área poderiam ser desestimulantes por ela ser uma região que tudo teria que começar do zero, o que também afastaria o setor privado. Os governos locais também não se estimulavam, pois existia a crença de que as chances de fracasso eram grandes e facilmente perceptíveis. Porém, para os autores, haveria muitas vantagens, como a falta de resistência política a qualquer projeto – algo que o HI aprenderia que não era bem assim alguns anos depois – por ser uma área de desinteresse e que, por isso, as iniciativas de desenvolvimento poderiam encontrar apoio local. Por fim, Kahn e Panero também viam a área como de potencialidades futuras promissoras.⁴⁶

Essa área C da América do Sul seria formada em grande parte pela Bacia Amazônica, localizada no centro do continente, inexplorada, desabitada e não usada economicamente. Isso resultava em uma geografia complexa, com uma enorme variedade de vegetação, de solos, de climas, de chuvas e de população, porém, tudo parcamente estudado. Frente a esse diagnóstico, os objetivos do HI na região eram tornar os afluentes que não são navegáveis, navegáveis e melhorar os que já são navegáveis pela eliminação de barreiras naturais. Essa ideia passava, também, por aprimorar as embarcações. Essa política em prol da navegação visava integrar a obtenção das matérias-primas, assim como os diversos países da AL. Esse incremento da navegação também se daria por drenagens e construção de lagos, o que, em contrapartida, revelaria novas terras, as quais poderiam ser usadas para a agricultura. Também seria possível melhorar a comunicação na América do Sul a partir de um centro de alta frequência no meio do continente.⁴⁷

As formas propostas pelo HI para alcançar esse intento era, primeiramente, formar aquele grupo de análise que Panero já defendera e defendia. O grupo buscaria instrumentos que servissem ao desenvolvimento da região e trabalhariam na avaliação das possibilidades tecnológicas para o desenvolvimento de novos tipos de tecnologias, no sentido da adaptação lateral, como, por exemplo, as possibilidades tecnológicas para tornar o Amazonas e os afluentes navegáveis. A adaptação lateral também se faria presente nas políticas alternativas para o desenvolvimento da região pelas seis nações que compartilham territorialmente a região envolvida (Brasil, Bolívia, Colômbia, Venezuela, Peru e Equador). Para isso dar certo, o HI reconhecia a necessidade das seis nações e seus especialistas cooperarem e colaborarem, constituindo, portanto, uma equipe multinacional e multidisciplinar. Essa equipe proviria de

⁴⁶ HI, p. 8-10; Folha de S. Paulo, p. 77; RBPI, p. 58-59.

⁴⁷ HI, p. 10-14; Folha de S. Paulo, p. 77-78; RBPI, p. 59-62.

governos locais, instituições, universidades, consultores e indivíduos, com o patrocínio apropriado das autoridades. De forma geral, essa comissão seria, então, um TT, devendo operar de forma muito semelhante ao HI: propor projetos contraditórios, frutos de especialistas variados, que, então, delineariam um esquema de desenvolvimento para atingir as metas descritas. A partir disso, também se obteria recursos para aplicar, depois, nas áreas A e B, além de empregar especialistas nacionais para o projeto supranacional, evitando que esses fugissem para os países desenvolvidos. Isso tudo criaria a classe de administradores, técnicos, inovadores e empreendedores com treinamento e experiência, estimulando, então, projetos nas áreas A e B. Com isso, Kahn e Panero acreditavam que conseguiriam estimular uma classe até então sem incentivos na AL. Uma vez que esse planejamento obtivesse sucesso, essa prática se disseminaria pelo continente.⁴⁸

V.1.b. O Hudson atravessa o continente: o canal na Colômbia

Em paralelo ao plano da Amazônia, outro projeto era desenvolvido, dentro do plano de integração da América do Sul por sistema de rios e canais. No início de 1965, o HI, através de Panero, iniciou o contato com o CIAP para apresentar um plano para o desenvolvimento do noroeste da Colômbia, mais especificamente sobre o Vale de Cauca, na região de Chocó. Apesar de ser uma região fora da área Amazônica, o plano do HI consistia na criação de um lago artificial grande, o qual serviria como uma passagem interoceânica, tal como o Canal do Panamá. O então diretor do CIAP, e ex-embaixador da Colômbia, Carlos Sanz de Santamaría escreveu para o presidente colombiano de então, Guillermo León Valencia, no dia 02 de Julho de 1965, apresentando o HI como uma fundação que pensava o futuro e comentando sobre o projeto interoceânico, que seria de grande valia para a Colômbia. O que ele não comentava é que o projeto também interessava o governo dos EUA, que pensava uma rota Atlântico-Pacífico alternativa ao Canal do Panamá, resultando inclusive na formação de um comitê para analisar essa possibilidade. O comitê cogitava, inclusive, a opção por um canal no noroeste da Colômbia. A proposta de construir um lago em Chocó, além do transporte, permitiria, segundo Panero, outros empreendimentos, como a mineração, a indústria de pesca, o desenvolvimento agrícola, a passagem da estrada Pan-Americana e a produção de energia hidrelétrica. Com o custo estimado do projeto em quinhentos milhões de dólares, o HI

⁴⁸ HI, p. 14-15; Folha de S. Paulo, p. 78; RBPI, p. 62-64.

recorreu a Santamaría para que o contato com o governo da Colômbia fosse feito, visando a continuidade ao projeto.⁴⁹

O projeto de Chocó representou a entrada do HI na América do Sul e uma maneira mais concreta e específica de aplicar os projetos desenvolvidos e as parcerias feitas. Panero explicava, em um pedido de financiamento para a Ford Foundation, em 2 de Maio de 1967, que o projeto de Chocó foi pensado a partir dos sobrevoos feitos na região do Amazonas colombiano, conforme os projetos catalíticos de infraestrutura e de estímulo à integração econômica a partir de "integração física". O plano para Chocó, portanto, inseria-se no conceito de interior e de área C do HI para a AL e seu principal método, já especulado no relatório da Bacia Amazônica, seria o de construções de barragens para represamento. Panero não apenas imaginou isso, mas também recorreu a consultores para ver a possibilidade concreta desse expediente. Um dos homens que ajudou Panero nessa empreitada foi Marcello de Leva, de Gênova, que era *manager* geral da Impresit, uma grande indústria italiana, e responsável pelos estudos iniciais para a construção da barragem no rio Volta, que gerou um lago enorme, com o mesmo nome, em Gana. Sobre o lago e o sistema de canais em Chocó, De Leva introduziu a ideia do uso de diques baixos (em torno de trinta e cinco e cinquenta metros). Contudo, defendia uma exploração prévia da região, para conhecer a topografia, antes de se aprofundar no projeto. Frente a isso, a Panero agendou uma viagem com essa finalidade. Porém, havia a preocupação em usar o avião da Força Aérea colombiana, o que poderia causar alvoroço. Por isso, achava necessário fazer contato com o presidente da Colômbia, via seu filho e assessor, para informar sobre os planos do HI de forma não oficial. Nesse momento, o IESC estava aparentemente afastado dos planos, uma vez que seus interesses eram posteriores à construção do lago, porém, o IDB ainda estava comprometido, assim como o CIAP, por meio de Santamaría, e o recomendado apoio de Lleras Camargo também já existia, com ele sendo membro público do HI. Para Panero, o que faltava, era estabelecer o contato com o Ministério de Obras Públicas da Colômbia.⁵⁰

O projeto de Chocó, como era comum nos estudos do HI, estava inserido em um estudo futuro de longo prazo, que seria exposto no TY2000 e em obras seguintes.

⁴⁹ SANTAMARÍA, Carlos Sanz de. **Carta para Don Guillermo León Valencia** – Presidente da Colômbia. 2 de jul. 1965; PANERO, Robert B. **Carta para Dr. Carlos Sanz de Santamaria** – Chairman Inter-American Committee for the Alliance for Progress. 21 de Jul. 1965, p. 1-2; Cf. ATLANTIC-PACIFIC Canal Study. **Message from the Presidente of the United State transmitting the first annual report of the Atlantic-Pacific Interoceanic Canal Study Comission.** Washington D.C.: U.S. Government Printing Office, 1965

⁵⁰ PANERO, Robert B.; DE LEVA, Marcelo. **Alternate Panama Canal route** (to Herman Kahn), 26 Jul. 1965, p. 1-3; DE LEVA, M. **Carta para Robert B. Panero**. 30 Nov. 1964; PANERO, Robert. **Carta para Harry E. Wilhelm** (The Ford Foundation), 2 May 1967, p. 1.

Particularmente sobre a AL, o projeto de Chocó também estava dentro de um contexto mais amplo, a partir do qual o HI acreditava poder oferecer um novo enfoque sobre os problemas, trazer novas percepções sobre a região e atender as intenções do CIAP e dos outros organismos de auxílio à AL. Portanto, o projeto de Chocó não era uma proposta isolada para o CIAP. Outros objetivos eram programas de bem estar, que passavam por aumentar a estabilidade política, evitando o uso de desordens políticas, por mobilizar energia e entusiasmo, por levantar o moral, criar fé nos governos e melhorar a economia, o que incluía também aumentar o consumo. Outra área de atuação que o HI se propunha era a de educação e de treinamento visando aprimorar os recursos humanos. Haveria também a formação de uma instituição organizacional, técnica e legal, que trabalharia, por um lado, no fomento do entusiasmo e da energia das pessoas, por outro lado, na negociação com outras organizações e governos. Uma característica considerada importante nessa instituição, e que a diferenciaria da Aliança para o Progresso e da OEA, seria a prevalência de latino-americanos ao invés de estadunidenses. A partir disso, o HI também desenvolvia uma crítica à atuação da Aliança, por não ver nos esforços dela o treinamento de pessoas que pudessem colaborar com os países de AL. Por fim, a última área de estudo seria a modernização da agricultura. Em contrapartida, o HI esperava receber do CIAP dados e informações para que pudesse delinear seus projetos e planos.⁵¹

A resposta do CIAP à proposta do HI foi positiva e o contrato firmado. Ficava acordado que o HI iria produzir estudos para o CIAP em cinco áreas: perspectivas de longo-prazo, programas de bem-estar, planejamento de recursos humanos, construção de instituições e modernização da agricultura. Para esses estudos, seriam pagos quinze mil dólares.⁵²

Desde então, desenvolveu-se um diálogo com a Colômbia, que durou em torno de cinco anos e foi repleto de avanços e recuos. O primeiro passo do HI foi autorizar e reconhecer uma pessoa para ser o representante financeiro do Instituto na Colômbia e outra para ser o representante legal e uma espécie de porta-voz. Apesar desses avanços, o HI estava ciente que havia problemas. Primeiramente, a circulação de uma publicidade negativa contra projetos de engenharia considerados fora da realidade ou malucos, que o HI acreditava que

⁵¹ HUDSON Institute, **Proposal to Inter-American Committee on the Alliance for Progress**, Organization of American States, Washington D.C. (Propostal No. 194), 29 Jul. 1965, p. 1-5; KAHN, Herman. **Carta para Dr. Carlos Sanz de Santamaria** – Presidente Inter-American Committee for the Alliance for Progress. 29 de Jul. 1965, p. 1-2.

⁵² SEDWITZ, Walter J. **Carta para Herman Kahn**. Washington D.C.: Organização dos Estados Americanos, Pan American Union, 27 Aug. 1965.

poderia respingar em seus projetos. Contudo, Panero, em um memorando de 27 de Setembro, demonstrava otimismo em relação à aprovação do contrato com a Colômbia.⁵³

Apesar dos contatos com a Colômbia, o HI também se preocupava em assegurar alguma reação oficial do governo dos EUA. Isso, para Panero, poderia ser feito pelo HI ou por algum canal oficial entre Colômbia e EUA. Nesse sentido, uma segunda prioridade era conseguir informação adicional da região tanto para apresentar para o governo dos EUA. No entanto, no ano seguinte, o HI percebeu que a Colômbia gostaria de desenvolver o projeto sozinha, sem a ajuda dos EUA. Isso não significava o afastamento total do envolvimento de estrangeiros no projeto. Por exemplo, um voo sobre a região onde seria implantado o projeto contaria com Jean Bottagisison, membro de um laboratório de hidráulica da França que estava envolvido na execução do plano do HI.⁵⁴

Em 28 de Agosto de 1965, o HI conseguiu o contrato com o Ministério de Obras Públicas da Colômbia para coordenar e dirigir estudos de longo prazo, estudos de engenharia, levantamentos topográficos, fotografias aéreas, entre outras atribuições nesse sentido. A partir disso, o HI reativou os contatos que possuía, além de se aproximar de outros indicados pelo Ministério. Conforme a defesa do HI, o projeto junto ao governo colombiano traria diversas vantagens para o país, além de possuir efeitos catalíticos, estimulando os investimentos e as atividades na região do Vale do Cauca, tornando-a também um polo de atração turística. Com isso, o HI acreditava criar uma base para desenvolvimentos posteriores do país.⁵⁵

Em 1966, um novo presidente fora eleito na Colômbia, contudo, o HI não acreditava que isso influenciaria na confirmação do contrato, já que quem ganhara a eleição era Carlos Llera Restrepo, primo de Alberto Lleras Camargo. Lleras Camargo também tentava usar sua influência no Banco Mundial para obter o financiamento para o projeto. O presidente Johnson também agia no mesmo sentido, como indica um memorando escrito por Lupe Gonzalez, uma espécie de secretária do HI na Colômbia. Essa é, contudo, a única referência que encontramos de envolvimento do alto escalão federal do governo dos EUA diretamente nos projetos do HI para a AL. No dia 08 de Novembro de 1966, o jornal colombiano *La República* noticiava que

⁵³ LUPE. **Telephe call from Bob** (Inter-office memo to Herman), 12 Aug. 1965; KAHN, Herman. **Carta para Mr. Enrique Perez Velez**. 17 Sep. 1965; ROCHA, Joaquin Vargas. **Carta para Mr. Hernando Badillo** (translation), 4 May. 1966; PANERO, Robert B. **Colombian contract** – trip report – September 19-26, 1965 (Inter-office memo to Herman Kahn), 27 Sep. 1965, p. 1

⁵⁴ PANERO, Robert B. **Colombian contract** – trip report – September 19-26, 1965 (Inter-office memo to Herman Kahn), 27 Sep. 1965, p. 1-3; LUPE. **Colombian Project**, Telecon with Bob today at 2:20 P.M., 29 Jun. 1966

⁵⁵ PANERO, Robert B. **Choco Development Project** – Colombian inland waterway (Inter-office memo to Herman Kahn and José Gómez Pinzón), 5 Jul. 1966, p. 1-2, 4; PANERO, Robert B. **Further studies concerning the Choco Project** (Inter-office memo to Max Singer), 5 Aug. 1966, p. 2.

o Banco Mundial, por meio de empréstimos, fornecia os primeiros financiamentos para o projeto de Chocó, e empresas canadenses e francesas mobilizavam-se para a construção do canal.⁵⁶

O fim de 1966 marcou o início das tentativas do HI de delinear parceria e serviços com outros países da AL além da Colômbia. Em 12 de Dezembro, o representante do HI na Colômbia, Julio José Fajardo, enviou uma carta para Ministro de Desenvolvimento e Obras Públicas do Peru, expondo o trabalho do Instituto na Colômbia e argumentando que as questões peruanas se aproximavam das da Colômbia e que, por isso, o HI poderia contribuir. Além disso, a carta indicava que ele, Fajardo, junto com Panero, já conversaram com o presidente do Peru. Contudo, a resposta do ministro peruano, em 26 de Dezembro, foi bastante evasiva, afirmando que a questão estava sob avaliação e que, assim que tivesse uma posição mais certa, daria resposta.⁵⁷

Em 25 de Março de 1967, Panero lançou o relatório “A South American ‘Great Lakes’ system”. Esse relatório servia como uma grande síntese dos projetos do HI para a América do Sul e representava um contexto mais amplo do que o HI imaginava para o continente. O relatório também servia para apresentar a ideia para os outros países da AL e para mostrar o comprometimento de alguns deles, como Colômbia e Peru. A ideia da proposta, conforme Panero, vinha desde as reflexões de 1964 e, como explicou à FF em 2 de Maio de 1967, ela foi pensada pela primeira vez para o Rio Caquetá, um dos afluentes do Amazonas. Posteriormente, o conceito foi aplicado para Chocó e estudado seriamente por grupos de engenharia e de geólogos, tanto sob a direção do HI, quanto pelo contrato com o Ministério de Obras Públicas da Colômbia. O sobrevoo no resto da América do Sul fez Panero perceber, então, que a mesma técnica podia ser usada no continente inteiro, criando um sistema de lagos. O relatório e os planos eram financiados por doações particulares ao HI e por fundos acumulados pelo programa de Estudos Futuros. O “Great Lakes” partia das mesmas bases que o antecessor: ênfase nas regiões pouco exploradas, aplicação lateral da tecnologia, estudos multidisciplinares heurísticos e propedêuticos, distinção das três áreas (A,B e C) e busca por projetos de grande alcance.⁵⁸

⁵⁶ SINGER, Max. **To the members**. 16 Sep. 1966; LUPE. **Colombian Project, Telecon – Bob Panero Choco Project** (Inter-office memo to Herman Kahn and Max Singer), 07 Out. 1966; HUDSON Institute. **France and Canada offer aid for construction of the canal** (Translation), s/d.

⁵⁷ FAJARDO, Julio Jose. **Carta para The Minister of Development and Public Works, Lima, Peru**. 12 Dec. 1966; GUTIERREZ, Sixto L. **Carta para Herman Kahn**. 26 Dec. 1966

⁵⁸ A VERDADE sobre o Instituto Hudson. **Revista Brasileira de Política Internacional**: a Amazônia, Ano XI, No 41-42 Suplemento Especial, Série realidade brasileira: Amazônia. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, p. 138-148, Mar/Jun 1968, p. 139; PANERO, Robert. **A South American “Great Lakes” system** (HI-788/3-RR). Croton-on-Hudson: Hudson Institute, 25 Mar. 1967, p. 1; PANERO, Robert.

A principal ferramenta proposta pelo HI nesse relatório é o uso de barragens, mas não as grandes. O HI desenvolve uma argumentação insistente a respeito de barragens baixas, que pareciam, para Panero, mais adequadas às condições topográficas e, portanto, ao desenvolvimento da América do Sul. Contudo, o relatório reconhece que não há uma análise detalhada do ponto de vista técnico ou na relação custo e eficácia sobre o uso de barragens baixas, sendo a maioria das propostas e dos estudos preliminares e apenas hipotéticos. Assim, partindo desses estudos propedêuticos e preliminares e de várias viagens exploratórias – os sobrevoos que já mencionamos – Panero defende a formação de grandes lagos artificiais no interior da América do Sul. Esses lagos seriam formados a partir da construção de barragens baixas acima das elevações medianas dos rios, inundando parcialmente as bacias existentes.⁵⁹

O relatório também indicava as relações estabelecidas pelo HI para concretização dos projetos, indicando os trabalhos sob o contrato com o Ministério de Obras Públicas da Colômbia, ou os sobrevoos no Peru, que tinham a autorização do presidente Belaunde Terry. Mas, mais do que as articulações políticas que concorriam ao plano dos lagos, outro fator que, segundo Panero, encorajava o plano dos lagos era a ideia de conectar os rios, visando constituir uma rede de navegação. Outra justificativa para a construção dos lagos era permitir a navegação de navios grandes e a inspiração para isso eram os Grandes Lagos que existiam entre o Canadá e os EUA. Com os lagos na Amazônia, Panero também acreditava que se estabilizaria os níveis das águas e as enchentes. A navegação seria complementada por sistemas de escusas para transferir os barcos para os diferentes níveis, ligando as diferentes bacias. Por fim, os lagos também permitiriam o acesso a um grande número de subprodutos que ajudariam a estimular o desenvolvimento econômico da região.⁶⁰

Um primeiro lago seria o ligado ao desenvolvimento de Chocó, o qual já expusemos. Outro, no Rio Caquetá, próximo de Aracuaara, também na Colômbia, mas na parte Amazônica, geraria, conforme Panero, um lago tal como o Ontario, na América do Norte, e serviria para ligar três zonas distintas do continente: floresta, planície e sopé das montanhas. Outro faria a ligação entre os rios Orenoco e Amazonas, propiciando a ligação entre

Um sistema sul-americano de “grandes lagos”, **Folha de S. Paulo**, Suplemento Especial, Série realidade brasileira: Amazônia. São Paulo: Editora Abril, p. 79-83, 05 nov. 1968, p. 80; PANERO, Robert. Um sistema sul-americano de “grandes lagos”, **Revista Brasileira de Política Internacional**: a Amazônia, Ano XI, No 41-42, Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, p. 33-50, Mar/Jun 1968, p. 33. Usaremos aqui o mesmo expediente que usamos no outro relatório. A citação a esses três textos nesse subcapítulo serão da seguinte forma: HI, referindo-se ao volume original em inglês, publicado pelo HI, Folha de S. Paulo, à tradução apresentada no referido jornal, e RBPI, referindo-se à publicação no referido periódico.

⁵⁹ Folha de S. Paulo 79-80; HI 3-7; RBPI 34-36.

⁶⁰ Folha de S. Paulo 79-80; HI 3-7; RBPI 34-36.

Venezuela, Colômbia e Brasil. Outro lago seria na Amazônia peruana. Um lago também era proposto no leste da Bolívia. Por fim, haveria um lago no rio Amazonas (Anexo C).⁶¹

O lago no Amazonas, segundo Panero, era uma forma de enfrentar um dos maiores desafios do mundo para o desenvolvimento econômico, já que a região amazônica era uma área heterogênea e com topografia complexa. Panero defendia a construção de uma barragem logo acima de Monte Alegre, cidade paraense às margens do rio Amazonas, o que resultaria em um grande lago ou mar interior. Essa inundação resultaria em potencial elétrico e no aumento da quantidade e da variedade de possibilidades de desenvolvimento regional. Após a inundação, era esperado que o lago cobrisse uma área de mais de mil quilômetros de comprimento. Outra possibilidade resultante do lago seria o acesso que ele daria a terras altas não acessíveis, além de que o valor das novas terras poderia compensar o das terras inundadas, além de permitir alcançar riquezas inexploradas da região, o que beneficiaria o Brasil. Outras vantagens seriam: industrialização da madeira, industrialização do pescado, criação de áreas estáveis, férteis e sem enchentes, acesso ao interior do Brasil, saída de sedimentos para o Oceano Atlântico e surgimento de novas terras pelo acúmulo de sedimentos que teriam valor para a agricultura, substituindo as inundadas.⁶²

Por fim, o conjunto dos lagos também teria um efeito de integração para a região, uma vez que ligaria Brasil, Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia, Paraguai e Argentina pelo interior de cada um desses países. Além disso, o desenvolvimento da navegação reduziria as distâncias, estimulando o comércio entre os complexos industriais, principalmente os de Buenos Aires e de São Paulo, e dos produtores de matéria-prima do Norte e do Oeste com o resto do continente. Por tudo isso, o lago funcionaria como um agente catalítico, uma necessidade que Panero defendia desde o começo de seus trabalhos sobre a AL. Portanto, o lago amazônico teria um efeito em toda a AL de acelerar e encurtar o processo de integração econômica. O lago também estimularia o treinamento de técnicos de diferentes nacionalidades em prol de finalidades comuns. Portanto, o plano do HI, conforme Panero, convergiria o conjunto de esforços estrangeiros de desenvolvimento em metas tangíveis e motivaria novas atividades nas áreas de eletricidade, de pesca, de petróleo e de mineração, todas como subprodutos da criação dos lagos. Ou seja, era uma proposta ampla para tentar modernizar e integrar as áreas teoricamente abandonadas e inexploradas no processo que conduziria às sociedades a uma constituição pós-industrial e quaternária.⁶³

⁶¹ Folha de S. Paulo 80-81; HI 7-21; RBPI 36-41.

⁶² Folha de S. Paulo 81-82; HI 22-29; RBPI 41-44.

⁶³ Folha de S. Paulo 81-82; HI 22-29; RBPI 41-44.

Porém, no próprio relatório, Panero afirma que a intenção era continuar estudando o plano sobre os lagos, uma vez que ele ainda era introdutório, funcionando mais como um exemplo de desenvolvimento possível para a região e que, por isso, não poderia ainda ser firmado como projeto. Portanto, por ser de caráter heurístico e de divulgação, o relatório também teve uma versão em espanhol, produzida pelo próprio HI.⁶⁴

Em paralelo à divulgação do novo relatório, entre Março e Abril de 1967, outra secretária do HI na Colômbia, Connie Ternernt, informava Panero que o resultado da reunião com o comitê colombiano que analisava Chocó era mais animadora para o HI a respeito de firmar o contrato. Em paralelo a isso, Lleras Camargo continuava sua campanha em favor dos planos do HI, ao defender e expor, em uma conferência na Colômbia, de forma enfática e convincente, segundo Ternernt, os planos do HI para Chocó. Os contatos com as empresas também continuavam, tanto para oferecer oportunidades decorrentes dos planos do HI para AL, quanto para obter pareceres técnicos, como no caso de um proveniente de uma empresa de engenharia francesa, sobre como realizar e os efeitos do projeto dos grandes lagos.⁶⁵

Os contatos com o Peru, em Março de 1967, também avançavam, apesar de Panero se mostrar inseguro sobre o apoio do presidente peruano, Fernando Balaúnde Terry. Para Panero, parecia que o presidente fazia um show em cima das propostas do HI. Por outro lado, Panero também tentava tornar o projeto atrativo para os EUA e acreditava que, pela ótica dos EUA e do presidente Johnson, os lagos e o sistema de canais poderiam representar a zona de fronteira, defendida pelo presidente estadunidense e que já permeava o imaginário dos EUA há tempos. Por fim, o plano dos lagos foi apresentado no dia 24 de Abril de 1967, para Colômbia, Peru, Brasil e Bolívia, em uma conferência que avaliava os benefícios do plano. Nesse momento, o único país que parecia realmente comprometido com o projeto dos lagos era o Peru. Essa conferência também trazia e colocava os planos dos lagos dentro das diretrizes que já estavam presentes desde o projeto específico sobre a Bacia Amazônica, de 1965, ou seja, trazer a iniciativa privada já durante as fases iniciais do projeto e montar um secretariado que estabeleceria uma relação entre os grupos nacionais, uma vez que o Amazonas era um rio multinacional. O secretariado também obteria e distribuiria informação entre as partes interessadas e solicitaria ajuda financeira para a pesquisa e os estudos. A composição ideal desse grupo também seguia a proposta no relatório de 1965, reunindo

⁶⁴ Folha de S. Paulo 81-82; HI 22-29; RBPI 41-44; PANERO, Robert. **Un sistema de “grandes lagos” para Sur America**. Croton-on-Hudson: Hudson Institute, 27 Mar. 1967.

⁶⁵ TERNENT, Connie. **Memorandum** (to Robert Panero). 30 Mar. 1967; TERNENT, Connie. **Conference on the Choco Development Project** (Memorandum to Robert Panero). 30 Mar. 1967, p. 2; MARTIN, J. **Carta para Mr. Panero**. 30 Mar., 1967; STRATTON, James H. **Carta para Mr. Panero**. 04 Apr. 1967

representantes privados e do governo de cada um dos países. Com isso, era esperado que o secretariado conseguisse obter financiamento com a indústria privada, com fundações, com indivíduos dos países e com organizações multilaterais, como a ONU, e formar um comitê de comissionamento, o qual contaria com representantes de bancos de investimentos e agências de crédito internacionais. Além da discussão sobre o financiamento, discussões técnicas também tiveram seu espaço nessa conferência.⁶⁶

O HI, por suas vias oficiais e na abordagem dos países da América do Sul e de potenciais financiadores, tentava passar a impressão que os projetos para a América do Sul avançavam. Em carta à FF, em Maio de 1967, pela qual tentava obter financiamento, explicava que o projeto de Chocó estava sendo dirigido por uma comissão presidencial sob a liderança de Alberto Lleras Camargo. Expunha também que o relatório "A south american 'grate lakes' system" fora apresentado para o presidente peruano, Fernando Belaunde Terry e para o presidente da Colômbia, Carlos Lleras Restrepo. Como resultado de encontros e com o conhecimento do conceito, uma comissão presidencial foi formada no Peru e, por sua vez, o presidente do país expôs o conceito dos lagos para o presidente da Bolívia, René Barrientos Ortuño. Então, Julio Fajardo, o consultor do HI na região, fez um *briefing* para a Bolívia, o qual, segundo Panero, foi bem recebido e também resultou em uma comissão no país. Assim, para continuar esses trabalhos, Panero e o HI viam a necessidade de bolsas e contratos, por isso, dirigiam-se à FF. Em 29 de Setembro, a FF respondeu a Panero e ao HI negando o financiamento pedido. A justificativa era que os projetos do HI não se adequavam ao programa da FF para a AL, que consistia em investimentos em universidades para melhorar a ciência e a tecnologia. Por isso, sugeria que o HI procurasse outros organismos, como a USAID ou o World Bank.⁶⁷

Assim, até meados de 1967, o HI passava a impressão de que o plano dos lagos era um sucesso de aceitação, assim como o de Chocó, na Colômbia. Em Junho de 1967, o balanço do HI sobre o projeto em Chocó era que, entre Outubro de 1966 e Maio de 1967, o Instituto mantinha um escritório em Bogotá, que, além de exercer as funções de representação do Instituto no país, também reunia comentários, críticas, avaliações e reações para avaliar as

⁶⁶ HUDSON Institute. **Continental "Great Lakes" Conference**: working group on Political and Government Implications and Program Organization. 24 Apr. 1967, p. 1, 3; HUDSON Institute. **Continental "Great Lakes" Conference**: engineering sub-committee. 24 Apr. 1967, p. 1; PANERO, Robert. **Carta para Harry E. Wilhelm** (The Ford Foundation), 2 May 1967, p. 3; PAREDES, E. **Carta para Mr. Herman Kahn**. 11 May. 1967; PANERO, Robert. **Carta para Dr. Felisberto Camargo**. 20 Mar. 1967; PANERO, Robert. **Carta para Dr. Alberto Lleras Camargo**. 21 Mar. 1967; PANERO, Robert. **Carta para M.J. Garllier, Laboratoire Central d'Hydraulique de France**. 21 Mar. 1967; AZEVEDO, Cecilia, 1997, 75.

⁶⁷ RAO, K. N. **Carta para Dr. Robert Panero**. 29 Sep. 1967; PANERO, Robert. **Carta para Harry E. Wilhelm** (The Ford Foundation), 2 May 1967, p. 2-3.

implicações das reações sobre o projeto. Além disso, realizava contatos com empresas, para dar continuidade ao projeto e comercializar os produtos que adviriam do projeto, como energia, por exemplo. Esse otimismo era ainda reforçado pela proximidade e aceitação de Panero entre algumas autoridades dos países da América do Sul. O presidente da Colômbia, por exemplo, permitia o tratamento pessoal como “tu”, o que, em espanhol, revelava certa intimidade. Motivados a divulgar o plano e com aceitação aparente, Panero e o HI também tentaram o Brasil.⁶⁸

V.2. Os sons da correnteza do Hudson chegam ao Brasil

O projeto sobre os grandes lagos e, anteriormente, o da Bacia Amazônica abordavam o Brasil. Desde o primeiro relatório de Panero para o HI, análises sobre o Brasil eram feitas. Panero, no relatório enviado para o HI em 1964, colocava o Brasil como outra região componente da AL, compreendendo-a como um desenvolvimento histórico concentrado na região costeira e sem grandes empreendimentos no interior, com uma forte influência portuguesa e europeia, misturada com a indígena e a da África negra. Conforme Panero, o país possuía a instalação industrial mais forte da AL, assim como a infraestrutura mais desenvolvida, porém, isso tudo estava concentrado no Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP), duas das quatro partes que, para Panero compunham o Brasil. As outras duas eram o Norte e o Sul. Outra característica presente no Brasil, conforme Panero, era o crescimento industrial, sem, todavia, muito progresso social e sem muito investimento, apesar de uma grande proliferação de rádios, permitindo uma maior informação da população. Panero via também uma distribuição equilibrada da população entre as quatro áreas. O âmbito político mais recente, segundo Panero, era resultado da falta de habilidade de grupos de São Paulo e do Rio de Janeiro em agirem associados, indicando uma divisão política entre as quatro áreas. Isso criou uma situação instável para o desenvolvimento e para o investimento estrangeiro. Panero definia o Brasil como isolacionista, introvertido e concentrado nos problemas internos. Acreditava no perigo de uma divisão no país entre sul, que é orientado para agricultura, e Rio de Janeiro e São Paulo, que o são para a indústria. Os governantes do sul eram dependentes de proprietários de terras e camponeses, enquanto que no Rio de Janeiro e São Paulo, da

⁶⁸ PANERO, Robert B. **Meeting** – Dr. Carlos Lleras Restrepo, President of Colombia (Inter-office memo to Herman Kahn), 28 Jun. 1967, p. 1-3; TERNENT, Connie. **Weekly report** (Inter-office memo to Lupe Gonzalez). 28 Jul. 1967; LUPE; PANERO, Robert. **Carta para Mr. Bernardo Garces Cordoba, Minister of Public Works Colombia**, 19 Jun. 1967, p. 1-2

indústria e seus trabalhadores. Essa forma de entender o Brasil, proposta por Panero em 1964, prenunciava a divisão de áreas que seria proposta, sendo o RJ e SP exemplos da área A, e o Sul, da B. Frente a essa delinação política geral, Panero via três possibilidades de futuro para o Brasil.⁶⁹

O primeiro cenário seria um de guinada para a direita, sob o sistema de partido único com Carlos Lacerda, quem Panero considerava jovem (apesar de já ter cinquenta anos na época do texto) influente e extremamente agressivo. Panero argumenta que, caso esse cenário ocorresse, o bem estar social aumentaria e a inflação poderia ser controlada, além de poder aumentar o investimento estrangeiro e unificar o país, o que acarretaria, por sua vez, o aumento do crescimento econômico e a diminuição da corrupção. Outro cenário era o de um Brasil dividido. O primeiro efeito disso seria o fim do sistema democrático existente. Para Panero, o problema desse cenário não era a influência do Exército, a qual ele via diminuindo nos últimos anos. O problema real, para ele, era a aumento da importância dos políticos de esquerda, o que poderia gerar greves nas áreas industriais, o que resultaria no aumento da inflação, diminuição do crescimento e redução de investimentos locais e estrangeiros, abrindo, com isso, espaço para atrair o apoio comunista. Por fim, o terceiro cenário seria a continuação da situação atual, sem divisão e sem um presidente forte. Isso resultaria em um sistema que o poder flutuaria da direita para a esquerda. Panero não acreditava que o país iria muito para a esquerda, sendo que os objetivos dos políticos comunistas parecia ser apenas dividir o país e garantir o controle sobre as classes trabalhadoras industriais. Esse cenário testemunharia algum crescimento econômico e a redução de investimentos estrangeiros continuaria.⁷⁰

O interessante de toda essa análise política de Panero uma praticamente total desconsideração do golpe militar de 1964, parecendo acreditar que a situação seria realmente transitória. Frente a isso, defendia um governo centralizado, “democrático” de direita, na figura de um partido único sob a tutela de Carlos Lacerda, para evitar uma divisão que poderia surgir no país, a qual poderia leva-lo ao comunismo. A interpretação de Panero e a proposta que decorre dela parece estar muito calcada na postura dos EUA sobre as ditaduras que surgiam e surgiriam na AL, seguindo a “doutrina Mann” de não questionar a implantação desses regimes, desde que continuassem recebendo a ajuda dos EUA e tivessem um caráter anticomunista, principalmente no caso do Brasil, que, caso ocorresse algo semelhante ao que

⁶⁹ PANERO, Robert B., June 12, 1964, p. 6-7.

⁷⁰ PANERO, Robert B., June 12, 1964, p. 7-8.

acontecera em Cuba, poderia inflamar toda a América do Sul⁷¹. A desconsideração dos regimes ditatoriais também era um posicionamento que caracterizaria o HI. Posteriormente, no trabalho em Angola, para uma empresa portuguesa, Kahn defendia seu contratante, ao afirmar que Portugal estava sendo manchado pela imprensa ocidental, vítima do que ele considerava uma moda da época: o separatismo militante negro, apoiado pelos EUA, pela Rússia e pela África negra. Kahn, conforme Dickson, parecia aceitar o autoritarismo como uma forma de desenvolver a nação e falava que os portugueses não deveriam se preocupar com a África Negra ou a ONU. Portanto, por mais que tivesse consciência de trabalhar para uma ditadura, o HI não parecia lamentar esse fato. Além da retórica do desenvolvimento, o HI tinha que buscar projetos, por causa de seus problemas internos e, por isso, não se preocupava com as repercussões políticas ou morais sobre seu trabalho, por mais que outras instâncias, como a ONU e o Vaticano, condenassem a ação portuguesa em Angola. Além do mais, o HI mantinha um afastamento físico dos problemas da guerra civil no país, já que grande parte do trabalho era feito a partir de sobrevoos e no escritório do HI nos EUA.⁷²

Foi Roberto de Oliveira Campos, então Ministro do Planejamento do Brasil quem teve contato com os planos do HI, em Washington D.C., em 8 de Fevereiro de 1967. Após isso, os planos foram mostrados ao governo brasileiro em uma reunião realizada no Rio de Janeiro, em 8 de Março de 1967, sob a tutela do chefe de gabinete de Campos, Dr. Artur Soares Amorim. Menos de um mês depois, Panero escrevia a Campos, ressaltando que o HI continuava interessado em conhecer mais sobre Amazônia, inclusive conversando com especialistas, quando esteve no Rio, entre eles, Felisberto Camargo, agrônomo de renome, que já dirigira o Instituto Agrônomo do Norte e realizara importantes projetos na região norte do país, e quem se tornaria porta-voz e representante no Brasil do HI.⁷³

Felisberto Camargo se aproximou do HI via Panero, pelo interesse comum que existia na área da Amazônia e pelo interesse que demonstrara em participar dos encontros do HI e em conhecer os projetos mais profundamente. Além disso, agiu como divulgador dos planos do HI no Brasil. Na transição do governo Castelo Branco para o Costa e Silva,

⁷¹ Inclusive, como Fico mostra, o método cenário foi usado por Lincoln Gordon, o embaixador dos EUA no Brasil quando do golpe militar, para pensar as possibilidades, em 1963, de um golpe militar, FICO, Carlos, 2008, p. 64-66.

⁷² FICO, Carlos, 2008, p. 64-66; DICKSON, P., 1971, p. 100-103.

⁷³ A VERDADE ..., 1968, p. 142; PANERO, Robert. **Carta para Dr. Roberto de Oliveira Campos, Ministro do Planejamento e Coordenação Econômica, Brasil**. 20 Mar. 1967; PANERO, Robert. **Carta para Mrs. Carol Huber, Rio de Janeiro, Brasil**. 21 Mar. 1967; HÁ 50 anos Amazônia já é internacional. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 09 jan. 1968, p.6; Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/1883007/embrapa-lanca-biografia-do-cientista-felisberto-camargo>>, acessado em: 31 Out. 2014.

em Março de 1967, Felisberto Camargo foi designado por Roberto Campos para apresentar o conceito dos lagos para um grupo formado pelos que saíam e pelos que assumiam o governo. Além disso, Felisberto participou da conferência sobre os grandes lagos no HI, em 24 de Abril de 1967. Lá, concluíram, a respeito do Brasil e da região Amazônica, que certas discussões precisavam ser aprimoradas, como sobre a abertura para exploração mineral, agrícola e da área como um todo, também viram a necessidade de buscar evidências da presença de minerais na área de difícil acesso, assim como sobre o acesso à madeira. Outro ponto discutido foi a respeito da alocação de famílias emigrantes da região do nordeste do Brasil, que, ao invés de rumarem em direção aos grandes centros urbanos tradicionais, poderiam viver nas bordas do lago, acompanhando um programa de residência para a região, que abrangeria um programa de colonização. Também discutiram a respeito do desenvolvimento dos povos indígenas da região, principalmente por meio das atividades agrícolas, das possibilidades de mudança do clima na região por conta do lago, do acesso de navios às áreas das quais poderiam ser extraídos minerais, se a inundação da Amazônia acabaria com sua principal atividade industrial, a de juta, e se o projeto impactaria não só no Brasil, mas também no continente todo e até na Europa.⁷⁴

Após a reunião no HI, Camargo voltou ao Brasil com o intuito de estabelecer, aqui, uma comissão tal como fora estabelecido na Colômbia, no Peru e na Bolívia. Como parte desse processo, Panero e Camargo tentavam estabelecer contratos diretamente com os governos nacionais, uma vez que o CIAP continuava ineficaz em seus objetivos. Além disso, o HI também tentava pegar carona na Barragem da Paz, um projeto de barragem no rio Xingú, que visava resultados semelhantes aos dos lagos do HI. Essa barragem era pretendida, por Costa e Silva, para ser um marco no seu governo e um meio de retomar o caminho real de desenvolvimento do país.⁷⁵

Na Colômbia, os contatos para o desenvolvimento de Chocó avançavam, apesar de já indicar alguns desgastes. Em 28 de Junho de 1967, por exemplo, em um memorando para Kahn, Panero alertava que o HI trabalhara, entre Outubro e Dezembro de 1966, para uma comissão dedicada ao desenvolvimento de Chocó que não existia e, a partir de Dezembro,

⁷⁴ HUDSON Institute. **Continental “Great Lakes” Conference**: working group on Resources, Benefits, Losses and Impact of “Great Lakes” concept. 24 Apr. 1967, p. 1-5; PANERO, Robert. **Carta para Dr. Felisberto Camargo**. 20 Mar. 1967; PANERO, Robert. **Carta para Harry E. Wilhelm** (The Ford Foundation), 2 May 1967, p. 3

⁷⁵ ALMEIDA, Luiz Alves de; VASCONCELLOS, Vinicius Valladares. **Carta para Panero**. 3 Aug. 1967, p. 1-2; PANERO, Robert. **Carta para Harry E. Wilhelm** (The Ford Foundation), 2 May 1967, p. 3; ALMEIDA, Luís A. Barragem da Paz – Origem da idéia. In: **Boletim Geográfico**. V. 26, N.201. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1961, p. 35-40.

para uma comissão sem fundos suficientes. Frente a isso, Panero alertava, inclusive o presidente colombiano, para a necessidade de estabelecer um contrato, justificando que somente assim o governo colombiano poderia ser o líder no projeto dos grandes lagos, começando por Chocó. Essa questão, todavia, foi resolvida em 15 de Maio de 1968, quando o contrato foi firmado, apesar da resistência de um dos advogados do Departamento de Leis da Colômbia, que não acreditava que o HI poderia ter autorização para realizar o projeto. Contudo, a intervenção direta do presidente Lleras Restrepo, por meio de seus advogados, evitou esse obstáculo.⁷⁶

Além disso, a disseminação da ideia pela América do Sul parecia continuar. Em 28 de Fevereiro de 1968, o presidente venezuelano, Rafael Caldera, demonstrou interesse em implementar a ideia dos lagos na parte sul do país, na região dos rios Negro e Orinoco, na fronteira da Venezuela com a Colômbia. Um voo sobre a região na Venezuela também foi realizado e, em sequência, memorandos foram preparados. O governo do Peru também continuava demonstrando interesse no projeto.⁷⁷

V.2.a. A revolta dos nativos: as críticas e a resistência aos projetos do HI

Por mais que os planos parecessem se disseminar de forma positiva pela América do Sul, no Brasil, a situação era diferente. Apesar do apoio de Campos, o plano dos lagos começou a enfrentar forte resistência a partir de uma campanha pública que passava a sensação de que uma ameaça estrangeira pairava sobre a Amazônia. Essa campanha também forçava uma política brasileira para a região. Camargo percebeu a eclosão disso já em 1967, e, em Setembro do mesmo ano, enviou ao HI dois recortes de jornal, um que mostrava o posicionamento do Ministro do Interior da época, Afonso Augusto de Albuquerque Lima, contra um braço estrangeiro que ameaçava a Amazônia, no caso, o HI. E, o segundo, expunha que o Presidente da República, Costa e Silva, criara um grupo de trabalho para estudar as questões amazônicas. Frente a isso, Felisberto recomendava que o HI esperasse uma melhor oportunidade para apresentar novamente as suas ideias.⁷⁸

⁷⁶ PANERO, Robert B. **Meeting** – Dr. Carlos Lleras Restrepo, President of Colombia (Inter-office memo to Herman Kahn), 28 Jun. 1967, p. 1-3; TERNENT, Connie. **Weekly report** (Inter-office memo to Lupe Gonzalez). 28 Jul. 1967; LUPE. **Colombia** (Inter-office memo to Max Singer), 13 Nov. 1969; ROCHA, Joaquin V. **Carta para Robert Panero** (traduction). 29 Feb., 1968; LUPE. **Colombia** (Inter-office memo to Herman Kahn, Max Singer, Shirley Sontheimer, 15 de May, 1968.

⁷⁷ PANERO, Roberto. **Carta para Carlos Lleras Restrepo** (Presidente de la Republica, Colombia, 18 Feb., 1969, p. 1-2

⁷⁸ CAMARGO, Felisberto. **Carta para Roberto Panero**. 20 Sep. 1967.

Em Dezembro de 1967, correspondências do HI indicavam que o plano dos grandes lagos continuava gerando muita controvérsia no Brasil. Nacionalistas brasileiros, assim como jornais de esquerda, acusavam o plano de fazer parte de um enredo estadunidense para roubar a região amazônica. Exemplos dessa opinião eram o juiz da suprema corte do Brasil, Peri Bevilaqua, e o senador Artur Virgílio. Além disso, Camargo apontava a existência rumores de que o HI seria patrocinado pelo DoD com a finalidade de encontrar um refúgio para que um terço dos estadunidenses pudessem ser removidos no caso de uma guerra nuclear, ou para enviar a população negra para as bordas do lago. A histeria em torno do plano dos lagos do HI chegou a tal ponto que um oficial da embaixada americana e o governo dos EUA, no início de 1968, precisaram enfatizar que o HI não possuía ligação com os programas da USAID e que o plano não era patrocinado pelo governo dos EUA.⁷⁹

Na primeira metade de 1968, essa retórica da ameaça à Amazônia persistiu, agora de forma casada e mútua entre a imprensa e os militares. A *Folha de S. Paulo*, por exemplo, evidenciava um suposto perigo de internacionalização da Amazônia, que poderia advir de um conjunto de ações, entre elas, os planos do HI, as quais ameaçavam a soberania sobre a região e seu futuro. Os militares, por sua vez, constituíram um grupo de técnicos para analisar a proposta dos lagos do HI, assim como outras práticas que ocorriam na Amazônia, como a compra de terras por estrangeiros e a distribuição de anti-concepcionais por missões religiosas estadunidenses. Tudo isso, para os militares, simbolizava um ataque à soberania nacional. A desconfiança das intenções dos militares sobre o HI era que, conforme informações recebidas pela diplomacia brasileira, 85% dos rendimentos do HI vinham do DoD. A *Folha de S. Paulo* apresentou, então, alguns detalhes do relatório formulado por essa comissão militar, o qual refutava tecnicamente a proposta dos lagos. A categorização de áreas A, B e C também foram questionadas por funcionarem como um indicativo de que as compras de terras ocorriam justamente na área C, a região de pouco impacto político e pouca população. Assim, a compra de terras nessa área poderia ser uma etapa no programa político e estratégico dos EUA, que poderia, conforme o relatório, estar interessado na região no caso de uma guerra nuclear. Políticos e deputados também se indispuseram publicamente com os planos do HI, como Gastone Righi, deputado do MDB, que, além de seguir a linha do relatório militar, também atacava Roberto Campos, indicando a influência e o suposto “entreguismo” do ex-ministro, a quem chamava de “o agente norte-americano”, cujas medidas econômicas e políticas estavam, segundo Righi, alinhadas com as vontades do Pentágono e com os modelos estadunidenses. O

⁷⁹LUPE. **Brazil** (Inter-office memo to all concerned), 19 Dec. 1967; GOVERNO dos EUA nega ligação com Hudson Institute. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 03 jan. 1968, p. 3.

governador do Amazonas nesse período, Danilo Areosa, considerava o projeto “mirabolante e desnecessário”. Fizeram coro a essas críticas técnicos de órgãos oficiais, como o IBGE, que assumiam que a produção de grande quantidade de energia decorrente do lago poderia, de fato, ser algo importante, porém, que seria de pouca utilidade para a região.⁸⁰

O discurso decisivo contra o plano do HI foi de Bernardo Cabral, no dia 12 de Fevereiro de 1968, na Câmara dos Deputados. Bernardo Cabral, líder da oposição na Assembleia do Amazonas, alertava para o conjunto de ações casadas que ameaçavam a Amazônia: esterilização de mulheres na região, terras compradas por estadunidenses, exportação de cabeças humanas para um professor universitário dos EUA, contrabando de minérios por estrangeiros e o projeto do lago do HI. Frente a isso, Cabral reivindicava uma CPI para investigar os planos do HI, que, segundo ele, agia nos bastidores, contando com parte da imprensa, que preparava o espírito público para os planos, e com Felisberto Camargo, um agente da internacionalização do Amazonas desde os anos 40. Acreditava, portanto, que por trás dos lagos estava a relação do HI com o Pentágono. Cabral chega ao ponto de chamar Camargo de traidor da pátria, uma vez que ele e Panero usaram dados obtidos a partir de um navio da Marinha brasileira, a qual também era suspeita, pois seria ela que provavelmente vazara os dados para os EUA. Além disso, membros da Marinha, assim como da Escola Superior de Guerra (ESG), participaram de uma palestra de Camargo na Confederação Nacional de Agricultura. Cabral, em seu discurso, assim como outros parlamentares que faziam apartes, também contrapõe tecnicamente a proposta do HI, apontando, entre outras coisas, que a região inundada acabaria com áreas de povoamento e segmentaria o Brasil, fazendo com que a parte norte do país se ligasse mais aos EUA e aos países do norte da América do Sul.⁸¹

Roberto Campos também foi alvo do discurso de Cabral, sendo taxado como o grande articulador da proposta do HI no Brasil. Primeiramente, Felisberto Camargo teria se aproximado do HI a pedido de Campos e, por isso, Campos supostamente indicara

⁸⁰ ALBUQUERQUE aceita dólares na Amazônia. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 08 jan. 1968, p.3; HÁ 50 anos Amazônia já é internacional. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 09 jan. 1968, p.6; MILITARES atacam planos do Hudson. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 23 jan. 1968, p.6; DEPUTADO volta da Amazonia, analisa e critica. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 23 jan. 1968, p.6; AMAZONIA: a solução brasileira. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 28 jan. 1968, p.20; TÉCNICOS condenam projeto do grande lago da Amazônia. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 10 fev. 1968, p.5; “O GOVERNADOR do Amazonas é contra plano do grande lago”. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 20 fev. 1968, p.3; NÃO existe convenio para lago amazônico. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 04 abr. 1968, p. 9.

⁸¹ O GRANDE lago amazônico e o Hudson Institute. **Revista Brasileira de Política Internacional**: a Amazônia, Ano XI, No 41-42 Suplemento Especial, Série realidade brasileira: Amazônia. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, p. 148-165, Mar/Jun 1968, p. 148-152, 154-165.

Felisberto Camargo para ser o novo Ministro do Planejamento. Campos, conforme Cabral, também autorizara os levantamentos aerofotogramétricos feitos a partir de um convênio dos EUA com o Brasil. Além disso, Cabral via uma má vontade de Campos com a região amazônica, sempre optando por políticas que colaboravam com o esvaziamento da região. Por trás disso, estava, para Cabral, primeiramente, a defesa de Campos de que os militares eram a única classe, no Brasil, capaz de governar o país, o que concordava com a interpretação do HI que a região Amazônica era uma área C, ou seja, de domínio militar. Juntando os dois, Cabral acreditava que podia haver um plano militar que, apesar de se afirmar nacionalista, intentava internacionalizar a região. A partir disso, críticas foram dirigidas aos governos militares de até então, como a de Hermano Alves, também deputado da oposição, que via uma dependência dos EUA, por exemplo, no governo Castelo Branco, quando um Plano de Ação foi elaborado a partir de um contrato com a Universidade da Califórnia que, por sua vez, contratou a RAND Corporation para desenvolver a pesquisa, a qual estava, por fim, seguindo determinações e solicitações de Lincoln Gordon, o Subsecretário dos EUA e Assistente para Assuntos Latino-Americanos.⁸²

Frente a essas acusações, indagações também foram dirigidas ao governo militar. O General Albuquerque Lima, mesmo já se opondo aos planos do HI, informou, interpelado na Câmara dos Deputados, que o governo atual nunca formulou convite ao HI para elaborar estudos para a implantação de lagos na Amazônia, nem que existiam acordos ou convênios vinculados ao Brasil. Afirmou também desconhecer o projeto do HI, defendendo que o problema brasileiro era assunto privado do país, assim como sua execução e planejamento. Informou que, a convite, em Março de 1967, de Artur Soares Amorim, chefe do gabinete do então Ministro Roberto Campos, assistiu uma apresentação de Roberto Panero acerca de estudos sobre a implantação de um sistema de lagos na Amazônia, inclusive na porção brasileira. A reunião fora promovida por Roberto Campos, mas sem caráter formal “no sentido de se constituir em entendimentos ao nível governamental”. Portanto, afirma que o encontro só pretendia apresentar o plano em linhas gerais.⁸³

Com base no pedido de Cabral e defronte a toda polêmica, o congresso brasileiro instaurou uma CPI para investigar o plano dos lagos. Os objetivos da CPI, que teve a primeira reunião em 18 de Abril de 1968, eram averiguar as finalidades dos planos do HI para a

⁸² O GRANDE lago ..., 1968, p. 154-165.

⁸³ NÃO existe convenio para lago amazônico. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 04 abr. 1968, p.9.

construção do Grande Lago Amazônico, a origem da iniciativa dos planos, as pessoas físicas e jurídicas nacionais envolvidas nos planos ou nas suas causas, quais foram os levantamentos realizados na Amazônia e os atentados contra a soberania nacional decorrentes do plano, tanto em sua elaboração, quanto no que ele produziria. Entre os documentos que foram analisados pela CPI, estavam resumos de programas de seminários do HI, cartas trocadas com brasileiros sobre a questão dos lagos e recortes de jornais diversos, inclusive os que indicavam a atuação de Felisberto Camargo⁸⁴.

O primeiro depoimento foi no dia 22 de Maio de 1968, dado pelo Deputado Adolpho de Oliveira. Em seu relato, ele afirmou que conheceu os planos do lago quando voltava da Europa, por via marítima, e uma figura internacional conhecida⁸⁵ se aproximou dele, conversou e entregou um documento sobre uma reunião no HI na qual foi discutido sobre o lago amazônico. Conforme Oliveira, o documento também possuía um mapa do continente com os lagos que fora apresentado em um seminário do HI cujo título era *Basic National Security Policies in the decade ahead*. Os lagos apareciam justamente na parte da conferência sobre desenvolvimento e medidas contrárias à insurreição e à insurgência. Então, Oliveira entendeu que a construção do lago estava ligada a um conjunto de providências associadas à política de segurança nacional dos EUA para a próxima década.⁸⁶

Parece-nos bastante claro que essa preocupação nasceu de um desconhecimento de como o HI operava e da concepção ampla da segurança nacional dos EUA naquele momento. O HI tentava, primeiramente, vender seus projetos aos diferentes organismos, inclusive aos que se dedicavam ao desenvolvimento da AL, por meio de programas de combate a pobreza. Assim, as políticas e os planos para o desenvolvimento estavam, de fato, atrelados ao universo amplo do que compreendia a segurança nacional dos EUA, que estava relacionada, como o HI já entendera, à ordem internacional. Esse universo amplo aparecia nas diversas áreas abordadas pelo seminário, como crises, futuros alternativos, tecnologia, entre outros. Porém, isso não significava, como já analisamos e mostramos, um atentado direto, intentado e consciente à soberania do Brasil, mas era uma crença de que o HI podia dar os caminhos políticos para o desenvolvimento futuro. E, nesse momento, tentava-os vender para os organismos de ajuda internacional dos EUA, por meio de Panero, o responsável pelos

⁸⁴ CPI destinada a examinar os objetivos dos planos do Hudson Institute para construir o “Grande Lago Amazônico” – Novembro de 1970, p. 5422, 5425; COMMENTS on Hudson Institute’s conference on Basic National Security Policies in the Decade Ahead, July 13-16, 1967.

⁸⁵ O deputado se recusou a dizer o nome da pessoa, apesar de entregá-lo em um papel.

⁸⁶ CPI, Nov. 1970, p. 5426.

trabalhos de desenvolvimento do HI. Nesse seminário comentado estava Felisberto Camargo, o único brasileiro presente.⁸⁷

Entre os diversos depoimentos recolhidos pela CPI, o mais tenso foi o de Felisberto Camargo. Vários pontos foram debatidos, inclusive aspectos técnicos, com Camargo tendo que justificar várias possibilidades aventadas pelos deputados, como que o lago visava dar acesso a riquezas minerais atômicas, por exemplo, e enfrentar constrangimentos, como cálculos que mostravam que, após a formação do lago, algumas árvores ficariam acima da superfície da água, impedindo a navegação. Além disso, explicitou detalhes que não apareciam nos relatórios, como o tempo para encher o lago, que duraria entre dez e vinte anos, e que a obra deveria ser financiada pelos Estados ricos do país, uma vez que era uma obra de integração nacional. É perceptível que a defesa de Camargo está repleta de conceitos e ideias desenvolvidas pelos estudos futuros do HI e de Kahn. Por exemplo, ele cogita a possibilidade da Europa se tornar uma terceira potência, ao lado dos EUA e da URSS e que, por isso, seria interessante os países latino-americanos se associarem à Europa. Também defende a transição da região da Amazônia para uma economia terciária e quaternária para que, assim, abandonasse a atividade extrativista e alcançasse uma renda per capita de mil e seiscentos dólares, que caracterizaria uma sociedade pós-industrial, o que seria atingido pela construção do lago.⁸⁸

Camargo também teve que explicar sobre como funcionava os financiamentos de pesquisas do HI. Com isso, buscava esclarecer que o HI tinha diferentes fontes de fundos e que, no caso, nem o DoD nem o Department of State financiavam a pesquisa dos lagos. Camargo reconheceu que Panero viera ao Brasil, pela primeira vez, em Março de 1969, sob o convite de Roberto Campos, para apresentar o plano para uma comissão técnica, na reunião dirigida pelo chefe de gabinete do Ministério. Explicou que buscou a ESG, pois o viés militar do plano estava na eliminação da pobreza, o que constituiria uma forma de defesa para o país. Apesar disso, não sabia explicitar a posição da ESG. Conforme Camargo, a intenção do HI com os lagos era, portanto, vencer a pobreza por meio de um projeto multinacional. Nesse sentido, o lago seria um estimulante ao desenvolvimento, dinamizando as áreas C. Com base nisso, e questionado sobre suas declarações, falou que nunca afirmara que Departamento de Estado dos EUA financiava o plano dos lagos e que isso foi uma manobra para colocar o HI e seu plano em má situação. Para Campos, o grande articulador disso foi o ex-governador do

⁸⁷ HUDSON Institute. **Basic National Security Policies in The Decade Ahead**. Croton-on-Hudson: Hudson Institute, April 20-23/ July 13-16, 1967; O GRANDE lago ..., 1968, p. 155.

⁸⁸ CPI, Nov. 1970, p. 5432-5437, 5443, 5453.

Amazonas, Arthur Reis, que plantou essa ideia da invasão estrangeira na imprensa e reafirma, contra isso, o caráter exotérico dos relatórios do HI, que, segundo ele, estavam disponíveis em cerca de vinte universidades americanas.⁸⁹

Após três dias de depoimentos de Camargo, do dia 04 ao dia 06 de Junho, Arthur Reis compareceu, no dia 10. Ele confirmou tudo aquilo que Camargo via como uma manobra. Afirmou que o plano do HI estava ligado aos departamentos de Defesa e do Estado dos EUA e que tinha como objetivo tomar as reservas de matérias-primas, seguindo uma política internacional agressiva dos EUA. Além disso, não via nenhuma vantagem sócio-econômica com a construção do lago, o que poderia, pelo contrário, conduzir a uma internacionalização da Amazônia, já que o Brasil sozinho não teria condições de desenvolver o projeto. Essas dúvidas sobre as intenções por trás do lago, também foram aventadas por Eudes Lopes, um engenheiro, que possuía outro projeto de lago na Amazônia, e que fora ouvido pelos deputados devido a supostas correspondências dele com o HI⁹⁰. Um sociólogo da UFF, Ovidio Gouveria da Cunha, também alimentou ainda mais a questão do perigo e da ameaça estrangeira sobre a Amazônia, não a restringindo aos planos do HI. E vários, como o Ministro das Relações Exteriores, José de Magalhães Pinto, Mario Rodrigues Costa, Membro do Estado Maior da Armada, Frederico Augusto Rondon, estudioso da região Amazônica, Augusto Fragoso, Comandante da Escola Superior de Guerra, Paulo de Menezes Mendes da Rocha, da Escola Politécnica da USP e que estudava projetos para a Bacia Paraná-Paraguai, Antonio Moreira Couceiro, Presidente do Conselho Nacional de Pesquisas, Pery Constant Bevilacqua, Ministro do Superior Tribunal Militar seguiram nessa linha, associando o HI ao DoD, e às intenções do governo dos EUA, o que poderia se constituir uma ameaça à segurança nacional. As autoridades ouvidas asseveraram que o Brasil não compactuava com o plano, o que faziam a partir de críticas e apontando falhas técnicas na proposta do HI. Outro discurso corrente era a defesa da necessidade do Brasil ter uma política para a região. Portanto, excetuando Felisberto Camargo, ninguém defendeu o plano do HI, inclusive fazendo forte oposição e críticas.⁹¹

No dia 01 de Outubro de 1968, a CPI recolheu seu último depoimento, do General Pery Constant Bevilaqua. O depoimento de Bevilaqua também acusou Roberto Campos de promover a ideia dos lagos no Brasil. Ele indicou que Campos possuía ligações com Alberto

⁸⁹ CPI, Nov. 1970, p. 5439-5447.

⁹⁰ Em nossa pesquisa nos arquivos do HI na NDU, não encontramos nenhuma carta de Eudes, todavia, é possível que ele fora consultado, principalmente por Panero. Todavia, Eudes negou veementemente que tenha ajudado o HI.

⁹¹ CPI, Nov. 1970, p. 5431, 5443, 5457-5459, 5462-5492.

Lleras Camargo, por meio do Instituto de Planejamento Familiar, criado por Lleras Camargo e Carlos Llera Restrepo. Nesse Instituto, Lleras Camargo era presidente do conselho editorial, enquanto Roberto Campos era conselheiro. A CPI teve um hiato de um ano, a partir de Novembro de 1968. Em 19 de Novembro de 1969 foi finalizada a comissão, sem grandes conclusões, uma vez que vários deputados que participavam da CPI foram cassados pelo AI-5.⁹²

Dois meses após o início da CPI, o *Correio da Manhã* publicava um suposto relatório do Ministério das Relações Exteriores, elaborado por três diplomatas brasileiros, dedicado a investigar os planos do HI. O relatório afirmava que não era possível determinar se o plano dos lagos estava ligado à segurança nacional dos EUA, apesar de ser possível desconfiar dessa ligação. O relatório identificava, ainda, quatro motivações para o estudo do HI. Primeiramente, os laços familiares de Panero, que o aproximaram da Colômbia, a requisição de Santamaría, como vimos, via CIAP, para que estudos fossem desenvolvidos, a visão ampla de futuro de Kahn e do HI, e a preocupação estratégico-militar dos EUA com um sistema integrado de acesso à costa ocidental da América do Sul. O relatório chega a comentar a possibilidade, desmentida por Camargo na CPI, de que a formação de um lago gigantesco na Amazônia poderia afetar o eixo da Terra. Os diplomatas reconheceram, ainda, que o projeto só poderia ser executado de forma supranacional e que já possuía boa aceitação no Peru e na Colômbia. Isso geraria, conforme o relatório do Itamaraty, questões diplomáticas com o Peru, a Colômbia e o CIAP. Por tudo isso, a recomendação do Itamaraty era um plano hidroviário urgente para a Bacia Amazônica e a investigação das relações do HI com os outros países da AL e seu papel nos EUA. A conclusão do relatório era que o projeto era inviável, não melhoraria a navegação, nem acabaria com os problemas de inundação na região, e a energia que poderia ser produzida seria desperdiçada na transmissão. Portanto, para o Itamaraty, por trás do esquema do lago, havia a intenção de internacionalizar a floresta. Conforme ressalva da RBPI, o Itamaraty não reconhecia, nem negava a veracidade da reportagem do *Correio da Manhã*.⁹³

A *Folha de S. Paulo*, na esteira da questão, em 05 de Maio, lançou um dossiê sobre a Amazônia, o qual ouvia diferentes opiniões e refletia sobre a proposta dos lagos, de forma bastante questionadora e controversa aos planos. A Revista Brasileira de Política Internacional (RBPI), no segundo trimestre de 1968, também lançava um dossiê sobre a Amazônia. Ambas apresentavam os planos do HI para a região e críticas nacionais à proposta,

⁹² CPI, Nov. 1970, p. 5492.

⁹³ A VERDADE ..., 1968, p. 138-148.

além de outras propostas desenvolvidas por brasileiros ou reflexões sobre o desenvolvimento da região. O dossiê da RBPI possuía um caráter mais acadêmico, ou seja, apresenta diferentes artigos e documentos. Há, portanto, textos de propostas de Felisberto Camargo, de Eudes Lopes e de Arthur Reis. Já o dossiê da *Folha de S. Paulo* é mais informativo, introduzindo quem era Herman Kahn, Felisberto Camargo, o HI e cada um dos relatórios. Contudo, ambos são críticos, com a *Folha de S. Paulo* enumerando e criticando cada um dos pontos defendidos pelas propostas do HI e apresentando o contraponto, principalmente ao enfatizar o que já ocorria em cada uma das áreas, como na de transportes e na de integração nacional, por exemplo.⁹⁴

Tanto a CPI quanto os dossiês atentaram a nação, em seus diferentes níveis, que algo precisava ser feito sobre a Amazônia. A partir de então, o governo brasileiro iniciou discursos em prol da ocupação da região. Albuquerque Lima, em reportagem de 05 de Junho de 1968, na *Folha de S. Paulo*, anunciava que iria iniciar a Operação Amazônia, a qual definiria a ocupação da região. Em paralelo a isso, Felisberto Camargo anunciara, no dia 04 de Junho, à CPI dos Lagos, que o HI paralisara o projeto dos lagos até que o governo brasileiro se manifestasse.⁹⁵

V.2.b. O homem trazido pelo Hudson: Herman Kahn e o Brasil

Já fora do Ministério do Planejamento, Roberto Campos se tornou membro público do HI em 29 de Maio de 1968, inclusive servindo como credencial para o HI. Por exemplo, o HI, ao tentar vender para o Pentágono e para o Secretário de Defesa estudos sobre a AL, citava, como uma das fontes de informação, Roberto Campos. Por outro lado, Campos tentava articular e encaixar o HI no Brasil. Em Dezembro de 1968, provavelmente aproveitando a fama do HI e a divulgação das ideias de Kahn em sete páginas do livro *O desafio americano*, de Jean-Jacque Servan-Schreiber, a Editora Melhoramentos em parceria com a Editora da

⁹⁴ Cf. AMAZÔNIA. **Folha de S. Paulo**, Suplemento Especial, Série realidade brasileira. São Paulo: Editora Abril, 05 maio 1968, p. 50-88; Cf CAMARGO, Felisberto. Recursos naturais e humanos na Amazônia, **Revista Brasileira de Política Internacional**: a Amazônia, Ano XI, No 41-42 Suplemento Especial, Série realidade brasileira: Amazônia. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, p. 84-100, Mar/Jun 1968; LOPES, Eudes P. Uma solução global para o problema do Amazonas. **Revista Brasileira de Política Internacional**: a Amazônia, Ano XI, No 41-42, Suplemento Especial, Série realidade brasileira: Amazônia. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, p. 73-83, Mar/Jun 1968; REIS, Arthur C.F. Porque a Amazônia deve ser brasileira. **Revista Brasileira de Política Internacional**: a Amazônia, Ano XI, No 41-42, Suplemento Especial, Série realidade brasileira: Amazônia. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, p. 7-16, Mar/Jun 1968.

⁹⁵ MINISTRO do Interior fará mobilização nacional para ocupar logo a Amazônia. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 05 jun. 1968, p. 6.

Universidade de São Paulo lançou a tradução do TY2000, com o título *O ano 2000: uma estrutura para especulação sobre os próximos trinta e três anos*. Em Fevereiro de 1969, a revista *Veja* anunciava que a primeira edição da tradução do TY2000 para o português tinha vendido cinco mil exemplares em menos de um mês e a segunda edição, três mil em quinze dias. Porém, o livro também causou certa indisposição entre os brasileiros, por prever para o Brasil um PNB per capita de quinhentos e seis dólares para o ano 2000, o que o colocaria como uma nação apenas “parcialmente industrializada”, abaixo, por exemplo, de México, Colômbia, Argentina, Malásia, Iraque e Irã.⁹⁶

Além disso, um relatório da Embaixada dos EUA no Rio, feita pelo Conselheiro da Embaixada, William Belton, parecia sentir um ambiente, no Brasil, mais favorável aos estudos do futuro. Partindo da afirmativa de Campos de que o Brasil precisava de uma ideologia para alcançar e manter uma rápida taxa de crescimento. Belton sugeria, então, que o TY2000 poderia servir para esse propósito. Ou seja, dava uma abertura para as ideias e o conceito de ideologia para o futuro e para o ano 2000, desenvolvidas pelo HI. Além disso, Belton também acreditava que mesmo as previsões pessimistas de Kahn estimulavam os estudos futuros no Brasil, já que via vários economistas realizando suas próprias projeções, sendo as mais proeminentes as de Mario Simonsem e de João Paulo dos Reis Veloso. Além disso, outro elemento bastante convidativo à ideologia para o ano 2000, segundo Belton, era a comissão formada, em 11 de Abril de 1969, por Helio Beltrão, Ministro do Planejamento na época, que era composta por vários economistas.⁹⁷

Assim, apesar da campanha negativa contra o HI por causa do plano dos lagos, havia indicações de interesses de industriais brasileiros em ouvir o que Kahn tinha a dizer sobre o futuro. Esses industriais estariam inclusive inclinados a pagar cerca de vinte e cinco mil dólares para uma palestra de Kahn. E esse interesse de fato se concretizou. A palestra foi anunciada em reportagens, como na *Folha de S. Paulo* do dia 25 de Outubro de 1969. A palestra ocorreria no dia 12 de Novembro, sob o convite da Associação Comercial de São Paulo e teria a apresentação de Roberto Campos.⁹⁸

⁹⁶ [Sem título]. **Veja**. São Paulo: Abril, N.22, 05 mai. 1969, p.38,40; TY2000, p. 60, 165; OA2000, p. 94, 213; Cf. COMENTÁRIOS de Herman Kahn. Servan, p. 301-307; PROGRESS Report, **Public Members**, 1968.

⁹⁷ AMBASSY Rio de Janeiro (Belton). **Challenge of the year 2000 – Brazil in Search of an Ideology** (to Department of State), 23 Apr. 1969, p. 1-4; PROGRESS Report, **Public Members**, 1968; SINGER, Max. **Carta para Mr. William E. Lang** (Deputy Assistant Secretary of Defense/ISA, Pentagon), 16 Dec. 1968.

⁹⁸ CEIL, **Memo** (to Max Singer), 15 May 1969; HERMAN Kahn fará palestra em S. Paulo dia 12 de Novembro. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 25 Out. 1969; DIMINUIR natalidade é condição de Khan para Brasil crescer. **Correio da Manhã**. 1o Caderno. Rio de Janeiro, 11 de Nov. 1969, p. 15 – Há um detalhe nessa reportagem. O nome de Kahn está grafado errado. Aparece, ao longo da reportagem, como Khan.

Muita expectativa foi criada para a visita de Kahn. Joelmir Beting, por exemplo, em sua coluna de 9 de Novembro de 1969, argumentava que percebia certo desprezo com a futurologia no governo do Brasil. João Paulo dos Reis Velloso, novo Ministro do Planejamento, confirmava isso, ao afirmar que a futurologia econômica era um simples brinquedo de aritmética. Beting acreditava, por isso, em um clima bastante hostil para a palestra de Kahn, pois, com um público presente em torno de seiscentas pessoas, no auditório da Escola de Administração de Empresas da FGV, Kahn anunciaria que o Brasil seria potência de penúltima ordem em 2000. Essa hostilidade já aparecia no sentimento de revanchismo de políticos brasileiros, como, por exemplo, Abreu Sodré, governador de São Paulo e um dos contestadores de Kahn, que planejara um voo de helicóptero para Kahn:

“Sobrevoaremos demoradamente São Paulo, daremos um pulo ao ABC, passaremos por sobre a Anchieta, apontaremos na cabeça da Castelo Branco e estudaremos no rosto simpático do nosso convidado as reações de quem certamente não esperava ver ao sul da linha do equador uma cidade como São Paulo e um parque industrial como o nosso. Em relação ao Brasil, a teoria de Kahn pode ser refutada com um simples cartão postal. Ao vivo, melhor ainda”⁹⁹

Portanto, como o *Correio da Manhã* noticiou, Sodré "informou que solicitara a dois de seus auxiliares que coloquem 'êsse volumoso autor de um livro igualmente volumoso num helicóptero para que ele conheça o que é São Paulo e o Brasil'". Beting também destacava o argumento de Campos, que funcionava como uma defesa e uma crítica às projeções do Brasil feitas por Kahn. Para Campos, os caminhos traçados pelo que ele chamava de Revolução de 1964 eram desconsiderados por Kahn, Wiener e o HI, uma vez que tais caminhos poderiam conduzir o Brasil a alcançar, no ano 2000, uma renda per capita de mil e duzentos e cinquenta dólares, acima dos quinhentos e seis dólares previstos.¹⁰⁰

Já no Brasil, na manhã do dia 11 de Novembro, Kahn sobrevoou a Guanabara de helicóptero, junto com o Secretário de Obras. Conforme a *Veja*, Kahn não discutiu nada sobre o Brasil em sua passagem pelo Rio de Janeiro. Após um banho de piscina no Hotel da Glória, conforme a revista, ele fez observações gerais sobre o país, como “Emprego é mais importante do que espaço. Por isso é preciso abrir vagas antes de fazer pessoas. Dizem que eu não gosto de bebês. É mentira. Acho-os muito bonitos, mas são um investimento que só começa a ser rentável depois de vinte anos”. A revista mostrava, ainda, uma mudança dos

⁹⁹ BETING, Joelmir. O Brasil entre Kahn e Knauss. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 09 nov. 1969, p.28.

¹⁰⁰ BETING, Joelmir. O Brasil entre Kahn e Knauss. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 09 nov. 1969, p.28; SODRÉ critica o futurólogo. **Correio da Manhã**. 1o Caderno. Rio de Janeiro, 12 Nov. 1969. p. 5

números de Kahn sobre o Brasil, já refletindo a crítica de Campos. Conforme a revista, Kahn, após passear sobre o Rio, mudou de opinião sobre o Brasil, afirmando que o país poderia crescer a 5,5%, diferentemente dos 4,5% que afirmara no TY2000. Há, contudo uma má vontade da revista, já que o TY2000 apresenta uma taxa de crescimento que varia entre 3 e 7%, estando os valores de 4,5% e de 5,5% dentro dessa variação. Assim, outra fonte de hostilidade a Kahn foi a imprensa. A cobertura da visita de Kahn pela *Veja* mostrava a famosa foto de ele saindo da piscina, que, no ano seguinte, rendeu o prêmio Esso de Fotografia a Darcy Trigo. O texto da *Veja*, em 9 de Dezembro de 1970, comemora o feito ao afirmar que o fotógrafo flagrara Kahn em pose simiesca (Anexo B).¹⁰¹

Na noite do dia 11, Kahn embarcou para São Paulo, onde chegou às 18:45. Em São Paulo, passeou de helicóptero com Abreu Sodré e, após o passeio, chegou à conclusão de que a renda média do paulistano era de setecentos e cinquenta dólares e afirmou que o Brasil cresceria entre 3 e 7%, mesmos número do TY2000. Todavia, a revista *Veja* afirmava que o crescimento de 3%, seria um retrocesso, já que o Brasil crescia a 3,1%. Em cima disso, a revista ironizou a futurologia de Kahn como algo incerto, já que afirmava que o Brasil poderia ou retroceder, ou estagnar, ou avançar. Além disso, realizava uma crítica que pautaria a abordagem da revista e de alguns jornais sobre Kahn, para desacreditar seus planejamentos. A *Veja* afirma achar estranho Kahn falar do futuro dos países, justamente “o homem que não parece ter tido êxito ao planificar o desenvolvimento de seu próprio corpo”¹⁰². Após o passeio de helicóptero, teve uma reunião com Abreu Sodré no Palácio dos Bandeirantes.¹⁰³

Ainda no dia 12, Kahn almoçou com o reitor da USP, Miguel Reale, e deu entrevista. Afirmou que a receita para o sucesso seria, entre outras coisas, alguns elementos que apareciam no que ele defendia como a TM, como educação superior e treinamento, capacidade tecnológica de competição no ocidente, combinação de patriotismo, de trabalho e orgulho por ele, de desenvolvimento, de lucros futuros e de empregados leais e entusiasmados, compromisso com o desenvolvimento econômico por parte dos governos, dos empresários, dos trabalhadores e do povo e orientação da economia por empresários e trabalhadores, o que daria origem a um capitalismo controlado e coletivista, sem abandonar a

¹⁰¹ UM cavaleiro do apocalipse. **Veja**. São Paulo: Abril, 19 nov. 1969, p. 25-26; CARTA ao leitor. **Veja**, São Paulo: Abril, 9 dez. 1970, n.118, p.15; QUEM ama um gordo profeta. **Manchete**. Rio de Janeiro, 15 nov. 1969, p.26-29; TY2000, p. 163; OA2000, p. 212; UM cavaleiro do apocalipse. **Veja**. São Paulo: Abril, 19 nov. 1969, p. 25-26; KAHN: Brasil será um dos 10 grandes. **Correio da Manhã**. 1o Caderno. Rio de Janeiro, 12 Nov. 1969. p. 5.

¹⁰² Outros exemplos dessa ironia com o peso e o tamanho de Kahn, ver Anexos D e E.

¹⁰³ UM cavaleiro do apocalipse. **Veja**. São Paulo: Abril, 19 nov. 1969, p. 25-26; QUEM ama um gordo profeta. **Manchete**. Rio de Janeiro, 15 nov. 1969, p. 26-29.

competição. Via vocação para grandeza no país, que para ser mais bem cultivada, precisaria enfrentar problemas de defesa nacional, que manifestassem orgulho coletivo, como no caso do Japão e da Alemanha.¹⁰⁴

Na palestra na tarde do dia 12 de Novembro de 1969, cujo título era “Perspectivas do Desenvolvimento nas Próximas Décadas”, Kahn, contrariando o que expusera no TY2000, afirmava que o Brasil estaria, no ano 2000, entre as dez maiores potências do mundo. Na palestra, com a maioria do auditório composta por empresários, Kahn manteve as características de seus *briefings* e impressionou pelo seu domínio sobre o público e a descontração, apesar de ter um inglês considerado difícil de acompanhar. Ignorou a questão do lago e a palestra, de forma geral, seguiu os temas abordados dentro dos Estudos Futuros do HI, mencionando inclusive o Japão, tema caro a Kahn, e o desafio brasileiro, concentrando-se na análise das perspectivas para os países industrializados nos próximos 30 anos. Defendeu o controle de natalidade como forma de controle dos gastos. Kahn reconheceu que as reações iniciais ao HI foram patrióticas, anticientíficas, imaturas e recheadas de complexos, sendo as reações mais maduras as de Simonsen e Reis Velloso. A palestra contou, ainda, com uma breve fala de Campos e com a presença de autoridades, inclusive de Paulo Maluf, prefeito de São Paulo na época. Daniel Machado de Campos, presidente da Associação Comercial de São Paulo, abriu a conferência, afirmando que o livro de Kahn serviu ao Brasil não como uma frustração, mas como um desafio que devia ser encarado e um aviso à consciência cívica de que somente o trabalho perseverante e o sacrifício poderiam superar as dificuldades e gerar recursos. E esses desafios, conforme Machado de Campos, já foram aceitos pelo Brasil, quando, em 1964, rompeu-se com a desordem econômica e social que conduzia ao caos e firmaram-se as bases para a arrancada rumo ao desenvolvimento econômico. Nesse sentido, todos ali concordavam que a iniciativa da Associação Comercial de São Paulo, ao trazer Kahn, corroborava com isso.¹⁰⁵

Na passagem pelo Brasil, Kahn recebeu o convite para depor na CPI no dia 18 de Novembro, contudo, alegou que não estaria no Brasil para comparecer na data que fora

¹⁰⁴ KAHN chega hoje. **Folha de S. Paulo**, 3º Caderno, São Paulo: Abril, 11 nov. 1969, p.19; HERMAN Kahn, um olho gordo no nosso futuro? **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 12 nov. 1969, p.1; SODRÉ critica o futurólogo. **Correio da Manhã**. 1o Caderno. Rio de Janeiro, 12 Nov. 1969. p. 5; KAHN: ímpeto de S. Paulo como receita para o Brasil. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 13 nov. 1969, p.1; HERMAN Kahn: admite agora que o Brasil tem vocação e grandeza. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 13 nov. 1969, p. 20.

¹⁰⁵ KAHN: O Brasil precisa ser administrado. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 14 nov. 1969, p.12; SODRÉ critica o futurólogo. **Correio da Manhã**. 1o Caderno. Rio de Janeiro, 12 Nov. 1969. p. 5; KAHN debate com mais de mil pessoas em SP. **Correio da Manhã**. 1o Caderno. Rio de Janeiro, 13 Nov. 1969. p. 15.

intimado. Todavia, foi só ele ir embora, no dia 12, que as críticas voltaram. Sodré, por exemplo, afirmou que Kahn era um ótimo futurólogo, mas um péssimo observador, e comprovava isso ao citar a frase de Kahn: “São Paulo cresce enquanto dorme”, a qual, segundo Sodré, não refletia o povo da cidade. Porém, Sodré acreditava ter a resposta para essa falta de acuro de observação de Kahn: “O sr. Herman Kahn só não comprovou isso [o esforço e o trabalho do povo de São Paulo] porque dormia profundamente durante um passeio de helicóptero que fizemos sobre a Capital. Assim, quem dorme é ele e não nós”.¹⁰⁶

No final de 1969, o livro *On escalation* também fora traduzido para o Brasil, como *A Escalada*, pela Editora Bloch. Com o início do CE, em 1968, o HI convidou a empresa brasileira Irmãos Klabin para participar do estudo. Além disso, o HI pensava em associar à FGV, já que o estudo poderia ser de interesse dela. A Klabin indicava que outras empresas poderiam se interessar, como a Refinaria e Exploração Petróleo União, e que o HI também poderia se associar à Escola Superior de Guerra nesse trabalho. Por outro lado, Ernesto Geisel, em Março de 1970, escrevendo pela Petrobrás, negava a participação daquela empresa no CE, refletindo a contrariedade que os governos militares tinham contra os projetos e a associação ao HI. Já em meados de 1971, a Klabin pedia para se retirar do CE.¹⁰⁷

Em Abril de 1970, o HI sofria uma baixa considerável para seus planos no Brasil. Camargo escrevia a Max Singer ressaltando seu próprio trabalho dentro do HI, principalmente, mas não somente, ao defender o sistema de lagos proposto pelo HI, quando ele e o HI, acreditava, foram alvos de desonestidade política, uma vez que o plano foi colocado como um grande escândalo pela imprensa brasileira. Além disso, ressaltava que teve que enfrentar uma CPI, que fez onze palestras pelo país, tudo para responder e defender os lagos. Após essa consideração, Camargo reclamava não ter recebido todas as diárias equivalentes ao que trabalhou para o HI e que, inclusive, gastara muito de seu bolso para custear as viagens. Frente a tudo isso, Camargo se dizia já cansado e que gostaria de se dedicar exclusivamente a projetos relacionados à agronomia e, por isso, pedia seu desligamento formal do HI.¹⁰⁸

Os próximos passos do HI no Brasil estavam relacionados ao que acontecia com o Instituto nos EUA e na Colômbia. Poucos meses antes da primeira palestra de Kahn no Brasil, além de sentir a falta dos investimentos oriundos DoD, o HI também sofria com o atraso dos

¹⁰⁶ HERMAN Kahn: admite agora que o Brasil tem vocação e grandeza. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 13 nov. 1969, p.20; SODRÉ: a ARENA de SP só que tranquilidade. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 16 nov. 1969, p.1; CPI, Nov. 1970, p. 5423

¹⁰⁷ KLABIN, Israel. **Carta para Max Singer**. 12 Dez. 1969; GEISEL, Ernesto. **Carta para Herman Kahn**. 18 de Mar. 1970; KLABIN, Israel. **Carta para Max Singer**. 25 Jun. 1971.

¹⁰⁸ CAMARGO, Felisberto. **Carta para Max Singer**. 30 Apr. 1970, p. 1-5.

pagamentos oriundos da Colômbia. Em carta para Mauricio Obregon, o presidente da Corporacion Nacional de Desarrollo del Choco, em 08 de Abril de 1969, Max Singer cobrava os pagamentos que acreditava devidos. Essa questão financeira se estendeu ao longo de 1969, inclusive causando pressões por parte dos *trustees members* do HI sobre Panero. Em 19 de Agosto, Rocha, representante do HI na Colômbia, escrevia para Singer indicando que havia intenção, por parte da Corporação dedicada a Chocó, em cancelar o contrato com o HI. Em uma carta direta para o presidente da Colômbia, Kahn pedia ajuda, já que o balanço das contas não fechavam frente à falta de pagamentos.¹⁰⁹

Em 1970, sem ainda ter recebido nada pelos trabalhos feitos para a Colômbia, o HI não vislumbrava qualquer possibilidade de continuação do contrato dos estudos sobre Chocó. Frente a isso, o HI cobrou, não por vias judiciais, o pagamento. A comissão autorizou pagar oitenta e dois mil dólares. O representante financeiro do HI na Colômbia, frente a essa proposta de acordo, recomendou que o HI não recorresse, pois não existia nenhuma obrigação legal por parte da Comissão de Chocó para o pagamento. O HI aceitou o proposto. Contudo, em torno de um ano depois, em Fevereiro de 1971, a comissão de Chocó enviou uma carta, provavelmente em resposta a alguma solicitação do HI, negando a realização de novos pagamentos, uma vez que o HI já recebera pelos seus serviços e que, após isso, não havia nada de novo em suas pesquisas. Não foi só da Colômbia que não veiram pagamentos, o HI também não foi reembolsado por Campos, nem pela Associação Comercial de São Paulo pelas passagens gastas para a palestra de Kahn no Brasil, em 1969.¹¹⁰

Frente ao contexto de recuos de investimentos seguros oriundos do DoD, precisando buscar novas fontes de renda e com problemas na Colômbia, entre Agosto e Setembro de 1970, o HI tentou ainda uma última cartada no Brasil, com uma conferência de uma semana no Rio de Janeiro sobre o CE. Contudo, ela seria marcada por mais contrariedades a Kahn, agora, calcadas em uma falha grave do futurista. João Paulo dos Reis Velloso foi um dos que identificou que os dados usados por Kahn no TY2000 e na palestra de 1969 eram dados obsoletos, já que suas previsões se assentavam em dados de entre 1960 e 1966, quando o

¹⁰⁹ SINGER, Max. **Carta para Mauricio Obregon**. 08 de Apr., 1969; CANDELA, Basil J. **Carta para Jose Gomez Pinzon**. 12 Aug., 1969; ROCHA, Joaquin V. **Carta para Max Singer**. 19 de Ago., 1969, p.1-2; KAHN, Herman. **Carta para Dr. Carlos Lleras Restrepo**. 24 Oct., 1969, p. 1-2.

¹¹⁰ DEIGHTON, Cecelia. **Carta para Dr. Roberto de Oliveira Campos** (Ministro extraordinário para Planejamento e Coordenação Econômica); PESSOA, Zuleide(?) de Souza. **Carta para Miss Cecelia Deighton** (Hudson Institute Assistant). 12 Dez., 1969; DEIGHTON, Cecelia. **Carta para Dr. Roberto de Oliveira Campos** (Investbanco). 22 May 1970; CAMPOS, Roberto de Oliveira. **Carta para Miss. Deighton**. 19 Jun. 1970; TELEPHONE conference, Miss Lupe Gonzalez – 20 Jan. 1970, 22 Jan. 1970; MENDONZA, Carlos. **Carta para HI**. 13 Mar. 1970, p. 1-2; SONTHEIMER, Shirley M. (Treasurer). **To the trustees**. 23 Mar. 1970; MENDOZA, Carlos de. **Carta para Hudson Institute**. 08 Feb. 1971.

Brasil passava por um período econômico complicado e sem bons índices. Frente a essa contrariedade a Kahn e suas previsões, Velloso foi usado pela imprensa, como demonstra a *Veja* de 18 de Junho de 1969, como o gênio que poderia mostrar números que se oporiam e derrubariam os de Kahn a respeito do futuro do Brasil.¹¹¹

O retorno de Kahn ao Brasil marcava a apresentação, no país, de uma conferência ligada aos estudos do CE, que trataria de discutir o "Futuro da América Latina". A conferência do HI seria no Copacabana Palace e iniciaria dia 30, com a abertura presidida por Roberto Campos e Panero. O esperado eram cem empresas vindas dos EUA, Europa, Japão e AL, e que cada uma contribuísse com cerca de doze mil dólares ou equivalente nacional, contudo, vieram apenas vinte e nove. Entre as empresas da AL que participavam da CE, estavam o Banco Nacional do México, Klabin Irmão & Cia, Refinaria e Exploração de Petróleo União S.A., ambas do Brasil, da Venezuela, a Vollmer Foundation e, do Peru, a Adela Investment Company S.A.¹¹²

No dia 26 de Agosto, já no Brasil, Kahn concedeu uma entrevista coletiva, na qual pediu desculpas sobre os números que apresentara na primeira visita. Na primeira vez, Kahn previra que a economia brasileira cresceria apenas 4,5% até o ano 2000, porém, nesta segunda visita, previa um crescimento de 6,5% entre 1970-1980 e de 7% de 1980 a 2000, com o Brasil podendo alcançar uma renda per capita de mil e duzentos dólares no ano 2000, o que representava o dobro da que existia em 1970. Kahn atribuiu a mudança de opinião ao estudo de números mais recentes de desempenho econômico do país. E decretou: “o desenvolvimento brasileiro deve-se à correta política econômica do atual Governo”, uma vez que as taxas de inflação caíram e que o governo não interferia nas empresas privadas. Frente a essa mudança, a *Veja* decretava: “os dados do Hudson Institute não merecem a credibilidade que os franceses davam às profecias de Nostradamus”¹¹³. O *Correio da Manhã* era mais simpático, elogiando a revisão e a correção de Kahn como sinal de honestidade intelectual, e afirmava que "nenhum país depende de futurologia. Esta é que depende dos países, e de suas decisões e ações internas ..., para merecer esse crédito que só a realidade viva tem

¹¹¹ HERMAN Kahn: admite agora que o Brasil tem vocação e grandeza. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 13 nov. 1969, p.20; VELOSO, João Paulo dos Reis. Os mitos do ano 2000. **Veja**, São Paulo: Abril, 18 jun. 1969, n.41, p.3-6; VELLOSO e seus “grandes impactos”. **Veja**, São Paulo: Abril, 14 jan. 1970, n.71, p.18-25; NOSTRAKAHN. **Veja**, São Paulo: Abril, N.104, 02 set. 1970, p.18; RECADO para Herman Kahn. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 08 set. 1970, p.8.

¹¹² LAGO Amazônico continua em estudo, afirma Kahn. **Correio da Manhã**. Ano I, No 17, 28 Ago. 1970, Rio de Janeiro; FUTURO dos latinos vai estar em debate amanhã. **Correio da Manhã**. 29 de Ago. 1970, p. 7; HERMAN Kahn: anos 70, uma década de mudanças. **Correio da Manhã**. 1o Caderno, 01 Set. 1970. p. 11; SÃO 29 empresas reunidas. **Correio da Manhã**. 1o Caderno, 01 Set. 1970. p. 12

¹¹³ NOSTRAKAHN. **Veja**. São Paulo: Abril, N.104, 02 set. 1970, p. 38.

condições de oferecer”¹¹⁴. Nessa mesma entrevista, Kahn afirmava que os lagos continuavam sendo estudados, com a ajuda de técnicos brasileiros, mas, ainda, sem apoio oficial do Brasil.¹¹⁵

O programa da conferência para o primeiro dia abordaria o tema da AL e do desenvolvimento, com alguns comentários sobre a ideologia do ano 2000. A conferência começaria às 9 e terminaria às 23:30, com duas horas de almoço e duas horas de jantar e coquetel. O *Correio da Manhã*, por meio de sua cobertura do evento, informava que nenhum representante do governo foi assistir a conferência do HI e poucas empresas brasileiras também, somente a Kibon do Brasil, Banco do Comércio, Union Carbide do Brasil, Klabin e Petroquímica União. Além disso, dois observadores da Secretaria de Ciência e Tecnologia também estavam entre o público. Conforme o *Correio*, essa primeira palestra de Kahn foi desconexa e vaga, com ele tentando ligar informações díspares, como que um Brasil é um sucesso, pois as favelas do Rio são melhores que as de Calcutá, o que levou, segundo o *Correio*, dois empresários a cochichar, em certa parte da palestra: "Você entendeu? Não. Nem eu"¹¹⁶. Além disso, Kahn apresentava, segundo o jornal, dados imprecisos sobre a renda per capita brasileira. Conforme o *Correio*, para Kahn, a solução para o desenvolvimento do Brasil era mais empregos, distribuição territorial dos habitantes, evitar o crescimento populacional, cuidar com o crescimento do salário e investir no desenvolvimento. Segundo a *Folha*, Kahn afirmou que a AL tinha pouca tecnologia e sendo ela quase inteiramente uma cópia dos EUA e Europa. Isso também ocorria nas manifestações artísticas e culturais. Via, no Brasil, um potencial enorme para o desenvolvimento, porém, para isso, precisava superar obstáculos, os quais eram comuns à AL, como a falta de experiência tecnológica e a submissão do povo à herança colonial. Kahn também voltou a abordar a revisão dos números sobre o crescimento do Brasil, frente ao que o *Correio* afirmou que as profecias de Kahn não pareciam durar muito, ou precisavam ser atualizadas a cada dois anos. Portanto, Kahn não apresentava nada de novo em relação aos trabalhos anteriores do HI sobre a AL. O que estava ausente, agora, eram os lagos. Kahn também desenvolveu conceitos abordados e usados nos estudos do

¹¹⁴ HERMAN Kahn 70. *Correio da Manhã*. Ano LXX, No 23732, 27 Ago. 1970. Rio de Janeiro.

¹¹⁵ KAHN volta com nova opinião sobre nosso País. *Folha de S. Paulo*, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 27 ago. 1970, p.1; NOSTRAKAHN. *Veja*. São Paulo: Abril, N.104, 02 set. 1970, p.38-40; Herman Kahn 70.

Correio da Manhã. Ano LXX, No 23732, 27 Ago. 1970. Rio de Janeiro; UM trabalhador modesto e puritano. *Correio da Manhã*. Ano LXX, No 23732, 27 Ago. 1970. Rio de Janeiro; LAGO Amazônico continua em estudo, afirma Kahn. *Correio da Manhã*. Ano I, No 17, 28 Ago. 1970, Rio de Janeiro.

¹¹⁶ FÉ ajuda, mas não é tudo. *Correio da Manhã*. 1o Caderno, 01 Set. 1970. p. 13.

CE, que eram, no entanto, muito centrados em uma realidade mais próxima da estadunidense.¹¹⁷

A sensação, conforme o *Correio da Manhã*, da audiência brasileira após o primeiro dia de palestras era que as teorias de Kahn eram superficiais e sem base em dados concretos. Um dos representantes da Secretaria de Ciência expunha que acreditava que Kahn só entendia de realidade dos EUA e do modelo japonês de desenvolvimento. Para Paulo Figueiredo, da Carbide, a superficialidade de Kahn era por apresentar um estudo rápido da AL, provavelmente seguindo aquilo que o HI considerava heurístico e propedêutico. Conforme o *Correio da Manhã*, havia um consenso de que a mudança de Kahn sobre o crescimento do Brasil ocorrera por uma questão política: o jornal afirma que Kahn dissera anteriormente que esperava trabalhar para o governo brasileiro. O jornal também enfatizava que, apesar de um ou outro empresário achar que o HI poderia contribuir, Kahn não correspondia ao cartaz que tinha. Assim, alguns comentários maldosos, conforme o *Correio*, circulavam nos corredores, como “era melhor circular por Copacabana do que ouvir palestras sem base e sem sentido” e “Panero embroma melhor que Kahn”.¹¹⁸

No segundo dia de palestras, as impressões continuaram a mesma e o desinteresse das pessoas ligadas ao governo também se manteve. Os comentários pelos corredores tinham o mesmo tom: as palestras eram superficiais e repetitivas, dava para reduzir tudo para duas horas e “Herman Kahn é um grande blefe”. Nesse segundo dia, Campos proferiu uma palestra, que, apesar de considerada fraca, segundo um dos observadores, “pelo menos todo mundo entendeu”. A campanha de descrédito sobre Kahn também era intensa. O *Correio*, por exemplo, afirma que Kahn dormia durante as conferências (importante ressaltar que Kahn sofria de narcolepsia) e, quando um jornal tentava obter uma foto, uma jornalista que zelava pela imagem de Kahn, acordava-o. Ao que um fotógrafo afirmou: “essa menina deve ganhar em dólares”. Sobre as palestras, o destaque foi a defesa, por Kahn e Campos, de reunir um conjunto de pessoas em torno de um plano

¹¹⁷ HERMAN Kahn: anos 70, uma década de mudanças. **Correio da Manhã**. 1o Caderno, 01 Set. 1970. p. 11; FÉ ajuda, mas não é tudo. **Correio da Manhã**. 1o Caderno, 01 Set. 1970. p. 13; ÊSSE gordo terrível e gozador. **Correio da Manhã**. 1o Caderno, 01 Set. 1970. p. 13; O PROGRAMA de hoje. **Correio da Manhã**. 1o Caderno, 01 Set. 1970. p. 11; O GOVERNO não foi ao Copa. **Correio da Manhã**. 1o Caderno, 01 Set. 1970. p. 11; MR. KAHN vai ficar cansado de tento atualizar suas profecias. **Correio da Manhã**. 1o Caderno, 01 Set. 1970. p. 12; 1 - PRECISAMOS controlar a natalidade 2 - Nosso salário mínimo é muito alto. **Correio da Manhã**. 1o Caderno, 01 Set. 1970. p. 12; (KAHN: até a arte é dependente. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 01 set. 1970, p.17.

¹¹⁸ O PROGRAMA de hoje. **Correio da Manhã**. 1o Caderno, 01 Set. 1970. p. 11; O GOVERNO não foi ao Copa. **Correio da Manhã**. 1o Caderno, 01 Set. 1970. p. 11; NA HORA do café, verdades. **Correio da Manhã**. 1o Caderno, 01 Set. 1970. p. 11.

comum, com objetivos atrativos e factíveis. Nesse sentido, funcionaria a ideologia para o ano 2000, como um ponto objetivo de uma época promissora. Tanto Kahn, quanto Campos defenderam a necessidade de criar motivações para integração e o desenvolvimento da AL. Para isso, e já fazendo uma defesa em prol do CE, Kahn defendia o desenvolvimento e o crescimento econômico da AL, a partir da centralidade das empresas multinacionais, pois elas possuiriam, segundo Kahn, capital, tecnologia, possibilidades administrativas e gerariam empregos, quatro coisas que faltavam na AL. Panero também realizou uma palestra, na qual reforçou a ideia das regiões, reafirmando a área C, agora como um far-west.¹¹⁹

No dia 02 de Setembro, terceiro dia de conferências, houve a palestra de consultores de diferentes países (EUA, Canadá, Inglaterra, Itália e França), na qual cada um somente abordou os seus países de origem. Com isso, alguns ouvintes saíram insatisfeitos, afirmando que o HI focava somente na Europa e nos EUA. Nesse dia também houve certo mal estar com a imprensa, já que, segundo o jornal, Panero teria solicitado que os participantes do Simpósio não dessem entrevistas ao *Correio da Manhã* e a outros órgãos da imprensa. Kahn refletiu essa insatisfação ao afirmar: "Toda cultura é levada a sério no Ocidente. A única que não é, pelos jornalistas brasileiros, sou eu". Segundo o jornal, todo o trabalho da imprensa estava sendo prejudicado também pelas secretárias. O jornal, então, provocava: "Parece que Mr. Panero, embora tenha aderido ao american way of life, não aceita as tradições americanas relativas à liberdade de imprensa"¹²⁰. O *Correio* também destacava a diminuição dos participantes, caindo do primeiro dia, de cinquenta e seis participantes, para vinte e três no dia 02 de Setembro. Para o jornal, nem Kahn aguentava as conferências, já que ele fora pego dormindo novamente, só acordando para o café. O ápice da insatisfação dos latino-americanos, conforme o *Correio*, foi às 17 horas desse dia, durante o debate entre Kahn e Campos, que, conforme a *Folha*, acabou virando um diálogo entre os dois, já que o público não fazia perguntas, até que um representante da Venezuela pediu a palavra e afirmou que não se considerava as questões específicas da AL, sem abordagem de objetivos operacionais e sem respostas para perguntas particulares e mais específicas da região. A resposta, de

¹¹⁹ A POLÍTICA ainda atrapalha. **Correio da Manhã**. Ano LXX, No. 23737. 1o Caderno, 02 Set. 1970. p. 14; MITOS, êsses nossos inimigos. **Correio da Manhã**. Ano LXX, No. 23737. 1o Caderno, 02 Set. 1970. p. 14; NOVA fórmula: seremos ricos. **Correio da Manhã**. Ano LXX, No. 23737. 1o Caderno, 02 Set. 1970; AMÉRICA do Sul é um far-west. **Correio da Manhã**. Ano LXX, No. 23737. 1o Caderno, 02 Set. 1970. p. 1.

¹²⁰ ALGUMAS verdades do Copa. **Correio da Manhã**. Ano LXX, No. 23738. 1o Caderno, 03 Set. 1970. p. 15.

Panero, em espanhol, foi que a conferência era uma primeira etapa de um estudo global, que visava educar sobre a AL, sem ser um seminário operativo. Mais tarde, nesse mesmo dia, a *Folha* noticiou que Kahn reclamou da imprensa, pois não gostava de ser tratado como vilão e que não tinha culpa de ser mal interpretado: “as pessoas não gostam de ouvir o que eu digo, ou só entendem dois ou três anos depois”.¹²¹

A abertura do *Correio da Manhã* sobre o último dia de palestras do HI destacava o fracasso da empreitada, em contraste com o sucesso do governo militar. O jornal dava destaque à inauguração da Hidrelétrica de Passo Real, no Rio Grande do Sul, pela qual o jornal e o governo exaltavam mais um dos passos para o desenvolvimento do Brasil, associando ao slogan “ninguém segura este País”, mostrando, então, um presente real e concreto contra os planos de futuro de Kahn e do HI. Os dizeres acima da manchete eram: “Enquanto Herman Kahn sonha com o futuro o Brasil dá uma lição do presente: soluções práticas para problemas existentes”. Essa frase contrastava com a manchete: “Enquanto o Brasil inaugura barragens, no seu caminho para o desenvolvimento, Herman Kahn e sua equipe, no Copa, não agradam ninguém”¹²².

No último dia de palestras, o *Correio* mostra que a programação do dia mudara, trazendo pessoas para falarem da AL, que não estavam programadas, como os representantes do México, Venezuela e Colômbia, e a conferência marcada de Felisberto Camargo sobre as vias fluviais interiores e as possibilidades de desenvolvimento fora cancelada. O jornal também deu destaque a Kahn que, pela primeira vez, aparecera de terno e gravata para uma entrevista coletiva no salão anexo do Copacabana Palace, para elucidar alguns pontos controversos. Primeiramente, falou que houve uma distorção dos fatos e uma incompreensão sobre as previsões do HI. Segundo ele, o HI fazia previsões, ou seja, a partir de uma lista de possibilidades, optava por uma, porém, conforme uma média. Com base nisso, explicava a expectativa de crescimento feita anteriormente. Se antes, existia uma média que variava entre 3 e 7%, agora, existia uma q variava entre 4 e 8%, por isso as mudanças na expectativa de crescimento. Essa diferença aparentemente

¹²¹ UMA pergunta: e a América Latina? *Correio da Manhã*. Ano LXX, No. 23738. 1o Caderno, 03 Set. 1970. p. 15; O “HUDSON” ignora a nossa realidade. *Correio da Manhã*. Ano LXX, No. 23738. 1o Caderno, 03 Set. 1970 p. 1) (FALARAM de tudo, menos do tema: América Latina. *Correio da Manhã*. Ano LXX, No. 23738. 1o Caderno, 03 Set. 1970. p. 13; A FÓRMULA mágica para ser rico: ser japonês. *Correio da Manhã*. Ano LXX, No. 23738. 1o Caderno, 03 Set. 1970. p. 14; KAHN: diz que Japão será a maior potência, mas teme rearmamento. *Folha de S. Paulo*, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 03 set. 1970, p. 14.

¹²² INTEGRAÇÃO social contra a miséria. *Correio da Manhã*. Ano LXX, No. 23738. 1o Caderno, 03 Set. 1970. p. 1; O “HUDSON” ignora a nossa realidade. *Correio da Manhã*. Ano LXX, No. 23738. 1o Caderno, 03 Set. 1970 p. 1; DE PALETÓ e grava, Kahn reclamou da incompreensão. *Correio da Manhã*. Ano LXX, No. 23739. 1o Caderno, 04 Set. 1970. p. 11.

pequena, em trinta anos, apresentaria resultados bastante diferentes. Outro ponto que Kahn abordou era o tratamento da conferência por jornais, que, apesar de divertidos, causavam preocupação em quem os lia. Além disso, apontava os jornalistas brasileiros como os mais irreverentes que encontrara, além de informais, pois não foram nenhum dia de terno e gravata. Perguntado, defendeu novamente os lagos, como meio de controlar os rios e transformá-los, de passivos da nação, em ativos, ou seja, a região deixaria de ser controlada pelos rios para ser controlada pelos homens. Contudo, enfatizava que os planos do HI eram apenas sugestões e serviam para ilustrar o potencial que o Brasil tinha. Então, um repórter indagou se Panero tinha levado em consideração que a área era importante para a segurança nacional do país, ao que, segundo o *Correio*, Panero respondeu: "Segurança Nacional contra o quê?". Com essa entrevista, a conferência do HI foi encerrada sem apresentar nenhuma conclusão. Os debates continuariam a portas fechadas, sem também divulgar qualquer resultado disso.¹²³

Kahn, portanto, saiu do Brasil com uma imagem ruim: alguém não tão sério, não tão competente e, talvez, um impostor. Como apontou o próprio *Correio da Manhã*, "Comentário de um repórter: até que Herman Kahn é simpático. Resposta de um observador: você já viu vigarista antipático?"¹²⁴. Um evento que resume o todo das duas visitas de Kahn ao Brasil foi sua visita à escola de samba da Portela, no Rio de Janeiro. Lá, ele foi confundido, pela comunidade, com um adivinho, fazendo com que as pessoas perguntassem se a escola ganharia o desfile do próximo ano. Além disso, Kahn recebeu o convite para participar do desfile, ao qual Kahn aceitou, porém, não queria ser um destaque, o que a revista *Veja* achava impossível, devido ao seu tamanho. Kahn viajou do Brasil para Angola após a conferência e não retornou para o Carnaval do ano seguinte.¹²⁵

A contrariedade que Kahn enfrentou no Brasil refletia uma concepção distinta de futuro entre o que ele e o HI acreditavam e pretendiam e o que o governo e a imprensa brasileiras planejavam e esperavam. A desconstrução do HI e de Kahn começou com a proposta do lago, ainda no fim do governo Castelo Branco e começo do de Costa e Silva, quando o HI enfrentou os opositores do regime militar no período. Como já foi comprovado, o governo Castelo Branco tinha relações próximas com a diplomacia e os interesses estadunidenses no país e, por isso, o plano foi tão criticado pelo viés que vimos. Assim, a

¹²³ BRAGA, José Carlos. Kahn não conseguiu ver nem a realidade de hoje. *Correio da Manhã*. 08 Set. 1970. s/p; MUDOU tudo nos últimos dias e muitos faltaram. *Correio da Manhã*. Ano LXX, No. 23738. 1o Caderno, 03 Set. 1970. p. 11.

¹²⁴ À MARGEM algumas verdades, *Correio da Manhã*. Ano LXX, No. 23737. 1o Caderno, 02 Set. 1970. p. 14.

¹²⁵ GENTE. *Veja*, São Paulo: Abril, 16 set. 1970, n.106, p.88.

contrariedade ao plano do lago veio dos setores de esquerda e dos opositores ao regime no congresso.¹²⁶

Porém, nos governos militares a partir de Costa e Silva existiu uma preocupação com a construção de uma identidade brasileira, a qual se deu por meio da imprensa, principalmente a televisão, como o principal elemento de propaganda do regime. Como Fico mostra, muito dessa propaganda foi feita sobre a construção de uma identidade nacional baseada em um otimismo com o país, o qual se voltava para o futuro e para ideia de um Brasil grandioso e predestinado a realizar suas potencialidades e tornar-se uma grande nação, principalmente sobre a direção dos governos militares. Além da propaganda baseada em um ufanismo e um sentimento de unidade rumo à realização desse destino, houve, ainda, no período da visita de Kahn, o “milagre econômico”, que estava em seu ápice. Portanto, Kahn teve que enfrentar uma crença de que o Brasil estava pronto a crescer e que isso era visível e até óbvio, como demonstrava o potencial e as riquezas do Brasil, sendo a região Amazônica um dos componentes dessa abundância brasileira. Essa era ideia que o governo militar, principalmente no período da visita de Kahn, impunha.¹²⁷

Com isso, o HI e Kahn sofreram uma segunda desconstrução. Além de carregar o ranço do lago frente a um governo com uma campanha claramente nacionalista, os números apresentados por Kahn e considerados pessimistas não coadunavam com a sensação de crescimento e de concretização do destino brasileiro. Essa disparidade fez com que Kahn fosse desacreditado, já que sua futurologia era incapaz de ver o óbvio. A situação toda piorou quando Kahn mudou os números, em 1970, o que a imprensa preferiu encarar como uma franqueza e incompetência de Kahn ou uma falha no método da futurologia, fazendo com que planos muito à frente no futuro parecessem inférteis e desnecessários. O Brasil era o momento do agora.

Portanto, Kahn, que tentava ler o futuro a partir de tendências passadas e presentes falhou de fato ao ler o Brasil. Não só os dados econômicos, mas também o contexto da ditadura que o esperava e, principalmente, o projeto de futuro que existia sustentando o governo militar. Kahn, no Brasil, perdeu justamente onde acreditava jogar melhor, no estudo do futuro visando a ação presente.

Em 1971, ainda seria lançada a tradução do segundo livro de Kahn, com o título nacional de *Pensando no Impensável*, pela Bloch e, em 1976, o *The next 200 years* se tornaria

¹²⁶ O DIA que durou 21 anos. Dirigido por Camilo Tavares. São Paulo: Pequi, 2012. 1 CD-Rom; DOSSIÊ Jango. Dirigido por Paulo Henrique Fontenelle. Rio de Janeiro: Canal Brasil, 2013. CD-Rom.

¹²⁷ FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo**: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 1997, p. 36, 77-79.

Os próximos 200 anos. Também nesses anos vindouros, as reportagens desacreditando o HI e Kahn continuaram, ainda que uma frequência cada vez menor. Por exemplo, a *Veja* de 27 de Janeiro de 1971, em uma matéria com o título “Futurólogos sem futuro” abordava a dificuldade financeira por qual passava o HI, resultado da diminuição de investimentos do DoD. Porém, para a revista, essa não era a única razão, somando-se a ela a incompetência do HI e, então, citava, indiretamente, o relatório do GAO como a maior prova disso. Empresas também se aproveitavam da imagem construída sobre Kahn, por exemplo, a Olivetti, ao lançar uma espécie de computador, ressaltava a capacidade da máquina para resolver problemas científicos e que, apesar de pesar em torno de cento e trinta e dois quilos, um peso próximo ao de Herman Kahn, ela era mil vezes melhor que o futurista. E Kahn seria lembrado, ainda, ao longo dos anos, por suas previsões erradas, ou pelo seu peso, mas ainda com algum destaque para suas previsões.¹²⁸

O HI, por outro lado, também não parecia se importar muito com a reação brasileira. Ray Wilson, membro do HI, por exemplo, afirmava e demonstrava muito da falta de conhecimento e sensibilidade que Panero e Kahn já demonstraram sobre o país:

“A ideia (do sistema de lagos) levou à declaração de certos brasileiros de que mudaria o clima do país, talvez causando menos chuvas. Outros estavam preocupados sobre o que o lago acarretaria à área que teria que ser submersa para criá-lo. As preocupações deles eram com umas poucas vilas, uma cidade, papagaios e coisas como essas”¹²⁹

Portanto, para Wilson, “o resultado de tudo isso é que o Hudson é provavelmente mais famoso no Brasil do que nos EUA”¹³⁰. Porém, o HI não abandonou completamente o Brasil em seus estudos, mesmo após 1972, quando não havia mais nenhuma empresa brasileira no CE. O Brasil continuou a ser estudado por Panero, agora dentro da ideia da “Bacia do Pacífico”. Panero incluía o Brasil nesse estudo por considera-lo, conforme o título de um relatório de sua autoria, o “Colossus of South America”, que significava que ele prevalecia sobre os países ocidentais da América do Sul e sobre o grupo andino. Além disso, Panero via o país orientado para o Japão, o que, então, fazia-o pertencer, segundo Panero, à Bacia do

¹²⁸ BRAVA gente brasileira. *Veja*, São Paulo: Abril, 23 ago. 1972, n.206, p.66; FUTURÓLOGOS sem futuro. *Veja*. São Paulo: Abril, N.125, 27 jan. 1971, p.50; P-203 um computador que leva você até a vitória final sobre os seus problemas administrativos. *Veja*, São Paulo: Abril, 7 jul. 1971, n.148, p.35; MOURÃO, Gerardo Mello. A Ásia na bola de cristal futuróloga. *Folha de S. Paulo*, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 26 jul. 1981, p.15.

¹²⁹ Tradução nossa. “The idea prompted certain Brazilians to state that the idea would change the climate of the country, perhaps causing less rainfall. Others were concerned about what the lake would do to the area that would have to be drowned to create it. Their concerns are with a few villages, a city, parrots and stuff like that”, DICKSON, P., 1971. p. 98.

¹³⁰ DICKSON, P., 1971. p. 98.

Pacífico. Em 1978, já com Panero fora do Instituto, o HI, ao apresentar seus projetos e relatórios para contratantes ou interessados, indicava, como um dos seus estudos, o “The future of Brazil”, que consistia em um estudo sobre o futuro do país na questão do ambiente de negócios, incluindo tendências políticas, desenvolvimento econômico interno, relações econômicas internacionais, regulação de negócios, movimentos de trabalhadores, mudanças ecológicas e outras questões. Esse estudo resultou em um livro, em 1978. Todos esses trabalhos eram marcados, também, por uma visão mais otimista do país.¹³¹

No final de Março de 1983, Kahn voltaria à pauta jornalística brasileira devido a sua visita ao país para lançar a tradução de seu livro mais recente, *The coming boom* (*A prosperidade está próxima*). A fala de Kahn, assim como as análises presentes no livro foram consideradas otimistas. Esse já era outro homem em outro rio, mais próximo das premissas e da práxis do governo Reagan. Um pouco menos de três meses depois da visita ao Brasil, em 7 de Julho, nos EUA, Kahn falecia, decorrente de um ataque cardíaco, aos sessenta e um anos. O HI, no início dos anos 80, com um orçamento bastante reduzido, e muito dependente de Kahn, após sua morte, teve que encontrar um novo patrono, o que ocorreu, mas em outra cidade, Indianápolis. O HI se mudou para lá, para, posteriormente, no começo do século XXI mudar novamente, agora para Washington D.C., onde está hoje.¹³²

¹³¹ DICKSON, P., 1971. p. 98; HUDSON Institute, 1973, Volume 2, II – Commentary Card 4 Some national year 2100 projections for a 15/20 World – Case A Side B; Report to the members 1977, p. 8, 15; PANERO, R. **Some corporate environment perspectives** (HI-1673-D). Croton-on-Hudson: Hudson Institute, 2 Aug. 1972, p. 3-4.

¹³² DATAS. Herman Kahn(1922-1983). **Veja**, São Paulo: Abril, 13 jul. 1983, n.775, p.88-89; LIVROS – O Sr. Otimismo. **Veja**, São Paulo: Abril, 30 mar. 1983, n.760, p.112; NO Rio, Kahn prevê o futuro do Brasil. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo: Abril, 29 mar. 1983, p.27; A receita de Kahn para o Brasil. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo: Abril, 30 mar. 1983, p.36; ATAQUE cardíaco mata nos EUA o futurólogo Hermann Kahn. **Folha de S. Paulo**, Externo, São Paulo: Abril, 08 jul. 1983, p.7; SMITH, J.A., 1991, p.158-159.

Conclusão: o futuro alienado

O agora dura pouco, mesmo na Eternidade

(Isaac Asimov, 1955)

A compreensão de futuro de Kahn e do HI, como vimos, foi construída tanto sobre a imaginação, quanto com base no passado e de uma concepção de história que se pretende racional e metodológica, mesmo quando confrontada com uma memória autorizada ou com a história como disciplina constituída. Nesse caso, o confronto se resolve ou pela correção dos dados, como no caso do crescimento brasileiro para o ano 2000, ou pela apropriação heurística e parafrásica da história. Nesse último caso, ela é justificada como uma forma de conhecer um dado acontecimento para pensar como, no futuro, esse acontecimento poderia ocorrer de forma semelhante, ainda que diferente.

Essa apropriação do passado e da história como instrução para planejar e prever o futuro se aproxima muito de concepções Antigas como o conceito grego de *ktema es aei* (aquisição para sempre) e o romano de *historia magistra vitae* (história mestra da vida). Essas concepções compreendiam um movimento cíclico ou algo como uma espiral, que não era um ciclo fechado, mas ascendente, no qual os atos se assemelhavam. Contudo, essas visões guardavam uma compreensão de que a natureza humana era comum a todos os homens em todos os tempos e que, por isso, os atos se assemelhavam. Nesse sentido, a história poderia ensinar sobre como proceder, principalmente quando se analisava os eventos grandiosos, ou quando se imprimia essa qualidade aos eventos narrados. Como isso, os eventos poderiam adquirir, pela própria qualidade deles serem produtos da ação da natureza humana, um caráter de lição para o futuro.¹

Essa concepção persistiu na Europa por séculos, como mostra Koselleck, alcançando Maquiavel, por exemplo, e chegando inclusive ao século XIX. Contudo, mais do que a permanência da concepção que sustentava essa forma de encarar a história e o passado, formou-se uma estrutura útil para o convencimento e dissuasão. Em um episódio citado por Koselleck no governo prussiano do século XIX, um dos funcionários do Ministério das Finanças defendia a impressão de papel-moeda para pagar as dívidas. Então, o historiador da dinastia Hohenstaufen interveio, lembrando a lição de Tucídides sobre o malogro de atitude

¹ KOSELLECK, R., 2006, p. 36, 43; LÖWITH, Karl. **O sentido da história**. Lisboa: Edições 70, 1991, p. 17-21, 23; Cf. MOMIGLIANO, Arnaldo. Time in ancient hitorigraphy. **History and Theory**. v.6, beiheft 6: History and the concept of time, p.1-23, 1966. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2504249>>. Acesso em: 14 set. 2009.

semelhante em Atenas. Frente ao argumento, o funcionário reviu seu posicionamento. Todavia, nunca existira papel-moeda em Atenas. É inegável, portanto, o peso de tal concepção do passado como autoridade para pensar desdobramentos futuros. E essa concepção está presente em Kahn através da metáfora-heurística e de todos os argumentos metafóricos e parafrásicos que permeiam os cenários, tanto do futuro, quanto do passado.²

O passado como instrução para o futuro não é o único diálogo que a proposta futurista de Kahn estabelece com a história. Kahn também trabalhava com categoria macro-históricas e com as de história total ou universal, ainda que de maneira rudimentar. Portanto, as ligações entre história e estudos do futuro nos trabalho de Kahn não eram acidentais nem inconscientes. Kahn percebia e indicava que, assim como os estudos do passado são orientados por ideologias do presente, os estudos do futuro também o eram. E, além disso, para ele, quando se falava do futuro, também se falava sobre história, entendida não só como o passado, mas também como a totalidade da vida humana no tempo. Há, portanto, o liame entre as temporalidades, com uma centralidade no presente, o ponto crítico e decisivo. O HI defendia que os estudos de longo prazo serviriam como contexto para os de curto prazo e justificava isso com a história, pois se as questões atuais só são entendidas quando são analisadas na perspectiva histórica, os estudos de longo prazo sobre o futuro serviriam também como o “contexto histórico” para o futuro.³

Nesse sentido, estava presente a PR, ou a questão da pesquisa de políticas, que visava buscar a melhor forma de agir para alcançar determinados fins. Sharon Ghamari-Tabrizi, analisando os mundos futuros de Kahn dentro do contexto do planejamento da defesa e da segurança nacional, identifica quatro elementos: a) fé nas invenções necessárias, o que significa que as inovações técnicas e científicas evoluem conforme a necessidade; b) a perpetuidade do elemento de inovação do moderno, pelo qual, a cada inovação técnica, o pensamento tecnológico busca algo ainda mais inovador; c) a resiliência humana, ou seja, a capacidade humana de se reconstruir; e d) ausência de limites para o crescimento, ou seja, que não há limites para as riquezas e a capacidade da Terra. Nos primeiros escritos de Kahn, essa questão do limite da Terra não aparece dessa forma, só ganhando esses contornos no TY2000 e, principalmente, após o debate com o Clube de Roma. Inclusive, no TY2000 e no TTC há uma discussão sobre as possibilidades dos limites, muito da qual baseada em discussões propostas por von Neumann. Acreditamos, portanto, que é possível resumir a visão de Kahn

² KOSELLECK, R., 2006, p. 41.

³ TTC, p. 248; HUDSON Institute, 1973, volume 2, Prospects for mankind, role of “futurology” ideologies, and the current Hudson Institute Panegole study.

como uma crença na capacidade humana, não só de realizar e de agir, mas de decidir e ponderar a ação.⁴

Kahn, nesse sentido, parece partilhar de parte da crença que sustentava as visões de progresso que acompanharam o Iluminismo. É possível perceber essa crença já em Condorcet, em 1739, em sua tentativa de delinear as leis que explicavam as mudanças e indicavam o caminho glorioso e final do homem, ao longo da história, como processo de crescimento e aprendizado, que poderia ser acelerado, conforme o conhecimento desse processo, visando alcançar a meta e o objetivo finais. Essa meta era, para Condorcet, a ausência de um limite natural às faculdades humanas. A perfeição humana seria, portanto, indefinida e os progressos continuariam, independente dos desejos e das ações contrárias. O que mudaria, conforme Condorcet, seria a velocidade para a realização dessas potencialidades, mas elas nunca regrediriam. Portanto, visando realizar de forma mais rápida essa perfeição humana, Condorcet defendia que o estudo da história dos progressos humanos deveria abordar os erros, os elementos que retardaram a velocidade do progresso, assim como os elementos considerados nocivos que resultaram de determinados progressos. Com isso, poder-se-ia concretizar mais imediatamente uma sociedade mais feliz e o aperfeiçoamento humano. Assim, Nascimento afirma que duas ideias sustentam a visão de Condorcet: 1) o homem é um ser sem limites para a perfeição e 2) a história mostra o aperfeiçoamento do homem, o que abre espaço para perceber a sua continuidade. Desta maneira, uma vez que se identifica a lei que conduz a história da humanidade, que é a da perfeição ilimitada, a obrigação dos filósofos, principalmente de Condorcet, é agir no sentido de garantir e acelerar esse progresso.⁵

Kahn, como vimos, não acreditava em um caminho inexorável para o progresso humano. Contudo, ele parecia concordar com a primeira premissa de Condorcet, do homem como um ser sem limites para a perfeição. Porém, para Kahn, não haveria, na história, uma lei dos progressos humanos que seria revelado pelo estudo histórico. Na verdade, quem imprimiria à história essa característica de constituição cada vez mais rápida de uma sociedade futura mais feliz seria o próprio homem, em sua qualidade faustica que, em seu último arrobo de controle, controlaria o tempo e suas vicissitudes. Assim, ao pensar uma sociedade futura melhor, mas passível de falhas e, ao delinear suas possíveis falhas, Kahn acreditava poder criar as prevenções e os remédios e, com isso, constituir um futuro

⁴ GHAMARI-TABRIZI, S., 2005, p. 226.

⁵ NASCIMENTO, Maria da Graça S. Apresentação. In: CONDORCET. **Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano**. Campinas: Unicamp, 1993, p. 8, 13; CONDORCET. **Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano**. Campinas: Unicamp, 1993, p. 20, 26-27.

“perfeito”. Portanto, em Kahn, há ainda esse espírito que, como Koselleck colocou, caracterizava uma aceleração do tempo em busca da concretização de um futuro melhor. Em outras palavras: “Ele quer acelerar esse futuro, deseja ser ele próprio capaz de acelerá-lo, (...) pois que proveito teria se aquilo que ele considera ser o melhor não se tornar o melhor ainda em seu tempo de vida?”⁶

Nesse sentido a ainda, a proposta de Kahn de interpretação da história e do futuro, como aparece indicado em vários momentos, é um projeto de continuidade da racionalidade e do pensamento que sustentavam o contexto europeu pré-guerras. Não é, contudo, uma continuidade para o infinito temporal, mas é uma proposta de rompimento. É, portanto, concretizar os potenciais industriais que se iniciaram na Europa e que, todavia, levaram-na também à derrocada, para uma etapa seguinte, da sociedade pós-industrial e estadunidense, evitando uma nova derrocada. Ou seja, é a concretização de um projeto futuro ligado aos EUA continuando e esgotando um estágio anterior, rumo a uma nova era.

Para realizar isso, Kahn enfrenta os mesmos problemas que todos os pensadores modernos que encaravam a história como uma lei do progresso enfrentaram. Ao acelerar a busca de um futuro inédito, uma vez que é perfeito ou melhor do que já existiu, algo, portanto, que provavelmente nunca existiu, pelo menos como experiência, o passado deixa de ser referência, já que não pode e não tem como ensinar mais nada sobre esse futuro. Assim, o futuro se torna algo incerto e sem parâmetros. Por isso, a necessidade da metáfora-heurística e da paráfrase, como forma de recriar uma ligação entre os diferentes tempos. É, portanto, uma nova vitória da capacidade humana, agora sobre o tempo. Com um horizonte de expectativa aberto e nebuloso e com um espaço de experiência inundado de referências caóticas e desconexas, e uma cisão aparentemente inconciliável entre os dois, cabe ao homem, por meio de suas faculdades manipuladoras e organizadoras, fausticas e prometeicas, construir o futuro a partir de uma experiência passada, criar o futuro como semelhança ou diferença, e estabelecer continuidades que conduzam a um futuro planejando e intentado, conseguindo, com isso, ludibriar o demônio e evitar ter seu fígado devorado pela eternidade.

É preciso relembrar, esta tese é um trabalho em história e feito por um historiador. Assim, ao ler os trabalhos de Kahn e do HI, é possível perceber, em alguns momentos, a linguagem de historiador sendo usada, assim como questões e problemas que incomodam, provocam e despertam o interesse do dito profissional em história. Como o observador que olha o objeto, o historiador percebe elementos de si mesmo e, então, reconhece-se. Porém,

⁶ KOSELLECK, 2006, p. 37.

não completamente. Intriga-o os outros elementos que aparecem misturados àqueles que conhece. No caso específico da produção de Kahn e do HI, elementos que tratam do futuro como previsível a partir da história. Elementos que possuem um arcabouço e uma história própria, os quais, ao investigar, revelam um campo de previsões políticas para o futuro que se destaca após o fim da Segunda Guerra, com conceitos, ideias e intenções próprias. Percebe, ainda, que algumas intenções, ideias, conceitos eram distintos daqueles que ele conhecia a partir da história. Distintos, mas que se confundem em alguns momentos. Sente-se inclinado a mapear as manifestações históricas desta tendência que lhe parece nova e percebe que ela desdobra-se no tempo, com alterações ao longo dele, inclusive de nome e de forma. Compreende, assim, que apesar de se alicerçar sobre uma tradição, este objeto pretende-se diferente, mostra-se diferente e, então, o historiador retorna ao tempo específico, para entender as causas desta diferença, sem poder, todavia, abandonar a tradição. Tudo, no fim, para entender a distorção de sua própria imagem que se formava no espelho representado pelo objeto analisado.

Kahn reconhecia que os historiadores profissionais criticavam as visões totalizantes da história, muitas vezes por considerarem as questões decorrentes delas irrelevantes ou uma discussão impossível. No entanto, Kahn não via os historiadores profissionais oferecendo respostas satisfatórias aos problemas levantados pelas histórias universais. Essa questão nos conduz a pensar na relevância das questões para cada um. Se por um lado, a história universal permitia Kahn entender os caminhos para o futuro, para os historiadores profissionais ela não tinha valor, ou tinha-o em quantidades praticamente desprezíveis. Desde o historicismo alemão, pelo menos, é possível pensar que a proposta de história universal foi solapada dentro do que se pensa e propõe como produção histórica aceita entre os historiadores. Staley, em seu artigo defendendo os historiadores como profissionais indicados a elaborar cenários para o futuro, aponta que existe entre os historiadores uma falta de confiança na habilidade de fazer previsões. Os que fizeram, conforme Staley, são considerados historiadores especulativos, como Vico, Hegel, Marx, Toynbee e Spengler, ou seja, alguns nomes dos quais Kahn retira exemplos e padrões para pensar o futuro. Staley, pensando quem fez esse tipo de trabalho mais recentemente, identifica quatro nomes, dentre os quais só um era historiador – Arthur Schlesinger – os outros, ou possuíam uma formação mista, como Heilbroner, que era economistas, ou eram diletantes ou de outras áreas com interesse em história.⁷

⁷ TTC, p. 7-8; STALEY, David J., 2002, p. 73-74.

Portanto, ainda conforme Staley, e tendemos a concordar com ele, a constituição de uma história cada vez mais científica e voltada ao evento ou a um recorte limitado e relativamente curto no tempo, solapou a relevância de uma história universal e também os louros do esforço para construir tal história, já que uma miríade de especialistas podia encontrar vários desvios e exceções que constrangeriam as histórias universais. Constituiu-se uma oposição entre uma história geral e a história do contingente, de eventos únicos e de explicações específicas para cada evento. Contudo, isso não representou um abandono do enfoque macro-histórico e das questões e dos desafios lançados por ele. O que ocorreu foi um apartamento dele da história dita profissional e sua apropriação por outras áreas. Ou seja, se esse enfoque e toda sua carga eram considerados irrelevantes entre os historiadores de profissão, outros, de outras áreas, não viam essa impossibilidade e falta de utilidade. Kahn e seu futurismo parecem ser um desses casos. Como ele mesmo expõe, não dá para analisar o fluxo do rio por um microscópio e falar que é impossível determinar o sentido que o rio corre. É necessário conhecer o rio como um todo.⁸

Esse abandono da história universal também representou, em algum sentido, a saída do historiador do debate público e até político, como alguém que pudesse ou fornecer exemplos para pensar o futuro, ou que pudesse realizar uma análise mais ampla, inclusive, inferindo questões ou possibilidades sobre o futuro, já que via os eventos como únicos, contingentes e, por isso, fora de padrões que permitissem qualquer afirmação sobre um contexto desconhecido, tal como o futuro. Não é de se estranhar, então, que Staley, em 2002, em seu artigo *A history of the future* e, posteriormente, em seu livro *History and Future*, de 2010, e, mais recentemente, David Armitage, professor de história de Harvard, com uma discussão relativamente recente sobre história internacional, e Jo Guldi, professor de história na Brown University, em um livro chamado *History Manifesto*, de 2014, busquem reencontrar o espaço da história ou para pensar o futuro, ou para pensar a longa duração. Tudo isso visando também uma participação pública maior e mais ampla de historiadores.

Conforme resenha de Annalee Newitz, Guldi e Armitage afirmam que os historiadores perderam a autoridade de influência política para os economistas ao abrirem mão e perderem a capacidade de visões longas, e ao pararem de estudar períodos mais longos e tendências no longo prazo que abarcassem séculos e milênios. Os dois autores, segundo Newitz, decretam que os historiadores acabaram focando, em suas análises curtas, em momentos obscuros da história, os quais não eram necessariamente relevantes à esfera pública. No sentido contrário,

⁸ STALEY, David J., 2002, p. 73-74.

ao realizar análises mais longas, os economistas entraram no debate público e no campo político. Acrescentaríamos que não somente os economistas, mas qualquer um que se proponha a realizar análises do tipo que Kahn e o HI realizaram. Frente a isso, Guldi e Armitage defendem a recuperação do conceito de longa duração de Braudel. O manifesto de Armitage e Guldi é, então, uma conclamação para que os historiadores recuperem o espaço que, por exemplo, o historiador no governo prussiano tinha, não só por poder evocar o peso do passado e da história como guia para pensar as decisões políticas pontuais, mas, principalmente, por análises longas e relevantes para o todo social, que indicariam tendências e ajudariam a refletir sobre o futuro. Essa defesa, conforme Newitz é também corporativista, uma vez que, recentemente, o meio acadêmico estadunidense se tornou uma fonte instável de emprego.⁹

A análise do trabalho de Kahn e do HI nos mostra como a construção de mundos e de visões do futuro precisam de uma construção sobre o passado, mesmo quando ficcionais. Assim, também vimos como a visão de passado acaba guardando, em si, uma visão de futuro, mesmo no trabalho recente do historiador. Na visão da unicidade e do ineditismo dos eventos, há uma visão de um futuro aberto, incerto e que não vale o esforço ser pensado, já que os eventos são imprevisíveis. Isso, em decorrência, cria uma visão bastante complexa e problemática do presente. Se o presente está em processo, ele não está, ainda, fechado no tempo, logo, não é algo passível, ainda, de interpretação histórica, pois ainda está aberto à contingência. É presente e não passado. Todavia, se o evento presente está fechado em sua interpretação, com um contexto bem localizado, se pode, portanto, ser objeto do conhecimento histórico, ele é, então, passado e não há mais nada que possa ser feito por ele. Com isso, a ação presente baseada na história pode cair em um vazio, uma vez que não se sabe como agir, já que o evento não está terminado e, portanto, está ainda sujeito à contingência futura sobre a qual o historiador não sabe operar. E, se o evento é considerado terminado, torna-se passado e, logo, algo único, fechado, que não permite mais ações presentes que mudem seus rumos. Isso pode redundar em descaso, afastamento ou escapismo em relação ao presente, ou em uma atuação política incerta, mas que não pode afirmar o futuro, a não ser como “traição” às premissas que constituem a prática da história. A ação presente também pode ser orientada por um desejo ideológico e, portanto, de esperança e

⁹ NEWITZ, Annalee. **Why history should replace economics in the 21st century**. 08 Oct. 2014, Disponível em: <<http://io9.com/why-history-should-replace-economics-in-the-21st-centur-1643418694>>, acessado em: 03 Nov. 2014

concretização de um futuro que possui, então, alguma substância filosófica, o que também representaria outra “traição” à história feita por historiadores.

Porém, parece que os historiadores estão cada vez mais tendo que resolver e lidar com essa contradição. No caso do Brasil, por causa de discursos de fora da história que desacreditam ou enfraquecem a história ou pela falta desse aspecto presente, ou pela falta de uma linguagem mais acessível ou por sua filiação histórica com o pensamento de esquerda, principalmente durante a ditadura militar. Essa última categoria de questionamentos à história normalmente vem acompanhada de discursos revisionistas sobre o período do regime militar, que se inserem em um contexto político nacional de um governo considerado, por grande parte da população, de esquerda, que está no poder desde 2002 e, junto disso, um medo quase histórico baseado em categorias históricas usadas em períodos específicos da Guerra Fria. Essas categorias, que aqui no Brasil foram bastante usadas durante o regime militar, já pareciam superadas, contudo, há poucas semanas, motivaram duas mil e quinhentas pessoas, talvez mais, talvez menos, a ir às ruas de São Paulo clamando a volta da ditadura. Contudo, se tais questões pareciam superadas ou se foram esquecidas diante do grande público, é porque, talvez, tenha faltado a nós historiadores a capacidade de entender a sociedade brasileira presente e como essas questões poderiam ressurgir, de como o passado pode ser instrumentalizado para certos discursos, de como pode, uma interpretação sobre o passado, constituir as bases para a construção de um futuro. Ou seja, faltou a percepção de que, além de a história não ser só passado, ela também é futuro.

Portanto, aprendemos com Kahn que não devemos abandonar nossa prática já constituída de pesquisa histórica, para não cairmos em construções vazias e manipuladoras, carentes de compromisso com o que ocorreu, sem uma metodologia sincera e clara sobre como podemos conhecer o passado. Porém, também não devemos nos furtar do debate público sobre o futuro, da contribuição dos pensamentos metafóricos e parafrásicos de qualidade, das comparações e das visões amplas, delineando possibilidades de padrões para os acontecimentos. Faz parte do debate político e público o poder da retórica, como Cícero valorizava ao empregar no relato histórico o peso do ensinamento e da sabedoria do passado. Da forma que for, é preciso que os historiadores voltem ao debate público, respondam ao descrédito que se tenta impor sobre a nossa disciplina e contribuam, como historiadores, para o debate dos rumos do país, uma vez que, conforme mostramos ao longo desta dissertação, não há futuro sem história, nem história sem futuro.

Referências

Fontes Primárias

Herman Kahn

KAHN, Herman. **A escalada**: metáforas e cenários. Rio de Janeiro: Bloch, 1969.

KAHN, Herman. **A prosperidade está próxima**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [198-?].

KAHN, Herman. **Applications of Monte Carlo**. Santa Monica: RAND Corporation, 1954.

KAHN, Herman. **On escalation**: metaphors and scenarios. Baltimore: Penguin, 1968.

KAHN, Herman. **On thermonuclear war**. New York: Free Press, 1969.

KAHN, Herman. **Os próximos 200 anos**: uma visão otimista do futuro. Rio de Janeiro: Record, s/d.

KAHN, Herman. **Pensando no impensável**. Rio de Janeiro: Bloch, 1971.

KAHN, Herman. **The coming boom**: economic, political, and social. New York: Simon and Schuster, 1982.

KAHN, Herman. **The next 200 years**: a scenario for America and the world. New York: Morrow, 1976.

KAHN, Herman. **Things to come**: thinking about the seventies and eighties. New York: Macmillan, 1972.

KAHN, Herman. **Thinking about the unthinkable**. New York: Avon, 1962.

KAHN, Herman. **Thinking about the unthinkable**. New York: Horizon Press, 1962.

KAHN, Herman. **Use of different Monte Carlo sampling techniques**. Santa Monica: RAND Corporation, 1955.

KAHN, Herman. **World economic development**: 1979 and beyond. Boulder: Westview, 1979.

KAHN, Herman; BROWN, William; MARTEL, Leon. **The next 200 years**: a scenario for America and the world. New York: Morrow, 1976.

KAHN, Herman; BROWN, William; MARTEL, Leon. **Os próximos 200 anos**: uma visão otimista do futuro. Rio de Janeiro: Record, 1976.

KAHN, Herman; BRUCE-BRIGGS, B. **Things to come**: thinking about the seventies and

eighties. New York: Macmillan, 1972

KAHN, Herman; MANN, I. **Game theory**. Santa Monica: RAND Corporation, 1957.

KAHN, Herman; MANN, I. **Monte Carlo**. Santa Monica: RAND Corporation, 1957.

KAHN, Herman; MANN, I. **Techniques of systems analysis**. Santa Monica: RAND Corporation, 1957.

KAHN, Herman; MANN, I. **Ten common pitfalls**. Santa Monica: RAND Corporation, 1957.

KAHN, Herman; MANN, I. **War Gaming**. Santa Monica: RAND Corporation, 1957.

KAHN, Herman; WIENER, A. J. Faustian Powers and Human Choices: Some Twenty-First Century Technological and Economic Issues. In: EWALD JR., William R. **Environment and change: the next fifty years**. Scarborough: Fitzhenry & Whiteside Limited, 1968. p. 101-131.

KAHN, Herman; WIENER, A.J. **O ano 2000: uma estrutura para especulação sobre os próximos trinta e três anos**. São Paulo: Melhoramentos/USP, 1968.

KAHN, Herman; WIENER, A.J. **The year 2000: a framework for speculation on the next thirty-three years**. S/I: Hudson Institute, 1967.

Hudson Institute Archives, National Defense University, Fort McNair

ALMEIDA, Luiz Alves de; VASCONCELLOS, Vinicius Valladares. **Carta para Panero**. 3 Aug. 1967.

AMBASSY Rio de Janeiro (Belton). **Challenge of the year 2000 – Brazil in Search of an Ideology** (to Department of State), 23 Apr. 1969.

ATLANTIC-PACIFIC Canal Study. **Message from the Presidente of the United State transmitting the first annual report of the Atlantic-Pacific Interoceanic Canal Study Comission**. Washington D.C.: U.S. Government Printing Office, 1965.

BOCK, P.G. **Carta para Herman Kahn**. 04 de Maio de 1967.

BOCK, Peter G. **Carta para Herman Kahn**. 25 de Agosto de 1966.

BRENNAN, Donald. **To the members**. Harmon-on-Hudson: Hudson Institute, 04 de Dez. de 1963.

CAMARGO, Felisberto. **Carta para Max Singer**. 30 Apr. 1970.

CAMARGO, Felisberto. **Carta para Roberto Panero**. 20 Sep. 1967.

CAMPOS, Roberto de Oliveira. **Carta para Miss. Deighton**. 19 Jun. 1970; TELEPHONE conference, Miss Lupe Gonzalez – 20 Jan. 1970, 22 Jan. 1970; MENDONZA, Carlos. **Carta para HI**. 13 Mar. 1970.

CANDELA, Basil J. **Carta para Jose Gomez Pinzon**. 12 Aug., 1969.

CEIL, **Memo** (to Max Singer), 15 May 1969.

CIMBALA, Stephen J. **Adaptation and innovation in policy research**: the case of Hudson Institute. S/1, 1970.

COMMENTS on Hudson Institute's conference on Basic National Security Policies in the Decade Ahead, July 13-16, 1967.

CRAWFORD, Shirley. **Inter-Office Memo to Herman Kahn**, July 22, 1964.

DE LEVA, M. **Carta para Robert B. Panero**. 30 Nov. 1964.

DEIGHTON, Cecelia. **Carta para Dr. Roberto de Oliveira Campos** (Investbanco). 22 May 1970.

DEIGHTON, Cecelia. **Carta para Dr. Roberto de Oliveira Campos** (Ministro extraordinário para Planejamento e Coordenação Econômica). 18 Nov. 1969.

FAJARDO, Julio Jose. **Carta para The Minister of Development and Public Works, Lima, Peru**. 12 Dec. 1966;

GASTIL, Raymond D. **Postattack scenarios**. Hudson Institute: Harmon-on-Hudson, 15 de Jan. de 1964, HI-316-RR.

GEISEL, Ernesto. **Carta para Herman Kahn**. 18 de Mar. 1970.

GLICK, Edgar. **Visit of his majesty King Baudoin, King of the Belgians on Monday, May 19th**: Memo to all staff. Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc. May 19, 1969.

GOVERNO dos EUA nega ligação com Hudson Institute. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 03 jan. 1968.

GUTIERREZ, Sixto L. **Carta para Herman Kahn**. 26 Dec. 1966.

HUDSON Institute. **1973 Synoptic Context on The Corporate Environment (1975-1985)**: methodological coments (HI-1891/2-CC), Volume 1. Croton-on-Hudson: Hudson Institute, 1973, I – Card 1. Why independent professional policy research?. SIDE A.

HUDSON Institute. **1973 Synoptic Context on The Corporate Environment (1975-1985)**: prospects for mankind, the role of “futurology” ideologies, and the current Hudson Institute paneqole study (HI-1892/2-CC). Volume 2. Croton-on-Hudson: Hudson Institute, 1973.

HUDSON Institute, Inc. **Statement of income and expenses**: for the período from July 1, 1962 to June 30, 1963, [s/d].

HUDSON Institute, **Proposal to Inter-American Committee on the Alliance for Progress**, Organization of American States, Washington D.C. (Postal No. 194), 29 Jul. 1965.

HUDSON Institute. **A non profit policy research organization studying problems of national security & international order**. Harmon-on-Hudson: Hudson Institute, [s/d.].

HUDSON Institute. **A proposal for the study of military aspects of alternative world futures**: proposal to the Department of The Army – Office of Chief of Research & Development. Propostal No. 183. Hudson Institute Inc., 19 de Maio de 1965.

HUDSON Institute. **A study of the basic issues of foreign aid** (Proposal No. 167A). Harmon-on-Hudson: Hudson Institute, 08 Sep 1964.

HUDSON Institute. **Alternative future environments for HEW: 1975-1985** (Proposal No. 392/2). Croton-on-Hudson: Hudson Institute, August 19, 1971.

HUDSON Institute. **Alternative worlds futures for arms controls and nuclear proliferation**. Proposal No. 195. Harmon-on-Hudson: Hudson Institute, 11 de Agosto de 1965.

HUDSON Institute. **Alternative worlds futures for U.S.A.F. policy planning**: proposal to Deputy Director for Advanced Planning Directorate of Plans (Proposal No. 217). Harmon-on-Hudson: Hudson Institute Inc., 17 de Maio de 1966.

HUDSON Institute. **Amazon Basin Study**: open working session, April 3 & 4, 1965.

HUDSON Institute. **Basic National Security Policies in The Decade Ahead**. Croton-on-Hudson: Hudson Institute, April 20-23/ July 13-16, 1967.

HUDSON Institute. **Carta para U.S. Army Research Office**. 19 de Maio de 1965.

HUDSON Institute. **Continental “Great Lakes” Conference**: engineering sub-committee. 24 Apr. 1967.

HUDSON Institute. **Continental “Great Lakes” Conference**: working group on Political and Government Implications and Program Organization. 24 Apr. 1967.

HUDSON Institute. **Continental “Great Lakes” Conference**: working group on Resources, Benefits, Losses and Impact of “Great Lakes” concept. 24 Apr. 1967.

HUDSON Institute. **Draft**: The Hudson Institute scenario program. 27 de Set. de 1961.

HUDSON Institute. **Existing and potential backlog**. 01 de Out. de 1963.

HUDSON Institute. **France and Canada offer aid for construction of the canal** (Translation), s/d.

HUDSON Institute. **Hudson Institute**: a nonprofit policy research center. Março de 1964.

HUDSON Institute. **Pilot study for policy research center program**: proposal for research

submitted to the U.S. commissioner of education for support through authorization of the Bureau of Research. Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc. 03 de Abril de 1967.

HUDSON Institute. **Preliminary discussion of proposed Hudson Institute institutional development proposal:** a category 4 development program (Proposal No. 356). Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc. September 01, 1970.

HUDSON Institute. **Proposal to the Ford Foundation.** Harmon-on-Hudson: Hudson Institute, 9 de Dez. de 1964.

HUDSON Institute. **Proposed new members.** 10 de Jan. de 1964.

HUDSON Institute. **Report to the members of Hudson Institute Inc:** 1973 (July 1972 – December 1973). Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc., 1974.

HUDSON Institute. **Report to the members of Hudson Institute Inc:** 1975 (January – December 1975). Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc., 1976.

HUDSON Institute. **Report to the members of Hudson Institute Inc:** 1976. Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc., 1977.

HUDSON Institute. **Report to the members of Hudson Institute Inc:** 1969. Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc., 1970.

HUDSON Institute. **Report to the Members of the Hudson Institute 1965.** Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc., 1966 [?].

HUDSON Institute. **Report to the Members of the Hudson Institute 1969.** Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc. July 1969.

HUDSON Institute. **Report to the Members of The Hudson Institute 1968.** Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc, July 1968.

HUDSON Institute. **Schedule of events:** Hudson Institute members' meeting. 8-9 de Maio de 1964.

HUDSON Institute. **Seminars and memorando on major trends and their significance** (Propostal No. 323). Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc., January 5, 1970.

HUDSON Institute. **The decade ahead – schedule.** 1 e 2 de Abril de 1965.

HUDSON Institute. **U.S. National Power and Authority:** proposal to the Department of The Army – Office of Chief of Research & Development. Propostal No. 184. Hudson Institute, 19 de Maio de 1965.

KAHN, H. **Carta para David L. Sills.** 27 de Dezembro de 1963.

KAHN, H. **Carta para Marvin Stern, Deputy Director Defeseense Research and Engineering, The Pentagon, Washington D.C.** 13 de Fev. de 1962. In: Special Collections, Library of National Defense University, Fort McNair, Washington D.C.

KAHN, H. **Carta para Peter G. Bock**. 17 de Outubro de 1966.

KAHN, H. **Carta para Robert Panero** (International Research and Development Associates Inc.) August 10, 1964.

KAHN, H. **Memo**: ... for the record. July 1, 1970.

KAHN, Herman. **Carta para Dr. Carlos Lleras Restrepo**. 24 Oct., 1969.

KAHN, Herman. **Carta para Dr. Carlos Sanz de Santamaria** – Presidente Inter-American Committee for the Alliance for Progress. 29 de Jul. 1965.

KAHN, Herman. **Carta para Mr. Enrique Perez Velez**. 17 Sep. 1965.

KAHN, Herman. **Carta para Yudkin**. Harmon-on-Hudson: Hudson Institute Inc. 31 de Janeiro de 1967.

KAHN, Herman. **Nuclear war** (HI-644-RR). Harmon-on-Hudson: Hudson Institute. 01 de Agosto de 1966.

KAHN, Herman. **The world of 1980** (HI-1221/2-P). Croton-on-Hudson: Hudson Institute, July 1, 1969.

KAHN, Herman. **To the members of the Institute** (HI-113-C), 27 July 1962.

KAHN, Herman. **Two year 2000 scenarios**. Hudson Institute, 09 de Jul de 1962.

KARLIK, John. **The long range potential of Latin America**: a year 2000 ideology. Croton-on-Hudson: New York, 3 Nov 1967.

KAUFMANN, Felix. **Carta para Robert B. Panero**. July 10, 1964.

KLABIN, Israel. **Carta para Max Singer**. 12 Dez. 1969.

KLABIN, Israel. **Carta para Max Singer**. 25 Jun. 1971.

KOVAN, Linda. **Carta para Maureen Pritchard**. Washington D.C.: U.S. Association for the Club of Rome. October 13, 1977.

LESLIE, Stuart W. **The cold war and American science**: the military-industrial-academic complex at MIT and Stanford. New York: Columbia University Press, 1993.

LUPE. **Brazil** (Inter-office memo to all concerned), 19 Dec. 1967.

LUPE. **Colombia** (Inter-office memo to Herman Kahn, Max Singer, Shirley Sontheimer, 15 de May, 1968.

LUPE. **Colombia** (Inter-office memo to Max Singer), 13 Nov. 1969.

LUPE. **Colombian Project, Telecon – Bob Panero Choco Project** (Inter-office memo to

Herman Kahn and Max Singer), 07 Out. 1966.

LUPE. **Colombian Project**, Telecon with Bob today at 2:20 P.M., 29 Jun. 1966.

LUPE. **Telephe call from Bob** (Inter-office memo to Herman), 12 Aug. 1965.

LUPE; PANERO, Robert. **Carta para Mr. Bernardo Garces Cordoba, Minister of Public Works Colombia**, 19 Jun. 1967.

MARTIN, J. **Carta para Mr. Panero**. 30 Mar., 1967.

MEHNERT, Gwen E. **Carta para Peter G. Bock**. 01 de Agosto de 1966.

MENDOZA, Carlos de. **Carta para Hudson Institute**. 08 Feb. 1971.

MITCHELL, Mary. **Inter-office memo**: my vacation. Hudson Institute, 20 de Jul. de 1967.

PANERO, R. **Carta para Herman Kahn**. May 25, 1964.

PANERO, R. **Some corporate environment perspectives** (HI-1673-D). Croton-on-Hudson: Hudson Institute, 2 Aug. 1972.

PANERO, Robert B. **Appraisal of agricultural possibilities for IESC** (Memorandum to Herman Kahn), 23 Feb. 1965.

PANERO, Robert B. **Carta para Dr. Carlos Sanz de Santamaria** – Chairman Inter-American Committee for the Alliance for Progress. 21 de Jul. 1965.

PANERO, Robert B. **Carta para Dr. Ignacio Copete** – Financial Manager, Interamerican Development Bank. 15 de Feb. de 1965.

PANERO, Robert B. **Carta para Dr. José Epstein** – Interamerican Development Bank. 15 de Feb. de 1965.

PANERO, Robert B. **Carta para Herman Kahn**. May 25, 1964.

PANERO, Robert B. **Carta para Joser Gomez Pinzon**, 11 Aug. 1964.

PANERO, Robert B. **Choco Development Project** – Colombian inland waterway (Inter-office memo to Herman Kahn and José Gómez Pinzón), 5 Jul. 1966.

PANERO, Robert B. **Colombian contract** – trip report – September 19-26, 1965 (Inter-office memo to Herman Kahn), 27 Sep. 1965.

PANERO, Robert B. **Expansion, modification, and development of Hudson Institute proposal dated 17 December 1964** (Memorandum to Special Committee of Interamerican Development Bank for Proposed Amazon Basin Special Project), 17 Feb. 1965.

PANERO, Robert B. **Further studies concerning the Choco Project** (Inter-office memo to Max Singer), 5 Aug. 1966.

PANERO, Robert B. **International Executive Service Corps projects in Colombia** (Inter-Office Memo to Herman Kahn), 03 Dec. 1964.

PANERO, Robert B. **Latin American Futures**. June 12, 1964.

PANERO, Robert B. **Letter from Bogota – Wednesday, November, 25, 1964** (Inter-Office Memo to Herman Kahn), 04 Dec. 1964.

PANERO, Robert B. **Meeting** – Dr. Carlos Lleras Restrepo, President of Colombia (Inter-office memo to Herman Kahn), 28 Jun. 1967.

PANERO, Robert B. **Trip report – Washington, Houston, New York** (Inter-Office Memo to Herman Kahn), 30 Sep. 1964.

PANERO, Robert B.; DE LEVA, Marcelo. **Alternate Panama Canal route** (to Herman Kahn), 26 Jul. 1965.

PANERO, Robert **Boston Trip** (Inter-Office Memo to Herman Kahn), 25 Oct. 1964.

PANERO, Robert **Meeting with S. Peyser, yesterday December 7, 1964** (Inter-Office Memo to Herman Kahn), 8 Dec. 1964.

PANERO, Robert **Washington trip – 15 Sept. to 18 Sept.** (Inter-Office Memo to Herman Kahn), 22 Sep. 1964.

PANERO, Robert. **Carta para Dr. Alberto Lleras Camargo**. 21 Mar. 1967.

PANERO, Robert. **Carta para Dr. Felisberto Camargo**. 20 Mar. 1967.

PANERO, Robert. **Carta para Dr. Roberto de Oliveira Campos, Ministro do Planejamento e Coordenação Econômica, Brasil**. 20 Mar. 1967.

PANERO, Robert. **Carta para Harry E. Wilhelm** (The Ford Foundation), 2 May 1967

PANERO, Robert. **Carta para M.J. Garllier, Laboratoire Central d'Hydraulique de France**. 21 Mar. 1967.

PANERO, Robert. **Carta para Mrs. Carol Huber, Rio de Janeiro, Brasil**. 21 Mar. 1967.

PANERO, Robert. **Meeting with Frank Pace, November, 9, 1964, at the office of International Executives Service Corps, 720 Fifth Ave., 11th Floor, 3 P.M.** (Memo to Herman Kahn), 10 Nov. 1964.

PANERO, Robert. **Memo to all research staff**, 14 Dec. 1964.

PANERO, Robert. **Newspaper article dealing with Amazon River project, published in Bogota's El Tiempo, on 1/3/65** (Memo to H. Kahn – M. Singer), 08 Jan. 1965

PANERO, Robert. **San Francisco Trip report**, 06 Nov. 1964.

PANERO, Robert. **Some corporate environment perspectives** (HI-1673-D). Croton-on-Hudson: Hudson Institute, 2 August 1972.

PANERO, Robert. **Un sistema de “grandes lagos” para Sur America**. Croton-on-Hudson: Hudson Institute, 27 Mar. 1967.

PANERO, Robert; KAHN, Herman. **New focus on the Amazon** (HI-758-P). Harmon-on-Hudson: Hudson Institute, 1 Jul 1965.

PANERO, Roberto. **Carta para Carlos Lleras Restrepo** (Presidente de la Republica, Colombia, 18 Feb., 1969.

PAREDES, E. **Carta para Mr. Herman Kahn**. 11 May. 1967.

PESSOA, Zuleide(?) de Souza. **Carta para Miss Cecelia Deighton** (Hudson Institute Assistant). 12 Dez., 1969.

PICKER, Harvey. **Carta para Herman Kahn**. February 10, 1976.

PROGRESS Report, **Public Members**, 1968.

RAO, K. N. **Carta para Dr. Robert Panero**. 29 Sep. 1967.

ROCHA, Joaquin V. **Carta para Max Singer**. 19 de Ago. 1969.

ROCHA, Joaquin V. **Carta para Robert Panero** (traduction). 29 Feb. 1968.

ROCHA, Joaquin Vargas. **Carta para Mr. Hernando Badillo** (translation), 4 May 1966.

ROCKEFELLER, Rodman C. **Carta para Rudy L. Ruggles Jr.** February 9, 1976.

RODGERS, Kirk P. **Carta para Felix Kaufmann, Director of Hudson Institute Future Program**. Washington D.C.: Pan American Union. July 20, 1964.

RUGGLES JR. Rudy L. **Memorandum to member of the Prospects for Mankind Project Advisory Board**. January 22, 1976.

S/a. **Research and development information** (Fiscal year 1971 Preview), s/d.

SALGADO, G. **Carta para Felix Kaufmann**. Washington D.C.: Pan American Union. Sep 24, 1964.

SANTAMARÍA, Carlos Sanz de. **Carta para Don Guillermo León Valencia** – Presidente da Colômbia. 2 de jul. 1965.

SEDWITZ, Walter J. **Carta para Herman Kahn**. Washington D.C.: Organização dos Estados Americanos, Pan American Union, 27 Aug. 1965.

SILLS, D.L. **Carta para Herman Kahn**. 26 de Janeiro de 1965.

SINGER, Max. **Annual report to the members of Hudson Institute Inc:** fiscal year 1966 (July 1, 1965 – June 30, 1966). Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc., 1966.

SINGER, Max. **Carta para Mauricio Obregon.** 08 de Apr., 1969.

SINGER, Max. **Carta para Mr. William E. Lang** (Deputy Assistant Secretary of Defense/ISA, Pentagon), 16 Dec. 1968.

SINGER, Max. **Carta para Richard A. Yudkin.** Harmon-on-Hudson: Hudson Institute Inc. 17 de Fevereiro de 1967.

SINGER, Max. **Further cost reduce:** memo to all staff. Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc.. September 14, 1970.

SINGER, Max. **Memo to All Staff.** Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc. May 16, 1969.

SINGER, Max. **To the members.** 16 Sep. 1966.

SINGER, Max. **To the trustees.** May 20, 1970.

SONTHEIMER, Shirley M. (Treasurer). **To the trustees.** 23 Mar. 1970.

SPECTORSKY, A.C. **Carta para Herman Kahn.** January 8, 1970.

STRATTON, James H. **Carta para Mr. Panero.** 04 Apr. 1967.

TELEPHONE conversation: **R. Panero to M. Walls** (Washington to Hudson), 22 Aug. 1964.

TERNENT, Connie. **Conference on the Choco Development Project** (Memorandum to Robert Panero). 30 Mar. 1967.

TERNENT, Connie. **Memorandum** (to Robert Panero). 30 Mar. 1967.

TERNENT, Connie. **Weekly report** (Inter-office memo to Lupe Gonzalez). 28 Jul. 1967.

WADE, James. **Carta para o HI.** New York: Macmillan Company. 15 de Dezembro de 1967.

WADE, James. **Carta para o Hudson Institute.** New York: Macmillan Company. 15 de Dezembro de 1967.

WIENER, Anthony J. **Faustian powers and human choices:** some 21st century technological and economic issues. Croton-on-Hudson: Hudson Institute, 1967. HI-891/2-DP, September 15.

WILSON, Ray. **Visit of Prince Albert of Belgium:** memo to all staff. Croton-on-Hudson: Hudson Institute Inc. June 10, 1970.

YUDKIN, Richard A. **Carta para Herman Kahn.** Washington D.C.: Department of the Air Force. 18 de Janeiro de 1967.

YUDKIN, Richard A. **Carta para Herman Kahn**. Washington D.C.: Department of the Air Force. 13 de Fevereiro de 1967.

A.J. Muste Papers, Peace Collection, Swarthmore College, Swarthmore, PA – EUA

BRENNAN, D.G. **Hudson Institute progress report**. Vol.1 No.1. Abr. de 1964.

HUDSON Institute, Inc. **Certificate of incorporation and by-laws**, April, 1962. In: Swarthmore College Peace Collection, A.J. Muste papers.

HUDSON Institute. **Contracts and primary areas of interest of Hudson Institute**. Abril de 1964.

HUDSON Institute. **Hudson Institute**: a nonprofit policy research center. Março de 1964.

HUDSON Institute. **List of Members**. 01 de Mar. de 1962.

HUDSON Institute. **Member's meeting**. Sep 21-23, 1962.

MUSTE, A.J. **Carta para Max Singer**. 12 de Jan. 1962. In: Swarthmore College Peace Collection, A.J. Muste; HUDSON Institute, [s/d.].

WILLIAMS, Chester S. **Memo to members of the Institute**. New York: Hudson Institute, 03 de Jul. de 1962.

Imprensa dos EUA e resenhas sobre livros de Kahn

46 NOTABLE books of 1960 selected: list drawn up by librarians puts stronger emphasis special to The New York Times. **New York Times**. ProQuest Historical Newspapers, Mar 5, 1961, pg. 123.

A SELECTED List of 250 Books of the Year: A Christmas Guide. **New York Times**, ProQuest Historical Newspapers, Dec 3, 1961, p. BR70.

ABSHIRE, David M. On Escalation: Metaphors and Scenarios Review. **Annals of the American Academy of Political and Social Science**, Vol. 366, American Civilization: Its Influence on Our Foreign Policy (Jul., 1966), pp. 150-151. Published by: Sage Publications, Inc. in association with the American Academy of Political and Social Science. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/1036176> .Accessed: 20/08/2013 08:54.

ANDREWS, Marshall. Herman Kahn Thinks Again. **The Washington Post, Times Herald (1959-1973)**, Jun 17, 1962. In: ProQuest Historical Newspapers: The Washington Post (1877-1996), p. G8.

BELLMAN, Richard. Letters to the Editor: Design in Dispute. **The Washington Post**. ProQuest Historical Newspapers, Mar 5, 1961, p.E4.

BOOKS Authors. **New York Times (1923-Current file)**, Jun 11, 1962. In: ProQuest Historical Newspapers: The New York Times (1851-2009).

BUCHAN, A. Onward and Upward with Herman Kahn. **New Republic**, 1965, 152(23), 19-21.

BULL, Hedley. On Thermonuclear War. by Herman Kahn Review. **International Affairs (Royal Institute of International Affairs)** Vol. 37, No. 4 (Oct.,1961), pp. 491-492.

COBLENTZ, Stanton A. World War III: Glimpse at Disaster. **Los Angeles Times**. ProQuest Historical Newspapers, Aug 12, 1962, p. A15.

CRANE, Brian. On Escalation. Metaphors and Scenarios Review. **International Journal**, Vol. 20, No. 4 (Autumn, 1965), pp. 541-542. Published by: Canadian International Council. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/40199684> Accessed: 20/08/2013 08:56.

DEATS Jr., Paul. On Thermonuclear War by Herman Kahn Review. **Journal of Bible and Religion**, Vol. 30, No. 2 (Apr., 1962), pp. 170-171.

DISPLAY Ad 507. No title. **New York Times**. ProQuest Historical Newspapers, Jul 29, 1962, p. 113.

FREMONT-SMITH, Eliot . What if the Balance of Terror Goes Out of Balance? **New York Times (1923-Current file)**. Jun 9, 1965. In: ProQuest Historical Newspapers: The New York Times (1851-2009), p. 45.

GELLNER, John. On Thermonuclear War by Herman Kahn Review. **International Journal**, Vol. 16, No. 4 (Autumn, 1961), pp. 420-421.

GRAEBNER, Norman A. On Thermonuclear War Review. **Annals of the American Academy of Political and Social Science**, Vol. 337, Meeting Health Needs by Social Action (Sep., 1961), pp. 161-162.

GREENE, F. Beyond the Balance of Terror. **New Republic**, 144(9), 16-18, 1961.

HERZOG, Arthur. Report on a "think factory". **Times**. New York, 18 de Nov. de 1963.

HUDSON Institute names trustees: Group Headed by Dr. Kahn Doing Military Research. **New York Times (1923-Current file)**, Sep 6, 1961. In: ProQuest Historical Newspapers: The New York Times (1851-2009), p. 11.

JAKCSON, Hoyt M. On Escalation: Metaphors and Scenarios Review. **The Western Political Quarterly**, Vol. 18, No. 4 (Dec., 1965), pp. 931-932. Published by: University of Utah on behalf of the Western Political Science Association. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/445922> .Accessed: 20/08/2013 08:55.

KAHN SAYS NATION Needs Billion Dollar Federal Program. **Los Angeles Times**. ProQuest Historical Newspapers. Oct 29, 1961, p. B2.

KAHN Set to Study Pacification Effort. **New York Times (1923-Current file)**. Mar 14,

1968. In: ProQuest Historical Newspapers: The New York Times (1851-2009), p. 60.

LASCH, Christopher. Herman Kahn on Thermonuclear War: What Price Survival? **Massachusetts Review**, Vol. 2, No. 3 (Spring, 1961), pp. 574-580.

LAWRENCE, Robert M. On Escalation: Metaphors and Scenarios. by Herman Kahn Review. **The Journal of Politics**, Vol. 28, No. 2 (May, 1966), pp. 465-467. Published by: Cambridge University Press on behalf of the Southern Political Science Association. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/2127578>. Accessed: 20/08/2013 08:54.

LERNER, Max. A Look at the Nuclear Horror. **Los Angeles Times**. ProQuest Historical, Dec 18, 1960, p.e5.

LUSKY, Louis. On Escalation: Metaphors and Scenarios by Herman Kahn Review. **Political Science Quarterly**, Vol. 80, No. 4 (Dec., 1965), pp. 682-684. Published by: The Academy of Political Science. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/2147036> .Accessed: 20/08/2013 08:55.

MARGOLIS, Howard. The Many-Runged Ladder Leads to Nuclear Oblivion. **The Washington Post, Times Herald (1959-1973)**. May 18, 1965. In: ProQuest Historical Newspapers: The Washington Post (1877-1996), p. A18.

MARSHALL, S.L.A. Global Game Called Risk-Taking: On Escalation: Metaphors and ... **New York Times (1923-Current file)**. May 30, 1965. In: ProQuest Historical Newspapers: The New York Times (1851-2009), p. BR3.

MCWHIRTER, W.A., I am of the 10 most famous obscure Americans, In: **Life**, 06 dez. 1968.

MENAND, Louis. Fat Man: Herman Kahn and the nuclear age. **The New Yorker**. New York, 27 jun. 2005. Disponível em: <http://www.newyorker.com/archive/2005/06/27/050627crbo_books>. Acesso em: 13 nov. 2008.

MICHAEL, Donald N. On Thermonuclear War by Herman Kahn. **Science, New Series**, Vol. 133, No. 3453 (Mar. 3, 1961), p. 635.

MILLER, John J. The history of Kahnsciousness: a Cold Warrior who helped the Pentagon but needed private support. **Philantropy Magazine**. Washington D.C., 1 set. 2005. Disponível em: <<http://www.philanthropyroundtable.org/article.asp?article=738&paper=1&cat=148>>. Acesso em: 26 nov. 2008.

MORGENTHAU, Hans J. Thoughts on the Big Bomb. **Chicago Daily Tribune**. Aug 5, 1962, In: ProQuest Historical, p. D4.

NEWMAN, James R. A Moral Tract on Mass Murder. **The Washington Post**. ProQuest Historical Newspapers, Feb 26, 1961; p. e7.

NORRIS, John G. Military affairs reporter for The Washington Post. **The Washington Post**. ProQuest Historical Newspapers, Dec 18, 1960, p. e6.

NORTHROP, Bowen. They Think for Pay: Herman Kahn's Experts Mull Nuclear strategy, ... **Wall Street Journal (1923 - Current file)**. Sep 20, 1967. In: ProQuest Historical Newspapers: The Wall Street Journal (1889-1995).

NUCLEAR War Expert to Look at Pacification. **Los Angeles Times (1923-Current File)**; Mar 14, 1968. In: ProQuest Historical Newspapers: Los Angeles Times (1881-1989), p. 15.

PENTAGON Adviser Sees Error In U.S. Bids for Peace Talks. **The Washington Post, Times Herald (1959-1973)**. Mar 10, 1967. In: ProQuest Historical Newspapers: The Washington Post (1877-1996). p. A 20.

PHYSICIST in post here: Kahn Is Leaving Rand to Head Hudson Institute. **New York Times (1923-Current file)**. Jul 12, 1961. In: ProQuest Historical Newspapers: The New York Times (1851-2009), p. 28.

PHYSICIST Kahn Quits Rand Post. **The Washington Post, Times Herald (1959-1973)**. Jul 11, 1961. In: ProQuest Historical Newspapers: The Washington Post (1877-1996), p. A2.

RAYMOND, Jack. A Grim Game For Us All: A Grim Game. **New York Times (1923-Current file)**. Jun 17, 1962. In: ProQuest Historical Newspapers: The New York Times (1851-2009).

RINGS of Bomb Shelters Urged by Physicist. **Los Angeles Times**. ProQuest Historical Newspapers, Feb 8, 1961, p.25.

SINGER, J. David. The Strategic Dilemma: Probability versus Disutility. **The Journal of Conflict Resolution**, Vol. 5, No. 2 (Jun., 1961), pp. 197-205.

SPINGARN, Jerome. Picking Up The Pieces. **New York Times**. ProQuest Historical Newspapers: Jan 1, 1961, p. br3.

STRACHEY, John. The Other Choice Than Surrender. **The Washington Post**, ProQuest Historical Newspapers, Jul 16, 1961; p. e7.

THINK Tank Criticized By Pentagon for 'Old Ideas. **The Washington Post, Times Herald (1959-1973)**. Mar 28, 1968. In: ProQuest Historical Newspapers: The Washington Post (1877-1996), p. A15.

THOMPSON, John H. Directions for the Calculated Risk Game. **Chicago Tribune**, ProQuest Historical Newspapers, May 16, 1965, p. O1.

UNNA, Warren. U.S. Could Rebuild After Suffering Heavy A-Blow, Defense Planner Says. **The Washington Post and Times Herald**. ProQuest Historical Newspapers, Sep 21, 1958, p. B11.

WOLFE, Roy I. Un geógrafo analiza a Herman Kahn. **Foro Internacional**, Vol. 3, No. 1 (9) (Jul. - Sep., 1962), pp. 145-158.

Fontes brasileiras

[Sem título]. **Veja**. São Paulo: Abril, N.22, 05 mai. 1969.

“BIBLIOGRAFIA científica”. Ecologia. “Decisão”. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 17 nov. 1975, p.20.

“O GOVERNADOR do Amazonas é contra plano do grande lago”. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 20 fev. 1968, p.3.

“TANQUE de ideias” resolvem problemas. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 26 fev. 1968, p.6.

1 - PRECISAMOS controlar a natalidade 2 - Nosso salário mínimo é muito alto. **Correio da Manhã**. 1o Caderno, 01 Set. 1970. p. 12.

100 milhões em 1973. **Veja**, São Paulo: Abril, 23 dez. 1970, n.120, p.19-22.

A FÓRMULA mágica para ser rico: ser japonês. **Correio da Manhã**. Ano LXX, No. 23738. 1o Caderno, 03 Set. 1970. p. 14.

À MARGEM algumas verdades, **Correio da Manhã**. Ano LXX, No. 23737. 1o Caderno, 02 Set. 1970. p. 14.

A NATURAL curiosidade pelo futuro. **Folha de S. Paulo**, 2º Caderno, São Paulo: Abril, 07 out. 1973, p.25.

A POLÍTICA ainda atrapalha. **Correio da Manhã**. Ano LXX, No. 23737. 1o Caderno, 02 Set. 1970. p. 14.

A RAND aconselha a investir no Brasil. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 15 dez. 1978, p.36.

A RECEITA de Kahn para o Brasil. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo: Abril, 30 mar. 1983, p.36.

ALBUQUERQUE aceita dólares na Amazônia. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 08 jan. 1968, p.3.

ALGUMAS verdades do Copa. **Correio da Manhã**. Ano LXX, No. 23738. 1o Caderno, 03 Set. 1970. p. 15.

ALMEIDA, Luís A. Barragem da Paz – Origem da idéia. In: **Boletim Geográfico**. V. 26, N.201. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1961

AMAZONIA: a solução brasileira. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 28 jan. 1968, p.20.

AMÉRICA do Sul é um far-west. **Correio da Manhã**. Ano LXX, No. 23737. 1o Caderno, 02 Set. 1970. p. 1.

ANEXO. **Correio da Manhã**. 18 Novembro de 1969, p. 1.

AS CASSANDRAS eletrônicas. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 17 dez. 1978, p.2.

ATAQUE cardíaco mata nos EUA o futorólogo Hermann Kahn. **Folha de S. Paulo**, Externo, São Paulo: Abril, 08 jul. 1983, p.7.

BERG, Roger-Gérard Schwartzen. A falta de imaginação marcará o fim dos tecnocratas. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 23 dez. 1974, p.2.

BETING, Joelmir. Divisor ou dividendo? **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 20 jul. 1972, p.26.

BETING, Joelmir. Do Brasil 2000. **Folha de S. Paulo**, Economia, São Paulo: Abril, 31 mar. 1983, p.16.

BETING, Joelmir. Herman Kahn está certo? **Folha de S. Paulo**, Economia e Finanças, São Paulo: Abril, 09 jan. 1977, p.38.

BETING, Joelmir. Hoje é dia de PIB. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 14 jan. 1976, p.19.

BETING, Joelmir. O Brasil entre Kahn e Knauss. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 09 nov. 1969.

BETING, Joelmir. Só marco triplo. **Folha de S. Paulo**, 3º Caderno, São Paulo: Abril, 01 ago. 1973, p.22.

BETING, Joelmir. E agora José? **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 5 out. 1974, p.19.

BETING, Joelmir. Questão do valor. **Folha de S. Paulo**, 5º Caderno, São Paulo: Abril, 8 dez. 1974, p.50.

BIBLIOGRAFIA científica. **Folha de S. Paulo**, 5º Caderno, São Paulo: Abril, 28 jan. 1979, p.55.

BRAGA, José Carlos. Kahn não conseguiu ver nem a realidade de hoje. **Correio da Manhã**. 08 Set. 1970. s/p.

BRAVA gente brasileira. **Veja**, São Paulo: Abril, 23 ago. 1972, n.206, p.58-66.

CARTA ao leitor. **Veja e Leia**. São Paulo, n.118, p.15, dez. 1970.

CARTA ao leitor. **Veja**, São Paulo: Abril, 9 dez. 1970, n.118, p.15.

CIENTISTAS divergem quanto às soluções para o mundo. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 7 dez. 1975, p.14.

COMISSÃO Parlamentar de Inquérito destinada a examinar os objetivos dos planos do Hudson Institute para construir o “Grande Lago Amazônico”. Brasília: Diário do Congresso Nacional, 11/11/1970.

COSTA, Octavio Barata. Clube de Roma. Com democracia. A crítica e sua resposta na reunião do Rio. **Veja**, São Paulo: Abril, 11 jul. 1979, n.566, p.110-111.

COSTUMES mudarão no ano de 2020. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 6 jul. 1972, p.13.

CRESCER e multiplicar, dividir como? **Veja**, São Paulo: Abril, 30 out. 1968, n.8, p.20-26.

DA FICÇÃO à ciência, ótimos livros no natal. **Veja e Leia**. São Paulo: Abril, n.15, 18 dez. 1968, p.64.

DATAS. Herman Kahn(1922-1983). **Veja**, São Paulo: Abril, 13 jul. 1983, n.775, p.88-89.

DE PALETÓ e grava, Kahn reclamou da incompreensão. **Correio da Manhã**. Ano LXX, No. 23739. 1o Caderno, 04 Set. 1970. p. 11.

DEPUTADO volta da Amazonia, analisa e critica. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 23 jan. 1968, p. 6.

DESCOBRIR o Brasil depois de 500 anos. **Veja**, São Paulo: Abril, 18 set. 1968, n.2, p.26-29.

DIMINUIR natalidade é condição de Khan para Brasil crescer. **Correio da Manhã**. 1o Caderno. Rio de Janeiro, 11 de Nov. 1969.

DO estudo de Herman Kahn às análises da esquerda. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 07 ago. 1972, p. 3.

DROUIN, Pierre. O medo do ano 2000. **Folha de S. Paulo**, 5º Caderno, São Paulo: Abril, 9 abr. 1972, p. 34.

DUMONT, René. Já chegamos à fome (entrevista). **Veja**, São Paulo: Abril, 11 jul. 1973, n.253, p. 3-5.

EMPRESAS e negócios. Clube de Roma. Hoje é dia de PIB. **Folha de S. Paulo**, Economia, São Paulo: Abril, 27 jun. 1979, p. 24.

ENGENHEIRO europeu ataca adoção de energia nuclear. **Folha de S. Paulo**, Economia, São Paulo: Abril, 11 abr. 1975, p.25.

ÊSSE gordo terrível e gozador. **Correio da Manhã**. 1o Caderno, 01 Set. 1970. p. 13.

ESSES futurólogos... **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo: Abril, 12 abr. 1971, p.12.

FALARAM de tudo, menos do tema: América Latina. **Correio da Manhã**. Ano LXX, No. 23738. 1o Caderno, 03 Set. 1970. p. 13.

FÉ ajuda, mas não é tudo. **Correio da Manhã**. 1o Caderno, 01 Set. 1970. p. 13.

FIM do mundo? **Folha de S. Paulo**, Economia, São Paulo: Abril, 23 abr. 1972, p.32.

FOLHA de S. Paulo. **Amazônia**: Suplemento Especial, Série realidade brasileira: Amazônia. São Paulo: Editora Abril, p. 75-79, 05 nov. 1968.

FORÇAS alertas. **Veja**, São Paulo: Abril, 2 out. 1968, n.4, p.19.

FUTURO dos latinos vai estar em debate amanhã. **Correio da Manhã**. 29 de Ago. 1970, p. 7.

FUTURO: como será. **Veja e Leia**. São Paulo, n. 104, p. 38, set. 1970.

FUTURÓLOGOS sem futuro. **Veja**. São Paulo: Abril, N.125, 27 jan. 1971, p.50.

GENTE. **Veja**, São Paulo: Abril, 16 set. 1970, n.106, p.88.

GENTE. **Veja**, São Paulo: Abril, 12 jul. 1972, n.201, p.14.

GENTE. **Veja**, São Paulo: Abril, 7 Mai. 1975, n.348, p.75.

GOLDBERG, o nosso futorólogo, comenta o Brasil do ano 2000. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 04 set. 1970, p.7.

HÁ 50 ANOS Amazônia já é internacional. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 09 jan. 1968.

HÁ 50 ANOS Amazônia já é internacional. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 09 jan. 1968, p.6.

HERMAN Kahn fará palestra em S. Paulo dia 12 de Novembro. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 25 Out. 1969.

HERMAN Kahn no paredão. **Manchete**. Rio de Janeiro, 20 set. 1970, p.124-130.

HERMAN Kahn tem a receita para o Brasil chegar bem ao ano 2000. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 12 nov. 1969, p.10.

HERMAN Kahn, um olho gordo no nosso futuro? **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 12 nov. 1969, p.1.

HERMAN Kahn: admite agora que o Brasil tem vocação e grandeza. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 13 nov. 1969, p.20.

HERMAN Kahn: anos 70, uma década de mudanças . **Correio da Manhã**. 1o Caderno, 01 Set. 1970. p. 11.

INTEGRAÇÃO social contra a miséria. **Correio da Manhã**. Ano LXX, No. 23738. 1o Caderno, 03 Set. 1970. p. 1.

JUNGK, Robert. O futuro está em perigo. **Veja**, São Paulo: Abril, 11 mar. 1970, n.79, p.3-6.

JUNGK, Robert. Um profeta otimista. **Veja**, São Paulo: Abril, 8 jan. 1975, n.331, p.3-5.

KAHN chega hoje. **Folha de S. Paulo**, 3o Caderno, São Paulo: Abril, 11 nov. 1968, p.19.

KAHN debate com mais de mil pessoas em SP. **Correio da Manhã**. 1o Caderno. Rio de Janeiro, 13 Nov. 1969. p. 15.

KAHN deixou relatório para Pentágono. **Folha de S. Paulo**, Exterior, São Paulo: Abril, 09 jul. 1983, p.8.

KAHN prevê tensões dentro da prosperidade mundial. **Folha de S. Paulo**, 1o Caderno, São Paulo: Abril, 03 out. 1978, p.19.

KAHN volta com nova opinião sobre nosso País. **Folha de S. Paulo**, 1o Caderno, São Paulo: Abril, 27 ago. 1970, p.1.

KAHN: até a arte é dependente. **Folha de S. Paulo**, 1o Caderno, São Paulo: Abril, 01 set. 1970, p.17.

KAHN: Brasil será um dos 10 grandes. **Correio da Manhã**. 1o Caderno. Rio de Janeiro, 12 Nov. 1969. p. 5.

KAHN: diz que Japão será a maior potencia, mas teme rearmamento. **Folha de S. Paulo**, 1o Caderno, São Paulo: Abril, 03 set. 1970, p.14.

KAHN: ímpeto de S. Paulo como receita para o Brasil. **Folha de S. Paulo**, 1o Caderno, São Paulo: Abril, 13 nov. 1969, p.1.

KAHN: O Brasil precisa ser administrado. **Folha de S. Paulo**, 1o Caderno, São Paulo: Abril, 14 nov. 1969, p.12.

KHAN, Herman. Enfim, um otimista (entrevista). **Veja**, São Paulo: Abril, 22 set. 1982, n.733, p.5-8.

LAGO Amazônico continua em estudo, afirma Kahn. **Correio da Manhã**. Ano I, No 17, 28 Ago. 1970, Rio de Janeiro.

LIMA, Rubem Azevedo. Há dez anos, conselho de segurança já era alertado. **Folha de S. Paulo**, 1o Caderno, São Paulo: Abril, 7 dez. 1978, p.28.

LIVROS – Ciência e Tecnologia para o desenvolvimento, Arnaldo Niskier. **Veja**, São Paulo: Abril, 30 set. 1970, n.108, p.10.

LIVROS – O Sr. Otimismo. **Veja**, São Paulo: Abril, 30 mar. 1983, n.760, p.112.

LIVROS. **Veja**, São Paulo: Abril, 4 nov. 1970, n.113, p.10.

MARK, Ross. Para Khan, as esperanças estão no século XXI. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 18 dez. 1975, p.49.

MILITARES atacam planos do Hudson. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 23 jan. 1968, p.6.

MINISTRO do Interior fará mobilização nacional para ocupar logo a Amazônia. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 05 jun. 1968, p.6.

MITOS, êsses nossos inimigos. **Correio da Manhã**. Ano LXX, No. 23737. 1o Caderno, 02 Set. 1970. p. 14.

MOURÃO, Gerardo Mello. A Ásia na bola de cristal futuróloga. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 26 jul. 1981, p.15.

MR. KAHN vai ficar cansado de tento atualizar suas profecias. **Correio da Manhã**. 1o Caderno, 01 Set. 1970. p. 12.

MUDOU tudo nos últimos dias e muitos faltaram. **Correio da Manhã**. Ano LXX, No. 23738. 1o Caderno, 03 Set. 1970. p. 11.

NA HORA do café, verdades. **Correio da Manhã**. 1o Caderno, 01 Set. 1970. p. 11.

NÃO existe convenio para lago amazônico. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 04 abr. 1968, p.9.

NO Rio, Kahn prevê o futuro do Brasil. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo: Abril, 29 mar. 1983, p.27.

NOSTRAKAHN. **Veja e Leia**, São Paulo, n. 104, p.18, set. 1970.

NOVA fórmula: seremos ricos. **Correio da Manhã**. Ano LXX, No. 23737. 1o Caderno, 02 Set. 1970.

O "HUDSON" ignora a nossa realidade. **Correio da Manhã**. Ano LXX, No. 23738. 1o Caderno, 03 Set. 1970 p. 1.

O "Clube e Roma" prevê fome mundial. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 18 jan. 1975, p.16.

O GOVERNO não foi ao Copa. **Correio da Manhã**. 1o Caderno, 01 Set. 1970. p. 11;

O lago brasileiro. **Veja**. São Paulo: Abril, N.105, 09 set. 1970, p.34.

O lago fantástico. **Veja**. São Paulo: Abril, N.77, 25 fev. 1970, p.34-35.

O novo presidente e nós. **Veja**, São Paulo: Abril, 13 nov. 1968, n.10, p.37-38.

O pingue-pongue. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 23 set. 1971, p.21.

O PROGRAMA de hoje. **Correio da Manhã**. 1o Caderno, 01 Set. 1970. p. 11.

O SIMPÓSIO sobre o desenvolvimento. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 17 jul. 1974, p16.

ORDEM internacional. **Folha de S. Paulo**, 6º Caderno, São Paulo: Abril, 11 set. 1971, p.58.

OS ANOS 70: a transformação. **Veja**, São Paulo: Abril, 7 jan. 1970, n.70, p.3-6.

OS FUTURIVEIS. **Veja**. São Paulo: Abril, 16 out. 1968, p.64.

P-203 um computador que leva você até a vitória final sobre os seus problemas administrativos. **Veja**, São Paulo: Abril, 7 jul. 1971, n.148, p.35.

PAIM, Gilberto. Escolha o seu Kondratieff. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 19 mai. 1983, p.3.

PEREIRA, Luiz C. Bresser. Os Limites do Subdesenvolvimento Industrializado. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 1 jan. 1977, p.3.

PEREIRA, Raimundo Rodrigues; VELOSO, João Paulo dos Reis. Os mitos do ano 2000. **Veja e Leia**. São Paulo, n. 41, p.3-6, jun. 1969.

PLANEJA o futuro: há duas tendências. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 5 dez. 1975, p.17.

PRESIDENTE do Clube de Roma vê socialismo. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 28 jul. 1975, p.8.

QINTELIGÊNCIA. **Veja**. São Paulo: Abril, N.134, 31 mar. 1971, p.60.

QUEM ama um gordo profeta? **Manchete**. Rio de Janeiro, n. 917, ano XVII, p. 26-29, nov. 1969.

RECADO para Herman Kahn. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 08 set. 1970, p.8.

REED, Alexander. Os problemas energéticos. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo: Abril, 03 mai. 1974, p.1.

REIS, J. Previsão tecnológica: progresso ou perigo? **Folha de S. Paulo**, Vida Social, São Paulo: Abril, 07 fev. 1971, p.9.

REVISTA Brasileira de Política Internacional. **Amazônia**, Ano XI, No 41-42, Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, Mar/Jun 1968.

RIBEIRO, Leo Gilson. Livros – A escalada. **Veja**, São Paulo: Abril, 10 set. 1969, n.53, p.13.

SÃO 29 empresas reunidas. **Correio da Manhã**. 1o Caderno, 01 Set. 1970. p. 12

SODRÉ critica o futurólogo. **Correio da Manhã**. 1o Caderno. Rio de Janeiro, 12 Nov. 1969. p. 5.

SODRÉ: a ARENA de SP só que tranquilidade. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 16 nov. 1969, p.1.

TÉCNICOS condenam projeto do grande lago da Amazônia. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 10 fev. 1968, p.5.

UM auto-retrato aos 200 anos. Deus abençoe os “quadrados”. **Veja**, São Paulo: Abril, 7 jul. 1976, n.409, p.62.

UM CAVALHEIRO do apocalipse. **Veja e Leia**. São Paulo, n. 63, p. 25-27, nov. de 1969.

UM TRABALHADOR modesto e puritano. **Correio da Manhã**. Ano LXX, No 23732, 27 Ago. 1970. Rio de Janeiro.

UMA PERGUNTA: e a América Latina? **Correio da Manhã**. Ano LXX, No. 23738. 1o Caderno, 03 Set. 1970. p. 15.

URI, Pierri. O brilho de Sicco Mansholt contra o estado industrial. **Folha de S. Paulo**, 4º Caderno, São Paulo: Abril, 16 jul. 1972, p.41.

VEJAM quem chegou de repente: o futuro. **Veja**, São Paulo: Abril, 1 jan. 1969, n.17, p.30-35.

VELLOSO e seus “grandes impactos”. **Veja**, São Paulo: Abril, 14 jan. 1970, n.71, p.18-25.

VELOSO, João Paulo dos Reis. Os mitos do ano 2000. **Veja**, São Paulo: Abril, 18 jun. 1969, n.41, p.3-6.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. Futurologia. **Folha de S. Paulo**, Ilustrada, São Paulo: Abril, 04 set. 1982, p.1.

VILLELA, Annibal V. Uma nova ordem econômica internacional. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 29 dez. 1976, p.3.

VISÃO otimista do futuro. **Folha de S. Paulo**, 1º Caderno, São Paulo: Abril, 10 mar. 1984, p.16.

Outros

ALIGICA, Paul D. **Herman Kahn**. [S.l.: s.n.]. Disponível em: <http://www.hudson.org/learn/index.cfm?fuseaction=staff_bio&eid=HermanKahn>. Acesso em: 30 abr. 2007.

ALIGICA, Paul D. The Great Transition and the Social Limits to Growth. [S.l.: s.n.], 2003. Disponível em: <http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=2827>. Acesso em: 30 abr. 2007.

BELL, Daniel. Commission on the Year 2000. **Bulletin of the American Academy of Arts and Sciences**. Vol. 19, No. 2 (Nov., 1965)

BELL, Daniel. Report of the Commission on the Year 2000 **Records of the Academy (American Academy of Arts and Sciences)**, No. 1965/1966 (1965 - 1966).

BELL, Daniel. Report of the Commission on the Year 2000. **Records of the Academy (American Academy of Arts and Sciences)**, No. 1966/1967(1966 - 1967).

BELL, Daniel. Report of the Commission on the Year 2000. **Records of the Academy (American Academy of Arts and Sciences)**, No. 1969/1970(1969 - 1970).

BELL, Daniel. The Year 2000: The Trajectory of an Idea. **Daedalus**, Vol. 96, No. 3, Toward the Year 2000: Work in Progress (Summer, 1967).

HUDSON Institute History. [S.l.: s.n.]. Disponível em: <<http://www.hudson.org/learn/index.cfm?fuseaction=history>>. Acesso em: 30 abr. 2007.

LEVESON, Irving. **Memorial to Herman Kahn**. [S.l.: s.n.], 2003. Disponível em: <http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=2920>. Acesso em: 30 abr. 2007.

S/a. Beginnings, The Clube takes shape, the search for a methodology, chronology, In: <http://www.mega.nu/ampp/cor.html>, acesso em 17 de Out. De 2014; S/a, The birth of the Club of Rome, In: <http://www.clubofrome.org/?p=375>, 17 de Out. De 2014.

SELINGMAN, Dan. **Know-it-all**. [S.l.: s.n.], 2001. Disponível em: <http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=817>. Acesso em: 13 nov. 2008.

SMITH, Mark J. **A short history of Hudson Institute 1961-1972**. Croton-on-Hudson: Hudson Institute, 1972 (1 Aug) – HI-1718-P.

TROY, Tevi. **Nixon and the Intellectuals**. Março, 2003. Disponível em: <http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=2784>. Acesso em: 30 abr. 2007.

Bibliografia

AASERUD, Finn. Sputnik and the “Princeton Three”: The National Security Laboratory. **Historical Studies in the Physical and Biological Sciences**, Vol. 25, No. 2 (1995),pp 185-239.

ABELSON, D.E.; CARBERRY, C.M. Following Suit or Falling behind? A Comparative Analysis of Think Tanks in Canada and the United States. **Canadian Journal of Political Science**. [S.l.], v.31, n.3, p.525-555, Sep. 1998. Disponível em: <<http://links.jstor.org/sici?sici=0008-4239%28199809%2931%3A3%3C525%3AFSOFBA%3E2.0.CO%3B2-H>>. Acesso em: 11 out. 2007.

ABELSON, Donald E. **American think-tanks and their role in US foreign policy**. New York: St. Martin's Press, 1996.

ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**. São Paulo: Ática, 1983.

ACQUATELLA, Harry. La predicción del futuro: desde el oráculo de Delfos hasta la medicina actual. **Gac Méd Caracas**. [online]. abr. 2006, vol.114, no.2 [citado 01 Maio 2008], p.150-156. Disponível em: <http://www.scielo.org.ve/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0367-47622006000200008&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0367-4762. Acesso em: 05 mai. 2008.

ANDERSON, P. **O fim da história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

ANDRIONI, Fabio S. **A arquitetura do destino**: a ciência do futuro e a teoria da história em O ano 200 (1967), de Herman Kahn e Anthony J. Wiener (Dissertação de Mestrado). São Paulo: 2010.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

ARISTÓTELES. **A política**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.

ASIMOV, Isaac. **O fim da eternidade**. São Paulo: ALEPH, 2007

AZEVEDO, Cecilia. Sob o signo da aliança: o projeto de Kennedy e as representações da América. **História Revista**. 2(1): 71-90, jan./jun., 1997, Goiânia: Universidade Federal de Goiás.

BACON, Francis. **A sabedoria dos antigos**. São Paulo: UNESP, 2002.

BACON, Francis. **Novum organum**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

BARCELOS, Eduardo D. **Telegramas para Marte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BARTILLAC, René. **As profecias**: São Malaquias, Nostradamus e o fim do mundo. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.

BAS, Enric. **Prospectiva**: como usar el pensamiento sobre el futuro. Barcelona: Ariel, 2002.

BELL, Daniel. **O fim da ideologia**. Brasília: UnB, 1980.

BELL, Daniel. **The coming of post-industrial society**: a venture in social forecasting. New York: Basic Books, 1976.

- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994. v.1.
- BERGIER, J. **Passaporte para o future**. São Paulo: Hemos, [19--]
- BERLIN, Isaiah. **Historical inevitability**. London: Oxford University Press, 1957.
- BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BERTALANFFY, L. von. **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BÍBLIA Sagrada, São Paulo: Ave-Maria, 2001.
- BLACK, Cyril E. G. Government-Sponsored Research in International Studies. In: **World politics**, vol. 22, n.4 (Jul, 1970), p.582-596: The Johns Hopkins University Press: Baltimore.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOBBIO, Norberto. **A teoria das formas de governo na história do pensamento político**. Brasília: UNB, 1980.
- BODEI, Remo. **A história tem um sentido?** Bauru: EDUSC, 2001.
- BOULDING, Kenneth E. **O significado do século XX: a grande transição**. São Paulo/Rio de Janeiro/Lisboa: Fundo de Cultura, 1966.
- BRUCE-BRIGGS, B. **Supergenius: the mega-worlds of Herman Kahn**. Nova York: [s.n.], 2000.
- BUNZL, Martin. Counterfactual history: a user's guide. **The American Historical Review**. Vol. 109, No. 3, Jun. 2004, pp. 845-858, disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/10.1086/530560>>, acessado em: 17 de Set. de 2013.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales**. São Paulo: UNESP, 1997.
- BURROW, J. **A history of histories**. New York: Penguin, 2009.
- CAUSO, Roberto de S. **Ficção científica, fantasia e horror no Brasil (1875-1950)**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- CERVANTES, Miguel de. **Engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha**. 2v. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.
- CHARDIN, P. Teilhard de. **O fenômeno humano**. São Paulo: Cultrix, 2003.
- CHARROUX, Robert. **História desconhecida dos homens desde há cem mil anos**. São Paulo – Rio de Janeiro: Difel/Difusão, 1976.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2002.

- CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CLARKE, Arthur C. **2001: odisséia espacial**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1970.
- CONDORCET. **Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano**. Campinas: Unicamp, 1993.
- DÄNIKEN, E. v. **Eram os deuses astronautas?** São Paulo: Melhoramentos, 1999.
- DÄNIKEN, Erich von. **Eram os deuses astronautas?: enigmas indecifrados do passado**. São Paulo: Melhoramentos, 1975.
- DE DECCA, Edgar Salvadori. As desavenças da história com a memória. In.: SILVA, Zélia Lopes da. **Cultura histórica em debate**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.
- DICKSON, Paul. **Think tanks**. New York: Atheneum, 1971.
- DRAY, William H. **Filosofia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.
- DUBY, Georges. **Ano 1000, ano 2000: na pista dos nossos medos**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.
- DUMÉZIL, Georges. **Nostradamus, Sócrates**. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso: ou progresso como ideologia**. São Paulo: UNESP, 2006.
- EDEN, L. **Whole world on fire**. New York: Cornell University, 2004.
- FERGUSON, Niall. **Virtual history: alternatives and counterfactuals**. New York: Basic Books, 1995.
- FICO, Carlos (org.) [et al.]. **Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2008.
- FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 1997, p. 36, 77-79.
- FORTUN, M. and SCWEBER, S. S. Scientists and the Legacy of World War II: The Case of Operations Research (OR). **Social Studies of Science**, Vol. 23, No. 4 (Nov., 1993), pp. 595-642.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FRANCO JR., Hilário. **O ano 1000**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- FREYRE, G. **Além do apenas moderno**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Linguistics and archaeology. DELTA.** [online]. Feb./July 1999, vol.15, no.1 [cited 22 October 2005], p.00-00. Available from World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000100008&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0102-4450.

GALLAGHER, Catherine. War, Counterfactual History and Alternate-History Novels. **Field Day Review.** Vol 3 (2007), pp. 52-65. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/30078840>>, acessado em 17 de Set. de 2013, p. 53-59

GARDINER, Patrick. **Teorias da História.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

GHAMARI-TABRIZI, S. **The worlds of Herman Kahn:** the intuitive science of thermonuclear war. Cambridge: Harvard University, 2005.

GIASSONE, Ana Claudia. **O mosaico de Frankenstein:** o medo no romance de Mary Shelley. Brasília: UnB, 1999.

GIBBON, Edward. **Declínio e queda do Império Romano.** (Edição abreviada). São Paulo:

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Fausto.** Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/USP, 1981.

GROSSMAN, Andrew. **Neither dead nor red.** New York: Routledge, 2001.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade:** doze lições. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HAIGH, John. **Probability:** a very short introduction. Oxford: Oxford University Press, 2012,

HARTOG, François. Regime de Historicidade. 1996. **Heros.** Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html>>. Acesso em: 29 mai. 2007.

HEIDMANN, Jean. **Inteligências extraterrestres.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

HENRY, John. **A revolução científica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos extremos:** o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLDEN, Robert H.; ZOLOV, Eric. **Latin America and the United States:** a documentary history. New York: Oxford University, 2000.

JOUVENEL, B. de. **A arte da conjectura.** São Paulo: Duas cidades, 1968.

JOYNT, C.B.; RESCHER, N. The problem of uniqueness in history. **History and Theory.** Vol. 1, n. 2, 1961. p. 155. Disponível em: <<http://links.jstor.org/sici?sici=0018-2656%281961%291%3A2%3C150%3ATPOUIH%3E2.0.CO%3B2-A>>. Acesso em: 21 fev. 2008.

KAPLAN, F. **The wizard of Armageddon.** Stanford: Stanford University, 1991.

KARNAL, L.; PURDY, S.; FERNANDES, L.E.; MORAIS, M.V.de. **História dos Estados Unidos**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 2007.

KEEGAN, John. **Uma história da guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KEVLES, Dan. Cold War and Hot Physics: Science, Security, and the American State, 1945-56. **Historical Studies in the Physical and Biological Sciences**, Vol. 20, No. 2 (1990), pp. 239-264.

KOSELLECK, R. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/ Ed. PUC-Rio, 2006.

KOSELLECK, R. Modernity and the planes of historicity. In: **Economy and society**. Vol. 10, nº2, Londres, Boston and Henley: Routledge & Kegan Paul, maio de 1981.

LASKI, Harold J. **O manifesto comunista de Marx e Engels**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

LEFORT, Claude. **As formas da história**: ensaios de antropologia política. São Paulo: Brasiliense, 1979.

LENS, S. **A fabricação do império americano**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

LITTO, F. M. **A universidade e o futuro do planeta**. [S/l.], [20--?]. Disponível em: <kn.open.ac.uk/public/getfile.cfm?documentfileid=10245>. Acesso em: 9 nov. 2009.

LOVEJOY, A.O. Reflections on the history of ideas. **Journal of the History of Ideas**. Pennsylvania, v. 1, n. 1, p.3-23, jan. 1940. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2707007>>. Acesso em: 17 nov. 2008.

LÖWITH, Karl. **O sentido da história**. Lisboa: Edições 70, 1991.

MANDELBAUM, M. The History of Ideas, Intellectual History, and the History of Philosophy. **History and Theory**, Middletown, v. 5, Beiheft 5: The Historiography of the History of Philosophy, p. 33-66, 1965. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2504118>>. Acesso em: 14 mai. 2008.

MARIANO, C.A. **Estudos do futuro**: a história e a filosofia dos estudos do futuro. 1995. 99 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo São, 1995.

MARTINS, E.C. de R (org.). **A história repensada**: teoria e método na historiografia europeia do Século XIX. São Paulo: Contexto, 2010

MARTINS, E.C. de R. Enigma do passado: construção social da memória histórica. **Textos de história**, v. 15, n.1/2, 2007, p.35-48.

MARTINS, E.C. de R. História e teoria na era dos extremos. **Revista de história e estudos culturais**. V.3, ano III, n.2 abr., mai, jun.. 2003. Disponível em: <http://criticanarede.com/fil_historia.html>, 29 set. 2008.

MARTINS, E.C. de R. História. **Crítica**: revista de Filosofia 30 ago. 2004. Disponível em: <http://criticanarede.com/fil_historia.html>, 29 set. 2008.

MCGANN, J.G. Academics to Ideologues: A Brief History of the Public Policy Research Industry. **PS**: political science and politics. Washington D.C., v.25, n.4, p. 733-740, dez. 1992. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/419684>>. Acesso em: 10 set. 2008.

MCGANN, James G. **Think tanks and policy advice in the US**: academics, advisors and advocates. New York: Routledge, 2007.

MCMAHON, Robert J. **The cold war**: a very short introduction. New York: Oxford University Press, 2003.

MEADOWS, Donella H. **The limits to growth**. London: Pan Books, 1974.

METROPOLIS, N. The beginning of the Monte Carlo method. **Los Alamos Science**: special issue dedicated to Stanislaw Ulam), 1987, p. 125–130. Disponível em: <<http://library.lanl.gov/la-pubs/00326866.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2010.

MILLET, Stephen M. Five principles of Futuring as applied history. **The futurist**. Bethesda: WFS, set-out 2011, n.5, v.45, p.39-41.

MINOIS, George. **História do futuro**: dos profetas à prospectiva. Lisboa: Teorema, 2000.

MITCHELL, John G. **The man who would dam the Amazon**: and other accounts from afield. Lincoln: University of Nebraska Press, 1990.

MOMIGLIANO, Arnaldo. Time in ancient hitoriography. **History and Theory**. v.6, beiheft 6: History and the concept of time, p.1-23, 1966. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2504249>>. Acesso em: 14 set. 2009.

MYRDAL, Gunnar. **O Estado do futuro**: o planejamento econômico nos Estados de bem-estar e suas implicações internacionais. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

NEWITZ, Annalee. **Why history should replace economics in the 21st century**. 08 Oct. 2014, Disponível em: <<http://io9.com/why-history-should-replace-economics-in-the-21st-centur-1643418694>>, acessado em: 03 Nov. 2014

NICOLAZZI, F. et al (org). **Aprender com a história?** Rio de Janeiro: FGV, 2011.

NIETZSCHE, F. **Aurora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

OLIVEIRA, Paulo S. (org). **Metodologia das ciências humanas**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

PAINTER, David S. **The Cold War**: an international history. London/ NewYork: Routledge, 1999.

PAUWELS, Louis; BERGIER, Jacques. **O despertar dos mágicos**: introdução ao realismo fantástico. São Paulo: Difel, 1981

- PECORARO, Rossano. **Filosofia da história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- PEREIRA, Carlos A. M. **O que é contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PEREIRA, Raimundo Rodrigues; VELOSO, João Paulo dos Reis. Os mitos do ano 2000. **Veja e Leia**. São Paulo, n. 41, p.3-6, jun. 1969.
- PIRES, Francisco Murari, Antigos e modernos: diálogos sobre a (escrita da) história. [20--]. **Heros**. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dh/heros/cursos/antigos/>>. Acesso em: 31 jul. 2007.
- POCOCK, J.G.A. **Linguagens do ideário político**. São Paulo: EDUSP, 2003.
- QUIGLEY, Carrol. **A evolução das civilizações**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1963.
- REIS, José C. **Tempo, história e evasão**. Campinas: Papirus, 1994.
- REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas**. Rio de Janeiro: Faculdade Getúlio Vargas, 1998.
- REVEL, Jacques. **A invenção da sociedade**. Lisboa: Difel, 1990;
- RICH, Andrew. **Think tanks, public policy and the politics of expertise**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- ROSZAK, Theodore. **A contracultura**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.
- SELINGMAN, Dan. **Know-it-all**. [S.l.: s.n.], 2001. Disponível em: <http://www.hudson.org/index.cfm?fuseaction=publication_details&id=817>. Acesso em: 13 nov. 2008.
- SERVAN-SCHREIBER, J-J. **O desafio americano**. Rio de Janeiro: Expressão e cultura, 1968.
- SHRADER, Charles. R. **History of Operations Research in the United States Army**. Volume I: 1942-62. Washington D.C.: United States Army, 2006.
- SILVA, Zélia Lopes da. **Cultura histórica em debate**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.
- SIMONSEN, M. H. **Brasil 2001**. Rio de Janeiro: APEC, 1969.
- SIMONSEN, M. H. **Brasil 2002**. Rio de Janeiro: APEC, 1974.
- SKORUPA, F. A. **Viagem às letras do futuro: extratos de bordo da ficção científica brasileira (1947-1975)**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2002.
- SMITH, James Allen. **The ideas brokers: think tanks and the rise of the new policy elite**. New York: The Free Press, 1991.
- SMITH, Joseph. **The United State and Latin America: a history of American diplomacy**,

1776-2000. London/New York: Routledge, 2005.

SMITH, P.D. **Os homens do fim do mundo**: o verdadeiro dr. Fantástico e o sonho da arma total. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SOROKIN, Pitirim A. **Social and cultural dynamics**. New York/ Cincinnati/ Chicago/ Boston/ Atlanta/ Dallas/ San Francisco: America Book Company, 1937. v.2

SOROKIN, Pitirim A. **Social and cultural dynamics**: a study of change in major systems of art, truth, ethics, law and social relationships (abridged by Sorokin, P.A.). Boston: Extending Horizon/Porter Sargent, 1970.

SOROKIN, Pitirim A. **Social philosophies of an age of crisis**. Boston: Beacon Press, 1950.

SPENGLER, Oswald. **A decadência do Ocidente**: esboço de uma morfologia da História Universal. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

SPENGLER, Oswald. **The decline of the West**: form and actuality (vol. 1). London: Allen & Unwin, 1918.

STALEY, D.J. A history of the future. **History and Theory**. Middletown, v. 41, n. 4, Theme Issue 41: Unconventional History, p.72-89, Dez. 2002. Disponível em: <<http://links.jstor.org/sici?sici=0018-2656%28200212%2941%3A4%3C72%3AAHOTF%3E2.0.CO%3B2-R>>. Acesso em: 10 out. 2007.

STALEY, David J. **History and future**. Lanham: Lexington Books, 2010.

STEVENSON, Jonathan. **Thinking beyond the unthinkable**: harnessing doom from the Cold War to the War on Terror. New York: Viking Penguin, 2008.

TETLOCK, Philip E.; LEBOW, Richard N.; PARKER, Geoffrey (org.). **Unmaking the West**: “what-if?” scenarios that rewrite world history. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2009.

THIESEN, J. da S. Estudos prospectivos – uma metodologia estratégica para a construção de futuros possíveis. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO, Ponta Grossa, 2008. **Gestão estratégica na era do conhecimento**. Disponível em: <<http://www.admpg.com.br/2008/cadastro/artigos/temp/137.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2008.

TOFFLER, A. **Future shock**. London: Pen books, 1973.

TOFFLER, A. **The third wave**. New York: Bantan, 1980.

TOYNBEE, A.J. **A study of history** (Abridgement vol. I-VI, by D.C. Somervell). New York/ London: Oxford University Press, 1958. v.1.

TOYNBEE, A.J. **A study of history** (Abridgement vol. VII-X, by D.C. Somervell). New York/ Oxford: Oxford University Press, 1987. v.2.

TOYNBEE, Arnold. **A América e a revolução mundial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.

TUCÍDIDES, **História da guerra do Peloponeso**. Brasília: UNB, 1982.

URBAN, G. R.; GLENNY, M. **O preço do futuro**. São Paulo: Melhoramentos, 1974.

VARELLA, F. et al. (org). **Tempos presentes & usos do passado**. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

VIZENTINI, Paulo Fagunde. **História do século XX**. Porto Alegre: Novo Século, 2000.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **Da guerra fria à crise (1945-1990)**: as relações internacionais contemporâneas. Porto Alegre: Ed. da Univesidade/UFRGS, 1990.

VOGT, Joseph. **El concepto de la Historia de Ranke a Toynbee**. Madrid: Guadarrama, 1971.

WALD, A.M. **The New York intellectuals**: the rise and decline of the anti-stalinist left from the 1930s to the 1980s. Chapel Hill: The University of North Carolina, 1987.

WANG, Jessica. Physics, Emotion and Scientific Self: Merle Tuve's Cold War. **Historical Studies in the Natural Sciences**. Vol. 42, N.5 (November 2012), pp. 341-388.

WEAVER, R.K. The changing world of think tanks. **PS: political science and politics**. Washington D.C., v. 22, N. 3, p. 563-578. Sep. 1989.

WESTWICK, P.J. **The national labs**. Cambridge: Harvard University, 2003.

Filmes

DOSSIÊ Jango. Dirigido por Paulo Henrique Fontenelle. Rio de Janeiro: Canal Brasil, 2013. 1 CD-Rom.

O DIA que durou 21 anos. Dirigido por Camilo Tavares. São Paulo: Pequi, 2012. 1 CD-Rom.

ANEXO A – Primeiro logotipo do Hudson Institute, que indica o trabalho voltado à associação de segurança nacional dos EUA com a ordem internacional

HUDSON Institute, Inc. *Certificate of incorporation and by-laws*, April, 1962. In: Swarthmore College Peace Collection, A.J. Muste papers.

Anexo B – A famosa foto de Kahn saindo da piscina, que rendeu o Prêmio Esso para o fotógrafo

UM CAVALHEIRO do apocalipse. *Veja*. 19 nov. 1969, p. 26-27.

Anexo C – Mapa de como ficaria a América do Sul após a construção de cinco dos lagos propostos pelo HI.

Anexo D – Uma das muitas abordagens irônicas, que relacionavam a forma física de Kahn e sua futurologia.

Herman Kahn, um olho gordo no nosso futuro?

O Brasil crescerá mais depressa se aplicar a receita do desenvolvimento japonês: temor de um grande perigo externo (no caso, a China), um orgulho nacional cada vez maior e um amor ao trabalho admirável. É o que afirma Herman Kahn, diretor do Instituto Hudson e que hoje, às 17 horas, estará falando a 700 convidados da Associação Comercial no auditório da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, na av. 9 de Julho, praça 14-Bis.

Caberá ao professor Roberto Campos fazer a apresentação de Herman Kahn na conferência de hoje e dos debates finais de amanhã participará os srs. Gilberto Leite de Barros, diretor da Associação Comercial de São Paulo; Afonso Celso Pastore e Eduardo Pereira de Carvalho, professores da USP e governador Abreu F. Tr. Ao meio-dia e meia, Carlos Eduardo Pas. Barreto, presidente da

"Petroquímica União". A conferência será transmitida em "tape" pela TV Cultura às 22 horas. Esta manhã, Herman Kahn sobrevoadrá São Paulo de helicóptero a convite do governador Abreu Sodré. Ao meio-dia e meio, participará de almoço oferecido pelo professor Miguel Realde, reitor da Universidade de São Paulo.

Ontem, no Rio, Herman Kahn recebeu a imprensa na piscina do Hotel Gloria e falou de generalidades: o mundo precisa de religião, a maior força da classe média nos Estados Unidos; não há perigo concreto de nova guerra mundial; o lago amazônico favoreceria o desenvolvimento do Brasil; o sequestro de aviões só acabará quando um deles explodir no ar por teimosia do piloto; e "Ché" Guevara teria se realizado melhor praticando a medicina.

Pag. 10

Esperando-se de calar caraca, Herman Kahn chega a São Paulo para sustentar suas teorias sobre o ano 2000

HERMAN Kahn, um olho gordo no nosso futuro? *Folha de S. Paulo*, 12 Nov 1969, p. 1.

Anexo E – Mais uma das muitas abordagens irônicas, relacionando a forma física de Kahn e os lagos, segundo Henfil.